HISTÓRIA
DE
SANTARÉM
EDIFICADA

VERSÃO EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

História de Santarém Edificada. Versão em Português Contemporâneo.

Obra transcrita para português contemporâneo a partir de

> Piedade e Vasconcellos, I. da. (1740). Historia de Santarem edificada: que dà noticia da sua fundaçao, e das couzas mais notaveis nella succedidas... Lisboa Occidental. Internet Archive. https://archive.org/details/historiadesantar00pied

Por Paulo Gomes Nunes, Ph. D.

Santarém (Portugal), junho de 2026

Imagem da capa: A notável cidade de Santarém vista a partir do Rio Tejo, no século XVIII. Gerado por IA através do Nano Banana da Google (2026)

HISTÓRIA
DE
SANTARÉM
EDIFICADA

QUE DÁ NOTÍCIA DA SUA FUNDAÇÃO,
e das coisas mais notáveis nela sucedidas.
A SABER,

Das fundações de todas as suas Igrejas, assim das Paróquias, como dos Conventos, e Ermidas, dos prodigiosos Milagres ali sucedidos, das Relíquias que em si encerra, das vidas de vários Santos, e Beatos, e de muitas pessoas dignas de memória, assim em virtudes, como em letras, e armas, todas naturais de Santarém, e de tudo o que toca ao seu Termo, e Comarca, do que se segue dar muitas notícias de todo o Reino.

PRIMEIRA PARTE,
COMPOSTA PELO PADRE
INÁCIO DA PIEDADE E VASCONCELOS,

Cónego secular da sagrada Congregação de S. João Evangelista, Definidor atual na mesma Congregação, e natural da **Vila de Santarém.**

Dada à luz por um curioso amante da dita Vila.

LISBOA OCIDENTAL,
ANO DE M. DCC. XXXX.
Com todas as licenças necessárias.

Vende-se a Primeira, e Segunda Parte na Loja de José Francisco Mendes, adiante da Igreja da Madalena, e na de António da Costa defronte da Igreja da Boa-Hora.

À

GLORIOSA PADROEIRA

Da Vila de Santarém,

A

PRODIGIOSA

SANTA IRIA.

Loriosa Santa. Com grande instância está sempre o merecimento persuadindo retribuições a quem recebe benefícios; cujas vozes lisonjeiam uma vontade, que deseja publicar-se devedora. A obrigação que se constitui no ânimo daqueles que recebem favores, é um fiel despertador que lhe grita aos ouvidos para se não retardar a satisfação. Eu, desejo ser agradecido sem tropeço de ingratidões, reverente a vossos pés solicito conhecerdes o meu rendimento, acreditando-o na execução, com que agora no prelo o faço manifesto.

A História de Santarém Edificada *exponho hoje à luz pública por meio da estampa, indo nela de companhia o zelo da Pátria, e a devoção me obriga a esta Dedicatória; porque sendo eu filho de uma tão ilustre Mãe, qual é*

esta Vila; e Vós, ó Prodigiosa Santa, sendo desta ínclita Padroeira, esquecimento fora sem desculpa, não vos consagrar estas primícias da minha pena, para se acreditarem com o asilo de tão Soberana Protetora, e se defenderem debaixo do vosso amparo de toda a calúnia.

Uma das maiores culpas de que pode arguir a natureza humana, é a ingratidão; porque não reconhecer as dívidas, faz os homens como irracionais semelhantes aos brutos: e por eu não incorrer em tão prejudicial delito, vos busco, não só obrigado, mas afetuoso com a dedicação desta Obra, que tanto toca ao crédito da Vossa jurisdição.

É esta, Soberana Santa, socorreres aos naturais da mesma Vila; pois escolhestes Vós as águas do seu Tejo para vosso jazigo, que por superior impulso, tendes debaixo delas o vosso sagrado corpo, bem como preciosa pérola na concha de vosso Angélico túmulo: e porque os prodigiosíssimos milagres que ali obrastes, e sempre estais obrando, protegendo a vossa escolhida Scalabitana com o especial valimento que tendes com Deus; por todos estes motivos não podia buscar outra proteção; e parece que de justiça estais obrigada a defender este livro da mordacidade dos zoilos, tendo Vós tanta parte nele pelos memoráveis progressos das vossas maravilhas. Dignai-vos, pois, miraculosa IRIA, de aceitar esta minha oferta, que não só é minha, mas muito vossa.

E para que da lição deste livro, que recorda as memórias de tantos prodígios da Divina graça, dos exemplos das maravilhosas vidas de tantos Santos, e Bem-aventurados, que desta Vila caminharam com santíssimas obras para a Celeste Pátria, espero, que a todas as pessoas, que isto lerem, lhes alcanceis, ó Prodigiosa Santa, de Deus os auxílios, para que todas emendem as vidas, e permaneçam em santos costumes, e que rogueis por mim a Deus enquanto me durar esta vida, para que na eterna vos veja sempre. Amém.

Vosso humilde Servo

O P. Inácio da Piedade e Vasconcelos.

A QUEM LER

DEpois de grandes desejos, e dilatadas esperanças, sai à luz a *História de Santarém*, para dar com ela satisfação a muitas pessoas, que assim me persuadiram. Bem sei Leitor (com qualquer que sejas falo) que sempre irá este Livro exposto à mordacidade dos críticos; e também não ignoro, que poucos, ou nenhuns Escritores que escrevem semelhantes obras, se livram de tropeçarem nos reparos, que ordinariamente fazem os murmuradores, a que vulgarmente chamam Zoilos: pois uns reprovam o estilo, outros as matérias; e muitas vezes antes destas se terem visto no livro, antes de se examinar a frase, já se condena o Autor. Mas é isto costume tão inveterado, que já dele se queixou S. Jerónimo; nem foi bastante defesa ser ele o Doutor Máximo da Igreja, para ficar livre de censuras, não pouco temerárias, que para não lhe condenar um livro, bastava ler na primeira folha o seu nome. Diz o Santo: *Accedunt invidorum studia, qui omne quod scribimus, reprehendendum putant.* Nesta consideração me detive algum tempo, e esta foi a causa por que retardei em satisfazer as sobreditas instâncias, que me precisavam a que saísse com este Volume, representando-o no público teatro da estampa. Com final deliberação me determinei a satisfazer estas persuasões, e assim o fiz; porque recordando as palavras de S. Jerónimo, nem pretendo por esta obra adquirir aplausos, nem ser por ela vituperado: *Nec affectamus laudes hominum, nec vituperationes expavescimus.* Não duvido, porém, que neste livro achará o leitor ignorante muito que reprovar; o que for prudente usará da dissimulação, e não do rigor da crítica: e o douto (que comummente não é licencioso) bem poderá saber qual seria a emenda para melhor o aprovar. Pensão é esta de quem se expõe a escrever as suas obras, para as entregar nas mãos de tanta variedade de juízos: grandeza é de Deus, que deu os entendimentos aos homens com tanta variedade, e diversidade de limitações; e ainda em todos os sentidos lhe assemelhou os discursos dos entendimentos nas vontades das potências; pois vemos universalmente, que em um jardim de várias flores, que é para a vista, e para o olfato ornato pomposo da natureza, nem a todos lhe agradam todas as flores, nem em um pomar todos os pomos.

O que suposto, pelas razões sobreditas, sempre neste livro alguém achará alguma flor de que se agrade, para a converter em fruto de devoção, e algum pomo tão gostoso, que por ele louve ao seu Criador, que é o fim para que escrevemos. Não persuado neste Prólogo aos que lerem o livro, que

colham nele flores de elegantes períodos, mas digo, que bem podem dele recolher nas reformas das vidas, os frutos dos santos exemplos que em si encerra. Nele com singelo fio, deixei livremente correr a pena, para com mais clareza expressar a verdade, que é a alma da história, fugindo de enfeitar conceitos, estilo que anda reprovado na praxe dos Historiadores. Já em outra idade muito diferente da em que agora me vejo, desejava eu fazer-te este mesmo oferecimento que agora faço, porém se quiseres saber o motivo desta tardança, tendo notícias da minha vida, podes entender, que gastei quase toda em diversas ocupações de exercícios religiosos, e juntamente aplicando-me à lição, e estudo dos livros, que é a melhor fruição da mocidade. Agora, que me considero naqueles anos em que o mesmo S. Jerónimo diz, se colhem os sazonados frutos dos estudos de toda a vida passada: *Senectus veterum studiorum fructus dulcissimus carpit.* Também deles te quero fazer participante nesta oferta, ainda que pelo estilo os aches frutos agrestes.

Aqui acharás nesta História de Santarém muitas, e diversas notícias em que qualquer pessoa pode exercitar o génio, instruindo com utilidade a sua aplicação; porque, se como confessam os Críticos, antigos e modernos, é a História mestra da vida, por ser coisa verdadeira (que isso quer dizer a História) acharás nesta um certíssimo nível das melhores ações humanas, aonde cada um pode por elas regular os seus bem intencionados progressos: seguindo as virtudes nos bons exemplos, e apartar-se dos vícios. Os que quiserem seguir o verdadeiro caminho do Céu, aqui têm outros tantos espelhos, quantas são as maravilhosas vidas dos Santos, e Bem-aventurados, que em seus lugares se referem. Os que seguirem as letras, e Universidades, têm perfeitos modelos para idearem os melhores projetos para os acertos. Os Militares, que nas guerras se quiserem fazer famosos pelas armas, também acharam genuíno estímulo com que poderão conseguir grandes empresas. Os prudentes atenciosos, aqui verão os discretos termos das cortesanias, nos diversos axiomas dos mais políticos Heróis do Mundo, em que se souberam haver com briosos lances os naturais de Santarém. Ultimamente aqui terá qualquer leitor que admirar notáveis casos, sucedidos nas antiguidades deste Reino: fundações de famosos Conventos, e de Igrejas: os pasmosos milagres, e relíquias, que de tudo é venturoso cofre a mesma miraculosa Scalabitana.

Para compor esta Obra revolvi com grande trabalho muitos Cartórios da mesma Vila, vendo os autênticos, que são as melhores testemunhas, e os textos mais fiéis para o crédito de semelhantes obras; e com eles ajustei a verdade: e é sem dúvida, que neles achei muitas coisas, que não dizem com outros relatórios de algumas destas notícias que correm impressas em opúsculos de escritores graves; do que venho a entender, que alguns destes escreveram sem primeiro verem os ditos Cartórios, ou por seguirem a outros mal informados, ou por se fiarem na fé das tradições; que estas muitas vezes

o vulgo as glosa muito além da sua pureza. Por todas as revistas destas coisas passei, não como hóspede, porque o amor da pátria sempre infunde nos corações um não sei quê de propensão, para lhe inquirir com bons desejos a certeza das suas excelências. Nisto trabalhei com as forças da minha capacidade. Se nesta obra achares, Leitor (qualquer que sejas) alguma coisa digna de louvor, a Deus o podes dever, que só ele é o que dá os bons acertos: e quando descobrires matéria que mereça vitupério, dá graças ao mesmo Senhor, por te dar melhor entendimento; e faze muito por te aproveitar dele para te salvares.

VALE.

PROTESTO
DO AUTOR

POr quanto neste livro também se trata de vários Servos de Deus, que viveram, e morreram com fama de grande virtude, e santidade, e se referem alguns milagres que pelos seus merecimentos quereria o mesmo Senhor obrar; e se manifestam outros Varões ilustres, que deram a vida pela nossa Santa Fé: por tudo protesto não terem outra alguma autoridade, mais que puramente aquela que é humana, nem se lhe deve outro crédito, senão o que merecem os arquivos, e Autores donde estas memórias se tiraram, nem se devem ter como aprovadas pela Santa Sé Apostólica, salvo o que se diz de Santos canonizados, ou Beatificados pela Igreja, a cujo sentir retíssimo me sujeito como fiel, e verdadeiro filho da mesma Santa Madre Igreja de Roma.

LICENÇAS

DA CONGREGAÇÃO.

Aprovação do M. R. P. M. Inácio de Santo António, Lente jubilado na Sagrada Teologia.

REVERENDÍSSIMO P. GERAL.

POr ordem, e mandado de V. Reverendíssima vi com toda a atenção o livro intitulado História de Santarém Edificada; o qual pretende dar ao prelo seu Autor o R. P. Pregador Inácio da Piedade, Cónego desta Congregação do Evangelista, e Definidor da mesma. E sendo os preceitos de V. R.ma credores de toda a observância, este foi para mim de incomparável estimação, pelo grande gosto que tive de o ler, e pelas estimáveis notícias que só dele cheguei a alcançar.

Com justíssima razão o intitula Santarém Edificada; porque melhor edifica uma discreta pena escrevendo, do que os mais peritos Artífices obrando; porque as obras mais heroicas destes ficam sujeitas às ruínas, e inclemências dos tempos; e os rasgos daquela ficam subsistindo para eterna lembrança, que se o fatal descuido dos antepassados destruiu, e sepultou entre as cinzas da antiguidade as ilustres e honradas notícias que para o crédito da nação Portuguesa e glória daquela ilustre Vila deviam estampar-se em lâminas de bronze para eterna memória; este grato Filho de tão honorífica Pátria, com seu eficaz zelo, e incansável trabalho, não só ressuscita os créditos de tão ilustre Mãe; mas de novo a edifica pretendendo sair à luz com suas excelências, que por muitos séculos, em as trevas do esquecimento estiveram sepultadas.

Nenhuma Monarquia conseguiu maiores créditos, e aplausos do que Roma, enquanto seus Naturais, e Alunos a exornaram com seus escritos; mas tanto que estas ações se suspenderam, logo as glórias de Roma se acabaram, como lamenta Lúsio, trat. 12. Esdras por ser exato e cuidadoso Cronista do Testamento Velho, se fez credor dos predicados de restaurador de Jerusalém,

e de seu Templo; por dar com seus escritos nova vida às suas memórias, que o esquecimento tinha sepultadas; e por esta razão com o excelso predicado de Neemias o apelidaram, que se interpreta Consolador.

Não me detenho mais em os bem merecidos aplausos do Autor, por não ofender a sua exemplar, e religiosa modéstia; mas para excelso crédito, e glória sua lhe basta a universal aceitação, e aplauso de outro Tomo, com que já saiu à luz intitulado *Artefactos Simétricos, e Geométricos*, que suposto as matérias são diversas, a aplicação, e desvelo foi o mesmo; ensinando os acertos com que se deve edificar; e agora deixando para a posteridade o meio com que as obras heroicas devem permanecer, para cujos efeitos não houve memórias que não visse, nem notícias que não examinasse. Finalmente é tão útil esta obra, que serve de glorioso crédito a seu Autor; sendo o mesmo Autor heroico crédito da mesma obra; como em semelhante caso decantou Ovídio: *Hoc opus Authorem laudat, & Author opus*, e assim é em tudo, e por tudo louvável; não só por abundante de tão estimáveis notícias, mas também por ser isenta de afetações, como se vê da clareza da frase, e lisura do estilo.

E como não ofende a Fé Católica; e com as doutrinas persuade os bons costumes; e também não encontra às leis da Congregação, e observância religiosa, me parece que o Autor se faz digno da licença que pede; e V. R.ma mandará o que for servido. S. Bento de Xabregas em 20 de dezembro de 1737.

Inácio de Santo António.

Aprovação do M. R. P. M. Pedro do Sacramento, Lente jubilado na mesma Sagrada Teologia.

REVERENDÍSSIMO P. GERAL

VI, e gostosamente revi o livro de que trata a petição, intitulado: História de Santarém Edificada, composto pelo muito R. P. Inácio da Piedade, Cónego, e Definidor atual desta Congregação de S. João Evangelista; e nele acho, e admiro aquela tão nobre, tão ilustre, e tão esclarecida, como antiga Vila de Santarém tão bem edificada, que nesta sua História melhor que com a vista se dão a conhecer os nobilíssimos, e em tudo régios primórdios da sua fundação, e portentosa ereção, e fábrica de todos os seus religiosíssimos Conventos, Igrejas, e mais sumptuosos Edifícios, com tão vária e agradável vastidão de notícias, que com grande erudição se estendem a todo o seu Termo, e Comarca, as notáveis maravilhas, prodigiosos, e estupendos milagres, que nela se obraram, e ainda até ao presente com assombro se admiram, os insignes, e tão dignamente famigerados Varões, que nela se criaram, e floresceram, sendo além dos termos de inveja abalizados em virtudes, letras, e armas, Obra verdadeiramente digna de um filho, que a uma tão ilustre, como fecunda Pátria, dá, e sabe dar a maior glória, não só com o universal aplauso que conseguiu com o seu tão curioso, como útil volume novamente dado à luz pública com o título de Artefactos Simétricos, e Geométricos; mas também com este tão discreto, como erudito livro, em que manifesta sobre umas tão preciosas, como luzidas pedras a sua temporal, e espiritual edificação, eternizando-lhe com a pretendida luz da estampa uma tão grande glória, que se dilatará por todo o Orbe nas asas da fama: e tendo já este livro a merecida aprovação de meu Mestre o M. R. P. M. Inácio de Santo António, qualquer outra censura, ainda que laudatória, era supérflua, como em semelhante caso julgou doutamente S. Máximo, Humil. 2. de Nativit. S. Eusebii: *Ad laudes addidisse, aliquid decerpsisse est*: e só me resta o expressar, que em tudo, e por tudo me conformo com o parecer de um tão grande, e douto Mestre, porque tudo quanto se está vendo neste livro é para maior exaltação da Santa Fé, com toda a conformidade aos decretos de Sagrados Concílios, e com louvável execução das invioláveis leis dos bons costumes, fazendo-se assim digno de sair à luz pública: este o meu

sentir. V. Reverendíssima mandará o que for servido. Santo Elói de Lisboa Oriental em 25 de janeiro de 1738.

Pedro do Sacramento.

DAmos licença para se imprimir o livro de que trata a petição pelo que nos toca, vistas as aprovações. Lisboa Oriental, S. Bento de Xabregas, 26 de janeiro de 1738.

Teodósio de Santa Marta.

LICENÇAS

DO SANTO OFÍCIO

Aprovação do M. R. P. M. Fr. Manuel Coelho, Qualificador do Santo Ofício.

EMINENTÍSSIMO SENHOR

Li por ordem de Vossa Eminência o livro intitulado História de Santarém Edificada; composto pelo Reverendíssimo P. Inácio da Piedade e Vasconcelos, Cónego secular da Sagrada Congregação de S. João Evangelista, Definidor atual na mesma Congregação. E sendo a lição dos livros para mim do maior gosto, esta o foi do maior agrado, pelo vasto das notícias que o seu Autor adquiriu para abono da sua Pátria. Muitos têm sido os que escreveram da fundação de Santarém, mas escrevendo muitos; o Autor deste livro me parece poder dar lição a todos. Todos escreveram fundados, ou no que leram, ou no que ouviram; o Autor deste livro todo o seu fundamento é pelo que viu. E se algumas notícias excedem aos seus anos, segue aos autores mais verdadeiros; não contém coisa alguma contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, e me parece digno da licença que pede. Vossa Eminência mandará o que for servido. S. Domingos de Lisboa, 12 de junho de 1738.

Fr. Manuel Coelho.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro intitulado: História de Santarém Edificada, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental, 17 de junho de 1738.

Alancastre. Silva. Soares. Abreu.

DO ORDINÁRIO

Aprovação do M. R. P. M. Pregador Geral Fr. João Pacheco.

ILUSTRÍSSIMO SENHOR.

Li com suma atenção e íntimo gosto este livro intitulado: *História de Santarém Edificada*; composto pelo M. R. P. Inácio da Piedade e Vasconcelos, Cónego secular da Congregação de S. João Evangelista, e nela atualmente Definidor. E não achei nele coisa alguma que seja contra a Fé e bons costumes, nem possa escandalizar, nem soar mal aos pios e católicos ouvidos: antes tenho por sem dúvida, que todos os que lerem esta História sentirão e julgarão dela o que sentiu de outra o Profeta Oseias no c. 14: *Memoriale ejus, sicut vinum Libani*; pois se a doçura daquele vinho era tal, qual com razão ponderaram os Santos Padres, esta mesma doçura se acha nesta História. Toda ela é um prado deleitoso e proveitoso pela diversidade e variedade de memórias que contém; e se ao vinho do Monte Líbano chamou S. Jerónimo vinho misturado com o timiama, que se compunha de várias confeções odoríferas; o mesmo pode facilmente discorrer desta História todo o juízo.

Todo o emprego do Autor se cifrou em dar plena notícia dos gloriosos princípios e progressos de sua ilustre Pátria, donde se infere que à notícia tão exata precederam grandes e mais que ordinárias diligências. E se pareceu singular destreza encerrar toda a Ilíada de Homero no côncavo de uma noz, quanto maior foi recolher tantas memórias antigas e modernas no corpo deste livro? Sinceramente confesso que me deixa admirado ver neste livro uma relação de vários casos, prodígios e sucessos com uma superior destreza e facilidade abreviados em tão curto volume. Sempre foi admiração para os entendidos a invenção dos Mapas; porque como disse Justo Lípsio, põem em uma mão, de à vista dos olhos, todo o Orbe com suas povoações, mares e terras, elevações e distâncias: *In promptu, & in una manu, & Sub uno oculorum ictus*; e admiração não menor deve causar este Epítome, ou novo Mapa da notável Vila de Santarém. Pois em volume tão breve compreende tudo quanto sucedeu para a fundação desta Vila, para a sua ampliação, para a glória dos seus Heróis, para o desvanecimento dos seus naturais, para a nobreza dos seus Edifícios, para a ereção dos seus Conventos, Paróquias e Ermidas. Para o raro dos seus milagres, para a conveniência e divertimento

dos que nela habitam, por ela passam e nela se hospedam; enfim para recreio dos patrícios e estranhos: oferecendo ao leitor o passado e o presente, para que daqui por diante possam todos ser anciãos nela e em todo o Portugal. Pois como disse Cícero, escrevendo a Herónio, a notícia das coisas antigas faz aos moços velhos, e contentar-se com saber somente o que passou depois de nascermos é sempre de meninos: *Nihil earum rerum scire, quae antequam nascereris, facta sunt, hoc est semper puerorum*.

Está esta Obra tão trabalhada como o mostram as suas margens cheias de autores tantos e tão fielmente alegados, que não fará dúvida à inteira notícia dos verdadeiros princípios desta Vila, das façanhas e proezas de vários insignes em virtudes, letras e armas. O estilo é sincero, a eleição famosa, escolhendo o mais certo do duvidoso, seguindo os autores de mais crédito, conciliando com brandura os seus encontros, tratando com modéstia aos que em alguma coisa se arrojam, apurando a verdade, como tão importante para a História que, sem ela, lhe chamou Políbio corpo sem olhos. Por esta razão aconselhava Plínio, o mais moço, a Canino Rufo, agradado de certa obra sua, que saísse à luz com ela: *Cum denegetur diu vivere, relinquamus aliquid, quo nos vixisse testemur*; depois de lhe ter dito: *Effinge, & excude quod sit perpetuo tuum*. E como já o Autor saiu com os seus artefactos simétricos e geométricos à luz, parece razão que continue em dar à luz outras obras em que a sua louvável curiosidade se ocupa; para que se diga com Beroaldo: *Qui non sibi, sed etiam posteris vixisse creditur*. Este é o meu parecer, salvo &c. Lisboa Oriental, Convento de N. Senhora da Graça, 18 de agosto de 1738.

O Pregador Geral Fr. João Pacheco.

VIsta a informação, pode-se imprimir, e depois de impresso tornará. Lisboa Oriental, 25 de agosto de 1738.

Cunha.

DO PAÇO

Aprovação do M. R. P. M. Fr. Lucas de S. Catarina, Cronista da Ordem dos Pregadores, Qualificador do S. Ofício, Académico da Academia Real da História Portuguesa.

SENHOR.

LEndo esta História da Vila, por antonomásia a notável do Reino, tenho admirado o quanto seu grande Historiador acertou em tomá-la por assunto, no bem que no seu desempenho lhe imitou o epíteto. Assim o confirma na indagação verídica e elegância histórica, em que lhe adianta nas verdades de antiga os nobres timbres da antiguidade ilustrada; duplicando-lhe agora sobre as glórias de se lhe professar filho, as igualmente estimáveis de lhe estabelecer o crédito. E fica desempenhada uma grande correspondência, que se a mãe o alimentou para lustre da História, o filho a historiou para emprego da Fama. Quem assim soube granjear as suas vozes não podia cair no erro de tropeçar em matéria que parecesse indecente ao Real serviço de Vossa Majestade, e assim me parece digno o Autor da licença que pede. Vossa Majestade ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Ocidental, em 28 de agosto de 1738.

Fr. Lucas de Santa Catarina.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Ocidental, 9 de setembro de 1738.

Pereira. Cardeal.

Vaz de Carvalho. Coelho.

ESTes livros estão conformes com o Original. Lisboa Ocidental e Congregação do Oratório, 17 de março de 1740.

José Troiano.

Isto estarem conformes com o Original, podem correr. Lisboa Ocidental, 18 de março de 1740.

Alancastre. Teixeira. Soares. Abreu.

Isto estarem conformes com o Original, podem correr. Lisboa Oriental, 18 de março de 1740.

Silva Pedroso.

Ue possam correr, e taxam em mil e duzentos cada tomo. Lisboa Ocidental, 22 de março de 1740.

Pereira. Teixeira.

CARTA

Do M. R. P. M. Fr. Filipe de Santo Agostinho, Religioso de S. Francisco dos Observantes da Província de Portugal, para o Autor do mesmo livro.

M. R. P. M. INÁCIO DA PIEDADE.

TIve a ventura de ver o livro de que V. P. faz mimo à luz do presente; e por dívida da minha obrigação, devo pagar-me tanto desta vista, que o menor tributo é este meu obséquio: o mais é fazer-me V. P. digno deste estimável tesouro; que sendo seu, é um livro todo selado com sete misteriosos selos, pelas sete diversidades de homens que nele hão de conhecer-se: em Vândalos, Suevos, Túrdulos, Godos, Mouros, Espanhóis e Portugueses; todos habitantes do Escalabitano Continente: por ser terra tão antiga que, nestas conhecidas diferenças, deixou contar os anos a milhares, onde encobriu sumas grandezas, pelo que faltavam já as mesmas memórias.

Nesta História venceu V. P. muitos impossíveis com a sua bem aparada pena, em mostrar nas notícias de Santarém a certeza da verdade, a sua opinião provada, a paixão vencida, e as dúvidas desfeitas, que tudo não é tão dificultoso a quem escreve último, como o podia ser a V. P. por Autor primeiro de semelhante Obra: ficando-lhe dobrado o crédito de não faltar a alguma condição das que padecem tão grandes dificuldades.

Salomão entre os sábios, Creso entre os ricos, Mário entre os fortes, levaram a todos a palma depois de terem todos as coroas pela sua presidência, ainda as maiores primazias: e a primazia e presidência que V. P. leva, e tem entre todos por ser primeiro de semelhante livro, faz a Salomão menos sábio, a Creso menos rico, e a Mário menos forte: mostrando ao presente tempo o seu ânimo, sendo segundo para conseguir tão invencível emprego: a sua riqueza bem manifesta, na copiosa abundância de tão crescidas notícias e a sua ciência bem provada, porque só a Deus, que sabe tudo, pode ser o pretérito cabalmente presente: não digo para V. P. ter neste

impossível este renome; mas para lograr os primeiros três timbres: por ser ciente, por ser abundante, e por ser de ânimo forte.

De três dias que Lázaro esteve na sepultura, o mais que tirou foi só a sua corrupção; e se não fora empenhado o mesmo Deus em o mostrar vivo aos olhos dos que assim o julgavam já depois de morto sepultado: a mesma pedra que cobriu a sua vida, havia de amortecer também as suas memórias: porém Deus com a sua voz, com os seus passos e com as suas diligências, quis-nos dar exemplo que, do que eram memórias já sepultadas, fez notícias de uma vida certa: sendo igual o trabalho e o prodígio. Porque o prodígio maior que há no mundo é vencer a corrupção do tempo, ainda do espaço de três dias, quanto mais de anos a milhares; onde as sete Nações diferentes que preenchem este livro não se acham em outros escritos; mas sim servindo-lhe só de selos, em que recolhem manifestos nomes para selar-se; sem haver já pedra de sepultura que se levante para que as suas memórias, ainda de todos, ressuscitem; ainda que estavam mortas, sepultadas e esquecidas; sem haver voz, passos ou empenhos que bastassem para a sua corrupção ser ressuscitável; e se Cristo Senhor Nosso ressuscitou um morto por ser seu amigo, uma figura vejo aqui deste exemplo: o amor de V. P. para Santarém e seus habitantes (por evitar tão santo documento) lhe deu nova vida e lhe ressuscitou as mais ilustres memórias, incluindo-se nelas vidas tão santas.

Tem a Religião de V. P. e a minha uniformidade; por isso estes cultos em tanto afeto se comunicam. Eu devo, como filho do Serafim humano, dedicar ao filho da Águia estes rendimentos; é sabido que o Serafim serviu no Trono e a Águia serviu no Carro; como tudo é servir a Deus, todo este servir é reinar: sem haver na sua diferença maioria que faça inferioridade nas pessoas.

Noto, sim, que Francisco, meu Padre e meu Soberano, chega ao Trono por grande e não passa desse lugar por humilde, por se contentar com a sua sorte; e o Evangelista, como tem outra figura de Águia, a maior voo se eleva quando sobe ao peito de Cristo; talvez por beber os segredos naquele Divino Coração: logo, pois, só pode escrever com mais ciência, ou com mais ventura, quem por filho daquela Águia recebeu em seu peito a verdade de ser Evangelista.

Muito próprio lhe vem a V. P. que por escritos e por obras suas, tudo verifica com claras figuras; a que parece dar tanta alma pelas suas formas que, fazendo a Fídias grande inveja, deixa a Orígenes maior emulação. E passar V. P. do dizer ao formar não é fazer um Apocalipse destes milagres; mas é repetir um milagre muitas vezes, que Deus fez por um só único homem.

Disse toda a Santíssima Trindade que haviam de fazer o homem e, logo que prometeram por decreto seu este composto, fez Deus uma só Imagem, em que vinculou toda a perfeição: logo o que hei de eu dizer, vendo que não há imagem perfeita sem ser obra de V. P., como se tomara por sua conta todo o barro que sobejou de Adão no Campo Damasceno: ao mesmo passo que enche o mundo de livros: uns de máquinas, outros de notícias; para nada fugir ou da sua mão ou da sua pena: sem dúvida, ou tem luz do Céu para os empregos, ou me deixa entender que é como os Anjos no exercício; pois nos dá distintos atos para a compreensão; e compreende muitos empregos, sendo um singular indivíduo: privilégio tão Angélico que é só do Evangelista, pelos enigmas da sua pena; e parece que de V. P. pelo que diz e pelo que faz.

Não tem que criminar o mundo, nem os entendidos, este pouco que expresso do seu merecimento: aceite V. P. o mais que calo, porque o maior afeto sempre foi o do coração; nele deixo escritas as suas virtudes morais para o meu exemplo; a sua vida para a imitação da maior reforma; o seu crédito para estímulo do mais avultado merecimento: pois é certo que, empregando tão bem o tempo, há de dobrar-se o seu espírito no trabalho de tanta execução, que também julgo penitência rigorosa este cativeiro de dias para os gastar em tão superiores obras.

Só sete dias gastou Deus em todas estas grandes fábricas da criação do Universo, e descansou no fim deles; não por alívio do trabalho, mas por consumação do seu exercício. E é tal V. P. que assim que conclui uma grande Obra, logo empreende outra mais crescida; duvido se toma as noites para seu descanso quem gasta todos os dias nestas espirituais empresas.

Não digo que tem V. P. muitas vidas porque lhe vejo um só corpo em sua própria forma, mas parece-me que o seu corpo tem mais mãos que as comuns, porque lhe contemplo saírem delas incompreensíveis maravilhas. O que posso afirmar é que vive uma vida de muitos Heróis, no que vence das grandezas dos tempos, a diferentes empresas aplicado; e só me parece um, em muitos reproduzido.

Houve um Cícero para a eloquência, houve um Sólon para a justiça, houve um Arquimedes para as máquinas, houve um Fábio para as doçuras; e se tudo vemos excedido pela pessoa de V. P., direi com muita verdade que vimos em todos estes cinco homens só os cinco dedos deste Gigante de ciências. Foi providência criar-se em tão grande Casa como a que V. P. assiste do grande Evangelista: porque não caberia em menos a sua pessoa, para que estava já prevista mais esta grandeza. Viva nas memórias, que não há de morrer na fama, ainda que pague o tributo universal da natureza, e quando se vir com Deus, de quem há de ter o prémio que merece o seu

espírito; lembre-lhe que vim aos seus pés reverente para lhe beijar as mãos, que assim obram; conhecendo eu que o menor culto é deste humilde que venera as suas obras e a sua pessoa, que muito estima.

Deus guarde a V. P.

Fr. Filipe de Santo Agostinho.

CARTA

Ao mesmo Autor.

M. R. P. M. INÁCIO DA PIEDADE.

Randes avanços teve o meu gosto; e grandes lucros a minha capacidade quando li o livro intitulado: *História de Santarém Edificada*, que V. P. me remeteu, e de que V. P. é Autor; tudo devo à grandeza do seu ânimo, que sem olhar para os defeitos do meu juízo, pôs só em prática os efeitos da sua generosidade, antecipando-me a fortuna de ver esta obra, antes do prelo a mostrar ao público. Olhou V. P. para a pobreza da minha ciência, não para a desprezar, como avarento, mas para a enriquecer, como liberal, com os caracteres de sua elegância, de que se forma o corpo deste livro; favor é este, que nunca bastantemente poderei agradecer; porém se bastam as confissões de obrigado, para satisfazer às leis de agradecido, confesso a minha obrigação, ainda que impossibilitado, para desempenhar o meu formal agradecimento.

É V. P. em esta obra Escritor de sua ilustre Pátria, digo dos progressos da notável Vila de Santarém, e o primeiro (segundo me lembro) que tratou singularmente dos diversos estados, notáveis prodígios, e memoráveis antiguidades daquela Vila.

Alguns Censores de obras semelhantes, julgam afetadas as excelências que alguns Autores escreveram das suas Pátrias; por ter (dizem eles) o amor-próprio forças para adiantar o afeto à verdade; porém é tão diverso o meu conceito, que nas particularidades de cada terra, ou de cada Reino, julgo mais sinceras as notícias escritas pelos nacionais, ou pelos patrícios, do que relatadas pelos estrangeiros. Fundo esta produção do meu discurso em várias experiências, e em as mesmas regras em que se estribam os que são de contrário parecer; porque se eles julgam que o amor da Pátria pode fazer mais avultadas as ações gloriosas dela do que na realidade foram, o desafeto que qualquer estrangeiro tem a tudo o que não é a sua Pátria, ou o seu Reino, pode fazer diminuir da verdade as mesmas ações, tanto quanto as podia fazer subir o amor do Patrício; e não ficam mais duvidosas as escritas pelos

nacionais, por excessivas, do que as que escrevem os estrangeiros por diminutas.

Além de que: escreve o estrangeiro, sem temor, o que sabe, e o que quer, do País estranho; porque em o seu ser tem a sua desculpa, e entram os estranhos com carta de seguro a ser delinquentes da verdade, que dizem ignoraram por estrangeiros. O que escreve da sua Pátria; porque ela é sua, e ele é dela, examina com eficaz e madura ponderação no centro da antiguidade a realidade das ações, a verdade da existência, e as autênticas dos sucessos (como V. P. fez) para se livrar das censuras dos nacionais; porque o escritor que fala da pátria, por ser patrício, tem em qualquer falta a maior culpa.

Também é certo que nunca ao estranho é tão fácil o chegar com os toques da pena ao coração da verdade em semelhantes matérias. Com grande exatidão se escrevem em França as memórias de *Travaoux*; porém em aquela obra tenho encontrado crassíssimos erros em muitos particulares que aconteceram neste Reino; uns talvez porque a distância corrompeu as notícias: outros porque aqueles Académicos entenderam que as ações heroicas eram só para a sua nação; e por estas causas escureceram e diminuíram os gloriosos sucessos de Portugal, de Castela, de Alemanha, e de outras nações, estando aliás escritas por diversos Autores da maior fé, e autenticadas muitas com o Tratado de Utrecht, outras com o Congresso de Cambrai, e outras com a Dieta de Ratisbona; pois se no século presente escreveram os Estrangeiros umas tão recomendadas memórias desta sorte, como escreveria da notável antiguidade de Santarém um estranho, ou ainda um que não fosse seu patrício.

Escreveu um dos maiores engenhos deste século um copiosíssimo Vocabulário e doutíssimo Dicionário histórico da nossa língua; até onde a eficaz curiosidade daquele grande engenho pode conduzir a sua vista e as suas observações, tudo se acha escrito com a maior pureza; porém o que escreveu por notícias menos fiéis, ainda que muito recomendadas, padeceu muitas incoerências, de tal sorte que mudaram as notícias estranhas o que só pode fazer o Dilúvio universal; porque na Província de Trás-os-Montes encontro Serras demarcadas onde nunca estiveram, e na Província do Minho, Vales e Fontes onde nunca existiram; o que não havia de ser assim se aquele sábio Varão fosse filho de qualquer destas Províncias.

Do estado e forma de governo das Províncias unidas escreveram Guillaume Temple, Monsieur Basnage, Monsieur Seclere, todos Franceses: escreveram também Onslow Burrish, com o título de *Batavia Illustrata*, Guichardin, Sanglet du Fresnoy, Box Hornius, com o título de *Theatrum Urbium Holandiæ*, e Bleuw, com o título de *Theatrum Urbium Belgicæ*, estes

Ingleses e Alemães, nenhum deles deixa de estar cheio de erros, convencidos pelos Éditos, Leis e Geografia de Holanda, e só o que escreveu Monsieur Francisco Miguel Janiçon Holandês, com o título de *Estado Presente da República das Províncias Unidas*, é exato.

Não repito mais paridades, assim porque não o permite a esfera de uma carta, como porque são supérfluas as provas à evidência; e sendo para mim (e entendo que para todos) de grande valor este livro, merece toda a estimação por serem memórias da Vila de Santarém escritas por um patrício seu, e tão seriamente exato como V. P.

Até aqui falei na estimação do livro, agora entro a refletir nos créditos de V. P. como seu Autor, e ser esta ponderação depois daquela parece-me que não é defeito; porque assim como o melhor meio que há para conhecer a Deus é o de principiar pela vista da arquitetura das suas obras, mostrada àqueles a quem a ignorância impede o verdadeiro conhecimento da fé, assim para eu poder dizer alguma coisa com conhecimento de V. P. era preciso olhar primeiro para as suas obras (que também em outro volume que V. P. há pouco deu à luz são de notável arquitetura), conhecendo por estas obras a grandeza do seu talento.

É V. P. o primeiro que *ex professo* escreveu a História da Vila de Santarém, e por menor ação que esta vejo na antiguidade gentílica dar o atributo de divindade a muitos homens. Foi Endimião o primeiro que escreveu, ainda que confusamente, o inconstante giro da Lua, e por esta primazia mereceu créditos de divindade, e afirmar-se que tinha amorosas correspondências com aquele Planeta, a quem adoravam por Diana. Foi Prometeu o primeiro que descobriu o fogo virtual que se encerra nas pedras, com ofensa de Júpiter a quem pertencia aquela obra como Deus do fogo, e por este invento mereceu adorações de divino e ser oráculo daquela gente; em esta obra fez V. P. mais que Endimião. Porque se este soube descrever o giro que a Lua fez em um ano observado ocularmente, V. P. escreveu o giro de tantos séculos da antiguidade daquela Vila até ao estado presente. Endimião escreveu o que presenciou; V. P. escreve o que não viu; observou Endimião com liberdade as mudanças da Lua; V. P. escreveu com pureza, o distrito, as autênticas e as fiéis notícias das mudanças que o tempo fez naquela Vila e sua circunferência.

Também tem V. P. feito mais que Prometeu porque se este tirou o fogo de uma pedra, V. P. tirou luzes de tantas sombras com igual (senão maior) primazia. Para Prometeu tirar fogo da pedra bastou tocá-la com outra da mesma natureza; mas para V. P. tirar das sombras da antiguidade tantas luzes quantas resplandecem em este livro, não bastou tocar a superfície das notícias; mas foi preciso chegar-lhe ao coração no centro da escura

antiguidade, porque não bastou tocá-las para as descrever a pena; porque vejo nesta obra que foi preciso muitas vezes a V. P. conciliar com grande trabalho as notícias, sem ofensa dos sucessos.

Ultimamente, em duas colunas, uma de pedra para resistir à água e outra de barro para não a desfazer o fogo, escreveu Adão em breves caracteres as sete artes liberais e a primeira história do mundo, porque entendeu que aquela dureza poderia conservar o escrito apesar da violência do tempo; porém foi tal a eficácia de V. P. que não só se valeu dos caracteres que as pedras conservavam, mas em a fragilidade do papel soube descobrir, contra o conceito de Adão, os preciosos tesouros da antiguidade, até então ocultos nas trevas da ignorância, e é tal esta primazia que bastava para crédito de V. P. só o intentá-la.

Não faço elogios ao livro, porque basta ver-se na primeira folha dele que é V. P. o seu Autor para se conhecer a sua grandeza; não tributo louvores a V. P. porque reconheço não poder bastantemente louvar a quem escreveu um tal livro, e o que só posso dizer é: que para conhecer a grandeza deste livro, basta saber-se quem é o seu Autor; e para se admirar o doutíssimo engenho do Autor, basta ver-se este livro.

Deus guarde a V. P. muitos anos.

Benavente, 7 de janeiro de 1738.

Eficaz venerador de V. P.

O Doutor José de Lima Pinheiro e Aragão.

EM LOUVOR

DO M. R. P. M. IGNÁCIO DA PIEDADE.

Dando à estampa a História de Santarém, sua pátria.

De um Cónego da mesma Congregação.

SONETO.

NO alto cume da Vila hoje ilustrada,
Pelo sábio primor da tua História
A fama para; e desde ali notória
Tua ciência faz douta, e elevada:
Do sonoro clarim vai trasladada
À etérea região tua memória;
E o Tejo enquanto passa, a mesma glória
Nas áureas ondas leva retratada.
Voa a fama, e outras terras mais discorre;
O ar aos outros Céus se comunica,
E no mar, a corrente o Tejo encerra,
Com eles igualmente Inácio corre
Voa, penetra, e divulgada fica
Tua glória nos Céus, no Mar, na Terra.

Descobriu o Autor para a sua História
antigas notícias, e quase esquecidas memórias.

DO MESMO AUTOR.

SONETO.

DEscobres, douto Inácio, em tua História
De antigas tradições, série tão rara,
Que se algum tempo o Leteu se queixara,
Fora quando lhe usurpas tal vitória:
O despojo dos anos, e a memória
Que o fugitivo Nume já estragara,
Teu estudo sagaz hoje repara
Templo erguendo à tua, e à pátria glória;
Nas que apenas se veem relíquias pobres,
Cinzas da fama, luzes as mais dignas,
Ufano indagas, e feliz descobres;
Nelas perpétuo à glória te destinas,
Que só podiam teus intentos nobres
Fundar eternidade nas ruínas

EM LOUVOR

DO M. R. P. M. IGNÁCIO DA PIEDADE E VASCONCELOS

Autor do livro: História de Santarém Edificada &c.

De um Corista da mesma Congregação.

SONETO I.

Eligioso Herói, este Volume,
Que da lembrança o arquivo deixa exausto,
É um altar do Culto, obséquio e fausto
Com que a fama imortal te adora Nume:
Nele brilha a notícia, claro lume,
Sem que do tempo a apague sopro infausto,
E sendo a aceitação grato holocausto,
A glória que resulta é teu perfume.
É esta ação mistério, cujo objeto
Desengana a quem diz, que não se chama
Em a Pátria o Varão herói discreto;
Porque sendo este livro quem te aclama,
Se logra a Santarém por epíteto
Tua Pátria é altar da tua fama.

SONETO II.

ESte livro publica em grata história
Notícias que escondeu a antiguidade,
Causando a Santarém perpetuidade
Conseguindo ao Autor perpétua glória.
Não perecer nas sombras, transitória,
À pena deste Herói deve a verdade,
Porque aqui sopra as cinzas com que a idade
Amortecera o lume da memória.
De Santarém o antigo fundamento
Coberto estava já com o pó das ruínas
Adonde o sepultara o esquecimento.
Bateu Inácio as asas aquilinas
E levantando as cinzas com o alento
Mostra ao mundo notícias peregrinas.

DO MESMO AUTOR

ROMANCE

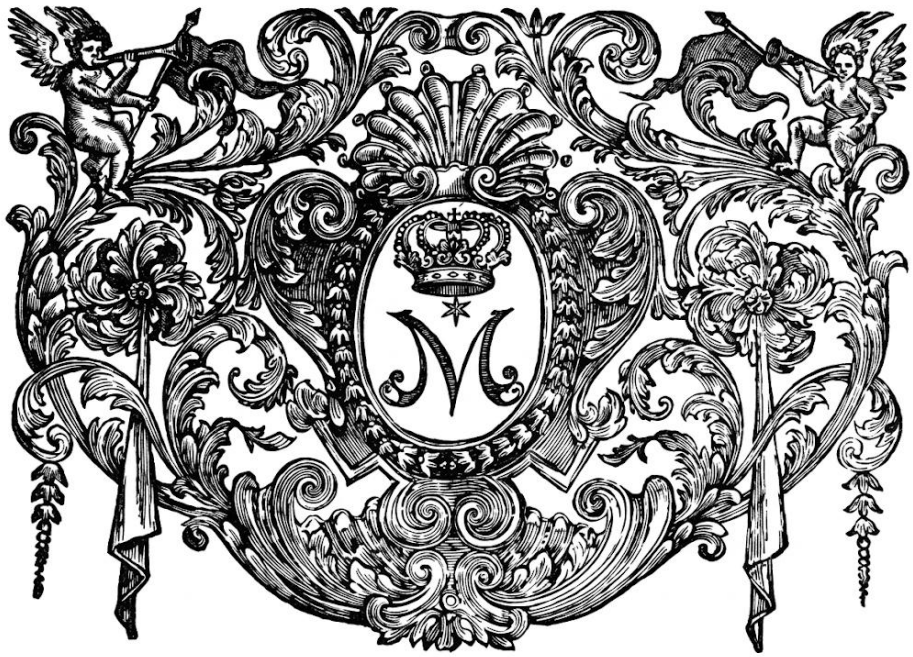
ESTes humildes conceitos
Que aqui minha pena forma,
Se bem que partos do afeto,
Que os inspira, e que os abona,
Mais do que cultos louvores
São fiéis gratulatórias;
Mais são expressões sinceras
Do que aclamações heroicas.
Quem gratifica venera
Compreende aquele que louva,
E se o venerar é culto,
O compreender é afronta.
Eu, pois como só venero,
Douto Inácio, as tuas obras,
Não chego a louvar-te o engenho,
Só te gratifico a honra.
Como não compreendo o assunto,
Não te louvo, porque fora
Abater-te a elevação
Pelos meios de antepô-la.
Contento-me com render-te

Uma confissão que envolva
As graças que ao benefício
Te rende atenta a memória.
Confesso, pois, sábio herói,
Que ao teu livro é devedora
A verdade da evidência
Que com teus escritos cobra.
A mais antiga notícia
Pela tua indústria, agora
Renasce a nova luz viva,
Da cinza que a cobriu morta.
O mesmo Lethes atento
Nele parece, que arroja
Quantas notícias tragara,
Quantas afogara histórias.
No quadro deste volume,
Pincel tua pena retoca,
Com as cores da notícia
Do tempo passado a cópia.
Por mais que voou a idade,
E ainda que o tempo corra,
Para que atento os calcules
Um e outro te ajoelha.
Feliz tu, ó Santarém,
Que desde hoje gloriosa,
Porque imortal te eternizas
Créditos de Fénix logras.
Quem te fez famoso teatro
Donde representa a História
As façanhas de Mavorte,
As empresas de Belona.
Não pode comunicar-te
O privilégio, que contra

A dura pensão do tempo
As leis do olvido derroga.
Inácio sim, porque aqui
Discretamente coloca
Nos templos da eternidade
Teu nome e tuas memórias.
Teus mármores, teus padrões
A que o Lethes não perdoa
Quando o tempo os desfigura
A sua pena os renova.
Esta de Inácio a empresa,
Que quanto mais gloriosa
Aparece à admiração,
À expressão se remonta.
Mas nem por isso carece
De eterno louvor, que a glória
Quando das ações redunda
Por si mesma se pregoa.
Indiscreta vaidade
Seria o contar as forças
Do raio, ao ver, que abrasado
Tudo ao seu furor se prostra.
Quando a sua mesma fúria
Testemunho de si própria
Os hipérboles mais raros
Na execução abona.
Emprego inútil seria
Louvar o número às tochas
Com que o Céu celebra o Ocaso
Do astro a quem Clice adora.
Pois ao luzirem estrelas
Por si formam uma soma
Para cuja explicação

Toda a Aritmética é pouca.
Da mesma sorte este livro
Não necessita mais honra,
Que cada letra lhe adquire,
Cada conceito lhe forma
Igual louvor ao da empresa
A Inácio se proporciona,
Porque todo se compreende
Em ser Autor de tal obra.
Compôs o Divino Autor
Esse caderno, que consta
De tanto prodígio escrito
Em onze celestes folhas
E nele são as Estrelas
Astros juntamente, e bocas,
Que com línguas de esplendores
Publicam do Autor a glória.
Seja, pois, também de Inácio
Este livro decorosa
Exageração do quanto
Seu engenho se remonta.
Outro louvor não mendiga
O que a si dá só lhe sobra,
Porque os heróis nas ações
Têm o louvor das pessoas.
A causa distingue o efeito,
O impulso acredita a força,
Do trovão se infere o raio
Da tempestade a derrota.
Desta, pois, heroica empresa
Sem que outra razão se imponha
Infiram quem é Inácio:
E sirva também de glória.

Que por mais, que o clarim gema
Da fama, do aplauso a trompa
Sempre para tanto assunto
Serão suas vozes roucas.



ÍNDEX

DOS

CAPÍTULOS

Que se contêm nesta primeira parte.

LIVRO PRIMEIRO

CAP. I. Em que se expõe o princípio, e fundação desta Vila. Pág. 1.

CAP. II. Da descrição do sítio da Vila de Santarém. Pág. 6.

CAP. III. Em que se prossegue a mesma matéria do passado. Pág. 9.

CAP. IV. Como diversas Nações senhorearam esta Vila de Santarém, e como foi tirada do poder dos Mouros por El-Rei D. Afonso Henriques. Pág. 12.

CAP. V. Como a El-Rei D. Afonso Henriques, e aos Portugueses lhes apareceram alguns sinais, que se entende ser aviso do Céu para animar os corações dos Cristãos na batalha. E de como o mesmo Rei entrou, e venceu, tomando esta terra de Santarém aos Mouros. Pág. 18.

CAP. VI. De como Albaraque Rei Mouro intentou restaurar esta Vila de Santarém, querendo-a pôr em sítio com um grande exército. Como os Mouros foram desbaratados pelos Portugueses d'El-Rei D. Afonso Henriques. E como o mesmo Rei por esta vitória deu princípio a instituir a Cavalaria da Ala. Pág. 23.

CAP. VII. Em que se relata o último combate que teve esta Vila de Santarém, acometida por Miramolim Rei, e Senhor de Marrocos, e mais outros Reis Mouros. Pág. 28.

CAP. VIII. Como El-Rei D. Afonso Henriques, depois que teve segura esta Vila dos assaltos dos Mouros, frequentou nela o Culto Divino. Descreve-se a real Colegiada de Santa Maria de Alcáçova. Pág. 30.

CAP. IX. Da Colegiada de Santa Maria de Marvila declara-se a dúvida do seu princípio, e como hoje existe. Pág. 37.

CAP. X. Em que se dá notícia das graças, que a Santidade de Bento XIII concedeu à Irmandade do Senhor JESUS dos Terços nesta Igreja de Nossa Senhora de Marvila. Pág. 42.

CAP. XI. Em que se prosseguem as mais notícias desta Igreja de N. Senhora de Marvila. Pág. 46.

CAP. XII. De várias sepulturas, que estão nesta Igreja de Marvila, e das obrigações de Capelas, das suas instituições, e seus Administradores. Pág. 46.

CAP. XIII. Das Igrejas, ou Ermidas, que são anexas a esta Igreja de N. Senhora de Marvila. Pág. 48.

CAP. XIV. Em que se descreve a fundação, e notícias memoráveis do Convento de Santo Agostinho desta Vila de Santarém, que existe no distrito da Freguesia de Nossa Senhora de Marvila. Pág. 52.

CAP. XV. Em que se descreve a Igreja de Santo Agostinho desta Vila, e os Epitáfios de algumas sepulturas que nela há. Pág. 54.

CAP. XVI. De como foi renovado o teto desta Igreja de Santo Agostinho desta Vila, e das mercearias que há no mesmo Convento, com outras memórias a ele pertencentes. Pág. 60.

CAP. XVII. Dá-se notícia da Irmandade das Almas, e da do Senhor dos Passos, que há nesta Igreja de Santo Agostinho em Santarém. Pág. 62.

CAP. XVIII. Dá-se notícia da fundação, e existência do Convento de N. Senhora de JESUS dos Religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco desta Vila de Santarém. Pág.64.

CAP. XIX. Em que se dá notícia da fundação da Igreja deste Convento, e de algumas coisas dignas de memória, que nela há. Pág.71.

CAP. XX. Em que se dá notícia de uma Ermida de Santa Maria Madalena, que antigamente existia junto a este Convento do Sítio dos Padres Terceiros, e da Enfermaria que hoje têm os mesmos Padres no Hospital de JESUS Cristo desta Vila de Santarém. Pág. 76.

CAP. XXI. Descrevem-se os princípios, e motivos que houve para se fundar o Convento de S. Domingos das Donas, que existe no distrito da Freguesia de Nossa Senhora de Marvila desta Vila de Santarém. Pág. 79.

CAP. XXII. Mudam em Encerramento comum as Emparedadas, o que era casa particular, ficando no mesmo terreno com a forma de Mosteiro. Referem-se novas queixas dos Padres Menores, dão-lhe os PP. Domínicos o seu sítio da Madalena. Pág.83.

CAP. XXIII. Mudam as Reclusas do lugar da Senhora da Abóbada solenemente para o sítio da Madalena. E dá-se notícia de como se lhe introduziu o nome de Donas. Pág. 85.

CAP. XXIV. Como as Reclusas, moradoras já no sítio da Madalena, alcançaram Breve para serem Religiosas Professas da Ordem do Patriarca S. Domingos. Pág. 87.

CAP. XXV. Dá-se a notícia de como o P. Fr. Gonçalo Origis da Ordem dos Pregadores teve licença do Capítulo Geral para professar as Reclusas do novo Convento, e estabelecerem a regular Observância. Pág. 90.

CAP. XXVI. Dá-se a notícia de como os Padres Marianos da Província deste Reino de Portugal fundaram nesta Vila de Santarém. Pág. 92.

LIVRO SEGUNDO

CAP. I. Em que se dá notícia do que pertence à Igreja de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre desta Vila de Santarém. Pág. 94.

CAP. II. Da notável Maravilha da Hóstia consagrada, sucedida nesta Igreja de Santo Estêvão em Santarém. Pág. 97.

CAP. III. Em que se dá notícia de duas Irmandades que há nesta Igreja de Santo Estêvão, a do Santíssimo Milagre, e a do Senhor JESUS dos Terços, e mais algumas notícias que pertencem a esta Igreja. Pág. 100.

CAP. IV. Em que se faz memória das Capelas de Missas quotidianas pertencentes a esta Igreja de Santo Estêvão, e de algumas sepulturas de pessoas nobres que nelas jazem sepultadas. Pág. 102.

CAP. V. Em que se dá notícia do lugar onde sucedeu o Santíssimo Milagre da Hóstia, o qual lugar existe no distrito desta Freguesia de Santo Estêvão, convertido hoje em uma Ermida bem regular se faz menção de outra pertencente ao mesmo milagre. Pág. 105.

CAP. VI. Em que se dá notícia de mais algumas Ermidas, e coisas pertencentes a esta Igreja de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre. Pág. 107.

CAP. VII. Em que se dá notícia de um Recolhimento de Terceiras da Ordem do Patriarca S. Francisco, o qual existe dentro nesta Vila no distrito desta Freguesia de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre. Pág. 109.

CAP. VIII. Em que se dá notícia da Paroquial Igreja de S. Martinho desta Vila de Santarém. Pág. 113.

CAP. IX. Em que se apontam mais algumas notícias pertencentes a esta Igreja de S. Martinho. Pág. 118.

CAP. X. Em que se dá notícia da Paroquial Igreja de S. Nicolau desta Vila de Santarém. Pág. 120.

CAP. XI. Em que se dá notícia da ereção, e existência do Hospital da invocação de JESUS Cristo, sito dentro desta Vila de Santarém. Pág. 123.

CAP. XII. Dá-se notícia das Ermidas, que são anexas a esta Freguesia de S. Nicolau; e mais algumas antiguidades que tocam a esta Igreja. Pág. 129.

CAP. XIII. Dá notícia da Igreja da Misericórdia desta Vila de Santarém, e da sua nobre Irmandade. Pág. 132.

CAP. XIV. Em que se dá notícia de como os Padres Descalços de Santo Agostinho, que chamam Arrábidos, fundaram o Convento de Nossa Senhora da Graça junto a esta Vila de Santarém. Pág. 135.

CAP. XV. Dá-se notícia da mudança, que fizeram os Padres Arrábidos do sítio antigo de N. S. da Graça para o lugar em que hoje estão, no distrito desta Vila de Santarém. Pág. 137.

CAP. XVI. Mostra-se o direito, que para fundamento de sua antiguidade, os Padres Arrábidos põem nesta sua fundação. Pág. 138.

CAP. XVII. Dá-se notícia da Enfermaria que os Padres Arrábidos têm no distrito desta Vila de Santarém. Pág. 142.

CAP. XVIII. Dá-se notícia da Ermida de Nossa Senhora Madre de Deus, que é anexa à Vila de Santarém; e da fundação de um Recolhimento de Mulheres, que existia junto à mesma Ermida. Pág. 143.

CAP. XIX. Da Freguesia de Santiago, que é uma das Freguesias desta Vila de Santarém. Pág. 145.

CAP. XX. Dá notícias da Igreja Paroquial de Santa Iria da Vila de Santarém, da vida, e morte da mesma Santa. Pág. 148

CAP. XXI. Do martírio da dita Santa Iria e das causas com que Deus fez manifesta a sua inocência. Pág. 154.

CAP. XXII. Do sítio em que Santa Iria padeceu martírio, e das prodigiosas maravilhas do seu sepulcro. Pág. 156.

CAP. XXIII. Como Deus descobriu ao Abade Célio onde estava milagrosamente colocado o corpo de Santa Iria, e dos prodígios que se viram quando foi achado. Pág. 158.

CAP. XXIV. Em o qual se dão claras notícias do mais que pertence a esta Igreja de Santa Iria, com as Ermidas que lhe são anexas. Pág. 162.

CAP. XXV. Da fundação, e existência do Colégio de Santa Catarina dos Olivais, que os Padres da Ordem Terceira do Patriarca S. Francisco têm no distrito da Freguesia de Santa Iria desta Vila de Santarém. Pág. 165.

CAP. XXVI. Descreve-se a Igreja deste Convento de Santa Catarina dos Olivais, e algumas coisas mais que lhe pertencem. Pág. 168.

CAP. XXVII. Em que se declaram as Sepulturas que há nesta Igreja de Santa Catarina dos Olivais, e de alguns Religiosos que ali existiram, e morreram santamente. Pág. 170.

CAP. XXVIII. Das notícias de três Igrejas Paroquiais, S. João de Alfange, Santa Cruz, e S. Mateus, que existem entre as mais que há nesta Vila de Santarém. Pág. 174.

HISTÓRIA
DE
SANTARÉM
EDIFICADA

LIVRO PRIMEIRO

Das Notícias de suas Antiguidades.

CAPÍTULO I.

Em que se expõe o princípio, e Fundação desta Vila.

ESCREVO as notícias de Scalabicastro, as maravilhas de Santarém, porque os factos, que são dignos de se fazerem ao mundo lembrados, correm mais seguros nos escritos, que nas tradições. Divide-se a empresa, que pretendo relatar nesta escritura em assuntos tão altos, que excedem a toda a grandeza da fama, a todo o possível da heroicidade; pois levantando-se uns sobre a esfera da natureza humana, elevam-se outros em assombrosos

portentos da grandeza Divina. E sem dúvida, fora duvidosa a sua individual narração na humildade da minha pena, se a matéria não fora com tanta vastidão patente, ainda que inclui muitas antiguidades, que muita parte delas terá usurpado o tempo às mesmas memórias, pelos repetidos trânsitos dos séculos. Mas confiado nos especiais papéis, que para isto vou adquirindo, com o mais verosímil, e pureza da verdade, dou princípio a esta nova, e particular História. E para assentarmos com mais seguro termo este princípio das antigas memórias que vou escrevendo, começando pela fundação de Santarém, forçosamente primeiro hei de tocar a entrada de Ulisses em Lisboa, e depois discorreremos a nossa empreendida matéria, sem truncar o fio da sua formalidade.

Destruída, e abrasada Troia, em cuja lamentável tragédia fez Ulisses um dos principais papéis, que inventou a grega tirania, a pesar da lastimosa Dardânia: matéria que deu largo assunto aos mais agudos, e bem concertados plectros, tendo entre todos primeiro lugar o da cítara de Homero, Pai da Poesia Grega na sua Odisseia. Querendo este astuto Capitão restituir-se à sua pátria, que era Ítaca, Ilha de Grécia no mar Jónio, à qual depois chamaram Vale de Compare: deixando já reduzida a cinzas aquela nobreza, que tinha sido ao mundo pomposo ornato entre as mais populosas Cidades; no tempo do princípio do mundo passavam quatro mil e vinte anos.

Derrotado o seu navio com os mais da sua armada, impelidos dos ventos, com repetidos naufrágios, em sucessivas peregrinações, cruzou o Mediterrâneo, embocou o Estreito de Gibraltar, saiu pelo mar Hercúleo ao Oceano, e torneando as praias lusitanas opôs-se às correntes do Tejo, e entrou por elas dentro, onde achou na amenidade do País, gracioso assento para o seu descanso; experimentando já naquele porto, contra os rigores dos naufrágios, as favoráveis esperanças da ventura: pois naquele delicioso sítio achou Ulisses, e toda a sua companhia prósperos recreios, para suavizar as fatigadas lidas dos infortúnios que no mar tinham experimentado.

Acharam estes naufragantes Gregos grande extensão no ameno dos campos, porém pouco cultivados da gente, que só tinha uma limitada povoação de poucas casas em que habitavam alguns Lusitanos: sendo edificada por Elisa, filho de Javan, neto de Japhet, e bisneto de Noé, 3259 anos antes da vinda de Cristo Senhor N. ao mundo. Do qual Elisa querem alguns Escritores que tomasse toda esta Província o nome de Lusitana, e depois Lusitânia. Foi Lisboa amplificada, e reedificada passados novecentos anos depois desta primeira fundação, pelo mesmo Ulisses de que vamos falando. Portados os Gregos em terra, e já nela assistentes, fundou logo Ulisses um grandioso Templo à Deusa Minerva, que dele achamos duplicadas notícias nas difusas elegâncias dos Historiadores. Mandou erguer reforçados muros, levantar fortíssimas torres, dando juntamente nome à nova, e grande povoação, o qual nome ficou derivado do seu Reformador, chamando-lhe Ulyffea, e depois se corrompeu o vocábulo em Ulyffipo; e pelos muitos séculos que se seguiram se corrompeu mais em Lisboa.

Estando assim os Gregos divertidos com as laboriosas empresas daquelas operações; havia neste tempo em Portugal um Rei, que o dominava, chamado Gorgoris, famoso Português, filho de Palatuo (como alguns Escritores afirmam), o qual Rei, correndo os anos da criação do Mundo 2789, se aclamou senhor das Hespanhas: e mais que ao nome de Gorgoris lhe introduziram o de Melicula, pela indústria que teve de ser o primeiro que tirou líquido o mel aos enxames das abelhas; pelo que foi bem distinto dos mais Reis da descendência de Tubal em esta nossa Lusitânia; achando neste mesmo invento o cetro para dominar tão nobres, e dilatadas Províncias, quais eram aquelas que

hoje contamos em toda Hespanha sendo Corte, e cabeça de toda a Monarquia o nosso Portugal, onde reinou setenta e quatro anos.

Sabendo Gorgoris que dentro em sua casa, ou no centro do seu próprio domínio, havia gente estranha, e que na terra que era sua fabricavam aqueles edifícios sem recorrerem primeiro à sua superioridade: para atalhar no princípio o mal, que depois lhe pudesse servir de maior dano; ajuntou a gente militar da sua Lusitânia, formando campal exército em tanta cópia, que em som de batalha, com pesada ordem foi buscando a Ulisses; no qual achou o nosso Gorgoris, em lugar de dura resistência como inimigo, brandas carícias, generosas ações em copiosas dádivas, nos refrescos que com larga liberalidade o presenteava (que para conciliar amizades são estes termos, sobre boas palavras, os que mais purificam as melhores elegâncias): dizendo-lhe com atrativas razões o quanto lhe poderia servir de proveito a sua assistência nas suas terras. Foi este termo em Ulisses tão bem considerado, que com ele se recolheu Gorgoris tão satisfeito, e brando, quanto tinha saído para a contenda colérico competidor.

Reconciliados por este princípio em paz, e tranquilidade serena, entendeu Gorgoris que na amizade de Ulisses tinha em a sua Monarquia um ilustre peregrino, que estava debaixo do seu poder, como seu vassalo; do qual voava já nas asas da fama o heroico pregão que lhe inculcava a científica disposição no militar, e o natural esforço na valentia. Pelo que tanto abraçou Gorgoris a amizade de Ulisses, que além de o hospedar com repetidos divertimentos, lhe deu sua filha Calipso para lhe assistir, e se divertir em graciosas práticas com ela (alguns Escritores dizem absolutamente que lha deu para sua companheira), mostrando nesta ação a singeleza com que ampliava a sua demonstração nas veras da boa amizade: sem entender que Ulisses, como homem, pudesse cair, e romper os laços daquela lei que ata o nobre vínculo da generosa fidelidade, enlaçando-se Gorgoris primeiro na ideia menos discursiva, sem advertir a razão por onde lhe podia resultar um indecoroso trato na liberdade que deu a sua filha. Pois a especial graça, formosura, e discrição com que a natureza dotou a Princesa Calipso, foram para Ulisses agrados tão atrativos, que o obrigaram a manchar aquela fé que devia ter com quem lhe tinha feito tantos benefícios. Porque dos ilícitos atos que teve com a mesma Princesa, concebeu ela ao nosso Abidis, que neste primeiro Capítulo desta História é o seu principal assunto. Sabido já por El-Rei Gorgoris o aleivoso, e desonesto sucesso de sua filha, rompeu com furiosa ira de sua arrazoada queixa, guerra contra Ulisses, indo com um poderoso exército sobre Lisboa. E depois de sanguinolentas batalhas, caindo Ulisses na razão, que lhe arguia o agravo, levantou as âncoras aos seus navios, e cortando as ondas do Oceano, se foi para Ítaca, deixando nos braços da ingratidão, entregue a saudosos suspiros, aquele fino amor, que deu tanto que sentir a Ulisseia, e lamentou toda a Lusitânia.

Não faltam Historiadores que seguem em algumas coisas desta matéria o contrário do que eu aqui escrevo, dizendo uns, que Calipso concebera seu filho Abidis de um galhardo mancebo, que amorosamente a passeava; outros, que de um atrevido criado seu: outros, que de seu próprio Pai. Dúvidas são estas tão remotas, que dificultosamente se poderão explicar com individual certeza, por virem de muito longe as notícias desta antiguidade: mas se me não negarem que Gorgoris concedeu a sua filha Calipso que assistisse a Ulisses, ou que lha deu para sua companheira, no que concordam quase todos os Poetas antigos, e Historiadores, fazendo uns e outros os seus amores tão celebrados: verosímil é que de Ulisses concebesse Calipso seu filho Abidis: pois não consta que Gorgoris tivesse outra filha, nem há notícia que Ulisses amasse com extremo outra mulher Princesa, com semelhante nome.

Retirado Ulisses para a sua pátria, de onde não tornou mais à Lusitânia, ficou Calipso com muita parte dos Gregos, senhoreando Lisboa como em praça fechada, porque Ulisses já tinha dado o último fim aos fortíssimos muros, que a defendiam; e chegado o tempo em que saiu ao mundo Abidis, logo em poucos dias de seu nascimento teve poder seu Avô Gorgoris para o haver às mãos, e por não ver nele um contínuo pesar, que fosse relativo da sua desonra, com acelerada paixão, seguindo mais a parte da tirania, que a da compaixão, mandou lançar aquela inocência inculpável entre cavernosas penhas, para que fosse mimoso pasto às voracidades das feras. Porém como Abidis (ao que nos parece) estava pelo Céu decretado para edificar um Paraíso na terra, qual é hoje a nobre Vila de Santarém, pois havia encerrar em si tantos prodígios, uns obrados pelas criaturas, outros pela mão altíssima do Criador (o que em seus lugares largamente diremos), sempre haveria para Gorgoris obstáculo que lhe impedisse as suas inumanas determinações: porque achou Abidis a humana atenção nos brutos, que não tinha achado na racionalidade dos homens. E como Gorgoris logo que o enviou a lançar nas brenhas mudasse de parecer, mudou-lhe também o martírio metendo-o em uma cesta, em a qual o entregou às correntes do rio Tejo. Porém guiada a inocência pelo seu destino, oposta ali a ventura à impiedade, as mesmas águas lhe deram seguro porto nas praias de Santarém, que em aquele tempo faziam firmes alicerces a uns embrenhados montes, os quais depois se viram coroados em povoação populosa, da melhor nobreza do mundo: em cujas brenhas então achou o tenro Infante em uma Cerva agreste (por disposição superior) um maternal abrigo, o que não achou em quem de muito perto lhe corria o mesmo sangue pelas veias; porque a Cerva lhe deu vida, sustentando-o com o nevado sanguíneo alimento de seus peitos.

Depois desta grande fatalidade do mundo, correndo os anos, e crescido Abidis, andava vagando por aqueles montes, em cujas recônditas covas eram as câmaras, ou gabinetes deste oculto Príncipe. E como nelas se criou, a elas se retirava fugitivo, quando naqueles matos algum caçador, ou outro qualquer homem encontrava. A incerteza que há no modo da transfiguração de Abidis, levado dos matos à presença de sua mãe Calipso, põe-nos o juízo em dúvida; porque falam nisto com variedade os Escritores antigos. Manuel de Faria e Sousa no seu Epítome das Histórias Portuguesas diz que Calipso, dominando em Lisboa os Gregos, ela os mandara para que com seu filho Abidis edificassem Santarém. E sendo isto assim, parece que não foi mandado apanhar aos montes por ordem de seu Avô Gorgoris, pois estava Abidis por esta notícia na companhia de sua mãe; e daqui se pode entender que ela seria a que o mandasse buscar por qualquer modo que pudesse ser. Outros nos querem persuadir a entendermos que já neste tempo seria Gorgoris morto, ou ainda que fosse vivo, não estaria sua filha na sua graça, que pelas razões referidas haveria grande divisão entre o poder do Pai, e o da filha, e aqui é a maior dúvida para se não dar opinião alguma por segura. Outros dizem (e é a que melhor me parece), que Gorgoris tendo as notícias que davam os caçadores, para saber que indivíduo era aquele, lhe mandara fazer montaria, e o aprisionaram em laços, elevado à sua presença, conheceu que era seu neto, por um sinal que no corpo lhe vira, e que o estimou muito, fazendo-o sucessor do seu Reino; o que se faz verosímil por aquela razão de ser ele mesmo o que o tinha mandado lançar naquela charneca, e ter tempo nesta ocasião, e na outra quando o lançou às águas na cesta, de lhe reparar no grande sinal que no corpo tinha, por onde foi conhecido. Mas fosse o caso segundo qualquer destas opiniões, sempre se colige (conforme o melhor sentido que achamos nos Escritores das antiguidades) que Abidis foi restituído ultimamente ao domínio de sua mãe Calipso; e que ela o policiou com tanto cuidado, e maternal afeto, que chegou a ser Príncipe de tão alta esfera de juízo, que quase a todo o mundo deu bem ordenadas leis.

Livro I. Capítulo I.

Chegado Abidis aos anos 2863 do princípio do mundo, depois que se viu com perfeito conhecimento das coisas naturais, entre o humano uso dos homens, chegando em breve idade ao cume da melhor polícia daqueles tempos; vendo-se Rei, e Senhor, não só do que é hoje Portugal, mas de tudo o que é Hespanha, quis mostrar aos homens que a dignidade do Cetro não lhe sepultava a lembrança do tosco berço em que se criara, e donde dera os primeiros passos da vida para sair com tanta ventura: reconhecendo o quanto devia àquela terra que lhe deu o sustento na infância de seus primeiros anos. Começou com todo o desvelo empenhando seu régio poder em fazer aquele mesmo lugar domicílio de homens, o que até então era habitação de feras: dando logo àquela nova povoação, que quis para cabeça, e Corte de sua Monarquia, o nome de Esca Abidis, que era o mesmo que manjar, ou iguaria de Abidis. Pois a delícia do seu País, o salutífero dos ares, e das águas com a fertilidade das terras, tudo convidava para que em breve tempo se visse o seu populoso com grandes vantagens às maiores Povoações que naquele tempo havia em a nossa Lusitânia. Foi Abidis muito sábio, amou a justiça, não faltava cuidadoso em conceder o que era útil para o bem de seus vassalos, acrescentou mais salas nos concelhos, deu-lhes foro e chancelarias; e venceu várias batalhas para segurar o seu Império contra muitas nações que à força de armas o queriam despojar deste Reino. Foi vigésimo sexto Rei de toda Hespanha depois do dilúvio geral por sucessão continuada de Tubal. E reinando trinta e cinco anos, acabou a vida com honrosos troféus.

CAPÍTULO II.

Da descrição do sítio da Vila de Santarém.

Em distância da Cidade de Lisboa, Corte de Portugal, catorze léguas pelo Tejo acima, que corre quase de Norte a Sul, na Província da Estremadura, está situada esta muito nobre, e sempre leal Vila de Santarém, levantada em eminente estância, cuja soberba elevação montanhosa se estriba na margem do mesmo rio, de donde leva a maior parte do seu povoado quase à esfera das nuvens; que parece a natureza assim a compôs, para que dali os seus fertilíssimos campos a reconheçam por Imperadora de todo o seu vegetativo. Sete montes fazem firmes ombros ao assento desta Vila, que tem o mais alto dela numa planície bem composta, e terraplenada; e bem parece que não devia ter menos bases para sua firmeza que sete montes, porque em cada um deles se pode entender que sustenta uma maravilha do mundo, e não só do mundo, mas portentosas maravilhas do Céu, riquíssimos tesouros nos prodigiosos milagres que em si guarda, de que bem se pode jactar Santarém a todo o Cristianismo, ser destas riquíssimas joias invejado cofre do melhor Santuário. Desta preciosidade participa com o seu domínio a Diocese de Lisboa Oriental, por se compreender dentro do seu Arcebispado, hoje vemos dividido do da Basílica Ocidental, cujo pomposo ornato, com a liberal grandeza da Majestade, ilustra todo o Reino, e Deus é venerado com o Divino culto que lhe é devido.

A este, pois, Promontório Sacro, pela parte do Oriente, com prateadas águas lhe beija os pés o suave e sereno Tejo, servindo-lhe a sua vista de cristalino espelho em que se retratam as veneráveis memórias de suas honrosas antiguidades; fazendo-lhe com a sua continuada corrente extensosa cava, e fiel defensivo; pois tantas vezes impediu os passos àqueles exércitos que por diversos tempos, com forma guerreira, intentaram a sua expugnação: como nos consta das bem recebidas tradições, e nós o lemos nas antiguidades, memórias irrefragáveis de venerandos Escritores. Nestes campos transtaganos, com som marcial, tantas vezes se brandiram as lanças Africanas, e em mais distância de antiguidade, tremularam as bandeiras dos Celtas, dos Alanos, dos Suevos, e mais nações estrangeiras, que ansiosos de se apoderarem de um País tão desejado do mundo, pelo nobre ornato da sua povoação, pelo saudável dos seus ares, pela honorífica grandeza do seu sítio, e pela fértil amenidade de seus dilatados campos, sempre viram aqueles combatentes aventureiros frustrados os seus intentados vencimentos, pela guarda que o rio faz à Vila.

Tem esta nobre povoação o seu principal assento no mais alto sítio, a que chamam Marvila, que sempre foi cercado de muros, e de qualquer lado que se queira entrar para dentro, se há de subir primeiro uma de nove calçadas, as quais todas para este distrito se encaminham. Pela parte do rio Tejo faz-lhes a natureza por seis calçadas (destas nove) franca a entrada para a iminência da Vila. A uma lhe dão o nome de Santa Clara, que começa a levantar-se da povoação da ribeira, e se acaba no Mosteiro das Religiosas Claras, e o Convento de S. Francisco de Religiosos Observantes. A segunda calçada é a da Atamarma, nome que se lhe corrompeu de Tumarma, o qual ficou do tempo dos Mouros; na sua língua arábica é o mesmo que dizermos nós águas amargosas; e ainda hoje se lhe vê ali uma fonte desta mesma água. A terceira é a que chamam de Santiago, que está na Igreja Paroquial deste Santo; tem o seu princípio na Igreja de Santa Iria situada

na mesma ribeira, e do seu adro sobe muito empinada acabando a sua subida na porta de Alcáçova, que antigamente era a do Castelo da Vila. A quarta é a que começa a subir da povoação de Alfange, também situada junto à praia do rio e elevando-se para a parte do Norte, vai parar no adro do Convento dos Religiosos de S. Agostinho. A quinta é a de Nossa Senhora de Valada, ou Madre de Deus, que tem o seu princípio também na margem do Tejo, aonde estão as Ómnias, deliciosos pomares, que têm toda a variedade de fruta, que por esta razão lhe deram este nome; e subindo contra o Norte, entra na Vila pela rua chamada do Pereiro. A sexta, e última calçada, das seis que advertimos que sobem da parte do rio, é a da fonte da Junqueira, a qual tendo o seu princípio nas mesmas Ómnias, sobe contra o Noroeste até ao lugar de S. Lázaro, e daqui dobrando a estrada ao Nordeste, entra na Vila pela porta de Manços.

Tem mais esta Vila, pela parte do Poente e Norte, três calçadas que ajustam a conta das nove referidas; e todas subindo se encaminham para dentro dos muros da mesma Vila. Uma delas é a do Sítio, assim chamada por finalizar a sua subida junto ao Convento de Religiosos da terceira Ordem do Patriarca S. Francisco; a cujo Mosteiro dá o vulgo este nome de Sítio, e o porquê lhe dão este nome o diremos em seu lugar, quando falarmos do mesmo Mosteiro. A segunda destas três é a calçada de S. Domingos, porque também acaba a sua subida no Convento de Religiosos deste Santo. A terceira é a que chamam da Senhora do Monte, por ter uma grandiosa Ermida, aonde se venera a Imagem da mesma Sacratíssima Virgem com este título. Que desta miraculosa Imagem, Ermida e Conventos em seus lugares daremos cabais notícias. Todas estas calçadas sobem por encostas de grandes e profundos vales, cujas concavidades por todo o circuito desta Terra a fizeram sempre inexpugnável; porque os fortalecidos muros, que toda a cercavam quase por todos os lados, ficaram eminentes aos vales.

Também por oito portas dá esta Vila entrada ao seu fortalecido corpo no alto a que chamam Marvila. É a primeira a da Atamarma, por onde entrou a redenção desta Terra contra a infidelidade dos Mouros, vencida pelo sempre poderoso braço do nosso primeiro e felicíssimo Rei D. Afonso Henriques; em cujo arco desta porta se vê firmada uma Capela com a Imagem de Nossa Senhora da Vitória. É a segunda porta a de Leiria, a qual já não existe com a sua formalidade antiga, ainda que se lhe conserva sempre o mesmo nome. Tinha por cima uma Ermida da Senhora de Guadalupe; e em um nicho ao subir da escada, a Senhora da Piedade, que hoje persevera com devotíssima admiração do Povo, pela maravilha do seu milagre; cuja veneranda Imagem no mesmo lugar a possuem agora com decente culto, e primorosa Igreja, os Padres Agostinhos descalços, por mercê de El-Rei D. Pedro o Segundo, sendo a primeira fundação desta Igreja de El-Rei D. Afonso o Sexto. A terceira é a porta de Manços, em que se venera a Senhora do Bom sucesso. Na de Valada a Ermida sobre a mesma porta, que guarda em si sobre suntuoso altar a Imagem da Senhora Madre de Deus. E conformando-nos com as mais antigas notícias das nossas Crónicas, e constantes tradições, todas estas Imagens foram colocadas sobre estas quatro portas por mandado do piedoso Rei D. Afonso Henriques, quando ganhou esta Vila aos Mouros, à força do seu invencível braço, e dos seus valerosos Portugueses.

As outras quatro portas, que ajustam esta nossa conta de oito, não têm Ermidas por cima; é uma delas a que sai da calçada de Santiago, junto à que fechava o Castelo, que hoje chamamos Alcáçova. A outra é a que chamam a Porta do Sol, no mesmo Castelo; a qual fica sobre um eminente despenhadeiro que cai sobre o Tejo; e ali justiçavam os Mouros os seus criminosos, lançando-os no rio. Tem esta porta para a parte do Sul uma

estreita calçada muito empinada que desce ao lugar de Alfange, e por ela ser toda em voltas, como coisa colubrina, lhe deram os Árabes a este lugar o nome de Alhance, que era o mesmo que chamar-lhe Cobra; porque as pessoas que por esta calçada subiam para o Castelo, iam fazendo as voltas torcidas que faz a cobra quando anda: mas depois dos Mouros, corrupto o vocábulo de Alhance, ficou com o nome que tem hoje de Alfange. A outra porta é a que antigamente chamaram de S. Gens, por entrar por ela este Santo para pregar nesta Terra a verdadeira doutrina do Evangelho de Cristo, e há boas opiniões que dizem ali padeceu seu martírio no tempo dos Romanos, quando era sua colónia Santarém com o nome de Scalabicastros, e título de Praesidium Julium. Depois chamaram a esta porta o Postigo de Santo Estêvão, por ter a sua entrada para a Paroquial Igreja deste Santo, perdeu também este título com o do Santíssimo Milagre, depois de encerrar em si aquela maravilha dos milagres, a Hóstia consagrada, em a qual se vê visivelmente a Carne e Sangue de Cristo Senhor N. o que especificamente diremos em seu lugar, quando falarmos da dita Igreja. A outra porta, e última, é a que está fronteira ao Poente: não lhe achamos nome antigo e só em nossos tempos lhe chamam o Postigo de Dona Margarida; a qual senhora era mãe de Dona Francisca de Távora e Castro, casou com o primeiro Conde de Unhão Fernão Teles de Meneses da Silveira, e mulher de D. Martinho Afonso de Castro, Vice-Rei que foi da Índia. E por assistir esta senhora muitos anos em umas suas casas que estão junto àquela porta da Vila, lhe ficou o vulgo chamando o Postigo de Dona Margarida; que antigamente em todas as terras grandes que eram fechadas, era uso chamarem às portas Postigos.

CAPÍTULO III.

Em que se prossegue a mesma matéria do passado.

Encerram dentro em si os muros desta Vila (que é em cima no bairro a que dão o nome de Marvila) a principal, e maior parte do seu populoso; e tudo isto, que antigamente era fechado, se vê hoje por muitas partes que tem grandes aberturas: (poucas desculpas poderão ter os naturais, ou Governadores desta República, se os arguissem de tão grande descuido). Foram estes grandiosos muros, obra dos Romanos; e depois os Godos lhes deram novas forças com fortes baluartes. Os Mouros, que depois se seguiram a possuí-la com Abiecri Mouro destemido, e dela Governador, pelos anos do Nascimento de Cristo 1093, durando o domínio do seu governo trinta e quatro; terraplenaram as ante-muralhas, que olham para a parte do Poente, com o trabalho dos Cristãos cativos; aos quais mandavam carregar a terra às costas; levantando com o suor da Cristandade Lusitana eminentes atalaias, e fecharam barbacãs com ante-muros: que também por esta parte lhe ficou a Vila inexpugnável com a indústria humana, o que pelas outras era só próprio ornato da natureza, pelos côncavos vales que fazem formidável a eminência àquelas muralhas: pois são os despenhadeiros em semelhantes lugares, os primeiros defensores que naturalmente rebatem os assaltos aos inimigos.

Logra esta Vila de Santarém em si, por todo o seu circuito, treze Freguesias, e catorze Conventos: onze de Religiosos, e três de Freiras, que além de grandes palácios, e nobres famílias que nela há, o grande número de Eclesiásticos a faz mais ilustre, e grandiosa. No bairro de Marvila existem dentro dos muros oito Freguesias, e seis Conventos, cinco de Religiosos, e um de Religiosas Capuchas, as quais ainda não têm verdadeira clausura, e só estão sujeitas à Mesa da terceira Ordem do Patriarca S. Francisco dos Padres da Observância. Os cinco Conventos que são de Religiosos, é o primeiro o do Patriarca Santo Agostinho: o segundo dos PP. Arrábidos: o terceiro dos PP. Marianos: o quarto é o famoso Colégio dos PP. da Companhia: e o quinto o dos Descalços de S. Agostinho. Das oito Freguesias é a primeira a Colegiada de S. Maria de Alcáçova, Nossa Senhora de Marvila, S. Estêvão, o Salvador do Mundo; S. Nicolau, S. Martinho, S. Julião, e S. Lourenço. Estas Igrejas Paroquiais, e as dos Conventos, são as que existem dentro dos ditos muros do bairro de Marvila: e fora deste bairro, e dos seus muros, em que se compreendem os distritos da Ribeira, Alfange, e mais circuito da Vila pela parte de fora; estão situados mais oito Conventos que fazem a nossa conta de catorze. E principiando pela parte do Noroeste correndo para o Norte, o primeiro é o dos Padres Terceiros de S. Francisco: o segundo que logo se lhe segue é o das Religiosas Dominicas chamadas as Donas: o terceiro é o dos Padres Domínicos: o quarto o dos Padres da Santíssima Trindade: o quinto o de S. Francisco da Província Observante: o sexto é o Real Convento de Santa Clara: o sétimo, que fica para a parte do Nordeste é o dos Padres de S. Bento. E daqui para a parte do Norte pelos olivais dentro pouco mais de um quarto de légua, está um Colégio dos ditos Padres Terceiros de S. Francisco, com o título da gloriosa Santa Catarina Virgem, e Mártir. E com estes oito Conventos, que existem fora dos muros, e os seis que estão dentro deles, fazem o dito número de catorze. No distrito da Ribeira, e Alfange, que tudo é Santarém, em lugares apartados no andar do Tejo, existem as cinco Freguesias, que são as seguintes: S. Mateus, Santa Cruz, Santa Iria, Santiago, e S. João Evangelista em Alfange, que com as oito que estão dentro dos muros em Marvila são

treze Freguesias, Santarém logra em toda a sua grande Povoação. E de todas elas, e dos Conventos que estão situados nos seus distritos, quando chegarmos a seus lugares nesta escritura, daremos especiais notícias de tudo o que lhe tocar.

É favorecida esta Vila de ares salutíferos, porque no alto dela, que é a principal povoação em Marvila, está sempre gozando dos ventos, que mais se acomodam para a conservação da vida. E pela causa da mesma altura resulta à vista um agregado de delícias; pois olhando para a parte do Norte, se vê aquele deleitoso, e ameno vale, que chamam Assacaia, o qual principia na planície da Ribeira, na frescura da celebrada fonte de Palhais, de donde continua uma larga, e espaçosa estrada por espaço de meia légua, com a frondosa perspetiva de entrelaçados arvoredos, que na mesma estrada de uma, e outra parte correm parelhas, as frutas das árvores, com as verduras das hortas. Tem muitas fontes nativas, que com suas líquidas correntes todos os dias em sucessivas horas com suas cristalinas águas dão novo alento a todo o género de plantas, animando-lhe sempre a alma do seu vegetativo. Para a mesma parte do Norte, se continuam as vinhas de Alvisquer, que em todo o Verão é um ameno jardim para o agrado dos olhos, e delícia para o gosto, nas singulares uvas que a natureza daquela terra ali produz: é este território das vinhas em forma quadrangular, tendo por qualquer lado um quarto de légua; e entre pomares, e vinhas não se vê interpolação de alguma outra terra sem fruto, fazendo tudo a distância de quase uma légua.

Daqui para a parte do Oriente está o rossio, que os naturais desta Vila chamam de Alvisquer o vulgo, Campo de Santarém, o qual tem uma grande légua de comprido, e em algumas partes mais de meia de largo. Principia logo na mesma planície da ribeira a ponte de Palhais, e acaba ao pé do primeiro monte da boa vista, e barrocas da Rainha. É a sua terra admirável na produção das sementeiras: nela se dão gostosíssimos melões, e melancias, copiosos milhos, e todo o género de grão que se lhe lança, o torna a dar excelente. Do lugar de Alfange para a parte do Sul, junto ao Tejo, ainda menos de um quarto de légua, estão outros pomares, e hortas tudo fechado, a que chamam as Ómnias, que este nome mesmo declara bem o copioso do seu significado, pois tem em si com abundância, toda a variedade de admiráveis frutas, e hortaliças: fazendo uma coisa, e outra na vista de quem passa pelo rio, um bem concertado ramalhete de todas as flores.

Desta mesma estância das Ómnias, levando a vista para donde o Tejo encaminha sua corrente a Lisboa, se seguem as vinhas de Valada, e Galega, que tudo está místico, tem quase uma légua de comprido, e meia de largo, continuando-se as vinhas, e dilatados campos, em que se fazem grandiosíssimas searas. Para a parte do meio-dia, que corre quase de Norte a Sul, além do Tejo, se está vendo o grande campo, que chamam Monção, cuja dilatada campina parece que põe o último termo à vista, quando do mais alto da Vila se quer compreender a sua grandeza. Sempre estes fertilíssimos campos foram tão celebrados nas memórias das antiguidades, pela criação de todo o género de gados, e ligeireza dos seus cavalos, que deram motivo a dizerem alguns Escritores, que as éguas que neles se criavam, concebiam os filhos dos ventos. Mas o que alguns têm dito com mais acerto, e verdade, pois nós o temos visto com a experiência é, que basta o tempo de sete semanas para se lançarem nele as sementes, e colherem-se em perfeito grão. Também da parte do Poente, que corre do Sul ao Norte, se continuam logo da Vila inumeráveis olivais, que a cercam por toda esta parte, dilatando-se por outeiros, e vales; entre os quais estão situadas muitas hortas, e quintas de regados, com copiosos rendimentos, estendendo-se assim tudo isto, não só ao seu Termo, mas a toda a Comarca.

Livro I. Capítulo III.

São as armas desta nobre, e populosa Vila de Santarém, em escudo, uma torre com três baluartes em triângulo, sobre águas, e na porta da torre firmadas as reais quinas de Portugal. E para sabermos o grande número de pessoas, que hoje tem em si esta Vila, seria muito dificultoso dar-lhe conta certa; porém sabemos, e o temos averiguado pelos assentos dos livros de todos os Párocos, das confissões da Quaresma, neste ano de mil setecentos e trinta e seis, que tem só os bairros de Marvila, Ribeira, e Alfange, dois mil cento e vinte e dois vizinhos.

CAPÍTULO IV.

Como diversas Nações Senhorearam esta Vila de Santarém, e como foi tirada do poder dos Mouros por El-Rei D. Afonso Henriques.

Pelos anos do Mundo 2898, morto Abidis, houve um grande intervalo de tempo sem Rei na Lusitânia, que durou quatrocentos e quarenta e sete anos: sendo disto motivo aquela memorável seca, que causou tanta esterilidade em Portugal, e Castela, não chovendo vinte e seis anos. Principiou aos dois mil novecentos e sessenta e três. Com o nome de Esca Abidis, senhorearam esta terra várias nações do mundo, sendo a primeira (depois dos Godos) os Celtas de nação Franceses, que se misturaram com os mesmos Gregos, os quais com as memórias do seu Capitão Ulisses, e governo de Calipso, mal lhes parecia deixar um Reino, em o qual no seu princípio tiveram os seus antepassados tanta parte, vivendo como naturais dele. E porque os Celtas entraram na Lusitânia com grande poder nas armas, os Gregos por se não porem no perigo de perderem toda a Província, se conciliaram com eles vivendo todos juntos sem a incomodidade da guerra.

Foi a entrada dos Celtas na Lusitânia antes da vinda do Salvador do mundo 308 anos, e correndo os mesmos depois disto cento e vinte, os Fenícios entraram em Portugal, e não podendo debaixo de cavilação ardilosa senhorear Santarém, atravessaram as terras do Alentejo, continuando as do Algarve até ao Promontório Sacro, chamado hoje o Cabo de S. Vicente, pelo sagrado depósito que teve do corpo deste glorioso Santo Mártir. Porém os Celtas saindo de Santarém (que era a terra donde mais habitavam, por ser então como cabeça desta Monarquia, e donde havia a maior força) com as armas nas mãos, os não deixaram fazer muita assistência nestas Províncias; contentando-se os Fenícios só de levarem os ossos de Hércules, que naquele Promontório jaziam havia muitos anos, em grandioso sepulcro, levando-os para Cádis. Depois junto ao Nascimento de Cristo, os Romanos se fizeram, à força de armas, senhores da maior parte desta Lusitânia; Conquista a que veio em pessoa o Imperador Júlio César, que deu o nome a Santarém de *Praesidium Julium*, por assistir nela o mais do tempo que cá esteve. Este mesmo Imperador se honrou com ela quanto pôde, porque a fez Colónia, e Convento jurídico; dando aos seus moradores mais nobres os mesmos privilégios, que gozavam os primeiros, fidalgos Cidadãos de Roma: adiantando-os os outros Imperadores, que lhe sucederam, fazendo-os Munícipes, que era este título ainda de mais honra, pois lograram estes as maiores graças, e isenções que tinham as ilustríssimas famílias Romanas.

Nesta terra de Santarém se publicou primeiro, como cabeça, e a mais ilustre República de toda a Espanha, aquele bem sabido Edito do Imperador Augusto de que fala o Evangelista S. Lucas (instituído em Tarragona) sobre a descrição do Universo, em que mandava se registassem as pessoas cabeças de famílias, pagando certa moeda de prata, a qual de uma parte tinha um rosto de uma figura humana, e da outra um botão de rosa meio aberto. Acharam-se naquele tempo (pelas justas contas que se fizeram) dentro em Portugal, alistadas cinco milhões, seiscentas e oitenta mil pessoas, que eram cabeças de famílias; sendo então Corte, e dominante de tudo isto, esta nobre Vila de Santarém; e pelos anos de Cristo 400, entrou em Portugal Átaces Rei dos Alanos com poderoso

exército, e intentou senhorear Santarém, ou Esca Abidis (por ser então o seu próprio nome), mas como os Romanos a tinham já toda fechada com fortalecidos muros, retiraram-se depois de vários combates, conhecendo ultimamente o perigo da sua dificultosa empresa. Foram a Coimbra, (que antigamente foi no seu princípio edificada por Hércules filho de Osíris Rei do Egipto, e destruindo-lhe muita parte da sua povoação pela resistência que ali lhe fizeram os Romanos, tomaram posse dela por estes anos referidos: e o mesmo Rei Átaces a reedificou pondo-a quase no mesmo estado em que hoje vemos aquela Cidade. Passados mais alguns anos chegaram a esta Lusitânia os Suevos com seu Rei Hermenerico, trazendo exército poderosíssimo com grande número de Soldados valerosos, como se não houvesse no mundo fação de maior empenho para lustre das armas nas empresas militares, vieram a Santarém para a conquistarem aonde incessantemente por muitos dias a tiveram posta de sítio, porém desenganados já de conseguirem a sua expugnação, deixando esta empresa, encaminharam a sua marcha para Coimbra. E como invejosos de verem os Alanos senhores daquela Cidade (os quais a tinham senhoreado à força de armas) combateram-se uma, e outra nação tão excessivamente valerosos, sendo tão rigorosas as suas hostilidades, que só se acabou a contenda por meio do casamento de Cindazunda filha de Hermenerico com o Rei Átaces, ficando por estes desposórios todos em boa paz.

Até aqui não perdeu esta Vila de Santarém o seu primeiro nome de Esca Abidis: mas reinando já nela os Godos no tempo de el-Rei Recesvinto, correndo os anos depois de redimido o mundo 653, lhe chamaram estes Calabicastro, por diminutivo síncope de Escalabicastro. E o nome de Santarém com que hoje nomeamos esta Vila, se lhe deu depois de estar junto a ela no Tejo, o bem-aventurado corpo de Santa Iria, que foi o seu martírio nos últimos anos do reinado do mesmo Recesvinto na mesma era referida, como especialmente diremos em seu lugar; seguiu-se ser senhoreada dos Mouros, passando os anos do Nascimento do Salvador do mundo 715, depois dos Godos viverem nela mais de trezentos anos, e foi conquistada aos Bárbaros por D. Afonso Sexto Rei de Leão, no tempo em que seu Irmão D. Sancho, com pouca razão lhe tinha usurpado o Reino, o qual por sua morte se lhe restituiu, pois sempre era herdeiro da Coroa de Castela, e naquele tempo também de Portugal; entrando o seu poder nesta Vila a vinte e um de abril no ano de 1093, existindo nela a sua posse dezassete anos, porque no de 1110 a reduziu el-Rei Ciro ao seu domínio, pela infelicidade da falta de mantimentos, que oprimiam aos sitiados: e foi o mais poderoso exército que viram contra si os Espanhóis, ficando Santarém outra vez no poder do infiel jugo Mauritano.

Foi libertada num Sábado, oito de maio no ano de 1147, e não como alguns Escritores erradamente escreveram, fazendo ser o dia desta tomada de Santarém em setembro, quando se celebra a Festa da Dedicação de S. Miguel. Desta opinião errada foi um deles Estêvão de Garibay Cronista Casteliano, o qual diz, que el-Rei D. Afonso Henriques para ganhar Santarém, começou a jornada de Coimbra em maio, e acabou em setembro, sem declarar qual era a Festa de S. Miguel, se a que se faz a oito de maio do Aparecimento deste Anjo, ou a da sua Dedicação a vinte e nove de setembro. O que bem se está vendo ser isto apócrifo; porque todos os anos vemos, que a oito de maio vai o Senado desta Vila com Procissão à Ermida deste Anjo, que está em Alcáçova (obra do mesmo Rei D. Afonso Henriques) em cujo dia na mesma Ermida se prega um Sermão com as circunstâncias da maravilhosa vitória, que este venturoso Rei teve tomando neste dia esta Vila aos Mouros. E Duarte Nunes de Leão, Autor de crédito, pelo muito que indagou estas coisas, reprova o Autor referido, e mais alguns nossos Escritores: porque diz, que el-Rei partiu de Coimbra uma segunda-feira, que foram dois de maio, em que foi

dormir a Alfafar, e na terça foi dormir a Cornodellas, e na quarta à Aldeia das Pegas, e na quinta à Serra de Albardos, e na sexta-feira em amanhecendo foi à mata de Pernes, e à noite aos olivais de Santarém, e ao sábado de madrugada, que eram oito dias do mesmo mês, escalou, e tomou a Vila. Estas são as formais palavras deste Autor: e só onde entendo que se enganou, foi na conta dos dias, porque na segunda-feira em que el-Rei partiu de Coimbra, eram três do mesmo mês de maio, e não dois. Da mesma opinião pela nossa parte é o Licenciado Jorge Cardoso no seu Agiológio Lusitano: em o qual diz, que é falsa aquela memória de Alcobaça, alegada por Brito, e Brandão, e apurou a nossa verdade com uma testemunha tão certa, que a não achamos mais verdadeira, e é a cópia desta verdade umas letras, que estão abertas em pedras, e eu as tenho lido algumas vezes no frontispício da mesma Ermida em Alcáçova aos pés da estátua daquele Rei, que é feita também de pedra muito antiga, o qual letreiro é o seguinte:

> *El-Rei Dom Afonso Henriques, que esta terra tomou aos Mouros em dia de S. Miguel oito de maio de 1147.*

Neste dia referido, em que era chegado o ano de mil cento e quarenta e sete, chegou também com ele a felicidade de se ver Santarém libertada de tão pestífera seita, pelo invencível braço do nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, a quem já naquele tempo não era novidade estranha vencer as maiores empresas das armas, pelo aumento da Cristandade. E ainda que não seja coisa nova para os curiosos Leitores, que lerão nas difusas elegâncias de alguns Escritores, a gloriosa vitória que os Portugueses generosamente alcançaram na expugnação desta Vila, próprio é aqui da nossa História discorrermos com individual narração o sucesso desta maravilhosa empresa.

Depois que el-Rei restaurou a Cidade de Leiria do poder de Ismar poderoso Rei Mouro, como D. Afonso sempre andava desejoso de empregar seu esforçado ânimo, em fazer mais serviços a Deus, continuando guerra aos inimigos de nossa Santa Fé, para a estender em todas as terras de sua Conquista. Viu, que era Santarém, a que mais lhe levava os olhos, assim por ser naquele tempo a principal, e maior Povoação da Lusitânia, como pela sua fortaleza, que era quase inexpugnável, com as fortes muralhas, que toda a fechavam. Estando el-Rei em Coimbra com ansiosa ideia nestes pensamentos, comunicou-os aos Fidalgos do seu Conselho, por desabafar dos impulsos do coração um ânimo tão grande, que nele mesmo não cabia. Achou el-Rei nos Fidalgos razoáveis repugnâncias, pela perigosa dificuldade da empresa, mas não nos ânimos, e no devido respeito, como valerosos Portugueses, e fiéis Vassalos (porque neles sempre andaram de companhia o valor, e a obediência a seu Monarca) dizendo-lhe, que para tão fortificada Praça eram eles combatentes poucos, e os sitiados muitos em demasiado número. Além disto, que era a terra inexpugnável pelo assento em que estava, e ser fechada com tão fortes muros. Deram-lhe estas, e outras razões tão concludentes, que por algum tempo fizeram sossegar el-Rei dos intentos com que estava. Mas como os perpétuos assaltos, os Mouros de Santarém davam nas terras dos Portugueses, inquietaram a el-Rei de tal sorte o ânimo, deliberadamente se expôs a não dar conta das suas últimas resoluções aos que eram de parecer contrário, para o que fiado só no segredo, prudência, e ciência militar de Mem Moniz de Gandarei, neto de Egas Moniz, que foi Aio do mesmo Rei D. Afonso Henriques, o mandou para que da sua parte assentasse pazes com os Mouros de Santarém; e que por este caminho, visse por dentro com individual miudeza o lugar mais fácil por onde melhor se poderiam escalar os muros.

Livro I. Capítulo IV.

Com esta ordem foi Mem Moniz a Santarém ajustar pazes com os Mouros: registou com prudência toda a Praça, empregando a vista com especial reparo nos lugares menos dificultosos para o assalto; e voltando a Coimbra deu conta de tudo a el-Rei, dizendo-lhe com ânimo de esforçado Cavaleiro, que suposto a Praça era bem fechada com fortalecidos muros, maior fortaleza reconhecia ele na força, e valor dos Portugueses: e mais quando estes viam na companhia de seu Rei um braço tão acostumado a ser vencedor, que logo seus primeiros golpes eram verdadeiros anúncios de suas vitórias. E tanto lhe facilitou a entrada na Vila, que lhe deu sua palavra de ser ele o que havia de arvorar a sua real bandeira sobre os muros de Santarém e quebrar por dentro com suas próprias mãos as fechaduras das portas, porque abrindo-as, queria ter ele a glória de ser o primeiro, que nas mãos lhe entregasse o troféu da mesma vitória, tanto confiava em o natural esforço de seu Monarca. Muito estimou el-Rei estas notícias, sabendo, que não eram ditas por quem só lhe falasse à vontade, pois sempre tinha experimentado na pessoa de Mem Moniz juízo tão maduro, como o tinham mostrado os exemplos nos valerosos feitos das suas heroicas ações, em todas as ocasiões de guerra, que com ele se achara; mostrando sempre valor, e ciência para prever as mais acertadas disposições da guerra.

Passados alguns dias para estas determinações chamou el-Rei os principais da Corte à sua presença, Capitães destros nas armas, que ainda que poucos, seus generosos ânimos os faziam mais numerosos pelos multiplicados golpes que costumavam abrir com as suas espadas, em cujas folhas, com o sangue Mauritano, tantas vezes levaram nelas escritas as aclamações dos seus triunfos: e nesta ocasião se revestiram logo de umas resoluções tão uniformes, que de todos, o menos desejo, era o de venderem as vidas bem caras pela honra de Deus, e de seu Rei.

Destes valerosos Soldados, a maior parte era de Coimbra, pelo que refere Fr. Bernardo de Brito na sua *Crónica de Cister*, alegando o testemunho do mesmo Rei D. Afonso, a qual declaração diz que está no Real Convento de Alcobaça, no fim de um livro que tem as obras de S. Fulgêncio, de quem tirou tudo o que ali foi escrevendo. E estando el-Rei preparado daquilo que precisamente lhe era necessário, se partiu de Coimbra para Santarém sem estrépitos de guerra, levando consigo Fernão Peres e outros Fidalgos de sua casa com os de Coimbra e os Cavaleiros Templários; confiando muito nas orações de S. Teotónio, Prior que então era do Convento de Santa Cruz de Coimbra, com quem pouco tempo antes se tinha confessado. E porque não houvesse suspeita da sua determinação foi por caminhos que não eram seguidos: indo a primeira noite dormir a Alfafar e fazendo outra jornada a Dornelles, aí chegou D. Pedro Afonso (Irmão do mesmo Rei) que o tinha mandado chamar a entre o Douro e Minho, do qual festejou el-Rei muito a sua vinda, pelo grande amor que lhe tinha, e por ser esforçado Cavaleiro para uma empresa tão grande, como era a que já tinha entre mãos. Aqui em Dornelles deu el-Rei conta dos seus intentos a seu Irmão, e àqueles Fidalgos Portugueses que consigo trazia, fazendo com eles conselho, e assentaram que fosse um deles em nome de el-Rei D. Afonso levantar pazes aos Mouros de Santarém. E como era estilo, publicar-lhe guerra três dias antes de se dar princípio à batalha, por não parecer aleivosia; e pelo Manifesto do próprio Rei, diz Bernardo de Brito, que foi Martim Moab e mais dois companheiros àquela importante diligência.

Depois estando el-Rei no lugar de Aldeias, chegou Martim Moab e seus companheiros numa quarta-feira, que era a daquela própria semana em que partiram de Coimbra, já depois de declarar guerra aos Mouros; e na quinta-feira depois da meia-noite foram fazer alto na serra de Albardos. Aí ao romper da madrugada foi el-Rei praticando

com seu Irmão Dom Pedro, declarando-lhe bem a dificultosa empresa a que ia, intimando-lhe que só na Providência de Deus levava suas esperanças. Disse-lhe D. Pedro, que em França corria a fama universal dos milagres maravilhosos, que em semelhantes casos fazia o P. Fr. Bernardo Fundador de Claraval, os quais milagres ele vira uns, e ouvira outros: persuadindo-o muito que confiasse, e se encomendasse nos merecimentos daquele grande Servo de Deus, para alcançar o que tanto desejava.

Naquele mesmo lugar, a estas palavras de D. Pedro Afonso, com íntima devoção levantou el-Rei os olhos ao Céu, e com enternecidas vozes, fez soleníssimo voto a Deus, se pelos merecimentos daquele Servo S. Bernardo lhe desse a vitória de tomar Santarém aos Mouros; ele prometia fazer naquelas partes um Convento para a Ordem daquele mesmo Santo, e dar-lhe todas as terras que dali distam ao mar: com a segurança, que nem ele nem seus Sucessores as pudessem dar, nem dotar a outrem, sendo tudo sempre para o mesmo Convento, como com efeito assim o fez logo depois da vitória, dotando-lhe todo o referido. E foi isto aos seis dias do mês de maio, em quinta-feira, correndo os anos depois do Nascimento de Cristo de mil cento e quarenta e sete, como já fica declarado neste mesmo Capítulo. E partindo daqui el-Rei por caminhos ocultos, andou toda a noite seguinte até chegar ao alto do monte de Pernes, amanhecendo-lhe à sexta-feira neste mesmo monte. E porque se via já perto de Santarém, distância de três léguas (com pouca diferença), então descobriu a toda a sua Companhia o fim para que os levava com tanto segredo. E conformando-nos com o Manifesto, que o próprio Rei (depois de todo o sucedido) mandou escrever em Santa Cruz de Coimbra, referido já por Brito, que fica alegado, é sem dúvida (pelas mais notícias que temos) que neste mesmo monte junto ao lugar de Pernes, fez el-Rei uma prática aos seus Portugueses, digna de imortal memória, a qual com pouca diferença de palavras, foi na forma seguinte.

Bem sei companheiros meus, e leais Soldados Portugueses, que muito bem sabeis vós (à custa de vossos trabalhos) as mercês que de Deus temos recebido, nas grandes empresas de que pelo mesmo Senhor dos Exércitos temos triunfado contra os inimigos de nossa Santíssima Fé. É chegado o tempo, em que estamos quase à vista do obstáculo que provoca a nossa afronta. Há bem pouco tempo, que com vossos próprios olhos tendes visto os opróbrios que padece Coimbra (que de muitos de vós é pátria), vossas fazendas, e todo o meu Reino. Também bem sei (e vós o não ignorais) que de Santarém, em cuja Comarca estamos, sai a maior força dos Bárbaros, dando assaltos às nossas terras. Não cresça mais com a nossa paciência o seu atrevimento: e estas suas repetidas ousadias já passam a ser injurioso escândalo ao crédito de nossas vitórias. Para remédio de tais insultos, podia eu convocar todas as forças de meu Exército, e tenho por certeza me ofereceriam os meus Soldados as vidas até as entregarem à morte. A maior parte deste Reino de Portugal já é filho de nossos triunfos, criado o temos já para nós no seu primeiro berço, sustentemo-lo sem descuido com as mãos nas espadas, para que os nossos vindouros o logrem robusto, que ele em todo o tempo nos fará credores das mais ilustres memórias. Para esta heroica empresa não quis eu escolher outros mais que a vós; pois das vossas pessoas a experiência me tem mostrado que correm uniformes parelhas, a lealdade e o valor, e por isso só de vós, mais que de outrem, fio meus pensamentos, como daqueles que muito desejam tomar à sua conta entrarem nos maiores perigos por defenderem a minha honra. Crede-me meus valerosos Soldados, que tão fácil me parece a empresa, que na vossa companhia determino começar, que pela tardança do dia seguinte se me representam os dias anos, e os minutos dilatadas horas, desejando reduzir tudo a um breve momento, pelo excessivo gosto que me acompanha esta alma, quando reconheço em vossos generosos peitos estarem (neste particular) os desejos tão vivos

como os meus; e espero com firmeza executá-los, como se me vira já triunfante no meio de Santarém. Confesso-vos valerosos companheiros, que sem dúvida creio, que há muitos tempos anda a fortuna buscando ocasiões de nos fazer mais famosos, e a ventura próspera chegando-nos a maiores honras. Não duvido, que a desigualdade que há de Mouros naquela Praça, aos Portugueses que aqui estamos, é grande, porém aqui não se deve avaliar o partido pelo número, mas sim pelo valor, pela disciplina, e pela virtude. maior poder é o nosso, que o daqueles inimigos, pois contra eles também pelejam os reflexos do pretérito, na fama de nossas executadas vitórias. E mais, que dificuldade poderá haver em tirarmos as vidas àqueles infiéis, a quem o pesado sono da noite lhes terá sepultado o acordo, para que com grande confusão, sem a prontidão das armas se não possam reparar dos nossos golpes. Entre estas lembranças que vos faço, a que mais encarecidamente vos encomendo é, que não perdoeis a nenhum estado, nem a qualquer idade; cortem vossas espadas tenras idades, florescentes e carregados anos, de um e outro sexo, ainda que peçam misericórdia a vossos braços vitoriosos. Revistam-se esses corações de ferezas, pelo aumento da Cristandade: e porque temos a Deus da nossa parte, qualquer de vós poderá vencer, e desbaratar grande número de seus contrários. De hoje por diante, creio sem dúvida, se estão fazendo conventuais deprecações no Convento de Santa Cruz, a cujos Cónegos descobri, antes da minha partida, os intentos em que estou. E também entendo que o mesmo se está fazendo em Conventos mais remotos, e assim o Eclesiástico, como o Povo Católico, todo roga por nós ao Senhor. Pelejai, pelejai, animosos Soldados, pela liberdade, e quietação de vossos filhos, e netos, que igualmente com cada um de vós me haveis de achar sempre o primeiro nos maiores perigos: e não poderá haver alguém, que por caminho algum me possa apartar, nem em vida, nem em morte de vossa companhia.

Com grande atenção, e silêncio foi ouvida de todos os Soldados esta prática de el-Rei; e ainda que todos mostrassem sumo gosto de entrarem na empresa, e se oferecessem com especial alvoroço a cumprirem todo o Régio mandado com deprecadas razões: acordaram a el-Rei quanto mal acertado lhe parecia, entrar sua Real Pessoa no conflito da batalha, pelo arriscado perigo a que se expunha, rogando-lhe com obedientes termos, que ficasse onde melhor conveniente fosse, e os deixasse a eles ir com seu Irmão D. Pedro, que sem se afastarem um átomo dos seus preceitos fariam o que pelo seu Rei lhe era encomendado; porque se fosse adversa a fortuna com ele e se perdessem, ficando sem as vidas, não se perderia muito. Porém que correndo perigo a Pessoa Real, era universal a perda, e para eles ficaria uma perpétua infâmia. Agradecendo el-Rei quanto impossível este amor, lhes disse com último desengano, que certamente não determinava sair de Santarém vivo, se a não deixasse por sua. Certificados da sua real vontade, sem se pronunciarem mais razões, começaram logo aqueles leais Portugueses com animoso cuidado a dispor tudo o que convinha para a tal expugnação: aos quais mandou el-Rei, que naquele mesmo dia de sexta-feira, se fizessem doze escadas. E para tudo se acertar com boa direção, deu por ordem se escolhessem cento e vinte Soldados: para que na subida para os muros, coubessem dez a cada uma, porque ao mesmo tempo que o primeiro subisse, se achassem logo em cima do muro nove com ele, e que continuassem a subir os mais. E que no mais alto dos muros arvorassem com presteza a sua bandeira, para que com a vista dela, se acrescentasse aos combatentes a fortaleza do ânimo, e aos inimigos serviria de espelho pavoroso, para diminuir a confiança na confusão da defesa.

CAPÍTULO V.

Como a El-Rei D. Afonso Henriques, e aos seus Portugueses lhe apareceram alguns sinais, que se entende ser aviso do Céu para animar os corações dos Cristãos na batalha. E de como o mesmo Rei entrou, e venceu, tomando esta terra de Santarém aos Mouros.

Determinado o que fica dito neste Capítulo passado, El-Rei com os seus Portugueses dispuseram tudo o que convinha com boa ordem para a jornada, deixando a bagagem com os criados embrenhados na mata de Pernes: e na mesma sexta-feira montando todos em seus cavalos, chegaram aos olivais de Santarém, tendo já vencido muita parte da noite; e pelo maior curso das horas da mesma noite, se chegaram mais perto da Vila à parte do Norte, por baixo donde hoje está um Convento do Patriarca S. Bento, que fica agora esta baixa por cima do princípio das hortas de Alfange. Dali estando quietos, ouviam as velas, ou vigias dos Mouros, quando uns a outros falavam. Neste lugar estiveram os Portugueses apeados a maior parte da noite, com os cavalos pelas rédeas, praticando com vozes baixas, recebendo de seu Rei as ordens do que haviam de fazer. A estas horas, que já eram próximas vésperas ao tempo do que se intentava executar naquela empresa; segundo podemos entender, quis Deus Senhor Nosso que esta terra, que até então era domicílio de Bárbaros, e que tanta opressão davam à Igreja Católica, ficasse dali para sempre sendo fiel depositária de tantas maravilhas da graça, quantas são as relíquias milagrosas, que em si encerra: foi servido o mesmo Senhor, animar os Cristãos para vencerem, com um prodigioso sinal que lhes mostrou no Céu, o qual se viu então na forma que aqui diremos.

Estando (assim como está dito) os Portugueses naquele lugar, viram, que de repente apareceu no ar um estranho sinal, com a forma de uma estrela muito inflamada, desigual às mais na grandeza: a qual por um grande espaço de tempo esteve parada, alumiando muita parte da terra; e sem acelerado curso, foi caminhando vagarosa da parte do Noroeste, seguindo a carreira para o Tejo contra o mar, até que a perderam de vista. Era este sinal tão extraordinário pelas suas circunstâncias, que claramente se via não ser acaso, e coisa ordinária, mas sim demonstração do Céu, mandada pela Divina Providência, a favor do próspero fim que naquela empresa havia a Cristandade alcançar contra a maldita seita daqueles Bárbaros: que por este conhecimento, logo El-Rei D. Afonso assim o persuadiu aos seus, dizendo: Avante, soldados, e companheiros meus, não haja quem se acovarde, o Céu nos avisa com estes prognósticos, de ser com a Divina graça, nossa a vitória. Porém não foi este sinal, para os Mouros presságio dos seus infortúnios, e por onde prognosticassem suas desventuras; porque no mesmo dia em que El-Rei D. Afonso lhes mandou quebrar as pazes, que foram três dias antes do sábado, na quarta-feira, a horas do meio-dia, apareceu em Santarém no ar, um espantoso cometa tão formidável à vista, que a sua figura era uma horrendíssima Serpente, formada à feição de um touro, o qual desde a cabeça até ao fim da cauda lançava de si labaredas de ardente fogo, tão medonhas, e tristes, que causou grande pasmo aos Mouros de Santarém, quebrando-lhes os ânimos de atemorizados; porque os mais sábios deles, em seus agouros fizeram daquilo prognósticos, de que teria aquela terra novo Rei, que a havia de governar com outras leis muito dessemelhantes das que até então tinham, dividindo-se cada hora

uns, e outros em vários pareceres. Mas enquanto os Mouros se ocupam em fazer este prognóstico, tornemos ao lugar adonde deixámos o nosso Rei, que aí está esperando que a noite desça para o quarto da Alva, tempo em que o sono costuma ser mais pesado aos sentidos dos mortais.

Partiu dali El-Rei com os seus Soldados, deixando os criados com cavalos naquele lugar. Cruzaram a pé o caminho do olival de Montirás, e descendo ao vale, que fica entre a calçada de S. Clara, e a da Atamarma, foram pelo vale acima com grande silêncio, indo adiante Mem Moniz, que muito bem sabia as melhores paragens para a entrada, e logo El-Rei seguindo-lhe os passos. Porém aqui se lhe desvaneceu (por seu bom acordo) o fio que levavam direito ao lugar do muro a que queriam subir: pois aí viram duas velas em teatros feitos de novo; os quais vigias se estavam espertando um ao outro; e viram mais, que a ronda dos Mouros andava por cima do muro, requerendo às velas que não dormissem, e que vigiassem. Os Portugueses se deixaram estar quietos, lançados de bruços em terra, entre uma seara de pão que ali estava, até entenderem, que as vigias todas estariam dormindo.

Depois disto, a pouco espaço de tempo, abalou Mem Moniz com os que o seguiam, indo muito pesaroso do que tinha visto, e ouvido. Chegou-se ao pé da muralha (que suposto os exames que tenho feito para escrever a certeza deste lugar, foi entre a porta da Atamarma, e a subida das figueiras, junto adonde hoje estão umas casas de João Palha Botelho na Mouraria.) E trepando Mem Moniz por um telhado de um oleiro, que estava contíguo à muralha, passou à mesma muralha a encaminhar uma escada sobre uma haste dela. E como a escada se não susteve bem no muro, correu pela haste abaixo, e deu naquele telhado fazendo um grande estrondo, que por este grande rumor cuidaram os nossos serem sentidos das velas. Abaixou-se Mem Moniz, escutando se ouvia dentro algum ruído, e não o sentindo, fez que se pusesse a escada aos ombros de um soldado, moço robusto, que estava ali em baixo com os mais, do qual não achamos notícia certa do seu nome, que o merecia ter grande na perpetuidade dos séculos; mas fazendo-se bom discurso nesta matéria, seria aquele soldado, a quem Fr. Bernardo de Brito chama Mogeime; do qual diz, que foi o primeiro que subiu pela escada, tendo-a primeiro Mem Moniz aos ombros: porém entendo se devia aqui enganar este grande Escritor, ou fez pouca diligência por apurar desta circunstância a verdade; porque Duarte Nunes de Leão neste ponto diz: que Mem Moniz fez assentar um mancebo, em o qual por cima dele pôs a escada mais entregue ao muro, e logo que por ela subiu levantou a bandeira real, subindo ao mesmo tempo mais dois, seguindo-se depois os mais. Do que se pode entender, que este soldado, a quem estes Autores nomeiam por mancebo, e Fr. Bernardo o gaba de robusto entre os outros Portugueses, sempre se deve inferir, que como mais forçoso, firmou a escada em seus ombros para os mais subirem, e se dar princípio a tão grande façanha, foi o tal Mogeime.

Estando nesta forma a escada na própria altura do muro, tanto que por ela subiu Mem Moniz, e pôs seus pés firmes em a muralha, com os dois mais que o seguiram, levantou a bandeira real: a este tempo que estavam em cima sós estes três, acordaram as velas, perguntando uma delas (ainda com voz dormente) quem eram os que ali estavam: Mem Moniz lhe respondeu na língua Arábica, que ele era dos que andavam rondando, que lhe falasse ali fora pois era coisa de importância: o Mouro desceu mais abaixo ao muro, logo Mem Moniz com muita pressa o matou, e cortando-lhe a cabeça a lançou em baixo aos nossos para testemunha verdadeira do bom sucesso, que esperavam. Neste tempo a outra vela, que reconheceu eram Cristãos os que aquilo faziam, em altas vozes

começou a bradar dizendo: Nacerani, Nacerani, que é o mesmo que dizer: Cristãos, Cristãos; e quando já em cima estavam dez, acudiram correndo, os Mouros da ronda àquelas alteradas vozes, e topando com os nossos, aí de parte a parte, com as espadas nas mãos houve rigorosa peleja. Mem Moniz de cima pelejando, valerosamente animava aos seus, invocando com grande voz o nosso Protector San-Tiago, dizendo: Socorro, socorro, morram estes infiéis, que aqui está El-Rei D. Afonso. El-Rei cá em baixo ao pé da muralha bradando, dizia aos de cima: valor Portugueses, matem, matem, todos à espada, que já chegou a total ruína desses inimigos da Santíssima Fé de meu Senhor JESUS Cristo; cortai sem piedade, ânimo, aqui está o vosso Rei D. Afonso; San-Tiago Patrão do povo Católico, Virgem MARIA advogada nossa, socorrei aos vossos Cristãos.

Nesta ocasião já era muito grande o confuso estrondo da vozeria, com os ecos dos gritos que os Mouros articulavam, os quais ainda embaraçados da prisão do sono, sem os urgentes reparos dos vestidos, se achavam em maiores confusões. Ali logo sentiram os inimigos o horror do maior espetáculo; porque por duas escadas subiam cada vez mais dos nossos, que punham em terra a fio de cutelo, quantos Mouros lhe caíam nas mãos. E como El-Rei viu de fora tão grande revolta, para socorrer com prontidão aos que estavam dentro, e não pudessem os Mouros sair com cilada por outra banda; mandou a seu Irmão D. Pedro Afonso, com os que lhe cabiam, à volta para a parte do Poente, e que ocupassem a porta de Leiria, pois aí não eram os muros tão fortes por natureza, mas só pela indústria (como já fica dito no Capítulo segundo da descrição desta terra.) A Gonçalo Gonçalves mandou, que fosse para a mão esquerda com os seus ocupar a porta da Atamarma: e porque via que era lugar de mais pendor, e perigo, foi o próprio Rei logo para ali, levando a gente que ficava com ele. Mas de dentro o sempre valeroso Mem Moniz, lembrando-se da promessa que tinha feito em Coimbra a El-Rei, de lhe abrir por dentro as portas daquela Praça, acudiu a elas, e mais cinco companheiros, fazendo todo o possível por lhe quebrar as fechaduras, o que finalmente fez com um machado, ou maço de ferro que lhe lançaram de fora. Aberta a porta, entrou El-Rei com os seus Soldados; e ali já de dentro, pôs logo os joelhos em terra, e as mãos levantadas ao Céu, deprecou com uma breve oração à Divina Omnipotência, para do mesmo Deus alcançar mais glorioso troféu, e o fim da vitória, pois assim o entendia já daquele bom princípio: e levantando-se, empunhou a espada, dizendo aos seus: Eia valerosos soldados Portugueses, não fique Mouro com vida; aqui tendes o vosso Rei, e companheiro, não só para testemunha das façanhas que nesta ocasião obrarem, mas para exemplo do muito que estais obrigados a executar contra os inimigos da Igreja.

Ditas estas palavras com que mais se revestiu o ânimo nos corações dos Portugueses, acudiu logo El-Rei à Praça da Vila, adonde ouvia grandes gritos, que os Mouros davam, confundidos com os estrondos das armas; aí achou seu Irmão D. Pedro, executando portentosas maravilhas de valor, com um esquadrão de Mouros; e chegando El-Rei aos contrários pela retaguarda, fizeram neles terrível carniceria, com assombroso estrago: distinguindo-se sempre o real impulso daquela invencível espada tantas vezes banhada no sangue Agareno; que das suas inauditas proezas ficarão sempre as nossas memórias (com admiração) sufocando a lembrança de outro qualquer herói, a quanto lhe podia publicar o mais alto clarim da fama. Neste confuso terrível labirinto, só se ouviam lamentos em desentoadas vozes; via-se a terra tinta de sangue, e juncada de corpos já cadáveres, que cortavam as espadas Portuguesas: acrescentando a este horroroso estrago, maior terror as trevas da noite; as quais revolviam em súbitas aflições no juízo dos Mouros indiferentes pensamentos, para a determinação de algum acerto.

Neste conflito, os Mouros mais nobres (que só já tratavam de salvar as vidas) vendo-se no fim de suas prosperidades, e talvez entendendo se lhe cumpria ali o prognóstico de ter Santarém novo Príncipe, se foram retirando a toda a pressa para o forte de Alfange; que não seria dificultoso escaparem naquela ocasião, fortificando-se nele, se El-Rei D. Afonso, que com o pensamento lançava os olhos a tudo o que convinha, lhe não seguira os passos com tanta pressa, que juntamente com eles se meteu pela porta da fortaleza, levando consigo D. Pedro seu Irmão, Gonçalo Gonçalves, D. Pedro Paes, seu Alferes-mor, e D. Gonçalo de Souza. Os quais com os fios dos luzentes ferros cortavam sem temor aquelas bárbaras vidas. E para que dali não saíssem alguns com elas, ou fossem socorridos de fora, sempre guardavam os nossos a porta. Porém como os Mouros eram muitos, não há dúvida que corria El-Rei perigo, se lhe não acudisse Lourenço Viegas com bastantes Soldados, que com a entrada deles se acabou aquela peleja, deixando a fortaleza privada de defensores, e só ocupada de corpos mortos, submergidos, e sepultados em o mar de seu próprio sangue.

A este mesmo tempo andava Mem Moniz, que muito bem sabia nesta terra para donde havia de encaminhar os passos, com sessenta Soldados seus companheiros, fazendo estranhas proezas em armas; pois entrando pelas maiores casas da terra, com a espada levava as vidas, a quantas criaturas se lhe opunham à vista. O Alcaide Abzechri Governador até ali desta Vila, vendo-se já sem esperanças de a poder defender, espavorido com grande mágoa do lastimoso estrago, com que sentia acabar os seus defensores, tratou de salvar a vida, na ligeireza de um cavalo; levando consigo uns poucos de Mouros nobres, com os quais saiu com cautela, correndo pelo Postigo de Santo Estêvão; que conforme as tradições antigas, este foi o motivo dos nossos ficarem chamando a esta porta o Postigo da Carreira: e fugindo a toda a pressa, encaminhou os ligeiros passos para Sevilha, adonde estava o seu Rei Mouro chamado Albaraque, o qual estando na torre que chamam do Ouro, ou para divertir-se na espaçosa vista dos campos, que dali se descobrem, ou por esperar cuidadoso, algum mau ou bom aviso que lhe pudesse vir de Santarém; viu que ao longe vinham uns poucos de Cavaleiros, como a quem ainda o medo da mesma morte lhe dava asas para escaparem com vidas pela pressa com que corriam. Disse logo o Rei para uns Mouros graves que com ele estavam, que se lhe assustava o coração parecendo-lhe que era aquele Abzechri Alcaide de Santarém, o qual deixaria a terra perdida, ou quase em termos de se render aos Cristãos: e para fazer juízo de qual destas coisas poderia ser, disse, que se ao passar de um rio, que naquele caminho estava, dessem de beber aos cavalos em que vinham montados, era um sinal certo de ficar Santarém pelos Portugueses, porém se passassem o rio correndo, não lhe faria dúvida que vinham pedir socorro. E porque chegados os Cavaleiros ao rio deram de beber aos Cavalos, ficando ali detidos, logo El-Rei se retirou da torre, e se foi lamentar a sua desgraça, como quem perdia muito em uma Praça de tanta importância.

E porque o mais que aqui se passou em Sevilha já será exceder o preceito da nossa História, deixemos a Albaraque em Sevilha tomando o seu nojo, e tornemos a Santarém, adonde o nosso vitorioso Rei D. Afonso Henriques, e seus valerosos Portugueses (com imperiosos semblantes) pisam as ruas de Escalabicastro por cima dos bárbaros corpos já sem vidas, quando a aurora do dia lhe fazia mais patente aos olhos, no estrago daqueles cadáveres as aclamações triunfantes, que gloriosamente mereceram pelo heroico impulso de seus invencíveis braços: ficando logo o nosso invicto El-Rei senhor da terra, e consumada a vitória pela Cristandade, do que todos ali davam graças a Deus Senhor dos exércitos, pela estranha mercê que lhes fizera, pois ainda não acabavam de crer a portentosa façanha a que tinham dado fim por suas próprias mãos. E como se a cada um

por si só, lhe coubera a honra daquela vitoriosa empresa, saudando-se uns a outros, pois não perderam um só Soldado, se davam os parabéns, desafogando em abraços o grande golfo, e alegria que sentiam em seus corações.

CAPÍTULO VI.

De como Albaraque Rei Mouro, intentou restaurar esta Vila de Santarém, querendo-a pôr de sítio com grande exército: como os Mouros foram desbaratados pelos Portugueses de El-Rei D. Afonso Henriques. E como o mesmo Rei por esta vitória deu princípio a instituir a Cavalaria da Ala.

Depois da maravilhosa vitória que disse no Capítulo que acabámos de escrever, passados dezoito anos, tendo El-Rei D. Afonso Henriques oitenta e seis de idade, estando em Santarém em tranquilidade serena; pois esta idade lhe não dava já tanto lugar a inquietar os Mouros, como o fazia nos verdes anos da sua mocidade: e pela razão de ter maltratada uma perna não podia montar a cavalo (como em seu lugar tocaremos,) Albaraque Rei de Sevilha, entendendo que o tempo lhe mostrava próspera a ocasião de tomar vingança das muitas destruições que nas suas terras lhe tinham feito os Portugueses; veio com um numeroso exército de Mouros Africanos, e Andaluzes, fazendo grande estrago pelas terras do Alentejo, pondo a ferro, e fogo quanto achavam nos campos, e povoados, não perdoando a coisa viva. Chegaram estas notícias a Santarém, que as traziam os que encomendando as vidas aos pés fugiam à morte. Disto entendeu El-Rei D. Afonso, que aqueles inimigos depois de fazerem os danosos insultos nas nossas terras, se tornariam a recolher nas suas. Mandou pôr em marcial forma os seus Soldados para o socorro, e defesa dos seus povos, que impedissem a liberdade aos Mouros, os quais como olharam sempre com temor as armas Portuguesas (bem à custa do seu dano) lhes não deixasse liberdade para mais ousadias. Porém deste pensamento o desvaneceu outra notícia, que agravou mais o cuidado de El-Rei D. Afonso, e era a nova do excessivo número de Bárbaros; os quais vinham cobrindo os campos com acelerado passo, fazendo-se na volta de Santarém, para que dentro na Vila tomassem a El-Rei desapercebido do repentino assalto, achando-o sem gente de guerra, nem mantimentos que bastassem para perseverarem dentro os Portugueses constantes na defesa, a todo o tempo do cerco; constrangendo assim a D. Afonso a dar-se por vencido, ou a vencê-lo à força das armas Mauritanas.

Vendo El-Rei pela evidente certeza destas notícias, que os Mouros já estimavam em tão pouco o seu temeroso respeito, que chegavam a pôr-lhe cerco no centro do seu Reino; convertendo esta mágoa em briosa cólera, mandou a Lourenço Viegas, fidalgo ilustre, destemido nas armas, e cientíssimo no Militar, que com toda a gente de cavalo que lhe parecesse, se pusesse em campo fora dos muros da Vila, e que com boa disposição impedisse aos Mouros fazerem o arraial junto a Santarém, mas em tanta distância, que ficasse bastante campo para se dar batalha, e se formar exército com largueza, que supostas as diligências que fiz nesta terra pelas tradições antigas, foi este lugar donde se deu o primeiro choque, no rocio de Alvisquer, aonde hoje chamam os Valadinhos. Lourenço Viegas logo com brevíssima prontidão fez montar a cavalo noventa destemidos Soldados; e levou juntamente mil e oitocentos Infantes, sendo os mais deles besteiros. E quando saiu da Vila, deixou um recado ao famoso Mem Moniz seu Irmão, o qual era

Capitão da guarda de El-Rei, que se de cima da Vila o visse em grande perigo, o socorresse com um terço de Soldados de cavalo.

Saiu Lourenço Viegas com a gente referida, e foi-se pôr de emboscada dentro em uns olivais, junto a donde agora se veem os pomares da Assacai à parte do Norte, esperando que chegassem os inimigos.

Chegados os primeiros batalhões dos Mouros, os investiu com tanta fúria Lourenço Viegas ferindo-os com tão grandes golpes, que logo a vanguarda dos inimigos foi desbaratada: e houve tal revolta neles de temor, que entendendo vir El-Rei D. Afonso com mais exército, se puseram por bastante terra em retirada, ficando na realidade já os nossos, senhores da vitória. A este tempo reparou Albaraque na pouca gente Portuguesa que lhe ia dando caça com toda a força, virando-se adiante dos seus, com palavras injuriosas os descompôs, e requereu em tal forma, que os precisou a voltarem sobre os nossos, todos os Bárbaros daquele exército, com tal ímpeto, que Lourenço Viegas se foi pausadamente retirando com brioso concerto, trazendo sempre a vanguarda com o rosto à dos contrários; e pelejando com boa ordem se foi recolhendo pelo meio da nossa infantaria, que para isso se lhe abriu em dois lados, e depois se tornou logo a fechar, disparando os mesmos Infantes sobre os inimigos um chuveiro de setas tão rijamente, que bastou para lhe rebater a fúria, e não seguirem os nossos de cavalo. Neste tempo El-Rei Albaraque que viu parar a sua vanguarda, e que esta temeu a tão pouco número de Cristãos, apertando as esporas ao cavalo, como desesperado, se meteu pela nossa vanguarda, caindo com tal ímpeto sobre os nossos, que o valoroso Capitão Viegas, prevendo alguma sua desgraça, mandou tocar a recolher, indo-se chegando para o pé da Vila com a glória (que não foi pouca) de não perder um só Soldado; deixando no campo muitos dos inimigos sem vidas, e trazendo consigo cativos vinte e dois Mouros.

Já Lourenço Viegas entrava em Santarém, quando se encontrou com seu Irmão Mem Moniz, que vinha em seu socorro, com um esquadrão de gentis, e valorosos Soldados. Não quis Lourenço Viegas deixar de experimentar as novas forças que lhe engrossava o seu partido, como quem ainda estava sequioso de embeber mais a espada no sangue Mauritano: e voltando ao campo, esteve frente aos Mouros até à noite, sem estes se determinarem sair-lhe a combate; e vendo que não lhe saíam, nem ocupavam o campo que o nosso Rei queria para a batalha, entrou pela Vila dentro tão cheio de merecimentos, como invejado pelos heroicos progressos de suas ações. El-Rei o recebeu com o louvor que lhe devia, e tão excessivamente honroso, como quem já não tinha com que lhe fazer mais mercês. E como nas valorosas ações de Lourenço Viegas visse El-Rei que tinha sossego o seu ânimo, e os Soldados exemplo, o fez Mestre de Campo General do seu Exército, porque o seu merecimento já não cabia em outro qualquer posto: pois ele (Rei) pela sua idade, e por não estar já em termos de montar a cavalo depois que em Badajoz foi prisioneiro pelas mãos de seu genro El-Rei de Leão D. Fernando, e ter aí quebrado uma perna (desgraça por donde lhe veio a prisão). E por não dar motivo a quebrar o juramento que então fizera de ir às suas Cortes de Castela, estando capaz de montar a cavalo, não podia aqui fazer o que em outras batalhas costumava.

Ao dia seguinte apareceu Albaraque com o seu exército acampado contra a parte Ocidental, fronteiro ao Tejo, adonde fez grande perda nas vinhas, olivais, e pomares, arrancando-lhe as árvores para fazer melhor terrapleno ao seu arraial, e ficar livre de algumas emboscadas: mas não lhe bastou esta indústria, para que os nossos de noite lhe não arrancassem umas poucas de bandeiras que tinham arvoradas, com perda de muitos

Mouros que ficaram mortos, metendo-as pelos muros dentro, para que os Bárbaros bem conhecessem que em todas as horas triunfavam as armas Portuguesas: ainda que todas estas perdas eram pequenas medindo-se pelo grande número de Mouros que o exército inimigo trazia. Com vários, e duvidosos pensamentos estava o nosso Rei D. Afonso, vacilante nas ordens que havia de dar para tão importante fação; pois por uma parte se via cercado com um tão grande exército, como era o daquele Bárbaro inimigo; e por outra, reconhecia o pouco número de gente de guerra que tinha, para em campo aberto dar batalha aos Mouros: quando lhe chegou um aviso, que vinha caminhando com grande pressa pelas terras do Alentejo seu genro El-Rei de Leão D. Fernando trazendo poderoso exército Castelhano, e fazendo-se na volta de Santarém. Entendeu D. Afonso, que como não tinha cumprido o juramento que fez de ir às suas Cortes reconhecendo-lhe vassalagem, se viria vingar dele, ajudando-se com os Mouros; e fazendo no juízo ser certo este discurso, se determinou dar logo batalha aos Mouros com essa pouca gente que tinha, antes que o exército Leonês chegasse a unir-se com o Mauritano. Albaraque presumindo vir El-Rei de Leão em favor dos Cristãos, sabendo já que El-Rei D. Afonso sem demora alguma lhe dava batalha, também com alvoroço se apressou para o mesmo, tendo por certo ser sua a vitória.

Logo, aquela noite seguinte, mandou El-Rei pôr em boa ordem todas as coisas que tocavam à boa disposição da guerra e recolhido em uma sua Capela, prostrado diante de uma Imagem do Arcanjo S. Miguel, lhe rogou com copiosas lágrimas, pedindo-lhe, e dizendo-lhe, que por sua intercessão esperava lhe alcançasse da Misericórdia Divina a vitória contra seus inimigos. Ao outro dia logo que amanheceu, confessou-se, comungou o Diviníssimo SACRAMENTO da Eucaristia; e soando já os guerreiros instrumentos, mandou abrir as portas da Vila, por donde logo saiu Lourenço Viegas, levando a vanguarda; seguindo-se a ela Mem Moniz com o mais grosso do exército: e ultimamente na retaguarda o Magnânimo Rei D. Afonso, acompanhado dos melhores Cavaleiros, e principal nobreza do seu Reino. Ia o venerando Rei sobre um carro, pelo qual tiravam dois soberbos, e formosos cavalos, guarnecido todo o carro das melhores armas que inventaram as leis de Minerva para os horrores de Marte, e as ferocidades de Belona; entre as quais iam aquelas veneráveis cãs com tão alegre aspeto, como quem já entrava triunfando, porque já saía a batalhar; comunicando assim aos ânimos Portugueses tanta confiança nos progressos das armas, que o melhor Soldado tinha por mais grato partido fazer menos caso da vida, empenhando-a pela vitória de seu Monarca.

Desceu o nosso exército ao campo, fazendo-se tão senhor dele, que mais parecia patentear ao inimigo o desprezo de vencê-lo, que na incerteza da vitória com receio respeitá-lo. Os Bárbaros vendo no concerto dos Cristãos o ânimo com que para eles caminhavam, destacaram saindo-lhe ao encontro; e batendo-se ambas as vanguardas, deram princípio à mais assombrosa peleja, que em Espanha até ali viram os homens. Os Mouros com o valor na confiança de se verem com excessivo número dos seus, investiam com confiada ousadia: os nossos porque eram poucos, multiplicavam no sobejo dos golpes, a parte que lhe faltava no número das espadas: estando de uma, e outra parte nesta terrível contenda, em grande dúvida o vencimento. Porém como se foi prolongando o tempo da batalha, vendo-se aqueles inimigos quase desbaratados pelos Cristãos, puxaram por outro esquadrão que tinham de reserva, introduzindo-o de socorro. O famoso Mem Moniz, que alerta estava vendo estas coisas, abalou para ele com o grosso do nosso exército, fazendo tão venturosa impressão nos inimigos, que El-Rei Albaraque se precisou a aventurar sua pessoa, pelejando a todo o perigo: e como era valente Capitão, e os Mouros que com ele estavam a melhor gente do seu exército, pôs em grande opressão

aos Portugueses, que quase lhe ia descompondo a forma, e impedindo-lhe o campo. El-Rei D. Afonso, que já a este tempo lhe não sofria o coração deixar de empunhar as armas, entrou com a retaguarda adonde tinha a melhor gente Portuguesa: e tal foi o conflito neste encontro, e tão ligeiros se abriam os profundos golpes, que por eles, pulsando os alentos, veloz entrava a morte arrebatando as vidas; pois se viam uns, e outros com forças tão apertadas, que entre umas, e outras, não se divisava parte por donde saísse a vitória. E carregando uma companhia de Mouros para onde estava a nossa bandeira real, mataram ao que a tinha nas mãos, e quase que a tinham usurpada, se não acudiram a ela com toda a força os Cavaleiros da guarda de El-Rei. D. Afonso, o qual saltou logo fora do carro em que estava, e posto a pé esquecido de seus carregados anos igualando as forças da velhice, às da mais florescente idade, começou a fazer tal estrago nas Africanas armas, que logo deu princípio ao mais ditoso dia que jamais viram os exércitos de toda a Cristandade. E tanto que os Cavaleiros de El-Rei o viram metido em tão grande perigo, todos se lançaram fora dos cavalos, e com os pés firmes na terra, fizeram tamanho estrago nos Bárbaros, que visivelmente, pela parte donde El-Rei pelejava, se viu enfraquecida a dos Mouros; os quais voltando as costas, com ligeireza, fugiam daquela voadora espada, que como raio do Céu os cortava sem reparo: mas nem só os Mouros a viam, porque o próprio venturoso Rei D. Afonso reparando à parte da sua mão direita, via junto de si (no ar) um braço, o qual pela declaração do Estatuto, que o mesmo Rei fez quando instituiu (a este respeito) a Cavalaria e Ordem da Ala, por este triunfo que o Céu lhe concedeu, se verifica ser na forma que aqui escreveremos.

Na Crónica de Cister faz disto memória seu Autor Fr. Bernardo de Brito, que à mesma instituição trasladou em Alcobaça, em Latim, e em Português; e nós aqui lhe escrevemos o principal, que é preciso à nossa história, principiando o Latim na forma seguinte: *In Dei nomine, Sancti Michaelis Archangeli, Sancti Angeli Custodis*... e passando mais palavras diz El-Rei: "*Estando eu em Santarém veio contra mim Albaraque Rei de Sevilha com tão grande cópia de Soldados, que cobriam com sua multidão as terras de meu Reino, e assentou seu arraial junto da Vila, onde eu estava encerrado com alguns poucos dos meus esperando novo socorro: no qual tempo me chegou um correio com novas, que El-Rei de Leão meu sobrinho, entrava em meu Reino. E porque entre nós havia suspeitas de agravo, temi-me dele, crendo que vinha em favor de meus contrários; pelo qual respeito determinei dar batalha a El-Rei Albaraque, antes que chegasse; e mandei prevenir gente, e pô-la em ordem para o dia seguinte. E eu posto em oração, roguei ao meu Anjo, o qual Deus por sua misericórdia me deu por defensor, e companheiro, e o Bem-aventurado Arcanjo S. Miguel, que viessem em meu socorro, e me livrassem das mãos de meus inimigos, como na verdade aconteceu; porque como na guerra fosse o meu guião quase ganhado de meus inimigos, eu saltei do carro em que ia para o defender, e como neste aperto pelejasse a pé (coisa digna de admiração) eis que vi junto de mim pecador, um braço que pelejava, e me favorecia, o qual, segundo meus olhos puderam julgar, andava armado, e o remate dele cobriam umas asas como de Anjo: O corpo que o governava não vi, nem outra pessoa alguma, posto que muitos Mouros vissem a mão, como depois de cativos contaram alguns deles. Vendo eu a mão, esforçado dentro em mim, arremeti aos inimigos, e eis que caíam à minha ilharga mil, e dez mil à minha mão direita, sem me tocar a mim nem um só golpe; Ficou meu adversário vencido, e nós gozámos de seus despojos, e vimos prostrada nos campos de Santarém aquela mão valorosa, que tanto nos perseguia, e cantámos louvor a nosso Deus e Senhor por sua bondade e por sua eterna misericórdia*."

Livro I. Capítulo VI.

Isto é o que Fr. Bernardo de Brito traz trasladado na sua Crónica de Cister, aonde afirma ser tirado do próprio original, como aqui apontámos, e se pode ver na mesma Crónica, pelo que fica alegado acima na margem: mas continuando nós nesta escritura o fio, e consumo da batalha, El-Rei D. Afonso naquele perigoso conflito, vendo-se acompanhado daquele celeste braço, entendeu firmemente, que era o Anjo da sua Guarda, ou o Arcanjo S. Miguel a quem tinha deprecado para o favorecer naquela opressão, e empresa tão dificultosa. E como o socorria tão forte braço, acabou de ficar o campo pelos Portugueses, e inteiramente senhores dele, adonde Albaraque deixou sem as vidas a melhor, e mais poderosa gente que tinha em seu domínio, deixando juntamente as maiores riquezas de seus tesouros. Também se deixara sem vida, se quando viu o seu exército perdido, o não salvara fugindo em um cavalo. Recolheu El-Rei o sago do campo, que era riquíssimo, repartiu-o pelos seus Soldados, porque grandes prémios merecia o seu valor, e fidelidade.

Não estava ainda bem acabado de recolher o despojo, quando o nosso valoroso Rei já tratava de formar novamente os seus esquadrões para a segunda batalha, que esperava dar a El-Rei de Leão seu genro: porém D. Fernando, que não vinha a outro fim mais que a socorrer seu sogro, sabendo o sucesso feliz com que triunfara, lhe mandou dar os parabéns da vitória, dizendo-lhe, que pois lha dera Deus sem lhe ser necessário o seu socorro, não passava dali para diante, mas que visse o que queria dele, porque sempre estimaria socorrê-lo com todo o seu exército, e pessoa. Este termo tão político, e bem ordenado de El-Rei D. Fernando, imprimiu no ânimo de El-Rei D. Afonso tão generoso agradecimento, vendo a determinação com que o Leonês vinha (ainda que a realidade da tenção do Castelhano fique ao arbítrio dos pios Leitores) que além das grandes mercês que D. Afonso fez aos Embaixadores Castelhanos, lhes mandou um grande mimo de formosos cavalos, com os melhores Mouros que na batalha ficaram cativos, e juntamente a tenda de El-Rei de Sevilha com todo o seu precioso, que era riquíssimo: insinuando-lhe, que em todas as ocasiões o acharia como amigo agradecido.

Foi esta Batalha e cerco de Santarém no ano de 1167, e não no de 1148 como quer Duarte Nunes de Leão nas Crónicas reformadas dos Reis, o que parece ser erro, porque sendo esta Vila tomada aos Mouros na era de 1147, como se certifica do letreiro que está no frontispício da Ermida de S. Miguel desta mesma Vila que já fica dito, e confiadas Constituições, e assentos em Alcobaça, do tempo em que El-Rei D. Afonso Henriques instituiu a militar Ordem da Ala, que por estes mesmos assentos se sabe, que esta Ordem foi instituída vinte anos depois daquela maravilhosa tomada, e se prova que quem a quarenta acrescenta vinte fazem sessenta, o que por estas bem concordadas notícias, com clareza fica certa a era de 1107 [ano de 1169/1170 conforme o calendário], tempo em que foi este cerco de Santarém, como se pode ver também no Agiológio Lusitano de Jorge Cardoso, no Comentário a oito de maio.

CAPÍTULO VII.

Em que se relata o último combate que teve esta Vila de Santarém, acometida por Miramolim Rei e Senhor de Marrocos, e mais outros Reis Mouros.

Não foi só o combate que acima fica escrito, a última opressão que Santarém experimentou de se ver com o cerco dos Mouros, dos quais os Portugueses triunfaram, como agora acabamos de escrever: mas ainda teve segundo assalto das mesmas armas Africanas. Porque Aben Jacob Miramolim, senhor de Marrocos, sentindo com grande pesar os triunfos das armas Portuguesas; vendo com profunda mágoa, que estas iam acabando de render todas as suas terras, que ainda nesta Lusitânia logravam (com bem susto) os da sua seita: se deliberou com final resolução, vir em pessoa com poderosíssimo exército, restaurar as mesmas terras que os seus tinham perdido, e incorporar-se com Albaraque; que como este tinha saído rigorosamente castigado do nosso ferro nos campos escalabitanos, fervorosamente ajuntou toda a gente que dominava, para que com as armas nas mãos se incorporassem com o exército do Miramolim, e com os dos mais Reis Africanos (que entre todos eram treze) para que de uma vez restaurassem Santarém, tomando-a aos Cristãos; entendendo, que o que no outro cerco fora desacerto do governo militar, agora com a ciência, e reforma de tão dobradas forças tinha por infalível a vitória.

Chegados aqueles Reis às nossas terras de Portugal trazendo formidáveis exércitos, e unidos com o de Albaraque Rei de Sevilha todos em um corpo, vieram marchando pelos campos do Alentejo. E como querem alguns Autores com Duarte Nunes de Leão, passaram o Tejo em dia de S. João Batista: neste mesmo dia deram assalto ao Castelo de Torres Novas, o qual destruíram pondo-o por terra: e em uma segunda-feira fizeram o arraial em um monte chamado de Pompeu, e hoje corrupto o vocábulo se diz Alpompe. E na terça chegaram à Redinha, que agora chamam as Barrocas da Redinha, e o vulgo diz da Rainha, junto ao Lugar de Vale de Figueira. E na quarta se ajuntou todo aquele Mourismo na horta Lagoa, que está perto do Lugar de Alcanhões. E na quinta-feira a dez de julho, ao romper da manhã abalou o Miramolim, levando toda a gente até Santarém adonde estava o Infante D. Sancho, filho legítimo herdeiro do nosso venturoso Rei D. Afonso Henriques, ao qual não só por primogénito lhe veio a possessão do Reino, mas também pela natureza do esclarecido sangue lhe herdou o mesmo valor. E sabendo este Príncipe da arrogância com que Miramolim vinha talando as povoações Portuguesas, que ele (D. Sancho) já governava por mandado de seu Pai D. Afonso; entendeu, querer o Bárbaro tomar Santarém havia de ser o seu principal intento, por buscar a vingança onde Albaraque tinha perdida a honra, pois os Portugueses desta terra (com injúria das armas Africanas) tantas vezes tinham triunfado das suas intentadas violências. E por se não achar D. Sancho com Soldados que bastassem para se defender da fúria de tanto número de Bárbaros, que não cabiam nos campos, guarneceu as muralhas com poucos defensores, mandou derribar algumas casas, que estavam fora dos muros, e entulhar com cubas aquelas entradas que seriam mais capazes para a Vila ser acometida e juntamente por cima destes lugares mandou formar palanques donde melhor pudesse ver o desígnio dos combatentes, e donde defendendo-se, ao mesmo tempo pudesse resistir. Concertadas estas coisas como melhor se puderam obrar, repartiu os Soldados pelos palanques, e o mesmo Infante se pôs adonde entendeu, que seria maior a força do combate.

Livro I. Capítulo VII.

Chegou Miramolim ao pé da Vila, sabendo que o Infante com briosa constância, sossegado ânimo, o esperava guerreiro naquele lugar, onde tinha os seus escolhidos. Vendo o Africano que encontrava ali menos respeitada a sua arrogância, se mostrou tão ofendido, como quem se considerava já das armas Portuguesas desprezado. Mandou tocar marciais sons nas trombetas e caixas, começaram os Mouros a combater, e foi tão rija a peleja, que ambas as partes sentiram bastante perda de mortos, e feridos, até que a sombra da noite por aquele dia lhe apartou a temerosa contenda. Durou esta cinco dias, porque como os Mouros eram muitos em demasia renovavam cada vez mais o número aos esquadrões, engrossando-lhe as forças, e pelejavam desde que a manhã rompia, até que sepultado o Sol os deixava em silêncio. Voaram as novas do combate até Coimbra, onde estava por então El-Rei D. Afonso; o qual sabendo o grande perigo em que seu filho estava, marchou logo com a gente, que em breve tempo pôde ajuntar, e com velozes passos correu as estradas até Santarém, sem lhe fazer embaraço naquela pressa os noventa anos que então tinha de idade. Não deixaram os Mouros de continuar a peleja, cada vez com mais ímpeto, ainda que muito bem souberam da vinda do socorro Cristão. Ao quinto dia do combate rompeu a força dos Bárbaros por algumas partes o forte, ou palanque em que estava o Infante, aonde ficaram mortos, e feridos muitos dos Cristãos; e como ali pelejava o Infante como valeroso Soldado, também ficou com os mais acrescentando a seu régio sangue o perpétuo lustre daquelas honradas feridas, porque algumas recebeu com valerosa constância. Porém os Portugueses ainda tendo tamanho destroço, pelejavam com tanto valor, que não foram aquele dia dos inimigos entrados; mas já se viam em tal extremo na força da bateria inimiga, que quase desamparando o lugar, determinavam fazer retirada para o Castelo de Alcáçova.

A este tempo que os Mouros estavam com a vantagem (justamente vangloriosa) de terem naquela estância feridos, e mortos alguns dos Cristãos, aí se lhe voltou a cena em desmaio, vendo, que já a eles chegava (em um carrocim) aquele venerável Atlante, e forte defensor da verdadeira Fé de Cristo, El-Rei D. Afonso Henriques, de cuja poderosa soberania, receberam aqueles Bárbaros (com a sua vista) tal temor, que em lhe pôr os olhos, foram vistos desampararem os quartéis, e desamparados de seus próprios ânimos, correram fugindo pela campanha, com tanta fúria, como quem no evidente perigo da morte, o muito correr só é remédio para salvar a vida; tomando a vereda pelos olivais dentro para a parte do meio dia; e acamparam o arraial adonde chamam Monte de Abade. Saudados, pai e filho, sem darem quartel ao tempo, montou o Infante a cavalo com os principais da sua Corte, levando em boa ordem a Infantaria; e juntos com El-Rei, e os seus, foram sobre os Mouros a Monte de Abade, que dista da Vila um quarto de légua, aonde tanto cortaram neles, que não se perdendo golpe, acabavam de morrer os corpos afogados em os rios de sangue que deles mesmos saía. Entre eles ficaram ali mortos alguns daqueles Reis infiéis; e Miramolim rejeitado com feridas mortais, dadas pela mão do nosso Infante, e querendo furioso passar o Tejo, nele acabou de todo a vida.

Triunfantes as armas Portuguesas; El-Rei, e o Infante mandaram recolher o arraial do inimigo, em que acharam grandes riquezas nos despojos, achando muita prata, e ouro, grande número de cavalos, e camelos, com muitas preciosidades, ficando muitos Mouros cativos. Assim aqueles Príncipes de gloriosa memória triunfando, entraram pela Vila dentro, aonde deram muitas graças ao Senhor dos exércitos, por tão altas mercês que lhes tinha feito. Esta batalha em Monte de Abade foi a que pôs o último termo a esta Vila de Santarém a não ter mais assaltos dos Mouros, até hoje em dia que isto escrevemos: sendo este combate na era de 1185, como quer Manuel de Faria e Sousa no Epítome das Histórias Portuguesas: ainda que Duarte Nunes de Leão o traz no ano de 1184.

CAPÍTULO VIII.

Como El-Rei D. Afonso Henriques, depois que teve segura esta Vila dos assaltos dos Mouros, frequentou nela o Culto Divino. Descreve-se a Real Colegiada de Santa Maria de Alcáçova.

Admirável é Deus nas virtudes dos seus Santos, e sempre seja bendito pelas obras das suas santíssimas dádivas; pois nos quis dar nesta terra um paraíso de deleites, um delicioso jardim de suavíssimas flores do Céu, para a devoção da Cristandade recolher delas odoríferos frutos da Glória Celestial. Porque acabado o tempo em que Santarém se achava com a abominável pestífera seita de Mafoma; vendo-se então os Templos que já foram consagrados para a reforma Cristã, convertidos nos estragos das Mesquitas dos Mouros, públicos teatros em que aqueles Bárbaros representavam a sua errada Lei, e profana doutrina contra a verdade do Santíssimo Evangelho de Cristo. Foi o mesmo Senhor servido por meio de seu incansável Servo D. Afonso Henriques, que este mesmo lugar que se viu ultrajado nos insultos da Barbaridade, fosse já agora perdurável depósito de tantas maravilhas, produtos inacessíveis da sua Divina Graça.

E como piamente entendemos da vida deste Santo Rei, que para alcançar as vitórias contra os infiéis, sempre o acompanhava o poder de Deus, e a proteção da sempre Virgem MARIA de quem era especial devoto; vendo-se obrigado de tão Divinos favores, mandou levantar em seu tempo, cento e cinquenta Templos, todos de fábrica suntuosa, pela magnificência com que os fazia levantar, com rendas grandiosas logo oferecia, e lhes segurava: instituindo juntamente várias Ordens Militares; para que assim prevalecesse a Fé Católica, segurando-a os militares com as armas nas campanhas, e os Sacerdotes nas Igrejas com os Divinos Sacrifícios. E porque toda a tomada desta Vila o acompanharam aqueles famosos Cavaleiros Templários, logo em agradecimento da boa companhia que lhe fizeram, lhes fez o piedoso Rei doação de todo o Eclesiástico desta terra de Santarém, por satisfazer ao Régio voto que no caminho lhe tinha feito, se Deus lhe deixasse conseguir a vitória contra seus adversários: do que há escritura autêntica nos livros das Ordens da Torre do Tombo, e também da Mesa da Consciência, como o traz escrito o Licenciado Jorge Cardoso no Agiológio Lusitano. Porém não possuíram aqueles Cavaleiros por muito tempo as rendas das Igrejas desta Vila; porque depois tomada Lisboa aos Mouros, e nela constituído Bispo, o qual foi o virtuoso Varão D. Gilberto, de nação Inglês, um dos Sacerdotes mais graves que vieram naquela misteriosa armada, que ajudou a tomar Lisboa; e sendo este Bispo sagrado pelo Arcebispo de Braga D. João Peculiar, estando já de posse daquela Diocese, no ano de 1149, sabendo que aquelas rendas das Igrejas de Santarém eram de seu património, as demandou com grande cuidado, e finalmente, remetido o pleito à Sé Apostólica, em Roma se julgou a favor do dito Bispo D. Gilberto. E como aos Templários lhes parecesse muito mal largarem a posse que tinham, tomou El-Rei por sua conta compô-los, dando-lhes rendas da sua fazenda Real. Entre estas mercês, foi principal a do Castelo de Ceras, no Bispado de Coimbra, com os seus rendimentos, e jurisdição de todo aquele distrito; como consta também de outra escritura, que se acha nos livros das Ordens, na Mesa da Consciência, e Torre do Tombo. E estando disto possuidores estes Militares Cavaleiros, edificaram a Vila de Tomar, por não acharem comodidade para reedificarem a Cidade chamada Nabância, que

estava demolida pelos Mouros, pátria da nossa bem-aventurada Padroeira de Santarém, Santa Iria, de cuja virtude, e milagres daremos em seu lugar extensas notícias.

O que temos por coisa certa, e infalível no que toca à fundação da real Colegiada de Alcáçova, é ser erigida pelos Templários, e ser a mais antiga, ou das mais antigas Igrejas desta Vila; porém o tempo certo em que foi fundada não me foi possível com individual certeza averiguá-lo; porque só se achou no seu Cartório a repartição que fez o Prior D. Pedro Anes, com os seus Cónegos das rendas que tinha, no tempo em que reinava El-Rei D. Sancho o primeiro, ano de 1181; e no de 1214, foi confirmada esta divisão por El-Rei D. Afonso o terceiro: e desta maneira persistiu na mesma forma até ao primeiro ano do reinado de El-Rei D. Dinis a nove de março na era de 1318, ano de Cristo 1280; o qual Rei deu o Padroado desta Igreja a um seu Médico Clérigo muito rico, chamado Mestre Pedro Chanceler, sendo colado nela pelo Cabido, por comissão que para isto teve do Bispo D. Mateus, o qual então estava residente na Curia Romana.

E porque este Mestre Pedro criou em seu devoto ânimo muita afeição a esta Igreja de Alcáçova em Santarém, e vendo a grande devoção que a ela tinham os Reis de Portugal, pois naqueles tempos sempre assistiam de morada nesta Vila, servindo-lhe esta Igreja de sua Capela Real, que então moravam junto a ela, o dito Padroeiro por meio do referido Bispo, alcançou ordem do Sumo Pontífice para a sublimar, e pôr no estado em que hoje se está vendo; dando-lhe com beneplácito dos Reis, muitas rendas, e boas terras. Destas se sustentam dezassete Cónegos, três Dignidades, que são Chantre, Mestre-Escola, e Tesoureiro-mor; e quatro meios Cónegos: de mais desta conta, tem um Prior para administrar os Sacramentos aos Fregueses; o qual é do hábito de Avis, lugar que sempre anda na pessoa do Sacristão-mor do Convento desta Ordem cujo poder para estas rendas, e Cónegos prebendados veio cometido a dois Bispos que deram o Breve à execução; os quais foram o de Coimbra, chamado Dom Aimérico, e o de Évora Dom Durando. E pelo que consta do livro quarto dos benefícios da Sé de Lisboa, a folhas vinte, foi feita esta execução no primeiro de novembro de mil duzentos e oitenta.

Também o que nos consta agora com certeza é que esta Igreja de Santa Maria de Alcáçova, além de ser erigida pelos Templários sete anos depois desta terra ser tomada aos Mouros, foi juntamente edificada por mandado do Mestre Dom Hugo, como o estamos lendo no letreiro que está no frontispício por cima da porta principal, o qual diz as palavras seguintes: *Anno ab Incarnatione 1154, & ab Urbe ista capta 7. Regnante Domino Alfonso Rege, Comitis Henrici filio, uxore ejus Regina Mafalda, hac Eccl. fundata est in honorem S. Maria Virginis & Matris Christi, à Militibus Templi Hierosolymitani, jussu Magistri Hugonis: Petro Arnaldo curam aedificii gerente. Animae eorum requiescant in pace. Amen.*

Nesta Igreja, que é sagrada, se celebra a sua Dedicação duplex da primeira classe, com seu Oitavário, a trinta de agosto. Tem esta Real Colegiada cinquenta vizinhos fregueses, e anexas a si três Ermidas, que são, S. Pedro, S. Miguel, e Nossa Senhora da Conceição, as quais todas três estão dentro no distrito de Alcáçova, e tinha mais duas das quais se acha ainda a memória no Cartório desta Colegiada. Era uma a dos Apóstolos, que está hoje convertida em Convento dos PP. do Patriarca S. Bento, no Alto de Montirás. E outra que antigamente existia no fim do chão da feira para a parte do Norte, com o título da Senhora da Oliveira, onde agora se vê o Convento da Ordem dos Pregadores. Logra mais a posse de três Igrejas Paroquiais, que apresentam os ditos Cónegos: uma é a de

Santa Cruz, outra a de Santa Iria, ambas sitas na ribeira desta Vila, e a outra é a de S. João em Alfange, das quais Igrejas em seus lugares daremos mais largas notícias.

É esta Igreja de Alcáçova de mediana estatura na sua forma; compõe-se a fábrica da sua arquitetura por dentro de três naves com a do corpo; tem as colunas da ordem Toscana, as quais chegam a meia altura das naves dos lados; e dos capitéis, e arcos até aos frechais do teto no seu corpo, que é em meia cana de madeira apainelada, é de parede com azulejo antigo, e também todos os pés direitos da mesma Igreja.

A Capela-mor está bem proporcionada com o seu corpo. Acompanham o seu arco da frontaria duas colunas, às quais chamam os Arquitetos Atticurgas, que têm a vista só de uma face, porque como aquelas colunas a que chamam Áticas são quadradas sem diminuição (como eu já escrevi no livro que compus *intitulado Artefactos Simétricos e Geométricos*) estas Atticurgas mostram o mesmo feitio, mas não se lhes vê, nem têm mais que uma face, tendo esta de vão, ou de saída da parede uma mão travessa, respeitando porém à largura, e altura da coluna, porque assim terá mais ou menos de saída. Estas colunas, pois, que digo nesta Igreja, que acompanham o arco da Capela-mor, vão do primeiro terço que sobe da sua vasa, estriadas até acima aos capitéis, os quais são Coríntios, que não é defeito nestas castas de colunas, ou sejam Áticas, ou Atticurgas, pôr-lhe quaisquer capitéis das cinco ordens gerais, não sendo, porém, da ordem Toscana, e tem estas nesta Igreja por cima deste arco fixadas as obras que se seguem à ordem Coríntia, muito bem obradas. Esta Capela-mor tem uma tribuna de madeira entalhada de folhagem levantada ao moderno, toda dourada. É esta Capela de abóbada com as cintas que fecham toda a meia cana de pedras muito bem lavradas; e os pés direitos da mesma Capela também todos da mesma pedraria lavrada. Na parede que fica da parte do Evangelho, está embebida uma sepultura de mármore, em a qual está sepultado Rodrigo Afonso filho bastardo de El-Rei D. Afonso terceiro, Prior que foi desta Igreja, faleceu a dez de setembro no ano de mil trezentos e dois.

Tem esta Capela-mor uma formosa Imagem da Mãe de Deus, com a invocação de Santa Maria de Alcáçova; é de vulto, sendo toda de escultura estofada; a sua altura é de sete palmos e meio, e tem o Menino Deus nos braços. Antigamente se conservava neste mesmo lugar onde está hoje a Senhora (que deu o nome a esta Colegiada) outra Imagem da mesma Virgem com o título da Assunção, a qual logo que esta Igreja se fundou, a remeteu S. Bernardo de Claraval ao nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, como joia de inexplicável estimação; o qual Rei a colocou nesta Igreja com devotíssima reverência, dando-lhe preciosos ornatos para a sua Capela, a cuja Imagem recorriam sempre todas as Pessoas Reais com reverente culto e devoção para alcançarem o que de Deus queriam, que por seu patrocínio experimentavam prodígios do Céu. Não sei se esta prodigiosa Senhora, fora daquele seu santo lugar, quererá fazer os mesmos milagres: e na verdade é coisa digna de lástima que, sendo aquela Imagem por tantos títulos misteriosa, fosse tal a incúria de quem quer que fosse, que a deixassem levar desta sua santa Casa sem há tantos anos não tornar mais a ela, que conforme anda escrito no Agiológio Lusitano a 11 de maio tom. 3 no Comentário letra b. folhas 190, onde se lê que esta Senhora está em Lisboa em um Oratório da família dos Peixotos Cirnes. E o Padre Fr. Agostinho de Santa Maria no seu Santuário Mariano, disto faz memória com as formais palavras: No tempo em que Domingos Ribeiro Cirne foi Prior daquela Igreja com o achaque de que a Senhora antiga de Alcáçova, que a El-Rei D. Afonso havia mandado de Claraval o glorioso Abade S. Bernardo, estava já mal tratada do tempo (sendo verdadeiramente para enriquecer com esta Joia a Casa de seus Parentes) mandou fazer outra Imagem nova de madeira ricamente

estofada, de estatura de oito palmos, que tem o Menino Deus nos braços olhando para o povo, e ambas de rara formosura. Esta colocou no Altar, e recolheu a primeira, em que os Cónegos, e Dignidades daquela Igreja não fizeram o reparo que deviam fazer, levados sem dúvida da formosura da nova Imagem, e assim se defraudou com aquele engano aquela Igreja desta Joia, que por dádiva de S. Bernardo se devia eternizar com suma veneração, e também por ser os amores do Santo Rei D. Afonso Henriques. Isto é o que achamos escrito (além das tradições) para não ser eu só o que devo estranhar a sem razão desta desordem.

As mais Capelas que dentro em si tem esta Igreja são quatro; as duas que estão nos lados da Capela-mor têm os seus vãos em bastante distância retraídos para dentro; a que fica à mão direita quando saímos da mor, lhe é dedicada ao Santo Cristo pobre, e tem esta Imagem cinco palmos e meio. A outra que fica à mão esquerda, que está correspondente a esta do Santo Cristo, é a do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, que não tem Imagem alguma de vulto, e só um painel no espaldar do seu retábulo, em que se vê admiravelmente pintado o lugar do Castelo de Emaús, em que Cristo Senhor Nosso depois da sua gloriosa Ressurreição, na mesa ao partir do pão, se deu a conhecer aos dois Discípulos. E logo junto a esta Capela na parede da Igreja está outra, dedicada à Senhora da Encarnação, cuja Imagem, que é de vulto com as mãos levantadas, tem de altura seis palmos e meio, e é estofada. Esta Capela está pouco retraída para dentro, ficando quase à face; tem o seu frontispício da ordem Jónica com bem proporcionadas colunas de mármore, com todas as partes que pertencem à mesma ordem. Na outra parede fronteira a esta Capela junto à do Santo Cristo pobre, está outra dedicada à Senhora da Vida, também é de vulto estofada, com o Menino Deus pela mão, e a sua altura é pouco mais de cinco palmos. Tem esta Capela de fundo para dentro mais vão que as três mencionadas, e é também ornada no seu arco, e retábulo da mesma ordem Jónica, tudo de boa pedra mármore.

Junto à porta travessa desta Igreja para a claustra se conserva ainda hoje ao princípio da escada por onde se sobe para o Coro, uma sepultura na parede, da qual se vê só uma pedra quadrada em quatro palmos, com uma inscrição de letras antigas, as quais nos dão as notícias em linguagem Latina, que ali se sepultou Mendo Afonso, santo Cavaleiro, dos mais esclarecidos Varões deste Reino naqueles tempos. Porém de que família fosse não se pôde até agora descobrir. As letras que estão gravadas na dita pedra do seu sepulcro são as seguintes: *Anno Dominicae Incarnationis MCCXXXVI. Era MCCLXXIV. 5. Idus Maii pia recordationis Mendo Alphonsus, orphanorum pater, viduarum judex, defensor Ecclesiae, amator, ac pio hospitum hospitalis feliciter migravit ad Dominum. Anima ejus requiescat in pace. Amen. Vivat cum Christo, tumulo qui clauditur isto.* Quer dizer este letreiro, que no ano da Encarnação do Senhor 1236, era de César 1274, a 11 de maio, Mendo Afonso de pia recordação, pai dos órfãos, juiz das viúvas, defensor da Igreja, amador, e pio agasalhador dos hóspedes, felizmente passou para o Senhor, sua alma descanse em paz, Amen. Viva com Cristo o que jaz nesta sepultura.

Estas notícias são as que dentro no Templo pudemos achar, pois nesta Igreja tudo eu vi, e examinei pessoalmente, revendo juntamente os Escritores que desta Colegiada escreveram. E confesso que não me sofre a paciência deixar em silêncio a pouca razão com que o P. Fr. Agostinho de Santa Maria da esclarecida Ordem de S. Agostinho dos Descalços diz no seu Santuário Mariano liv. 2 tit. 10 fol. 287, que nesta Igreja estão sepultados El-Rei D. Afonso o terceiro, e seus Pais D. Afonso o segundo, e a Rainha D.

Urraca, que se não fora o contrário coisa tão clara e sabida, algum cuidado me dera buscar estas notícias. E para que os curiosos menos doutos, que lerem aquela memória e esta com que a impugno (que para os sábios nesta matéria não há que advertir), possam conhecer a certeza de ser apócrifo aquele descuido noticiado por este Autor, quando não há outro algum que tal diga, saibam que El-Rei D. Afonso o terceiro faleceu em Lisboa a 20 de março, no ano de 1279, foi logo sepultado na Igreja de S. Domingos da mesma Cidade, que ele de novo tinha fundado (ainda que seu irmão D. Sancho II lhe tinha dado o princípio, e acabado o Convento): e depois passados dez anos, reinando seu filho El-Rei D. Diniz, lhe trasladou o corpo ao régio Convento de Alcobaça, onde também jaz sua segunda mulher a Rainha D. Beatriz. E seu Pai D. Afonso o segundo, faleceu em Coimbra a seis de dezembro no ano de 1233, que logo foi sepultado no mesmo Convento de Alcobaça.

Antigamente neste dito Convento estava o seu corpo, e o da Rainha D. Urraca sua mulher, em uma Capela que este Rei em sua vida mandou fazer em sepultura de pedra chã, e depois desfazendo-se aquela Capela por mandado de D. Jorge de Melo, Abade então daquele Real Mosteiro (que para isso teve licença), se trasladou seu corpo, e o da Rainha D. Urraca sua mulher, para a Capela de S. Vicente, onde hoje nos nossos tempos jazem. É isto coisa tão sabida que não carece de alegar muitos Autores, que se alegássemos todos, seriam quantos escreveram destas memórias.

Logrou esta Real Colegiada tantos favores das pessoas dos Reis deste Reino, e tanto a enriqueceram de bens patrimoniais, que me parece acertado (para que se manifeste tão piedosa devoção) trasladar aqui fielmente uma carta com que El-Rei D. Afonso III (ainda no mesmo tempo do Bispo D. Mateus) lhe confirmou e acrescentou os dízimos que El-Rei D. Afonso Henriques lhe tinha dado; cuja carta trasladada de Latim em Português, é na forma seguinte. — *Em nome de Cristo, e sua graça. Saibam quantos a presente virem, que eu Afonso por graça de Deus Rei de Portugal juntamente com minha mulher a Rainha D. Brites, filha do Ilustre Rei de Castela e Leão, e com nossos filhos e filhas, o Infante D. Dinis, nosso primogénito e herdeiro, o Infante D. Afonso, e as Infantes D. Branca e D. Sancha, lembrando-me e reconhecendo como meu Bisavô de feliz recordação, El-Rei D. Afonso tomou Santarém aos Mouros, com o favor de Deus os lançou dela, e como aí mesmo fez edificar uma nobre Igreja que se chama Santa Maria de Alcáçova, em honra de Deus e de sua Sacratíssima Mãe, e por amor e devoção da mesma Mãe de Deus fez casa para si e para seus sucessores junto dela, e para que melhor servida fosse e se celebrassem nela com maior autoridade os Ofícios Divinos, lhe consignou e doou todos os dízimos de seus reguengos, que de então para cá possui pacificamente a dita Igreja; desejando eu outrossim que as escrituras e doações pias de meus antepassados permaneçam e se guardem inviolavelmente, dou e concedo à sobredita Igreja os mesmos dízimos, e quero e ordeno que todas as minhas quintas e propriedades que ora tenho, ou ao diante eu ou meus Sucessores tivermos em Santarém e em seu termo, e de todas as lezírias que estão dentro do Tejo ou na ribeira do Tejo, as quais eu agora de novo fiz abrir e lavrar, ou daqui em diante forem abertas e cultivadas, haja os dízimos a sobredita Igreja em paz e para sempre, assim da minha parte como de meus Sucessores. E se algum de meus Parentes, como estranho, intentar vir contra esta doação de meus Pais e minha, não lhe seja lícito, e só pelo intentar, incorra na ira de Deus e de sua Santíssima Mãe e minha maldição para sempre; e todos os que a guardarem inteira e ilesa hajam a bênção de Deus e de sua Santíssima Mãe e minha para sempre. Em testemunho do qual fiz selar a presente Carta com meu Sello de chumbo.*

Dada em Lisboa a 25 de agosto, El-Rei o mandou, João Vicente a fez, era MCCCII anos, de Cristo MCCLXII.

O Cabido desta Colegiada é administrador de uma Capela a qual instituiu o Chantre Diogo Rebelo Berberia aos vinte de setembro de 1633, com obrigação de uma Missa quotidiana, por esmola de sessenta réis cada uma. Tem mais esta Igreja junto à porta principal duas sepulturas rasas, as quais têm abertos nas lages os seguintes letreiros: o primeiro diz assim por estas formais palavras: — *Esta sepultura é de Fernão Rodrigues, e de seus herdeiros.* E o segundo diz: — Sepultura do Licenciado Fr. Manuel de Sousa, Pároco que foi desta Igreja; pede uma Ave Maria.

E no Adro estão duas pedras sepulcrais com as inscrições que se seguem: a que está da parte direita tem as letras que logo aqui abaixo vão copiadas.

D. M.

M. ANTONI.M.F.

GAL. LUPI. OLI

SIPONENSIS

H. S. E.

O que se pode entender das letras desta inscrição é assim: as duas que estão por cima, D. M., querem dizer: — *Memória consagrada aos Deuses dos defuntos;* e as outras logo abaixo dizem: — *Aqui está sepultado Marco António natural de Lisboa, filho de Marco Lobo da Tribo Galéria. E é* seguida esta opinião de antiquados leitores das letras Romanas, como adverte Marinho de Azevedo nas Antiguidades de Lisboa, alegando a Resende acerca das letras, que os antigos muitas vezes usavam não as porem dobradas, e aqui está o I simplesmente como se fossem dois, o que se vê em o nome ANTONI, que devendo também estar em nominativo parece estar em genitivo sem o segundo I que pertence ao segundo caso deste nome. E também se pode inferir desta inscrição que no tempo dos Romanos era nobre a Família dos Lobos: e juntamente estas sepulturas não deixam de nos dar argumento para entendermos que antes dos Mouros e Portugueses já aqui haveria Templo levantado, e não que o edificaram os Templários, e só o deviam reedificar.

D. M.

Q. ANTONI. M.F.

CAL CELERI

OLISIPONENSI.

Quer dizer a inscrição desta segunda sepultura que está da parte esquerda: — *Memória consagrada aos Deuses dos mortos:* e as outras letras dizem: — *Quinto António*

Militar Soldado, filho de Caio Perfeito Natural de Lisboa. Desta Igreja são Comendadores os Condes de Unhão, e o que hoje vive Rodrigo Teles de Menezes a mandou reformar agora em nosso tempo, porque ameaçava ruína, guarnecendo-a por dentro com toda a perfeição possível. Principiou-se a obra no ano de 1715, e acabou-se no de 1724. A 16 dias de julho se passou o coro para a Ermida de S. Miguel, e a 9 de julho tornou para a mesma Igreja.

Esta Colegiada de Santa Maria de Alcáçova tem o Prior, que é do hábito da Ordem de Avis, lugar que sempre anda na pessoa do Sacristão-mor do Convento desta Ordem, como consta do livro das Definições da mesma Religião ao título quinto folhas 130. vers. em que se lê o parágrafo seguinte.

Além destas dignidades houve sempre na Ordem a de Sacristão-mor, que por haver mais de oitenta anos que se não celebrou Capítulo Geral, não está de presente provida: e querendo nós prover de modo que os Capítulos gerais ao diante se façam na forma dos Estatutos, e que esta dignidade se conserve, e perpetue na Ordem: Ordenamos, e definimos, que o Priorado da Igreja de Alcáçova da Vila de Santarém, ande daqui em diante unido em perpétuo a esta dignidade de Sacristão-mor, por ser esta Igreja de muita autoridade e ter renda competente para o Freire que for nela provido se sustentar como convém à dignidade. E posto que vulgarmente se intitula com o nome de Vigário: definimos que daqui em diante, assim nas Provisões que se fizerem do Provimento dela, como em todas mais coisas, assim públicas como particulares se intitule com o nome de Prior, assim e da maneira que em todos os mais da Ordem está em uso: e que não possa daqui em diante ser nela provida pessoa alguma que não tenha grau de Doutor ou Licenciado na sagrada Teologia, ou em Direito Canónico, ou pelo menos seja Bacharel corrente em qualquer destas ciências, e que tenha vinte e um anos de hábito.

E como antes deste tempo era a apresentação de Vigário desta Colegiada do Padroado Real, El-Rei D. João primeiro deste nome meteu esta apresentação na Ordem de Avis, para o que impetrou um Breve do Papa Bonifácio IX; cujo Breve se declara em outro que está no Cartório da mesma Colegiada de Santa Maria de Alcáçova vindo à instância do Comendador Aires de Sousa, e junto a uma sentença assinada pelo Infante D. Jorge, filho de El-Rei D. João o segundo, como Grão-Mestre da Ordem, onde se ventila a porção, ou côngrua que há de ter o dito Vigário, o qual Breve em Latim principia na forma seguinte: — Leo Episcopus servus servorum Dei dilecto filio moderno Magistro militiae de Aviz, salutem, Apostolicam benedictionem. Suam nobis dilectus filius Aries de Sousa sticularis, & Collegiatae Ecclesiae Sanctae Mariae de Alcaçova oppidi de Santarem &c. Veio este Breve do Papa Leão no quarto ano de seu Pontificado em quatro das Calendas de dezembro de 1516.

E ultimamente se julgou ter o dito Vigário, ou Prior (como a sua Ordem declara) a mesma renda que tem cada um dos Cónegos da mesma Colegiada, que é a que agora logra.

CAPÍTULO IX.

Da Colegiada de Santa Maria de Marvila; declara-se a dúvida de seu princípio, e como hoje existe.

O Princípio certo desta Igreja de nossa Senhora de Marvila também não é fácil dizer-se com certeza, porque não se pode achar notícia individual, que confirme o ano da sua fundação: porém entende-se com boa conjetura, que assim como a Igreja de Santa Maria de Alcáçova foi fundada, ou reedificada pelos Cavaleiros Templários pela data que lhes fez o piedoso Rei D. Afonso Henriques quando tomou esta Vila de Santarém aos Mouros, dando-lhe as rendas do Eclesiástico dela pelo acompanharem naquela grande fação (o que já escrevemos no Capítulo precedente) assim se deve crer, que os mesmos Templários fundaram juntamente esta dita Igreja de nossa Senhora de Marvila, pois não há outra notícia em as nossas histórias, e tradições que nos digam o contrário. E como as rendas destas Igrejas de Santarém tornaram logo ao primeiro Bispo de Lisboa D. Gilberto no ano de 1149, quando o mesmo Rei deu àqueles Cavaleiros o Castelo de Ceras em recompensa destas Igrejas que deixavam, é certo que o dito Bispo porque era muito zeloso do culto Divino, e grande reformador do clero, fez, que à imitação da Igreja de Santa Maria de Alcáçova, houvesse também nesta de S. Maria de Marvila Clérigos Cónegos, que rezassem no coro o Ofício Divino, e que tivessem Páraco, ou Vigário, para que administrasse os Sacramentos aos do povo seus fregueses.

Nesta forma existiu esta Paróquia sendo sempre da apresentação (como é hoje) dos Bispos, ou Arcebispos de Lisboa, depois de Dom Gilberto, até ao ano de 1244, sendo Bispo da mesma Cidade D. Aires Vasques, o qual tinha sido Cónego Regrante da Religiosíssima Ordem de Santo Agostinho. Diz o Ilustríssimo D. Rodrigo da Cunha na sua História Eclesiástica, que aos vinte e cinco de novembro no ano de 1244, estando em Santarém o Bispo D. Aires, tendo-se ajustado com o Cabido da sua Sé, e juntamente com os Cónegos da Colegiada de nossa Senhora de Marvila que eram graves pessoas, a fim de se levantar aquela Igreja de Marvila, em melhor forma de Colegiada, para que os Cónegos dela vivessem em comum, e comessem em um refeitório, se fez a seguinte Escritura, que aqui vai copiada em Latim, como consta do Cartório da mesma Igreja, e a traz a mesma História Eclesiástica.

In Nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Amen. Cum homines sint mortales, & labilis eorum fit memoria, & ut facta mortalium, immortalia conserventur, solent in scriptis redigi ad posteritatis memoriam comendandam. Sciant igitur, relatione praesentium litterarum, omnes presentes literas inspecturi, quod dominus Ayres Valasci Episcopus Ulisbonens. cum consensu capituli sui, & Canonici Sanctae Mariae de Marvilla Santaranensi Sugerius Petri, Ferdinandus Suarii, Martinus Alvares, Magister Durandus, Petrus Bassinus, Vincentius Joannis, Petrus Francus, Michael Joannes: considerantes utilitatem ejusdem Ecclesiae, & honorem statuerunt ad servitium ipsius Ecclesiae, certum numerum praebendarum videlicet, ut in ipsa Ecclesia sint decem praebendae, & novem Canonici, qui singulas habeant praebendas, & de istis novem Canonicis unus assumatur in perpetuum Vicarium, qui curam habeat animarum, & pro labore suo duplicem habeat praebendam, & extra istum numerum semper sint quinque minores porciones, quarum tres, adaequentur uni praebendae, & aliae duae, alii praebenda fimiliter, quae prout visum fuerit, ipsis Canonicis, & Episcopo conferantur

quinque clericis servitoribus Ecclesiae, ut ipsa Ecclesia per hoc plures habeat servitores, & inter supradictos Canonicos, & Episcopum omnis proventus Ecclesiae dividatur hoc modo, videlicet quod de omnibus, quae loco decimae data fuerint à minimo usque ad maximum, & mortuoris, quos & quae Ecclesia Sanctae Mariae de Marvilla percipit, & est in posterum perceptura, dictus Episcopus & successores sui habeant duas partes, & dicti Canonici, & successores eorum habeant tertiam partem: reliquos vero proventus à minimo usque ad maximum, divident per medium, videlicet, oblationes, anniversaria, & mandas Canonicorum, quae à descendentibus, eis mandantur, vel ratione sepulturae, vel ut exeant super eorum sepulchra, exceptis trecefimis, quos eisdem clericis integrè perpetuo concedimus. Omnes autĕ possessiones, sive haereditates, quas Ecclesia Sanctae Mariae de Marvilla in praesentiarum habet, & est in posterum habitura, supradictus Episcopus, & successores sui, & supradicti Canonici, & successores eorum, dividant per medium, aut fructus, vel reditus earundem. Exceptis tendis, quas nunc habet Ecclesia Sanctae Mariae de Marvilla, quas dictus Episcopus, & successores sui debent habere, & supra dicti Canonici, & successores eorum debent habere domos, sive casas, quas nunc Ecclesia Sanctae Mariae de Marvilla possidet, ut in eis semper simul in refectorio comedant; & faciant quidquid utilitati suae viderint expedire. Debent etiam praebenda in eadem Ecclesia per ipsos Canonicos conferri, & per Episcopu Ulisbonens. idem autem Canonici debent Episcopo Ulisbonensi dare unam procurationem, vel sex marabitinos in auro cum ad visitandum venerit annuatim. Insuper fuit positum, & firmatum, ut clericus decedens ad persolvendum debita, si aliter non habeat unde persolvat, per unum anni integrum suam recipiat praebendam, si autem debita non habuerit, vel aliter habuerit unde solvat, fructus annalis suae praebendae, in domibus, vineis, aut praediis, ad opus sui perpetui anniversarii in eadem Ecclesia relinquendi, convertantur. Si quis autem de praedictis Canonicis in regno, vel extra regnum adhaerere voluerit studio literali, suam per tres annos integros ibidem existens, recipiat praebendam, petita licentia ab Episcopo, & Canonicis obtenta. Episcopus autem, & Canonici pro qualitate temporis, & persona in danda licentia postulanti, debent se exhibere favorabiles, & benignos. Haec autem partitio, sive divisio, fuit jurata à supradicto Episcopo, & supradictis Canonicis, com numero subscripto, & Sigillis eorum figillita, & à successoribus eorum praedicta divisio, & numerus debet jurari, ut firma in perpetuum habeatur. Actum apud Sanctaren, sexto Kalend. Decemb. anno Domini millesimo ducentesimo quadragesimo quarto.

Desta Escritura, que é grande, o que nos importa dizer dela em português, são as seguintes verbas: — Saibam todos os que virem as presentes letras, que D. Aires Vasques Bispo, com consentimento de seu Cabido, e os Cónegos de Santa Maria de Marvila de Santarém, a saber, Soeiro Pires, Fernando Soares, Martinho Alvares, o Mestre Durando, Pedro Bassino, Vicente João, Pedro Franco, e Miguel João; considerando ser em maior honra, e proveito da mesma Igreja, ordenaram, e determinaram certo número de prebendas para melhor serviço da dita Igreja, a saber, dez prebendas, e nove Cónegos prebendados, e que destes nove Cónegos, fosse eleito um deles em Vigário perpétuo, que tivesse à sua conta a cura das almas, e que por este trabalho tivesse dobrada prebenda, e que fora disto haveria cinco Clérigos pelos quais se repartissem duas destas prebendas; uma a três deles, e outra a dois, para que melhor assim se servisse a Igreja.

Outrossim, que todas as rendas se dividiriam em tal forma, que do que fossem dízimos, ou como dízimos, se repartiriam em três partes, duas para o Bispo, uma para os Cónegos, e o mais que não for isto, assim ofertas, e outras coisas que os defuntos deixassem aos Cónegos, ou dos enterros, ou dos responsos, os quais se houvessem de dizer sobre as suas sepulturas, tirando a trigésima parte, que seria sempre para os Cónegos

se dividiriam pelo meio; como tudo o mais que a dita Igreja tivesse por qualquer modo que fosse, todas as herdades, e possessões que a Igreja de Santa Maria de Marvila tem ao presente, ou houver ao futuro o sobredito Bispo e seus sucessores; e os sobreditos Cónegos, e seus sucessores repartirão irmãmente pelo meio; porém as rendas, que ao presente tinha a dita Igreja, ficariam para o Bispo. E que os ditos Cónegos e seus sucessores ficariam com as casas, que já ao presente possuía a dita Igreja, para nelas viverem, e comerem todos juntos em refeitório, ou para o que melhor lhes parecesse que são duas próprias, que os Cónegos seriam obrigados a dar um jantar ao Bispo, ou em lugar disto seis maravedis de ouro, quando os fosse visitar.

Outrossim, que qualquer daqueles Clérigos, que morressem com dívidas, e não tivessem com que as pagar, se retivesse por espaço de um ano a sua prebenda, para se satisfazer a dívida. E no caso que não tivesse dívidas, ou tivesse com que as pagar, então dos frutos dessa prebenda se gastassem em comprar fazenda, da qual se pagasse o seu aniversário perpétuo. E declara mais a escritura, que se algum destes Cónegos quisesse estudar neste Reino, ou fora dele, sempre por três anos venceria os frutos da sua prebenda, tendo para isso licença do Bispo, e Cónegos, os quais não duvidariam em lha dar conforme a ocasião do tempo, e o respeito da pessoa. Esta escritura, ou carta, foi formada, e selada com todos os selos; e nomes de todos os Cónegos, os quais juraram de sempre a cumprirem. Dada em Santarém aos 25 de novembro de 1244 anos.

Isto é o de que consta a verdade desta escritura, da qual se entende, que o Bispo D. Aires Vasques, não foi o que de novo instituiu esta Igreja de Santa Maria de Marvila em Santarém Colegiada, mas que somente a reformou, como adverte o Padre D. Nicolau de Santa Maria, na sua Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, pois a mesma escritura nomeia oito Cónegos, que já eram da mesma Colegiada, os quais com o Bispo D. Aires a reformaram em melhor modo, e nela instituíram maior número de Ministros para melhor serviço de Deus; e juntamente ordenaram de novo, que vivessem em comum aqueles Cónegos, comendo todos em refeitório, e morando nas casas da mesma Igreja como Religiosos. E desta mesma escritura se deve entender a força que faz para podermos crer que a instituição desta Igreja em Colegiada tendo Cónegos, que seria no tempo do primeiro Bispo de Lisboa D. Gilberto, existindo o nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, fundando-a à imitação da de Santa Maria de Alcáçova, pois nos consta pelo que lemos em as nossas Histórias, que este piedoso Rei naquele tempo edificou tanto número de Templos.

Esta Igreja, que é verdadeiramente Templo pela sua grandeza, compõe-se de três naves, tem de comprimento até à Capela-mor cento e cinquenta e nove palmos portugueses, e de largura setenta e quatro; a Capela-mor de fundo tem vinte e quatro e meio, a nave do meio que faz o principal corpo, tem de altura sessenta e oito, que é do pavimento até onde principia o teto deste seu corpo, e as naves dos lados tem de altura o seu pé direito cinquenta e dois palmos, e meio quarto. Sustenta-se este edifício por dentro em doze colunas de pedra mármore, ficando seis a cada nave, e tem cada uma delas de altura com vasa, e capitel trinta e cinco palmos e meio, e de grossura pela parte inferior na sua circunferência doze palmos, e tem os capitéis Jónicos com as suas volutas todas retorcidas; nas paredes dos lados tem esta Igreja seis frestas por banda, as quais têm de altura vinte palmos, por todas as partes até ao teto (o qual é de madeira lavrada obra Gótica) sendo o azulejo de xadrez ao antigo, e guarnecida de assentos de pedra por ambos os lados. Três portas fecham esta Igreja, a principal olha para o Poente, cujo pórtico é de pedraria lavrada guarnecida de enlaçados festões, que bem mostram a sua antiguidade

sendo obra Gótica; e as duas dos lados é obra mais moderna correspondentes uma à outra, ficando uma ao Sul, outra ao Norte.

A Capela-mor é de abóbada toda enlaçada com cintas de pedra com vários fechos, que as prendem em lavores, os quais têm gravadas as armas do venturoso Rei D. Manuel, com o sinal, e padrão de que ele fora o que mandara reedificar, e aperfeiçoar este magnífico Templo; também consta por documentos antigos em um Alvará do mesmo Rei, e por um rol de contas, que o dito senhor mandou tomar por um dos Vereadores desta Vila, pelo qual se entende, que ele mandou reedificar de novo esta Igreja na forma que hoje existe, que é maior na sua grandeza do que foi antigamente. É a tribuna da Capela-mor de boa talha, sendo a madeira de bordo em folhagens com as colunas Salomónicas em conchas retorcidas com a guarnição por cima de folhas ao moderno, porém ainda não está dourada. Tem um painel que lhe tapa a frente do sepulcro, sendo este da Assunção da Virgem Senhora nossa, o qual painel é de admirável, e fina pintura, em cujo lugar logo adiante do painel se acha colocada de vulto a Senhora das Maravilhas, que deu o título a esta Igreja, e é esta Imagem de tão grande altura, que excede muito à mais avultada mulher, cujos primeiros golpes foram dados com a maior indústria da perfeição da arte; e desta Senhora com mais especialidade adiante falaremos nestas escrituras.

Tem mais esta Igreja duas Capelas, e dois altares colaterais: a Capela que está à parte da Epístola, é do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, e a da parte do Evangelho, é dedicada hoje ao Senhor JESUS do Terço, e ambas estas Capelas são fundas para dentro. Os dois altares colaterais ficam à face em sua correspondência, um entre a Capela-mor, e a do Santíssimo, e outro entre a mor, e a do Senhor JESUS: o da parte do Evangelho é dedicado ao Menino Deus, OLA JESUS MARIA JOSÉ, como se mostra das três Imagens que tem de vulto: o da parte da Epístola é de Nossa Senhora dos Prazeres, Imagem que antigamente foi de muita devoção, ainda que hoje está mais esquecida. Esta gloriosa Imagem da Senhora, até ao tempo que isto escrevemos era de roca e vestidos, mas já agora está toda feita de madeira ricamente estofada; porém o rosto, e as mãos, são da mesma que era de vestir, que o escultor admiravelmente lhe embutiu, e lhe proporcionou, com os cabelos abertos na mesma escultura, e tem seis palmos de altura.

Preciso é neste Capítulo darmos notícia da Senhora do Altar-mor, que já dissemos está na boca da tribuna, é de corpo agigantado, a qual Senhora deu o nome a esta Igreja chamada antigamente das Maravilhas pelos notáveis prodígios que fazia, e do nome de Maravilhas ficou corrupto o vocábulo em Marvila. Depois que o Venturoso Rei D. Afonso Henriques tomou esta terra de Santarém aos Mouros, tendo o glorioso Abade S. Bernardo a certeza por ilustração superior, de que este nosso Rei D. Afonso determinava fazer-lhe neste Reino de Portugal um Mosteiro pela gloriosa vitória que havia de alcançar dos Mouros (como o fez em Alcobaça) tratou logo o Santo Abade em Claraval de eleger os Monges que havia de mandar para esta nova Abadia. E como visse na pessoa do Padre Ranulfo, e na do irmão converso Desidério, que ambos eram de aprovadas virtudes, e conhecida santidade, os enviou a este Reino com cartas a El-Rei D. Afonso Henriques, para darem princípio à nova Casa de Deus: e juntamente com as cartas lhe entregassem logo duas Imagens, que o seu Abade lhe mandava, para as colocar nas novas Igrejas que em Santarém erigia, que assim o viemos a entender das várias escrituras que temos lido, e antigas tradições de boas pessoas a quem o ouvimos, que eram duas as Imagens da Virgem MARIA Senhora Nossa vindas de Claraval, e trazidas pelos ditos santos Monges, tendo primeiro esta Senhora (que o mesmo Rei colocou em Marvila) o título da Assunção. Esta gloriosa Imagem com este título existiu muitos anos nesta Igreja de Marvila; porém

sabemos por alguns antiquários naturais, que foi levada desta Igreja ao lugar de Alcanhões, para uma Ermida de uma quinta, a qual era da família dos Carvalhais, naturais desta mesma Vila de Santarém, e lá tem a invocação da Senhora dos Pinofinhos, mas não nos consta com individuação o tempo, nem a pessoa que para aquele lugar trasladou esta Sacrossanta Imagem, nem o motivo porque lá lhe deram este título dos Pinofinhos, e só se sabe, que nesta Igreja de Marvila houve antigamente um Prior da família destes mesmos Carvalhais desta Vila, do qual se pode presumir, que faria o mesmo que fez o outro de Alcáçova, que já fica dito no Capítulo VII em que descrevemos a Igreja de Santa Maria de Alcáçova usurpando tão rica Joia para fazer dela morgado à descendência de seus parentes, e em lugar daquela Senhora da Assunção mandaria fazer de novo esta Imagem que vemos hoje nesta Igreja de Marvila na sua Capela-mor a quem a devoção dos fiéis deu o nome da Senhora das Maravilhas, pela brevidade com que os socorria nas suas tribulações.

CAPÍTULO X.

Em que se dá notícia das graças que a Santidade de Benedito XIII concedeu à Irmandade do Senhor JESUS dos Terços nesta Igreja de Nossa Senhora de Marvila.

Correndo os anos do Nascimento de Cristo Senhor Nosso, em o de 1727, foi ereta a Irmandade, e Confraria do Senhor JESUS dos Terços, com o título da Congregação dos Pobres, na Paroquial Igreja de Nossa Senhora de Marvila da Vila de Santarém. No mesmo ano se aprovou pelo seu Prelado, e Cabido do Arcebispado Oriental de Lisboa, a quem se sujeitou a dita Congregação; e o dito Prelado como Prior desta Igreja fez mercê à dita Congregação da Capela em que o Senhor está colocado. Em veneração desta Sacratíssima Imagem, a Mesa, e a mais Irmandade, logo depois desta graça mandou fazer na sua Capela uma magnífica tribuna de talha, que logo mandou dourar, e pintar com o melhor primor da arte.

Esta Irmandade fez logo Compromisso, que se aprovou com dezassete capítulos. Já quando estes se fizeram, e aprovaram tinha a dita Congregação recorrido ao Papa Benedito XIII, no ano de 1726, para que lhe enriquecesse a dita Irmandade, e Congregação de graças do tesouro da Igreja, as quais todas lhes foram concedidas. Sendo a primeira, ser este Altar do Senhor JESUS privilegiado, para que nos dias das segundas-feiras, e no dia da Comemoração dos defuntos, ou em qualquer dos dias do seu Oitavário, qualquer Sacerdote secular, ou regular celebrar no dito Altar Missa de defuntos pela alma de qualquer fiel cristão, homem, ou mulher, que forem Confrades da mesma Congregação, que morrerem em graça com Deus, e unida a Deus na caridade, essa mesma alma consiga indulgência por modo de sufrágio do tesouro da Igreja; de tal sorte, que pelos merecimentos de Nosso Senhor JESUS Cristo, e da Bem-aventurada sempre Virgem MARIA, e de todos os Santos que a socorram, e livrem das penas do Purgatório.

Concedeu mais o mesmo Santo Papa Benedito XIII a toda a pessoa, assim homem, como mulher, no primeiro dia da sua entrada na dita Confraria, ou Congregação, Indulgência plenária, com tanto, que no dito dia confessados, e arrependidos de suas culpas recebam o SANTÍSSIMO SACRAMENTO da Eucaristia. E a todos os ditos Confrades, assim homens como mulheres, que no artigo da morte verdadeiramente confessados, e comungados, ou ao menos verdadeiramente contritos, quando não possam confessar-se, invocando o Santíssimo Nome de JESUS com a boca, e não podendo com a boca, só com o coração, se lhe concede Indulgência plenária, e remissão de todos os seus pecados.

Também se concedeu aos mesmos Confrades, assim homens, como mulheres, Indulgência plenária; e assim mais cinco Jubileus no ano: o primeiro é no dia da Festa principal, que é no de S. Silvestre quando se acaba o ano; o segundo no dia do Santíssimo Nome de JESUS, na Dominga depois do dia da Epifania, que então se faz ali esta Festa; o terceiro a três de maio dia da Invenção da Santa Cruz; o quarto a quinze de agosto dia da Assunção da Virgem Nossa Senhora, orago que é da mesma Igreja; o quinto a catorze de setembro dia da Exaltação da Santa Cruz.

Livro I. Capítulo X.

Estes Jubileus são para todos os Confrades, que confessados, e comungados devotamente visitarem a dita Capela do Senhor JESUS dos Terços, desde as primeiras Vésperas até ao Sol posto do mesmo dia, e aí orarem, e rogarem a Deus devotamente pela paz, e concórdia entre os Príncipes Cristãos, e extirpação das heresias, e Exaltação da Santa Madre Igreja, ganham Indulgência plenária, e remissão de todos os seus pecados, e sete anos de perdão, e outras tantas quarentenas de Indulgências. E mais se lhe concede, que todas as vezes, que na tal Igreja, ou Capela assistirem às Missas, e Ofícios Divinos, que na mesma Igreja se celebrarem, como também se assistirem às congregações públicas, ou particulares da dita Confraria em quaisquer partes se fizerem, ou derem hospício aos pobres, ou fizerem, e procurarem paz entre os inimigos, ou acompanharem os corpos de seus Irmãos à sepultura, ou acompanharem as Procissões, e terços do Senhor, ou O SANTÍSSIMO SACRAMENTO quando for visitar os enfermos, e se estando impedidos, ouvindo tocar os sinos rezarem o Terço em casa, ou rezarem cinco Padre Nossos, e cinco Ave Marias pelas almas dos defuntos, e defuntas da dita Confraria, por todas as vezes que fizerem quaisquer das coisas sobreditas (diz o Breve) lhes concedemos, e relaxamos sessenta dias de penitências que lhes forem impostas.

Concede mais o Breve a esta Confraria cem dias de Indulgência, e remissão de todos os pecados a todos os fiéis Cristãos, assim homens, como mulheres, que nesta Igreja, ou Capela do Senhor todos os Sábados, e em todos os dias das festas da Imaculada sempre Virgem MARIA devotamente cantarem, ou rezarem as Ladainhas da mesma Senhora, ou estando aí presentes orarem, e pedirem a Deus com devoção pela paz e concórdia dos Príncipes Cristãos, extirpação das heresias, exaltação da Santa Madre Igreja, por qualquer vez que assim assistirem, ganham as graças sobreditas. Na mesma Capela do Senhor JESUS dos Terços, instituiu António de Matos Ferreira, e sua mulher Josefa Maria, uma Capela de Missa quotidiana pelas almas deles Instituidores, ditas estas Missas na mesma Capela, e as dos Domingos, e dias Santos na Ermida de Nossa Senhora da Vitória sita às portas da Atamarina, com obrigação aos Capelães, que forem da dita Capela, de levarem o Senhor dos Terços, para o que os ditos instituidores deram três mil cruzados, que se puseram a razão de juros para que com o rendimento de um conto de reis, que são cinquenta mil réis para o Capelão, e o rendimento de duzentos mil réis, que são dez mil réis para a fábrica da dita Capela.

Esta Capela foi instituída aos vinte dias do mês de junho do ano de mil setecentos e vinte e sete. Os Irmãos, que entram nesta Congregação, ou Confraria, assim homens, como mulheres, entram com a esmola com que cada um pode; as mais obrigações que têm, é de um vintém cada pessoa, o qual dinheiro é para as Missas, e sufrágios de cada Irmão defunto. Tem hoje cada Irmão cinquenta para sessenta Missas de corpo presente, conforme o número dos Irmãos, e um Nocturno, acompanhamento da Irmandade, e Padres da dita Igreja: tem um Ofício geral em cada ano, uma Capela de Missas todas as segundas-feiras do ano, que é privilegiado na mesma Capela por vivos, e defuntos.

Tem mais esta Capela por obrigação da Irmandade conforme o Compromisso, de elegerem dois Irmãos enfermeiros, e duas Irmãs enfermeiras, para visitarem os Irmãos, e Irmãs enfermas, para que os que forem pobres, a Irmandade os possa socorrer com o preciso.

CAPÍTULO XI.

Em que se prosseguem as mais notícias desta Igreja de Nossa Senhora de Marvila.

Na Capela da parte da Epístola correspondente à do Senhor JESUS dos Terços, aonde está o tabernáculo do SANTÍSSIMO SACRAMENTO; erigiu há cem anos o Doutor Paulo de Pedrosa Meirelles, Prior que foi desta Igreja, e de S. Nicolau desta Vila, e Vigário Geral deste Arcediagado, uma Capela com Missa quotidiana, deixando por administradores dela os Priores desta Igreja, e mandou fazer sepultura para si, e para seus administradores; e na parede da mesma Capela da parte da Epístola mandou gravar em boa pedra as suas armas de que usava, que são dos Pedrosas, e Meirelles, com letras abertas na mesma pedra, que dizem, que ele dotou esta Capela, cujas letras aqui vão copiadas: — *Esta Capela do SANTÍSSIMO SACRAMENTO é do Doutor Paulo de Pedrosa Meirelles Desembargador do Arcebispado de Lisboa, Vigário Geral desta Vila, e Vigário desta Igreja, e a fez, e dotou para nela se enterrar, e seu pai, e mãe, e herdeiros com Capelão, e Missa quotidiana, e duas lâmpadas acesas continuamente por sua conta, e da Igreja, na forma de seus contratos, faleceu a 27 de novembro de 1663, sendo Prior de S. Nicolau. Tem Capelão de Missa quotidiana com quarenta mil réis cada ano.*

Sobre a antiguidade desta Igreja, e a de Santa Maria de Alcáçova, houve antigamente grandes contendas, mas por papéis, e tradições se provou, que esta Igreja de Marvila não era menos antiga, que a de Santa Maria de Alcáçova, e se fez uma concordata entre uns, e outros Padres, que nenhuma destas duas Igrejas se intitulasse Matriz, nem pudesse ir nas Procissões uma sem outra, e que saísse a do Corpo de Deus um ano de Marvila, outro de Alcáçova, indo nas Procissões os de Alcáçova à mão direita, e os de Marvila à esquerda no fim das alas, e que qualquer das Igrejas, que quebrasse esta concordata pagasse à outra quarenta mil réis; e assim se observa até ao presente tempo, em que estamos, e para mais clareza, e ser isto notório a toda a pessoa, numa coluna desta Igreja junto à porta travessa da parte da praça, estão abertas na pedra da mesma coluna as seguintes letras: — *No Cartório desta Igreja, e no de Cosme Pacheco Escrivão da Legacia, e nas notas de Manuel de Freitas Tabelião, e de António Dias França Notário Apostólico, está o contrato, e sentença da ordem das Procissões, e das mais precedências, que esta Igreja tem com a Colegiada de Alcáçova, por serem as principais, tudo* feito *no ano de 1629*.

Nesta Igreja de Marvila, vemos que se fazem todas aquelas funções, que se costumam fazer nas principais das terras, porque esta reparte os Santos Óleos, não só para todas as mais desta Vila, mas também para todo o Arcediagado; nela se recebem os presos do Aljube convencidos em seus pleiteados desposórios, e se desobrigam do preceito anual os viandantes, que no tempo da Quaresma se acham sem *ubi certo*.

Soleniza-se a Festa do orago desta Igreja a quinze de agosto, que é o dia de Nossa Senhora da Assunção, e na véspera com assistência do Senado da Câmara, se faz uma devotíssima Procissão, que representa o Trânsito da Senhora, Imperatriz dos Anjos, e depois de se ter pregado o Sermão à vista da Senhora morta no esquife, nesta tarde vai a Procissão à Ermida de Nossa Senhora do Monte, que é anexa à Igreja do Salvador acompanhada de todo o Clero, das justiças Eclesiásticas, e as Comunidades das Religiões

e no outro dia que se segue de manhã vão buscar a Senhora gloriosa com a mesma solenidade para esta Igreja, em cuja Festa se canta Missa, e se prega um Sermão com a assistência do Senado.

Também nesta Igreja se prega todos os Domingos do ano, observando-se ainda a determinação do Senhor Rei D. Afonso o terceiro, o qual Senhor ordenava, que em todas as Igrejas Paroquiais houvesse prédicas anuais nestes dias, pregando os Padres de S. Francisco um mês, e outro mês os de S. Domingos, mas destruindo-se este santo costume nas mais Igrejas, esta de Nossa Senhora de Marvila observa ainda agora este Real Decreto.

Há nesta Igreja todas as tardes da semana leitura de Moral, cujo Leitor é da Venerável Ordem dos Pregadores, e os Senhores Arcebispos da Sé Oriental pagam, não só os Sermões mas também a côngrua desta cadeira, de cujas notícias faz memória o P. Esperança na Crónica da observante regra de S. Francisco; e também consta da mesma Crónica haver antigamente nesta terra uma cerimónia, a qual naquele tempo quiseram os nossos Reis, que a fizessem os Padres desta Igreja de Marvila, e era, que no Domingo de Ramos se benziam as palmas fora da Vila, e acabadas de benzer vinham em Procissão para esta Igreja se no tempo d'El-Rei D. Afonso terceiro, mandou o mesmo Senhor aos Padres da dita Igreja, as fossem benzer aos alpendres do Convento de S. Francisco, cerimónia que ali se usou, e fez muitos tempos, mas não consta da Crónica, nem de outros documentos dos papéis da Igreja porque se deixou de usar.

No Cartório desta Igreja está um contrato feito com o Páraco, e Beneficiados dela, em que só assistem seis Beneficiados, e um Vigário, ao qual se lhe dá hoje o título de Prior, e rende este Priorado quinhentos até seiscentos mil réis, e cada um dos Benefícios cem mil réis, e se dividem as rendas na forma seguinte. Levam os Senhores Arcebispos duas terças, e a terceira se divide em dez rações, o Prior leva quatro, e em tudo o mais se divide assim. Também se guarda no mesmo Cartório uma sentença, pela qual se manda, que se façam nesta dita Igreja as Exéquias dos nossos Reis de Portugal, e no ano de 1573 fez El-Rei D. Sebastião nesta Igreja de Marvila Capítulo Geral da Ordem de Cristo.

CAPÍTULO XII.

De várias Sepulturas que estão nesta Igreja de Marvila, e das obrigações de Capelas, das suas instituições e seus Administradores.

Esta Igreja pela nave que fica da parte da Epístola, estão em sepulturas rasas com letras abertas nas campas as Inscrições seguintes.

Sepultura de António Montez Cid, e de sua mulher Vicência Frois de Macedo, e de seus herdeiros, a qual faleceu em 28 de novembro de 1686.

Sepultura de João Antunes, e de sua mulher, e herdeiros.

Sepultura de Pedro das Neves, e de seus herdeiros.

Esta Sepultura é de Ana Jorge mulher de Domingos Fernandes, e de seus herdeiros.

Esta Sepultura é de Duarte Lopes, e de Maria Gonçalves sua mulher primeira, na qual se não poderá enterrar outra pessoa alguma, e do testamento constará a obrigação que deixa pelas almas de ambos.

Sepultura de António Teixeira, e de seus herdeiros.

Sepultura de António de Siqueira, e de seus herdeiros.

Sepultura de Silvério Delgado, e de sua mulher Simoa Soares, e de seus herdeiros.

Sepultura de Luís de Moura, e de seus herdeiros.

Esta Sepultura é de João da Costa, que Deus tem, e de sua mulher Ana Fernandes, e de seus herdeiros, faleceu a 26 de maio de 1558, e de seu neto João da Costa Furtado, faleceu a 30 de dezembro de 1638.

Estas sepulturas que aqui se seguem, são as que estão no cruzeiro desta Igreja, e assim estas, como as da nave, que acima escrevemos, vão aqui copiadas pelas formais palavras dos seus originais.

Sepultura do Licenciado Henrique Nunes, Médico de Sua Majestade, e de seus herdeiros.

Sepultura do Licenciado Rafael do Quental, Cavaleiro de San-Tiago. Francisco de Almeida Cigano, a quem El-Rei deu tença quotidiana, e o nomeou Capitão por serviços antes, e depois da sua aclamação, comprou esta sepultura para si, e seus herdeiros; morreu a 28 de setembro de 1649.

Esta Sepultura é de Diogo Afonso, Beneficiado que foi nesta Igreja, e de Sebastião Afonso seu sobrinho, e de seus herdeiros.

Sepultura de João de Abreu, e de sua mulher Leonor Ribeira, e de seus herdeiros. Sepultura de Francisco Gameiro de Barros, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de sua mulher Filipa da Silva, e de seus herdeiros, faleceu no ano de 1682. Sepultura de Gaspar Henriques, e de sua mulher Isabel Fragosa Nogueira, e de seus herdeiros.

Sepultura de Duarte Luís, e de sua mulher Violante Henriques, e de seus herdeiros.

As Capelas que têm obrigação nesta Igreja de Nossa Senhora de Marvila são as seguintes, das quais se declaram dia, mês, e ano das suas instituições, cujos títulos são estes:

A 12 de maio de 1689, instituiu uma Capela nesta Igreja de Santa Maria de Marvila Miguel de Figueira, e sua mulher, com obrigação de vinte Missas de Natal, por esmola de 1500 réis, e é administrador desta dita Capela Manuel Vieira Soares.

A trinta de janeiro de 1481, instituiu nesta Igreja Martim Pires Vieira, uma Capela com obrigação de vinte e quatro Missas rezadas por esmola de 1200 réis, sendo administrador Luís Pires Carreira.

Nesta Igreja instituiu um Morgado, e Capela Dona Violante Soares, com obrigação de três Missas cada semana com responso sobre a sua sepultura, por esmola de 7800 réis, porém não se pode achar o tempo em que se instituiu, e se achou ser administrador António Sodré Pereira das Coberturas.

A 7 de setembro de 1681, instituiu nesta Igreja Garcia da Costa, uma Capela com obrigação de vinte e cinco Missas rezadas, de esmola costumada, da qual Capela foi administrador Fernão Dias Franco, morador em Lisboa.

A 20 de julho de 1670, instituiu Brites da Costa uma Capela nesta Igreja, de que é administrador José Ferreira Cabral, com obrigação de seis Missas rezadas por cada um ano, de esmola costumada.

CAPÍTULO XIII.

Das Igrejas, ou Ermidas, que são anexas a esta Igreja de Nossa Senhora de Marvila.

Esta Igreja tem uma anexa duas léguas fora desta Vila, a qual fica além do Tejo, com o título do ESPÍRITO SANTO, está sita em um lugar que chamam Vale de Cavalos, assiste nela um Cura anual apresentado pelos Priores desta Igreja de Marvila, da qual Freguesia não damos aqui mais notícias, por não pertencer ao ponto principal da nossa História. Tem mais anexas as seguintes Ermidas no distrito desta Vila, que são as seguintes: a Ermida de S. Lázaro, a de S. Roque, de Santo Antão, a de Nossa Senhora da Vitória e a de S. Cristóvão, e delas iremos dizendo as verdadeiras notícias, que pudemos descobrir.

Fora de uma porta das desta Vila chamada a de Manços, em distância de duzentos e sessenta passos, aonde antigamente chamavam a Carreira hoje S. Lázaro, está um cerco fechado com uma grande porta de cantaria em forma de arco por onde se entra, e dentro tem cinquenta e dois moradores: no meio deste cerco está uma Ermida, a qual pelo seu artefacto mostra ser muito antiga, tem três altares com o da Capela-mor aonde está colocada uma Imagem de S. Lázaro, que é o orago desta Igreja; está no meio do retábulo, e tem vestiduras Episcopais, sendo de quatro palmos de altura feito de pedra, escultura que mostra ser antiquíssima: nos dois Altares colaterais, em um está a Imagem de Nossa Senhora, e no outro, que está da parte do Evangelho, a de Santa Marta, que é de vestir, e tem três palmos de altura, sendo Imagem de muitos prodígios, pelos que se têm visto fazer a quem devotamente a ela recorre, e se vale de sua proteção. O corpo desta Ermida tem trinta e um pés de comprido até ao arco da Capela-mor, que mostra ser obra mais moderna, todo de cantaria lavrada, e tem de largura vinte e três pés: a Capela-mor tem catorze pés de fundo, e doze e meio de largura. Tem duas portas, uma travessa, e outra principal, esta mostra ser obra Gótica, porque tem muitos florões enlaçados com os feitios que usavam naquele tempo, ficando esta porta fronteira ao meio-dia, e a travessa ao Sul. Acompanha-se esta Ermida pela parte de fora de uma colunata, que corre desde todo o seu frontispício até ao fim do lado da Epístola, em cujo meio fica a porta travessa: as colunas são entre todas dezassete, formadas igualmente da ordem Toscana; e na Dominga de Lázaro se canta Missa ao Santo, e de tarde com assistência do Provedor da Misericórdia, e mais Irmãos da Mesa se faz um Sermão em louvor do mesmo Santo, com o título de Lázaro Mendigo, porém o Santo está vestido de Pontifical.

Entrando-se pela porta deste cerco, ao lado esquerdo está o Hospital dos Lázaros, que corre desde o princípio do cerco, até ao fim da Ermida, que tem seus quartos apartados, em que vivem os Mercieiros incuráveis, os quais pela pia caridade da santa Casa da Misericórdia são aceitos nele, e na sua entrada, que se fecha em forma de clausura em cima da porta tem o letreiro seguinte: — *Hospital dos Gafos, foi reedificado ano de 1680:* — Os Lázaros deste Hospital não têm número certo, e ao presente tempo em que estamos, são sete os que ali assistem.

Nenhuma notícia pudemos achar, nem há memória de quem erigiu este Hospital antes de vir para este sítio, por ser muito antiga a sua ereção, a qual se sabe foi em um monte fora da Vila, onde está uma Ermida com o mesmo título de Nossa Senhora do

Monte, e aí é sabido, que estavam os Gafos, e por ficarem em aquele lugar alto da parte do Norte, os Padres Domínicos (que ficavam defronte) e os moradores desta Vila suplicaram ao Senhor Rei D. Dinis, que lhe mudasse o dito Hospital, porque como ficava ao Norte fazia muito dano à Vila; e atendendo o dito Senhor à súplica dos seus vassalos, mandou homens de boa consciência, que buscassem sítio acomodado aonde pudessem estar os Gafos, para que os moradores desta Vila não tivessem aquele receio. Escolheram este sítio onde hoje estão, o qual era um campo das Freiras Donas, e um olival da Comenda de Santo Antão, sendo tudo avaliado em duzentas e dez libras, que o dito Senhor Rei D. Dinis pagou de sua real fazenda, o que consta de um Alvará do dito Senhor, passado no ano de 1291 a doze de dezembro, o qual Alvará anda junto ao tombo do mesmo Hospital de letra Gótica em pergaminho.

Também sabemos, que dentro neste cerco de S. Lázaro, morava um Bispo, cujas casas ainda hoje ali existem, e se chamam pelas tradições de pessoas antigas as *casas do Bispo*; o qual deixou Missa quotidiana, que todos os dias se diz pela sua alma nesta mesma Ermida de S. Lázaro, e juntamente deixou renda para a cura, e sustento dos Gafos deste Hospital, que tudo corre hoje por conta da administração da Misericórdia: porém nem do nome deste Bispo, nem do título do seu Bispado achámos memória. Foi este Hospital antigamente administrado pelos Cónegos Seculares de S. João Evangelista, ocupação, que nos maiores Hospitais deste Reino, El-Rei D. João o terceiro lhes deu, pela muita caridade que neles via terem com a pobreza; sendo isto no tempo em que já estavam todos os Hospitais desta Vila anexos, e unidos ao principal, que é o de JESUS Cristo (dele faremos larga memória em seu lugar) e destas uniões dos Hospitais, e o serem administrados pelos Cónegos Evangelistas, se prova com uma Bula Pontifícia, que alcançou este mesmo Senhor, a qual está no Cartório do Convento de Santo Elói de Lisboa, e o Padre Mestre Francisco de Santa Maria no *Céu Aberto na Terra* a folhas 276 até 285 faz larga memória destas notícias.

Defronte deste Hospital de S. Lázaro está a Ermida do Bem-aventurado S. Roque, mas não se sabe o tempo, nem quem a erigiu, presume-se que seria por voto feito pelos moradores desta Vila na ocasião em que houve peste, como assim se fez em a Cidade de Lisboa ao mesmo Santo. É esta Ermida suntuosa, e de agradável formosura, tem três Altares, no principal (que é o da Capela-mor) está a Imagem do dito Santo de vulto, quase de oito palmos de altura, e é a sua escultura tão perfeita, que admira a todo o escultor, e pessoas curiosas que a veem; e foi esta sacrossanta Imagem de tanta devoção para os Reinos estrangeiros, que de Castela, e França a vinham venerar em tanto concurso, e oblações dos seus devotos Romeiros, que para haver de receberem as esmolas que se lhe ofertavam todas as semanas, assistia um Beneficiado da dita Igreja de Nossa Senhora de Marvila, e um Vereador com um bufete nesta Ermida alternativamente, para receberem as ditas esmolas; e consta isto de um papel antigo, que está no Cartório da mesma Igreja de Marvila, o qual papel foi escrito no ano de 1480, porém está hoje esta devoção extinta, e só no dia deste Santo concorre o povo desta Vila a venerá-lo.

Tem esta Ermida dois Altares colaterais: da parte do Evangelho tem um quadro com a pintura de um Crucifixo, e da parte da Epístola uma soberana pintura de Nossa Senhora das Angústias, de cuja maravilha se deixaria ideia duvidosa, se o pincel foi manejado por impulso humano, ou Angélico. É esta piedosa Senhora tão milagrosa, que bem publicam os troféus que existem na parede, as vencidas moléstias, e destruídas tribulações, que pelo seu patrocínio alcançam os seus devotos, visitando-a muitas vezes, principalmente nas sextas-feiras da Quaresma, para com Deus os proteger, e amparar. A

formatura desta Ermida, que é forrada de madeira, consta das medidas seguintes. Tem o seu corpo da porta principal (que está fronteira ao Sul) até o arco que entra para a Capela-mor, quarenta e seis pés, e de largura vinte e sete; a Capela-mor do seu arco até ao espaldar, por detrás do Altar, tem vinte pés, e de largura dezassete. Também tem pela parte de fora ao lado da Epístola, aonde está a porta travessa, um passeio coberto em forma de colunata, cujas colunas são dez, formadas da ordem Toscana.

Junto a esta Ermida de S. Roque, mais chegada para a Vila, está outra de Santo Antão, que hoje não tem culto, é obra muito antiga, toda de abóbada com um arco de pedra que lhe reparte a Capela, e não se deixa conhecer, se em algum tempo teria mais de um Altar, pois era muito limitada por pequena. Desta Ermida há memória, que fora de um pequeno Convento de Cónegos Regulares de Santo Agostinho dos de França, e de cinco Conventos que estes Padres tiveram neste Reino de Portugal, foi este o terceiro; mas será preciso aqui tocarmos algumas notícias destes Religiosos Varões, e o motivo de sua extinção nas nossas terras.

Estes Religiosos, que tiveram o seu princípio no Reino de França, no ano de 1095, em um lugar chamado Mota no Bispado de Viena, governando então a Barca de S. Pedro o Santo Padre Gregório VII, tomaram por seu Padroeiro ao glorioso Abade Santo Antão. Estes bons Religiosos tinham por instituto exercitarem a virtude de curar os enfermos, que são abrasados do fogo da erisipela, que é o achaque a que chamam *Fogo de Santo Antão*, para o que edificaram um Hospital naquele distrito, e por mais partes daquele Reino fundaram Hospitais, e Mosteiros com o título de SANTO ANTÃO, até que a Sé Apostólica lhe concedeu confirmação desta sua Ordem, debaixo da Regra de Santo Agostinho, com o nome, e título de Cónegos de Santo Antão, como consta de uma Bula do Papa Inocêncio VIII, da qual faz menção o Padre D. Nicolau de Santa Maria na sua Crónica da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho deste Reino; passada esta Bula no ano de 1297, e começa pelas palavras seguintes: — *Quodque in eodem Monasterio Sancti Antonii, & Hospitali, ac membris ejusdem Beati Augustini Regula servaretur, & secundum eam dicti Abbas, & Canonici perpetuo vivere tenerentur &c.* O hábito destes Religiosos consta de túnica, murça, e barrete tudo preto, e no peito uma Cruz pequena cozida no mesmo hábito, na forma em que ainda hoje a trazem nas capas brancas os Confrades de Santo Antão em Lisboa. Neste nosso Reino de Portugal tiveram estes Religiosos Cónegos cinco Mosteiros: o primeiro estava em Benespera no Bispado da Guarda, e era cabeça dos mais junto à ribeira de Teixeira: o segundo foi o de Santo Antão o velho, sito ao pé do Castelo da Cidade de Lisboa, o qual é agora dos Padres Eremitas de Santo Agostinho, que foi primeiro fundado pelos anos de 1400, e tinham um Hospital no sítio, que corre das portas de Santo Antão até ao Convento da Anunciada: o terceiro foi este aonde está esta dita Ermida na Vila de Santarém: o quarto era o de Santo Antão de Aveleira: o quinto, e último é o de S. Domingos de Besteiros no Bispado de Viseu, que há muitos anos foram extintos todos, e só nos ficaram estes vestígios, para lhe desentranharmos as notícias do que foram.

O motivo principal que houve para se extinguir esta Ordem em Portugal, foi chegar a tempo de cair no poder de Comendatários; reduziram-se estes Mosteiros a uma Comenda que El-Rei D. Manuel deu a um seu fidalgo chamado Rui Lopes, por concessão do Papa Júlio II, ano de 1510, que tratou mais de lhe gastar as rendas, que da conservação dos Religiosos, motivo por que se foram extinguindo pouco a pouco; e vagando ultimamente esta Comenda de Santo Antão, El-Rei D. João o terceiro fez mercê dela aos Padres da Companhia, quando começaram a florescer neste Reino, ficando a renda destes

Conventos, ou desta Comenda unida ao famoso Colégio dos Padres da Companhia de Coimbra, por Breve Apostólico do Papa Júlio III, passado no ano de 1550, pela qual posse no chamado hoje Colégio de Santo Antão do pé do Castelo de Lisboa, foi a primeira Casa que os ditos Padres da Companhia tiveram em Portugal, da qual tomaram posse no ano de 1542.

A Ermida de Nossa Senhora da Vitória fica situada da Igreja de Marvila para a parte do Nordeste, cinquenta passos, aonde chamam a Porta da Atamarma, e está edificada por cima desta mesma porta, a qual é por onde entrou El-Rei D. Afonso Henriques, quando tomou esta Vila aos Mouros. Entende-se por tradição verosímil, que esta Ermida foi obra que mandou fazer aquele mesmo Rei para perpétuo agradecimento da gloriosa vitória, que por meio da Virgem Sacratíssima alcançou, e por tão grande favor dão àquela Senhora este título da Vitória. Está esta Senhora colocada no meio do Altar defronte de uma grande janela que tem a mesma Ermida, em tal forma, que a maior parte dos vizinhos que moram por aquela calçada acima, das suas janelas a estão vendo, para lhe deprecarem, e lhe rezarem as suas devoções. Esta Sacrossanta Imagem é de vestir, sendo de roca, tem seis palmos de altura, com as mãos levantadas. A Ermida vai prolongada à feição da muralha da Vila em que está fundada; tem a sua entrada pela parte do Evangelho, que se sobe da rua por uma escada em voltas. Defronte desta entrada para a parte da Epístola está uma tribuna em forma de coro, aonde todos os Sábados se canta a Ladainha da mesma Senhora, e debaixo deste coro está a sacristia.

Fora desta porta da Atamarma, na mesma calçada, que se continua pelo caminho da Ribeira, em distância de quarenta e cinco passos (com pouca diferença) está a Ermida de S. Cristóvão com uma horta, e pomar, que vai em descida por uma grande barroca, cuja fazenda foi cabeça de um morgado, que instituiu antigamente um fidalgo chamado Dom Gaião de Noronha, em cuja Ermida se mandou enterrar, deixando nela Missa quotidiana pela sua alma, que sempre se lhe diz: da qual Capela deixou à Misericórdia desta Vila a administração com a cláusula que se fizesse da sua fazenda no Hospital desta Vila uma casa para se agasalharem passageiros não sendo mais de três, com seus leitos, e camas: e como a posse deste morgado passou aos Condes de Arcos, sendo o possuidor da ilustríssima casa dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, deixaram de todo arruinar a dita Ermida há poucos anos, e vendo o Prior da Igreja de Marvila D. Martinho Dique (a quem esta Ermida é anexa) que totalmente se não cuidava na reedificação dela, tirou o Santo para a sua Igreja, aonde hoje está, cuja Imagem é de pedra muito antiga, mas de muita devoção, pois se está vendo que concorrem a ela os devotos que não podem comer, oferecendo-lhe pão feito em merendeiras, devoção, que o povo sempre usou naquela Ermida com este Santo.

CAPÍTULO XIV.

Em que se descreve a fundação, e notícias memoráveis do Convento de Santo Agostinho desta Vila de Santarém, que existe no distrito da Freguesia de Nossa Senhora de Marvila.

Este Capítulo em que descrevemos a fundação, e memórias do Convento de Santo Agostinho desta Vila de Santarém, não só seguimos as notícias que lemos na Crónica do Padre Mestre Fr. António da Purificação, Cronista da esclarecida Ordem dos Padres Eremitas do glorioso Patriarca Santo Agostinho; mas também por elas nos governámos, principalmente pelos pergaminhos, e escrituras originais que descobrimos no Cartório do mesmo Convento desta Vila, as quais notícias muitas delas não traz a dita Crónica; e seguindo as memórias que se acham naquele Cartório, no livro novo do tombo do mesmo Convento a folhas catorze, em que estão apuradas as verdades dessas antiguidades, diremos aqui de tudo a sua principal substância.

Correndo a era de César de mil quatrocentos e catorze anos, e no do Nascimento de Cristo mil trezentos e setenta e seis: governando a Igreja de Deus o Papa Gregório XI, e este Reino de Portugal El-Rei D. Fernando: entrarão nesta Vila aos doze do mês de maio, o Padre Fr. João de Torres, Doutor em a sagrada Teologia, e Prior do Convento de Santo Agostinho da Cidade de Lisboa: Fr. Lourenço de San-Tiago, Fr. Afonso Martins, e Fr. João Vicente, todos Religiosos da mesma Ordem; assistindo neste tempo em Santarém uns Senhores das principais famílias deste Reino, quais erão D. João Afonso Tello de Meneses Conde de Ourém, e a Condessa Dona Guiomar de Villalobos sua mulher, bisneta que era d'El-Rei D. Sancho de Castela, e o Conde seu marido tio da Rainha Dona Leonor Telles, irmã de seu pai Martim Afonso Tello de Meneses (preclaríssimo ascendente da Ilustríssima Casa de Vila Real.) Estes Senhores, que eram muito devotos do glorioso Padre Santo Agostinho, tinham já chamado aos sobreditos Padres, oferecendo-lhe os seus Paços, e casas pertencentes a eles, em que moravam, para neles fundarem um Convento àquela Religião, pois viam que em um Povo tão nobre como é o de Santarém não tinham casa; e com ânimo tão pio, e liberal lhe fizeram esta oferta, que não só lhe fundaram o Convento, mas também lho dotaram com rendas tão copiosas, que largamente pudessem sustentar quarenta Religiosos, introduzindo logo aqueles mesmos Religiosos em suas próprias casas, para darem princípio àquela pia, e devota ereção. E havida já licença do dito Sumo Pontífice Gregório XI, a qual se passou em Avinhão no segundo ano do seu Pontificado, e o consentimento d'El-Rei D. Fernando, e do Bispo de Lisboa D. Agapito Colona, tomaram os ditos Padres posse das casas no ano de Cristo de 1376, formando logo em uma das salas um modo de Igreja; e nas outras casas em que assistia o Mestre Pedro das Leis, que todas eram do dito Conde de Ourém, fizeram aposentos, e oficinas, para que enquanto se não fazia o novo Convento, se pudessem acomodar, e servir.

Passados poucos dias depois desta acomodação, ali em presença do Tabelião Vasco Martins, e de outras muitas pessoas, leu o Padre Fr. João de Torres um privilégio do sobredito Papa Gregório XI, em que concedia aos Padres Eremitas de Santo Agostinho, que pudessem sem contradição de pessoa alguma, edificar nos Reinos de Castela, Leão, e Portugal, mais cinco Conventos da sua Ordem, à qual o dito Conde Ourém disse que dava as mesmas casas, para nelas edificarem Convento; e logo ele lançou no primeiro

alicerce que se abria uma pedra, e outra seu filho primogénito D. Afonso Conde de Barcelos, e o dito Fr. João de Torres fez levantar Altar, entoando com os mais Religiosos o Hino *Veni Sancte Spiritus*, lançando água benta nos circunstantes. Cantaram Missa com a solenidade possível, a qual celebrou o Padre Fr. Lourenço de San-Tiago, e no fim dela aceitou o dito Padre a oferta, como é costume em semelhantes ocasiões, sem que em todo este ato houvesse dúvida, ou contradição de pessoa alguma. E tudo isto é a verdade, a qual passou por fé o sobredito Tabelião Vasco Martins com um instrumento, que se conserva no Cartório daquele Convento, no livro dos pergaminhos a folhas 20, a qual se reduziu depois com outro mais a pública forma por Provisão d'El-Rei D. Pedro II, e está no livro nono, a folhas catorze.

Quando se deu princípio à fundação deste Convento lançando-se a primeira pedra, foi em uma segunda-feira aos dezasseis dias do mês de abril de 1380. O lugar em que esta obra se fabricou, é em um sítio alto quase fronteiro ao Nascente, entre a calçada que vai para Alfange, e o chafariz d'El-Rei: e como aquele lugar era limitado, por ocupar só as casas em que assistia o Mestre Pedro das Leis, e não o Palácio em que estavam os Condes fundadores, para maior extensão, e se alargar mais o terreno do Convento, compraram eles ditos Condes fundadores a 22 de junho de 1378, umas casas a Vasco Peres de Camões, que ficavam junto às obras do Mosteiro como consta da mesma escritura desta venda que está no Cartório daquele Convento, no livro dos pergaminhos a folhas 31, feita aos 21 de dezembro da era de 1418, ano de Cristo de 1380.

O primeiro Prelado deste Convento foi o Padre Fr. Lourenço de San-Tiago, tendo alguns Religiosos súbditos, que assim foram vivendo em forma de Comunidade, ainda com limitação de aposentos na primeira acomodação, que foram três anos, oito meses, e catorze dias; e como os fundadores vissem, que por falta de posses aqueles Religiosos não tratavam de adiantar o Mosteiro, compadecidos daquela pobreza, com liberal vontade, e generoso ânimo lhe continuaram as obras, e lhe fizeram doação de várias fazendas, e casas, cuja doação se acha no mesmo Cartório no livro segundo dos pergaminhos, a folhas 16, e a cópia está no livro novo dos traslados a fol. 171, e no livro primeiro dos papéis está a folhas 610. Com que vem a ter este Convento da sua fundação até ao tempo presente em que escrevemos esta História, trezentos e cinquenta e oito anos, porque foi ereto no de mil trezentos e setenta e seis anos, e nós estamos no de mil setecentos e trinta e quatro; e sendo isto cousa tão verdadeira, que não padece dúvida alguma; não se pode dizer, que não teve muita razão o Padre Mestre Fr. António da Purificação Autor da Crónica da esclarecida Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, quando se queixou na segunda parte da sua Crónica livr. 7. tit. 3. §. 1. pag. 233. contra o Autor, ou Reformador da História Eclesiástica deste Arcebispado de Lisboa, o Ilustríssimo D. Rodrigo da Cunha, que se enganou em dizer na segunda parte da sua mesma História Eclesiástica cap. 31. no fim do número quinto, pois não deu mais que cem anos de antiguidade (pouco mais ou menos) a este dito Convento, que certamente sua Ilustríssima se enganou, porque da fundação deste Convento, até que escreveu a segunda parte da sua História Eclesiástica, não houve menos distância de duzentos e sessenta e seis anos; pois do tempo da dita ereção ao ano mil seiscentos e quarenta e dois, que é a era em que imprimiu a dita segunda parte da sua História, vai certa a nossa conta dos anos de 266.

CAPÍTULO XV.

Em que se descreve a Igreja de Santo Agostinho desta Vila, e os Epitáfios de algumas sepulturas que nela há.

No sítio que temos dito, olhando para a parte do Norte, está o frontispício desta Igreja; é todo o seu ornato guarnecido de obra Mosaica, tendo no meio um espelho periférico, ou circular, tecido da mesma obra, que vendo-se ser só de uma pedra, a sua grandeza motiva admiração a toda a ideia, precisando-a a querer ocupar a compreensão no labirinto de seus enlaçados ramos: é o pórtico todo de enroladas colunas ressaltadas em meio relevo, sendo as que fecham a porta, em volta aguda, que ainda que seja por este antigo estilo, a fazem majestosa. Desta porta se entra para a Igreja descendo por quatorze degraus de pedraria, com suas guardas nos lados também de pedra; compõe-se este Templo, que é de notável grandeza, de doze colunas, seis em cada nave, as quais são até aos seus capitéis todas de pedraria repartida em ressaltos, seguindo a mesma obra, que já dissemos do pórtico tem o seu pavimento (que todo é igual nas três naves) desde a parede da porta principal, até à entrada do cruzeiro, cento e trinta e três pés, e a largura de parede a parede, entrando as três naves, tem sessenta e seis pés; o comprimento do cruzeiro tem outros sessenta e seis, e de largura trinta e três; e a Capela-mor tem de comprido desde a sua entrada até ao espaldar, quarenta e dois pés, e de largura trinta e dois.

Compõe-se mais o ornato desta Igreja, de seis Capelas, entrando neste número a mor, que é bastantemente espaçosa, e clara pelas duas grandes frestas que tem abertas quase até ao teto, ficando uma de cada banda, fronteiras ambas ao Altar; não tem tribuna, mas tem um retábulo de frisos dourados, onde estão pintados vários Santos da mesma Ordem, sendo as pinturas finíssimas; o teto desta Capela é de abóbada, acompanhada de cintas de pedra, que a enlaçam toda, e bem lavradas. No pavimento, bem no meio da Capela está uma sepultura pouco levantada, a qual é dos Condes de Ourém fundadores de todo o Convento, cujo Epitáfio é na forma seguinte: *Aqui jaz o muito nobre, e virtuoso Senhor D. João Afonso Tello de Menezes, Conde de Ourém, e a muito nobre, e virtuosa Senhora Condessa Dona Guiomar de Villa-lobos, bisneta D'El-Rei D. Sancho de Castela, sua mulher: os quais edificaram, e dotaram este Mosteiro*.

A Capela Colateral, que fica da maior, à parte do Evangelho, não está à face, mas retraída para dentro, é dedicada ao Santo Crucifixo, cuja Imagem tem nove palmos de altura, e de uma, e outra parte, ao pé da Cruz, estão as Imagens da Virgem Nossa Senhora, e S. João Evangelista, todas de vulto, e da mesma estatura. Nesta Capela se veem duas sepulturas, as quais estão metidas em dois arcos na grossura das paredes: na que fica da parte do Evangelho se lê este Epitáfio: - *Aqui jaz Dona Leonor de Menezes, filha de D. João Afonso Tello de Menezes, Conde de Ourém, e da Condessa Dona Guiomar, que edificaram este Mosteiro; a qual foi mulher de D. Pedro de Castro, filho de D. Álvaro Pires de Castro Conde de Arraiolos, primeiro Condestável de Portugal, e houve dela quatro filhos: D. João, D. Fernando, Dona Isabel, e Dona Guiomar. Esta Senhora Dona Guiomar mandou fazer esta sepultura a sua Madre.*

A outra Capela Colateral, que fica da maior à parte da Epístola, é correspondente à do Santo Crucifixo, e dedicada a Nossa Senhora da Vida, tem outra sepultura no seu pavimento, com o seguinte Epitáfio*: - Aqui jaz o muito magnífico Ilustre Senhor D.*

Afonso de Vasconcelos de Menezes Conde, e Senhor de Penela, o qual foi bisneto do Infante D. João, que era filho legítimo d'El-Rei D. Pedro de Portugal. E assim não menos de virtudes, que de tão real linhagem, de todo esse tempo que viveu fez tais e tão assinados Serviços aos Reis de Portugal, e ao mesmo Reino que nenhum acrescentamento de maior estado poderá satisfazer a seus grandes merecimentos. Viveu trinta e nove anos, e finou-se o primeiro dia do mês de novembro, era de 489; e a muito magnífica Senhora Dona Isabel da Silva Condessa de Penela Sua mulher, escolheu também para si esta mesma Sepultura: que não sem causa foi uma só a eles ambos na morte, nos quais foi sempre só uma vontade na vida, vivendo.

Nesta mesma Capela da Senhora da Vida, está outra sepultura com o letreiro que se segue: - *Sob esta sepultura jaz a ossada do corpo de Dona Maria da Silva, que foi mulher de João Freire de Andrade, Senhor de Bobadela, e outros Lugares. Foi filha de D. Afonso de Vasconcelos de Menezes, e de Dona Isabel da Silva, Conde, e Condessa, que foram da Vila de Penela; cujos corpos jazem nesta Capela; faleceu na Vila de Tomar a 12 dias de agosto de 1525*. E todas estas inscrições sobreditas têm seus escudos de armas em relevo, das famílias que nelas estão sepultadas.

Outra sepultura grande rasa se vê nesta Capela, com este Epitáfio: - *Aqui jaz Pedralvares Cabral, e sua mulher Dona Isabel de Castro, cuja é esta Capela; a qual, depois de morto seu marido, foi Camareira-mor da Senhora Infante Dona Maria, filha d'El-Rei D. João o terceiro deste nome.* E nesta Capela está outro letreiro sem ter mais que a seguinte inscrição: *Aqui jaz Dona Violante, mulher que foi de D. Afonso de Noronha*.

No fim do cruzeiro, saindo da Capela-mor para o lado do Evangelho, está a Capela, que é dedicada a S. Nicolau de Tolentino, a qual é espaçosa, com um retábulo feito de boa pedra obrado pela ordem Coríntia, sem ter defeito algum da mesma arte: tem um painel grande, que enche todo o vão do mesmo retábulo, de uma maravilhosa pintura deste mesmo Santo, o qual está de joelhos com os braços abertos em cruz diante de um Crucifixo, e ali logo adiante, por cima da banqueta do Altar está a Imagem deste Santo de vulto bem estofado, tem sete palmos de altura; e ao lado direito no mesmo Altar está a Imagem de Santo Tomás de Vila-Nova, e correspondente no lado esquerdo a Imagem de S. Guilherme, tendo cada uma destas duas Imagens, com pouca diferença, três palmos e meio de alto. No meio do pavimento desta Capela, se vê uma campa, ou pedra de sepultura bem lavrada sem inscrição alguma, a qual é porta de um carneiro, que ocupa por baixo toda a Capela, e só na parede da parte do Evangelho na altura de uma lança está um grande letreiro de letras modernas com um escudo de armas levantado em mais de meio relevo, cuja inscrição é na forma seguinte*:* - *Esta Capela é de D. Juliães da Costa do Conselho de Estado dos Reis D. Filipe segundo e terceiro deste nome, e seu Governador, e Capitão da Cidade de Ceuta, Presidente da Câmara da Cidade de Lisboa, no tempo em que nela houve grande peste, e a governou com mero, e misto império, sem nunca dela se sair; e depois foi Presidente do Desembargo do Paço quatro anos e meio; e de Dona Margarida de Noronha sua única mulher, e de seus herdeiros; ambos a dotaram para nela se lhe dizer Missa quotidiana, e Ofício de nove lições em cada um ano. Faleceu na era de seis de maio*. Estas são as formais palavras, que expressa a inscrição, porém o ano do tempo em que isto ali se colocou não consta, porque não tem mais número algum.

Defronte desta Capela de S. Nicolau de Tolentino, no mesmo cruzeiro fazendo-lhe na formalidade da Arquitetura igual correspondência, está a de Santa Rita primorosamente ornada, e tão enriquecida de adornos, como bem merece uma Santa, que dos mesmos impossíveis talha lustrosas galas a seus merecimentos, sacrificando nos corações dos seus devotos pródigas liberalidades em obsequiosos dispêndios; e porque esta Capela nos nossos dias se compôs na forma em que hoje se vê, tocaremos algumas circunstâncias, que para isto houve.

Esta Capela em que hoje está colocada a Imagem da gloriosa Santa Rita, era um lugar nesta Igreja, que só o ocupava uma grande, e majestosa sepultura portátil de pedra bem lavrada, com duas figuras de vulto entalhadas na tampa da mesma sepultura (da qual adiante daremos mais largas notícias.) Enquanto não deram próprio lugar a esta Santa, estava na Capela do Santo Crucifixo; e vendo os seus devotos seculares moradores no distrito deste Convento, que aquele Altar era impróprio para Santa Rita: movidos com devota generosidade, buscaram ao Padre Fr. António das Chagas, Superior que então era do dito Convento, e governava só naquele tempo em que o Padre Prior Fr. José de Ataíde se tinha ausentado para no Convento da Graça de Lisboa celebrar com os mais o seu Capítulo Provincial. Com o dito Padre se ajustaram de fazer no topo do cruzeiro da Igreja para a parte da Epístola uma Capela a esta Santa para sempre estar nela de morada, e dedicarem-lha por casa sua para sempre. Porém para este artefacto se conseguir representavam-se-lhe grandes dificuldades: a primeira era o tirar-se dali aquela grande sepultura porque era o caixão de notável grandeza, e só de uma pedra, exceto a tampa, e parecia um impossível às forças humanas arrojarem tão grande máquina: a segunda dificuldade se concebia na consideração de haver pouco dinheiro para conseguir uma obra como requeria a grandeza da Capela, que se eleva a toda a altura da Igreja, porém como esta obra era de Santa Rita, as mesmas dificuldades se fizeram com suavidade possíveis.

Foi princípio feliz para se começar a obra, pedirem para ela pelas casas da Vila, em Marvila, Ribeira, e Alfange, e depois de terem juntos quinze mil cento e sessenta réis: com este dinheiro quiseram logo (primeiro tudo) mandar fazer o retábulo; porém como o queriam fazer com a proporção, que correspondesse à grandeza da Capela, e o dinheiro ainda era pouco, ficaram perplexos no que haviam de obrar: prometeu o Padre Fr. António das Chagas, dar da sua bolsa quatro moedas de quatro mil e oitocentos réis, e com este acréscimo chamaram logo um mestre entalhador, chamado Manuel Cardoso, com o qual ajustaram ultimamente fazer-se o retábulo só em madeira, por vinte e seis moedas e meia, ainda que se fazia isto muito custoso a quem não tinha mais, que a quantia referida. Mas vencida esta dificuldade com mais esmolas que se deram, seguiu-se outra não pequena, porque era preciso tirar-se aquela grande sepultura, que estava naquele mesmo lugar, no meio da Capela; cuja arca inteiriça tem de comprido quatorze palmos craveiros, e de largura sete e meio, e de altura nove. Nesta sepultura foram enterrados os corpos de D. Pedro de Menezes, Conde que foi de Viana, e neto dos fundadores deste Convento, e sua mulher Dona Beatriz Coutinha, cujos retratos estão esculpidos na tampa do mesmo caixão, e tem nove palmos de comprido, e para se arrojar para fora, e ter menos peso, tirou-se-lhe a tampa, e se achou inteiro o corpo desta Senhora Dona Beatriz, e todas as vestiduras em que estava amortalhada, incorruptas, e tão sãs, que parecia, que naquela hora lhas tinham vestidas, havendo mais de trezentos anos, que ali foi sepultada.

Este corpo esteve patente em uma Capela da Igreja mais de oito dias, enquanto se passou a sepultura para debaixo do coro onde hoje está, e se trasladou a vinte e um de maio do ano de 1725, que se abriu, e se pôs onde está, dando-se com esta devoção

complemento à vontade destes fidalgos, pois tinham disposto em seu testamento, que aquela sua sepultura estivesse debaixo do coro para sempre, e aquele lugar em que até este tempo estava, tinha por cima o coro antigo, do qual já não havia vestígio algum, e só se sabe dele pela cláusula do testamento, que está no Cartório daquele Mosteiro. Esta sepultura tem cinco escudos de meio relevo, em que se mostram as armas, e brasões destas famílias do Conde, e da Condessa pelos lados, com a letra que diz *Aleo* onde juntamente se lê o seguinte Epitáfio: - *Aqui jaz o muito honrado, mui nobre, e mui fidalgo Senhor D. Pedro de Menezes, Conde que foi de Viana, o primeiro Capitão, e Governador que foi na Cidade de Ceuta Alferes-mor do muito alto, muito poderoso, e Excelente Senhor D. Duarte, pela graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves; Senhor de Viana, Senhor de Penela, Miranda, Alvito, Vila-nova, e neto que foi de D. João Afonso Tello de Menezes, Conde que foi de Ourém, da Condessa Dona Guiomar de Ferreira sua mulher, bisneta que foi d'El-Rei D. Sancho de Castela, que este Mosteiro edificaram o qual Conde D. Pedro na dita Cidade de Ceuta, uma só vez em África por Cristãos possuída, com muita discrição vinte e dois anos governou, e contra os Mouros, e infiéis mui esforçadamente defendeu, e os conquistou por mar, e por terra, e fez afastar, e por força deixar grande parte dos termos dela onde por sua defensão, e já dita Conquista fez muitas pelejas, em elas sempre vencedor, e nunca vencido: de que a dita Cidade houve sempre em seu tempo glória de vencimento cos Mouros temor, e os ditos Reinos grande louvor. Finou-se em a dita Cidade a vinte e dois de setembro, com seu próprio entender bom, e Católico Cristão; até à morte mui esforçado Cavaleiro, a seu Rei natural mui verdadeiro fiel, e leal. Ano de nosso Senhor de 1437. Mandou consigo lançar a Condessa Dona Beatriz Coutinha sua mulher. Sua Sepultura mandou fazer a muito honrada, mui nobre, mui nesta Dona Leonor de Menezes sua filha, mulher que foi do muito honrado, e nobre Senhor D. Fernando filho do Marquês de Vila Viçosa; a qual mandou com o dito Seu Padre lançar a Condessa Dona Madalena Sua Madre, e assim jazem todos, nosso Senhor Deus lhes queira perdoar. Amém.*

Para se fazer esta obra da Capela de Santa Rita com tanta magnificência, como hoje se está vendo, sendo o seu princípio com tanta pobreza; é sem dúvida que nos faz conceber na ideia um juízo provável de que tudo se conseguiu por milagre da mesma Santa, pois fez muitos naqueles dias, e quase em todos os está fazendo; o mais assinalado que naquela ocasião fez, foi, que na passagem daquela grande sepultura para o lugar onde hoje está, rolou a tampa por cima da perna de um homem dos que ali trabalhavam, e quando ao parecer dos circunstantes se representava a mágoa de ficar a perna feita em pedaços, a viram logo sã, e sem lesão alguma; mas parece que assim quer Deus, que certamente entendamos, que os milagres de sua serva Santa Rita, são obrados pelos maiores impossíveis: e finalmente bem se vê que também foi não pequeno milagre tirar-se de esmolas só dentro em Santarém para esta obra seiscentos noventa e três mil cento e oitenta réis; e não parando aqui os dispêndios (que estes foram os de menos quantia) quis Deus que houvesse quem representou a sua Majestade, o Sereníssimo Rei D. João o quinto, a carência que havia para se aperfeiçoar esta boa obra, e o dito Senhor logo por sua real grandeza, e especial devoção mandou acabar a Capela com a maior perfeição que podia ser, gastando nela cinco mil cruzados. Mandou fazer o azulejo, que toma as paredes desde o pavimento até ao teto todo de figuras em que se representam vários milagres desta Santa; vieram os melhores pintores da Corte para pintarem o teto, e dourarem o retábulo, seguindo nele a ordem Coríntia, que tudo está na última perfeição; e ficando somente para se pôr o painel do retábulo, chegou enfim o dia em que El-Rei nosso Senhor o mandou assentar pelo mesmo Autor que o pintou Inácio Xavier, natural desta mesma Vila de Santarém, o qual tinha chegado de Roma destríssimo na arte da pintura, e neste que fez

em o dito painel, formou Santa Rita em um êxtase diante de um Crucifixo assistida de muitos Anjos. É a pintura desta Imagem de corpo agigantado, e a que está de vulto na banqueta em um trono, tem cinco palmos e meio de altura; e também deu o mesmo Senhor riquíssimos ornamentos para o Altar.

Completa, pois, a perfeição desta Capela, para se publicar com aplausos mais manifestos a grandeza dos milagres de Santa Rita, a treze de maio de 1727 se principiou uma novena à mesma Santa, havendo em todos os dias prática dos Religiosos do Convento; e no dia da Festa, que foi no da Ascensão de Cristo, esteve o Sacramento do Altar exposto. Pregou de manhã o muito Reverendo Padre Prior daquela Casa Fr. António da Piedade, e de tarde o Padre Mestre Fr. José das Neves, que ambos com as elegâncias de seus estilos, e bem fechados discursos, fizeram com geral aplauso coroar a obra de tão ilustres ações.

Em uma nave que fica da entrada desta Igreja à mão direita está a Capela do Senhor dos Passos, a qual antigamente era só dedicada a Santo Alípio, cujo Santo está na mesma Capela à parte do Evangelho, e S. Francisco de Sales à da Epístola; e cada uma destas Imagens tem seis palmos de altura com pouca diferença. É esta Capela funda para dentro em quadro, tem um retábulo de madeira muito bem feito com as colunas lisas, e retorcidas tendo os capitéis Coríntios, e ainda não está dourada: e na tribuna está de morada todo o ano, a riquíssima Imagem do Senhor JESUS dos Passos, e só vai desta Igreja para o Colégio da Companhia na quinta-feira de tarde, véspera da terceira sexta-feira da Quaresma, que neste mesmo dia sai daquele Colégio em uma devotíssima Procissão pelas ruas da Vila, e recolhe-se, à sua mesma Casa da Igreja de Santo Agostinho onde devotamente se prega o Sermão do Calvário, cuja Imagem de estatura natural é devotíssima, e perfeitamente obrada. É o arco por onde se entra para esta Capela arqueado de pontas de boa pedra, e com bem debuxados ramos em meio relevo: tem o teto de abóbada todo enredado de cintas de pedra, rematadas em vários fechos, que fazem à vista uma admirável perspetiva.

Nesta mesma Capela da parte da Epístola na grossura da parede está um arco, em o qual se vê um cofre de pedra lavrada, e nele se lê este letreiro: - *Aqui jaz o muito honrado Pero Rodrigues Porto Carreiro, Aio que foi do* Conde *D. Henrique, Cavaleiro da Ordem de San-Tiago, e o muito honrado Gonçalo Gil Barbosa seu genro, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e assim o muito honrado seu filho Francisco Barbosa; os quais foram trasladados a esta sepultura no ano de 1532*: isto é o que diz a inscrição, cujas letras estão gravadas na pedra do dito cofre, porém sabemos, que esta Capela a possui hoje José de Paiva desta Vila, como herdeiro da família dos Castanhedas.

À entrada desta Igreja debaixo do coro, à parte direita, se vê outra sepultura dentro de um arco, que está embebido na parede: é um caixão de pedra, porém não tem letra alguma por onde se possa saber quem ali foi enterrado; tem dez palmos de comprido, com sua tampa também de pedra, e é sem dúvida, que mostra ser aquele ataúde de pessoa de distinção, e só ali ao pé, levantado altura mais de um côvado, está o feitio de uma tarima de pedras encaixadas umas nas outras, a qual é uma porta que cobre uma sepultura larga, ou um carneiro; e logo mais adiante perto disto, para a parte da nave está uma campa rasa no chão com um escudo de armas levantado em meio relevo, que parece ter as mesmas armas, que estão sobre o ataúde do arco da parede, das quais se pode entender que são dos apelidos Cabrais, e Costas. E a sepultura que está no chão rasa, somente se lhe podem ler as seguintes letras: *Sepultura de Dona Isabel de Villadobos, mulher de Pedro de Sá,*

dotaram uma Capela com obrigação de Missas para sempre. E não tem o tempo, nem era em que isto se fez.

Todas as inscrições que acima ficam declaradas, no que toca aos sepulcros desta Igreja, são dignas de recordáveis memórias, pelo ilustre sangue, e heroicos feitos das mais ilustres famílias deste Reino, que ali estão sepultadas, e muitas mais sepulturas tem a Igreja no seu corpo, e naves com letreiros abertos em pedras rasas, os quais não vão aqui lançados por não ser esta escritura prolixa aos Leitores, em cousas de menos entidade: mas porque consta de uma cláusula do testamento do fundador deste Mosteiro, em que manda, que por nenhum caso se enterrem no cruzeiro da mesma Igreja pessoas que não sejam das mais nobres da Vila de Santarém, e algumas inscrições que se leem neste cruzeiro em sepulturas rasas são as seguintes.

Sepultura de Francisco Coelho, e de Dona Maria de Mendonça sua mulher, que faleceu a dez de novembro de 1599.

Sepultura de Diogo do Vale da Silveira, e de sua mulher Filipa de Almeida, e seus descendentes, na qual está enterrado seu filho António de Sousa, que faleceu em dezanove de dezembro de 1663. Pede a devoção costumada.

Sepultura do Doutor Francisco Dias Ferreira, Ouvidor do Crime da Casa da Suplicação, e de seus herdeiros.

Sepultura de Xisto Vieira, e de sua mulher, e herdeiros.

Sepultura de Inês Lopes, e de seus herdeiros.

Esta Sepultura é de Geão Soares, filho de Valentim Soares de Melo, e de Isabel Mendes de Ritanto, que aqui jazem, e de Maria Pedrosa de Carvalho sua mulher, e de seus herdeiros.

Sepultura de Custódio de Abreu, e seus herdeiros.

Aqui jaz António Pessoa, e mais sua mulher, e seus herdeiros.

Aqui jaz Dona Catarina de Brito, filha de Estevão Gatro de Andrada, e de Dona Guiomar de Brito mulher de D. Paulo de Alarcão, faleceu a vinte e um de setembro de 1697.

Sepultura do Padre António Ribeiro, Clérigo de Missa, o qual manda se lhe diga uma Missa rezada cada dia, e um Ofício de nove lições cada ano para sempre: a dezassete de fevereiro de 1608.

CAPÍTULO XVI.

De como foi renovado o teto desta Igreja de S. Agostinho desta Vila, e das mercearias que há no mesmo Convento, com outras memórias a ele pertencentes.

Grande empenho é o que tem o inimigo comum de nossas almas, em perseguir aquelas, que com mais fervor se empregam em servir a Deus, porém é o mesmo Senhor tão amigo dos seus servos, que persistem em o amar, que faz com que deles fiquem os mesmos demónios perseguidos, e porque não pareça que aqui nos afastamos do singelo fio da nossa História, temos para prova desta justificação, a propriedade de um verdadeiro exemplo, que desempenhará o dito do meu conceito; o qual foi o motivo da reforma do teto desta Igreja, e sucedeu da maneira que agora diremos.

Servia antigamente a Deus neste Convento um Venerável Religioso da mesma Ordem, chamado Fr. Martinho de Santarém (por ser natural da mesma Vila lhe davam este apelido) de cuja virtude, e santidade tremiam os mesmos demónios, e pela grande inveja que lhe tinham de o verem tanto na graça de Deus, lhe apareciam várias vezes em figuras espantosamente terríveis, dando-lhe horrendos gritos, proferindo que os deixasse, e não os perseguisse. Isto faziam mais a miúdo, estando o Servo do Senhor no coro em oração só, ou estivesse com a Comunidade celebrando os Ofícios Divinos; e por algumas vezes faziam tal estrondo em toda a Igreja, que temiam os Religiosos caísse, e os matasse a todos; mas não deixou de lhe sair certo o discurso que fizeram com este temor, porque passados poucos dias, se viu a abóbada da nave do meio ameaçando ruína, e fendidas as paredes que a sustentavam; as quais se foram abrindo de dia em dia: até que, por medo da ruína se serviam os Padres só das naves dos lados: e no ano de Cristo nosso Redentor de *1548*, veio a abóbada de toda a nave do meio ao chão.

Por este tempo reinava em Portugal D. João o terceiro, o qual Príncipe sendo piíssimo, era muito devoto do Patriarca Santo Agostinho, que por consequência se julga o havia ser da sua Religião; e porque soube desta ruína, e da causa dela, mandou logo, que à custa da sua real fazenda, se fizesse uma nova abóbada pelo mesmo feitio daquela que tinha caído; porém sendo advertido pelos Arquitetos, e Mestres de obras, que já as paredes não estavam capazes de sustentar abóbada, porque do abalo que tinha padecido estavam pouco seguras para resistirem a tanto peso, mandou o Sereníssimo Príncipe, que se fizesse o teto de madeira bem lavrada toda pintada, e dourada, e adverte o Padre Frey António da Purificação Cronista da mesma Ordem, falando deste caso, que não só então este teto foi pintado, e dourado como ele o via, mas que por ser esta obra real estavam no meio do mesmo teto esculpidas as armas do Reino, sem embargo de ser a Igreja dos Condes de Ourém; e juntamente diz, que em todo este teto estão pintados mais de mil Anjos, e mais de cem vezes o Santíssimo Nome de *JESUS*, outras tantas o de *Cristo*, e outras tantas o de *MARIA*, para que afugentados os demónios dali com este celestial antídoto, não houvessem de fazer outra vez o que em uma fizeram em ódio do Servo de Deus Fr. Martinho; cujo trânsito foi no ano de Nosso Senhor JESUS Cristo de *1483*, e jaz sepultado no claustro deste Convento. Porém podemos certamente daqui entender, que depois que o Padre Cronista viu, e escreveu isto, se devia fazer outra vez este teto, porque

o que hoje vemos é só um forro de guarda-pó, sem a madeira ter sombras de pintura, nem se verem ali as ditas armas do Reino.

Nesta Igreja de Santo Agostinho há cinco mercearias muito bem dotadas, que não sei se haverá outras melhores; foram instituídas para se darem a pessoas de obrigação da Excelentíssima Marquesa Dona Leonor de Menezes, que nesta Igreja está enterrada, como já fica dito, cuja Senhora as instituiu, como consta do seu testamento, que está no arquivo deste mesmo Convento. Estas mercearias têm a condição de se darem a homens, ou mulheres pobres, sendo ao menos pessoas obrigadas desta descendência: os quais Mercieiros são nomeados, e providos por votos deste Convento, do Prior de S. Domingos, do Guardião de S. Francisco, e do Juiz de fora desta Vila; e sendo caso que estes quatro votos se empatem tem o Prior da Casa mais outro voto para poder desempatar a contenda.

Estes Mercieiros, e Mercieiras (conforme a vontade da Instituidora) não são obrigados a irem a esta Igreja, mas em qualquer outra, ou ainda em suas casas podem cumprir com a sua obrigação; que na verdade é privilégio tão amplo, que não sei se neste Reino o terão outros Mercieiros.

Neste Convento pagou o tributo à morte o grande Servo de Deus Fr. Pedro Sanches, por outro sobrenome, se chamava Fr. Pedro de Vila Viçosa, por ser natural daquela Vila. Este Santo Varão tomou o hábito neste Mosteiro onde viveu santamente, cuja oração era tão agradável a Deus, que quando estava nela, o acompanhavam muitos coros de Anjos, e como o refere a sua Vida, aqueles Paraninfos Celestes lhe davam suavíssimas músicas enquanto se detinha a orar. O seu trânsito foi no ano do Salvador do mundo de *1566*, e jaz enterrado no claustro deste Convento.

Houve também aqui outro Varão Religioso de grande penitência, o qual foi o Venerável Padre Fr. Gaspar das Chagas, sendo de ações tão virtuosas, que em toda a sua vida sempre se viu nele uma humildade profunda, não só para com os seus Prelados, mas para com todo o próximo. O seu trânsito neste Convento foi no ano de Cristo Senhor Nosso de *1593*, seu corpo pelos merecimentos de suas grandes virtudes foi sepultado na Capela-mor da parte do Evangelho ao pé do presbitério.

CAPÍTULO XVII.

Dá-se notícia da Irmandade das almas, e da do Senhor dos Passos, que há nesta Igreja de Santo Agostinho em Santarém.

A Irmandade das almas do fogo do Purgatório, que existe nesta Igreja, foi ereta no ano de *mil seiscentos e seis*, tendo por seu advogado o bem-aventurado S. Nicolau de Tolentino, dirigida ao seu Altar que há na mesma Igreja. Foi concedido a esta nobre Irmandade um Breve Pontifício, dado pela Santidade de Bento XIII, no primeiro ano do seu Pontificado, para que este Altar fosse privilegiado, e pelas Missas que nele se dissessem ficassem as almas dos Irmãos livres das penas do Purgatório. Este Breve foi concedido em Roma a oito de junho, ano de *1724*, o qual começa na forma seguinte: - Omnium saluti paterna charitate intenti, sacra interdum loca specialibus indulgentiarum muneribus decoramus, ut inde fidelium defunctorum animæ, Domini nostri JESU Christi, ejusque sanctorum suffragia meritorum consequi, & illis adjutæ ex Purgatorii pænis ad æternam Salutem per Dei misericordiam perduci valeant. Volentes igitur Ecclesiam Fratrum Eremitarum Ordinis Sancti Augustini Villæ Santarem &c. E o que quer dizer o mais Latim do Breve em Português, é como se segue. *Querendo portanto na Igreja dos Religiosos Eremitas da Ordem de Santo Agostinho da Vila de Santarém da Diocese de Lisboa da parte Oriental, na qual Igreja se não acha outro Altar privilegiado, e nela esteja o de S. Nicolau de Tolentino, para se ilustrar com este especial dom, com tanto, que na dita Igreja se celebrem todos os dias sete Missas; confiados na autoridade da misericórdia de Deus Omnipotente, e dos Bem-aventurados Apóstolos S. Pedro, e S. Paulo, que quando quer por algum Sacerdote secular, ou regular em o predicto Altar se celebrar Missa de defuntos no dia de todos os fiéis finados, e em cada um dos dias do seu Oitavário, ou em uma féria de cada uma das semanas destinada pelo Ordinário, pela alma de qualquer fiel Cristão, que desta vida partir em graça de Deus, essa alma alcance Indulgência do tesouro da Igreja por modo de sufrágio, de tal sorte, que sufragando-lhes os merecimentos de Nosso Senhor JESU Cristo, e da Beatíssima Virgem MARIA, e de todos os Santos, concedemos, e mandamos, que fique livre das penas do Purgatório*.

E conforme o mandado do Compromisso desta Irmandade das almas, no capítulo terceiro, devem os Irmãos da mesa fazer a cinco de junho (que é dia em que faz anos a Canonização de S. Nicolau de Tolentino) a sua festa que só consta de Missa cantada, e pregação, e no fim da mesma Missa diz, que haverá responso sobre o enterro dos Irmãos, que vem a ser em toda a nave da parte do Evangelho, e que em toda ela se não poderá enterrar outra pessoa, que não seja Irmão, ou Irmã, em cujo ato assistirão os Irmãos, e a Comunidade do mesmo Convento; porém vemos, que agora nestes anos se faz ali a festa a este Santo no dia do seu trânsito, que é a dez de setembro.

Nesta Igreja se guarda com devotíssimo culto a perfeitíssima Imagem do Senhor dos Passos, conservada por uma nobilíssima Irmandade, a qual Imagem está com decente veneração colocada em uma Capela, que fica só na nave da parte da Epístola, da qual já no capítulo acima escrevemos a perfeição do seu ornato. Esta Capela, que antigamente estava dedicada a Santo Alípio, era de um fidalgo chamado Luís de Castanheda de Vasconcelos, que a rogos da Irmandade fez contrato com os Padres Agostinhos do dito Convento de Santarém, para o ministério de ficar para sempre nela de morada aquela

Imagem do Senhor dos Passos; para o que alcançaram Alvará de confirmação por El-Rei, sendo debaixo das cláusulas contidas na escritura que fizeram: e porque esta Capela era pertencente ao vínculo que instituíram Gonçalo Gil Barbosa, e sua mulher Mécia Mendes de Aguiar, de que o dito Luís de Castanheda era atual administrador: por maior firmeza deste contrato, e se não poder mais arguir pelos futuros sucessores do dito vínculo, foi confirmado por El-Rei, como consta da cópia que está lançada no Compromisso da mesma Irmandade; ficando porém o uso, e direito da dita Capela para se poderem sepultar nela os sucessores do dito Luís de Castanheda, ou sejam por sangue, ou por mercê de El-Rei. Foi esta confirmação feita em Lisboa a dezoito de fevereiro, no ano de *mil setecentos e doze*, registada na Chancelaria-mor da Corte, e Reino, no livro dos ofícios, e mercês, a folhas cinquenta e duas.

No Cartório desta veneranda Irmandade está escrita uma memória, que me parece não ser impróprio do nosso assunto, fazer aqui dela também lembrança, em abono da pia devoção, que os Padres da esclarecida Ordem do glorioso Patriarca Santo Agostinho, tem em todas as terras deste Reino, com a sua devotíssima Procissão dos Passos. Antes que nesta Vila de Santarém tivessem os Padres da Companhia de JESU o seu Colégio, primeiro saía esta Procissão de uma Ermida chamada dos Inocentes, e hoje a vemos recolhimento de virtuosas donzelas, como por ordem dos Padres de Santo Agostinho, que sempre tiveram Breves Pontifícios, para em qualquer lugar fazerem esta Procissão, e elegerem donde saísse para se recolher no seu Convento, logo nesta Vila elegeram esta Ermida dos Inocentes, donde saía alguns anos, porém como era de pequena grandeza para tamanha função, por ordem dos mesmos Padres saía do Espírito Santo por ser Igreja maior, ainda que também é Ermida. E como nestas Ermidas não havia Comunidades de Religiosos, que ajudassem aos ditos Padres nesta devota ação, pediu a Religião de Santo Agostinho aos Frades do Convento de S. Francisco desta Vila, deixassem sair esta sua Procissão da sua Igreja, pois era grande, e com sua assistência sairia dali com mais decente culto, como com efeito os Padres Franciscanos aceitaram a oferta, e da sua Igreja saiu muitos anos. Depois correndo o tempo em que os Padres da Companhia tinham já nesta Vila edificado o seu Colégio, por várias razões particulares trataram os ditos Padres Eremitas, e os Irmãos seculares de que saísse a Procissão da Igreja dos Padres da Companhia. Opuseram-se-lhe os Religiosos de S. Francisco por estarem muitos anos nesta posse, do que resultou uma renhida demanda, e no ano de *mil seiscentos e oitenta e dois*, se deu em Lisboa a última sentença pelos Padres Agostinhos, aos vinte e nove de janeiro, como consta da mesma sentença, que está registada no livro desta santa Irmandade dos Passos de Cristo, a folhas quarenta; sendo Escrivão da Mesa Vasco Sodré da Gama. E de então até hoje sai a dita Procissão do Colégio dos Padres da Companhia.

CAPÍTULO XVIII.

Dá-se notícia da fundação, e existência do Convento de Nossa Senhora de JESUS dos Religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco desta Vila de Santarém.

Fora dos muros da Vila de Santarém, em distância de setenta passos, quase ao Poente, no distrito da Freguesia de Nossa Senhora de Marvila, está situado o Convento dos Religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco, com o título de *Nossa Senhora de JESUS*; cujo princípio, e fundação aqui diremos com as notícias mais certas que pudemos achar no Cartório do mesmo Convento, e por outros documentos manuscritos que descobrimos, não com pouco trabalho, porque desta Religião não há ainda Crónica, nem em letra redonda se acham outras memórias desta ereção. Era pois antigamente o lugar em que hoje está fundado este Mosteiro, um Palácio da Mitra dos Arcebispos de Lisboa; e porque em certo tempo se urdiu nele uma conjuração, a qual se fez bem manifesta pela violenta morte do Duque de Viseu, executada nos Paços da Vila de Setúbal, depois deste caso os Arcebispos que ao diante se seguiram, respeitando o decoro devido à Majestade de El-Rei Dom João segundo do nome, pela fealdade do crime, não quiseram habitar mais no dito Palácio; ficando só o tempo sendo executor de suas ruínas. Depois disto correndo os anos até o de mil quinhentos e noventa e dois, o Ilustríssimo D. Miguel de Castro Arcebispo, que então era desta Diocese, por petição que os Padres da dita Terceira Ordem lhe fizeram, com o intento de se mudarem do Convento de Santa Catarina dos Olivais (sito meia légua fora de Santarem) para dentro da dita Vila, com licença dos Senhores do Senado dela: o dito Senhor Arcebispo lhes concedeu a data daquele seu Palácio, por despacho de dezasseis de junho do dito ano; oferecendo-lhes espontaneamente, e dando-lhes aqueles seus Paços Episcopais, pela Provisão seguinte, a qual aqui vai trasladada assim como está no Cartório do mesmo Convento no livro do Tombo a folhas três, e é a seguinte:

In quadam eremo non multum remota ab oppido de Santarem Ulisbonensis Diocesis extructa est Domus Regularis Fratrum Tertii Ordinis Sancti Francisci, & quia multi illius Fratres quotannis infirmantur, curationis causa transmittuntur ad dictum oppidum ubi dicti Fratres domum ad hunc effectum conducunt, Archiepiscopus Ulisbonensis considerans hoc fieri cum maximo dictorum Fratrum incommodo uti per se ipsum commoditati, & dicti oppidi incolam speciali consolationi consuleret, quasdam edes ad suam mensam Episcopalem spectant extra muros dicti oppidi positas (valde ruinosas) & dictae mensae in nullo, vel parum utiles, quae sine maximo sumptu reparari non poterant, dicto Ordini ad effectum inibi domum regularem, ejusque Ordinis pro usu, & habitatione fratrum primo dictae domus construi facient donavit supplicatur pro confirmatione de donationis, ac erectione domus regularis dicti Ordines in perfactis adibus, necnon indulto quod Fratres primo dicta domus possint se transferre ad predictam domum erigendam cum omnibus bonis, & paramentis atque, & sacra suppelettili in predicta domo existente, 20 Junii. Archiepiscopus. Archiepiscopus Michael de Castro donans, Sedi Apostolicae supplicans, collectore hujus Regni Portugaliae intercedente. Secretarius Mensae regularium nomine confirmans. Esta é a Provisão, que em Latim está no livro do Tombo do mesmo Convento, e em suma o que quer dizer em Português, é o seguinte:

+2

"Como a Província da Terceira Ordem de S. Francisco tenha um Convento em um ermo da Diocese Ulisbonense, pouco remoto da Vila de Santarém, e porque no dito Convento todos os anos enfermam muitos de seus moradores, e para haverem de se curar são mandados para a dita Vila, onde os ditos Frades alugam uma casa para este efeito. O Senhor Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, considerando o incómodo dos Religiosos, e a consolação que os moradores desta Vila recebiam em terem os Religiosos nela assistentes, lhes doou os Paços Arquiepiscopais que nela tinha a Mitra já com bastante ruína, para haverem de fundar neles um Convento da sua Ordem, e se mudarem do antigo de Santa Catarina com todos os seus bens, e pertenças; e isto com tão magnífica liberalidade, e pia devoção, que não foi preciso suplicarem-lho muito os Religiosos, bastou sim considerar a necessidade, para logo espontaneamente acudir com o remédio dando-lhes o sobredito Palácio; e suplicando à Sé Apostólica confirmasse esta sua data, como se verá da súplica seguinte, que aqui vai fielmente trasladada do mesmo Latim que está no referido livro do Tombo, a qual data confirmou a Santa Sé Apostólica com todas as circunstâncias, e solenidade, intercedendo o Coletor deste Reino de Portugal, e o Secretário da mesa dos Regulares, confirmando com o seu nome."

Beatissime Pater, humilis, & devota creatura vestra Michael Archiepiscopus Ulisbonensis provide considerans in quadam eremo ab oppido de Santarem Ulisbonensis Diocesis non multum remota, domum Fratrum Tertii Ordinis Sancti Francisci extinctam reperiri quotannis vero multorum ex Fratribus in dicta domo pro tempore commorantibus in morbos incidere, curationis causa ad dictum oppidum condusis, ibi domo trasmitti consuevissent, & mensam Archiepiscopalem Ulisbonensis quasdam ades extra muros dicti oppidi possidere, easque valde ruinosas, & propterea dicta mensae in nullo, vel parum utiles esse, ut sine gravi sumptu ad debitum statum instaurari possint, & sic illi dicto Ordini ad effectum erigendi, & instruendi ibi unam illis domum regularem concederetur, eoque Fratrum habitatio prima dictae domus trasferatur, & inde ipsos Fratres magnum commodum, & incolas dicti oppidi spiritualem consolationem experturos, mensam vero ipsam nullam, vel minimum damnum passuram; & ideo his & aliis rationabilibus causis adductis acceptatis, tum juribus, & pertinentiis earum universis, prout, & quemadmodum ad dictam mensam spectabant dicto Ordini, ac devoto viro Ludovico de Figueiredo Provinciali Provinciae in qua prima dicta domus consistit, pro ipso ordine acceptanti ad finem, & effectum, domum regularem ejusdem Ordinis pro habitatione, & usu Fratrum primo dicta domus construi faciendi perpetuo concessit, & donavit prout in publicis desuper confectis Scripturis plenarie continetur.

Cum autem Pater Sancte concessio, & donatio hujusmodi ex justis rationibus facta esse dignoscatur, proindeque Michael Archiepiscopus, & omnes praedicti plurimum cupiant illas pro firmiori earum subsistentia, & observatione inviolabili per Sanctitatem vestram, & Sedem Apostolicam approbari, & confirmari, ac in dictis aedibus, earumque adjacentiis unam domum regularem dicti Ordinis ad effectum praemissum erigi, & institui, ac alte insuper ut infra provideri; supplicat ergo humiliter eidem Sanctitati vestrae Michael Archiepiscopus, & omnes praedicti, quantum in praemissis opportet providens, eosque specialibus favoribus, & gratiis prosequens concessionis, & donationis praedictae, ac desuper confecta Scriptura, & in iis contenta quacumque cum omnibus, & singulis inde sequutis, & sequens actum perpetuo approbare, & confirmare, ac illis perpetuum, ac inviolabile Apostolicae firmitatis robur adjicere, omnesque, & singula, tam juris, quam facti, & Solemnitatem de usu, jure vel consuetudine, aut aliter quomodolibet requisitarum, vel necessariarum, aut quavis alia

quantunvis substantialiter deficiant: Sequi desuper quomodolibet intervenerit supplicationi, concessioni, donationi, & scriptura hujusmodi perpetuo valida, & efficaci, per se, vel per suos plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, actam à Michaele Archiepiscopo praedicto, illiusque Superioribus, & Guardiano, & Conventu domus noviter instituenda hujusmodi pro tempore existente, & quibusvis aliis, ad quos nunc quomodolibet spectat, & spectare, poterit in futurum perpetuo firmiter, & inviolabiliter observare, & ad implere debere, ab illisque nullo unquam tempore resilire, vel recedere possint. Irritumque decernimur, & nihilominus in praedictis aedibus postquam ad formam domus regularis instaurata sint, si nondum sint, earumque adjacentis unam dicti ordinis domum regularem sub invocatione, Guardiano, & Conventui pertinentia, bene visa, & per eos eligenda, cum Ecclesia, campanali, campanis, refectorio, dormitorio, claustro, caemeterio, hortis, hortalitiis, cellis, aliisque officinis, & membris solitis, & consuetis, ac necessariis, & opportunis pro proprio usu, & habitatione Guardiani, & competente numeri Fratrum hujusmodi Ordinis, qui habitum profiteri aliarum domorum regularium gestari solitum suscipere, & professionem per eosdem emitti consuetam emittere, ac usus, mores, & consuetudines, & instituta regularia ipsiusmes Ordinis servare, ac Divinis laudibus assistere debeant, & teneantur itidem perpetuo erigere, instituere, ac Guardiano, & Conventui, ut è prima dicta domo ad secundam dictam, sic pariter erectam, ac institutam una cum omnibus, & singulis proprietatibus redditibus, proventibus, juribus, observationibus, rebusque, & bonis universis ad prima dictam domum pertinentibus, & spectantibus: item paramenta, ornamenta, calicibus, vasis, libris, aliisque ad usum ordinatis Divino Cultui in prima dicta domo comparatis, totaque, & universa suplectilis sacra, & profana ibidem existens quandocumque illis bene visum fuerit se transferre, & postquam translati fuerint, ac pro tempore existente domus erecta hujusmodi Guardiani, & Fratres, aliaque persona, & Christi fidelibus eorum Ecclesiam pro tempore visitantibus omnibus, & singulis proventibus, facultatibus, libertatibus, immunitatibus, exemptionibus, praerogativis, praeminentiis, aut aliis concessionis indultis indulgere, aliisque favoribus, & gratiis universis, tam spiritualibus, quam temporalibus, aliisque domibus regularibus ipsius Ordinis, earumque Guardianis, Fratribus, ac personis, & Christi fidelibus eorum Ecclesiam visitantibus, & per viam simplicis comunicationis, vel alia quomodolibet concessione, & pro tempore concedere quibusque illa, vel illi de usu, jure, consuetudine, vel privilegio, aut alia quomodolibet utantur, fruantur, puniantur, & gaudere, ac uti, frui, & gaudere possint, poterunt quomodolibet in futurum.

Similiter, & pari firmitate, ac sine ulla prorsus differentia uti, frui, poterit, & gaudere possint libere, & licite, perpetuoque concedere, & gaudere; nullatenus quoque ac desuper confirmationis litteras de subreptionis, vel arreptionis vitio, aut nullitatis intendat, aut intentione Sanctitatis vestrae, vel quopiam alio deffectu notari, inpugnari, retractari, anullari, vel invalidari possint, sed illa semper, & ad perpetuum valido, atque efficaces existere, & fore, suosque plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, sitque per quoscunque judices, & causarum Palatii Apostolici Auditores sublatam judicari debere, ita irritumque aliter judicetur ex speciali gratia.

Non obstantibus praemissis, ac felicis recordationis Pauli secundi de rebus Ecclesiasticis non alienandis, ac Bonifacii octavi, qua cavetur, ut qui Ordinum mendicantium professores nova loca ad inhabitandum recipere praesumant absque Sedis Apostolicae licentia speciali faciente plenam, & expressam de prohibitione hujusmodi mentionem, necnon Clementis quinti, & Julii secundi Romanorum Pontificum praedeccessorum vestrorum de Monasteriis, & domibus regularibus in forma motuum in illis expressum spatium contiguum, ab aliis Monasteriis, & domibus

aliorum Ordinum de novo non erigendis, necnon de gratiis ad justarum numerum concedentis, aliisque quibusvis acceptis in Provincialibus, & Synodalibus, universalibusque Conciliis, editis specialibus, vel generalibus Constitutionibus, & ordinationibus, necnon praedicti Ordinis, ac primo dictae domus Ordine statu, & juramento roboratis, privilegiis, & litteris Apostolicis, & illi ejusque Superioribus, & personis, & derogatororum derogatoriis, aliisque efficationibus, efficacissimis, & in solitis clausulis irritantibusque in genere, vel specie, & motu proprio, & consistorialiter, & aliter in contrarium fore quomodolibet concessum, quibus omnibus, & sic & eorum tenoribus latissimè, & plenissimè, ac via specialiter, & expressè derogare liceat, caeterisque contrariis quibuscumque conclausulis approximatis, & cum pertinet ad rem, & effectum, & quod dictarum Scripturarum, & inde sequutorum quorumcunque tenorum veriores, ut habeantur pro expressis sive in toto, vel in parte expressum ponitur in litteris, & de approbatione, confirmatione roboris adjectionem defectum suppletione necnon praecipua erectione, institutione, concessione, indulto singulis decretis, aliisque praemissis ut supra in forma gratiosa perpetuo, & ad perpetuam rei memoriam, & cum approbatione Villicum ex rerum deputatione, qui assistant facultatibusque habeant citandi, & inhibendi, & suspendendi contradictores invocato auxilio brachii faculari quantum opus fit, non tamen trium praemissorum, qua omnium, & aliorum quorumcunque quomodo licet contrariorum derogatione in litteris latissime existens, & quod praemissorum, & singulorum, denominatim qualiter nuncupatur, juvetur aliorumque mediorum maior, & verior specificatio, & expressio fieri possit in litteris simul, vel ad partem, per breve hoc tuum, seu officium memoriae, gratiae, & expeditis. Collectori confirmatione. E a isto se seguia o sinal do Coletor com o seu Selo.

É em Português o sentido desta Escritura, que aqui vai lançada em Latim traduzido ao pé da letra, que não pode deixar de ser extenso, pelas circunstâncias do Breve, assim como está no referido livro do Tombo do dito Cartório, dizendo a súplica do Ilustríssimo D. Miguel de Castro na forma que se segue:

"Beatíssimo Padre: Miguel Arcebispo de Lisboa humilde, e devota criatura vossa, prudentemente considerando, que em certo ermo, não muito distante da Vila de Santarém da Diocese de Lisboa, se acha uma casa dos Frades da Terceira Ordem de S. Francisco quase extinta; todos os anos porém, muitos dos Frades habitadores na dita casa pelo discurso do tempo adoecem, e para se curarem são levados para a dita Vila, e aí costumavam passar-se para outras casas, as quais estão fora dos muros da mesma Vila pertencentes à Mesa Arcebispal de Lisboa, as quais estão muito arruinadas, e por isso para pouco, ou nada prestam à dita Mesa, de tal sorte que sem grandes gastos se não podem restaurar, e pôr no devido estado, e assim se concedam àquela dita Ordem, para que com efeito se erija, e edifique ali uma casa regular para eles, e por essa causa a habitação dos Frades da primeira sobredita casa seja transferida, para que daí os mesmos Frades recebam grande proveito, e os habitadores da dita Vila hão de experimentar consolação espiritual, mas que a Mesa nenhum dano há de padecer: por tanto apontadas estas, e outras razoáveis causas recebidas, assim direitos, e pertenças universais delas da mesma sorte, e do mesmo modo que pertenciam à dita Mesa perpetuamente se concedam à dita Ordem, e ao devoto varão Luís de Figueiredo Provincial da Província, o qual em a primeira sobredita casa existe pela mesma Ordem aceitante para efeito, e fim de fabricar uma casa regular da mesma Ordem para habitação, e uso dos Frades do mesmo modo que se contém nas públicas escrituras acima feitas plenariamente; porém como quer, o Santo Padre, que a concessão, e doação das mesmas casas, se conheça ser feita com justas

razões, por isso Miguel Arcebispo, e todos os mais sobreditos desejam muito que elas, para firmeza, e subsistência, e observância inviolável, sejam aprovadas, e confirmadas por Vossa Santidade, e pela Sé Apostólica, e que nas ditas casas, e suas adjacências permita, que se levante, e institua uma casa regular da dita Ordem para este efeito.

Por tanto humildemente o mesmo Miguel Arcebispo pede, e suplica a Vossa Santidade, e todos os sobreditos quanto é conveniente, considerando, e vendo as premissas com favores especiais, e graças da concessão, e doação sobredita, e além disto da escritura feita, e nelas contidas aquelas, com todas, e cada uma das que daí se seguem, e ao presente aprovar, e confirmar, e acrescentar a elas perpétua, e inviolável força da firmeza Apostólica, e todas, e a cada uma assim de direito, como de facto, e do uso, direito, ou costume das solenidades, ou de qualquer modo requisitas, ou necessárias, e outras quaisquer, ainda que sendo substanciais faltem. Se alguns além disto de qualquer modo se opuserem à súplica, concessão, doação, e a escritura do mesmo modo perpetuamente válida, e eficaz por ou pelos seus plenários, e inteiros efeitos tenham efeito, e assim pelo dito Miguel Arcebispo acima nomeado, e pelos Superiores dela, e Guardião, e Convento da mesma casa novamente que se há de fabricar pelo tempo presente, e outros quaisquer, aos quais agora de qualquer modo pertença, e possa pertencer para o futuro perpetuamente firme, e inviolavelmente se deva observar, e cumprir; e que em nenhum tempo possam deixar, ou apartar-se, ou desamparar por eles. Determinamos que seja irrito, e com tudo isto nas sobreditas casas depois que forem fabricadas em modo de casa regular se ainda não estão em modo de Convento com suas pertenças, sendo uma casa regular da dita Ordem com invocação, bem vistas as coisas pertencentes ao Guardião, e Convento, e por eles escolhidos, com Igreja, campanário, sinos, refeitório, dormitório, claustro, cemitério, hortas, cercas, celas, e outras oficinas, e membros costumados, e necessários; e convenientes para próprio uso, e habitação do Guardião, e competente número de Frades da mesma Ordem, os quais tragam hábito, costumado a trazer nos outros Conventos regulares, e que se faça pelos mesmos a costumada profissão, e guardar os usos, costumes, e institutos regulares da mesma Ordem, e devam assistir aos Divinos louvores, e também perpetuamente sejam obrigados a edificar, e instituir a dita casa, e se transfira totalmente para a segunda, assim igualmente erigida, e instituída juntamente com todas, e cada uma das propriedades, rendas, e bens adventícios, direitos, convenções, e coisas suas, e todos os bens que pertenciam à primeira sobredita casa, e esperados: também os paramentos, ornamentos, cálices, vasos, livros, e outras coisas ordenadas para o uso do Culto Divino que tinham na primeira casa, e todas as alfaias, assim sagradas, como profanas aí existentes de qualquer sorte que lhe parecer, se transfiram, e depois que se transferirem, e pelo tempo adiante desta mesma casa novamente erigida, aos Guardiães, e Frades, e outras pessoas, e fiéis Cristãos, que pelo tempo adiante visitarem a Igreja deles ditos Padres Terceiros, concedam todos, e cada um em particular, as rendas, faculdades, liberdades, imunidades, isenções, prerrogativas, preeminências, ou outros indultos de concessão; e que lhe conceda os favores, e graças universais, assim espirituais, como temporais, concedidas às outras casas regulares da mesma Ordem, e aos Guardiães, e Frades delas e às pessoas, e fiéis Cristãos, que visitarem as suas Igrejas: isto por modo de comunicação, ou outra qualquer sorte de concessão, e pelo tempo se conceder o que de uso, direito, costume, ou privilégio, ou de outro modo usem, e gozem, possuam, e possam gozar, de qualquer sorte para o futuro.

Na mesma forma, e com igual firmeza, sem nenhuma total diferença, que possam livre, lícita, e perpetuamente lhe conceda usar, gozar, e possuir, e além disto, que de nenhum modo as letras de Vossa Santidade de confirmação sejam notadas com vício de

surreição, ou obreição, e que a cópia não tenha em si nulidade, ou outros defeitos que se possam impugnar, retratar, anular, ou invalidar, mas que elas sempre, e perpetuamente sejam válidas, e eficazes, e que consigam os seus plenários, e inteiros efeitos, e os tenham, e sejam, e devam ser julgadas por quaisquer Juízes das causas do Palácio Apostólico, e Auditores, assim de outra sorte se julgue ser irrito por especial graça. Não impedindo as premissas Paulo II de feliz memória das causas Eclesiásticas, que se não hão de alhear, e de Bonifácio VIII, em que proíbe, que os Professores das ordens Mendicantes presumam receber novos lugares para habitar sem especial licença da Sé Apostólica, fazendo plena, e expressa menção da mesma proibição, e também de Clemente V, e Júlio II, Pontífices Romanos vossos predecessores dos Mosteiros, e Casas Regulares em forma de motos expressos, ou espaço contíguo neles, de outros Mosteiros, e Casas de outras Ordens de novo instituídas e também das graças do que concede ao número das justas, e outras quaisquer coisas recebidas em os Provinciais, e Sinodais, e Concílios Universais, e especiais, ou gerais Constituições, e Ordenações, e também da sobredita Ordem, e primeiramente fortalecidas na Ordem, e estado da mesma Casa, e juramento, e privilégios, e letras Apostólicas, e a eles, e aos seus Superiores, e pessoas, e anulações das coisas anuladas, e de outras eficácias, e eficacíssimas, e nas cláusulas costumadas irritantes, assim em género, como em espécie, e moto próprio, e consistoriais, e de outra sorte que sejam em contrário concedido, as quais coisas, assim aos seus teores larga, e plenissimamente, especialmente por caminho, e expressamente seja conveniente derrogá-las, e assim as mais cláusulas quaisquer aproximadas: e como quer que pertençam à causa, e efeito, e que as ditas escrituras, e daí quaisquer teores que seguirem sejam verdadeiros, para que se tenham por expressos, ou em todo, ou em parte se ponha expresso nas letras, e para firmeza da aprovação, e confirmação acrescente o suplemento do defeito, e também a principal ereção, instituição, concessão, indulto a cada um dos decretos, e outras premissas, como acima em forma graciosa perpetuamente, e para sempre, e com aprovação do Prelado, e deputação das coisas assistam, aqueles que têm faculdade de citar, e inibir, e suspender aos contraditores, invocado para isto o auxílio do braço secular, quando seja necessário, nem com tudo das três premissas, as quais todas, e outras quaisquer em contrário estão largamente nas letras da derrogação, e que a verdadeira especificação, e expressão das premissas, ou de cada uma, e nomeadamente de qualquer sorte que chame, se ajude, e procure o maior meio que se possa fazer nas letras, ou em parte, por Breve vosso, ou ofício expedido para memória, e graça." Foi confirmado pelo Coletor.

É sem dúvida para reparar bem, e se fazer louvável reflexão no muito que os Padres da Terceira Ordem de S. Francisco devem à devotíssima alma daquele grande Arcebispo D. Miguel de Castro; pois por esta sua Súplica, que acabamos de escrever, feita à Santidade de Paulo V, no ano de mil seiscentos e quinze, vemos o generoso ânimo com que por todos os caminhos protegeu aquela Sagrada Religião, não só com a data graciosa do seu Palácio, em que se mostrou ser seu acérrimo benfeitor, mas sabemos pelas memórias que disto há na mesma Ordem, que da sua bolsa concorreu com muito dispêndio para se fabricar o dito Convento, ao qual se deu princípio no fim do mesmo ano de mil seiscentos e quinze; pelo que, e por tão amplos benefícios aquela pobreza Seráfica devedora a tanta caridade para memória de seu agradecimento canta pela alma do mesmo Senhor Arcebispo todos os Sábados depois de Prima um responso no fim da Missa de Nossa Senhora, o que até hoje se observa por todos os Conventos da mesma Religião.

No referido ano se trasladaram os Padres Terceiros do antigo Convento de Santa Catarina dos Olivais, para o novo de Santarém, que já estava com dormitório, e mais

oficinas necessárias para o cómodo dos Religiosos, e tinham já levantado altares, e ordenado coro em uma sala do dito Palácio para exercício dos Ofícios Divinos. A este tempo se lhes opuseram as Religiosas do Convento de S. Domingos das Donas, com pretexto de que junto aos seus Conventos se não pode fundar Mosteiro de outra Ordem, alegando o Breve, que chamam das *Canas*. Tiveram os Padres nesta demanda três sentenças a seu favor, e no fim do ano de mil seiscentos e dezassete, se cantou solenemente neste novo Convento a primeira Missa, que desde então podemos contar a sua antiguidade.

CAPÍTULO XIX.

Em que se dá notícia da fundação da Igreja deste Convento, e de algumas coisas dignas de memória que nela há.

Depois de se acharem estas coisas do novo Convento na forma que temos dito, sendo ainda coisa limitada, quis a Providência Divina, que assim como este Convento teve um devoto Varão, que solidamente concorresse para se edificar, tivesse também uma devota Matrona que desse princípio a edificar-lhe uma Igreja em tal forma, e proporção, que a formosura dela fosse causa de se estender o Convento a maior grandeza, como hoje o estamos vendo. Esta benfeitora foi Joana Coelha, natural de Cabo Verde, Dona viúva de Fabião de Andrade da Veiga, Capitão que foi de Cacheu, como consta da Escritura feita em Lisboa na nota de António Cabral Botelho, lançada no Tombo do mesmo Convento de Santarém a folhas cento e vinte e nove, da qual consta contratar-se a dita Joana Coelha com o P. Provincial Fr. Manuel Botelho e os Definidores da mesma Província da Terceira Ordem, para ela ficar sempre sendo Padroeira daquela Igreja com as condições que aqui diremos, aceitas também pelo Reverendo P. Fr. *Faustino de Melo*, Ministro que naquele tempo era do mesmo Convento, e os mais Religiosos da dita Casa, como consta de um instrumento feito por António Pereira Tabelião da mesma Vila, lançado no livro do Tombo daquele Mosteiro a folhas cento e trinta e cinco, e as condições do sobredito contrato são pelo teor seguinte.

A primeira condição é, que ela Joana Coelha seria obrigada a fazer à sua custa a Capela-mor, o cruzeiro, e as duas capelas dele de abóbadas de alvenaria, com os arcos das três Capelas de cantaria lavrada, conforme a planta que estava delineada para se engrandecer o Convento, de maneira que ficasse tudo perfeito, e acabado.

A segunda condição, que fará o retábulo da Capela-mor de boa madeira, e o dará pintado, e dourado, com duas Imagens de vulto; e desta Capela-mor ficará sendo Padroeira para sempre com todas as graças, e prerrogativas das principais Capelas do Reino, e no meio dela mandará pôr a sepultura em que se há de enterrar com letreiro que declare, que nela está enterrada expressando o dia, mês, e ano de seu falecimento, e poderá pôr outro em uma pedra levantada na parede que declare, que ela a mandou fazer para sua sepultura, pois a dotou; e poderá pôr armas da sua geração, e família no remate do retábulo, e arco da dita Capela-mor, as quais em nenhum tempo se poderão tirar, nem os Padres consentirão se enterrar nesta Capela pessoa alguma de qualquer condição, e qualidade que seja, salvo aquelas que ela nomear até à sua morte.

A terceira condição, que será obrigada a ornar a mesma Capela de todos os ornamentos necessários para todos os tempos, a saber, branco de tela, vermelho, verde, roxo, e preto, pano de defuntos, capas de Asperges, vestimentas, dalmáticas, frontais, pano de púlpito, e estante; os ornamentos de brocatel, damasco, e tela, cortinas de pano da Índia, ou da terra, brancos, e azuis de Bertangil.

A quarta condição, que dará uma lâmpada, caldeirinha, e seis castiçais grandes, dois cereais, tudo de prata, e outra lâmpada com seis castiçais de arame.

A quinta, que será obrigada a dar vinte mil réis de juro, ou foros ao Convento dos Padres, e que estes se não possam gastar, salvo no cruzeiro, ou Capela-mor. E mais seis alqueires de azeite de foro para a lâmpada, que estará sempre acesa.

A sexta, que se obrigará a dar vinte e cinco mil réis de juro, ou foros em cada um ano para se lhe dizer Missa quotidiana pela sua alma, e lhe cantarem um Ofício de nove lições no Oitavário dos Santos, e cantarem-se-lhe mais quatro Missas nas quatro festas do ano, a saber, Natal, Ressurreição, Espírito Santo, e Assunção de Nossa Senhora, satisfazendo com estas Missas as rezadas.

A sétima, que poderá dar uma das Capelas do cruzeiro a quem lhe parecer, sem mais obrigação que dotá-la com juro, ou foro de vinte e cinco mil réis para uma Missa quotidiana. E estando assim estas condições ajustadas, e lançadas por Escritura, se abriram os alicerces da Capela-mor aos vinte e quatro de abril, ano de mil seiscentos e trinta e quatro em dia de Nossa Senhora dos Prazeres, e se acabou no de seiscentos e quarenta.

Acabada a Capela-mor, e cruzeiro, por ordem desta sua Padroeira no referido ano, fechou-se o arco do cruzeiro de pedra e cal, e aí se fez uma porta que servia de entrada para este cruzeiro, que então era só ele a Igreja, e assim esteve até o ano de 1719, que se principiou o corpo aos vinte e oito de abril, sendo Provincial da mesma Ordem o Reverendíssimo Padre Mestre Fr. *José da Conceição Escotinho*, e Ministro do mesmo Convento o Padre Pregador Fr. *Sebastião de S. Boaventura*, ambos naturais desta Vila de Santarém; e se acabou no ano de 1722. Neste tempo se pôs na Capela junto ao púlpito que fica da parte do Evangelho, um retábulo com a sagrada Imagem do Senhor dos Desamparados. E no ano de 1725 se cantou nele a primeira Missa, e se lhe fez uma festa solene com o SANTÍSSIMO SACRAMENTO exposto no lado da mesma Imagem. Pregou nesta festa de manhã o dito Padre Mestre Escotinho, e de tarde o Padre Fr. *Francisco de Santa Teresa Pombo*, a qual festa se continua com grande devoção todos os anos na Dominga depois da Exaltação da Cruz.

É esta Igreja de bastante grandeza: a Capela-mor não tem ainda tribuna daquelas que têm trono para dentro; mas tem um retábulo de madeira dourado à face do espaldar com suas colunas repartidas por linhas retas; e no meio, como que faz boca de tribuna, tem um painel de boa pintura, onde se representa estar o Menino Deus entre os Doutores no Templo de Jerusalém. Neste mesmo retábulo da parte do Evangelho está Nossa Senhora de JESUS de vestidos em roca, que tem de altura sete palmos, com o menino JESUS pela mão, tem quase quatro palmos de alto; a qual Imagem do Menino também é de vestir. Da parte da Epístola no mesmo retábulo está a Imagem de S. Francisco feita de escultura de madeira, com um Crucifixo na mão esquerda, e na direita umas disciplinas; tem de altura sete palmos e meio.

No cruzeiro estão só duas Capelas fronteiras uma à outra, e ambas à face: a que está da parte do Evangelho é dedicada a Santo António, e tem Irmandade, como diremos em seu lugar, cujo Santo é de seis palmos de alto. A da parte da Epístola é dedicada a S. Caetano, e tem cinco palmos de altura; e também se lhe faz no seu dia grande festa, que é o último da sua Novena com Juízes, e Mordomos. A primeira Capela que se segue no corpo da Igreja da parte do Evangelho, é dedicada à Imagem de Cristo Crucificado com o título do Senhor dos Desamparados: da qual Imagem já fizemos menção, e ainda adiante havemos de dar mais individuais notícias, e tem seis palmos de alto. A outra Capela que

se segue mais abaixo desta, ainda não está com todo o seu ornato, e só tem uma Imagem de S. João Baptista.

A outra mais abaixo da mesma parte, é dedicada a S. Luís Rei de França; está toda muito bem pintada de arquitetura: e a Imagem do Santo é de pintura em um painel que fica no meio do seu retábulo.

A outra que se segue, que é a última desta parte, é dedicada a Nossa Senhora das Angústias, e tem pintada a sua Imagem também no meio do seu retábulo.

As mais Capelas que estão da parte da Epístola no mesmo corpo da Igreja, são as seguintes. A primeira é dedicada a JESUS, MARIA, JOSÉ, as quais Imagens estão no meio do seu retábulo pintadas em um painel. A segunda que se segue a esta da mesma parte da Epístola, é dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com esta mesma Imagem, e tem três palmos de altura feita de madeira. A outra abaixo desta é dedicada a Santa Ana. E a última é dedicada ao Senhor do Bom Fim, cuja Imagem é de pintura singularíssima da grandeza do natural, e milagrosa, dela daremos adiante mais larga notícia.

Esta Igreja é de uma só nave, toda de abóbada, assim o cruzeiro, Capela-mor, e o corpo com as suas Capelas, que são retraídas para dentro, e não à face; também o coro é de abóbada abatida por cima da porta principal, admiravelmente pintado de arquitetura. O frontispício é majestoso de cantaria com boas janelas: remata-se a sua fábrica nas duas torres dos sinos, ficando-lhe um espaçoso eirado, ou varanda entre elas, com grades de pedra para fora.

O Altar de Santo António no cruzeiro desta Igreja está entregue à sua Irmandade, da qual são Juízes perpétuos os Senhores Condes de Unhão, cuja Irmandade teve princípio no ano de 1651 no Convento de S. Francisco da Observância nesta Vila: que suposto que muitos anos antes, sempre os devotos celebrassem com grandeza a festa, e dia deste Santo; a Irmandade principiou nesta era, porque nela se sujeitaram ao Ordinário, por termo feito nesta Vila pelo Escrivão do Eclesiástico Francisco Gameiro, aos vinte e sete de maio de 1651, em virtude do qual lhe passou Provisão do Cabido Sede Vacante, em que lhe confirma o Compromisso de seis de junho de 1651. Porém como nas Procissões de preces, que nesta terra se faziam, tivesse a Irmandade no mesmo ano encontros com os Religiosos do dito Convento de S. Francisco, por não consentirem que os Irmãos levassem a Imagem de Santo António; mas sim a levavam os Padres, de que nasceram várias dissensões, se determinaram de universal consentimento da dita Irmandade, trasladá-la para este Convento de Nossa Senhora de JESUS, trazendo para ele o Compromisso, Guião, e algumas coisas mais: havida primeiro licença do Cabido, que interpondo sua autoridade ordinária, e decreto judicial lha deu, por Provisão de quinze de julho de 1653, como consta do mesmo Compromisso a folhas 14, e se mudaram, sendo Juiz da mesma Irmandade D. Rodrigo de Castro Teles, segundo Conde de Unhão, e Escrivão Cristóvão Couceiro; e os mais Irmãos da Mesa, Tristão Nunes Infante, António Botelho Palha, António Varela de Anhaia, João Rebelo Cerveira Gião de Soto, Simão Gonçalves: e Ministro do Convento o Reverendo Padre Fr. Matias da Ressurreição. A qual Irmandade condecorou o Papa Inocêncio décimo, concedendo-lhe as Indulgências, que constam do seguinte Breve, que aqui vai escrito, e está lançado no livro do Tombo do mesmo Convento a folhas sessenta.

Inocêncio Papa décimo, ad perpetuam rei memoriam. Segundo nos foi proposto, que em a Igreja do Convento chamado Nossa Senhora de JESUS da Vila de Santarém da Diocese de Lisboa, esteja canonicamente instituída uma pia, e devota Confraria, ou Irmandade dos Fiéis Cristãos, homens, e mulheres, os quais se costumam exercitar em muitas obras de piedade, e caridade.

Nos para que a dita Confraria, e Irmandade cresça em maiores aumentos, pela autoridade, e misericórdia de Deus todo Poderoso, e dos Bem-aventurados Apóstolos, S. Pedro, e S. Paulo, confiados, concedemos aos ditos Frades e Irmãos, a todos, e a cada um deles plenária remissão de todos seus pecados, que contritos, e confessados entrarem na dita Confraria e no mesmo dia receberem o SANTÍSSIMO SACRAMENTO da Eucaristia; e bem assim aos ditos Confrades, e Irmãos, que ao presente são, e ao diante forem que contritos, e confessados, recebendo a Sagrada Comunhão (se comodamente puder ser) ou pelo menos contritos no artigo da morte, devotamente do coração invocarem o Nome de JESUS se com a boca não puderem; e outrossim, aos mesmos Confrades, e Irmãos, que contritos, e confessados, havendo recebido a Sagrada Comunhão, devotamente visitarem a Igreja, Capela, ou Oratório no dia da festa principal da dita Confraria e Irmandade, das primeiras Vésperas até o Sol posto do dia da dita festa de Santo António, e aí rezarem pela exaltação da Santa Madre Igreja, e extirpação das heresias, paz, e concórdia entre os Príncipes Cristãos e assim mais concedemos, e outorgamos aos Confrades, e Irmãos verdadeiramente arrependidos de seus pecados confessados, e recebida a Sagrada Comunhão, que visitarem cada ano a dita Igreja, Capela, ou Oratório de Santo António nas quatro festas do ano; que serão nomeadas, e eleitas pelos ditos Irmãos, e aprovadas pelo Ordinário no dia que visitarem a dita Capela, e orarem como fica dito, sete anos de perdão, e outras tantas quarentenas.

Finalmente, pela dita autoridade, e pelo teor das presentes misericordiosamente em o Senhor; relaxamos, e remitimos Sessenta dias de penitências impostas, ou de qualquer modo devidas para o diante aos mesmos Confrades contritos, todas as vezes que se acharem presentes aos Ofícios Divinos, e a outras Congregações públicas, ou secretas da mesma Confraria, para efeito de alguma obra pia, ou acompanharem o SANTÍSSIMO SACRAMENTO quando se leva a algum enfermo, ou estando impedidos, ou ouvindo o sino para se levar o SENHOR, rezarem de joelhos um Padre Nosso, e uma Ave Maria pelo mesmo enfermo, ou forem presentes às Procissões, que se fazem por autoridade do Ordinário, ou aos enterros dos fiéis defuntos, ou agasalharem aos pobres peregrinos, ou ensinarem aos ignorantes os Mandamentos da Lei de Deus e que contêm a salvação, ou fizerem pazes entre inimigos, e discordes, ou rezarem cinco Padre Nossos, e cinco Ave Marias pelos Irmãos defuntos da dita Confraria, e por cada uma das ditas obras pias, fazemos a dita relaxação, e remissão das penitências sobreditas de sessenta dias em a forma costumada da Santa Madre Igreja de Roma, valendo as presentes pelos tempos futuros.

Queremos porém, que se a dita Confraria estiver agregada a alguma Confraria maior, ou pelo tempo adiante se agregar, ou por outra qualquer via se unir, para alcançar as Indulgências dela, ou delas participar, ou por outro modo se instituir, as primeiras, ou quaisquer outras letras alcançadas além das presentes, são nulas, e de nenhum vigor, mas desse tempo totalmente eo ipso são nulas; e se aos ditos Confrades pela razão das coisas acima ditas, ou por outra maneira estiver por nós concedida alguma outra Indulgência, que haja de durar perpetuamente, ou por tempo limitado certo, ou ainda não acabado, as mesmas presentes letras sejam de nenhum vigor, ou

momento. Dado em Roma junto a Santa Maria maior, sob o anulo Piscatoris, aos trinta dias do mês de junho de 1654, ano décimo do nosso Pontificado. G. Gualterius, em lugar do Selo. E na volta do dito Breve estava o Selo costumado de cera vermelha, e nela estampado o *annulo Piscatoris*.

E de como este Breve foi aceito, e declarado pela Diocese de Lisboa Oriental Sede-Vacante, se continua o seguinte:

O qual Breve vendo-nos, como dito é, apresentado por parte dos Irmãos, e Confrades da dita Confraria, pedindo-nos o declarássemos por bom, firme, e valiosamente verdadeiro, e déssemos licença para se publicar, e visto por nós, pronunciamos por nosso despacho, que se traduzisse de Latim em Português, por bem do qual nosso despacho foi traduzido: e pela presente autoridade Ordinária aprovamos o dito Breve, e o declaramos por verdadeiro ao Povo, e fiéis Cristãos com todas as cláusulas nele por Sua Santidade declaradas. Dada em Lisboa sob nosso sinal, e Sinete de nossas armas de que em semelhantes usamos. Aos onze dias de junho de 1655. André da Costa Delgado Notário Apostólico o escrevi. Bispo de Larga. Publique-se, Bispo. Cumpra-se, Pedrosa.

Nesta mesma Igreja se conserva com grande veneração na sua Capela a Imagem do Senhor dos Desamparados, de que já falámos; esta Imagem esteve em Altar próprio na Igreja velha do dito Convento, cujo lugar era onde hoje é a casa do *De profundis* junto ao refeitório; a qual ameaçando ruína, trasladaram a Imagem para o Altar da portaria por não ter lugar competente na principiada Igreja, pois não tinha mais que três Altares: mas logo que se acabou a Igreja, foi colocada nela com o título do Senhor dos Desamparados no dito Altar.

O Senhor com o título do *Bom Fim*, que é uma das melhores pinturas, que se pode ver, está pintado em um painel com a proporção natural na última Capela desta Igreja da parte da Epístola; e esteve primeiro no remate da Capela-mor na Igreja do Convento de Nossa Senhora de JESUS dos Cardais de Lisboa, que é da mesma Ordem, e se tirou da dita Capela quando pelos anos de 1726 fizeram os Padres retábulo, e tribuna nova, e a trouxe para este Convento o Reverendo Padre Definidor atual Fr. *Sebastião de S. Boaventura*, Capelão-mor da armada Real, pelos anos de 1729, e sendo segunda vez Ministro dele, a colocou no mesmo Altar em que está com o título do *Senhor do Bom Fim*, cujos obséquios mostrou o mesmo Senhor aceitar, desempenhando-se logo com portentos, e mercês, pelas quais é tida esta Imagem perfeitíssima na pintura, em grande veneração, assim dos Religiosos, como dos mais Católicos desta Vila, e seus contornos, fazendo-lhe a sua Confraria, de que é Juiz perpétuo, Bento António de Brito e Melo Provedor da Alfândega de Setúbal, uma Novena, que acaba no penúltimo dia do ano, e no último se lhe faz a sua festa com toda a solenidade, suposto que no tempo se tem variado alguns anos.

CAPÍTULO XX.

Em que se dá notícia de uma Ermida de Santa Maria Madalena, que antigamente existia junto a este Convento do Sítio dos Padres Terceiros e da Enfermaria que hoje têm os mesmos Padres no Hospital de JESUS Cristo desta Vila.

Junto a este Convento para a parte da Vila, estava uma antiquíssima Ermida da gloriosa Santa Maria Madalena, que era anexa à Igreja Paroquial de Nossa Senhora de Marvila. E como os Religiosos vissem, que estava já muito arruinada, e com alguma indecência por causa das ruínas que o tempo lhe tinha feito, fizeram petição ao Reverendo Prior, e mais Beneficiados da dita Igreja, para lhe largarem a sobredita Ermida, cuja petição está lançada no livro do Tombo do mesmo Convento a folhas 14, e o despacho a folhas 15, que é o seguinte:

Na forma em que podemos, concedemos aos Suplicantes esta Ermida nossa anexa, por ser verdade tudo o que relatam, e ser muito serviço de Nosso Senhor, e da mesma Santa. Pelo que o Ilustríssimo Senhor Arcebispo lhe pode conceder esta licença, com declaração que a dita Ermida assim no lugar em que está, como depois de a meterem dentro no seu Convento, e Igreja, ficará sempre com natureza de nossa anexa; assim para termos as ofertas, como para dizermos as Missas que se mandarem dizer nas festas que fizerem os Mordomos da dita Santa; e levarmos a esmola, que assim nos costumavam dar por virmos capitular as Vésperas, e dizer as Missas das festas que os Mordomos faziam até agora na dita Ermida. E assim pedimos também ao Ilustríssimo Senhor Arcebispo conceda a licença que se pede, por entendermos ser muito serviço de Deus, e maior decência do Culto Divino: e se evitarem as indecências que se fazem na dita Ermida. Em Cabido aos vinte e sete de agosto de 1637, e de tudo darão os Suplicantes os papéis, e despachos, ou os traslados autênticos para se lançarem com as Escrituras no Cartório desta nossa Igreja, Dia ut supra. O Prior Paulo Pedrosa Meireles, e os Beneficiados, que todos assinaram. Cuja petição, e despacho levaram os Religiosos ao Senhor Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, que então estava em Madrid, o qual por seu despacho de dez de março de 1639, mandou, que o Senhor Bispo de Targa a propusesse em Relação, cujo Acórdão foi, que se entregasse ao Visitador do Arcebispado, para que na primeira visita, tomando conhecimento, com o seu parecer informasse; e entregue ao Visitador, deu a informação seguinte, a qual está no livro do Tombo a folhas 16.

Tirada exata informação, vi a Ermida da Madalena, que de todo está arruinada; e achei ser verdade tudo o que na petição se relata, e que convém ao serviço de Deus dar o Ilustríssimo Senhor Arcebispo a licença que pedem os Padres de Nossa Senhora do JESUS, precedendo as obrigações, que o Reverendo Prior e Beneficiados de Marvila referem em sua licença. Santarém, doze de setembro de 1640. Pedro Álvares da Costa. E sendo apresentada esta informação em Relação, acordaram, que se passasse Provisão em que declarassem as condições com que o Prior, e Beneficiados consentiam, e que tornasse para se confirmar, cujo despacho se deu a vinte e sete de novembro do mesmo ano, e se

confirmou, de que também está o seu traslado no dito livro do Tombo, onde se vê que foi dada a confirmação em Lisboa a oito de novembro de 1640.

A Imagem da Bem-aventurada Santa Maria Madalena, que estava nesta Ermida, é de barro, que mostra ser antiquíssima, e depois que se desfez a Ermida a conduziram os Padres para o Altar da sua portaria aonde esteve muitos anos: porém depois que se acabou o cruzeiro da Igreja, a colocaram no Altar de Santo António, que é o lugar em que hoje está, tem quatro palmos de altura, e está em pé encostada a um penhasco, com o cotovelo do braço esquerdo sobre uma caveira; as mãos fechadas uma na outra levadas acima à face esquerda, e o rosto levantado, como que está contemplando no Céu. E como a este lugar onde estava a Ermida desta Santa, lhe chamavam antigamente o Sítio da Madalena, ficou o Convento com o mesmo título. Também no Cartório deste Convento se acha uma Provisão no livro do Tombo a folhas nove, em que El-Rei o Senhor D. João o quarto, concedeu licença aos Religiosos, que forem moradores neste Convento de JESUS do Sítio, no de Santa Catarina, e no da Erra para se curarem na Enfermaria do Hospital de João Afonso de Aguiar desta Vila; e juntamente lhe concedeu e lhe confirmou todos os bens da Enfermaria, a saber: obras, roupas, móveis, e tudo o mais, que até então os Governadores do mesmo Hospital lhe haviam concedido, que é a ração ao Enfermeiro-mor, e a seu companheiro. A qual Provisão aqui vai trasladada para mais firmeza da verdade.

Eu El-Rei faço saber aos que esta Provisão virem, que havendo respeito ao que por sua petição me enviaram, o Ministro, e mais Religiosos do Convento de N. Senhora de JESUS da Vila de Santarém da Terceira Ordem de S. Francisco; e desejando fazer-lhes em tudo mercê, e esmola. Hei por bem, e me apraz de lha fazer, de que na mesma forma, e modo em que até agora se curaram os seus Religiosos do dito Convento de Santa Catarina, e do da Erra, todos da dita Ordem, na Enfermaria que fizeram no Hospital da dita Vila de Santarém, se possam curar, e curem daqui em diante; isto por o Provedor, e Irmãos da Misericórdia da mesma Vila na informação *que se lhe pediu (por terem a seu cargo a administração do dito Hospital) não contradizerem o dito requerimento, antes informando em seu favor. Pelo que lhes mando, e aos que depois deles servirem, que não impeçam aos ditos Religiosos continuarem na posse em que estão de se curarem na dita Enfermaria que têm no dito Hospital, assim como até agora fizeram, posto que sem Provisão alguma; e que em tudo cumpram, e guardem esta Provisão muito inteiramente sem dúvida alguma: a qual quero que valha, como carta começada em meu nome por mim assinada, e passada pela Chancelaria, posto que seu efeito dure mais de um ano, sem embargo da Ordenação em contrário. Manuel de Oliveira a fez em Lisboa a dezassete de janeiro de 1648. Marcos Rodrigues a fiz escrever. REI.* Esta Provisão foi passada pela Chancelaria, e assinada pelos Senhores deputados da Mesa da Consciência, cujos sinais são os que se seguem: *Estêvão Leitão de Meireles: Dom Leão de Noronha: André Franco: João de Paiva de Albuquerque: Miguel Maldonado.* Os da aceitação do Hospital pela Misericórdia são os seguintes: O Provedor Diogo de Saldanha Sande: Diogo de Andrade Rebello: Fr. António do Rego Ministro.

E porque até ali não tinham os enfermeiros companheiro que os ajudassem, por cuja causa padeciam, e muitas vezes perigavam os doentes, fizeram os Padres petição ao Provedor, e mais Irmãos da Mesa da Misericórdia, para lhes concederem companheiro ao Enfermeiro-mor; o que lhe outorgaram em Mesa de doze de maio de 1669, concedendo-lhe, que tendo três doentes, ou mais, pudesse ter o Enfermeiro-mor companheiro com ração. O qual despacho lhe tinha assim já dado El-Rei Filipe IV, quando ainda era senhor

deste Reino de Portugal, por Provisão de cinco de outubro, em o ano de 1623. E suposto não achámos clareza do tempo em que esta dita enfermaria se fizesse, não há dúvida ser obra muito mais antiga, que a data da Provisão acima; porque já era feita em dezasseis de junho de 1592, como consta de um despacho do Senhor D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa posto em uma petição, que os Religiosos lhes fizeram quando se quiseram mudar do Convento de Santa Catarina para esta Vila, como já fica dito na qual se trata já da mesma Enfermaria: o que consta do Tombo a folhas três; porém era tão limitada, que lhes foi preciso fazerem-na maior, dando-lhe os Senhores da Misericórdia, e Hospital muita parte da área, e compraram a Manuel Cordeiro, mestre pedreiro, umas casas caídas com seu quintal, em que fizeram casa de convalescença, e cela para os enfermeiros: alugando as casas que ficam por baixo, para com os rendimentos melhor poderem acudir aos enfermos, ornando o quintal com suas árvores, e ervas para utilidade, e recreio dos convalescentes, e sendo a Escritura da compra feita em quinze de maio de 1686, em o governo do Padre Fr. António da Cruz, Ministro Provincial, e Enfermeiro-mor o Padre Fr. António da Vitória, se abriram os alicerces desta nova obra, lançando-lhe a primeira pedra em uma segunda-feira 2 de junho de 1687, como consta dos instrumentos autênticos da mesma Enfermaria. Continuou, e aperfeiçoou a dita obra o Padre Enfermeiro-mor Fr. João Baptista nestes nossos anos, em que isto escrevemos.

Neste Convento de Nossa Senhora de JESUS, do qual temos dado, com especialidade, a notícia que pudemos achar na mesma casa, existe uma Irmandade dos Terceiros do glorioso Patriarca S. Francisco; cuja santa Congregação tem muitas graças, e indulgências que lucram os Irmãos da dita Ordem, por indulto dos Sumos Pontífices. Tem Comissário que os governa, e lhes dá as instruções necessárias ao seu aproveitamento espiritual, o qual Comissário sempre é um Religioso grave, e douto daquela sagrada Província. Tem um Ministro secular, Vigário do Culto Divino, e um Andador, que serve em tudo aquilo que lhe ordena a Mesa no regímen da dita Ordem Terceira.

CAPÍTULO XXI.

Descrevem-se os princípios, e motivos que houve para se fundar o Convento de S. Domingos das Donas, que existe no distrito da Freguesia de Nossa Senhora de Marvila desta Vila de Santarém.

Que impenetráveis são os caminhos de Deus a toda a esfera do entendimento humano! Dois géneros de caminhos abriu a Sabedoria Divina quando delineava o profundo abismo das suas operações. Os primeiros saem de Deus Criador para as criaturas. Os segundos vão dos homens para Deus: e estes são os caminhos que o mesmo Senhor quer que nós busquemos com a firmeza da nossa Fé. Pelos primeiros nenhuma criatura descobriu entrada. Os segundos, nem ainda os que caminham para Deus, os conhecem bem. Todo o visível é próprio objeto de nossos olhos; dos ouvidos qualquer som é percetível objeto ao seu sentido, assim como do entendimento todo o inteligível é proporcionado, e natural objeto, pelo que a ideia lhe representa; e os olhos muitas vezes veem o que o entendimento não alcança. Neste Capítulo se propõe à vista de nossos entendimentos, uma visão, ou um objeto tão celestial, que não bastam naturais inteligências para a compreensão dele: o que daqui firmissimamente podemos entender é, que quis Deus pelo meio de uma visão, que sua Serva Elvira Duranda viu ao Bem-aventurado Fr. Gil, fosse princípio glorioso de se fundar uma nova Casa, para que nela se lhe desse o Divino Culto, louvando a sua incompreensível grandeza, e infinita bondade: e fosse o primeiro Convento de Religiosas, que se erigisse nesta nobre Vila de Santarém; despertando assim nos corações devotos, para que com este exemplo se fundassem os mais que hoje vemos nesta mesma Vila com tanta edificação da santa vida Religiosa. E foi o caso da maneira seguinte:

Correndo os anos de 1246, com pouca diferença, vivia no seu Convento de S. Domingos dos Frades desta Vila, o Bem-aventurado S. Fr. Gil, no tempo que era Rei de Portugal D. Afonso terceiro, fazendo ali este grande Servo de Deus muitas penitências, e o Altíssimo Senhor obrando por ele portentosas maravilhas. Quando um dia acabando de dizer Missa na Igreja deste Convento, foi logo para o coro da Capela-mor, que assim costumava sempre fazer, dar graças ao Senhor por tanta mercê, como era a que recebia naquele Diviníssimo pasto. Depois de gastar algum tempo em devotos colóquios, e saudosos suspiros, quis-se retirar dali a lugar menos público, para desafogar do coração os incêndios do amor Divino em que se abrasava; encaminhou os passos para a sacristia. Achando-a fechada, e não podendo mais resistir ao veemente impulso de quem o esperava, assentou-se junto da porta, e entregou-se nos braços da disposição Divina, como quem naquele espaço, nem em outros semelhantes era senhor de suas próprias ações. Começou logo a cair em um letargo profundo, que era daqueles que Deus dá a seus amados, em prémio da feliz herança que os espera. Estava neste tempo na Igreja uma virtuosa, e nobre Matrona natural da mesma Vila, chamada Dona Elvira Duranda, a qual frequentava esta Igreja, aonde sempre nela recebia os Santos Sacramentos. E como fosse por acaso, ou porque semelhantes coisas já vêm dispostas do Céu, chegou-se a uma rede, ou ralo de uma porta, que ficava defronte da outra da sacristia, e deu com os olhos no Santo Fr. Gil, que estava extático, e exausto de sentidos. Aplicou a vista bem Elvira, quando viu que descia uma coluna sobre o Santo, a qual era de luz tão clara, que excedia à do Sol, e ficar logo aquele Bem-aventurado todo penetrado dela, vendo-lhe o venturoso

corpo resplandecer como um puro cristal transparente, lançando do rosto raios; que ela por não achar semelhança mais própria os comparava aos de um espelho, quando o Sol lhe fere o vidro. Com assombrosa novidade ficou Elvira absorta com tão notável maravilha. E porque semelhantes visões só as deixa ver Deus a quem é servido, ou a quem para isso tem merecimentos, e ninguém impedia a Elvira a assistência daquele lugar, deixou-se estar ali por espaço de duas horas para ver em que aquilo parava; assim o afirma a História Dominicana, declarando que ela mesma o dissera. Passado este tempo, viu que aquele celeste fogo ia minguando, e se extinguiu de todo; e o Santo já acordado dava uns suspiros tão dolorosamente suaves, que pareciam arrancados de dentro da alma, ou que com saudosa violência lhe saíam do centro do coração, como quem perdia coisa que lhe custa muito deixá-la: e reparou, que quando ele se quis ir daquele lugar foi tomando a parede por arrimo, apalpando-a como quem ainda não tinha vista, nem os mais sentidos corporais para se governar. Consta dos escritos que os Padres da mesma Ordem disto escreveram naquele tempo, que Elvira Duranda quando este caso viu, gritou em voz alta, entendendo que o Santo se abrasava em um verdadeiro fogo, e de tal sorte gritou, que acudiu toda a Comunidade, de que foi testemunha o mesmo Padre que escreveu esta memorável lembrança.

Com esta pasmosa, e inescrutável visão, ficou aquela alma de Elvira perplexa, conhecendo com a vista do entendimento, que o que vira, não podia ser acaso mostrar-se-lhe a seus olhos mortais uma maravilha do Céu tão desusada na terra. Começou logo a levantar seu espírito em contemplações altíssimas, pondo-se com final desengano a apartar-se de todas as coisas do mundo, em tal forma, que ele a não visse mais, e só soubesse dela aquele Senhor, que escreve os nomes de seus escolhidos no livro da vida. Abrasada nestes desejos, tendo em pouco preço todas as coisas que estima a vaidade, amante da formosura da virtude, ferida das setas do Divino amor, pisando valorosa, e resolutamente os bens que possuía, metendo debaixo dos pés todas as esperanças da terra, deu sobre ela os últimos passos, e se meteu debaixo da mesma que pisara, sepultando-se em uma estreita, e subterrânea casinha, que mandou fazer junto à Ermida de Nossa Senhora da Abóbada, a qual estava situada aonde hoje existe o Convento da Santíssima Trindade: sem ter mais entrada, nem porta alguma, nem janela, mas só uma fresta, ou seteira pequena para a dita Ermida, por onde a seu tempo recebia os santos Sacramentos da Igreja, e alguma porção de alimento corporal, que lhe mandavam de fora.

Enterrada em vida, esta valorosa, e virtuosa mulher, não pode largar nunca da memória os exímios favores, que o seu Santo Fr. Gil de Deus recebia, nem deixar um instante de se inflamar na devoção da Casa em que Deus lhe deu o lume daquela superior luz para a entranhar na sua alma, e por este motivo se consolava muito de se trajar com o hábito de S. Domingos, que voluntariamente só vestiu por afeto. Algumas vezes a visitava o Santo Padre Fr. Gil falando-lhe pela dita fresta; o qual vendo o seu constante espírito, a animava, e encomendava a Deus, dando-lhe muitas graças de ver o muito que pode a mais fraca natureza, quando é ajudada do Divino Espírito: e tanto reconhecia este Santo Padre a grande virtude de Elvira, que quando dela falava aos seculares, era com tanto louvor, que pelas perpétuas penitências que fazia enterrada viva, a nomeava por Santa. Estas, e outras palavras que S. Fr. Gil dizia de Elvira, despertaram nos corações de outras nobres donzelas uma santa inveja, que logo duas se determinaram com resoluções finais a acompanhá-la, metendo-se com ela no mesmo lugar, e fazerem a mesma penitente vida. Depois destas duas se seguiram outras, e todas foram fazendo ali seus cubículos separados, vestindo o mesmo hábito de S. Domingos, para em tudo imitarem a Elvira Duranda nos seus santos costumes, pois fora a primeira que se pôs naquele estado para

ser modelo, e guia de suas santas resoluções. Os Religiosos Domínicos por conta de S. Fr. Gil, lhe acudiam com a administração dos Santos Sacramentos, ainda que não tinham desta Ordem mais que a piedade com que aqueles Padres lhe assistiam; porém não obstante isto ser assim, e não haver ainda em Santarém Convento de Religiosas, e vestirem aquele hábito, daqui nasceu dar-lhe o povo naquele tempo o nome de Freiras, como feliz anúncio do que na realidade havia de ser, ou porque naquelas eras não se impedia com tanto cuidado, e rigor como hoje se impedem semelhantes eleições de hábitos, sem haver para isso primeiro as licenças necessárias.

Assim foram estas devotas mulheres continuando em santa vida religiosa, que sepultando-se para o mundo, só para Deus viviam; e em tanto aumento foi crescendo aquele seu modo de viver em rigorosas penitências, que todas as pessoas da Vila se compadeciam sabendo o constante espírito com que perseveravam em tanta aspereza: eram já em número dezanove, e como não cabiam todas em um só aposento, tinham formado com as casinhas que ali fizeram uma rua subterrânea, a qual ficava quase toda debaixo da terra; e porque as ditas casinhas estavam divididas, e postas em fileira, ocupavam muito sítio, que se estendia da Ermida da Senhora da Abóbada, até o Convento que hoje é de S. Francisco dos Padres Observantes. Passados alguns anos, no de 1242, vieram estes Padres Menores para Santarém, e fundaram o seu Convento naquele mesmo lugar, em que agora estão, entendendo, que aquelas Reclusas, ou emparedadas, não perseverassem, nem pudessem formar Religião, pois era princípio sem fundamento algum, assim também brevemente se desvaneceria caindo no seu mesmo princípio. Porém, vendo depois que isto levava o caminho de se perpetuar, porque algumas que faleciam deixavam os seus cubículos a parentas, ou a outras conhecidas em virtude, que logo os povoavam, e algumas os edificavam de novo: foram entendendo os Frades, que lhe não era conveniente ficar-lhes diante das suas portas um encerramento de mulheres, que já viviam em comum, com forma de Mosteiro. Para darem princípio ao seu projeto, que era tirá-las dali, falaram primeiro com os Padres de S. Domingos, pedindo-lhe por cortesia, e amizade quisessem tirar aquelas mulheres da vizinhança de Convento alheio, e pôlas junto a si, pois elas traziam vestido o seu hábito, e se governavam pela sua obediência. O Prelado do Convento da Religião Domínica se defendeu com justas razões, dizendo: que aquelas chamadas Freiras, não eram mais que umas emparedadas, que voluntariamente ali estavam reclusas, cada uma sobre si, usando daquela louvável vida solitária, e que não pertenciam à sua Ordem; que só no espiritual lhe acudiam com os Sacramentos, como eram obrigados fazer a todas as mais pessoas daquele Povo, quando para isso os buscavam. E que o hábito que elas traziam era tomado por eleição própria, e não que Prelado algum da sua Ordem lho desse. Que se usavam com elas aquela caridade, era por ser gente que procedia com grande exemplo de virtude, sendo muitas delas das melhores famílias da Vila: e um, e outro motivo as fazia não só dignas de favor, mas também de veneração; e pelas mesmas razões as não deviam eles inquietar como bons filhos de S. Francisco, mas ainda com o mesmo amor da caridade ajudá-las a conservar em tão santa vida.

Não foram bastantes estas respostas tão justificadas para que os Padres Menores cedessem do seu intento; porque logo recorreram à justiça para que as Emparedadas despejassem o sítio. Requeriam pela parte das Emparedadas a virtude, e a nobreza, juntamente com a posse em que estavam. Houve grande debate na demanda; e como El-Rei D. Afonso o terceiro desejasse muito ver aquilo em paz, e a contenda acabada escreveu aos Gerais de uma, e outra Religião para que aquela causa se definisse particularmente sem impulso de juízes seculares, por não causar algum escândalo ao

Povo, decidindo-se por juízes árbitros: e correu a matéria na mesma forma que El-Rei quis. Nomearam-se juízes confirmados por seus maiores. Houve graves juntas, e disputadas consultas; quis El-Rei por sua grandeza, e piedade achar-se também com o seu voto ao dar da sentença como qualquer juiz; e a dezassete do mês de novembro de 1261, se sentenciou a Causa, em a qual sentença se fez o assento seguinte: *Que até dia de Natal próximo fossem os Frades de S. Domingos obrigados a fazer mudar as Fratrissas* (tinha assim esta palavra a sentença, que era escrita em Latim) *pois traziam o hábito Dominicano, e que fossem para onde ficassem apartadas do Convento de S. Francisco; mas com a declaração, que se elas por terem comprado aquele sítio pelo seu dinheiro, ou pelo direito que tinham da posse quisessem nele continuar, despiriam logo o hábito de S. Domingos, ficando sem ação de nomearem por morte os cubículos em outras mulheres para o fim de seguirem neles semelhante modo de vida e por conseguinte não receberiam daquele dia adiante em sua companhia outra mulher reclusa.* Publicada a sentença, mandou logo El-Rei pendurar nela o Selo Real. Grande força tivera semelhante sentença, senão fora dada contra o sexo feminino, que em tais casos se revestem de mais ânimo que todos os homens, ou por não conhecerem bem o poder da justiça Régia, ou por entenderem, que naquela ocasião teriam da sua parte o poder da Misericórdia Divina; porque não deram pela sentença julgada: mas antes dela apelaram para Roma, sabendo propor tão bem a sua queixa, que o Sumo Pontífice Urbano quarto cometeu o conhecimento da causa ao Bispo de Lisboa, em juízo do qual provaram as Emparedadas, que eram mais antigas naquele sítio que os Padres de S. Francisco, e só por este fundamento se lhe julgou, e ficou determinado, que por todo o tempo em que vivessem fossem ali conservadas na sua posse.

CAPÍTULO XXII.

Mudam em encerramento comum as Emparedadas o que era casa particular, ficando no mesmo terreno com a forma de Mosteiro. Recrescem novas queixas dos Padres Menores; dão-lhe os PP. Domínicos o seu sítio da Madalena.

Com grande alvoroço festejaram as Emparedadas a sentença que se deu a seu favor, porém ficaram reparando, não com pouco cuidado no último ponto, que lhes restringia não passar além das vidas daquelas que por então existiam. Trataram de ir logo cuidando no remédio da contrariedade, para que nos tempos vindouros pudessem conseguir o seguro de ficarem sempre conservando aquele seu modo de vida: o qual até àquele tempo estava bem recebido no Povo. Fizeram vários juízos sobre estes intentos, e tiraram deles o projeto de se reduzirem a viver juntas em forma de Comunidade, alcançando licença para clausura, e aceitarem noviças, pois por este caminho se punham habilitadas para a Ordem Domínica as receber por Freiras suas, e depois a mesma Ordem as defenderia com melhores armas que as que tinham na primeira contenda. Porém com grandes dúvidas se viam no modo com que se haviam de portar por entanto; porque da parte contrária já estavam fabricando novos embargos arguindo na causa novas alterações, com o desgosto que tiveram os PP. Menores da próxima sentença dada contra eles. Finalmente resolveram-se as Emparedadas (não sabemos se por conselho de outrem) a aparecerem com as casinhas que já tinham, em forma de clausura, mas de tal sorte que saísse isto feito antes de ser sentido, e pelas notícias que temos da mesma Ordem Domínica, foi como aqui diremos.

Deram primeiramente parte deste seu desenho a seus parentes, e porque alguns deles eram na Vila poderosos e ricos, aos quais parecia muito mal desfazer-se aquela Congregação de virtudes, preveniram ocultamente tudo o que era necessário, assim de oficiais, e trabalhadores, como de todos os materiais, e géneros de petrechos. Esta traça foi urdida com tão bom sucesso, que anoitecendo um dia encerramento particular, apareceu no outro em comum clausura, ainda que fosse somente na formalidade; e de emparedadas apareceram aquelas almas livres das sepulturas em que estavam enterradas ficando juntas em Religiosa Comunidade. E refere Fr. Luís de Sousa, que é a quem aqui mais seguimos na História de S. Domingos, as formais, e seguintes palavras: Foi a ordem, que cercaram de tabuado alto, e empinado pela banda de fora as distâncias que havia entre todas, e cada uma das celas; e no topo da rua junto do Oratório que já tinham concertado, ficou uma só porta para serventia, e portaria comum, com sua campainha no alto dela. Enquanto os carpinteiros andavam cerrando, e cercando, trabalhavam pedreiros abrindo as celas em modo que ficassem desencerradas as Reclusas: e porque não faltasse alguma coisa para representação de perfeito Mosteiro, abriram porta no Oratório guarnecida logo de grades de ferro, que para isso já as tinham feitas, com sua casinha de coro por dentro, composta da mesma madeira conforme o tempo lhe deu lugar, para assistirem a celebrar os Ofícios Divinos. Feito tudo com pressa, e brevidade não cuidada, faltava só uma Cabeça que governasse, e a quem obedecessem todas. Como era ponto importante, também amanheceu Prioresa eleita, e obedecida, que foi Sancha Martins muito santa Matrona, como Religiosa de maior idade.

Aparecendo esta nova transformação de repente, houve muito alvoroço na Vila, e porque eram favorecidas do Povo, foi vista a fábrica com geral contentamento, e notável aplauso. O ano certo desta mudança não o pudemos achar, mas pelo que se infere de algumas Escrituras é sem dúvida, que foi não poucos anos depois da visão que Elvira Duranda viu a S. Fr. Gil, a qual foi a causa do seu emparedamento, e esta foi no de 1246, e como este Santo morreu no de 1265, como quer Fr. Luís de Sousa na mesma parte acima alegada, sempre seria a dita mudança além dos anos de 1266, porque se vem a coligir das antigas notícias, que Elvira Duranda não declarara aquela visão, senão depois da morte do Santo; logo vivia ainda esta Serva de Deus depois de S. Fr. Gil ser falecido; e quando se fez esta mudança inferimos com bom fundamento, que já ela também não vivia, porque se ainda vivera, estava esta primeiro que Sancha Martins, e que as mais para ser a primeira Prelada, pois fora ali a Fundadora. Com que vimos a entender, que da referida visão até esta mudança de encerramento para Mosteiro, se passaram vinte anos, ou pouco mais. Em atos de Comunidade se foram conservando dali por diante, e aumentando pouco e pouco algumas imperfeições da repentina obra; porém pelo discurso do tempo cresceram várias novidades, e foram o motivo de se melhorarem, e ficar tudo em quietação pacífica, como adiante se dirá.

Pouco contentes ficaram os Padres Menores de verem as máquinas que contra os seus intentos se obraram, julgando que as Emparedadas na sua posse estavam mais corroboradas: buscaram outro caminho, representando a sua queixa ao Mestre Geral da Ordem de S. Domingos, e passados mais alguns anos de controvérsias, que sempre era inquietação das duas Religiões, fizeram-se lembrados os Padres Domínicos, que tinham de vago o sítio da Madalena, sito fora da Porta de Manços, aonde possuíam umas casas antigas, e principiadas algumas oficinas do tempo em que ali queriam edificar Convento, depois que deixaram Monteirãs, vindos de Monte Junto. E porque se viam já obrigados a favorecer em tudo o que pudessem as Reclusas, e elas trabalhassem por ficar com o seu hábito obrigando-se ao seu governo, e domínio, se resolveram dar-lhe (como de facto lhe deram) o dito sítio da Madalena em que de novo edificassem outro Mosteiro para assim de uma vez acabarem de desfazer tantas inquietações; das quais se seguiam ao espírito da vida religiosa tantos inconvenientes. Determinado isto assim, receberam as boas mulheres a nova com grande alegria, não ficando os Padres de S. Francisco menos gostosos, como também todo o Povo; porque os Padres Menores se consideravam desafrontados da vizinhança, que lhe impedia o desabafo do Convento. Elas por se verem livres de pleitos, e o Povo porque venerava muito a santa vida daquelas virtuosas Servas de Deus, desejando-lhe a sua quietação.

CAPÍTULO XXIII.

Mudam-se as Reclusas do lugar da Senhora da Abóbada solenemente, para o sítio da Madalena; e dá-se notícia de como se lhe introduziu o nome de Donas.

Logo que se concertaram as casas do sítio da Madalena, e estando já com alguma forma de Mosteiro, que se fabricou com a brevidade possível, se transplantaram para ele as Reclusas acompanhadas da Comunidade do Convento de S. Domingos, e do mais luzido Povo da Vila, aplaudindo com grande alvoroço aquele triunfo do Céu Dominicano. O número das primitivas Religiosas que fizeram esta transmutação, foi o de vinte e duas, conforme as memórias que achou Fr. Luís de Sousa, donde tirou o que escreveu, e eram estas: Maria Domingues a Castelhana: Tareja Martins: Maria Martins Pereira: Estefânia Bassinha: Maria Pires Bassinha: Catarina Pires: Maria Giraldés: Maria Garcia: Elvira Fernandes: Estêvão João: Tareja Vicente: Maria Soeira: Elvira Paes: Maria João Pacharra: Garcia Martins: Maria Fernandes Batelaria: Ouroana Catanha: maior Valasques: Domingas João: Maria Paula: Tareja Afonso: D. Enxemna. Qual destas vinte e duas fosse a Prelada não há certeza, e só se infere, que seria Maria Domingues, chamada a Castelhana, assim pela razão de estar ela nas mesmas memórias da Ordem tida por Santa, como por andar nelas nomeada em primeiro lugar: mas isto são só inferências que sempre ficam duvidosas. O ano em que foi esta mudança para o Sítio da Madalena, entendemos com certeza por sucessos sabidos, que foi do de 1280 para diante.

Tanto que se viram as Reclusas no seu novo, e próprio Convento, respiraram, alegrando-se muito, como quem tinha achado já o sossego que buscavam, entendendo ter esta glória por prémio das opressões que receberam nas contendas passadas. E juntamente tinham em grande preço de seu gosto o novo lugar que possuíam, por ter já antes de o povoarem o título de S. Domingos, ao qual lhe acrescentou depois o Povo mais o das Donas, que é o seu distintivo por onde realmente se conhece este Mosteiro. Várias interpretações se têm dado nos nossos dias, e em todo o tempo sobre o dizer-se donde lhe vem o nome de Donas, que sempre até hoje dá o vulgo às Religiosas deste Convento, o que curiosamente por não deixarmos em silêncio esta circunstância, tocaremos aqui de passagem a verdadeira, e última razão, que nos parece ser mais adequada, ainda que alguns autores lhe dão muitas etimologias diversas.

Havia já antes das Emparedadas virem para este Convento três Igrejas nesta Vila, com o título todas três de S. Domingos, as quais eram, a de Monteirãs na Ribeira aonde primeiro começaram os Padres Domínicos a edificar Convento quando vieram de Monte Junto, cuja memória largamente expenderemos em seu lugar, quando falarmos nos Conventos que existem no distrito da Freguesia do Salvador. A segunda é onde está o Convento dos ditos Padres; e a terceira é esta de S. Domingos das Donas. E para haver distinção entre umas e outras, começou logo o Povo a nomear, uma S. Domingos de Monteirãs, outra S. Domingos dos Frades, porque na Ribeira já não assistiam estes Padres, e a esta do Sítio da Madalena, depois que para ela vieram as Reclusas, lhe deram o cognome de S. Domingos das Donas, que é a palavra que aqui devemos declarar donde veio. Muito anda hoje na praxe darem este nome Donas às mulheres viúvas, ou sejam nobres, ou mecânicas; sendo *Dóminas* no Latim, que é donde se deriva, o mesmo que dizer Senhoras Donzelas; e por este caminho não se pode isto provar bem, por andar

viciada universalmente a sua significação: mas sabemos que em Roma, Cabeça do mundo, sempre foram, e são tratadas as mulheres moças, e donzelas, principalmente as mais nobres, por este nome: ou por se dar mais estimação à mocidade pelo natural defeito que sentimos na velhice, ou porque em toda a bem ordenada República, a nobreza é a que nela manda, e a governa. E principiando nas moças donzelas este título nos tempos antigos, foram os mais modernos aplicando-o a todas as mulheres nobres, sem fazerem distinção de idades.

Sendo, pois, este nome Donas derivado de *Dóminas*, que inculca nobreza, por vir no seu princípio de moças donzelas nobres, depois que se instituíram Conventos de Freiras, a ninguém com mais propriedade se devem atribuir estes dois títulos que às Religiosas deles. De nobres, porque da nobreza pela maior parte se povoam os Mosteiros que se adornam da veneranda República feminil; ou porque servir a Deus é verdadeira nobreza. De donzelas, porque este estado, e idade é o que mais pode merecer veneração, quando por fugir do mundo (que é o que mais agrada ao Senhor dele) se metem na clausura, para se fazerem esposas de Cristo, pois nenhuma mulher pode ter maior nobreza. E bem entendido fica, que este título de Donas, que os naturais de Santarém deram a estas suas Reclusas, ou Religiosas antes, e depois de recolhidas no novo Convento, o qual hoje conservam suas sucessoras, foi uma própria frase da cortesia entre os que com respeito sabiam tratar a nobreza, e a virtude. E por onde mais se pode entender que com propriedade lhe assenta bem este título de Donas, é porque o mesmo Mestre Geral de toda a Ordem Domínica, por dar próprio exemplo à virtude, quando as incorporou, e recebeu ao seu domínio, em todos os Breves Latinos que lhe expendeu lhe chama *Dóminas*, que por este princípio quando não houvera outros motivos tão justificados, sempre ficariam estas Religiosas possuindo especialmente o nobre, e grave epíteto de Donas, para lhe ser devida toda a veneração de Senhoras. Pois eram nobres pelos predicados de que as dotou a Divina Omnipotência: nasceram estimadas nas aras populares pelas nobrezas, e muito mais o foram pelas virtudes; ajuntou-lhe a natureza no desvelo da fortuna, o desempenho da graça, porque nelas admiravam todos com igual assombro os realces de seus voluntários sacrifícios, nos holocaustos do Divino amor em que se abrasavam. Desprezaram as grandezas em que se estribam as vaidades para adorno da gentileza; derribaram a opulência das riquezas, pisaram as galas, que aparentes enfeitam o mundo, e puseram tudo aos pés de Cristo seu Esposo; de cuja bem ordenada consonância santamente superaram com extremosos espíritos nos agrados de Deus, que pela eficácia de seus Divinos favores fossem correlativos de seus ilustres merecimentos.

CAPÍTULO XXIV.

Como as Reclusas moradoras já no Sítio da Madalena, alcançaram Breve para serem Religiosas Professas da Ordem do Patriarca S. Domingos.

Acabadas as contendas dos Padres Menores, com a passagem que as virtuosas Reclusas fizeram para o novo Convento; trataram elas logo em pôr todo o cuidado no fim das suas maiores esperanças, que eram serem admitidas pela Ordem Domínica, à sua obediência, governando-se pela sua proteção. E para o poderem conseguir foram fazendo as suas diligências, mandando eficazes requerimentos aos Capítulos Gerais; o que com justificadas relações fizeram, dando conta do estado do Mosteiro, dos seus apertados encerramentos, do estreito recolhimento, e dos religiosos costumes que observavam, e como neles procediam. Finalmente, foi ouvido o seu requerimento, primeiro em um Capítulo Geral, e no segundo se mandou, que se lhe concedesse a licença que pediam, porém que não fosse ainda aprovado senão em terceiro Capítulo: para que pela dilação conhecessem os aceitantes a constância, e firmeza com que as pretendentes buscavam a sua Ordem, e se examinasse largamente a devota tenção com que voluntariamente se sujeitavam a guardar as apertadas leis da mesma Ordem.

Chegou ultimamente o princípio do ano de 1287, em que estava já publicado fazer-se Capítulo Geral na Cidade de Bordéus em França. Fizeram a ele logo as Reclusas o seu último requerimento, e para persuadirem com mais eficácia a piedade aos Capitulares, acordaram que seria circunstância muito eficaz, aparecer uma delas no dito Capítulo, requerendo a causa de todas, pois assim era uma viva carta de toda aquela Comunidade. Assim o fizeram, elegendo de entre elas uma, chamada Domingas João, a qual já era de repetidos, e antigos anos; mas ainda que velha, firme na inteireza da disposição; na qual pessoa se achavam dois felizes predicados para o intento da fação, que era virtude, e nobreza; porque esta lhe segurava nos impérios de senhora, em toda a parte o respeito; aquela pelo amor Divino, lhe comunicava o valor para vencer tão santa empresa. O Mestre Geral da Ordem era Castelhano, para o qual se valeram as Reclusas de várias cartas dos principais fidalgos da Corte, buscando nos seus favores abonada proteção. O Senado de Santarém com grande empenho também quis com heroico zelo, proteger o justo requerimento, acreditando a santa mensageira com deprecativas cartas para o dito Padre Geral.

Chegado já o saudável, e ameno tempo da Primavera, deu princípio a boa serva de Deus à sua jornada, tendo tão bom sucesso nela, que alguns dias antes da Páscoa do Espírito Santo chegou a Bordéus; admirando aos Religiosos, e a toda a nobreza da terra a estranha Peregrina, e muito mais se edificaram quando souberam a gravidade do requerimento a que ia. Com resolução humilde, e discretas palavras chegou à presença do Reverendíssimo Padre Geral, apresentou-lhe as cartas que levava, representando-lhe em pouco espaço de tempo o intento da sua jornada, em cujo ato com afável admiração rompeu a voz o Geral dizendo aquelas palavras escritas por S. Mateus, que disse Cristo à Cananeia: *O' mulier magna est fides tua*. Foi logo o douto Prelado lendo as cartas dos Fidalgos da Corte Portuguesa, os quais lhe davam as notícias das excelências da Portadora, apadrinhando-lhe juntamente a sua justa pertença; e abrindo a do Senado de Santarém achou nela as seguintes letras, que em Latim principiavam da maneira seguinte:

Noverint universi praesentis scripti seriem inspecturi, quod nos, Praetor, Alvasiles, Concilium Santaranense &c. E o que esta carta do Senado diz em Português, é como se segue:

Saibam quantos o teor deste escrito virem, que nós, o Corregedor, Alguazis, Concelho, e Câmara de Santarém, por salvação de nossas almas, e serviço de Deus, e para honra desta nossa Vila, e em particular para aumento do Culto Divino pedimos, e rogamos ao Reverendo, e Religioso Senhor Fr. Munio Mestre da Ordem dos Frades Pregadores; ou ao Prior Provincial que for de Espanha, que haja por bem mandar-nos Freiras da sua Ordem às quais queremos, e procuramos para ficarem moradoras desta Vila, e fundarem nela um Mosteiro, e para a obra dele com o Divino favor oferecemos dar ajuda com efeito, e boa diligência. Em fé do qual mandámos selar estas letras com o Selo da Vila. Em Santarém aos dezanove antes das Kalendas de janeiro da era de mil e trezentos e vinte e cinco, que responde aos catorze de dezembro do ano de Cristo de 1286.

Celebrou-se o Capítulo Geral no ano de 1287. Souberam todos os Religiosos Capitulares dos trabalhos das Reclusas, e do estado em que estavam: lastimaram-se das aflições da mensageira. Requeriam por ela os anos, os bons costumes, e a gravidade da pessoa. Julgou-se em ato de definitório que o Mosteiro das Reclusas ficasse aceito pela Ordem, e incorporado em seu governo. Logo sem esperar mais dilação de delícias, quis o Geral honrar a heroica Portuguesa lançando-lhe da sua mão o seu santo hábito na Igreja do seu Convento de Bordéus, assistindo os Padres Capitulares, que eram os melhores, e maiores sujeitos de todas as Províncias da Ordem Dominicana. E para se fazer o ato soleníssimo, assistiu a ele a maior nobreza daquela terra. Deu muitas graças a Deus esta boa Serva, por alcançar tão bom remate ao seu requerimento, e desejando ver-se já em Santarém entre suas Irmãs, apressou quanto pôde o despacho dos papéis que eram necessários, e recebendo a bênção do Padre Geral, e as respostas das cartas que lhe tinha levado, partiu para Santarém com a Patente seguinte, que é o último despacho com que foi aceito pela Ordem o dito Convento das Donas desta Vila, cuja Patente em Latim principia neste teor.

Noverint Universi presentes litteras inspecturi, quod nos Frater Munio Magister Ordinis Fratrum Praedicatorum, licet indignus: Et Priores Provinciales &c. E a declaração de toda a Patente em Português, é na forma seguinte: *Saibam quantos as presentes letras virem, que nós Fr. Munio Mestre da Ordem dos Frades Pregadores, ainda que indigno: e os Priores Provinciais das Províncias de França, Romania, Alemanha, Boémia, Polónia, Grécia, Provença, Lombardia, Inglaterra, Hungria, e Dácia, todos Definidores do Capítulo Geral celebrado em Bordéus no ano do Senhor de 1287, acordámos agora, e houvemos por bem de ratificar, e com autoridade destas letras confirmar aquilo mesmo que já estava por um Capítulo Geral começado, e por outro aprovado, e julgado por conveniente e acertado, assim para aumento da Religião, como para aproveitamento das almas, enquanto toca ao requerimento das nossas Irmãs moradoras no Mosteiro da Vila de Santarém, situado fora dos muros à porta que chamam de Manços, junto com a Ermida de Santa Maria Madalena do Bispado de Lisboa: pelo qual pretendiam ser recebidas debaixo da administração da nossa Ordem, e incorporadas nela. E em testemunho desta confirmação, que assim fazemos, eu o sobredito Mestre de parecer, e beneplácito dos ditos Definidores, as presentes letras fiz autorizar, e corroborar com nosso Selo pendente. Dada em Bordéus no ano do Senhor, e no Capítulo Geral atrás declarados. Assim mais ordenamos, queremos, e outorgamos, que nem a Prioresa, nem o Convento por si, nem todas as Freiras juntas em corpo de*

Comunidade, nem cada uma por si, possam sem licença do Mestre da Ordem dar, doar, ou trocar coisa alguma que passe do valor de cinco libras da moeda Portuguesa. O que entendemos assim de bens móveis, como de raiz; e assim dos que pertencem ao comum do Convento, como dos que as Donas, ou Sórores em particular possuem para suas carências, por licença de seu Prior ou Vigário. E neste caso, que a nós reservamos, poderá também dispensar o Padre Provincial, ou qualquer outra pessoa que nossa comunicação tiver.

Tendo Domingas João já recebida esta Patente, que acabámos de escrever, deu logo Ordem a dispor a sua retirada, e pôr-se a caminho pelos mesmos passos por onde tinha ido; e como vinha com grande gosto do bom despacho que trazia, em breve tempo chegou a Santarém; e entrando no seu Convento das Donas, foi recebida das suas companheiras com aquele alvoroço que daqui se poderá entender, e seria tão invejada pelo sacrifício que fez, como pela glória do triunfo que alcançou, sendo a primeira professa daquela Comunidade que recebeu o hábito das próprias mãos do mesmo M. Geral da Ordem. Mostrou logo Domingas João a todas uma carta que trazia do dito Prelado para o Padre Fr. Gonçalo Origiis, que estava morador no seu Convento de S. Domingos dos Frades da mesma Vila, em a qual dava poder ao dito Padre para o governo do novo Mosteiro, e professar as Religiosas dele; por cuja carta ficaram as Reclusas com novos desejos, e grandes alvoroços de se verem brevemente no mesmo estado em que viam a sua companheira.

CAPÍTULO XXV.

Dá-se a notícia de como o Padre Fr. Gonçalo Origiis da Ordem dos Pregadores teve licença do Capítulo Geral para professar as Reclusas do novo Convento, e estabelecerem a regular observância.

Costumado foi sempre o Convento de S. Domingos dos Frades da Vila de Santarém em criar grandes Religiosos em virtudes, e letras: deles foi um o Padre Gonçalo Origiis: era Religioso de maior idade, a qual lhe autorizava o relevante do juízo, e a natureza com os exemplos de bons costumes lhe fazia a virtude manifesta. Na carta que lhe enviou o Padre Geral por Domingas João, lhe mandou, que tivesse o poder para governar as Freiras do novo Mosteiro com o título de Prior, a cujo lugar chamam hoje Vigairaria. E como para semelhante observância é muito necessário haver na casa pessoas criadas nos berços das perfeitas leis, que continuem os bem ordenados exercícios religiosos; também para este efeito lhe mandou a ordem de trazer para ali duas Religiosas do Mosteiro de S. Félix de Chelas (que naquele tempo era de Religiosas Dominicas) as quais pediria em seu nome à Prioresa: e delas instituiria uma em Prioresa do dito novo Mosteiro, e logo lançaria o hábito de noviças a todas as Reclusas, e lhe faria as profissões a seu tempo. Vieram logo as Religiosas do Convento de Chelas sem dilação alguma, que se chamavam, Dona Maria Mendes de Ansião, e Dona Estefaninha Baunilha, e foram com grande instância pedidas pelas de Santarém; que não sossegavam enquanto se não viam já entradas no seu ano de noviciado. Porém não conseguiram a conclusão deste desejo, porque não quis Fr. Gonçalo Origiis, nem parecia bem, que se começasse nele o rigor da observância religiosa, enquanto tinha faltas o edifício para se constituir verdadeira, e proporcionada clausura. Com todo o cuidado se começou logo a trabalhar no que mais convinha, a fim de se aperfeiçoar o que estava já principiado, e fazer-se de novo o que era mais preciso.

Estando acabado o que foi necessário para regular clausura, véspera de Pentecostes no ano de 1290, confirmou o Padre Fr. Gonçalo Origiis em primeira Prioresa, a Madre Dona Maria Mendes de Ansião: Começaram logo a correr todas as coisas do Mosteiro em perfeita, e regular observância, guardando-se à risca as bem ordenadas Constituições, com notável alegria das Religiosas, e de todo o povo da Vila. Conheceu-se juntamente a grande caridade dos moradores daquela populosa república em lhe acudirem muitos com largas esmolas, não só para ajuda do sustento corporal, mas também para que continuassem as obras, e se aperfeiçoasse o edifício, sendo algumas das esmolas em bens de raiz para perpétua renda. Havia na mesma Vila uma senhora principal chamada Dona Estefaninha Pires de Casével, que dela achámos graves notícias no mesmo Mosteiro, a qual se afeiçoou tanto às ditas Religiosas, que tomou à sua conta mandar-lhe fazer desde o fundamento a Igreja que hoje existe, e foi tão ambiciosa de ser ela só a que fizesse completa esta grande esmola, que por falecer antes da Igreja se acabar de todo, lhe deixou um legado de quinhentas libras com que se acabou, e se pôs na última perfeição; e por ser Dona Estefaninha singular no dispêndio desta obra, foi seu corpo enterrado na Capela-mor da mesma Igreja.

Tem a Capela-mor uma tribuna de talha moderna dourada, e na boca da mesma tribuna tem em todo o tempo que se não expõe o Santíssimo, um painel que se representa

a Ceia de Cristo Senhor Nosso com os Discípulos, que é uma admirável pintura. Não tem mais esta Igreja que duas Capelas fora a mor, das quais está uma em cada lado do cruzeiro ambas correspondentes à face, e tem dois coros ambos fronteiros à Capela-mor, um fica igual com o pavimento da Igreja, e por cima deste outro, que é onde se canta, e se reza o Canónico do Ofício Divino. É hoje a Capela-mor desta Igreja jazigo dos Excelentíssimos Condes de União, sendo o ascendente desta ilustríssima família que primeiro a possuiu Manuel Teles de Menezes Comendador das Vilas do Campo de Ourique da Ordem de Santiago, em cuja Capela nos lados das paredes estão dois caixões de boa pedra com as inscrições seguintes: o da parte do Evangelho diz assim: *Dom Martim Afonso de Castro, filho dos Condes de Monsanto, D. António de Castro, e Dona Inês Pimentel, General das Galés deste Reino, Vice-Rei da Índia, no ano de 1604, descerco Malaca do grande cerco que padecia dos Malaios, e Holandeses, em maio de 1607. Faleceu pouco depois na mesma Cidade de 47 anos. Dona Margarida de Távora mandou fazer este piedoso depósito a seus ossos, e de seu filho D. Jorge Luís de Castro, que morreu nas guerras de Itália, e para seu jazigo perpétuo, e de seus descendentes no ano de 1649.* Sobre este Túmulo está uma Cruz gravada, e na parte que lhe serve de calvário se leem estas letras: *Domine JESU Christi Filii Dei vivi, pone Passionem, Crucem, mortem tuam, inter judicium tuum, & animam meam*, e da parte da Epístola o outro letreiro diz o seguinte: *Sepultura de Fernão Teles da Silveira primeiro Conde de União, que mandou reedificar esta Capela de seus Avós, e de sua mulher Dona Francisca de Castro, filha de Dom Martim Afonso de Castro, e de Dona Margarida de Távora.* E sobre este Túmulo está a seguinte inscrição: *Salvator mundi salva nos, qui per Crucem, & Sanguinem redimisti nos*

CAPÍTULO XXVI.

Dá-se a notícia de como os Padres Marianos da Província deste Reino de Portugal fundaram nesta Vila de Santarém o seu Convento.

Entrando o ano de 1646, que no assunto em que vamos foi ano feliz para a Vila de Santarém, por lhe dar Deus mais a companhia de uma perfeitíssima Religião, como novo Sol alumiou esta Vila com os raios de exemplares virtudes. Era isto no tempo que reinava em Portugal o felicíssimo, e sempre invicto restaurador da pátria D. João o quarto, tendo o regímen supremo da Igreja o Santíssimo Padre Inocêncio décimo, e sendo Provincial da santa Província Carmelitana reformada neste Reino o Ilustríssimo, e Reverendíssimo D. Fr. Sebastião da Conceição, eleito Arcebispo de Meliapor. Nesta era permitiu a Providência Divina se vissem cumpridos os santos desejos, que para maior glória de Deus tinham os venerandos Padres Carmelitas Descalços de fundarem um Convento da sua Ordem em Santarém. O mesmo desejava toda a nobreza, e povo da mesma Vila, e para logo ter princípio, com santa vontade, e generoso ânimo se ofereceram para Padroeiras da pretendida fundação, as Excelentíssimas Senhoras, Dona Madalena de Lencastre Condessa de Faro, e sua Filha Dona Juliana Maria Duquesa de Caminha, cujas Senhoras na carreira de suas vidas emparelharam sempre com o ilustre do sangue, a virtude de suas heroicas ações. Havidas as licenças necessárias em tudo o que se determinava fazer, partiram para esta Vila, aonde chegaram dia de Santiago vinte e cinco de julho do referido ano, os Padres Fr. Alberto de Jesus Maria: o Padre Fr. Miguel da Madre de Deus: o Padre Fr. Manoel da Cruz: o Padre Fr. Francisco do Santíssimo: o Padre Fr. Lourenço de Jesus, e por Vigário da nova fundação, o Reverendo Padre Fr. Diogo de S. José. Logo foi este Padre Vigário dar parte ao Excelentíssimo Senhor Fernão Teles, primeiro Conde de União da sua chegada; e ajustando ambos o que se havia de obrar, o mesmo Senhor o proveu de tudo o necessário para o decente ornato do Altar.

Disposto tudo na melhor forma possível, e brevidade que o tempo permitia, se foi o Padre Vigário recolher com os seus Religiosos nas casas de seu sobrinho Diogo de Saldanha de Sande, sitas no largo que fica junto à Porta de Manços, distrito que é da Freguesia de S. Nicolau. Nas ditas casas (que são grandiosas) e na grande sala que fica em cima no fim da varanda, compuseram Igreja, ornando-a com os paramentos necessários, e tomaram posse dizendo ali a primeira Missa o V. P. Fr. Miguel de S. Jerónimo, a cujo ato assistiu o Senado da mesma Vila, o R. Vigário-Geral, o Conde de União, e toda a sua família, Diogo de Saldanha, e a S. D. Catarina Pereira sua mulher, sendo esta ação em o dia da gloriosa S. Ana a 26 de julho do sobredito ano de 1646. Viveram nestas casas de Diogo de Saldanha os ditos Religiosos com grande edificação do Povo em santa vida, até o ano de 1648, em que se mudaram para o sítio onde hoje vivem, o qual lugar se chamou sempre da Pedreira, sito no distrito da Freguesia de N. Senhora de Marvila, que fica desta Igreja Matriz para a parte do Nordeste setenta passos, com pouca diferença. Onde vencidas as dificuldades, que havia na venda das casas de D. Fernão Mascarenhas Conde da Torre, e composto o mais tocava àquele lugar com os Monges de S. Bernardo do Convento de Alcobaça, por ser prazo do mesmo Mosteiro, se fez a mudança do SANTÍSSIMO SACRAMENTO para o novo Convento uma terça-feira, oito de dezembro dia da Puríssima, e Imaculada Conceição da Mãe de Deus do referido ano de 1648. Deram as Excelentíssimas Senhoras Padroeiras dois mil cruzados para ajuda

da compra das casas, e sítio, o qual dinheiro se ofertou a três de agosto de 1649, ficando todo aquele circuito livre, e desembaraçado para os Padres continuarem a operação do seu Convento.

Neste referido sítio da Pedreira começaram logo os PP. Marianos com suma aplicação nas ditas casas que foram do Conde da Torre o seu novo Convento. E enquanto não tiveram posses para fundar de novo Igreja, a fizeram em uma loja comprida, a qual ornaram com muito asseio; nela fizeram coro alto à entrada, e com toda a perfeição beneficiaram os Ofícios Divinos. Era por então limitado o cómodo de dormitório, e celas, porém pelo tempo adiante, passando os anos, foram fabricando o Convento em tal forma, que é hoje um dos maiores que tem a sua Província. Fica situado entre o Oriente, e o Norte, e por isso goza de ares salutíferos. O lugar em que tem o seu assento é iminente para a parte do Nordeste a um grande, e dilatado vale por onde se desce para o Tejo, e a grande povoação, a que chamam Ribeira, correndo o Convento por cima das muralhas que fechavam Santarém, e para a parte da Vila ao Noroeste, fica igual com o seu pavimento.

Logra-se deste Convento um agradável objeto à vista, porque dali para a parte do Oriente se está vendo em distância mais de uma légua a Vila de Almeirim com todo o ameno de seus verdes, e dilatados campos, que tudo está entrefechado em diferentes lugares, casais, e quintas aprazíveis. Veem-se também para a parte que fica entre o Norte, e o Nordeste, os deliciosos pomares da celebrada Assacaia com as vinhas de Alvisquer, e seu estendido campo, e juntamente se está compreendendo com a vista quase toda a povoação da Ribeira que lhe fica ao pé do monte com todos os seus edifícios. Estando já o corpo do Convento com as oficinas necessárias para o cómodo dos Religiosos, edificaram de novo suntuosa Igreja, para cuja obra concorreram muitas pessoas devotas, que eram fregueses naquele distrito de Nossa Senhora de Marvila, a qual se acabou pelos anos de mil setecentos e sete. Celebrou-se nela um Tríduo com notáveis festejos, e no dia em que se mudou SANTÍSSIMO SACRAMENTO, se ordenou uma grande e vistosa Procissão com grande pompa. Tem esta Igreja a sua porta principal fronteira ao Poente, com o seu frontispício, que é fundado sobre três arcos de pedraria lavrada, fazendo átrio coberto, sobre o qual fica o coro. É esta Igreja de mediana estatura feita pela mesma medida, e risco, das mais, que esta Religião tem em todas as da sua Província, sendo todo o teto de abóbada de tijolo, de uma só nave, com as Capelas do corpo da Igreja metidas para dentro, e as colaterais à face. É o cruzeiro espaçoso, e por extremo alegre, e claro com a Capela-mor, faz proporcionada cabeça ao corpo de todo o seu perfeito artefacto. E o número de Religiosos, que sempre costuma ter esta Casa de morada, são trinta e cinco com pouca diferença: os quais nesta Igreja continuamente de dia e noite se esmeram em dar decente culto a Deus, fazendo juntamente muito bem às almas daquele povo nos púlpitos, e nos confessionários.

HISTÓRIA DE SANTARÉM EDIFICADA

LIVRO II

Das Notícias de suas Antiguidades.

CAPÍTULO I.

Em que se dá notícia do que pertence à Igreja de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre desta Vila de Santarém.

Esta Igreja, que é Paroquial, e dedicada ao Proto-Mártir S. Estêvão, existe no mais alto sítio de Santarém dentro dos muros que cercam a principal povoação desta Vila, da parte do Sul confina com a Freguesia de S. Julião, ficando-lhe a de S. Nicolau ao Norte. O ano da sua ereção, não o pudemos descobrir com individual certeza, porém como se achou no Cartório dela um pergaminho processado no ano de 1240, onde se leu, que naquele tempo já o Pároco ali se intitulava Prior; e porque consta do dito Cartório, que esta Igreja foi sagrada em dezasseis de fevereiro de 1241, vemos que dista da tomada desta Vila aos Mouros pelo nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques noventa e quatro anos, por ser ganhada no de mil cento e quarenta e sete, como

consta do letreiro da Ermida de S. Miguel em Alcáçova, que já fica referido no Cap. 4. do 1. livro desta História. E como naquele tempo da sua sagração já era Paróquia com Prior, segue-se que com pouca diferença seria ereta pelos anos de mil e duzentos.

Sempre foi do Padroado Real esta Igreja, e da apresentação das Sereníssimas Rainhas deste Reino. Tem oito Beneficiados, que todos apresenta o Prior dela. Rende o Priorado com frutos certos, e incertos pouco mais de quatrocentos mil réis, de que paga à Igreja Patriarcal de Lisboa oitenta de pensão anual, tendo também obrigação de satisfazer aos Sermões que pregam ali pela Quaresma; e os Benefícios rendem cada um deles setenta mil réis, com pouca diferença.

É esta Igreja de mediana grandeza, compõe-se por dentro a sua formatura de três naves, com cinco colunas de cada lado, formadas pela ordem Toscana em boa pedraria lavrada: o cruzeiro se divide em três arcos de que nascem as três naves, tudo de boa cantaria, tendo estes arcos nas suas voltas, e nos seus seguintes esculpidos nas mesmas pedras em meio relevo, e mais de meio relevo, meios corpos de várias figuras, que é coisa sem dúvida para admirar toda a ideia que souber bem avaliar o primor da escultura. Tem só três Altares que fazem esta conta, o maior, e os dous colaterais; no da parte do Evangelho se venera a Imagem de S. Estêvão, e no da parte da Epístola a de S. Marçal, ambas de vulto, e bem proporcionadas.

O Altar-mor se adorna com uma tribuna de talha dourada, obra moderna, em cujo trono se conserva de morada em um perfeito Sacrário, aquele portento das maravilhas, que por antonomásia neste Reino, se chama o Santíssimo Milagre, que Deus obrou (quanto à nossa inteligência) para avivar a verdadeira Fé aos Católicos, e confundir os Hereges, que barbaramente negam aquela Divina existência, estando ali visível aos nossos olhos, a carne, e o sangue de Cristo Senhor Nosso, para evidente confirmação da verdade. E para que toda a pessoa que entrar nesta Igreja conheça logo o riquíssimo tesouro, que em si encerra, tem debuxado em quatro quadros (dois em cada nave) de boa pintura antiga, o maravilhoso sucesso deste milagre. Em o primeiro, que está na nave da parte do Evangelho, se vê, que a mulher que fez o sacrílego roubo está recebendo da mão do Sacerdote a sacratíssima Partícula. No segundo quadro que está na mesma nave, vai a dita mulher com o Santíssimo envolto em a sua beatilha, divisando-se-lhe na mão com que lhe pega gotas de sangue. No terceiro, que está em a nave da Epístola se representa estarem saindo os resplandores da arca aonde estava o Divino Sol e muitos Serafins naquele mesmo lugar. O quarto que está em a mesma nave consta da Procissão com que solenemente se recolheu à Igreja este Santíssimo Milagre; e por baixo do segundo quadro se acha um letreiro gravado com letras de ouro em uma lâmina de madeira, e é o seguinte: *Mandou dourar a História do Santíssimo Milagre a grande Portuguesa Maria Pinta de Gouveia, ano de 1646*. E tem esta Igreja o seu coro em o lugar comum das outras, que é sobre a entrada da porta principal, adornado, e guarnecido de uma admirável pintura, coisa moderna dos nossos tempos.

Foi a sagração desta Igreja a dezasseis de fevereiro no ano de 1241, pois consta do seu Cartório aonde se lê um pergaminho com seu Selo pendente do qual se não pode bem ler o nome do Bispo que a sagrou: e o que contém o mesmo pergaminho em Latim é como se segue:

Dei miseratione Regens: Episcopus universis Christi fidelibus, ad quos littera pervenerint salutem in eo, qui est omnibus vera salus. Litteras venerabilis Capitulis

Ulisbonensis nos recepisse noveritis in hunc modum: Venerabili in Christo Patri & Domino. F. Dei gratia regenti Episcopo Capitulum Ulisbonense reverentiamus cum Salute. P. Mendi, Clerici, & Parochiani Ecclesia Sancti Stephani Santariensis nobis suis litteris intimarunt quod vos ob reverentiam Beati Stephani vultis ipsam Ecclesiam consecrare; dummodo vobis super his à nobis licentia concedatur propter dominationem vestram duximus attentius deprecandam, quatenus si placet dictam Ecclesiam dignemini consecrare, & alias qua reconciliatione indigent reconciliare, confirmandos crismate confirmare, & ad consecrationem venientibus indulgentiam concedere quam Paternitas vestra viderit expedire, ad alia etiamque ad opus Ecclesiarum occurrerent consecranda. Nos etiam ad hac omnia facienda Paternitati vestra licentiam tribuimus..... autem mandati nostri noveras consecrasse Ecclesiam supradictam Sancti Stephani anno ab Incarnatione Domini millesimo ducentesimo quadragesimo primo XIV. Kalendas Martii concedimus omnibus venientibus ad ipsam Ecclesiam vere pœnitentibus, & confessis in ejus dedicatione sive anniversario quolibet, & in perpetuam XL. dies de debita sibi pœnitentia, & misericorditer relaxantes, & ut his omnibus supra scriptis adhibeant fidem plenaria nunc & Semper cartam istam Sigilli nostri munimine roboratam, Priori prædicta Ecclesia tradimus in testimonium veritati. Datam apud Santarem nonis Martii. Anno Domini 1241.

Cum Sigillo cera rubra, & ibi Sigillum Episcopi: S. E. regens.

O principal argumento que tirámos da leitura desta carta da dita sagração é, que foi sagrada a dezasseis de fevereiro no ano de 1241, e que todos os fiéis Cristãos que visitarem esta Igreja no dia da sua Dedicação: *Vere pœnitentibus & confessis*, isto é verdadeiramente contritos, e confessados, ganham quarenta dias de perdão das suas culpas, cada um ano para sempre; e que este Breve se publicou em Santarém a sete de março, sendo a letra *F.* que está no princípio do Breve, letra inicial, entendida pelo nome do mesmo Bispo, que fez esta sagração, e não podemos dizer ainda com clareza este nome, porque no título do pergaminho se não deixa bem conhecer; porém no Selo pendente que está no dito pergaminho se vê a efígie do Bispo; e em círculo as seguintes letras *I. S. EPISCOPVS: REGENS.*

CAPÍTULO II.

Da notável maravilha da Hóstia consagrada sucedido nesta Igreja de Santo Estêvão em Santarém.

Suposto que muitos dos escritores com elegantes retóricas, têm relatado o estupendo prodígio do Milagre que deu o segundo título a esta Igreja, próprio é desta nossa escritura referir a autêntica história que está no seu Cartório, lançada em pergaminho na língua Latina, em um livro encadernado com pasta de veludo verde, de cujas letras as verbas essenciais são as seguintes.

Depois do Nascimento de Cristo Senhor Nosso no ano de 1247, e não como mal informado escreveu Mariz, que suponho mandou ver, e não examinou por si próprio, na história dos dois Milagres de Santarém a folhas 34 aonde diz, que este caso sucedeu no ano de 1266, em cujo erro caiu também o Autor dos Hagiológios Lusitanos no primeiro tomo, letra A. no Comentário folhas 451, que o devia de seguir, e para a nossa opinião ser mais certa, é mais verdadeira testemunha aquele antigo pergaminho escrito no mesmo tempo em que Deus quis fazer manifesto este seu milagre.

Foi, pois, o caso desta maravilha, que reinando em Portugal por estes anos D. Afonso o terceiro do nome, no ano referido morava nesta Freguesia de Santo Estêvão em uma rua estreita, que ainda hoje lhe chamam das Esteiras, uma mulher de baixa esfera, a qual vendo-se desfavorecida de seu marido, que a tratava com muita aspereza, e pelo que se entende andaria mal encaminhado com outra. E como ela se via tão desconsolada, desejava muito ter o amor, e graça de seu marido, para o que desafogou um dia a sua queixa a uma sua comadre, que era de nação Hebreia, à qual revelou tudo o que neste particular lhe dava tanto que sentir. A diabólica judia com industriosa maldade lhe disse, que se queria que seu marido lhe tivesse muito amor, e a tratasse como ela queria, fosse à Igreja para comungar, e que sem pessoa alguma a ver, tirasse da boca a Partícula, e a embrulhasse na sua mesma beatilha, e trazendo-lha com todo o recato, ela lhe prometia, que dali por diante seu marido lhe desse boa vida, e a amasse com extremosos carinhos.

Tão simples, como temerária, aquela triste mulher levada dos enganos da outra, facilitou-lhe a sua ignorância, que por aquele caminho poderia achar o remédio a seu mal, foi à Igreja de Santo Estêvão, que era sua Freguesia, comungou nela a Divina Partícula; e com sacrílego atrevimento a tirou da boca, e a embrulhou na beatilha, e logo caminhando com acelerados passos, foi para entregar aquele Sagrado Pão dos Anjos nas mãos daquela inimiga da nossa santa Fé. Porém passando por uma travessa, que hoje está tapada, aonde se vê na parede que cai para a rua chamada do Milagre, uma Cruz de azulejo muito antiga, junto da qual estão umas figuras pintadas na mesma parede, que agora mal se percebem suas cores, cuja Cruz, e pintura se pôs ali para memória deste estupendo caso; como esta mulher chegou àquele lugar, quis o mesmo Senhor, que por nosso remédio foi servido limitar sua imensidade debaixo de um breve compêndio das espécies sacramentais, sujeitando-se às nossas irreverentes descortesias, mas nesta ocasião (por inescrutáveis segredos seus) fez manifesto aquele sacrílego roubo, permitindo, que daquela sagrada Hóstia saísse seu precioso Sangue tão publicamente manifesto, que correndo pelas dobras da beatilha que levava a mulher, deu motivo a ser perguntada das pessoas que a viram, dizendo-lhe, que feridas eram aquelas que vertiam tanto sangue; ela

entendendo, se continuasse outras ruas, seria mais manifesto o seu execrando delito, com perplexos passos rompeu os laços ao temor, e retrocedendo o caminho, se foi meter em sua casa, aonde na pobre clausura de uma tosca arca fechou tão sagrado depósito, ficando indeterminada no que dali por diante faria.

Chegou a noite, e a hora em que se recolheram, mulher e marido, que dormiam na mesma casa em que estava a dita arca, e quando já tinha passado o primeiro sono, acordou o marido (ignorante do que se tinha passado) viu a casa cheia de claríssimos resplandores, com odoríferos cheiros; aplicou a vista para saber onde estava o manancial de tão luzentes raios, e conhecendo, que da arca procedia tudo, perguntou à mulher: que tinha ali encerrado. Ela porque já não podia encobrir a sua culpa, lhe disse todo o sucedido com as suas circunstâncias. Tanto que amanheceu foi o marido à Igreja, denunciou o que passara aos Clérigos, os quais logo com ele convocaram a maior parte do Povo da mesma Freguesia, e todos juntos foram à casa aonde sucedeu o milagre, de cujo lugar, com pomposa solenidade foi trazido o Corpo de Deus para a dita Igreja, envolto na mesma beatilha, vendo-se nela o sangue na própria forma em que fora achado, o que tudo presenciou aquele Povo que ali estava.

Depois disto deu-se ordem com toda a brevidade a purificar a arca de algum sangue, que nela estava, o que se fez com cera, em que se embebeu o sangue, e de que se fez a primeira Custódia em que se adorou a Sagrada Partícula. Mas não pararam ainda aqui os efeitos desta maravilha, porque passados alguns anos, querendo o Pároco da dita Igreja mostrá-lo ao Povo, achou que estava a Sagrada Hóstia recolhida em uma miraculosa âmbula cristalina, cuja matéria se faz incompreensível aos mais peritos lapidários, da qual invenção ficaram todas as pessoas que ali presentes estavam atónitas, e admiradas, pois não acharam na âmbula, que é quase de forma esférica, parte alguma por onde se lhe pudesse introduzir no centro dela a celestial Partícula, senão sendo por artifício Angélico. E o que se pode daqui entender é, que quis o Senhor usar neste caso da incompreensível subtileza de seu glorificado Corpo, penetrando aquele cristal, assim como o Sol faz nos corpos diáfanos.

Esta maravilha se mostra todos os anos aos fiéis, que devotamente de toda a parte concorrem à sua Igreja, porém em dias para isso determinados, os quais são os três da Pascoela, Sábado, Domingo e Segunda-feira. Na Dominga do Bom Pastor, e na primeira Oitava do Natal, que é o dia do Orago desta Paróquia, o glorioso Proto-Mártir Santo Estêvão; e não sendo nestes dias, só se mostra a quem leva licença do Cabido da Sé Oriental de Lisboa.

Muitas maravilhas se têm visto pelo discurso dos anos, que tem obrado esta Divina Partícula, pois as temos visto, e ouvido a pessoas graves dignas de muito crédito: a mais notável é, que se tem representado dentro daquela âmbula aos olhos dos que a chegam a ver, várias figuras, conforme a devoção de cada qual, porque uns disseram, viram ali dentro a Cristo nos braços de sua Mãe Santíssima: outros, que ao mesmo Cristo crucificado: outros, que coroado de espinhos: outros, que atado à coluna, cujas representações deixaram vários Autores referidas em seus escritos.

Esta Divina Partícula se vê ser pouco maior das que hoje se dão a comungar ao Povo, porém é muito mais grossa, vendo-se nela ter carne e sangue, parte dele rubicundo, e parte mais denegrido, sendo toda a mais forma branca; e também se divisam no fundo da âmbula distintas umas gotas de sangue ao pé da Partícula. Esta miraculosa âmbula está

hoje engastada em uma perfeita Custódia de prata dourada que terá a altura de dois palmos, em a qual se expõe aquele Divino SACRAMENTO no meio do cruzeiro da Igreja, nos dias que se mostra ao Povo.

No mesmo tempo em que sucedeu este milagre, houve grande controvérsia no Povo desta Vila, em requerimentos do lugar onde se poriam tão grandes relíquias. Diziam uns, que não deviam estar na dita Igreja, mas que melhor seria, que estivessem nos Mosteiros dos Pregadores, e dos Frades Menores, que eram os dois Conventos que só naquele tempo havia em Santarém, por serem os lugares mais decentes para ali se venerarem com melhor culto, e magnificência as sagradas relíquias. Outros requeriam; que na Igreja de Nossa Senhora de Marvila por ser das Freguesias a Matriz, e ser um Templo muito grande, e majestoso. Outros, que em a Colegiada de Alcáçova, por se oficiarem nela com grande pompa os Ofícios Divinos. Porém contra tudo isto prevaleceu a razão que tinham os Fregueses de Santo Estêvão, por se saber que eles eram de vida mais exemplar de quantos moradores naquele Povo então havia, e não consentiram, que a sua Igreja fosse privada de tão grande dote, pois dela quis Deus que saísse aquele prodígio para singular crédito da nossa santa Fé. E para que não ficassem os Religiosos de S. Domingos de todo isentos da posse destas soberanas relíquias, pois por este tempo tinham naquela Vila grande opinião de santidade, e ainda hoje a conservam de muita virtude, lhe deram a santa beatilha, que conservam encaixilhada em cristal por onde se vê o sangue muito fresco, e rubicundo: e juntamente duas bolinhas daquela sagrada cera em que se recolheu o precioso sangue do tamanho de duas ervilhas, ficando na Igreja de Santo Estêvão a maior parte da cera em pirâmides de prata bem lavrada com aberturas no lavor, por onde a quem lhe aplica o olfato, exala um celestial cheiro tão incompreensível e desusado, que parece fica privado de todos os sentidos não só do corpo, mas ainda intelectuais.

CAPÍTULO III.

Em que se dá notícia de duas Irmandades que há nesta Igreja de Santo Estêvão, a do Santíssimo Milagre, e a do Senhor JESUS dos Terços, e mais algumas notícias que pertencem a esta Igreja.

É a Irmandade do Santíssimo Milagre especialíssima na Vila de Santarém, não só por se compor, e ornar com a nobreza daquela Freguesia, mas também por se alistarem nela muitas pessoas da mesma terra; e ainda grande parte desta Estremadura, a quem a devoção Católica convida a participar de muitas indulgências; e a sua antiguidade bem tem mostrado há séculos os privilégios, e indultos que logra quem dela se faz Irmão.

Conserva-se esta nobre Irmandade com seu Compromisso, que contém vinte e três Capítulos com estatutos louváveis, e bom regímen; tudo concernente ao serviço de Deus. É aprovado pelo Ilustríssimo Prelado deste Arcebispado Oriental de Lisboa. E participam os Irmãos todas as graças, e Indulgências que foram concedidas à Irmandade do *SANTÍSSIMO SACRAMENTO* da mesma Sé Oriental; o que consta por autêntico que se acha escrito em pergaminho no Cartório da dita Igreja de Santo Estêvão; e juntamente logra Indulgência plenária no dia em que entram por Irmãos, nas Festas do ano, e na hora da morte: as quais Indulgências lhe foram concedidas por Bula Apostólica passada no ano de 1595, governando a Igreja o Papa Gregório décimo-quarto no primeiro ano de seu Pontificado.

A Irmandade do Senhor *JESUS* do Terço instituiu-se na Capela que antigamente era dedicada ao glorioso S. Marçal, que fica da parte do Evangelho; porém a devoção dos fregueses, quando erigiram esta devota ação, tiraram a Imagem deste Santo do trono em que estava, e colocaram ali uma devotíssima Imagem de Cristo senhor nosso crucificado, e ficou dali por diante a Capela com a invocação do Senhor *JESUS* do Terço, com esta Imagem saem os Irmãos às quartas-feiras de cada semana em Procissão cantando devotamente pelas ruas de noite o Terço de Nossa Senhora, e todos os Domingos saem com a mesma Procissão entoando o Terço do *SANTÍSSIMO SACRAMENTO*.

Foi ereta esta Irmandade no ano de 1729, e confirmada pelo Ilustríssimo Cabido em 23 de julho do mesmo ano, como consta do seu Compromisso o qual tem vinte e dois Capítulos bem ajustados, para com devotas ações ser bem regido o Divino Culto do mesmo Senhor. É o Altar desta dita Capela privilegiado em as quintas-feiras de cada semana por Breve Apostólico concedido à dita Irmandade pela Santidade do Papa Bento décimo-terceiro no ano de 1727. Têm os Irmãos quando entram, Indulgência plenária, a mesma no dia da sua Festa, que é em o dia de Santo Estêvão, em todas as mais Festas do ano, e na hora da morte, por Breve Apostólico concedido pelo mesmo Papa Bento décimo-terceiro, no ano sobredito de 1727.

O Prior, e Beneficiados desta Igreja logram o privilégio de satisfazerem a reza do Ofício Divino, rezando em todas as quintas-feiras do ano, não sendo impedidas com o Ofício de nove lições, do *SANTÍSSIMO SACRAMENTO*; por concessão de uma carta do Eminentíssimo Francisco Maria Cardeal à Monte, da Congregação de Ritos, expedido no

ano de 1622, e cometida ao Ilustríssimo D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa, que a declarou, e em virtude dela concedeu o dito privilégio em três de outubro da sobredita era, que tudo isto consta dos documentos do Cartório, e anualmente se observa nesta Igreja.

Na mesma Igreja se faz todos os anos um aniversário a 27 de janeiro pelas almas d'El-Rei D. Afonso terceiro, e d'El-Rei D. Dinis seu filho; por cuja memória se faz lembrada a veneração, que os Sereníssimos Reis de Portugal sempre tiveram a esta Igreja. El-Rei D. Afonso sexto mandou fazer nela uma majestosa Casa chamada a Via-Sacra, em a qual se mostra o Santíssimo Milagre às pessoas particulares, que levam provisão com licença do Ilustríssimo Prelado. Mandou-a fazer este mesmo Senhor à custa de sua real fazenda, pois o diz um padrão em que está esculpido o seguinte letreiro:

O Sereníssimo Rei D. Afonso sexto mandou fazer esta obra pelo Marquês de Marialva, dos seus Conselhos de Estado, e Guerra, Vedor de sua fazenda, Governador das armas da Corte, e Cidade de Lisboa, de Cascais, e das Comarcas da Estremadura. Correu com esta obra o Doutor Francisco Soares, sendo Provedor desta Comarca; e Dom Manuel de Castro Prior desta Igreja no ano de 1660.

CAPÍTULO IV.

Em que se faz memória das Capelas de Missas quotidianas pertencentes a esta Igreja de Santo Estêvão, e de algumas Sepulturas de pessoas nobres, que nelas jazem sepultadas.

Há nesta Igreja várias obrigações de aniversários, que não refiro por me parecer menos importante, e será coisa prolixa aos leitores. Porém não deixo de fazer aqui lembrança das inscrições das suas principais sepulturas, e das Capelas de Missas quotidianas que lhe pertencem, para memória certa de quem lhe importar sabê-lo: e seja a primeira Capela a de Gonçalo Lourenço, Cónego de Placência, e Beneficiado desta Igreja aonde se lhe diz Missa quotidiana, mas não há memória de sua antiguidade, e só se acha no Cartório desta Igreja uma composição, que houve entre o Prior D. Fernando de Menezes, e mais Beneficiados com Nuno Álvares de Mariz Administrador da dita Capela, sobre o preço das Missas feita no ano de 1589.

Tem outra Capela de Missa quotidiana pela alma de Catarina Toste, instituída por Dona Catarina, mulher que foi de Pedro Toste, no ano de 1373, paga-se do rendimento de umas terras sitas no campo da Golegã, e é só dos Beneficiados.

Outra Capela de cento e vinte réis cada Missa pela alma de Maria de Oliveira Bolhão; cuja esmola se tira da quantidade que render a quarta parte da sua fazenda, ficando à Casa da Misericórdia desta Vila, que é sua administradora: e foi instituída pela mesma Maria de Oliveira Bolhão, no ano de 1658.

Há outra Capela nesta Igreja de Missa quotidiana pela alma do Padre Manuel dos Santos, que manda se lhe digam em o Altar da parte da Epístola, que algum tempo foi dedicado a N. Senhora da Apresentação, fazendo-se-lhe a Festa no seu dia, de que é Administrador o Beneficiado mais velho da mesma Igreja: e é esta Capela dos Beneficiados, sendo instituída pelo mesmo dito Padre, no ano de 1695.

Também há na mesma Igreja outra Capela de Missa quotidiana pela alma de Luís Borges da Silva, o qual deixou para ela quarenta mil réis, e quatro mil réis para a fábrica e a eleição de Capelão é do Prior, e dos dois Beneficiados mais velhos.

Tem mais outra Capela de seis Missas em cada semana, pela alma de Gregório Veloso, de esmola de cem réis cada uma, de que é Administradora a Misericórdia da mesma Vila; porém a antiguidade da sua instituição não se pode descobrir.

A primeira sepultura, que se vê logo à entrada da porta principal desta Igreja, tem um padrão com a inscrição seguinte: *Aqui jaz Lourenço Gonçalves, Cavaleiro que deixou a quinta dos Chavões à fábrica desta Igreja, o qual estava fora da porta enterrado, e passámo-lo aqui quando se fez a torre*.

Na nave da parte da Epístola estão no pavimento duas sepulturas rasas, com as inscrições seguintes:

Sepultura perpétua de Francisco Petis Aranha, e de sua mulher Maria Ferreira de Siqueira, e de seus herdeiros.

Sepultura de Roque Garcia de Gondim e de seus herdeiros: na qual jaz sua Mãe, e Avó enterrados. Feita na era de 1623, pedem a todos um Padre Nosso, e uma Ave Maria: da geração dos Pantanas.

No cruzeiro desta Igreja se leem em várias sepulturas as seguintes letras:

Sepultura de Gaspar de Bulhas, e de sua mulher Leonor de Oliveira, e de seus herdeiros. 1638.

Sepultura de Manuel Seixo Gaio, e de sua mulher Simoa Ribeira Correia, e de seus Herdeiros: tem escudo de armas.

Sepultura do Padre Gil Afonso Beneficiado desta Igreja, que fez uma Capela de todos os seus bens e deixou por Administradores o Juiz, e Mordomos do Santíssimo Milagre, e que a renda de toda a sua fazenda se fizesse em quatro partes: as três fossem para Missas, e a quarta parte para cera do Santíssimo Milagre; que os ditos Oficiais fizessem um apontador, que apontasse as ditas Missas com juramento. Faleceu a 26 de julho de 1548.

Sepultura dos Padres Francisco Gomes, António Gomes, Manuel dos Santos, Beneficiados desta Igreja. 1686.

Sepultura de António de Proença Prior de Nossa Senhora de Almoster, Beneficiado desta Igreja, e de seus Sobrinhos.

Sepultura de André Vaz, e de sua mulher Catarina Soares, e de seus filhos.

Aqui jaz Duarte Velho, Cavaleiro da Ordem de Avis, e seus herdeiros. 1553.

Aqui jaz André Pinto, e sua mulher Leonor de Macedo, e seu tio Miguel Pinto, cuja é perpétua, e de seus herdeiros.

Na Capela-mor estão quatro sepulturas com os letreiros que aqui se seguem:

Sepultura de D. Francisco Lobo da Silveira, Prior desta Igreja, em a qual jaz sua Irmã Dona Antónia de Zuniga, a qual faleceu a cinco de novembro de 1637.

Sepultura do Doutor Luís da Silva de Brito, Prior que foi nesta Igreja, Protonotário Apostólico, Cónego penitenciário na Sé de Évora, Vigário-Geral, Provisor, e Governador muitas vezes no Arcebispado de Évora por espaço de vinte e seis anos. 1630: tem escudo de armas.

Esta Sepultura é de Cristóvão de Bobadilha que foi Prior desta Igreja. Faleceu ao Domingo, dez dias do mês de novembro da era de 1527.

Sepultura perpétua do Doutor Luís Mendes de Macedo, Prior que foi desta Igreja, e Protonotário da Sé Apostólica: para ele Somente. Faleceu a trinta e um de julho de 1617.

CAPÍTULO V.

Em que se dá notícia do lugar onde sucedeu o Santíssimo Milagre da Hóstia, o qual lugar existe no distrito desta Freguesia de Santo Estevão, convertido hoje em uma Ermida bem regular, e se faz menção de outra pertencente ao mesmo Milagre.

No mesmo lugar em que hoje se vê esta Ermida na rua chamada das Esteiras, cinquenta passos desta Igreja para a parte do meio-dia, estavam as casas onde morava aquela pobre mulher, quando cometeu o sacrílego roubo da consagrada Hóstia do Santíssimo Milagre. E sendo este lugar, para a nossa veneração, digno de logo se ter em custódia, e se ornar com custosas preciosidades; foi tal a incúria dos homens daquele Povo, que inadvertidos do culto que requeria a devoção católica, a tão grande maravilha, deixaram ficar as ditas casas sem aquela atenção que mereciam, por espaço de mais de trezentos anos, até que o tempo, que tudo consome, as arruinou, e converteu em uns desamparados pardieiros. Porém foi Deus servido, que no ano de 1654, Manuel dos Reis Tavares, homem graduado em medicina, mandou fazer à sua custa, naquele mesmo lugar, uma bem proporcionada Ermida; a qual tem a sua fundação, e ornato da maneira seguinte.

É esta Ermida toda de abóbada de tijolo. Da porta até ao arco da Capela-mor tem vinte e seis palmos e meio, sendo esta abóbada apainelada no seu estuque, e os pés direitos das paredes em cada lado, formam dois arcos de alvenaria, ou duas pilastras, as quais descansam em pedestais de pedra lavrada quadrados. O arco da Capela-mor é de boa cantaria, e esta Capela faz o seu teto em forma de zimbório, repartido todo em quadros no mesmo estuque. No retábulo do Altar, que é um só, está admiravelmente pintado o caso do Milagre Santíssimo, assim como sucedeu naquela casa, o que já fica dito no Capítulo segundo deste Livro, sendo a razão desta pintura o estar esta Ermida edificada no mesmo lugar em que sucedeu aquela prodigiosa maravilha.

Está fabricado neste Altar, um como Sacrário, em o qual se conserva uma Imagem de Cristo crucificado, e juntamente uma âmbula, ou globo de vidro, engastado em prata, com uma Cruz da mesma prata por remate, fazendo tudo a forma piramidal. Neste globo de vidro, se divisa uma conta grande, que parece como algumas que se trazem ao pescoço, a qual mostra ser de pedra lustrada, sendo a sua cor vermelha com algumas manchas roxas: e a forma desta conta é oitavada. Esta se venera como relíquia, e tem o Pároco a chave do dito Sacrário, por se afirmar por tradição, que esta conta tinha no pescoço a mulher que cometeu aquele desacato à sagrada Hóstia do Santíssimo Milagre: e se dizer que na mesma conta caíra o precioso Sangue.

Os fundadores desta Ermida, Manuel dos Reis Tavares, e sua mulher Margarida César de Almeida, instituíram nela uma Capela de Missas no ano de 1684, as quais se dizem todas as semanas nas segundas-feiras, nas quintas, e nas sextas, cujo Administrador da mesma Capela, é hoje Manuel da Fonseca morador no lugar da Cortiçada, termo desta Vila de Santarém.

Nesta Ermida, junto ao Altar da parte da Epístola, na parede, está um arco, e dentro no côncavo dele, se vê sobre dois leões de pedra jaspe, um sepulcro da mesma pedra embutida de outra preta, e vermelha, em cuja face está o Epitáfio seguinte:

Desta casa onde Deus fez o Santíssimo Milagre ano de 1266, fizeram Igreja, o Licenciado Manuel dos Reis Tavares, e Margarida César de Almeida, e a dotaram, e jazem debaixo do Altar dela.

Por ser errada esta era de 1266, que está nesta sepultura, entendo que foi a cautela porque se enganaram os escritores, que ficam acima nomeados no Capítulo segundo, que assim escreveram o número dos anos em que sucedeu o Santíssimo Milagre, julgando ser assim pela inscrição deste túmulo, e não deviam ver o autêntico pergaminho do Cartório, que traz o tempo do Milagre em 1247, e o mesmo sucederia a quem mandou abrir este letreiro, fiando-se talvez só na tradição do Povo, que muitas vezes andam nele semelhantes memórias erradas.

Em distância de trinta passos para a parte do Norte, da porta principal desta Igreja de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, está outra Ermida em uma varanda, ou jardim das casas de Francisco Homem de Magalhães, pessoa das principais desta Vila, que suposto seja Capela particular de sua casa, é digna de entrar a sua notícia nesta memória, por ter circunstâncias que pertencem à História do Santíssimo Milagre. Tem esta Ermida de comprimento pouco mais de trinta palmos, com o corpo, e Capela-mor, a qual tem sua tribuna dourada com todo o asseio; em que está em seu trono uma perfeita Imagem de Nossa Senhora com o título de Monserrate, a quem a mesma Ermida é dedicada. Esta Imagem é feita de barro, primorosamente estofada com o Menino *JESUS* nos braços, está assentada, e assim tem dois palmos de altura. No seu alpendre se acha um quadro em que se veem pintadas duas figuras, uma delas mostra ser o retrato daquela mulher a quem sucedeu o caso do Santíssimo Milagre, e a outra alguma pessoa do Povo, e por baixo um letreiro na forma seguinte:

No lugar em que está esta Ermida, se viu o sangue na beatilha em que a mulher trazia a Partícula, que hoje é venerada pelo Santíssimo Milagre. Reformou esta Ermida Tomás Homem de Magalhães.

E pela parte de fora na mesma parede que fica sobranceira à rua pública está aquela Cruz de azulejo bem antiga, da qual já demos notícia no Capítulo segundo deste livro, que se diz foi plantada ali pela sobredita memória deste maravilhoso sucesso.

CAPÍTULO VI.

Em que se dá notícia de mais algumas Ermidas, e coisas pertencentes a esta Igreja de Santo Estevão do Santíssimo Milagre.

Fora desta Vila, em distância de meia légua para a parte do Sul, em Monte de Abbade, e junto à Fonte de Perna de Cabra; está situada a quinta de João Nogueira Cardoso de Araújo, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e Comissário da Mesa da Consciência: o qual fundou nela a Ermida de S. João Baptista no ano de 1732, em cujo ano, no dia do dito Santo se celebrou a primeira Missa. Pregou de manhã o Padre Inácio da Piedade, Cónego secular da Congregação de S. João Evangelista; e de tarde o Padre José Daça, Religioso da Companhia de *JESUS*.

Nesta Ermida estão colocadas as seguintes Imagens: a de S. João Baptista, que é ali o Orago, a de S. Sebastião, que ambas têm cinco palmos de altura, e no meio do Altar em seu trono está colocada uma Imagem de Nossa Senhora dos Remédios, a qual tem palmo e meio de altura. A Imagem de S. João tem feito alguns prodigiosos milagres nos moradores daquele mesmo distrito, em cujo reconhecimento, e para memória de seus prodígios, lhe têm oferecido cabeças, e pernas de cera, testemunhas, que suposto mudas, ainda estão publicando os grandes favores de que aquele Povo lhe é devedor. A Ermida é de abóbada lisa; tem dezassete pés no seu comprimento, e onze de largura: os seus pés direitos correm iguais até o Altar, o qual se forma em um arco com suas impostas Toscanas.

Desta Vila de Santarém para a mesma parte do Sul, em distância de duas léguas, está a deliciosa quinta dos Chavões, que é do Excelentíssimo Conde de Unhão, cuja grandeza de nobilíssimo palácio, jardins, e fontes, bem o publica a fama. No pátio dela edificaram os ascendentes desta ilustríssima Família uma regular Ermida anexa a esta Igreja de Santo Estevão do Santíssimo Milagre, que dedicaram a N. Senhora das Angústias, Imagem de soberana pintura, em um excelente retábulo, e tão milagrosa, como testemunham os repetidos prodígios, que Deus por sua intercessão tem obrado em seus devotos, que nas suas tribulações a ela recorrem; e ali todos os anos em os Sábados da Quaresma, por mandado do Excelentíssimo Conde, se pregam Sermões, e se celebra Ladainha cantada à mesma Senhora.

A esta Ermida, pelo verão concorrem muitos Católicos em romaria; especialmente em o segundo Domingo de outubro, dia em que os moradores da Vila de Salvaterra, e de outras mais partes em grande concurso todos os anos fazem uma Festa à mesma Senhora em gratificação das muitas mercês que dela recebem.

Esta Freguesia de que vamos falando, tem dentro na Vila a este presente tempo em que isto escrevemos, cento e vinte e oito fogos, que constam de quatrocentas e setenta pessoas de Sacramentos, e vinte e três que não são de Sacramentos, que por todas fazem a conta de 502, e fora da Vila nas quintas em Monte de Abbade, e Perna de Cabra, tem nove fogos, e na dos Chavões, sete, que por todos são dezasseis, que constam de cinquenta e duas pessoas, com as quais fazem o número de 554, que agora se acham fregueses desta

Igreja Paroquial, pois este número de pessoas tirou com especial diligência, o Prior que hoje dela é Pároco, Gregório de Figueiredo Perdigão, neste ano de 1735.

CAPÍTULO VII.

Em que se dá notícia de um Recolhimento de Terceiros da Ordem do Patriarca S. Francisco, o qual existe dentro nesta Vila, no distrito desta Freguesia de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre.

Inclui em si esta Freguesia, dentro da Vila ao Sul desta Paroquial Igreja, em distância de cinquenta passos (com pouca diferença) o Recolhimento das Capuchas de Nossa Senhora dos Inocentes: do qual o seu sólio foi primeiro Hospital de meninos expostos, que do seu princípio, e antiguidade aqui iremos fazendo memória.

No ano de 1359, Santa Isabel Rainha de Portugal, e D. Martinho Bispo da Guarda, edificaram este Hospital, e grandiosamente o dotaram, ficando com a prerrogativa de que uma Rainha santa foi a que lançou a primeira pedra no edifício: o que consta do livro do Tombo do Hospital de JESUS Cristo desta Vila de Santarém, a folhas 179, a cujo Hospital de JESUS se uniram por Bula que pediu o Senhor Rei D. João o segundo ao Sumo Pontífice Inocêncio oitavo, expedida no ano de 1485 em o segundo do seu Pontificado, e deste Hospital dos Inocentes, e dos mais daquele Povo, de todos daremos largas notícias quando falarmos da Freguesia de S. Nicolau.

E porque não é alheio desta História autorizar-se este Recolhimento que hoje existe, com a ereção do lugar, dando notícia do seu princípio, por constar do Compromisso que achámos ordenado pela Santa Rainha, e pelo dito Bispo: direi aqui a principal substância de que trata, por não trasladar um Português tão antigo, e tão extenso, que poderá causar fastio aos leitores; e começa a escritura do Compromisso com a formalidade seguinte:

Em nome de Deus ámen: Porque é coisa sabida, e certa compraz a Deus quando os homens que são suas feituras lhe são conhecedores do bem, e da mercê que ele faz; porém nós Rainha D. Isabel, e Martinho Bispo da Guarda, pela mercê de Deus, e da Santa Igreja de Roma &c. E continuando abaixo vem a dizer, que em nenhuma outra coisa podemos servir a Deus, como fazer bem às criaturas racionais, que ele criou para seu serviço. E entendendo que é bem empregada a esmola naqueles que não têm modo algum por onde possam ganhar para o seu sustento, nem têm parte donde vivam: determinaram a Santa Rainha, e o dito Bispo, com beneplácito d'El-Rei D. Dinis, edificarem de novo um Hospital na Vila de Santarém à porta de Leiria, dotando-o com grandezas para que deram suas herdades, as quais eram vinhas, casas, olivais, e outras possessões que compraram a vários donos; e que do rendimento de tudo isto se tirassem só dez alqueires de azeite em cada um ano, ou vinte em cada dois anos, para a Igreja de Santa Maria d'Abadia do dito Bispado da Guarda, para alumiar nela quatro lâmpadas; e que o Vigário dela seria obrigado a mandá-lo buscar à custa da mesma Igreja. E que determinavam acrescentar ali mais renda para se criarem no mesmo Hospital meninos enjeitados: e para dois Capelães que cantassem para sempre uma Missa do dia, conforme fosse a reza dele, e outra de Requiem pelas almas de todos os benfeitores deste Hospital, e pelo dito Rei D. Dinis. Outrossim, que a cada um destes Capelães se lhe desse cada ano para seu mantimento cinquenta libras; e que toda a mais renda deste Hospital se gastasse

ali na criação dos meninos, e meninas enjeitados: entendendo-se por estas crianças, aquelas que as mães as concebem nos atos criminosos, e se põem em risco de lhe perderem as almas, morrendo sem batismo por não descobrirem os seus desonestos procedimentos.

Diz mais o Compromisso, que a estes meninos, e meninas se lhe deem Mestres à custa do dito Hospital, para tudo aquilo que lhe for mais conveniente, tendo primeiro amas que bem os criem a seus peitos também à custa do Hospital, porque sendo bem ensinados, quando do Hospital saírem com ordem de quem o governar, possam ter boa ventura. E para o governo dele, e ser bem regido, foi nomeado pela santa Rainha, e pelo Bispo da Guarda, o Concelho desta Vila. Porém no caso que em algum dia ele se queira eximir disso, o Bispo de Lisboa tomasse à sua conta aquele governo, e lhe pusessem pessoas que bem o regessem por parte da pobreza, com zelo, e caridade. Mas como dito é, que o Concelho de Santarém tenha esta governança a seu cargo, lhe corra obrigação de pôr ali um Hospitaleiro, homem de boa vida, dando-se-lhe o que for conveniente para bem se manter: o qual será obrigado de fazer criar os meninos, e meninas com boa educação.

Muitas mais circunstâncias adverte o Compromisso, que não importam muito à formalidade, e singeleza da nossa História. E ainda que nos podia fazer alguma dúvida dizer o Compromisso que o dito Hospital determinou fazer-se à porta de Leiria na mesma Vila de Santarém, e hoje vemos, que o Recolhimento das Capuchas, está situado no princípio da rua direita do Pereiro, que fica muita distância de um lugar a outro, pode-se entender com bom discurso, que como naquele tempo os Paços dos Reis, que hoje estão convertidos em um Colégio dos Padres da Companhia, sito àquela porta, que então chamavam de Leiria, quereria a Santa Rainha, quando ordenou este Compromisso, que aquela obra que fazia com tanta caridade para bem das almas, e da pobreza, ficasse mais perto da sua morada; e depois edificar-se aonde agora vemos este Recolhimento: pois até hoje em nossos dias não perdeu o nome dos Inocentes; e o que mais o certifica é, que existiu sempre ali o dito Hospital, com o ministério de recolher, e criar os meninos enjeitados, na forma que acima temos dito, até o tempo em que reinou El-Rei D. Manuel.

Extinto finalmente este Hospital dos Inocentes para se incorporar ao de JESUS Cristo; conservou-se sempre a sua Igreja anexa à de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre: até que no ano de 1678, Ministro, e mais Irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco desta Vila, sita em o Convento dos Observantes, considerando ser muito do agrado de Deus, edificarem uma clausura secular de Terceiras; recorreram à Sereníssima Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboia, e ao Senhor Rei D. Pedro segundo, santa glória hajam. Os quais Senhores lhe concederam a dita Igreja, e sítio para se edificar o dito Recolhimento, sem prejuízo dos direitos Paroquiais à de Santo Estêvão; debaixo dos Estatutos, e número de Terceiras, e rendas dadas ao Recolhimento, com pena de extinção, alterada esta forma, e que assim fosse sua criação, como consta do Alvará do dito Senhor, de quinze de julho do mesmo ano de 1678, registado no oitavo livro da Câmara desta Vila a folhas quarenta e oito.

Edificado neste ano acima referido o Recolhimento, saíram da Igreja de S. Francisco desta Vila em Procissão, o número das Irmãs Terceiras para aquela nova, e santa Casa; aonde sacrificaram a Deus felizmente seus corações abrasados em o Divino amor.

Livro II. Capítulo VII.

E quem não dirá que foram pela estrada real da glória, por onde caminharam a se transplantar naquele céu Seráfico, tantas flores, cortadas do jardim de Cristo: angélicas na pureza, e perpétuas rosas entre os suaves espinhos da voluntária clausura, vivendo até o presente tempo que isto escrevemos, na obediência de nove Capítulos de Estatutos santíssimos: pelo que nos seja lícito dizer de vidas tão exemplares, que como boninas naquela encerrada floresta, sempre estão exalando odorífero cheiro de virtudes, a todo o Povo desta Vila.

O número destas virtuosas Terceiras, hoje vivem neste santo Recolhimento, é o de vinte e três: as quais rezam no coro o Ofício Divino com tanta perfeição, que bem podem servir de exemplo ao Convento mais religioso; tendo entre dia e noite duas horas e meia de Oração Mental, e dois quartos de Exercício espiritual; um antes de entrarem ao refeitório, e outro depois. Jejuam quatro dias na semana, à segunda-feira, à quarta, à sexta, e ao Sábado. Voluntariamente sacrificam a Deus três votos, ainda que simples; de Castidade, Pobreza e Religião; e não há até hoje memória de que alguma saísse do Recolhimento, podendo-o fazer. E têm aproveitado tanto com estes santos exercícios no serviço de Deus, que na morte de quase todas se têm visto mostras de santidade: em especial, nas Irmãs Jerónima de S. Diogo, Ana da Conceição, Ana de S. José, e Dona Marianna, que com prodígios manifestos de suas virtudes, puseram o termo final à vida santamente, como o testifica o P. Fr. Fernando da Soledade na sua História Seráfica da Província de Portugal, parte 5. livr. 5. Cap. 1.

Este Recolhimento é da administração do Ministro, Comissário, e mais Irmãos da Mesa da Venerável Ordem Terceira do Glorioso Padre S. Francisco; como eretores, e doadores desta nova Casa de Deus, que se obrigaram ao sustento, e fábrica de sua Igreja. E porque é preciso dar aqui notícia da sua formatura, e ornato, será da maneira seguinte.

É a Igreja de uma só nave sendo de mediana grandeza; tem três Altares, o maior (que também entra neste número) com Sacrário em que está o SANTÍSSIMO SACRAMENTO de morada; e se orna todo o vão desta Capela com uma tribuna, e seu trono, tudo pintado de embutidos: no qual trono se expõe o Senhor em as festividades: para o que se tira provisão, e o mesmo se faz pelas Endoenças. Quotidianamente encobre a boca da tribuna um painel de admirável pintura, em que está primorosamente pintada a Imagem de Nossa Senhora dos Inocentes, S. Francisco da parte direita recebendo da mão da Senhora uma Cruz, e da parte esquerda a Imagem da Rainha Santa Isabel, recebendo da mesma Senhora uma coroa de espinhos, trocando-a pela de ouro, que a seus pés tem desprezada. No mesmo Altar estão as Imagens, da Rainha Santa, e de S. Francisco, ambas de primorosa escultura.

O Altar colateral da parte do Evangelho é dedicado a Nossa Senhora dos Inocentes, que tem a sua Imagem de vulto vestida. O colateral da parte da Epístola, é dedicado a Nossa Senhora da Conceição, cuja Imagem se vê no mesmo Altar de boa escultura, e a de Santa Ana, que sempre leva as atenções a todas as pessoas que nela reparam, pela graça que tem no estilo de sua formosura. A Igreja é apainelada com quadros de finíssimas pinturas, tendo estes as molduras de boa talha, e no pavimento dela está uma sepultura rasa, em que se vê gravado o Epitáfio seguinte:

Aqui jaz D. Leonor de Menezes, e Ataíde, Segunda Marquesa de Fronteira. Faleceu a 24 de setembro de 1731.

Neste Recolhimento de Nossa Senhora dos Inocentes vivem estas virtuosas recolhidas, na mesma forma que já temos dito. E para mais firmeza de sua louvável vida, e exemplares costumes, se querem agora nos nossos tempos perpetuar, com clausura, e profissão de votos solenes, como as mais Religiosas de outros Conventos; para o que, a requerimento do Ministro, e Irmãos da terceira Ordem do Seráfico Padre S. Francisco desta Vila de Santarém, alcançaram um Alvará da Sereníssima Rainha D. Mariana de Áustria; o qual se lhe mandou passar em quinze de julho de 1723, e se acha registado no livro da Misericórdia desta Vila, no ano de 1726. E porque este lugar, que hoje é Recolhimento foi fundação da Rainha Santa Isabel, para ser Hospital de meninos expostos, com a condição de nunca em tempo algum ser Convento de Freiras, ou Frades; por esta causa procuraram as Irmãs Capuchas o Alvará, para lhe ficar o lugar em que estão, desimpedido, e poderem nele passar a vida perfeita, professando a primeira Regra de Santa Clara. A Rainha nossa Senhora lho concedeu, revogando a dita cláusula, e que erigindo-se o tal Convento de Religiosas professas, apresentará nele sempre, e todas as Rainhas suas sucessoras, um lugar de Religiosa sem dote algum, em reconhecimento do seu Padroado.

Depois deste Alvará concedido, recorreu a Regente, e mais Irmãs Capuchas deste Recolhimento ao Ministro Geral Fr. *João de Soto* em 15 de novembro de 1732, alegando-lhe a sua forma de vida; e que para mais perfeição dela, honra, e glória de Deus, queriam sujeitar-se, e render obediência aos Ministros Provinciais desta sua Província de Portugal, para em tudo as dirigirem, e governarem, quanto tocasse ao seu espírito, e perfeita observância; para o que foi juntamente a informação do mesmo Provincial desta Província Fr. *Manuel de S. Caetano*, o qual bem aceitou a concessão do seu Ministro Geral Fr. *João de Soto*, que lhe expediu sua Patente, mandando, que o Provincial admitisse por si, e por seus sucessores as Irmãs Capuchas de Nossa Senhora dos Inocentes da Vila de Santarém, para que as governasse e visitasse, e fizesse eleição de Superiora, e mais Oficiais de três em três anos, como em os Conventos de Religiosas de sua jurisdição, e as provesse de Confessor, e Padre espiritual que lhes assista, e administre os Santos Sacramentos, na conformidade que lhe pediram no seu Memorial.

Foi esta Patente do Ministro Geral proposta em Definitório dos Padres Observantes, e não tendo alguma contradição, a aceitaram, mandando que se executasse o seu mandado. Em observância da dita Patente a confirmou o Reverendíssimo Padre Provincial Fr. *Manuel de S. Caetano* na forma seguinte: *Pelas presentes fazemos saber a vossas mercês, que aceitamos a dita sua obediência, e sujeição na forma que expressam na sua Súplica, e nosso Reverendíssimo Padre Ministro Geral nos ordena na sua Patente; e que em visita havemos de executar em tudo as faculdades nela referidas: esperando de vossas mercês uma grande espiritual conformidade em Deus, para que em tudo quanto o mesmo Senhor nos inspirar a bem do regímen, e governo espiritual deste Recolhimento, tudo para honra, e glória do mesmo Senhor, e aumento da virtuosa, e exemplar vida de vossas mercês; e esta nossa Patente será lida em plena Comunidade, e depois de trasladada em um livro que de registar nossas Patentes sirva, nos será remetida com certidão de que foi lida. Dada neste nosso Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa Ocidental em 30 de novembro de 1732.*

E de toda esta forma em que este Recolhimento hoje se acha, esperamos ver em nossos dias a confirmação do Sumo Pontífice; sendo para aumentar nos corações dos fiéis Católicos a maior veneração da honra, e glória de Deus.

CAPÍTULO VIII.

Em que se dá notícia da Paroquial Igreja de S. Martinho desta Vila de Santarém.

Esta Igreja está situada dentro dos muros desta Vila para a parte do Nordeste. O Orago dela é o glorioso S. Martinho Bispo: é Templo que se fez todo de novo, e ainda até o tempo em que estamos, não se celebram nele os Ofícios Divinos, porque falta dar o último complemento a algumas coisas, que para isso são necessárias. Neste mesmo sítio, e quase no mesmo lugar, existia outra Igreja antiga, que se demoliu toda, por estar por todos os lados arruinada. Tinha a sua porta principal quase ao Norte, e esta nova a tem para o meio-dia, era sagrada, porque as Cruzes que nas paredes tinha o declaravam porém não pudemos descobrir no seu Cartório o tempo da sua fundação, nem Bula de quando foi sagrada. Muito pouco temos que dever aos nossos bons Portugueses antigos em matéria de notícias; não os arguo porque fossem muito avarentos delas, mas da sua pouca advertência, e muita singeleza, pois com a sua bondade nos não deixaram assuntos para discorrermos, e louvarmos as suas católicas ações. Para se dar princípio a esta nova Igreja, se lançou a primeira pedra no alicerce a nove do mês de maio de 1716, e nesta pedra se abriram as mesmas letras que estão em cima no cunhal do frontispício, ficando à mão direita de quem sai pela principal porta, cuja inscrição é a seguinte:

Martino renovatum à partu Virginis alma mille supernumerabis, mox quoque sæcula septem, bis quoque annos octo lapis hic monumenta relinquit, luce nona Maij, quæ sit memorabilis ævo.

Não é mais que de uma nave esta nova Igreja sendo toda de abóbada de tijolo, cujo teto, e o da Capela-mor, se vê que estão admiravelmente pintados de boa arquitetura moderna.

É esta Igreja de mediana grandeza, tem boa proporção na altura do seu pé direito: com o coro que joga de uma parede a outra sobre a porta principal, sendo proporcionado ao corpo da Igreja, não tem mais que dois Altares colaterais, e com o da Capela-mor são três, a qual tem a tribuna de madeira de bordo liso, e o trono, e Sacrário de folhagem entalhada, e o retábulo com quatro colunas retorcidas bem proporcionadas; pelo mesmo estilo é a talha dos colaterais, nos quais se hão de colocar a seu tempo as Imagens que estavam nos mesmos da Igreja velha, que é uma a de Nossa Senhora dos Remédios, e outra de Nossa Senhora das Necessidades. O frontispício é de boa pedraria lavrada, com duas torres de sinos, iguais da mesma cantaria, e entre elas corre uma varanda espaçosa. No meio do pavimento da Capela-mor está uma sepultura, em cuja campa se lê o seguinte letreiro:

Aqui jaz o Padre Sebastião Dias Camelo, Prior que foi vinte e um anos na Igreja de S. Lourenço, e Vigário desta, trinta e nove, pede pelo amor de cristandade, um Padre Nosso.

Tem mais outra sepultura, que estava na Igreja antiga, cuja campa não está ainda em seu próprio lugar, a qual tem parte das letras mal assinadas, e delas o que pudemos copiar diz assim: *Sepultura do Mestre Mendo, que deixou quarenta e oito ou renda em*

Monção aos Beneficiados in solidum. Também no adro junto da porta travessa que fica para a parte do Norte, está um carneiro, que mandou fazer o Padre Manuel Dias da Costa, Prior que foi desta Igreja, em o qual está enterrado, e ainda não tem inscrição na campa.

Consta de papéis autênticos, e documentos antigos, os quais se acham no Arquivo da mesma Igreja, que o Pároco dela sempre se intitulou Prior, ainda que este Benefício se erigisse em Comenda, a qual se acha agora que isto escrevemos, vaga, pela morte de João Pedro Saldanha Morgado de Oliveira; e nunca ficou suprimido este título de Prior, ainda que houve algumas contendas com os Provisores que o impugnavam. Acha-se mais no mesmo Arquivo a notícia de que esta Igreja foi no seu princípio do Padroado Real, por doação que dela fez o Sereníssimo Rei D. Dinis aos Bispos de Lisboa, sendo primeiro Donatário naquele tempo Dom João Martins Soalhães, por este princípio ainda hoje se acha por averiguar, se este Padroado deve seguir a natureza do seu primeiro ser (sendo então Real) ou se agora deve ser Eclesiástico, e sujeito às reservas Apostólicas: porém vemos nestes tempos, que este chamado Priorado, se provê em concurso da Sé Oriental de Lisboa. Também se acham no mesmo Arquivo várias apresentações, em que muitos Priores proveram os Benefícios desta Igreja, e se vê nelas que umas surtiram efeito, outras não: mas regulando-nos pelo estado último, se acha um Provimento, que o Prior atual fez de um Benefício, o qual existe sem controvérsia com efeito, dando-se por interpretada aquela doação Régia, que nela se não compreenderam os Benefícios de que se achavam padroeiros os Priores, e como donatários da Coroa no uso do Padroado, e não haver extensão de graça com prejuízo de terceiro, que eram os Priores, a quem pertencia o provimento destes Benefícios. Estes em número são quatro, os quais cada um deles rende pouco mais de duzentos mil réis, servindo o proprietário, e não o servindo, rende-lhe cento e vinte. O Priorado usualmente rende pouco menos de trezentos mil réis. Tem mais um Tesoureiro que apresenta o Prior *in solidum*; e tem sessenta e dois vizinhos esta Freguesia.

As Ermidas que compreende esta Freguesia de S. Martinho, e lhe são anexas, assim dentro na Vila, como fora dela, são três. A primeira, é a de S. João Baptista, a qual está situada doze passos em distância desta Matriz; sempre se chamou esta Ermida com o título de *S. João de Alporão*, cuja etimologia deste apelido se não sabe com certeza, e por isso não escrevo aqui coisas duvidosas; talvez que fosse corrupção de *Alcorão*, nome que significa o livro da Lei de Mafoma, em cujo Templo os Mouros a explicavam aos seus Bárbaros; mas é tradição constante, que é a Igreja mais antiga desta Vila; e nas mesmas tradições correram sempre as vozes, que foi obra dos Romanos, em cujo Templo davam cultos com gentílicas cerimónias ao Imperador César Augusto, quando nesta terra assistia. E diz a mesma tradição com alguns Escritores, que neste Templo foi a primeira parte em que se publicou aquele sabido Edito de que fala o Evangelista S. Lucas, mandado publicar pelo dito Imperador, sobre a descrição do Universo: *Ut describeretur universus Orbis*, por ser esta Vila naquele tempo uma das Colónias aonde se mandou publicar.

Esta Ermida é toda de cantaria lavrada por dentro e por fora, de debaixo até acima ao teto, que é de abóbada de tijolo, e de uma só nave. Tem uma torre, que mostra ser antiquíssima, mística com a mesma Ermida, fica à mão esquerda de quem entra pela porta principal, esta da parte de fora, é toda redonda feita de enxilharia, e é igual na sua circunferência desde o chão até ao fim de toda a sua altura, sem ter vão por dentro algum. É tradição, que servia esta torre no tempo dos Mouros de exporem dela a todo o povo infiel a sua lei, ou convocarem dali para lha explicarem. Este antiquíssimo Templo é Comenda da venerável Religião de Malta, e conforme se justifica, foi a primeira, ou das

primeiras desta militar Ordem. Chamo-lhe Templo, porque excede com a sua grandeza os limites de Ermida. Nela há Capelão a quem paga o Comendador de Malta, que ali junto tem as suas casas. No dia do seu Orago, que é o glorioso S. João Baptista, é grande o concurso de manhã, e de tarde aos cultos que se dedicam, e são devidos a tão grande Santo que se vê colocado no Altar-mor, e à parte do Evangelho está Nossa Senhora da Paz, que pertence a outro Altar, o qual está no corpo da Igreja; não tem outro, exceto o da Capela-mor: nele se acha colocada por agora a Imagem de Nossa Senhora dos Remédios, que é da Igreja Matriz, aonde se reporá no seu Altar competente. Esta dita Imagem da Senhora da Paz, é de pedra com o Menino JESUS nos braços, e o mesmo Menino tem uma pombinha nas mãos. É tradição muito provável, que esta gloriosa Imagem estava sobre uma porta que desta parte fechava a Vila, a qual era mística, e ligada com a torre velha redonda, de que acima falamos, e ainda nela se estão vendo sinais disso, o que nos pode servir de argumento, pois vemos que nas mais portas desta Vila, por cima delas, ainda hoje se conservam Imagens antigas de Nossa Senhora com diferentes títulos, e invocações. Consta que esta Ermida é sagrada, pelas Cruzes pertencentes ao ato da sagração, as quais se lhe estão vendo pelas paredes no corpo da Igreja. Tem um arco de pedra que divide a Capela-mor; e à parte esquerda da mesma Capela-mor está um túmulo de pedra em forma de caixão, que tem um letreiro com as seguintes inscrições:

Aqui estão os ossos de Dom Afonso de Portugal, filho d'El-Rei Dom Afonso Henriques, que sendo Grão-Mestre da Religião de S. João de Malta, renunciou a dignidade, e faleceu nesta Vila no ano de mil duzentos e sete, logrando esta Comenda que possui Dom João de Sousa, o qual mandou fazer este letreiro para memória deste Príncipe, na era de mil seiscentos e cinquenta e quatro anos.

Nesta Igreja se descobrem mais dois letreiros, um defronte do que acima vai copiado, outro junto à pia da água benta à parte direita da porta principal, porém são tão antigos, e estão tão gastos, que se fazem impercetíveis os seus caracteres, que por este motivo não vão também aqui lançados.

A segunda Ermida anexa desta Igreja Matriz de S. Martinho, é a do glorioso Santo Ildefonso, que pertence a administração dela aos carpinteiros, e pedreiros desta Vila. Tem Juiz, Escrivão, e Mordomos, e nela fazem a sua eleição, com dois Ofícios em dia do Apóstolo S. Tomé. Consta do livro do Tombo das fazendas, que se acha trasladado no Cartório da Câmara da mesma Vila, fazerem os Vereadores, e mais homens bons, doação dela aos carpinteiros, aos quais se uniram os pedreiros, e foi dada em o primeiro dia do mês de abril de 1408. Esta Ermida estava situada antigamente em uma rua que chamavam da Judiaria, por nela viverem os Judeus apartados dos que eram Cristãos; a qual rua há muitos anos que a não há, principiava defronte das casas que são hoje do Conde de Óbidos, e acabava, ou saía à rua donde estão as casas dos Comendadores de S. João; a dita rua está hoje convertida em quintais de vários donos. E no Arquivo desta Igreja de S. Martinho há uma sentença proferida contra os judeus, para a contribuição de um real de prata aos homens, e às viúvas meio real, que eram obrigados a pagar à mesma Igreja, em reconhecimento de os admitir, e lhes dar em a dita rua para habitarem, e porque esta Ermida de Santo Ildefonso estava dentro no distrito daquela antiga rua chamada da Judiaria. No tempo em que estamos, serve esta Ermida de Paróquia de S. Martinho, celebrando-se nela os Ofícios Divinos, pelo impedimento de não estar ainda a nova Matriz em termos de se trasladar para ela o SANTÍSSIMO SACRAMENTO da Eucaristia, o que esperamos terá efeito com brevidade.

É esta Ermida muito mais pequena, que a referida de S. João de Alporão; é no seu tanto de planta regular, com sua Capela-mor forrada de esteira, e o forro do corpo, de quatro águas, com seu coro por cima da porta principal proporcionado ao seu vão. No Altar-mor está em um Sacrário o SANTÍSSIMO SACRAMENTO de morada por estes anos em que serve esta Ermida de Paróquia. Da parte do Evangelho está colocada a Imagem de Santo Ildefonso, que é ali o Orago; e da parte da Epístola a Imagem de S. José. À parte direita desta Capela-mor está um Altar em que tem Nossa Senhora das Necessidades, e na parte do Evangelho está o glorioso S. Sebastião, e da parte da Epístola a Senhora Santa Catarina, cujas três Imagens pertencem à Matriz, que nela hão de ser colocadas, e restituídas ao tempo da trasladação do SANTÍSSIMO. Nesta Ermida sempre se disse Missa nos Domingos, e dias santos aos vizinhos dela. Tem um nicho sobre a porta principal em que está a Imagem do mesmo Santo Ildefonso, obrada em pedra.

Em distância de um quarto de légua desta Vila para a parte do Norte, está situada a terceira e última Ermida das anexas a esta Igreja de S. Martinho, a qual existe dentro em uma quinta chamada do Chafariz, cuja quinta possui hoje José de Sousa do Amaral. É dedicada a Nossa Senhora da Boa-Hora, que tem a sua Imagem de vulto colocada em um trono no meio da tribuna, e logo mais abaixo a do glorioso Santo António, e na banqueta do Altar da parte do Evangelho está a Imagem do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro, e da Epístola, a de S. João Baptista, e dizem que todas estas Imagens são milagrosas. É esta Ermida na sua proporção pequena, sendo de abóbada de tijolo, azulejada de azulejo moderno até meias paredes, cercada com uma esmalha de pedra lavrada, e tem um retábulo de boa talha, obra moderna.

Pertence mais a esta Matriz o Curato de N. Senhora da Conceição da Várzea, a qual Igreja fica distante desta Vila para a parte do Norte pouco mais de uma légua; e é da apresentação *in solidum* aos Priores desta Paróquia de S. Martinho, que apresentam os Curas anualmente, e tiram sua carta em virtude da mesma apresentação.

Por papéis antigos que se acham no Cartório desta Matriz, consta, que a ela como anexa pertencia, e como filial a Igreja de S. Vicente do Paul, que tem de ordinária a quarta parte dos dízimos pertencentes a esta Matriz, e era da apresentação do Prior, e mais raçoeiros, e nos mesmos papéis do Cartório se vê ser na sua origem Curada de S. Vicente pelos Beneficiados de S. Martinho, que por seu turno assistiam às semanas: e os Vigários, ou Curas que ao depois se seguiram, sempre reconheciam a esta de S. Martinho por sua Matriz, o que se mandou conservar na posse da mesma. Igreja de S. Vicente por algumas cartas dos nossos Reis, cujos títulos, e letreiros vão aqui copiados pela maneira seguinte: *Carta d'El-Rei Dom Pedro, porque manda que se conserve a carta d'El-Rei Dom Dinis seu Avô, e que o Prior de S. Martinho seja conservado na posse da Igreja de S. Vicente.* E outra diz assim: *Licença que peça o Vigário de S. Vicente ao Prior, e Beneficiados de S. Martinho para renunciar a dita Vigairaria.* Segue-se outro, cujo teor é o seguinte: *Carta d'El-Rei D. Dinis, que manda, que o Prior da sua Igreja de S. Martinho seja conservado na posse da Igreja de S. Vicente.* Outro título, cuja cópia é a que se segue: *Manda o Bispo Dom João ao Vigário-Geral, que faça restituir ao raçoeiro desta Igreja a Capela que trouxe do Vigário defunto de S. Vicente.*

Hoje se conserva esta Vigairaria de S. Vicente em Padroado Eclesiástico, e por datas de Bulas Apostólicas e renúncias existe há muitos tempos. O Pároco que hoje é atual a levou por concurso, que lhe confirmou por Sua Santidade, e com este título se acha de posse, levando a quarta parte de todos os dízimos pertencentes à Comenda; e

Benefícios e das aves de pena leva tudo in solidum no distrito do S. Vicente, e S. Domingos de Val de Figueira; o que se lhe concedeu por título de prescrição de quarenta anos que se julgou por provada, com a circunstância, que a quarta parte dos frutos fosse cobrar todos os anos do celeiro real no ato da partilha; e este é o estado último em nosso tempo desta Igreja, e Benefícios dela.

CAPÍTULO IX.

Em que se apontam mais algumas notícias pertencentes a esta Igreja de S. Martinho.

Sirvam também de objeto nestas memórias alguns Párocos, que floresceram nesta Igreja em virtudes e letras, e seja o primeiro dos que nos lembra, e temos frescas ainda as vozes nos clarins da sua fama, o Padre Doutor Manoel Dias da Costa, letrado de boa nota, Vigário-Geral foi desta Vila, e Arcediagado até ao tempo que faleceu, cujo nome se conserva em um carneiro que deixou na dita Igreja para ele, e seus parentes, de que acima já fizemos menção. Seguiu-se a este Pároco o Doutor Manoel de Andrade, pessoa de grande suposição formado em Teologia, o qual tinha sido Padre da Companhia, que depois entrou na posse deste Benefício Paroquial por Bulas Apostólicas, com cujo título possuiu esta Igreja uns poucos de anos, e falecido foi enterrado nesta sua Igreja, e depois por se cumprirem as cláusulas do seu testamento foram trasladados seus ossos para o Colégio da Companhia desta Vila, aonde estabeleceu uma Capela majestosa com a invocação de N. Senhora do Socorro: e foi bom Pregador. Sucedeu a este Venerando Padre, o Pároco Sebastião Dias Camelo, que sempre será em todo o louvor exemplar objeto a todos os que devem ser perfeitos eclesiásticos. Foi primeiramente provido no Priorado da Igreja de S. Lourenço desta Vila, a qual possuiu vinte e um anos. Viram-se nele ações tão heroicas, que não sendo formado, serviu a ocupação de Vigário-Geral da mesma Vila, e era proprietário do lugar de Chanceler, por provisão do Ilustríssimo Arcebispo da Metrópole Oriental Dom João de Sousa, e Visitador no termo da Vila de Torres Vedras, no tempo do Eminentíssimo Cardeal Arcebispo de Lisboa, e Capelão-mor Dom Luiz de Sousa, por provisão passada aos doze de maio de 1683. Também foi Comissário da Bula da Santa Cruzada nesta Vila de Santarém, e seus distritos; e é sem dúvida, que foi homem de grande exemplo, letras, notícias e virtudes.

No distrito desta Freguesia, trinta passos da Igreja Nova para a parte do Norte, está edificada uma altíssima Torre, a qual parece que elevando-se com vaidoso termo, a exceder os limites dessa região aérea, soberba pisa a esfera terrestre em que nascera. Esta se forma de quatro lados iguais, obrada de boa alvenaria, e só tem os ângulos dos quatro cunhais de cantaria, que a fazem fortíssima: É sabido com toda a certeza ser obra que mandou fazer o Senhor Rei Dom Manoel de gloriosa memória: é fechada na sua última altura com uma abóbada em forma rotunda de meia laranja e por cima bem no centro da cúpula está um grande sino sustido por quatro varões de ferro, que se estribam nos quatro ângulos, ou cantos; os quais fazem o último remate a toda a eminência da mesma torre. Este grande sino é admirável, não só pela grandeza, mas pela boa voz que tem; serve de relógio, e governo das horas para toda a Vila, e também para os arrabaldes dela, porque soa muito longe. Tem esta torre outro sino que é o que vulgarmente chamam de correr; o qual se toca por ordem das justiças, de noite a suas horas competentes, para a mesma justiça conservar o bom regímen da Vila. É esta torre da administração do Senado da dita Vila com salário taxado ao relojoeiro, que é data dos mesmos Senadores.

Compreende mais esta Freguesia pela parte do Nordeste duas fontes nativas, uma delas existe em um pomar, e horta, que tudo fica em uma eminente ladeira, mas com seus socalcos para as águas regarem a hortaliça. Esta fonte não é muito caudalosa, porém nunca se seca, e toda esta ladeira com tudo o que em si logra é pertencente às suntuosas casas dos Condes de Óbidos, as quais estão edificadas no mais alto chão de toda esta

barroca, e confinam com a mesma Igreja de S. Martinho. Logo na primeira descida desta dita ladeira, se acha uma casa subterrânea entre a frescura de algumas árvores; a qual é fabricada de abóbada de tijolo, coisa que indica muita antiguidade, e na entrada tem um nobre, e grandioso portal de pedraria lavrada, com pilastras todas almofadadas de boa casta de pedra. Não temos descoberto notícia individual do tempo em que foi edificada: algumas pessoas dizem que foi obra dos Árabes quando senhorearam esta Vila, porém a fábrica do seu pórtico não nos dá sinais disso, porque as obras mouriscas sempre vemos nelas não terem a regularidade desta, que é seguida em parte, com a ordem *Toscana*, e em parte com a *Dórica*, das quais não sei que usassem em algum tempo os Árabes: o que a mim me parece ser mais provável com o sentir de alguns curiosos antiquários é, que esta casa a mandaram fazer antigamente os mesmos Condes de Óbidos para nela tomarem o fresco no tempo do Estio; e assim deixo por desvanecida a primeira opinião, a qual entendo que é só fundada na lembrança de que os Mouros usavam fazer casas debaixo do chão, e nelas viviam, e daqui nasceria chamarem a esta (como hoje chamam) a *casa dos Mouros*.

A segunda fonte também nativa, se acha situada em outra ladeira, ou barroca, que parte, e confina com a que fica referida, ambas ao nascente, e esta última também é pouco copiosa a qual pertence a outro dono que tem as suas casas defronte do palácio dos Condes de Tarouca, a esta fonte se lhe fabricou um tanque de tijolo perto do seu nascimento, proporcionado à limitação da água, que serve de represa para melhor se regar a hortaliça. Não têm estas duas fontes arquitetura que admire, mais que a ordinária para se aproveitarem, e se não perderem as suas águas, pois não são muitas, mas sempre com o seu vagaroso curso caminham para a ribeira desta Vila buscando o Rio Tejo.

Pela parte que fica entre o Oriente, e o Meio-dia confina o território desta Freguesia, com o distrito de Alcáçova que antigamente era o Castelo da Vila, o qual a indústria dos homens cercou de fortíssimos muros, e ainda hoje existem. Este Castelo em algum tempo ficava apartado da Vila, ainda que com pouca distância, e hoje está toda a povoação quase mística. Para a parte do Noroeste através da calçada que vai para Alfange, temos notícias certas, que ali estava uma ponte (e ainda agora dão àquele lugar este nome) a qual era levadiça por onde se passava antes de se entrar pela porta do Castelo; e aí na parte mais alta, junto aonde estão hoje umas casas que são dos Peixotos Silvas, Provedores das Lezírias, existia com a antiguidade das muralhas, uma torre que chamavam do *Bufo*, da qual nos disseram pessoas veteranas, que ainda alcançaram a sua existência, era por extremo tão alta, que de cima dela se divisava o Castelo de Lisboa, e muita parte da mesma Cidade sendo a distância de catorze léguas. Esta grandíssima torre que era digna de se conservar pela sua imensa grandeza, e maior ornato das antiguidades desta Vila, foi toda demolida, e com a sua cantaria se fabricou uma muralha em escarpa, rasa por cima com o mesmo monte, ficando parte dela fronteira ao Nordeste, e parte ao Norte, com três guaritas, ou sentinelas redondas; cada uma delas fixas nos bicos, ou ângulos da mesma muralha.

CAPÍTULO X.

Em que se dá notícia da Paroquial Igreja de S. Nicolau desta Vila de Santarém.

Dentro dos muros desta Vila, no meio dela está situada a formosa, e alegre Igreja de S. Nicolau Bispo de Patara, nobre freguesia entre as mais deste grande Povo. Está acentuada com a porta principal para a parte do Poente, sendo a sua estatura de mediana grandeza. Divide-se por dentro em três naves, tendo cada uma delas quatro arcos, que se sustentam em colunas da ordem *Toscana*. A Capela-mor tem tribuna de talha moderna, dourada; por cima da banqueta do Altar estão colocadas duas perfeitíssimas Imagens de vulto; a da parte da Epístola é a do Orago da mesma Igreja o glorioso *S. Nicolau*, e a da parte do Evangelho a de N. Senhora da Guia. Tem duas Capelas Colaterais fundas para dentro; a da parte do Evangelho, nela se vê a Imagem de *Santa Ana* a quem é dedicada, e a da parte da Epístola é dedicada ao SANTÍSSIMO SACRAMENTO aonde está continuamente em um Sacrário. Tem no corpo da Igreja, ou nas paredes das naves, cinco Capelas todas também fundas para dentro; três estão na parede à mão direita entrando pela porta principal, e duas à esquerda: a primeira, que fica logo entrando pela porta à mão direita é dedicada a JESUS crucificado: a segunda ao Menino JESUS; e a terceira a N. Senhora da Expectação. As duas que ficam à parte esquerda, a primeira é dedicada a *S. Silvestre*; e a segunda a N. Senhora da Conceição. É esta Igreja forrada por cima de boa madeira, assim o corpo, como as naves; e o coro por cima da porta principal industriosamente bem obrado. Contígua com esta mesma Igreja para a parte do Norte, se comunica por dentro uma Capela grande de abóbada com uma só nave, com seu Altar dedicado ao glorioso *S. Pedro Apóstolo*, em a qual está a sua Imagem de vulto, e tem a sua porta para a rua chamada vulgarmente a de S. Nicolau. Entrando nesta Capela por esta sua porta principal da rua se vê no meio da parede à mão direita um arco embebido na mesma parede com uma sepultura levantada, em a qual se lê um letreiro que diz as seguintes palavras: *Fernão Rodrigues Redondo, Marinha Afonso sua mulher, cada ano tem 1360 Missas*. Da instituição desta Capela falaremos adiante individualmente.

Esta Igreja padeceu um incêndio pelo qual se reduziu a total ruína, e talvez seja este o motivo por que se não acha no seu cartório a notícia da sua primeira fundação, ou porque o fogo a sepultasse em cinzas, ou pela desordem que costumam causar semelhantes incidentes aonde há fogos grandes como foram os que abrasaram esta Igreja; que depois foi reedificada no ano de 1613. Porém achamos na mão do Reverendo Prior o Padre José de Sequeira (Pároco, que hoje é da mesma freguesia) um treslado autêntico da instituição da Capela de S. Pedro referida neste Capítulo, e doação, e permuta feita com os testamenteiros de Fernão Rodrigues Redondo, e sua mulher Marinha Afonso, a qual instituição nos serve de muito neste Capítulo, não só pela notícia memorável, mas para mostrar o erro em que caíram alguns Escritores menos bem informados neste particular; e assim nos nomes dos testamenteiros, como em dizerem fora feita a promessa de Fernão Rodrigues Redondo com sua mulher Marinha Afonso. Um dos Escritores foi o Padre António Carvalho na *Corografia Portuguesa* Tom. 2. fol. 46. Trat. 1. falando da Comarca Cap. 8. na Vila de Arganil: aonde diz, que o Senhor Rei D. Afonso IV fizera a permuta do Padroado da Igreja de S. Nicolau de Santarém com as mesmas regalias, que nela tinha, pelas de Arganil, e Pombeiro com os testamenteiros Fernão Lopes, e Francisco Nunes; o que é apócrifo, porque os testamenteiros se chamavam um, Mem Rodrigues de Vasconcelos, e o outro João Nunes, pondo no lugar de testamenteiros a Fernão Lopes,

que era Guarda-mor da Torre do Tombo, a quem o Senhor Rei D. Manuel deu este emprego, depois da morte do Cronista-mor Rui de Pina, e seu Filho Fernão de Pina, que lhe sucedeu no mesmo emprego, do que faz menção o eruditíssimo Académico Real da História Portuguesa Francisco Leitão Ferreira, na sua notícia universal, mas compendiosa, e dirigida só à Universidade de Coimbra.

O outro, que nos parece também ser erro, é do grande, e reverenciado Escritor o Conde D. Pedro no seu *Nobiliário*, que no título 4. folhas 231. diz que a permuta fora feita com a dita Marinha Afonso no ano de 1371. E suposto que acertou na era, quanto a dizer que a permuta fora feita com a dita Marinha Afonso, foi menos bem informado, porque do Alvará, que está na mão do dito Prior desta Igreja, tirado da Torre do Tombo, no ano de 1425 aos vinte dias do mês de novembro, sendo Guarda-mor o Cronista *Fernão Lopes*, só consta, que o dito Rei D. Afonso IV fizera a dita permuta com os ditos dois testamenteiros acima nomeados: e foi, que lhe deu pelos Padroados, Senhorios, e rendas de Arganil, e Pombeiro o Padroado da Igreja de *S. Nicolau* de Santarém, junto da qual edificaram a Capela de S. Pedro, aonde já dissemos estão sepultados os ditos instituidores.

E por virtude desta doação, e permuta, que o dito Senhor Rei fez com os ditos testamenteiros, ficaram eles tendo em si o Padroado da dita Igreja, assim da mesma sorte, que o dito Senhor Rei a possuía, e ficaram sendo (como são) os Senhores Reis de Portugal Protetores, e defensores das suas regalias, e Padroados por cuja proteção lhe ficou aplicada a tenção de um dos Capelães instituídos nesta Capela. Foi confirmada esta doação em Cabido pelo Bispo de Lisboa D. João, no ano de 1373 o que consta de um papel autêntico, que está no cartório desta Igreja de S. Nicolau: ficando este Padroado por virtude desta permuta existindo até hoje no Prior Capelão-mor, e mais Capelães, com o uso de Padroado secular, e proteção Real.

Pelas razões que ficam ditas, se intitula o Pároco desta Igreja Prior de *S. Nicolau*, e Capelão-mor das Capelas de S. Pedro. E quando vaga o Priorado para se eleger outro Prior, é a apresentação dos ditos Capelães de S. Pedro, presentes, e residentes, que o elegem a mais votos em ato de eleição canónica, à qual são chamados logo que vaga, a som de campa tangida. Tem esta Igreja seis Beneficiados colados que são da apresentação do Prior juntamente com os mais Beneficiados, que assim consta do livro 3 dos Benefícios, que está no armário 2 do Arquivo da Sé de Lisboa Oriental, a fol. 55 do mesmo livro. Tem o Pároco nos frutos do Priorado, e de Capelão-mor de S. Pedro de renda mais de quatrocentos mil réis, em cada um ano. E os Beneficiados, ordinariamente de frutos certos, e incertos terão pouco menos de oitenta mil réis, também anualmente, e os já ditos Capelães de S. Pedro, que também são da apresentação do Capelão-mor, e mais Capelães do mesmo Santo, são eleitos da mesma sorte, e com a mesma solenidade com que se costuma eleger Capelão-mor quando vaga; sendo a sua colação *in solidum* do Prior Capelão-mor, que nesta posse estão, e estiveram sempre. Terá de renda cada uma destas Capelanias, que são cinco em cada um ano, sessenta mil réis com pouca diferença nos frutos certos, e incertos.

Consta o número dos Paroquianos desta Igreja de S. Nicolau, que existem, e moram dentro na Vila de 264 fogos, em os quais se acham, que as pessoas maiores são 878, e menores 95. Extra muros para a parte do Poente, no limite chamado o rego de mansos, e fontainhas, que constam de quintas, hortas, e casais, compreende em si 109 fogos: deles as pessoas maiores são 336, e menores 58. No campo de além do Tejo também tem Paroquianos, que constam de quintas, e casais; e tem o número de 67 fogos:

as pessoas maiores são 165, e menores 58; a que todos administram o Páraco desta Igreja os Sacramentos com um Cura, que apresenta, a quem paga ordenado.

Nesta Igreja existem duas nobres Irmandades ambas aprovadas pelo Ordinário, com seus Compromissos. Uma é do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, que foi aprovada no ano de 1632; a outra é a do *Menino JESUS*, instituída no ano de 1583 e confirmada no mesmo ano pelo Ilustríssimo Senhor D. Jorge de Almeida Arcebispo de Lisboa a cinco de julho. Tem esta Irmandade uma concessão das indulgências inumeráveis que goza a Arquiconfraria da Caridade de S. Jerónimo em Roma: cujas indulgências concedeu o Papa Paulo V por Bula passada no ano de 1607 no segundo do seu Pontificado. A incorporação desta Irmandade do *Menino JESUS*, impetrou em Roma o seu Procurador o nobre Senhor José Doria; e se concedeu por Bula de Inocêncio XI passada em Roma a nove de dezembro de 1686 no ano undécimo do seu Pontificado. A Capela em que está o *Menino JESUS* a comprou a sua Irmandade por 45U. réis ao Prior, e Beneficiados desta Igreja, por escritura feita em trinta e um de outubro de 1719 pelo Tabelião Teotónio da Fonseca, havendo vista o Ordinário.

CAPÍTULO XI.

Em que se dá notícia da ereção, e existência do Hospital da invocação de JESUS Cristo; sito dentro desta Vila de Santarém.

A Igreja deste grande, e formoso Hospital da invocação de JESUS Cristo, desta Vila, é anexa à Igreja de S. Nicolau, por estar dentro no limite da sua freguesia. É de uma só nave, e menos de mediana grandeza, obra antiga. Tem Sacrário no Altar-mor, onde se conserva o Diviníssimo SACRAMENTO que se administra aos enfermos pelo Capelão do mesmo Hospital, que nele diz Missa quotidiana. Tem mais dois Altares metidos nas paredes, mas quase que ficam à face nos lados do corpo da Igreja. O da parte direita a quem entra pela porta, é dedicado à gloriosa Santa Ana, e o da parte esquerda a N. Senhora do Repouso. Nos dois lados do Altar-mor estão dois padrões com os seguintes letreiros: da parte do Evangelho tem esta inscrição que diz:

João Afonso de Santarém do Conselho d'El-Rei D. João o I. fundou este Hospital de JESUS Cristo, ano de 1426. e o dotou com toda a sua fazenda; com obrigação de duas Missas quotidianas por sua alma, e de seus Pais, e de sua mulher Iria Afonso; e de manter 13 mercieiros, e mais obrigações de seu testamento: jaz sepultado na Igreja de S. Nicolau desta Vila na sua Capela.

No outro padrão que está da parte da Epístola se lê o seguinte letreiro:

Sepultura de Pedro Escuro, do Conselho d'El-Rei D. Afonso Henriques, a quem o dito Senhor para tomar esta Vila aos Mouros, se encarregou a porta de Valada, pela qual entrou, e por memória se mandou enterrar junto dela: e depois por haver instituído o Hospital do Reclamador, e Palmeiro, mandou El-Rei D. Manuel transladar seus ossos a esta Igreja donde tem Missa quotidiana.

Este Hospital foi instituído a 16 de dezembro no ano de 1426 por João Afonso de Santarém, natural desta mesma Vila. Era este fidalgo do Conselho d'El-Rei D. João o I., e casado com D. Iria Afonso, Senhora da primeira nobreza do Reino: Acompanhou ao dito Rei nas guerras, que depois da morte d'El-Rei D. Fernando se moveram contra El-Rei D. João I de Castela; ajudando João Afonso ao seu Rei Português, com a fazenda, armas, cavalos, e pessoa; e como o Reino por então se achava diminuto nas rendas, pelas divisões que havia entre El-Rei, e a Rainha D. Leonor Teles de Menezes (sua cunhada) vendeu seus bens João Afonso empregando o dinheiro nas despesas da sua comitiva, e empréstimo ao Rei para sustentar as guerras que se terminaram com a memorável batalha, e vitorioso triunfo das armas Portuguesas nos campos de Aljubarrota. Recolheu-se João Afonso para Santarém pobre, e com o património despendido em serviço d'El-Rei; o qual querendo-lhe gratificar seus grandes serviços, e dar satisfação ao dinheiro emprestado; lhe fez doação de certas propriedades, confiscadas aos que nesta Vila seguiram a partes de Castela. Vendo-se João Afonso com as mesmas rendas do Fisco, tão choradas dos que ficaram pobres, e de mais alguma pobreza da Vila; ordenou, e fez seu testamento em dezasseis de dezembro de 1426 fazendo a instituição deste Hospital, que começa na forma que aqui diremos.

Mando que nestas minhas casas novas se faça um Hospital pela minha alma, de meu Pai, e Mãe e pela de minha mulher D. Iria Afonso; e por todos aqueles por quem sou obrigado rogar a Deus: o qual Hospital seja chamado de JESUS Cristo &c. Esta instituição confirmou o mesmo Rei D. João o I no ano de 1461. Mas porque este Hospital era limitado em rendas para os doentes de uma Vila tão populosa, e dilatado termo; quando El-Rei D. João II suplicou ao Papa Inocêncio VIII a união de todos os Hospitais de Lisboa em um só; também meteu na súplica a anexação de todos os de Santarém a este de JESUS Cristo, que por concessão sua se incorporaram os mais, que adiante diremos a este Hospital, sendo expedida a Bula no ano de 1485. E para dizermos com mais individuação, e clareza as notícias que do dito Hospital se acham no Arquivo do Convento de Santo Elói de Lisboa, e nos livros manuscritos do grande Escritor o Padre Mestre George de S. Paulo, faremos aqui primeiro memória delas, e depois diremos as que hoje achamos no mesmo Hospital.

Primeiramente consta do livro do Padre Mestre George de S. Paulo em o seu Epílogo no Capítulo 54 fol. 143 falando deste Hospital (depois que se lhe uniram os mais da Vila) pelo original assento, que está no Arquivo de Santo Elói, sobre os encargos de quem governar o Hospital da Vila de Santarém diz, que corre por conta da sua administração, satisfazendo às cláusulas do testamento, mandar dizer em cada um ano, doze Capelas de Missas quotidianas, sendo cinquenta e cinco cantadas com dois sermões; que em todas estas Capelas se despendia em dinheiro cento e setenta e nove mil e oitocentos réis. Diz que se gastava em ordenados, e ofertas mil novecentos e oitenta alqueires de trigo, que a cento e sessenta réis importa, trezentos e dezasseis mil e oitocentos réis. Despendia-se mais em ordenados seiscentos e sessenta alqueires de cevada, que a oitenta réis, importa cinquenta e dois mil e oitocentos réis. Mais em ordenados a dinheiro, com oficiais, e serventes, cento e nove mil e oitocentos réis. Paga de azeite para as lâmpadas, e ordenados, quarenta e um cântaros, a setecentos réis, importa vinte e oito mil e setecentos réis, que somada esta conta, vem-se a saber, que despendia o Hospital naquele tempo seiscentos e oitenta e seis mil e oitocentos réis, 686U800 de encargos, sem a cura dos enfermos.

Consta do mesmo livro no Capítulo alegado que havia neste Hospital treze Mercieiros, e Mercieiras a quem se dava todo o necessário de comer, beber, vestir, e calçar, e cura em suas particulares enfermarias, com enfermeiro, e enfermeira que a cada um se dava de ordenado, quarenta e oito alqueires de trigo, oito varas de pano de linho, mil e oitocentos réis para o calçado, e dezoito réis por dia de conduto. Diz o mesmo Capítulo, que havia mais quinze Mercieiros do Hospital de Palhais, com ordenado de quinze alqueires de trigo a cada um, com obrigação de irem todos os primeiros Domingos do mês assistir a uma Missa cantada na Igreja de N. Senhora de Palhais; com seu Ermitão, o qual tinha de ordenado um moio de trigo, e seis cântaros de azeite, e mil e oitocentos réis em dinheiro. Havia mais sete Mercieiras no Espírito Santo recolhidas, com ordenado de trinta alqueires de trigo, cinco de cevada, cântaro e meio de azeite, e trezentos réis; e em suas enfermidades se curavam pelas despesas do dito Hospital. Que tinha um Ermitão para tratar delas, e compor a Igreja com o mesmo ordenado, e de mais mil e duzentos e sessenta réis. Daqui se vê que sustentou sempre este Hospital trinta e cinco Mercieiros, e Mercieiras. E para nós sabermos curiosamente o tempo que os Cónegos da Congregação do Evangelista administraram o governo deste Hospital de JESUS Cristo desta Vila de Santarém, prossegue o mesmo Capítulo dizendo. Que El-Rei D. João o III desejando ocupar os Padres da nossa Congregação nas matérias de mais confiança, e de maior serviço de Deus, nos pediu com grandes instâncias quiséssemos aceitar o governo do

Hospital de Lisboa, que logo por lhe fazermos a vontade, e ser coisa em que ele mostrava ter tanto gosto, nos encarregámos da sua administração. Sabendo El-Rei como os nossos Religiosos procediam pontualmente no serviço de Deus naquele Hospital Real de todos os Santos, e como eram prudentes no governo, fiéis no despender das suas rendas, e caritativos com os enfermos, pediu novamente à Congregação quisesse aceitar, e administrar o Hospital de Santarém, que se aceitou no Capítulo geral ano de 1531 e logo se elegeu Provedor o Padre Simão de S. Miguel, Almoxarife o Padre Francisco de Santa Maria de Alcácer, e Mordomo o Padre Gaspar dos Reis.

Governaram os Cónegos da Congregação do Evangelista por duas vezes, e largos anos, este Hospital de JESUS Cristo: da primeira foi desde o ano referido de 1531 até o de 1566 e na segunda, do ano de 1597 até o de 1607 sendo por todos estes tempos assistido por catorze Provedores da mesma Congregação: e com tanto cuidado se ocupavam para aumentar o bem da pobreza, que quando por justas causas renunciaram esta administração, não só se viu estar ali tudo bem ordenado, e opulento, mas para que se saiba a fidelidade daqueles Padres, achamos agora no Arquivo de Santo Elói, um livro de contas a fol. 244 feito pelo Almoxarife que então era do dito Hospital, o Padre Francisco de S. Bento, pessoa de grandíssima virtude, que na entrega que dele fez ao governo da Misericórdia da mesma Vila, consta que entregou em dinheiro catorze mil cruzados; e se vê no mesmo livro que naquele tempo tinha o Hospital de renda dois contos, seiscentos e trinta e seis mil réis. E é muito para se louvar, que o dito Padre Almoxarife entregasse dobrado dinheiro, do que então tinha o Hospital de renda.

Também se nos oferece aqui, pois estamos na mesma matéria, e não é fora do assunto deste Capítulo, tocarmos as razões porque os Cónegos do Evangelista (minha Congregação sagrada) se quiseram eximir da administração deste Hospital, e dos mais que diremos; porque no Cartório do Convento de S. Bento de Xabregas se acha um livro das memórias pertencentes a esta Religião; o qual a fol. 259 Cap. 59 diz o que nos serve agora ao nosso intento. Bem conheciam as pessoas desinteressadas, o zelo, caridade, e fiel vigilância com que os Cónegos de S. João Evangelista se haviam nos Hospitais, que lhes foram entregues por El-Rei D. João III porém prevaleceu tanto a inveja dos pretendentes de seu governo, aqueles, que por justas causas foram excluídos pelo mesmo Rei, que de um manejo de que faziam lucro, vingavam com imposturas menos verdadeiras, a falta das suas conveniências. E achando estes a resolução fácil na frouxidão do Cardeal Infante governador, que pelos repetidos requerimentos, que lhe faziam, o puseram na dúvida do que faria neste particular; porque sabia a caridade, a limpeza, e abundância neles despendida pelos Padres. Mas assim como na luz do Sol, uns acreditam a vista, e outros a perdem: assim à vista das boas obras, a uns é exemplo, a outros escândalo. Muitos destes havia, que reinando neles a cobiça, murmuravam daqueles Padres, fazendo a vontade à inveja, e cortando com aquelas línguas, que são tesouras do inferno, o que devia ser louvado por bocas de ouro, e vozes de prata. Sabendo a Congregação as diligências dos interessados na administração dos Hospitais, de Lisboa, Santarém, e Montemor, mandou logo o Capítulo (que proximamente se celebrou) ao Reverendíssimo Padre Geral Diogo da Ressurreição, fosse falar ao Cardeal Rei, que houvesse por bem, atendendo às causas que alegava, fosse servido como Príncipe tão piedoso que era, aliviar a sua Congregação, dos Hospitais que El-Rei D. João III. lhe tinha entregue, pois os Religiosos que ela tinha eram poucos para satisfazerem as obrigações do coro, dos púlpitos, e dos confessionários.

E ainda que com bastante repugnância, o Cardeal aceitou as justas razões, e a renúncia dos três referidos Hospitais, e os entregou às Misericórdias. Sendo isto no ano de 1565. entrando a ser o primeiro Provedor deste Hospital de Santarém, António do Cem fidalgo da casa de Sua Majestade, e Escrivão Rui Dias Castelo, em presença do Corregedor Diogo Machado Cabral.

Foram os Provedores, e Irmãos da Misericórdia continuando com a administração deste Hospital até o ano de 1597. em cujo meio tempo se uniu a Coroa de Portugal à de Castela; e depois sendo Rei deste Reino Filipe prudente, a rogos do povo desta Vila, e ainda por instâncias da mesma Irmandade, pediu o dito Rei à Congregação do Evangelista, pelas verdadeiras informações que tinha, que por serviço de Deus quisesse aceitar segunda vez o governo do dito Hospital: o qual a Congregação aceitou no mesmo ano por provisão real, que foi a que aqui se segue tresladada fielmente do Original.

Eu El-Rei, faço Saber aos que esta Provisão virem, que pedindo-me os moradores de Santarém, e os Irmãos da Misericórdia da mesma Vila pelas razões que para isso me apontaram, e me pareceram justas, e por outros justos respeitos, que a isso me moveram, mandei tratar como Padre Geral, e Religiosos de S. João Evangelista quisessem encarregar-se desta administração, que antes tiveram, e eles a aceitaram por fazerem nisso serviço a Deus, e a mim: pelo que havendo respeito ao bom procedimento dos Religiosos da dita Congregação na administração deste Hospital, em todo o tempo, que o tiveram, e pela muita confiança que tenho no que nela serviram a Deus, e cumpriram inteiramente com as obrigações do dito Hospital, hei por bem de entregar a administração dele aos ditos Religiosos, para se governe por aqueles que para isso forem, deputados &c. E mando ao Provedor da Comarca vá logo com esta Provisão dar a posse do dito Hospital. 9. de agosto de 1597.

Continuaram os Padres com esta administração até o ano de 1608. quando por novos êmulos, ou procedidos da inveja, ou da ambição (que por não escandalizar alguns ouvidos não dizemos aqui o que achamos escrito, e bem provado, contra o braço secular;) neste referido ano, fez a Congregação nova súplica a El-Rei Filipe *El Bueno*, apontando-lhe novas razões de não convir à Congregação o governo deste Hospital, e com tais instâncias, que El-Rei foi servido mandá-lo entregar à Irmandade da Misericórdia por sua Provisão, a qual foi feita em 25. de junho do dito ano de 1608. entrando a ser Provedor D. Manuel de Sousa, e Escrivão Manuel de Coimbra; perseverando sempre na sua posse esta nobre Irmandade até hoje, que isto escrevemos que é no ano de 1736.

As mais notícias que podemos achar neste Hospital no que toca ao testamento do Instituidor João Afonso, são quase as mesmas que temos escrito. Acha-se que no dito testamento feito aos seis dias de setembro de 1426. a sua última vontade é encomendar muito o modo que se havia de ter para a conservação do Hospital, ordenando o bom trato dos enfermos, que nele se curassem, e dos cinco Mercieiros, e oito Mercieiras, que nele deixava para sempre. No mesmo testamento determina, além de outras obrigações que deixa, se lhe digam duas Missas quotidianas na sua Capela, que é de que já fizemos memória, na Igreja de S. Nicolau entrando pela porta principal logo à mão direita, na qual está ele sepultado com seus Pais, mulher e filhos.

Também se acha neste Hospital a notícia certa do que já temos dito, em quanto a dizer-se, que se uniram a ele por Bula que pediu o Senhor Rei D. João o II. ao Sumo Pontífice Inocêncio VIII. expedida no ano de 1485. e segundo do seu Pontificado, todos

os Hospitais, e Albergarias, que havia por todas as freguesias desta Vila, que se acha foram quinze, os quais são os seguintes. O primeiro é o Hospital que tem a invocação do Espírito Santo, ereto na freguesia do Salvador, e nele há uma Ermida da mesma invocação, e junto a ela com serventia para a mesma Ermida tem um cerco de Casas com seu pátio, e no meio dele uma cisterna. Nestas ditas casas vivem recolhidas sete Mercieiras em quartos separados, mas com uma só porta. Ali junto do pátio tem um Ermitão, que as serve; são providas nos lugares quando vagam pela mesa da Misericórdia, e todas sustentadas pelos rendimentos do mesmo Hospital de JESUS Cristo. O segundo Hospital foi intitulado da Alâmpada, também ereto na mesma freguesia do Salvador. Terceiro é o dos Fiéis de Deus ereto na freguesia de N. Senhora de Marvila, cuja rua ainda hoje tem este título. Quarto é o de D. Gaiam ereto na mesma freguesia de Marvila, na calçada que chamam da Tainarma: tinha Ermida com a invocação de S. Cristóvão, a qual há poucos anos se arruinou, e nela estava sepultado o dito instituidor, como já dissemos quando falámos das Ermidas, que estão no limite desta freguesia. Quinto, é o Hospital de S. Lázaro, que primeiro foi ereto na freguesia do Salvador, e depois mudado para a de N. Senhora de Marvila de que também já na mesma fizemos mais larga memória, com sua Ermida da invocação do mesmo Santo, do número dos Mercieiros Lázaros, que padecem achaques incuráveis; tem um Ermitão, que serve de os prover de todo o necessário: vivem em casas separadas, com uma só porta de serventia, a qual serve de entrada a um grande pátio, dentro do qual está a dita Ermida, e são sustentados pelo rendimento do mesmo Hospital, que lhe administra a Misericórdia. O sexto é o Hospital de S. Brás, ereto na freguesia do Santíssimo Milagre. O sétimo é o Hospital do Corpo de Deus, ereto também na mesma freguesia do Milagre. O oitavo é o dos Inocentes Expostos, onde havia a roda, que hoje está no Hospital de JESUS Cristo: foi instituído pela Rainha Santa Isabel, e por D. Martinho Bispo da Guarda, na mesma freguesia; hoje é o Recolhimento das Capuchas, de que já demos larga conta quando falámos da Igreja do Santíssimo Milagre. O nono é o Hospital de S. Gião, o qual estava no distrito da freguesia de S. Julião. O décimo foi o Hospital de S. Martinho, ereto na mesma freguesia, cuja Igreja tem o título deste Santo, e dentro no seu distrito teve este Hospital vários assentos. O undécimo foi o Hospital chamado de Pedro Escuro, o qual também se chamava do Reclamador, ereto na freguesia de S. Lourenço, e situado sobre a porta, que chamam de Valada, uma das desta Vila, para a parte do Sul, onde hoje se vê uma suntuosa Ermida da invocação de N. Senhora Madre de Deus. O duodécimo é o Hospital de Palhais, situado na freguesia de Santa Iria. Tem uma Ermida grande da invocação de N. Senhora da Encarnação: nela se diz Missa os Domingos, e dias Santos, à qual assistem todos os primeiros Domingos dos meses, quinze Mercieiros, com um Ermitão, que também assiste com eles às Missas, e cuida em agasalhar os peregrinos em as casas contíguas à mesma Ermida, deixadas, e conservadas para esse efeito: os quais Mercieiros, e Ermitão, quando vagam, são apresentados pela mesa da Misericórdia. O décimo terceiro, foi o Hospital da Trindade, ereto nesta freguesia de S. Nicolau. O décimo quarto, foi o Hospital de S. Silvestre, ereto no distrito desta mesma freguesia de S. Nicolau, na rua, que ainda hoje chamam de S. Silvestre. Tem Capela particular na Igreja desta freguesia. O décimo quinto, e último Hospital foi o da Abóboda junto ao Convento da Trindade, no distrito da freguesia do Salvador; o qual existia antigamente no sítio da Senhora do Monte, que servia de se curarem nele os cativos; e quando se mudaram os Padres Trinos daquele dito sítio do Monte para o da Senhora da Abóboda, também se mudou este Hospital para a mesma parte, que daí o invocaram com o nome da Abóboda. Cuja matéria fique reservada para quando falarmos largamente da fundação deste mencionado Convento.

As obrigações de todos estes Hospitais são tão diversas, e tão devotas, como foram os pios impulsos dos corações de quem os erigiu; pois uns foram instituídos com a obrigação de receber, e criar os expostos inocentes; outros de sustentar Mercieiros, e Lázaros, como é este, o do Espírito Santo, e o de S. Lázaro: e finalmente outros de curar enfermos, e agasalhar peregrinos, como é o de Palhais, Trindade, e os outros mais de que aqui fizemos memória. E pelo rendimento de todos com este de JESUS Cristo se curam quantos doentes a ele concorrem, em o qual há três enfermarias separadas, de Religiosos do hábito de S. Francisco, uma é dos Padres Antoninhos, outra dos Arrábidos, e dos Terceiros, onde se curam grande número de Religiosos de vários Conventos das suas Províncias.

CAPÍTULO XII.

Dá-se notícia das Ermidas que são anexas a esta freguesia de S. Nicolau, e mais algumas antiguidades, que tocam a esta Igreja.

A esta Igreja de S. Nicolau são anexas sete Ermidas; uma está dentro da Vila, e as seis fora dela em diversos sítios. A que está dentro da Vila é dedicada à Mãe de Deus com a invocação de N. Senhora do Bom Sucesso, situada debaixo da Torre chamada vulgarmente a Porta de Manços, que é uma das principais portas por onde se entra para a Vila. As seis estão extramuros (mas dentro do limite da freguesia) duas estão situadas na parte de além do Tejo no campo; as quais ficam logo em pouca distância deste rio. Outra que também fica além do Tejo, mas em distância de duas léguas e meia, junto à ribeira de Muje, na charneca, tem a invocação de *Santo António da Raposa*: a qual Ermida era de uma pessoa particular, e como aí havia alguns Paroquianos desta dita freguesia, e ficavam tão distantes desta Paróquia, houveram licença dos Priores para lá se desobrigarem pelo preceito da Quaresma; e fizeram partido a um Cura apresentado pelos mesmos Priores desta Igreja: mas vemos, que hoje é apresentado pelos sucessores de Alexandre Ferreira; e sobre esta apresentação ainda corre pleito. As duas Ermidas, que dissemos estão no campo de além perto do Tejo, uma está situada na quinta do Desembargador António Teixeira Álvares, com a invocação de S. Miguel, que foi aprovada pelo Ordinário no ano de 1683. A outra está na quinta de Luís Nicolau Pereira de Sousa, aonde chamam a Gafaria por estarem antigamente ali terras, que pertenciam ao Hospital dos Gafos: e a Ermida tem a invocação de N. Senhora do Rosário.

As quatro Ermidas, que se seguem estão situadas da parte do Poente de aquém do Tejo, onde chamam vulgarmente limite do Rego de Manços, e Fontainhas: a primeira é a que está na quinta chamada das *Manteigas*, que é de João de Saldanha da Gama, com a invocação de N. Senhora da Conceição. Outra na quinta de Manuel da Silva Cabral com a invocação de N. Senhora do Rosário. Outra na quinta de José Rebello Pestana, com o título de N. Senhora da Boa Hora. Outra na quinta, que foi de Manuel da Cunha de Sousa, a qual Ermida foi aprovada pelo Ordinário no ano de 1707, porém por esta estar arruinada, não se diz agora Missa nela.

No distrito desta freguesia dentro da Vila, na rua que vulgarmente chamam de S. Nicolau, em umas casas particulares do Padre Tomás Ferreira Presbítero, e Capelão da Misericórdia desta Vila, está uma Imagem do glorioso S. Pedro penitente; a que concorre grande número de fiéis de várias partes, assim daquela Comarca, como de fora dela por todos os dias do ano com ofertas principalmente com foguetes, que lhe lançam da porta ao ar; que pelas experiências dos seus milagres parece que o Santo disto mais se agrada: e com eles lhe vão gratificar a saúde, que por sua intercessão alcançaram de Deus Senhor de todo o género de enfermidades, especialmente sezões. Esta Imagem do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro, há mais de quarenta anos, que a fez de barro um Religioso da sagrada, e perfeitíssima Religião da Santíssima Trindade natural desta Vila de Santarém, o qual se chamava *Frei Francisco da Piedade*; grande Artífice em obrar figuras desta matéria: dele recebeu esta Imagem Manuel de Sousa Cirne, pessoa muito principal da dita Vila, e a pôs em um nicho no seu jardim, que fica junto ao adro desta Igreja de S. Nicolau. Depois, que ali esteve a Imagem alguns anos, a trocou por outras figuras que lhe deu o Padre José da

Fonseca, Presbítero do hábito de S. Pedro, irmão do dito Padre Tomás Ferreira, que ambos colocaram o Santo em um nicho, que estava na varanda das suas casas, aonde hoje está em o mesmo nicho embrechado, com seu altar, e ali está sempre fazendo miraculosos prodígios. Hoje está a varanda (que era descoberta, e só a cobria por cima uma parreira) convertida em uma casa quadrada, com uma cisterna no meio assim como estava na varanda; da qual cisterna se vai buscar água para vários enfermos, que com a fé que nela têm acham remédio às suas enfermidades. Ali se vão fabricando várias obras para se fazer mais decente o lugar; mas até o tempo em que estamos não tem aprovação do Ordinário, nem faculdade do Sumo Pontífice para ser erigida em Ermida. Principiou este concurso no ano de 1732.

Conserva-se nesta Igreja de S. Nicolau uma antiguidade, cujo princípio sepultou o tempo à memória dos homens, e é uma Confraria de S. Silvestre, que tinha seu Hospital (como fica dito) e quando El-Rei D. João o II. alcançou o Breve para se anexar este, e os mais ao de *JESU Cristo*, querendo, que se conservasse ali sempre a memória deste Santo, determinou, que só ao Hospital de *JESU Cristo* se dessem as camas deste Hospital, ficando as fazendas à Confraria para as despesas das solenidades que fazia, que eram as seguintes. Fazia esta Confraria duas procissões soleníssimas em cada um ano: a primeira em dia de Páscoa da Ressurreição de madrugada com uma Missa cantada no fim, e depois dela um sermão. A outra procissão era em a véspera de S. Silvestre, que ambas acompanhava grande parte daquele Povo mais nobre com círios acesos dando volta pelas ruas mais principais da Vila. O que se vê hoje somente é ter esta Confraria um administrador, o qual quando morre, para lhe suceder outro na administração, o nomeia o Prior Capelão-mor da mesma Igreja, e é confirmado pelo Provedor da Comarca. Este administrador cobra os rendimentos de alguns foros, que ainda hoje existem, e faz deles as despesas do que ainda se faz de solenidade ao mesmo Santo. Esta hoje somente consta de Vésperas cantadas, com Missa, e sermão no seu dia: e acabadas as Vésperas, se ordena uma procissão ao redor da Igreja, em a qual vão os Padres Beneficiados com círios acesos, que lhe dá o dito administrador, levando ele na cabeça (enquanto anda a procissão) uma coroa de prata sem ser imperial, mas aberta, cujo feitio mostra ser antiquíssimo: a qual coroa está sempre na arrecadação do mesmo administrador. Este tem por obrigação dar conta todos os anos ao Provedor da Comarca da receita, e despesa; e unicamente tem por este trabalho, e o de cobrar os foros a quinta parte do rendimento, como a lei o determina aos administradores. Todo o referido consta do tombo, que mandou fazer o Senhor Rei D. Manuel, em que se ordenava um treslado para a Torre do Tombo, outro para a Câmara daquela Vila; e outro para o Cartório da dita Confraria.

A Irmandade do SANTÍSSIMO SACRAMENTO de que falámos no Capítulo antecedente, a qual existe nesta Igreja, tem o privilégio para que o Juiz de Fora, e os Vereadores acompanhem no Domingo de Páscoa de madrugada a procissão de Cristo Ressuscitado, que sai desta Igreja com o privilégio de primeira nesta Vila: de donde corre as ruas principais dela. Este privilégio de que lhe assistissem o Juiz, Vereadores, e mais oficiais em corpo de Câmara, concedeu El-Rei D. Manuel por Provisão passada aos seis dias de abril, do ano de 1519. a qual Provisão se acha no Cartório da mesma Irmandade lançada em um livro. Daqui se vem a entender sem algum escrúpulo, ser esta a mesma Provisão com que antigamente fazia a Confraria de S. Silvestre as suas solenidades, e a razão é, porque a Irmandade do Senhor foi confirmada pelo Prelado deste Arcebispado no ano de 1632. e a Provisão foi passada 113. anos antes da confirmação da dita Irmandade do Senhor.

Livro II. Capítulo XII.

No distrito desta freguesia fronteira ao Poente, há uma parte das muralhas da Vila, antigas, que correm do Norte para o Sul, desde a porta que se chama o Postigo de Dona Margarida, até à porta que vulgarmente chamam o Postigo de Santo Estêvão; que de uma parte a outra lhe deram sempre o nome de *Postigos da Carreira*; esta de Santo Estêvão está totalmente demolida; como também as torres, ou baluartes, que a defendiam; e a outra tem ainda os arcos das portas, parte dos muros, e a torre, que está junto a eles com bastante ruína. Sobre esta muralha se edificaram dois Palácios; um que é dos Excelentíssimos Condes de Unhão, junto ao muro, e entre as torres, a que os militares chamam a cortina. Outro que foi dos ascendentes de D. Gastão José Coutinho da Câmara, está junto à torre que cai sobre a barbacã; a qual muralha, e torre aforou a Câmara desta Vila a Diogo de Saldanha, em quinhentos réis cada um ano de foro enfiteutico, no ano de 1587. Mais abaixo destas casas em pouca distância para a parte do Sul, está a porta, que o vulgo chama de Manços, sobre a qual está fundada uma torre antiquíssima, quadrada, que se vê hoje demolida quase até aos arcos: e é tradição constante, que sobre ela esteve a casa da Relação; até ao tempo que El-Rei D. João o I. a passou para Lisboa: e depois ficou servindo de casa do Senado; o que consta de uma carta mandada passar por El-Rei D. João o II.; pela qual manda, que a torre da Porta de Manços em que se fazia Senado se não venda; esta carta foi passada no ano de 1488.

CAPÍTULO XIII.

Dá-se notícia da Igreja da Misericórdia desta Vila de Santarém, e da sua nobre Irmandade, sita no distrito da Igreja de S. Nicolau.

Esta Igreja de S. Nicolau, (por estar dentro do limite de sua freguesia) é anexa à da Misericórdia desta Vila. Da sua fundação não temos ano certo; supõe-se que se lhe daria princípio no reinado d'El-Rei D. João o II., e que foi acabada no d'El-Rei D. Manuel pelos anos de 1570. É tradição, mas não nos consta de alguma escritura. É esta Igreja de mais que mediana grandeza, e formada de colunas da ordem Toscana; a proporção de todo o seu vão por dentro é retângulo, a que os Geómetras chamam *Altera parte longior*, porque tem os quatro lados retos, não sendo entre si iguais, mas os seus opostos são entre si iguais. Repartem-se as suas naves em dez colunas, que são três livres de cada lado, e quatro que têm as suas meias canas embebidas nas paredes; duas nos lados da Capela-mor, e outras duas nos lados da porta principal; fazendo todas o dito número de dez, e todas firmam os seus arcos, que sustentam com eles a abóbada, sendo esta toda abatida em barretes regulares, os quais se cruzam em cintas de pedra, rematando os seus meios, com fechos circulares da mesma pedra, elevando-se as colunas a pegarem com os seus capitéis nos ângulos dos mesmos barretes: pelo que se vê com clareza, que muito pouco repuxo faz esta abóbada nas suas paredes: e podemos entender, que a formatura desta Igreja está cabalmente bem obrada, assim para a fortaleza, como para a formatura. Toda esta abóbada está admiravelmente pintada ao moderno com muita parte do seu grotesco realçado de ouro; fazendo-lhe correspondência o coro na mesma pintura, que também na madeira é admiravelmente bem obrado conforme a boa arquitetura.

Tem esta Igreja só três Capelas, entrando nesta conta a do Altar-mor, na qual está o Sacrário com o Diviníssimo SACRAMENTO, cuja Capela-mor tem tribuna com um elevado trono, e o seu vão adiante o cobre um painel de finíssima pintura, que representa o mistério da Visitação de N. Senhora a Santa Isabel. Os dois Altares das duas Capelas Colaterais, o que fica à mão direita entrando pela porta principal, é dedicado a N. Senhora da Salvação; e o da parte esquerda à mesma Senhora da Conceição, e todas estas três Capelas têm os seus retábulos à face, com as colunas da ordem Coríntia, e de parede a parede corre uma coxia pelo pé dos três Altares, mais alta, que o pavimento da Igreja, vara e meia, e tem por cima de largura doze pés.

Neste seu pavimento junto ao Altar-mor, está um epitáfio em sepultura rasa, que é o seguinte:

Aqui jaz Nuno Velho Pereira do Conselho de Sua Majestade, que deixou a esta santa Casa trezentos e oitenta mil réis de juro, e renda para Órfãs, Cativos, e Pobres, com obrigação de Missa Quotidiana.

Na Capela da Senhora da Conceição, que é a Colateral da parte do Evangelho, se vê uma pedra, que é de um carneiro, a qual tem a inscrição seguinte:

Esta Capela é de D. Emerenciana de Almeida, e de seus herdeiros; e nela está sepultado seu marido André de Almeida da Fonseca. 1691.

A outra Capela Colateral da parte da Epístola tem outra pedra com o seguinte letreiro:

Aqui jaz Vitória Galvão, nesta sua Capela; filha de Clemente Luís o Velho, Cavaleiro da casa de Sua Majestade, e de Catarina Rodrigues Galvão. Cujos ossos aqui estão, e de todos seus Irmãos, e de sua sobrinha filha de seu irmão Clemente Luís. Deixou esta santa Casa por sua universal herdeira, com obrigação de cinco Capelães para que nesta Capela digam cinco Missas todos os dias enquanto o mundo durar. E Deixou cinco Mercieiras, tudo na forma de seu contrato. Faleceu aos trinta dias do mês de julho de 1656.

As sepulturas, que estão no corpo desta Igreja, são as que se seguem, e a primeira é a que está junto da escada que sobe para a Capela Colateral da parte do Evangelho, a qual tem este epitáfio:

Sepultura de Ambrósio Rodrigues, Irmão com esta Santa casa.

À entrada da porta travessa, que fica da parte da Epístola, está outra sepultura rasa com a inscrição seguinte:

Sepultura de Francisco de Almeida Raposo, Capelão de S. Pedro, que serviu esta casa 52. anos. Faleceu em 23. de maio de 1672. Sendo Prior de S. Nicolau. E de seus herdeiros.

Da mesma parte da Epístola entre as duas colunas, que estão defronte da dita porta travessa, está outra sepultura rasa com o seguinte letreiro:

Sepultura do Licenciado Pedro Moreira, Provedor que foi desta Comarca. 1658.

Junto a esta mesma sepultura está outra, que se lhe não pode bem divisar o sobrenome, e as letras que se lhe puderam ler são as que se seguem.

Sepultura de Álvaro da G... Cavaleiro fidalgo da casa de Sua Majestade e de D. Helena da Silva sua mulher, e seus herdeiros, e nela jaz Filipa da Guerra sua Mãe. 1634.

É tradição corrente que a ilustre, e santa Irmandade desta Misericórdia foi ereta pelo virtuoso Padre Fr. Martinho da veneranda Ordem da Santíssima Trindade, companheiro que foi do grande Padre Frei Miguel de Contreiras, o que erigiu a Misericórdia de Lisboa, cujo Compromisso foi feito, e se ordenou a dez de maio do ano de 1577. em o qual se declara que o Provedor desta Irmandade, não seja outra pessoa senão uma das principais fidalguias do Reino; e sendo caso que não haja em Santarém fidalgo desta qualidade, o devem ir buscar a Lisboa, e para Escrivão, que será pessoa das mais nobres da mesma Vila. Também nesta santa casa está incorporada a Irmandade dos Clérigos Pobres, com sua casa de Despacho à parte; tem Compromisso aprovado pelo Ordinário em 22. de julho de 1597. consta de oitenta Irmãos Presbíteros do hábito de S. Pedro, com sete seculares: e é dedicada a este Santo. Nesta Igreja há sete Capelães (além de outros particulares) os sete rezam no coro com um Capelão-mor, que a governa na reza, presidindo a todos os Ofícios Divinos, que a todos estes do coro paga a mesa, como também paga a cinco Mercieiras que vivem dentro dos encerramentos desta Misericórdia. Esta Irmandade da Misericórdia tem uma formosa casa do despacho, a qual foi fundada

no ano de 1632. e em uma parede dela está um grande padrão de boa pedra, cujas letras dizem o que aqui se segue:

O Reverendo Padre Simão Jorge Lobo, Chantre da Colegiada desta Vila, faleceu em 29. de março de 1708. e deixou esta casa por sua herdeira, com obrigação de pagar em cada um ano oitenta mil réis a um Capelão, que deixa na Igreja de Santa Cruz, e dez mil réis para a fábrica dela, e vinte mil réis à Irmandade do SANTÍSSIMO SACRAMENTO da mesma Igreja, com cláusula, que faltando a Mesa a estes pagamentos por tempo de dois anos, passaria sua herança, e administração dela ao Convento do Carmo desta Vila. Manda mais que se não dê dinheiro algum a juro de sua herança a fidalgo de primeira condição, nem esteja em seu poder, e que só se dê em primeiro lugar a Conventos ricos, e em segundo a pessoas abonadas com boas, e seguras fianças, e que faltando a Mesa a estas condições, passará também a herança ao dito Convento. E pareceu gravar aqui esta notícia, para advertência dos Irmãos presentes, e futuros, e para que não haja descuido em dar cumprimento às ditas cláusulas. Veja-se sempre o testamento do dito Padre para em tudo se observar, e não dar ocasião a se perder a dita herança.

Tem esta Igreja da Misericórdia o seu assento no mais alto da Vila ficando bem no coração dela; o seu frontispício faz frente quase à parte Oriental, que medeia por linha reta entre o Oriente, e Meio-dia. Na porta principal que está neste frontispício, se conserva um perdurável pórtico ricamente obrado de pedra mármore, o qual se eleva até à cimalha real, firmado sobre duas grandes colunas da ordem Coríntia: e tudo o que ali se vê obrado na pedra, assim no que toca à escultura como no grotesco de ramos entalhados, é coisa maravilhosa.

CAPÍTULO XIV.

Das notícias da Paroquial Igreja de S. Julião, que existe nesta Vila de Santarém.

Tradições achamos bem recebidas dos naturais desta Vila, proferidas por sujeitos doutos, e grandes indagadores de antiguidades, que esta Igreja que hoje com mais polícia do tempo se chama de S. Julião, se nomeava antigamente S. Gião, ou S. Jaiz. Está situada no meio do círculo que à nossa vista gira o Sol entre o Oriente, e o seu Poente; que vem a ser, ficando-lhe *ex diâmetro*, a Capela-mor ao nascer deste luzido Planeta, e a porta principal, ao seu ocaso, servindo-lhe de Norte a Igreja do Santíssimo Milagre, e de Sul a do Priorado de S. Lourenço. Desta de S. Julião não podemos dar aqui muitas notícias porque estas nos roubou antigamente um incêndio, cujos chamas lhe converteram em cinza os papéis do seu Cartório, e por este motivo ficou o nosso desejo privado de dar a ler as individuais memórias das grandezas, e graças com que foi ereta, e das que depois em os mais tempos possuiu. Agora somente nos consta com certeza ter sido sempre Padroado Real, e que El-Rei D. Dinis depois que erigiu o famoso Convento de Odivelas, a doou àquelas Religiosas suas Donas, a cuja Abadessa pertence hoje a apresentação dela. Também se sabe (no tocante à antiguidade desta Igreja) que é ser das primeiras, que houve na Vila: porque estando situada dentro dos muros, e não se acrescentando em extensão de moradores, ou em mais distritos, e não constando por algum princípio ser filial, ou separada de outra, forçosamente havemos de entender ser ereta desde o tempo que a mesma Vila conheceu a Fé. E sem dúvida consta da Torre do Tombo, e Arquivo Eclesiástico, que esta tinha outras anexas, com Párocos, que administrassem os Sacramentos.

Ainda hoje tem duas anexas, uma delas está situada no lugar chamado o Vale, uma légua distante desta Vila, perto da ponte da Asseca, a qual Igreja se intitula N. Senhora da Conceição do Vale. A outra está da banda d'além do Tejo próxima à ponte de Muge, chamada Santa Marta do Monção, e nela apresentam os Priores desta Matriz Curas anuais. Tem de renda o Priorado, um ano por outro quatrocentos mil réis, de que paga por pensão anual, ao dito Convento de Odivelas, um moio de trigo, e quarenta alqueires de cevada. Tem esta Igreja cinco Benefícios simples, os quais é costume dá-los o Pontífice, suposto que também algumas vezes os têm dado os Priores: o rendimento de cada um nos anos comuns são cento e trinta mil réis. Tem mais um Capelão com obrigação de rezar no coro, que instituiu o Padre Mulano Beneficiado que foi da mesma Igreja, e natural da dita Vila o qual Benefício renderá oitenta mil réis: e outro sobre que se litiga, e ainda não está vinculado, nem aceito, que deixou Bernardo de Sousa Fróes com a mesma obrigação. Ao Tesoureiro, que serve de paramentar as coisas do culto Divino, e ao Organista se lhe pagam os seus estipêndios da fábrica.

É esta Igreja de mediana estatura, e de três naves, cujas colunas mostram ser muito antigas, o ornato delas ainda é inferior à ordem Toscana, e assim o teto (que é de madeira), e as paredes tudo bem indica a sua antiguidade, isto é só falando no que toca ao seu corpo, porque a Capela-mor é coisa mais moderna ; em frente das duas naves dos lados tem dois altares ambos à face, que são os Colaterais ; o da parte do Evangelho é dedicado a N. Senhora da Piedade, cuja Imagem com especialidade é venerada de alguns devotos, pela muita fé com que dizem têm experimentado, e conseguido de Deus Senhor N. pela intercessão desta Senhora em honra daquela sua Imagem o remédio nas suas aflições

relatando vários prodígios sobrenaturais. O da parte da Epístola é dedicado ao glorioso Mártir S. Sebastião, cuja Imagem dizem que também é milagrosa. Tem outro Altar próximo a este ao comprido da nave na parede mestra também à face, mas com seu arco de pedra, o qual é dedicado à virgem, e Mártir Santa Catarina, que em algum tempo foi festejada no seu dia com grandeza, porém está ali hoje esquecida esta devoção. O forro no teto da Igreja mostra ser bem antigo no feitio dos seus lavores; e em ter por todo ele as armas Reais (que são muitas) bem se deixa entender que foi obra dos nossos Reis. A Capela-mor é moderna, e bem proporcionada, tem tribuna com retábulo de boa talha dourada, e no meio dele no arco que quotidianamente tapa a tribuna, se vê um painel de admirável pintura em que se representam os desposórios do Bem-aventurado S. Julião: o teto desta Capela é de abóbada, em o qual estão divinamente pintados vários emblemas do soberano e Eucarístico mistério. Tem as paredes azulejadas, e toda esta Capela é muito alegre. O coro fica por detrás da tribuna. Há nesta Igreja uma só Confraria, que é do SANTÍSSIMO SACRAMENTO, para a qual deixou renda das suas fazendas um Prior, que foi da mesma Paróquia chamado Gregório Roque de Almeida: e tem esta freguesia cem vizinhos.

CAPÍTULO XV.

Dá-se notícia da Igreja de S. Lourenço desta Vila de Santarém.

Fica esta Igreja do glorioso Mártir S. Lourenço, situada no fim da Vila, entre o Sul, e o Nordeste, em um bairro a que chamam Pereiro, de cujo nome, quando adiante falarmos do Convento de S. João da Província da Arrábida, diremos a sua etimologia. É Priorado da Mitra da Diocese Oriental, que se leva por concurso quando vaga por morte do Páraco. Tem dezasseis vizinhos fregueses; rende um ano por outro quatrocentos mil réis, e não tem Beneficiados, mas antigamente os teve sendo Colegiada, em cujo tempo era o seu limite no campo da Chamusca donde chamam Tavares, Tavarinhos e Montijo: e consta da sentença dada por D. Estevão de Aguiar, D. Abade, que era do Real Convento de Alcobaça, proferida no ano de 1442. no seu Hospício de Lisboa, e no bairro de Xabregas; qual Hospício está hoje convertido no famoso Convento dos Cónegos da minha sagrada Congregação de S. João Evangelista, por data da Sereníssima Rainha D. Isabel mulher d'El-Rei D. Afonso V., sendo a mercê declarada a dezoito do mês de dezembro no ano de 1455. e depois da Rainha ser já defunta, confirmou tudo El-Rei seu marido com o Breve que alcançou do Papa Pio II. que começa: *Inter caetera desiderabilia cordis nostri*, passado a nove de março de 1461. Mas tornando ao nosso intento, quando o dito D. Estevão de Aguiar deu a referida sentença, mandou partir os dízimos entre a mencionada Igreja, e a de Ulme, porque ainda não havia Igreja da Chamusca. Esta é a notícia que por agora se nos oferece dar da antiguidade da Igreja de S. Lourenço desta Vila, pois não achamos para isto outras memórias em Cartório, ou em escritura alguma. A Igreja é de uma nave, tem a sua porta principal fronteira ao Poente, é menos de mediana grandeza; tem só três Altares com o da Capela-mor. No distrito desta freguesia se vê fundado um Convento de Padres Arrábidos, que tem a invocação de S. João do Pereiro, e uma Ermida anexa, com o título de N. Senhora Madre de Deus, que o vulgo comummente chama N. Senhora de Valada. Mas primeiro faremos aqui memória da fundação do dito Convento, e depois em capítulos apartados diremos o mais que pertence a este distrito.

CAPÍTULO XVI.

Mostra-se qual foi o motivo que houve para se fundar o Convento de S. João do Pereiro, que os Padres Arrábidos possuem nesta Vila de Santarém.

Junto à Igreja de S. Lourenço, a qual é Paróquia, para a parte do Nordeste, no bairro do Pereiro, tinham os Duques da sereníssima Casa de Bragança os seus Paços em que moravam quando os Reis de Portugal viviam nesta Vila com a sua Corte de assistência; e porque daqui mudaram os nossos Reis a Corte para Lisboa, retiraram-se os ditos Duques para Vila Viçosa aonde viveram dilatados anos: e como a este seu Paço de Santarém lhe faltou a assistência de seus donos, foram ficando as casas sujeitas às inclemências do tempo, o qual vendo-se sem impedimento à sua jurisdição, as foi destruindo em tal forma, que só ficou reservada uma cisterna, que ainda hoje existe dentro do Convento, que depois ali se fundou, e umas poucas de paredes todas arruinadas, ficando a este lugar somente o nome do chão da Armaria.

Neste tempo em que corria o ano de 1588. vivia D. João de Lencastre, que foi segundo filho de D. Luís de Lencastre Comendador-mor de Avis, terceiro filho do Mestre D. Jorge; o qual D. João pelos seus muitos serviços alcançou ser Comendador da grandiosa comenda de Coruche, e juntamente ser Alferes-mor do Mestrado de Avis, cuja comenda hoje a logra D. Rodrigo de Lencastre terceiro neto do dito D. João, ainda que dependente de nova mercê d'El-Rei D. João o V., que Deus guarde para exemplo de perfeitos Monarcas.

Chegou tempo em que se viu D. João de Lencastre, cativo de Mouros em África, e com o desejo que tinha de se ver livre do cativeiro em que estava, fez voto a Deus, que se daquele jugo o livrasse, prometia fundar em Santarém aos Padres Arrábidos um Convento dedicado a S. João Baptista. De Deus conseguiu D. João o despacho da sua súplica; e para pôr em execução o voto, procurou logo ao Provincial daquela veneranda, e exemplar Província, que era naquele tempo o Reverendíssimo Padre Fr. *João das Chagas*. Muito estimou o Provincial a oferta, porque desejava ver a sua Província mais numerosa em Conventos; começaram logo sem deixar passar mais tempo, a conferir entre ambos em que sítio da Vila podia fazer a fundação do Convento, e acharam que entre todos o mais agradável era o do Pereiro, por ser mais retirado da confusão do Povo, e ter a deliciosa vista do Tejo, que lhe fica ao pé com os seus campos: mas primeiro que prossigamos a operação do Convento, faremos de passagem memória (conforme a tradição que há) do motivo que houve para se dar a este sítio o nome do Pereiro.

Deste referido lugar em que vamos dando princípio à fundação do Convento de S. João do Pereiro, sabemos por tradições bem recebidas, e escrituras autênticas, que neste mesmo sítio, e nas casas que já dissemos, havia antigamente uma quinta em que morava a Senhora Dona Brites Pereira filha única, e herdeira de seu Pai o famoso D. Nuno Álvares Pereira. Esta Senhora foi a que deu princípio à Casa de Bragança, depois de casada com o Sereníssimo Infante D. Afonso Conde de Barcelos, e de Arraiolos, primeiro Duque de Bragança, e filho do Senhor Rei D. João deste nome o primeiro; e por assistirem ali estes Senhores, e se lhe fazer o apelido tão celebrado pela grandeza das pessoas, se corrompeu no discurso dos tempos o nome de Pereira, chamando o vulgo àquele monte o Pereiro,

por ser propriedade da grande família daquela Real Casa. Tendo assentado D. João de Lencastre, e o Provincial em ser aquele sítio do Pereiro o mais conveniente para a dita fundação, era necessário primeiro que tudo, licença do Duque, correu o solicitá-la por conta do Provincial. Neste tempo era Duque VII. desta Real Casa de Bragança D. Teodósio II. do nome, filho da Senhora D. Catarina, e Pai do Sereníssimo Rei de Portugal D. João o IV; o qual Senhor logo que se lhe representou a súplica mostrou com grande vontade conceder o despacho. Recebeu-o vocalmente o Provincial, julgando, que bastava saber medir a grandeza da Pessoa pela benignidade, e prontidão com que de palavra concedera o lugar para um tão bom fim, como era o que lhe propôs, sem mais outra diligência; mandou logo o fundador abrir os alicerces, e principiando pela Igreja, lançou nela a primeira pedra a treze de janeiro ano de 1590, como assim o infere o douto Cronista da mesma Província o Padre Mestre Fr. *António da Piedade* no seu Espelho de Penitência (ainda que com alguma dúvida nesta conta dos anos.) Foi-se começando a trabalhar na obra com grande ânsia; porém como a mente do Duque era ser Padroeiro do Convento, que por este motivo deu o chão com grande gosto, e porque soube, que se andava já fabricando o edifício sem lhe falarem mais em tal matéria, e sem Provisão sua passada com as circunstâncias necessárias, estranhou o fato com demonstrações de razoada queixa, que foi motivo de se suspenderem as operações de toda a obra. Caiu o Provincial no seu descuido, e sentindo não ter expressado ao Duque tudo o que na verdade havia, o foi informar de quem era o Padroeiro, o qual concorria com o dispêndio como fundador. Dizendo-lhe juntamente, que se sua Excelência tinha o gosto de ser Padroeiro, em reconhecimento da honra, que quisesse fazer a Província, a Mesa da Definição lhe daria logo patente em que expressasse os privilégios, que se costumavam conceder aos Padroeiros, para ele, e todos os seus sucessores. Nestas dúvidas se passaram dois anos, e vendo o Provincial pouca resolução no Duque para conseguir o seu projeto, tratou de se valer da Senhora D. Catarina para fazer com seu filho quisesse aceitar a dita patente, e lhe concedesse a doação pretendida. Por este caminho tudo se alcançou com facilidade, como se pode ver da seguinte carta, que a dita Senhora lhe mandou em resposta, a qual aqui vai tresladada assim como está no Cartório da mesma Província.

Muito Reverendo Padre. Recebi a vossa carta, e Patente, que estes Religiosos com ela me deram; e por a devoção, que eu, e o Senhor Duque meu Filho temos à vossa Província, houve ele por bem de vos fazer doação daquele chão, e mandar passar dela a carta, que levam os mesmos Religiosos na forma em que a pedis: e sempre folgaremos de se oferecerem muitas coisas de vossa consolação, e que vo-la possamos dar; e temos por certo, que vos lembrareis de nós em vossas orações, e sacrifícios. De Vila Viçosa a vinte e dois de janeiro de mil e quinhentos e noventa e dois. Catarina.

Com esta carta da Senhora D. Catarina ficou o Provincial muito alegre, e não menos os seus Religiosos, por verem a grande devoção que esta Senhora tinha ao seu hábito, ficando juntamente certos na benignidade do Duque para com eles, pela seguinte carta de doação que aqui também fielmente tresladamos.

Dom Teodósio Duque de Bragança, e de Barcelos &c. Faço saber aos que esta minha carta virem que pela devoção que tenho à Ordem do Bem-aventurado S. Francisco, e em especial à Província dos Capuchos da Arrábida: Hei por bem, e me praz fazer-lhes doação do meu chão da Armaria, que tenho na Vila de Santarém, para que nele possam fazer, e fundar um Mosteiro da dita Província, e viver nele para sempre. E esta doação faço confiado, que os Religiosos, que forem moradores no dito Mosteiro, e os mais da dita Província me encomendarão sempre, e a meus sucessores a Deus nosso

Senhor em seus sacrifícios, e orações. E por firmeza do que dito é, lhes mandei dar esta carta assinada, e selada com o selo de minhas Armas. Simão Pinheiro a fez em Vila Viçosa, a vinte e um de janeiro. Ano do Nascimento de N. Senhor JESUS Cristo de mil e quinhentos e noventa e dois. Eu Rodrigo Rodrigues a fiz escrever.

Por esta carta de doação se pode inferir, que o Duque ficaria satisfeito com a Patente em que lhe davam os privilégios de Padroeiro, e assim todos ficaram sossegados. Logo se foi continuando a obra com sumo gosto, e fervor, porque era grande a vontade com que D. João de Lencastre como principal Padroeiro, e fundador, queria fazer o Convento, e ver completo o seu desejo. Assistia este Senhor por aquele tempo na sua comenda de Coruche, e dali repetidas vezes vinha a Santarem ver as obras em que estado iam, as quais com a sua continuada assistência, e aplicação, em breves tempos as viu acabadas. Era traçado o Convento em dois dormitórios no pavimento do claustro, e outro mais alto no andar do coro, no fim do qual mandou o Padroeiro fazer duas casas para que quando viesse a Santarém assistisse ali na companhia daqueles bons Religiosos, e também mandou fabricar na parede da Igreja em um lado da Capela-mor, uma tribuna pequena para dela ouvir Missa, a qual ainda hoje existe na mesma forma. Com esta formalidade se conservou o Convento bastantes anos; porém o rigor dos tempos, (que tudo destrói) chegando o ano de 1699. padeceu grandes ruínas, que fazendo-se inútil já o reparo dos muitos que até ali lhe tinham feito, com as esmolas dos devotos da Vila, fez-se preciso reedificá-lo todo do seu fundamento, antes que o ameaço das ruínas fizesse maior estrago. Por este tempo era Provincial o Padre Pregador Frei Sebastião de Santo António, o qual para reedificar, ou fazer de novo o Convento agenciou algum dinheiro das esmolas da Província, e com elas deu calor a que se principiasse *à fundamentis*, outro Mosteiro; e derrubando-se o antigo que até ali existia todo arruinado, se lançou a primeira pedra a sete do mês de maio do referido ano. Levantaram-se todos os dormitórios no andar do coro; e com tal fervor se trabalhou em tudo, que dentro em três anos ficou acabado, e tão avantajado ao outro que de antes era, que logo teve capacidade para ter estudos com Colegiais, e Mestres, o que foi concedido por estatuto da definição da mesma Província, sendo nos anos antes casa de Noviciado. É sem dúvida, que para se ver completamente acabado o edifício com tanta brevidade, foi muita parte dele feito com as esmolas dos moradores da Vila, concorrendo os mais nobres, e ricos com dinheiro, e madeiras que lhe mandavam das suas fazendas, e os oficiais, que muitos deles trabalhavam sem levarem estipêndios dos seus jornais; os senhores do Senado dando ampla licença para que se tirasse a pedra de todos aqueles lugares que tocavam à sua jurisdição, ficando este Convento sendo um dos melhores, que tem toda a Província da Arrábida.

A Igreja que hoje existe é a mesma da sua primeira fundação, porque não ficou ofendida das antigas ruínas, que padeceu o Convento, e está agora por dentro com grande realce no seu ornato, com tribuna na Capela-mor, e retábulos nos Colaterais, todos de boa talha dourada, e tudo feito à custa da devoção do Padre Manuel dos Santos natural desta Vila, e Beneficiado que foi na Igreja do santíssimo Milagre; o qual se empregava com tanto zelo no culto Divino, que só por ser benefício dedicado a Deus despendeu ali do seu bolsinho com pródiga, e santa liberalidade avultada porção de dinheiro, fazendo no sacrifício deste dispêndio por ganhar à Majestade do Céu, o lucro da sua Divina vontade. Na boca da tribuna da Capela-mor, se vê um painel que representa em admirável pintura, o misterioso passo do Jordão quando Cristo se quis batizar pela mão do Precursor. Os dois altares Colaterais, (que não tem a Igreja outros) também em cada um deles se vê terem prodigiosas pinturas; o que está da parte do Evangelho é superior aos mais, e mostra ser obrado pela mão mais engenhosa que pode dar de si a Arte da pintura; em o qual

painel se vê o Nascimento do Salvador do mundo no Presépio, com circunstâncias tão naturais, em cores tão subidas, e próprias, que com facilidade se não achará coisa melhor. No altar Colateral em correspondência, está outro painel também de boa pintura em que se representa a Virgem nossa Senhora com o Menino JESUS seu filho, e Santo António de joelhos querendo receber o Menino dos braços da mesma Senhora. A Igreja é pequena, porém ornada com todo o asseio.

Logra este Convento grande, e dilatada cerca; logo ao sair do claustro, no mesmo pavimento em terrapleno igual é cultivado de horta, mas padece a hostilidade do Verão porque não tem água nativa. Deste terrapleno da horta se segue para a parte do Norte (dentro dos mesmos muros que tudo é em encerramento) uma eminente concavidade a qual vai ter ao profundo de um vale que encaminha a sua vereda ao lugar de Alfange; ali dentro desta dita cerca, é tradição proferida pelos curiosos das antiguidades, que no mais baixo daquele sítio aonde está uma pequena fonte, entre a espessura de embrenhados bosques, era o bruto palácio do Infante Abidis, fundador desta terra, quando nos seus primeiros anos foi criado aos peitos da uma agreste Cerva, ou Corça, depois que as águas do Rio Tejo o lançaram em terra: e não fica desproporcionada a tradição, por ficar este sítio junto daquele Rio, e verem-se antigamente no circuito da mencionada fonte grandes, e subterrâneas covas, pois se assenta que nelas vivia, e para elas se retirava fugindo dos homens. Hoje se vê essa cerca cultivada de muitas árvores silvestres, e frutíferas, fazendo tudo um ameno, e dilatado bosque de frondoso arvoredo, em que continuamente se ouvem as sonoras músicas nos acordes gorjeios das aves, ao compasso do murmúrio do correr da fonte. O claustro que este Convento tem é pequeno porque a Constituição desta Província pela sua reforma lhe não admite fazerem obras com grandiosas larguezas, porém é alegre, e proporcionado à grandeza do Mosteiro: nele se sepultam os Religiosos que morrem na Enfermaria que tem no Hospital de JESUS Cristo desta Vila: e de como lhe foi dada aos Padres desta Província explicará o seguinte Capítulo.

CAPÍTULO XVII.

Dá-se notícia da Enfermaria que os Padres Arrábidos têm no Hospital de JESUS Cristo desta Vila de Santarém, e de algumas circunstâncias, que lhe competem.

Este Hospital de JESUS, fundado nesta Vila pelo seu natural João Afonso (de cuja ereção já fizemos memória com bastante individuação, quando acima falamos da freguesia de S. Nicolau), têm os Padres Arrábidos uma formosa Enfermaria. E porque antes que a tivessem padeciam com a sua santa pobreza, muitos incómodos perigando muitas vezes as suas vidas, vindo os Padres moradores em Valdefigueira curar-se a este Hospital, sem terem mais abrigo, que a assistência, que os enfermeiros faziam à comum pobreza que a pura necessidade ali trazia. Desta indecência teve cabal notícia El-Rei D. Sebastião, e como era naturalmente inclinado ao hábito do Bem-aventurado S. Francisco, prometeu aos Padres desta Província mandar-lhe fazer no dito Hospital particular Enfermaria para nela se curarem com mais decente comodidade. Ordenando que fosse dentro no mesmo encerramento do Hospital; porém separada de outra que no mesmo tempo mandava fazer aos Padres da Província, que o vulgo chama os *Capuchos de Santo António do Curral*, que juntamente lograram esta real liberalidade; o que tudo se acabou no ano de 1570, tempo em que a mesma Majestade mandou aos Padres Arrábidos de Valdefigueira entregar as chaves da sua Enfermaria, e passar-lhe provisão para nela se curarem todos os seus Frades que viessem enfermos, e que desde então se daria ração ao Frade enfermeiro que deles tratasse, a qual mandou logo o Provedor (que naquela ocasião era Fernão Teles, fidalgo da ilustre casa de Unhão) registar no livro dos assentos do Hospital, para que se executasse com prontidão o régio mandato; no ano de 1587, governando este Reino os Reis de Castela, ordenou por provisão sua Filipe II, que também se desse ração ao companheiro do enfermeiro. Concorrem a esta Enfermaria para se curarem (além dos Frades que são moradores neste Convento do Pereiro) os de Valdefigueira, e os de Salvaterra; e antigamente também se vinham aqui curar os de Torres Novas, de Alcobaça, e de Óbidos; porém estes três últimos por terem já lá as suas Enfermarias em que se acomodam, e serem os caminhos dilatados, não necessitam hoje deste remédio.

Pelo fim dos anos de 1603 intentou a Mesa da Misericórdia desta Vila, que as três Enfermarias de Religiosos que há neste Hospital (entrando nesta conta a dos Padres terceiros) se reduzissem a uma só, em a qual juntamente todos se curassem com um enfermeiro; com efeito representaram os Irmãos da Misericórdia este seu intento a El-Rei Filipe III, para que isto concedesse por sua Provisão, e sendo informado pelo Doutor Inácio Ferreira, Deputado da Mesa da Consciência, ordenou o dito Senhor, que as três Enfermarias se juntassem em uma: porém frustradas foram as diligências, porque quando a ordem chegou a este Reino, corria outra vez a administração do Hospital por conta dos Cónegos de S. João Evangelista; os quais vendo a injustiça que estava urdida contra os filhos de S. Francisco, porque eles se não têm nada, quer Deus que tudo seja seu. Julgaram por esta razão os repostos administradores, que se não devia inovar coisa alguma, e muito menos naquela, que era obra de tanta caridade, seria fazer o contrário, o que não quer a vontade Divina. E assim perseveram até hoje as três Enfermarias divididas com seus enfermeiros Religiosos de cada uma das três Províncias.

CAPÍTULO XVIII.

Dá-se notícia da Ermida de Nossa Senhora Madre de Deus, que existe, e é anexa à Igreja Paroquial de S. Lourenço, e de um Hospital que havia junto à mesma Ermida.

No distrito desta freguesia de S. Lourenço em que vamos, existe uma perfeita Ermida sobre a porta que o vulgo chama de Valada, que é uma das principais que fechavam os muros desta Vila de Santarém, sita da Vila para a parte do Sul, anexa a esta dita freguesia; em cuja Ermida se vê colocada uma devotíssima Imagem de N. Senhora com a invocação da Madre de Deus. A razão que podemos dar no que toca a se dar a esta porta o título de Valada, é que nos parece ser tomado pelo motivo de estar situada no princípio da calçada que vai ter à vala, que impede no tempo do inverno não alagarem as cheias do rio Tejo as terras que estão no distrito daquele campo, para assim se repararem do dano que lhe pode fazer a grande cópia das águas: porém não me parece a mim ser este o principal motivo de se dar a esta porta este nome, e só entendo, que como dali começa a estrada que vai direita por linha reta à celebrada povoação de Valada, a qual é um lugar com sua freguesia, que sempre teve este nome, cuja Igreja tem o título de N. Senhora do Ó, ficando em distância de Santarém três léguas; daqui infiro que com melhor fundamento se tem dado a esta porta o sobredito título da porta de Valada; pois vemos, que a muitas portas de Vilas, e Cidades deste Reino, se usa falar por este termo, como assim; nesta Vila a porta que ficava no princípio da estrada que se encaminha para Leiria, chamavam a porta de Leiria: na Cidade de Évora a porta que fica no princípio da estrada que vai para Avis, a nomeiam pela porta de Avis: e por conseguinte em outras terras que têm mais de uma porta, nelas se fala por este modo, e com esta distinção.

Nesta Ermida pois, é venerada a soberana Mãe de Deus; cuja Imagem (que mostra ser antiquíssima) não há notícia certa de quando ali se colocou, mais que uma corrente tradição de que quando os nossos Reis antigos assistiam de morada nesta Vila (principalmente o invicto D. Afonso Henriques) dedicaram esta Vila à Rainha do Céu, para a constituírem Senhora de toda ela; pois sempre a invocavam para lhe valer nos combates dos inimigos; e depois das vitórias alcançadas, colocaram as suas Imagens sobre as portas das muralhas, como as vemos nas mais, para sempre nos defenderem, e serem vigilantes sentinelas, com diferentes títulos de suas invocações. A esta Senhora concorre muita gente desta Vila com grande devoção pelas maravilhas que obra em seus devotos. Observa-se nesta soberana Imagem ter o rosto formosíssimo, é de vestir, tem cinco palmos de altura, e com o Menino JESUS seu filho sobre o braço esquerdo. Esta Ermida tem um Ermitão posto ali pelo Prior de S. Lourenço, que serve nela de tudo o que é necessário. A casa em que está o Altar da Senhora, é formosa, ornada com boas pinturas, com uma grande janela defronte do Altar que olha para a parte do Norte sobre a calçada. Para se entrar nesta Ermida se sobe primeiro por uma grande escada com seu parapeito em cima; e logo ao entrar para dentro (que tudo faz corpo de Igreja) está um arco de pedraria que a divide em duas partes, obrado por tal traça, que sendo enviesado, está com tanta firmeza nas pedras que vão ao viés engrazadas, que é sem dúvida, não será fácil fazer-se outro como ele, sem se examinar primeiro bem, e com muito sentido a particular arte com que está feito.

Bastantes notícias temos, de que neste mesmo sítio estava fundado um pequeno Hospital, com uma Ermida: mas que fosse esta da Senhora Madre de Deus, não nos chegou ainda com certeza a notícia, mas pode ser que fosse a mesma deste dito Hospital, que ainda que não pareça hoje ser obra tão antiga, é porque se tem renovado pela danificação que antigamente lhe fez a contínua oposição dos tempos. Consta-nos com bastante certeza, que no tempo em que o nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques lançou fora desta Vila à força de armas os Mouros, encomendou a defesa da mencionada porta de Valada ao famoso Capitão Português, chamado Pedro Escuro. E tendo ele ali uma grande pendência com um valoroso Mouro, que para salvar a vida ia saindo por aquela porta, e estando já fora dela, disse para o Português ameaçando-o, que havia de tornar outra vez ali a experimentar as forças com ele. Pedro Escuro lhe respondeu com estas formais palavras, (que era o Português que se falava naquele tempo:) *Hiredes, e wiredes, e aqui me acharedes ou morto ou vivo*. E porque o Mouro não tornou até que Pedro Escuro morreu, deixou este valoroso Português no seu testamento, que o enterrassem naquele mesmo lugar, para que de nenhum modo faltasse à sua palavra; e neste sítio tinha já mandado fazer uma Ermida, e um Hospital com nove camas para se curarem doentes necessitados com bastante renda para isso aplicada: a cujo Hospital chamavam antigamente do *Reclamador*, e do *Palmeiro*.

A origem, e princípio donde lhe nasceram estes vocábulos, muita gente o ignora, dando-lhe várias significações; porém as que mais adequadas me parecem são as seguintes. Digo que *Reclamador* (no caso sucedido) se deve entender pela forçosa resistência que aquele famosíssimo herói Português fez ao Mouro, em lhe reclamar, ou contrariar o seu ameaço, porque do verbo *Reclamo*, se entende esta significação ao pé da letra: e quanto à palavra *Palmeiro*, é corrupção do nome Latino *Palmarium*, que significa ficar o vencedor com o prémio da vitória, como sucedeu ali naquela porta a Pedro Escuro com o dito Mouro; e porque este fidalgo obrou estas generosas ações no fim da sua vida, mereceu depois de morto lograr por aclamações da mesma fama, epítetos tão honrados. E como depois, passados séculos, reinou em Portugal o felicíssimo Rei D. Manuel, em cujo tempo se mudaram todos os Hospitais desta Vila, com todas as suas rendas para o de JESUS Cristo, por Breve de Inocêncio VIII, este dito Rei mandou trasladar os ossos de Pedro Escuro, da Ermida da porta de Valada, onde jazia enterrado, para a Igreja do Hospital de JESUS, aonde lhe mandou fazer Capela própria, e gravar na sepultura a inscrição que já fica escrita no Capítulo onze, em que falamos do grande Hospital desta Vila, no distrito da freguesia de S. Nicolau: ação digna de muito louvor, por se não perder a memória de um esforçado Cavaleiro, que tanto defendeu a sua pátria, pela honra de Deus, e do seu Rei. Sendo juntamente, tão pio, e caritativo, que a sua fazenda despendeu para sempre se curarem pobres enfermos.

CAPÍTULO XIX.

Descrevem-se as notícias da Igreja de Santiago, que é uma das Freguesias desta Vila de Santarém.

Neste Capítulo daremos a ler em breves períodos (por obrigação do nosso geral assunto) as notícias que temos da antiga Igreja do glorioso Patrão das Espanhas, Santiago o maior que existe nesta Vila de Santarém. Tem o seu assento em um sítio que fica ao pé de uma eminente calçada, à qual dá o vulgo o título do nome deste Santo, e corre da muralha da Vila para a parte do Nascente. Confina esta Freguesia com a de Santa Iria que se lhe segue logo mais abaixo no andar da ribeira: e ainda que está situada no centro da Diocese Oriental de Lisboa, é independente da sua jurisdição, e só pertence ao domínio de Prelazia de Tomar, não somente a Igreja, mas ainda todos os fregueses, que habitam o limite, e distrito da freguesia: é o número de fregueses ao tempo em que estamos, cento e vinte e quatro pessoas, repartidas em trinta e nove fogos. A Igreja é de mediana estatura, e de uma só nave. Tem só três Altares que é um deles o da Capela-mor, e os dois Colaterais; no Altar-mor estão colocadas estas imagens, Santiago que se festeja como Orago da casa a vinte e cinco de julho; Santo António, e S. Caetano. O Colateral que fica da parte do Evangelho é dedicado a *JESUS, MARIA, José*; e o da parte da Epístola à Virgem Mártir, e prodigiosa doutora Santa Catarina, e não tem Irmandade alguma. O Pároco desta freguesia se intitulava antigamente Prior, e cobrava todos os dízimos até o ano de 1585. e hoje se intitula Vigário pelas razões que adiante diremos, depois que os dízimos da Igreja se reduziram à comenda da Ordem de Cristo; qual Pároco é hoje apresentado por El-Rei N. Senhor, como grão-Mestre da dita Ordem, sendo por consulta da Mesa da Consciência, cuja Vigairaria rende um ano por outro, cento e trinta mil réis. Tem cinco Beneficiados colados da mesma Ordem de Cristo, que também são da apresentação do mesmo Senhor; porém os Benefícios são simples, por cuja causa os não servem os proprietários, mas põem ali Icónimos que rezam no Coro, e administram os Ofícios Divinos.

O último Prior que houve nesta Igreja, foi Frei Diogo do Rego, Religioso de muitas virtudes, D. Prior que já tinha sido do Real Convento de Tomar; os quais acabando no dito Convento o triénio da Prelazia, vinham ser Priores desta Igreja de Santiago: mas foi este último, porque El-Rei D. João o III. nesse tempo fez troca com os Padres do dito Convento de Cristo, e lhe deu a comenda da Cardiga que vagou por falecimento de Frei Nuno Furtado, pela comenda desta Igreja de Santiago; e logo fez mercê dela a Frei André Teles fidalgo de sua casa; cuja comenda é hoje do comendador o Monteiro-mor do Reino. E porque no Cartório desta mesma Paróquia achamos esta clareza toda, lançaremos aqui os traslados de dois Alvarás em que El-Rei D. Sebastião, e seu Avô D. João o III. declaram as mercês que da dita comenda fizeram, cujos traslados são os seguintes.

O Alvará d'El-Rei D. Sebastião diz: *D. Sebastião por graça de Deus Rei de Portugal &c. Como Governador, e perpétuo administrador que sou da Ordem, e Cavalaria do Mestrado de N. Senhor JESUS Cristo, faço saber aos que esta minha carta virem, que André Teles de Menezes, que Deus haja, foi Comendador da comenda da Igreja de Santiago da Vila de Santarém, da qual El-Rei meu Senhor, e Avô que Santa glória haja, fez mercê por uma sua carta por ele assinada, e passada pela Chancelaria da dita Ordem de que o traslado é o seguinte:*

D. João por graça de Deus Rei de Portugal &c. Como Governador, e perpétuo administrador que sou da Ordem e Cavalaria do Mestrado de N. Senhor JESUS Cristo, faço saber a quantos esta carta virem que quando mandei reformar o Convento de Tomar da dita Ordem passei uma minha Provisão, porque me aprouve que por falecimento de Frei Diogo do Rego, que foi D. Prior do dito Convento, e Prior da Igreja de Santiago de Santarém, que é da dita Ordem, e da apresentação dos Mestres, e Governadores dela ficasse a dita Igreja ao dito Convento, e houvesse as rendas dela para ajuda da mantença da Comunidade, e vagando a dita Igreja por seu falecimento o dito Convento tomava posse dela, por virtude da dita Provisão. E sendo vaga a comenda da Cardiga por falecimento de Frei Nuno Furtado, que dela foi último Comendador; e vendo eu que por a dita comenda estar tão perto do dito Convento, e lhe ser muito necessária para sua granjaria, e ter disposição para nela trazer todo o gado para mantimento da casa, houve por bem fazer escambo com o Prior, e Freires do dito Convento para lhe ficar a dita comenda da Cardiga: e a da Igreja de Santiago ficar à Ordem para eu dela poder prover em comenda em um Cavaleiro dela, e se fez disso contratos por bem do qual o dito Prior, e Freires renunciaram a dita Igreja de Santiago pela qual renunciação ficou vaga, e se tomou a posse dela por parte da Ordem, e mandei passar Provisão da dita comenda da Cardiga ao Convento; e havendo eu respeito aos serviços que Frei André Teles fidalgo da minha casa, Cavaleiro professo da dita Ordem, a ela, e a mim tem feito, e aos que espero ao diante faça, e por folgar de lhe fazer mercê, tenho por bem, e lhe faço mercê da comenda da dita Igreja de Santiago para ele a ter, e possuir, e haver, e arrecadar as rendas dela, assim, e da maneira que se arrecadavam quando era Priorado, e como diretamente lhe pertencerem; e será obrigado pagar em cada um ano ao Vigário da dita Igreja doze mil réis como é declarado no dito contrato que se fez entre a Ordem, e o Convento. E ele deixou as duas comendas de S. Gião de Cambra, e Santa Maria da Ventosa que tinha que são das cinquenta comendas das Igrejas de meu Padroado para eu delas prover a quem houver por bem; notifico-o assim ao Contador do Mestrado, e a quaisquer outros oficiais da dita ordem, e pessoas a que esta carta for mostrada, e o conhecimento dela, e pertencer: e mando ao dito Contador que dê posse da dita comenda ao dito Frei André Teles, segundo a forma da definição de seu regimento. Francisco Pires a fez em Évora a vinte e seis dias de agosto, ano do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Cristo de 1537. E eu Jorge Rodrigues a subscrevi.

Acha-se mais no dito Cartório desta Igreja de Santiago, outro Alvará do mesmo Rei D. João o III. em que fez mercê ao filho legítimo mais velho de André Teles de Meneses Rui Teles da Silva passado em Lisboa aos cinco dias de dezembro de 1538. a qual comenda ficou logo possuindo por falecimento de seu Pai.

Da antiguidade desta Igreja, não podemos achar tempo certo, nem o ano em que foi ereta; porém sabemos por boas conjeturas, e por documentos do Cartório da mesma Igreja, que foi fundada no tempo do nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, porque até lá achamos memórias de que foi sempre Paróquia; sendo primeiramente dos Cavaleiros da Ordem do Templo de Jerusalém, chamados os Templários; o que se justifica por uma carta de confirmação que ali existe lançada em pergaminho com letra antiga, e Português daqueles anos, e o primeiro Alvará é uma carta de confirmação d'El-Rei D. Dinis que ratifica a observância dos privilégios concedidos à ordem dos Cavaleiros do Templo, feita em o mês de maio de 1323. E por estas notícias devemos entender que esta Igreja no seu princípio foi cousa dos Templários, e que seria fundada no tempo d'El-Rei D. Afonso Henriques; e já de então ficaria isenta do Bispado de Lisboa, quando o Bispo D. Gilberto

tirou (por sentença dada em Roma) as mais Igrejas de Santarém aos Templários, como já fica dito no Capítulo oitavo do primeiro livro desta História.

O segundo Alvará é d'El-Rei D. Afonso V. em que confirma os privilégios dados à Ordem de Cristo, em cuja confirmação também faz memória da mencionada Ordem do Templo possuindo os Templários esta Igreja; a qual carta foi passada nesta Vila de Santarém aos vinte e sete de fevereiro de 1449. sendo Regedor, e grão-Mestre da dita Ordem de Cristo o Infante D. Henrique Duque de Viseu, Senhor de Covilhã, Tio do dito Rei D. Afonso V., e filho quinto d'El-Rei D. João o I. que era Avô deste Rei D. Afonso. Cujos transuntos se acham no Arquivo desta Igreja de Santiago, os quais se lançaram sendo Prior da dita Igreja Frei Rodrigo, Freire da Ordem de Cristo, passados em pública forma por Diogo de Figueiredo Escrivão da Câmara d'El-Rei, e geral Notário em todos estes Reinos, escritos em pergaminho aos vinte e três de abril de 1474.

Na Capela-mor desta Igreja estão duas sepulturas, ambas metidas na parede da parte do Evangelho, cujo epitáfio da primeira diz assim: *Aqui jaz o Doutor Diogo do Rego do Desembargo d'El-Rei N. Senhor, e do seu Conselho, Dom Prior que foi do Convento de Tomar, e Prior desta Igreja finou a nove de maio de mil quinhentos, e trinta e seis anos.* Dentro nesta sepultura, que é de boa pedra muito bem lavrada, está inteiro, e incorrupto o cadáver do dito Frei Diogo do Rego (que fica neste Capítulo mencionado) porque há quarenta anos abrindo-se esta sua sepultura que foi preciso desmanchar-se para se assentar a tribuna da Capela-mor, se achou o corpo na forma referida; e ainda vivem pessoas que o viram, das quais é uma o Padre Martinho Coelho de Azambuja, e o Padre Martinho de Oliveira, ambos Beneficiados da dita Igreja, pessoas que são de muito crédito, e a mim mo certificaram em o ano de 1733.

A outra sepultura tem as seguintes letras: *A Sepultura desta Capela-mor é de António Dias Montalvo, Cavaleiro fidalgo da casa de Sua Majestade, e Seu Monteiro-mor desta Vila, e de sua mulher, e herdeiros: tem Missa quotidiana por suas almas para sempre, com mais uma cantada. Pede uma Ave MARIA pela sua alma, e da dita sua mulher Catarina Cardosa.* Para possuírem o jazigo desta Capela-mor estes ditos possuidores, foi-lhe dada licença por Provisão d'El-Rei Filipe IV. passada em Lisboa a 22. de janeiro de 1620.

No corpo desta Igreja se leem os Epitáfios seguintes: *Aqui jaz o Licenciado António Toscano Vigário que foi desta Igreja. Faleceu de noventa e nove anos. Sepultura dos Vigários João Lopes, e Francisco Lopes. Sepultura de Nicolau Pais, Escrivão do Almoxarifado, e Coutadas desta Vila, e de seus herdeiros. Sepultura do Padre João de Lemos Mascarenhas, que serviu esta Igreja trinta anos com satisfação, e seu Irmão Frei Amaro de Lemos Mascarenhas, indigno Sacerdote, pedem uma Ave MARIA &c. Ano de 1675.*

CAPÍTULO XX.

Das notícias da Igreja Paroquial de S. Iria desta Vila de Santarém se dá vida, e morte da mesma Santa.

No meio da grande, e dilatada povoação da Ribeira, em Santarém, está situada a famosa Igreja da gloriosa virgem, e mártir Santa Iria. É Templo tão antigo, que dele, e da Cristandade desta Vila, temos iguais notícias. Porém o ano, e o princípio da sua fundação é que se ignora, pelo pouco resguardo dos arquivos, e por alguns descuidos dos nossos antigos Escritores. Sem muita controvérsia se deve atribuir ser obra do piedoso Rei D. Afonso Henriques; pois é sabido, que depois que lançou fora desta terra os Mouros, fundou nela muitas Igrejas, e Ermidas, para que com estes escudos, se armasse, e fortalecesse contra os assaltos da barbaridade; sacrificando a Deus os próprios dispêndios, por vítima das felicidades que lhe concedia, nas perigosas empresas de que triunfava. E como já naquele tempo era esta Santa venerada dos Católicos, e se não ignorava que o seu precioso corpo tinha ali sepultura maravilhosa debaixo das águas do Tejo; bem se pode entender que quis o devotíssimo Rei, que naquele distrito permanecesse a memória de suas prodigiosas maravilhas; levantando-lhe suntuoso Templo, para ser abonado Colosso de sua gloriosa fama. E porque esta bem-aventurada Santa deu o nome a esta terra, de S. Irena se corrompeu o vocábulo em Santarém, e a devoção daquele povo a reconhece por sua Padroeira, é preciso nesta História, e neste Capítulo fazermos particular lembrança das suas heroicas virtudes: e depois relataremos as mais circunstâncias que pertencerem a esta Igreja.

As penas fizeram perdurável a lembrança da vida, e martírio de S. Iria; foram tão engenhosas no estilo, e tão bem aparadas na elegância, que com justificado motivo se deve esta nossa intimidar por impulsos atenciosos, de reverentes receios. Mas como nos vemos obrigados por parte da mesma Vila de quem é o assunto, a referir as heroicas, e santas ações da sua Padroeira, tanto a autorizou com o ilustre de seu nome; forçoso é que cedam os receios aos preceitos da História, e satisfaça constrangido o discurso, as obrigações do empenho.

Correndo, pois, os anos do Nascimento de Cristo, 653: florescia com opulência Nabância, populosa, e antiga Cidade da nossa Lusitânia. Reinava em toda Espanha Recesvinto, Rei Godo. Governava a Barca de S. Pedro em Roma, Martinho I. deste nome. A primazia dos Arcebispados em Braga, Potâmio. E no Oriente imperava Constante II. Perseverava neste tempo a famigerada Nabância junto aonde hoje existe uma grandiosa Vila na Província da Estremadura, distrito a quem sempre deram o nome de Tomar, cuja denominação lhe davam os Mouros por significar em linguagem Arábica águas claras, e doces, quais foram sempre as do seu rio Nabão, que lhe enlaça os pés com suas prateadas correntes. Porém quando só existia aquela Cidade que deu o nome ao rio, as mesmas águas dele lhe serviam de cristalina muralha pela parte ocidental: e deste lado se conserva a dita Vila, que por existir naquele sítio lhe renovou o vulgo o antigo título de Tomar; a qual foi fundada pelos Templários nos anos de 1153 depois que El-Rei D. Afonso Henriques tomou a nossa Vila de Santarém aos Mouros. Naquela antiga povoação de Nabância havia dois Conventos da Ordem do Patriarca S. Bento, fundados ambos por S. Frutuoso, Religioso que foi da mesma Ordem, e depois Arcebispo Primaz de Braga, nos anos de 640. Um destes Conventos, era de Religiosos aonde viviam santamente com o exemplo, e doutrina de seu Abade chamado Célio, tio da nossa Portuguesa Santa Iria; de

cujo Mosteiro temos a notícia com autoridade de graves Autores, que estava fundado no mesmo sítio em que hoje existe a Igreja principal daquela Vila com a invocação de N. Senhora dos Olivais a qual é a mesma no seu material que servia aos Religiosos de Igreja do Convento, e hoje naquele povo de Matriz. O outro Convento era de Freiras (ao modo daquele tempo); ambos estavam separados, como se está vendo na distância, e diferença dos seus sítios; pois o dos Religiosos estava situado junto a um pequeno ribeiro, o qual corria pelo dito antigo Convento, anexo à Igreja. O das Religiosas ficava quase sobre o rio Nabão, e estava no mesmo lugar aonde hoje se vê renovado, mas todo transformado no material dos edifícios, e no substancial da regra; porque aquelas guardavam a de S. Bento, estas a de S. Francisco.

Neste Convento resplandeciam duas irmãs, Casta, e Júlia com raro exemplo de santidade, ambas tias de Santa Iria, irmãs de seu pai, e ambas eram um perfeitíssimo, e claro espelho da mais observante vida religiosa. Na sua companhia, depositou o Céu a Iria, a instâncias da fé, contra a esperança da natureza, na flor de seus tenros anos; ao Divino Esposo dedicaram esta ditosa filha seus pais, Hermígio, e Eugénia, nobres pela natureza do sangue, ricos dos bens da fortuna, e muito mais bem-dotados das riquezas da graça; pois o seu viver pela união de consortes, tudo neles era tranquilidade pacífica, tudo temor de Deus como verdadeiros católicos. De tão boas árvores por consequência se segue, que se não podia esperar o fruto menos sublime; pois aos troncos são parecidos os frutos, e quanto aqueles são na qualidade de perfeita esfera, saem estes na suavidade perfeitíssimos. Nasceu Iria prodigiosa, como brilhante flor, destes ditosos troncos, e logo para Deus começou a ser fruto de suavíssimo cheiro nos progressos de suas heroicas virtudes. Nos primeiros anos de sua infância, lhe amanheceu tão antecipadamente luz do entendimento, que nas ações, e nas palavras, se portava com madureza de maiores anos. Desprezava os brincos da puerícia, por ter o espírito maior que a idade, sendo nos preceitos das tias oficiosa e diligente, com as religiosas humilde, e branda, e com todas as criaturas, modesta e reportada; fugia das que via menos quietas, temendo na fraqueza própria, a contingência do perigo, na alheia o impulso de errados exemplos. As coisas sagradas, e exercícios devotos, só eram o centro aonde a levava a sua natural inclinação, e como se não tivesse de menina, mais que a inocência, produzia na flor da idade, sazonados e copiosos frutos de virtude. Tanto lhe antecipava o Céu os favores na entrada da vida; porque tanto lhos havia merecer no discurso dela. Assim foi Iria crescendo nos anos, e juntamente no espírito de sacrificar seu coração a Deus.

Como eram todos bons os princípios, bem se podia esperar, em breve círculo de vida, compendiasse Iria muitos séculos de santidade. Persistia na oração, fecundando a alma com os influxos superiores da graça Divina; a cujas suavidades, elevava os afetos em amorosos desvelos, tendo por objeto suspirado, o amor do Divino esposo. Com fervor incrível se aplicou só para Deus, a amar, a servir, e a merecer: porque não lhe faziam embaraço as memórias do mundo, ao qual primeiro tinha desprezado, que conhecido. Ajudava a oração, com a mortificação: porque só entre estes espinhos se dava bem esta flor. Humilhava-se a todas as criaturas com o coração sincero, para que Deus lho colocasse nas sublimidades da Bem-aventurança; e tanto fazia por se ver isenta do mundo, que ele era o próprio objeto do seu desagrado, instando por se unir com seu Divino Esposo, pois era o anelado incentivo do seu amor. E porque antecipadamente tinha consagrado ao menino Deus no seu coração as finezas dos seus sacrifícios, daqui lhe procedeu negar-se a si mesma; porque como o amor em quem ama, tem força, e propensão para a causa própria, por desvanecer alguma simpatia que pudesse motivar-lhe agrados, converteu em aborrecimento a gentileza de sua pessoa, negando-lhe as vistas de quem a

quisesse julgar por extremo formosa. Tinha displicência de ser aplaudida por discreta, e especial sentimento da estimação popular; mais desejava viver em vitupérios, que triunfar com aplausos.

De tantas virtudes adornou o Céu Santa Iria, que com especialidade (devemos advertir) quis que fosse o mimo da natureza, desvelo da fortuna, e desempenho da soberana graça, porque nela admiravam todos com igual assombro, os realces da mais singular beleza, e a vivacidade do melhor engenho, tudo lhe compunha uma harmoniosa consonância de virtudes. Quando ainda começava a contar os tenros anos de sua primeira idade, já se manifestava perita em saber ler, e escrever; era o seu génio de tal qualidade, e tão propenso à lição dos livros sagrados, que pareceu conveniente sistema, procurar-lhe um Mestre douto para que com os lustres da doutrina fosse a sua erudição mais fundamental. Deste parecer foram as virtuosas tias da nossa Santa, o mesmo conceito formaram seus pais, alheios da perigosa guerra, que o inimigo comum das nossas almas costuma armar em semelhantes conjugações. Consultaram este projeto ao Abade do mencionado Convento, Célio, irmão de Eugénia, e tio de Santa Iria; com boa vontade estimou aquele desígnio o Santo Abade, e mais sabendo para este efeito pretendiam a um dos Monges de seu Mosteiro, chamado Remígio, a quem a fama de sábio, juntamente com a opinião de virtude exemplar, lhe tinham adquirido naquele povo não vulgares estimações.

Tomando à sua conta Remígio a nova discípula, por obediência de seu Prelado Célio, com boa vontade se ocupou em dar-lhe a doutrina que lhe foi encomendada. Não quis Iria deixar de obedecer a seus pais, e tias, em satisfação de suas amorosas finezas, pois sempre desejava fazer-lhes o gosto; e tal foi a ânsia com que se aplicou àquele exercício, que em breves dias era já tão sábia, que quem chegava a falar com ela, em várias coisas que carecessem de fina inteligência, não lhe ficava espírito que respirasse, sem assombro, e com razão se admiravam todos porque se as grandes admirações nascem de um parecido impossível, grande novidade era ver uma menina de tão pouca idade, cientificamente douta em todas as Escrituras, e admiravelmente versada nas doutrinas dos Doutores da Igreja, e documentos dos Santos Padres.

Não se sabia desta maravilha dentro do Mosteiro, mas também era divulgado por todo aquele povo; todos falavam uniformes nas pasmosas e singulares prendas de Iria, uns por veneração da pessoa, exagerando a virtude, outros louvando a agudeza do juízo, admiravam a ciência, e todos celebravam a formosura. Era neste tempo Governador de Nabância, e de toda a sua comarca o Conde Castinaldo, o qual tinha consigo um filho de florescentes anos, herdeiro de sua casa, chamado Britaldo; este ouvindo falar nas maravilhosas perfeições de que o Céu compôs tão rica joia da graça, com assombros da natureza; ansioso de a ver, andava buscando ocasiões de empregar a vista naquela formosura tão grandemente encarecida. E como aquelas religiosas donzelas viviam com estreito recolhimento, que não saíam da clausura mais que uma vez em cada um ano, na festa do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro, a fazer oração na sua Igreja, a qual estava junto ao palácio de Castinaldo, em cujo dia costumava Iria ir com as mais donzelas assistir na mesma Igreja, a fim de alcançarem muitas graças, que a Santa Sé Apostólica tinha concedido aos fiéis, que naquele próprio dia a visitassem. Chegado o referido dia, não faltou naquele Templo Britaldo; e empregando a vista na pasmosa formosura da Santa, justamente entendeu, que ainda era menor a fama, que a realidade, e muito maior a singularidade da gentileza, que todos os conceitos que nos discursos se faziam.

Livro II. Capítulo XX.

Desta vista que Britaldo teve de Santa Iria ficou reconcentrando no íntimo de seu coração um amor excessivamente incendido; e com este incentivo formado em multiplicados reflexos, aumentava-se com mais veemência nas impossibilidades, que se lhe representavam, de poder lograr a correspondência amorosa de Iria, tanto pelo estado, que ela elegera, como pelo desaire, que podia causar a esclarecida nobreza de seus pais, e autoridade de seu tio o Abade Célio. Nestas considerações andava o ansioso mancebo naufragando em um abismo de confusões; e não ousando a descobrir as chamas que ardiam em seu peito, faltando-lhe o arrimo de alguma esperança, caiu enfermo. Vacilantes andavam os Médicos nas ideias, sem nenhum lhe acertar com a cura, porque não sabiam a causa da enfermidade; (nem sabendo-a lhe poderiam dar remédio.) Bastante conhecimento tinha de tudo Santa Iria, a quem Deus o quis revelar, para que constante na pureza, valorosamente se armasse com o escudo da honestidade. Porém ilustrada com um impulso celestial, por atender ao próximo, e fazer obras de caridade em reverência de Deus, intentou dar-lhe remédio na forma seguinte: encomendou-se ao mesmo Senhor com fervorosa oração, tomou a bênção da sua Prelada; e encaminhou os passos a casa do Conde Governador, em companhia de outras santas companheiras. Visitou ao enfermo Britaldo; e depois de lhe expor com locuções cortesãs as saudações respeitosas, lhe foi insinuando os verdadeiros remédios que a qualquer achaque são eficazes defensivos, contra os enganos do mundo, os desenganos da vida, para com eles se triunfar das suas inconstantes vaidades; porque estas por dissolutas, são as que geram nos corações os distraídos pensamentos, com que se perde a graça Divina, dizendo-lhe com elegante ternura, que estes eram os achaques da alma, que primeiro se deviam curar. E chegando-se a ele com ásperas, e secretas vozes (sem que fossem de outrem ouvidas) lhe descobriu o motivo da sua enfermidade: repreendeu-lhe a sua insolência, por cair no arrojo de pôr os olhos com amor indecoroso, em uma esposa de Cristo, certificando-lhe que aquela loucura que ele intentava, era um apetite nesciamente temerário, pois era querer granjear o inferno, em matéria de que em tempo algum não havia recolher fruto. E para que destes avisos fique entendendo a virtude que têm os mandados de Deus, estas advertências que lhe faço (*disse a Santa pondo-lhe as mãos na cabeça*) são da parte do Altíssimo omnipotente, para lhe dar a melhora, que todos desejam, mas com a condição de emendar os erros, e acautelar os olhos.

No mesmo instante que a Santa lhe pôs as mãos na cabeça, ficou Britaldo livre das ânsias que padecia, que com aquelas suavíssimas palavras, e documentos do Céu se alegrou, e descansou aquela afligida alma, e de tal maneira, que se viu logo convalescido das penosas tristezas que o atormentavam, as quais lhe iam consumindo o coração, levado da ideia de seu cego discurso. Nos brados da admiração se celebrou com muitas festas a maravilha, e ficou a virtude da Santa nos braços das venerações que lhe eram devidas. Porém o inimigo comum, que sempre anda alerta contra o bem de nossas almas, vendo que por aquele caminho se lhe ia destruindo a sua astúcia, tratou de armar contra a inocência, outra batalha com instrumento mais horroroso. Com o familiar trato que o Monge Remígio tinha com a Santa por ter sido seu Mestre, começou a fazer-lhe cruel guerra, e levantar em seu peito uma tormenta de tentações desonestas, tão terrível e espantosa, que perdido o pejo com a diabólica sugestão, rompeu os laços da honestidade, expondo com palavras o que sentia no depravado desejo. Em tão estupendo caso perplexo ficou a Santa, e conhecendo o lascivo pensamento, virou-lhe as costas para que a formosura de seu rosto não provocasse Remígio a maiores desatinos; e caminhando à presença de uma Imagem de Cristo crucificado com seu formoso rosto banhado em lágrimas lhe disse: *Meu Deus, e meu Senhor, já que o vosso amor é eterno, e sem limite, e vosso poder imortal, e infinito, sejam infinitos, e durem para nós os*

efeitos sagrados das vossas misericórdias. A vós recorro nesta tribulação, para que deis a meu Mestre luz naquela escuridade (que sem dúvida lhe introduziu o tentador das almas) com um raio de fogo de vossa Divina graça, e que abraçado nas chamas de vosso amor se emende, e verdadeiramente se arrependa de tão enorme, e inopinado pensamento. Vós Senhor, que nesta Cruz pregado padecestes tantos tormentos, e afrontas por remir da culpa aos pecadores, ensinando-nos o caminho da salvação, com o exemplo de pedires a vosso Eterno Pai perdão para aqueles que vos crucificavam, porque ignoravam o que faziam, e a vós mesmo perdoastes àquele que vos meteu a lança no coração, não permitais meu Esposo JESUS, que Remígio fique discípulo do demónio sendo tão grande letrado, como até agora exemplar Religioso.

É sem dúvida, que se Deus quisesse livrar a Remígio daquelas diabólicas tentações, não seriam necessários os rogos daquela pura castidade, mas devemos entender neste caso, que quis o mesmo Senhor que Santa Iria triunfasse da culpa sensual com firme constância de sua pureza, e por isso não tiveram efeito as suas deprecações, nem as admoestações que fazia ao Mestre, mas antes neste se exasperavam mais os seus lascivos incêndios com as doutrinas, e advertências da casta Discípula. Incompreensíveis são os segredos da Divina grandeza, pois ela que até agora aprendia daquela boca as direções do caminho do Céu, o condenava com as suas próprias razões, mostrando-lhe o princípio dos erros, e abominando os horrores do seu fim. Com agudíssimas razões lhe dizia ser a maior desgraça que podia haver, dar documentos para a salvação das almas alheias, e levar a sua pelo caminho do inferno para a perder por toda a eternidade. Expunha-lhe com suavíssimas palavras os presentes e pretéritos exemplos dos homens, que no mundo perderam, e perdiam as suas almas por semelhantes e tão feias desenvolturas, as quais sempre resultavam em condenação eterna; e ele naquele povo estava com boa opinião, e o que seria dele se a perdesse para com os homens, e o que era mais, perder a graça de Deus, e que regulando-se pelo cômputo dos anos, estava já vizinho ao tempo de acabar o seu mundo, que naquela última hora da estreita conta, lhe havia de pesar muito e talvez sem remédio das desordenadas ações da vida.

Muitas foram as advertências, que Santa Iria lhe fez, as quais pela santa virtude com que lhas intimava, eram eficazes incentivos para abrandar a obstinação de Remígio; porém as mesmas repreensões ditas pela Santa com elegantes e discretíssimos documentos o excitavam a maior renitência no seu mau intento; e vendo-se frustrado, converteu em ódio para vingar-se o próprio amor que tinha concebido da depravada sensualidade. Disfarçou o furor com aparências de arrependido, e tratando a Iria com práticas mais modestas e virtuosas, recolheu no coração o veneno diabólico; desta sorte a foi conciliando em tal forma, que entendeu ela que tinha vencido aquela batalha contra a tentação do demónio, e se dava já por muito satisfeita da conversa de seu Mestre. Assim é deste mundo o seu amor, que quando não corresponde à vontade desordenada, o mesmo amor forja as máquinas para a perdição das almas. Compôs Remígio com a indústria do demónio, uma bebida de várias substâncias de ervas; esta bebeu a Santa aplicada pelo mesmo Mestre, dizendo-lhe, que era coisa substancial para o corpo poder sustentar as penitências que fazia em serviço de Deus: recebe-a a Santa inocente, entendendo ser afeto paternal, o que era diabólica malícia. Perdeu logo em breves dias Iria as cores de seu formosíssimo rosto, e cresceu-lhe o ventre em tal forma, que a todos parecia ter verdadeiramente aqueles sinais que costumam ter as mulheres casadas, quando têm concebido de seus maridos, e todos lhe esperavam por instantes o parto, correndo naquele povo a fama da sua prenhez, nem se discorria em outra matéria mais que na sua dissimulada virtude: o vulgo lhe chamava hipócrita, as Freiras injuriadas de a verem

assim, a vituperavam dizendo-lhe, que era o descrédito e desonra do seu Convento. De todas as pessoas se via Iria desprezada com muitas afrontas que lhe diziam. Nas virtuosas tias, porém, só achava algum abrigo, porque melhor que todas as mais conheciam a sua santa vida: com Deus só se consolava, pois era quem só verdadeiramente conhecia a sua inocência; a ele oferecia aqueles opróbrios com copiosas lágrimas, e suspiradas ânsias, deprecando o seu auxílio para tolerar com paciência aquela infâmia, e padecer por sacrifício de seu amor aquele desdouro.

CAPÍTULO XXI.

Do Martírio da Santa, e das maravilhas com que Deus fez manifesta a sua inocência, e a sua virtude.

Na ocasião em que Santa Iria tinha ido visitar a Britaldo, para lhe dar saúde, pois estava enfermo pelo excessivo amor que lhe tinha gerado no coração a particular graça da sua pasmosa formosura, cedeu ele do seu antigo propósito, com reverencial atenção aos sagrados desposórios, que ela tinha feito com Deus; e então lhe pediu, que pois lhe não admitia a correspondência do seu amor pela obrigação da santa vida religiosa que elegera, lhe havia de dar ali sua palavra de não amar outra criatura: satisfação foi esta, que ela com muita firmeza lhe prometeu. E tendo agora a notícia do suposto caso, julgou-se ficar incurso no desaire de uma vil afronta, entendendo por aquela aparência desonesta, que a vontade de preferir a outrem, fora a causa de ele ficar desprezado de Iria. Oh que mentirosos são nos pensamentos dos homens os humanos discursos! porém o amor que ainda Britaldo lhe tinha, o fez disfarçar a ira, e suspender a vingança, porque lhe começou a renascer o afeto que lhe teve com mais vigor, como fénix abrasado entre as cinzas das ofensas imaginadas; e aplacando à cólera os incêndios, tratou só das satisfações do mal apetecido. Para conseguir o efeito que desejava, mandou-lhe dizer por uma mulher, que para semelhante caso achou proporcionada, que como a ela lhe tinha sucedido cair naquela falta presente, não teria já impedimento que a desviasse do seu amor, e por isso a esperava propícia aos roubos dos seus afetos, pois na primeira vez lhe davam desculpa os poucos anos, agora atropelando os escândalos da sua afronta, a queria de novo excessivamente amar, e para demonstração das veras com que a venerava agora, ali lhe enviava aquelas joias por prendas suas. Mas juntamente com final desengano lhe advertia, que se perseverasse no antigo parecer, acabaria por conclusão com as suas pretensões; e convertendo as brandas carícias em ásperas violências, sentiria a sua formosura com lastimosos estragos, os rigores da crueldade. Depois da Santa ouvir as razões da diabólica embaixadora, sem lhe responder palavra, virou-lhe as costas, e retirou-se aonde ela a não visse. Também a infernal mensageira, ou encantadora do inferno se retirou buscando logo ao cego mancebo, e contou-lhe o sucedido em tal forma por parte do ódio, que deu mais resolução à tirania, que liberdade à clemência.

Não buscava Britaldo já outra coisa, mais que de industriar um doméstico seu, chamado Banam, para que com atrocidade desse cruel martírio, àquela mesma, que com repetidas diligências tinha solicitado por desempenho do seu amor. Daqui se pode tirar um claro exemplo, para desengano da inconstância de uma vontade humana, pois no mesmo dia em que se deseja um objeto para se amar, nesse mesmo dia se vitupera para se ter como coisa aborrecida; e que criatura haverá que à vista deste caso se possa fiar das inconstâncias temporais, aonde se encontra uma cegueira, com tal infortúnio, que apetece um mal, como se fora um bem, e abomina um bem, como se fora um mal. Assinou Britaldo a Banam o lugar, e o tempo em que havia executar a barbaridade, o qual era na hora em que a Santa costumava depois de Matinas descer à cerca do seu Mosteiro a orar em uma lapa, que ainda hoje existe em Tomar junto ao rio Nabão, e chamam àquela paragem o *Pego de Santa Iria*. Aí próximo a este sítio se ocultou o algoz Banam, para satisfazer a sua vontade, e o cruento mandado. Veio a Santa inocente fazer sua oração a Deus, como em todas as noites fazia; e se nas mais vezes principiava a contemplação com muitos colóquios, nesta hora os multiplicou com discretas ternuras nascidas do íntimo do seu coração, cujas vozes eram pregoeiras de um ardentíssimo amor que tinha ao seu

Divino Esposo. Neste tempo à maneira de cisne, que quando lhe chega a hora adverte ser propínqua a morte, desatou do peito copiosos suspiros, com harmoniosos afetos da alma, e exalou do coração pelos olhos rios de lágrimas, fazendo tudo tão agradável consonância, que na realidade namorava o Céu com melodia Angélica. Porém não se moveu o empedernido coração do tirano; pois ouvindo as vozes, encaminhou os passos pela direção dos ecos, e com arrebatada fúria dando sobre a inocente Virgem lhe atravessou a garganta com uma espada, de cuja ferida caiu logo morta, levando de um golpe para a Bem-aventurança a lauréola da pureza, com a palma do martírio.

Depois de feito o homicídio, quis o bárbaro Banam dissimular o excesso do insulto, acumulando novas afrontas ao santo cadáver, e à sua alma mais empregos para merecer maiores penas na eternidade. Despiu-lhe o hábito, e lançou o santo corpo no rio Nabão, que por ali perto levava a sua corrente: este o entregou às arrebatadas águas do Zêzere, e estas o comunicaram às do Tejo o qual jactancioso com a ufania de lograr em si este soberano tesouro, junto a Santarém lhe deu sepultura debaixo das suas ondas, como adiante em seu lugar diremos largamente; mas agora para que nos não fique em silêncio a continuada maravilha, que se experimenta no lugar do seu martírio, primeiro o dirá este Capítulo que aqui se segue

CAPÍTULO XXII.

Do sítio em que Santa Iria padece o martírio, e das prodigiosas maravilhas do seu pego.

O lugar em que padece o martírio esta prodigiosa Santa, era em uma lapa na cerca do antigo Mosteiro já dito, a qual estava acompanhada de muitas árvores, que corriam em pouca distância até à margem do rio Nabão, a cuja devota lapa retirada a Santa no mais profundo silêncio da noite, excitava os incêndios da sua espiritual devoção, abrasando-se em amorosas contemplações da suspirada Bem-aventurança. Ali lhe tirou a vida o tirano, como já fica escrito. E para não ficar perdido este lugar tão digno de respeitosa lembrança, quando se acrescentou o novo Mosteiro que hoje guarda a regra, e estatutos de Santa Clara, alteando-se aquela porção de terra, fechou-se em uma abóbada cercada de assentos. E para consolação dos moradores da Vila de Tomar (que se sentiam magoados de se lhes esconder esta venerável memória) se mandou colocar ali no mais alto do edifício pela parte que confronta com o rio, uma Imagem da mesma Santa, para de fora se conhecer por este sinal o dito sítio.

Esta abóbada, que se fez para resguardo, e por fortalecer o tal sítio, está hoje parecendo uma cisterna de água, que por isso lhe dá o vulgo o nome do Pego de Santa Iria. Não se duvida que aquela que ali tem dentro se lhe comunique do rio, porque levantado das suas areias lhe irá lá ter pelos meatos da terra; porém há experiência, que quando algumas vezes o esgotaram, e lhe exauriram de todo a água, via-se que da parte de dentro lhe corria uma pequena, ou indivisível porção. Pela boa companhia, que neste lugar do seu martírio lhe fizeram sempre as águas, parece quer Santa Iria, e se deleita, que elas ali tenham virtude milagrosa, em abono da contemplação que ali fazia a Deus; e por este mesmo respeito podemos entender ficou aqui a virtude bem empregada neste seu pego; pois se tem experimentado ser a sua água tão prodigiosa, que a muitas pessoas deu vida, estando já no fim dela por veementes enfermidades. Pelos anos de 1599, tempo em que se abrasou aquela Vila de Tomar com peste, o remédio mais eficaz, que achavam os feridos dela, eram panos molhados nesta água miraculosa, que pondo-os nos inchaços, logo ficavam com perfeita saúde; e tantos têm sido os portentos que a misericórdia de Deus nesta piscina de prodígios tem obrado em remédio das criaturas, que seria processo infinito relatarmos aqui todos, sem o dispêndio de muita escritura, que só deles se poderia fazer um livro, e não pequeno: o que se pode ver nos Autores deste assunto, que tantas maravilhas escreveram. Só agora diremos uma, que se descobriu neste misterioso pego, pois merece especial atenção, por ser um repetido portento da graça Divina. Todas as vezes, que se limpa este pego se acha o sangue da Santa tão fresco, como se fora aquela hora em que lho derramou o tirano. Estancou-se-lhe de uma vez toda a água em tal forma, que ultimamente ficou enxuto, e cavando-se a terra dele, aos primeiros golpes, se viu que ali dentro em qualquer parte estava o sangue puro; e em mais ocasiões se lhe acharam pedras que podem ter maior valor que aquelas que produzem as terras do Oriente, porque todas estavam rubricadas com a mesma preciosidade deste sangue. Sucedeu partir-se uma delas para se repartir por pessoas devotas, como preciosas relíquias, e achou-se dentro tão fresco, e vivo o sangue, que tingiu um papel, em que os pedaços foram recolhidos. Levaram um destes a certa enferma, para experimentarem a sua virtude, e logo suou gotas de sangue, diante de todas as pessoas que ali estavam presentes, as quais também foram testemunhas da sua melhora, ficando com saúde perfeita. O Padre Mestre Fr. Fernando da Soledade, nos diz na sua *História Seráfica da Província de Portugal*, que um pedaço

destes existe no seu Mosteiro de Tomar, guardado com grande veneração em uma custódia de prata dourada, e que ele o tem visto, divisando ali claramente o sangue, como se fora derramado de poucas horas. Louvado seja Deus para sempre, que quando quer enriquecer os Mosteiros da sua Divina graça, lhe dá por prenda semelhantes joias

CAPÍTULO XXIII.

Como Deus descobriu ao Abade Célio onde estava milagrosamente colocado o corpo de Santa Iria e dos prodígios que se viram, quando foi achado.

Depois que o tirano Banão lançou o corpo de Santa Iria nas águas do rio Nabão, não se passou muito tempo, que se não fizesse manifesta a todo o Povo a santa inocência desta Virgem ; porque não quis Deus que na opinião dos homens ficasse por espaço de mais dias manchada a sua pureza, pois assim que ela no outro dia faltou, não aparecendo mais no Mosteiro, correu a notícia, que ela se ausentara fugitiva, com o autor da sua suposta afronta. Ficaram os parentes de Iria dolorosamente pesarosos, e parece que mais que todos o ficou o tio Célio, que a sentia na alma: recorreu logo a Deus pelo meio da oração, e rigorosas penitências pedindo-lhe paciência com seu auxílio, para poder tolerar aquela injúria. Logo o Senhor lhe revelou tudo o que à sua sobrinha havia sucedido, não só o que tocava à insolência do amante infeliz, mas também o que fizera o desgraçado Mestre Remígio. E mandou-lhe, que para prova da muita virtude, e santidade de Iria, convocasse aquele povo de Nabância, e caminhando com ele às praias do Tejo junto a Santarém, ali se apartariam as águas, e elas mesmas dariam tempo a que vissem todos, e fossem testemunhas do sepulcro angélico, e sagrado corpo daquela sua mimosa Serva. Na mesma forma que Deus lho advertiu, assim o fez o Santo Abade ; e chegando ao dito sítio com os Monges do seu Mosteiro, com toda a gente de Nabância e de todas as suas comarcas, assim do eclesiástico, como do secular ; mandado pelo poder do Altíssimo, fez o Tejo a sua reverência, que fez o rio Jordão, em decoroso respeito da Arca do Testamento, e povo de Deus pois retorceu atrás a sua corrente, fazendo sólido caminho a todos os que quisessem com a firmeza das vistas, empregar os olhos naquela preciosidade, da qual era decente cofre, um miraculoso, e angélico túmulo.

Chegaram ao sepulcro, que parecia ser de alabastro, abriram-no, e logo acharam dentro o santo cadáver envolto na túnica interior, respirando tal fragrância, que a todos os mais aromas da terra excedia em olorosas suavidades. São exageradas nas difusas elegâncias dos escritores da Vida desta Santa, as lágrimas, e suspiros que o povo exalava ali naquela hora, e todo este com esmorecimento clamava pedindo ao Céu misericórdia dos adversos pensamentos que tinham concebido, desejando juntamente, que se desembainhasse a espada da Divina justiça contra os sacrílegos executores, que com tal atrocidade cortaram a vida daquela inocente flor. Logo os mais dignos que ali estavam deram o arbítrio, de que o corpo da Santa se levasse para a sua pátria, para lá ser venerado com decentes cultos, porque era bem acertado venerar-se no mesmo lugar em que tinha padecido tão aleivosos, e profanos desprezos. Puseram em execução tirá-lo do sepulcro, porém as suas diligências se frustraram sem terem algum efeito; porque ao mesmo tempo que com toda a ânsia aplicavam as forças, cresciam mais que elas as dificuldades, pela firmeza, e peso imenso que achavam. Desenganaram-se logo com bom discurso, vendo tão eficaz contrariedade, entendendo ser vontade Divina que permanecesse naquele lugar (o porquê só Deus o sabe). E vendo que já seria emprego temerário prosseguir a empresa, trataram só de levar algumas relíquias da Santa. O Abade Célio lhe tirou parte dos cabelos, e alguns retalhos da túnica ; e depois do Eclesiástico cantar ali alguns hinos em louvor de Deus, e aplauso daquela sua Santa, as águas do Tejo, como quem não podia já suportar as saudades que tinham da sua companhia, a vieram buscar, e a meteram dentro do seu

coração, como amada joia, e particular prenda digna dos mais atenciosos respeitos: dando porém as águas tempo a que o povo que ali estava com grande tumulto, tivesse advertência, e tempo para se retirar.

Assim com esta formalidade miraculosa, se ocultou às vistas humanas aquele cofre das mais preciosas virtudes que tinha sido, e será sempre agradável objeto das atenções Divinas. Correram os tempos, e pelo decurso deles, ainda perseverou mais escondido este sagrado tesouro à barbaridade Maometana, porque com a invasão, e assistência dos Mouros, que depois se seguiram a senhorear estes Reinos, totalmente se extinguiu a memória do próprio lugar em que fora depositado. Reinando em Portugal Dom Dinis, no ano depois do Nascimento de Cristo 1295, a Rainha Santa Isabel sabendo, que o corpo de Santa Iria miraculosamente fora sepultado debaixo das águas do Tejo defronte de Santarém (então Corte deste Reino) e que ali tinha sepulcro angélico, logrando só as areias do rio, aquela ventura que o Céu negava aos homens para confusão invejosa dos seus viciosos procedimentos. Por este respeito pretendeu aplacar o rigor Divino por meio da oração, deprecando ao Senhor com devotas súplicas, que lhe revelasse onde estava o segredo daquela maravilha. É certo, que chegou a petição à presença de Deus, e com tanta felicidade, que conseguiu o despacho, como aqui diremos. Foi Santa Isabel um dia do referido ano de 1295 às praias do Tejo, dizendo que se ia divertir, acompanhada de El-Rei D. Dinis seu marido, e de muitas pessoas do seu Palácio, e chegando ao dito lugar, pôs-se de joelhos na praia venerando com entranhável devoção o sítio nas águas onde havia presunções, que estava o sepulcro de Santa Iria ; quando (*pasmosa maravilha*) dividindo-se aquele grande rio em duas partes, como fez o mar vermelho à vara de Moisés, ficando uma fresca, e bem proporcionada rua, entrou a Santa Rainha por ela dentro com a sua companhia, e logo viram ali firmado nas areias o sepulcro da Santa Virgem de claríssimo alabastro, e de tão formosa arquitetura, como lavrada por artífices celestiais. Entendeu a Rainha com firmíssima confiança, que lhe cumprira Deus o que lhe pedira com tanta ânsia da sua devoção. Chegou-se ao túmulo, venerou-o, dando grandes demonstrações de alegria, pois o Divino poder do Altíssimo, lhes mostrava o que com tanto afeto lhe tinha deprecado. Fez muitas diligências para o abrir, mas não foi possível, porque sempre ficaram frustradas todas as diligências das indústrias humanas, cujas operações já desvanecidas, lhe deram motivo a não prosseguir na empresa do seu intento, e só ficou reverenciando com internas jaculatórias as altíssimas, e inefáveis disposições da Providência Divina. Quis El-Rei D. Dinis continuar com grande empenho o intento de se abrir o sepulcro, e mandou logo com toda a pressa ir muitos oficiais de pedreiros, os quais com fortes ferramentas de aço, empenhando as suas forças, quiseram desfazer aquela matéria de que o túmulo estava fabricado, porém também não teve algum efeito esta operação, porque a respeito da dureza do material, pareciam as ferramentas de cera. Com espanto de todos se viu o novo prodígio ; pararam outra vez com este trabalho e porque era consequência de tão portentosas maravilhas, tornar-se a fechar o Tejo, e não haver depois sinal certo, por onde se soubesse aonde estava aquele prodígio, ordenou El-Rei, que com toda a presteza se fizesse de alvenaria sobre o mesmo túmulo um pedestal alto, pois não haveria tempo para se fazer melhor obra, porque quando as mágoas se tornassem a unir, se conhecesse o seu próprio lugar. Deu tempo o rio a que se fizesse o artefacto, e quando estava já pouco mais crescido, que a superfície das águas, deu sinal o Tejo, que se retirassem todas as pessoas que ali estavam. Dirigiram os passos à praia, juntaram-se as águas, e logo viram que ficou o baluarte mais alto que elas, para memória das maravilhas da Omnipotência do Altíssimo, que foi servido fazer manifesta aos olhos do mundo a santidade de sua gloriosa serva Iria.

Muitos anos perseverou aquele pedestal feito de tosca alvenaria, porque a pressa com que se obrou naquele repentino caso, não deu lugar a mais perfeição. Depois chegado o ano de 1644, o Senado da Câmara de Santarém, a requerimento do Povo, o mandou guarnecer de cantaria lavrada, dando-lhe, porém, mais altura, e no remate dele se colocou uma Imagem da mesma Santa feita de pedra, que tem seis palmos e meio de altura, e a defende da chuva uma formosa bandeja, ou cúpula de metal lavrado, que está firmada sobre quatro varões de ferro: em cuja pirâmide se gravaram os seguintes versos.

Hic Tagus Irena sacro tegit ossa Sepulchro,
Qua ut Virgo Martyr fulget in arce poli
Hac patriam linquens nostra dat corpore nomen,
Effigiem cujus ista columna tenet

Foram tão numerosos os prodígios, que Deus obrou por esta Santa naquele lugar, e foram tão raros os milagres, que parece quis o poder Divino mostrar fora Santa Iria tão cândida na vida, e inculpável nas suas obras, que a elegeu a Divina misericórdia por protetora, e advogada das inocências dos quais benefícios tocaremos aqui alguns, porque se quiséssemos contar todos, sairia esta escritura demasiadamente dilatada, e só destas maravilhas se faria um livro inteiro. Junto àquele pedestal, que se firma debaixo das águas, no miraculoso sepulcro em que está o corpo de Santa Iria, caiu um menino de tenra idade ficando por umas poucas de horas nos abismos daquele pego; e quando todos entendiam, que as águas dele o tinham sepultado nas suas profundidades, saiu a criança por seus pés sem moléstia alguma, nem as roupas molhadas, e com o semblante muito alegre. Admiraram-se as pessoas que o tinham visto cair, as quais o lamentavam afogado por espaço de quase um dia todo, e vendo-o agora vir tão risonho, e enxuto, muito mais se admiraram, e perguntando-lhe por que causa vinha tão alegre, e que era aquilo que lhe sucedera, respondeu, que uma Senhora muito formosa o levara pela mão a um aposento muito bizarro, claro e vistoso, e que lá lhe fizera grandes favores, regalando-o com deliciosas iguarias: e que desejando ele vir para fora, o trouxera pela mão até sair da água.

Outros dois milagres também obrou Deus por intercessão de Santa Iria sucedidos ali junto ao seu sepulcro à inocência de duas crianças, e foram da maneira seguinte. Dois meninos que em uma grande cheia foram levados da corrente das águas, os quais já eram chorados como mortos, mas tiveram vida sem dúvida pelo patrocínio da mesma Santa, de quem seus pais eram especialmente devotos. Um deles sem chegar aos cárceres da morte, as mesmas ondas o lançaram sem perigo algum em terra. Porém já o outro tinha pago aquele universal tributo do estatuto infalível; tiraram-no do profundo do pego, e antes que o enterrassem, pegou sua mãe nele com uma fé viva da sua devoção, foi correndo à Igreja, e apenas com grande aflição o ofereceu a Santa Iria no seu altar, logo tornou da morte à vida, ficando com saúde perfeita. Daqui poderão os mortais tirar uma boa consequência, e entenderem o quanto pode para com Deus uma inocência, que contra os Mandamentos Divinos não tem cometido culpas, como se viu nas destes meninos, e na vida da nossa Portuguesa, a Virgem e mártir Santa Iria que acabamos de escrever ; porque conforme dizem graves escritores, parece que também no tribunal Divino intercedeu pelos mesmos agressores, que lhe tiraram a vida ; porque Remígio, e Banão temendo o castigo do Céu, e a vingança dos homens, foram ambos pedir misericórdia e arrependidos aos pés do Vigário de Cristo, deste alcançaram absolvição do sacrilégio que tinham feito, e cumprindo a penitência que lhe foi imposta, e executando muitas mais, que lhe causava a força do seu grande arrependimento, acabaram as vidas com notável opinião de virtude.

Porém não se sabe, nem o achamos escrito, que Britaldo desse alguma satisfação a Deus, ou ao mundo.

CAPÍTULO XXIV.

Em o qual se dão claras notícias do mais que pertence a esta Igreja de Santa Iria, com as Ermidas que lhe são anexas.

O Páraco desta Igreja de Santa Iria, é Vigário apresentado pelos Cónegos da Colegiada de Alcáçova desta Vila, e sempre é um deles, porque se vão seguindo por suas antiguidades. Tem oito Beneficiados, um Cura, e um Tesoureiro, que a ambos paga o dito Páraco, e é eleição sua prover nestes dois lugares a quem lhe parece. O distrito desta Freguesia é grande, compreende em si quatrocentos e trinta e seis vizinhos paroquianos; dentro do qual território existem as seguintes Ermidas anexas a esta Matriz: *N. Senhora da Glória*, *N. Senhora das Neves*, e N. Senhora de Palhais; e mais afastado pouco mais de um quarto de légua para a parte do Norte, sendo tudo compreendido na Freguesia, está situado um Colégio dos Padres Terceiros da Ordem de S. Francisco, que dele adiante daremos especiais notícias, e das referidas Ermidas. Esta Paroquial Igreja foi antigamente do Padroado real; porque no ano de 1280 fez El-Rei D. Dinis doação, e permutação aos Cónegos de Alcáçova, dando-lhe o Padroado, e rendas desta Igreja, e da de Santa Cruz, também sita na mesma povoação da Ribeira, por Alcoentre, Alcoentrinho, e Tagarro, que de tudo isto se acha clareza no Arquivo da dita Colegiada.

A formatura desta Igreja, que é de mediana grandeza, compõe-se por dentro de três naves com dez colunas, cinco de cada um lado todas da ordem Toscana, com boa pedraria lisa, e bem lavrada com seus capitéis. Divide-se o cruzeiro em três arcos, dos quais se produzem as três naves, e neste cruzeiro se levanta uma coxia de parede com altura de uma vara, em a qual estão os dois altares colaterais, e no meio a Capela-mor, com seu vão proporcionado ao corpo da Igreja. Tem esta sua tribuna de boa talha moderna, e dourada. Desta Igreja em distância de cinquenta passos, pouco mais, ou menos, para a parte do Nordeste aonde chamam especialmente a *Ribeira dos Barcos*, junto à praia do Tejo, defronte do Padrão que mostra nas águas o milagroso sepulcro de Santa Iria, aí se vê situada a Ermida de N. Senhora das Neves, a qual Ermida está unida, e mística com outra de *Santa Iria*, tão antiga, que se entende ser edificada em tempo dos Godos, quando ali apareceu a primeira vez o corpo desta Santa ao Abade Célio seu tio, para ser testemunha da sua inocência, e santidade; e como o Tejo a tornou a esconder debaixo das suas águas, com bom sentido se pode crer, que por não se perder a memória do lugar em que a Santa apareceu no seu misterioso sepulcro, a devoção do povo naquele tempo lhe faria aquela casa na praia, como sinal, e baliza para se saber onde era o sítio em que se viu aquele prodígio. Isto é tradição, e inferências de curiosos antiquários, pois não temos notícia certa do seu princípio, ou ereção, mas é sem dúvida que mostra ser esta Ermida da Santa muito mais antiga, que a da Senhora das Neves; ainda que ficam ambas tão unidas, que parece a da Senhora ser Capela-mor do corpo da que é a da Santa, porém quem reparar com atenção na divisão das paredes, e na diferença dos artificiados, sempre há de julgar a da Senhora por obra mais moderna.

Esta Ermida da Senhora das Neves, tem o pavimento do seu corpo vinte e dois pés de comprido, e dezanove de largo; tem um retábulo tão moderno entalhado, e toda ela está adornada da mesma talha, e no chão da Capela está uma sepultura com o epitáfio seguinte:

Aqui jaz o muito honrado Vasco Passanha de Almeida Cavaleiro Fidalgo da Casa del Rei D. Afonso quarto, Contador mor, que foi da Casa de Ceuta, e de lugares d'além. Esta Capela mandou fazer. Faleceu em maio de 1511 anos.

Nesta sepultura se vê gravado um escudo com todas as circunstâncias que têm as armas dos Almeidas deste Reino. E desta era que está na referida sepultura, e da notícia que nos dá o epitáfio, se colige, que esta Ermida foi fundada por este fidalgo, porém o ano em que a mandou fazer ignoramos, porque lhe não achamos mais notícias, como também não sabemos da origem desta Sacrossanta Imagem da Senhora das Neves desta dita Ermida, se antes foi venerada em outro lugar. Está ali colocada em um grande nicho de altura de onze palmos, e seis de largo, o qual está no meio da tribuna da mesma Capela com uma vidraça, que fechada à chave abrange todo o nicho. É a Soberana Imagem desta Mãe de Deus, de vestir em roca, tem seis palmos de altura, está com as mãos levantadas, e com o rosto inclinado, como que olha para o chão. Antigamente lhe fazia aquele povo grandiosas festas nesta sua casa, especialmente os homens do mar, pelas muitas maravilhas que obrava, e milagres, que os seus devotos experimentavam, quando a ela recorriam nas suas tribulações. Alguns prodígios desta Senhora traz escritos o Padre Fr. Agostinho de Santa Maria no seu *Santuário Mariano*, aonde se podem ler.

Na mesma povoação da Ribeira, na praça dela para a parte do Sul, sobre a porta a que o vulgo chama *do Pão*, está situada a Ermida de *Nossa Senhora da Glória* com sua escada de pedra pela parte de fora, por onde se sobe para se entrar naquele Santuário, cuja Ermida, ou Capela é anexa a esta Paróquia de Santa Iria. Tem defronte do seu altar uma janela rasgada, e tão larga, que estando toda aberta, quase de toda a praça se podem ouvir as Missas que ali se dizem. Está por dentro ornada com muito primor, e bizarria, porque é Imagem de grande devoção, e os seus devotos, e vizinhos se empregam com todo o cuidado em a servir, e compor de ricos adornos toda a Capela, em veneração dos muitos favores, que alguns por patrocínio da mesma Senhora têm alcançado. É Imagem de vestir, e terá mais de cinco palmos de altura. A ereção desta Ermida se ignora, como das mais, que estão sobre as portas desta Vila para não podermos dizer ao menos o ano em que foi fundada, porém sempre se deve entender que tem muitos de existência, e que os nossos Reis antigos a mandariam ali fazer sobre aquela porta, e colocar-lhe aquela Mãe de Deus, para ser vigilante guarda dos fiéis Católicos contra a infelicidade dos bárbaros Africanos, como estamos vendo nas mais portas do bairro de Marvila, das quais já demos bastantes notícias. E como entendemos (e são tradições constantes) que esta *do Pão*, fechava antigamente aquele sítio da Ribeira, e não se estendia o seu distrito mais que até esta porta, pois ainda hoje nos mostram disto vestígios, as antigas e fortes muralhas que dali se vão seguindo para a parte do Norte, e não se poderá facilmente fazer contra este sentido outra conjetura, pelas razões referidas.

Desta Ermida de *Nossa Senhora da Glória*, oitenta passos (pouco mais, ou menos) para a parte do Norte, no mesmo distrito desta Freguesia existe debaixo dos arcos de Palhais a Ermida de *Nossa Senhora da Encarnação*; da qual já fizemos menção no segundo livro desta História cap. 11. onde falámos dos Hospitais que se anexaram ao de *Jesus Cristo*. É Ermida grande quase quadrada, com seu coro donde ouvem Missa os Merceeiros daquele Hospital (que dele é esta Igreja) o qual serve de agasalhar peregrinos por governo da mesa da Misericórdia.

As sepulturas que ao tempo presente se acham nesta Santa Casa, com letreiros abertos, escrevemos também aqui, porque algum dia poderão servir aos herdeiros dos

seus defuntos, e são as seguintes: a primeira na Capela-mor diz assim*: Esta sepultura é de Francisco de Anhaia, Fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor. Faleceu no ano de 1541*, tem escudo de armas dos Anhaias. A segunda em letra Gótica diz: *Aqui jaz Henrique Barbosa, Fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor, e jazem sua mulher Isabel Fernandes de Almeida, tem escudo de armas dos Barbosas*. A terceira diz: *Sepultura do Seramago, e dos seus herdeiros*. A quarta em letra Gótica diz: *Aqui jaz Fernão Cardoso de S. Paio, Fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor*. A quinta também em letra Gótica diz: *Aqui jaz o Bacharel Álvaro Rodrigues de Lamego*.

E todas as mais que se seguem nesta Ermida com letreiros abertos são as seguintes:

Sepultura de Francisco Gil, e de seus herdeiros.

Sepultura de Diogo Antunes, e de seus herdeiros.

Sepultura de Pedro Fernandes, e de seus herdeiros.

Sepultura de Simão Fernandes e de seus herdeiros.

Sepultura de Pedro Rodrigues e de seus herdeiros.

Sepultura de Gonçalo Fernandes, e de seus herdeiros.

Sepultura de Brites Sardinha, e de seus herdeiros.

Sepultura de Miguel Fernandes, e de seus herdeiros.

Sepultura de António Dias, e de seus herdeiros.

De todas estas sepulturas que estão nesta Ermida, nos pareceu que não é desacerto fazer aqui lembrança delas, porque ainda que não tenham gravados os tempos em que foram instituídas, exceto a primeira, sempre pelos apelidos dos instituidores, se poderão conhecer os herdeiros, a quem pertencerem.

CAPÍTULO XXV.

Da fundação, e existência do Colégio de Santa Catarina dos Olivais, que os Padres da Ordem Terceira do Patriarca S. Francisco, têm no distrito da Freguesia de Santa Iria desta Vila de Santarém.

À distância de quase meia légua da mencionada Ermida de Palhais, seguindo dali a parte do Norte, no fim das hortas da Assacaia pelos olivais dentro, em um vale, que antigamente chamavam do Mourol, está situado o Convento dos Padres Terceiros de S. Francisco, que é hoje Colégio da mesma Província. E para darmos aqui individuais notícias do seu princípio, e fundação, diremos as que adquirimos, e lemos no Cartório do Convento de Nossa Senhora de JESUS, chamado vulgarmente o *Sítio* nesta Vila de Santarém, que é da mesma Ordem Terceira. No livro do Tombo do dito Cartório, a folhas 214, achámos uma verba, que em suma diz o seguinte: *Mandados a este Reino alguns Religiosos da Terceira Ordem, por obediência do Reverendíssimo Padre Fr. António Tablada, Ministro Geral da Terceira Ordem nas Espanhas, não tendo ainda neste Reino esta família Convento algum* (ainda que o P. António Carvalho da Costa diga na sua Corografia Portuguesa, menos informado, que já tinham o de S. Francisco de Caria) *porque vimos, e nos consta de um Alvará, que se acha no referido Cartório, em o qual se declara, que os Padres, que foram para Santa Catarina dos Olivais suplicaram ao Senhor Rei Dom Afonso quinto, lhes fizesse mercê da Ermida de Santa Catarina, e quinta de Val de Mourol, para nela lançarem a primeira pedra de sua Província em Portugal, fazendo ali um Convento que fosse cabeça da mesma Província, como com efeito foi, até o tempo em que fundaram na Corte de Lisboa.* O qual Senhor com régias liberalidades despachou sua petição, com a seguinte carta de doação; a qual confirma o nosso dito contra o sobredito Autor, aonde diz a mesma carta, que não tinham os ditos Frades em nossos Reinos casa alguma para em congregação poderem viver, e começa como se segue:

Dom Afonso por graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves, Senhor de Ceuta, e de Alcácer em África &c. A quantos esta carta virem fazemos saber, que os Frades que ora estão em Santa Catarina de Val de Mourol, nos disseram, que eles estavam na dita casa, e que seus desejos era fazer nela toda a benfeitoria que pudessem para serviço de Deus, e serem em ela tantos, e porque eles eram Frades da Terceira Regra de S. Francisco, e não tinham em nossos Reinos Casa alguma para em Congregação poderem viver, nos pediam por mercê, que lhe fizéssemos esmola da dita casa para dela fazerem cabeça da dita Ordem; e nós vendo seu dizer e pedir, querendo-lhe fazer esmola, temos por bem fazer-lha da dita casa, para nela fazerem cabeça da dita Ordem, com tal condição, que se em algum tempo da dita casa desfalecerem Frades da sua Regra em maneira que fique aí nenhum, em tal caso, queremos que o nosso Contador da Comarca lance mão da dita casa para nós, para se pôr nela tal pessoa, ou pessoas, que se em algum tempo acudirem Frades da dita sua Terceira Ordem de S. Francisco para estarem na dita casa, como coisa sua, que é a quem dela temos feito esmola. E porém mandamos ao dito nosso Contador da Comarca, e aos Corregedores, Juízes, e justiças, oficiais, e pessoas a quem o conhecimento dela pertencer, e esta nossa carta for mostrada, que os hajais em vossa encomenda, e por serviço de Deus e nosso lhe deis todo o favor, e ajuda que bem puderdes, e vós, e eles honestamente requererem, e cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar esta nossa carta, como nela é contido, e declarado, e para sua

guarda lhe mandamos dar esta por nós assinada, e selada do nosso Selo pendente. Dada em nossa Vila de Santarém, vinte e três dias do mês de novembro. João Carreiro a fez, ano do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Cristo de 1470. EL-REI. Esta data confirmou o Papa Leão décimo por Breve seu, de dez das Calendas de julho de 1524, no ano oitavo do seu Pontificado, o qual Breve principia assim: *Dilectis Filiis Ministro, & Fratribus domus Sanctae Catharinae &c.* cujo Breve também está lançado no dito livro do Tombo a folhas 216.

E como pela pequenez da quinta de Val de Mourol estivessem os Religiosos apertados, e com pequena cerca, compraram um ferrado, com sua nora, árvores frutíferas, e infrutíferas, junto à sua pequena cerca, a Gonçalo Anes lavrador, e Maria Simoa sua mulher, por preço de vinte e cinco mil réis, como consta da Escritura feita pelo Tabelião João de Coimbra da Cunha no ano de 1561, lançada na segunda parte do Tombo a folhas 37, como também compraram um olival, que parte com a dita cerca, pelo outeiro da banda do Monte de trigo, a Francisco Montes, Cavaleiro da Casa d'El-Rei nosso Senhor, e a Maria de Almeida sua mulher, por quatro mil réis em dinheiro, e dois alqueires de trigo, e um de azeite, por uma vez somente, como consta da Escritura feita pelo Tabelião Baptista João, no ano de 1565, lançada na dita segunda parte do Tombo, a folhas 44.

Por esta carta de doação acima referida, não nos faz dúvida entendermos, que o dito Convento de Santa Catarina dos Olivais, junto a Santarém, é o mais antigo, que tem a Regular Ordem Terceira de S. Francisco neste Reino de Portugal. Porém antes que viessem os Padres que já dissemos, mandados pelo seu Ministro Geral Fr. António Tablada, para fundarem neste Reino, sabemos, que já nesse tempo estavam em Santa Catarina do sobredito Val de Mourol, Terceiros, que guardavam a regra de S. Francisco, pois temos encontrado notícias, que nos obrigam a entendê-lo assim; porque além das inveteradas tradições que disto há na mesma Vila, lemos uma escritura no segundo tomo do *Agiológio Lusitano* no Comentário, em o primeiro de abril letra *f.* a qual seu Autor o Licenciado Jorge Cardoso diz, que achou no Cartório de Alcobaça escrito em Português daquele tempo, e por este instrumento também vemos; que a primeira existência, ou fundação deste Convento foi da maneira que aqui diremos, seguindo o que diz a dita escritura só naquilo que nos é preciso dizer, e faz força ao nosso caso.

Havia um escrivão dos Hospitais da mesma Vila, chamado Afonso Domingues, homem pio, e devoto, o qual era senhor do sítio em que está fundado o dito Convento; e porque era tão bom católico, fez doação dele a uns Terceiros casados, moradores na povoação da Ribeira de Santarém, os quais se chamavam Lourenço Pratas, Lourenço Gonçalves, Fr. Joanne, e João da Figueira, e para outros mais pelo tempo adiante quisessem ali fazer vida solitária em serviço de Deus, vivendo com a regra da santa pobreza observando a lei evangélica. Estes bons homens foram para o dito lugar, tomando posse a oito de junho de 1422, que assim consta da referida escritura, feita pelo Tabelião João Esteves. Diz mais, que o dito Afonso Domingues, que fez a doação, ficara ali com eles, seguindo a mesma vida, com os mesmos que ficam nomeados, e pela repetição que a escritura faz, nomeia quatro vezes a Fr. Joanne da Terceira Ordem, do qual se pode entender seria Clérigo secular, Irmão da Irmandade Terceira de S. Francisco, como seriam os três seculares casados, ou seria pessoa das Ordens militares, porque nas escrituras antigas achámos, que assim a estes, como aos meramente Clérigos lhes chamavam Frey, antes do seu próprio nome, e esta escritura feita por João Esteves adverte, que se faça eleição de um homem bom, e discreto que os governe: logo parece que não entrou aqui o dito Fr. Joanne, como fundador Religioso, mas sim como os mais seculares, e sendo

assim, também parece não ter firme fundamento o Autor do Agiológio Lusitano, para dizer no fim da dita escritura traslada, que era Terceiro Regular o dito Fr. Joanne, pois ele não alega outra notícia, nem nós a achámos. O que entendemos ter força de certeza, no que toca à fundação dos Regulares Terceiros neste lugar é, conformarmo-nos com o que nos diz a carta d'El-Rei D. Afonso quinto que acima vai lançada nomeando os fundadores do dito Convento, por Frades. Não deixamos, porém, de entender, que aqueles primeiros Congregados foram para ali na forma que fica dito, mas depois passados cinquenta e dois anos, vieram os Frades da Terceira Ordem de Galiza para o mesmo lugar, e aí fundaram o primeiro Convento, que a Ordem Terceira Regular tem neste Reino: porque conforme a escritura de doação de Afonso Domingues, foi feita em 1422, e a d'El-Rei em 1470, e se existiam neste tempo ainda ali alguns daqueles primeiros Congregados, não achámos notícia alguma. Erigido este Convento com regra aprovada por Nicolau IV, e confirmada por Leão X, tendo particulares Estatutos, que se começaram a instituir pelos anos de 1520, em breves tempos se foram fundando neste Reino vários Conventos desta mesma Ordem, em os quais viveram sempre os Religiosos com estreita pobreza, e vigilante observância, como se poderá ler em um Relatório que escreveu em abono desta Província o R. P. Fr. Guilherme da Paixão, Geral que foi do Real Convento de Alcobaça, Religioso de santa vida; o qual foi Reformador desta Regular Ordem Terceira de Portugal, e o dito Relatório o fez ao Cardeal Alberto no ano de 1588, e acabado a 16 de agosto. Cresceu tanto esta Província em número de Religiosos, que tem hoje 16 Conventos de Frades, e dois de Freiras. Tem voto em os Capítulos Gerais de toda a família Seráfica do mundo, reconhecendo-se nela por filha como as mais. Este Convento de Santa Catarina está hoje reduzido a Colégio, lendo-se nele Artes, e antes disso teve trinta Frades moradores, e em algum tempo teve quarenta.

CAPÍTULO XXVI.

Descreve-se a Igreja deste Convento de Santa Catarina dos Olivais, e algumas coisas mais, que lhe pertencem.

Esta Igreja é menos de mediana estatura, e de uma só nave: tem cinco altares, porém o que ali é mais frequentado da devoção dos fiéis, é o de *Nossa Senhora* com o título *da Saúde*, a qual Imagem tem o Menino JESUS em seus braços, e existe em uma Capela do corpo da Igreja à parte da Epístola, e funda para dentro. Esta Sacrossanta Imagem é venerada pelas maravilhas que obra, assim na gente de Santarém, e suas vizinhanças, como em muitas pessoas de partes remotas, que valendo-se da Senhora por ministério da água da sua fonte, a qual nasce ao pé do seu altar correndo junto dele, dentro na mesma Capela, se acham livres de suas enfermidades: a cujas mercês correspondem agradecidos os fiéis visitando esta sua Casa, com contínuas romagens, principalmente nas duas oitavas da Páscoa da Ressurreição ; em que é tanto o concurso, que é preciso abrirem-se as portas, que da Igreja entram para o claustro; e sacristia, porque não podendo sair pela da Igreja saem pela da portaria, e pela da cerca. No primeiro dia das referidas oitavas lhe faz a sua Confraria uma solene festa, a qual lhe gratificou a liberalidade do Papa Clemente VIII, com indulgências que concedeu à dita Confraria, por Breve de catorze de março de 1594, no quarto ano do seu Pontificado, como consta da segunda parte do tombo a folhas 19, cujas graças, e favores, umas foram temporais, que já finalizaram, outras perpétuas, que são em suma as que se seguem.

Indulgência plenária no dia em que entram na dita Confraria, se se confessarem, e comungarem. A mesma, se na hora da morte invocarem com o coração, não podendo com a boca, o Santíssimo nome de JESUS, ou fizerem outro sinal de penitência, tem sete anos, e outras tantas quarentenas de perdões visitando a dita Igreja na festa da Anunciação da Senhora, na de sua Purificação, na de S. Pedro, na de S. Paulo, na Dedicação de S. Miguel Arcanjo, orando pela exaltação da Santa Madre Igreja, extirpação das heresias, conversão dos Hereges, redução dos Infiéis, e pela paz, e concórdia dos Príncipes Cristãos: confessados, e comungando, em cada um destes dias ganham os sete anos, e sete quarentenas de perdão. E assistindo às Missas, ou outros Ofícios Divinos, que na dita Igreja por costume, ou Instituto da Confraria se celebrarem, ou aos ajuntamentos públicos, ou secretos da mesma Confraria em qualquer parte que se fizerem por exercício de alguma obra pia, ou receberem por hospedagem aos pobres peregrinos, ou os ajudarem com suas esmolas, ou fizerem paz, e concórdia entre os inimigos próprios, ou alheios, ou as procurarem; ou acompanharem os corpos dos defuntos, assim da mesma Irmandade, como dos outros quando forem à sepultura, ou consolarem os enfermos, ou acompanharem as Procissões ordinárias, assim da dita Irmandade, como outras quaisquer que se celebrarem com licença do Ordinário, ou ao SANTÍSSIMO SACRAMENTO, quando se leva nas Procissões, ou por outra qualquer causa, e estando impedidos, por outro, ou por outros o fizerem acompanhar, ou reduzirem algum pecador para o caminho da salvação, ou ensinarem aos ignorantes os Mandamentos da Lei de Deus, ou exercitarem qualquer outra obra de piedade, ou caridade (e diz o Breve) todas as vezes que isto fizerem; pela Misericórdia de Deus, os absolvemos de sessenta dias daquelas penitências, que justamente lhes foram impostas. O que sabemos da origem desta miraculosa Imagem da Senhora da Saúde, e o como nesta Capela foi colocada, brevemente o diremos aqui conforme as tradições do que achamos em manuscritos, e letra redonda. De Santarém um quarto de légua para a parte do mesmo Convento de Santa

Catarina, havia antigamente uma grandiosa quinta, a qual era da Ilustre família dos melhores Coutinhos deste Reino, e lhe chamaram a *Quinta da Saúde*: nela existia uma Ermida, em cujo altar estava esta Imagem da Senhora, com o seu Menino Deus nos braços; porém não nos consta se antes de uma grande peste que houve naquela Vila já era milagrosa, ou se já tinha o título da Saúde. Foi epidemia tão cruel, e lastimosa, que em breves dias destruiu a maior parte da gente, daquela grande povoação, usurpando também as vidas a todos os fidalgos, que eram senhores da mesma quinta, e para este sítio se passou naquela ocasião a casa da saúde, que se supõe daqui tomara a Senhora o título. Os Religiosos Terceiros, que naquele tempo assistiam ali perto no seu dito Convento de Santa Catarina, movidos da caridade, com grande fé nesta Mãe de Misericórdia, se empregaram naquele lugar da quinta, a curar os apestados, e consta que nenhum deles morrera, perecendo tão grande número de pessoas, e deixou a peste assolado aquele sítio da dita quinta, em tal forma, que já hoje não há mais, que uma pequena horta, a qual sempre se apelidou com este nome da Saúde. E como ficou ali a Senhora desamparada da gente, os mesmos Padres a levaram para o seu Convento, aonde lhe fabricaram a Capela que temos dito, em obséquio de os livrar de tão grande mortandade: e para que ficassem depois os fiéis sabendo as circunstâncias deste sucesso, pintaram no pórtico da nova casa da Senhora o lastimoso estrago, que aquele mal contagioso na gente tinha feito.

Tendo os Religiosos já recolhida a Sagrada Imagem da Senhora no seu Convento, não só se conheceu, que aplacara o mal, mas ainda todas as pessoas que a buscavam, ou que a invocavam, se conheciam ter perfeita saúde. Daqui teve princípio para abono eficaz das grandes maravilhas, que Deus obrava, e obra por intercessão desta Senhora, fazerem-lhe os moradores de S. Pedro da Arrifana um voto de irem todos os anos à sua casa, se os livrasse daquele contágio: experimentaram logo no favor da Senhora o que queriam, e não faltaram em cumprirem anualmente a promessa pela obrigação do voto. É esta Imagem da Senhora da Saúde feita de roca, com vestidos, tem quatro palmos de altura com o Menino JESUS em seus braços, que também se veste, porém poucas vezes o tem consigo, porque quase sempre anda pelas casas dos enfermos fazendo prodigiosos milagres, pois de muitos sabemos, que obrou em pessoas nossas conhecidas, com as suas visitas.

CAPÍTULO XXVII.

Em que se declaram as Sepulturas que há nesta Igreja de Santa Catarina dos Olivais, e de alguns Religiosos que ali existiram, e morreram santamente.

Nesta Igreja se sepultaram pessoas de muita nobreza, de heroicos procedimentos, e santidade, pelo que nos pareceu não ser alheio do nosso assunto dar-se aqui notícia das suas sepulturas, que têm inscrições, e os lugares onde existem; pois em algum tempo a alguém poderá servir esta memória. Na Capela-mor junto à escada do Altar-mor, está uma sepultura com as seguintes letras: *Esta Capela é de Fernão de Carvalho, Cavaleiro fidalgo da Casa del Rei nosso Senhor, e de Inês de Barros sua mulher, e herdeiros. Estão nela sepultados os ditos instituidores, pelos quais se dizem em cada ano trinta Missas. Está também sepultado seu filho Diogo de Carvalho, Cavaleiro fidalgo da Casa del Rei nosso Senhor, com obrigação de duzentas Missas* cada *ano.* Junto ao altar da Imagem do Santo Cristo se vê outra sepultura com este epitáfio: *Aqui jaz Álvaro Cavadas.* Ao pé do altar de Santo António está outra sepultura com as letras que dizem: *Sepultura do Padre Manuel Marques, na qual jaz seu pai, e mãe, e herdeiros.* Perto do altar da referida Imagem do Santo Cristo está outra com a inscrição que diz: *Aqui jaz João Echoa, Cavaleiro querido dos Reis de Portugal aos quais fez muitos serviços por mar, e por terra.* Na Capela de Nossa Senhora da Assunção estão quatro sepulturas com os epitáfios seguintes, o da primeira diz: *Sepultura de Luís da Serra, e de seus herdeiros.* Outra que está junto do altar da parte direita, diz o seu letreiro: *Aqui jaz Afonso Fernandes, Cavaleiro da Casa del Rei nosso Senhor, e feitor dos alambéis. Faleceu a quatro de setembro de 1583 anos*. Outra da parte esquerda junto do mesmo altar, tem esta inscrição: *Sepultura de João de la Serra, em a qual jaz também o Licenciado Martim Afonso Ferreira seu neto, filho de Leonor da Serra sua filha; o qual instituidor, e administrador desta Capela, faleceu a 22 de agosto de 1586.* Em outra que está da parte do Evangelho se leem estas letras: *Sepultura de Leonor da Serra mulher de Afonso Fernandes. Faleceu no primeiro de março de 1554.* Na parede junto da Capela de Santo António da parte da Epístola está um caixão de pedra bem embutido, o qual tem o seguinte Epitáfio: *Sepultura do Reverendo Padre Frei André da Veiga. Faleceu dia de Páscoa em o primeiro de abril de 1584.* Deste Venerável, e Santo Religioso, temos notícias, que faleceu de idade de cento e dez anos, e que logo depois do seu prodigioso trânsito, foi sepultado no meio do cruzeiro desta Igreja, e passados anos, a dez do mês de abril foram trasladadas suas Relíquias com miraculosos prodígios para o sobredito sepulcro; mas porque os leitores nos não possam criminar de não dizermos mais alguma coisa de um tão Santo Varão como este, faremos aqui memória de algumas notícias, que da sua vida sabemos, e achamos escritas.

Conforme as mais prováveis notícias, foi o Venerável Padre Fr. André da Veiga, nascido na Veiga de Toledo, e de lá veio para este Convento de Santa Catarina (extramuros de Santarém) já de idade provecta, e ali naquela solidão vendo-se livre dos labirintos, que no mundo se encontram, sempre cansados, e sempre perigosos, refletiu, que os multiplicados anos, que já tinha de idade, eram outros tantos despertadores com que o ameaçava a morte. Do desengano da vida, que nele sempre foi virtude, também agora o fez natureza, porque esta mesma ensina, que se os moços podem não viver muito, os muito velhos forçosamente hão de morrer cedo. Sem perigo do desvanecimento

lograva a sua virtude todos os aplausos para o exemplo, porque quanto mais estes se repetiam no séquito da boa fama, tanto mais ele se humilhava no conhecimento, de não ser capaz de tantos louvores. Rebatia os reveses de todo o acometimento da vanglória com perenes atos de humildade, sujeitando com o rigor das penitências a rebeldia da carne, e para que nele tudo fosse puro, com ansioso desvelo pretendia, que as nódoas, ou manchas que no seu corpo lhe assinavam as disciplinas, fossem o melhor esmalte da pureza. De tudo o que era alívio corporal se apartava, mostrando-se cada vez mais faminto da mortificação, para aumentar o merecimento. Era este venerável Varão, famoso letrado, e entre as ciências que o adornavam, era ser consumado latino, e assim, leu em várias partes deste Reino em cadeiras públicas a latinidade, com licença dos Prelados; leu em Setúbal, em Portalegre, e em Santiago de Cacém; em cujas partes se aproveitaram das suas lições muitas pessoas ilustres, saindo da sua escola grandes sujeitos em letras, e virtudes, como foram: o Bispo de Coimbra D. Afonso de Castelo Branco, e o de Portalegre D. André de Noronha.

Era este Servo de Deus contínuo na oração, estando fora daquele tempo em que tinham obrigações precisas, mas nele todas as ocupações eram atos de servir a Deus. Em todos estes o tentava o demónio, porque com eles lhe fazia cruel bataria, valendo-se o inimigo de toda a sua força para o vencer, pois via que Fr. André com o merecimento de obras tão gratas a Deus, lhe fazia guerra a todo o inferno: mas o demónio de balde trabalhava, porque o Santo Varão lhe rebatia sempre as suas infernais ciladas, fazendo-o ficar confuso, e vencido. Em Santiago de Cacém se abriu um profundo poço nas casas em que o Santo velho morava, e querendo ver o fundo daquela grande concavidade, o mesmo inimigo o lançou dentro, e logo no mesmo instante miraculosamente veio acima sem ajuda de pessoa alguma, e sem ter no corpo moléstia, que o magoasse. Estando este bom Servo do Senhor nos seus costumados exercícios, lhe tomou o infernal espírito grande quantia de dinheiro, a qual tinha junto para certas obras da Província, e achando-o menos recorreu ao seu ordinário costume, que era a oração, e logo pelo poder de Deus lho lançou aos seus pés fazendo grandes galhofas, e dando grandes risadas; mas bem se deixa entender como o maligno espírito ficaria raivoso. Outra maravilha se viu em Santiago de Cacém nas casas aonde este Santo Padre ensinava latim: havia ali uma parreira, à qual acudia grande número de pardais, fazendo tal vozeria, que lhe estorvavam tomar lição aos discípulos, pelo que com aceleração os repreendeu: porém advertindo logo, que aquelas avezinhas também eram criaturas do Altíssimo, e que com aquele seu modo de cantar louvavam ao seu Criador, pedindo-lhe o sustento que buscavam na doçura daquele fruto, veio com os pardais a partido, e foi, que não comessem mais, que até certa parte da parreira, nem cantassem ao tempo da lição. A este mandado, que parecia coisa graciosa, obedeceram todos aqueles passarinhos, como se fossem capazes de razão.

Dizendo um dia Missa na Igreja Catedral de Portalegre, ao levantar da Hóstia consagrada, viu uma mulher de vida devota, que Cristo Senhor Nosso estava com uma espada desembainhada sobre sua cabeça; e dizendo-lhe ela ao depois a visão que vira, ele lhe respondeu, que era necessário reformar as vidas para aplacar a justiça Divina; porque naquele tempo estava irada contra este Reino. Dali se partiu o Servo de Deus para Biscaia na companhia de um Adiantado de Castela, tendo para isso licença do seu Prelado, e chegando a Valladolid, entrou na Igreja Catedral, quando um Prebendado Santo, que estava no coro com devotíssima oração se levantou apressado, e convidou os mais companheiros, para que fossem todos tomar a bênção a um Varão do Céu, que naquela hora entrava na Igreja; e correndo todos aonde estava, ele se mostrou ficar muito envergonhado pela novidade de ver pessoas, que não conhecia, fazerem-lhe tanto

obséquio, e porque mais o não pudessem conhecer, logo dali se ausentou. Ultimamente dando fim a esta jornada, e recolhido à sua Ordem sem agravar a virtude, se aposentou neste dito Convento de Santa Catarina de Santarém (por ser retiro que não admite muitas visitas) em cujo sítio solitário, seguiu uma vida penitente: por muitas vezes ali se lhe viu virem os passarinhos comer à sua própria mão, que para eles guardava sempre rações particulares.

Muito se entregou este Venerável Padre no círculo da sua vida, aos exercícios de grandes virtudes, empregando-se cada vez mais na oração, na humildade, na obediência, na mortificação, no silêncio, na assistência do Coro, e sempre no amor de Deus, e do próximo; até que cheio de tão grandes, e santas prerrogativas, lhe revelou o Senhor o precioso dia, e hora da sua morte, que ao seu Confessor o tinha dito algum tempo antes, cujo dia disse, que havia de ser o de Páscoa de flores, e a hora, a que se seguia depois de se cantarem as Vésperas. Chegou pois esta hora, que ele tanto desejava, comungou naquele dia pela manhã o Sagrado Viático com inexplicável ternura, e afetos de devoção; pediu ao enfermeiro, que lhe acendesse uma vela, e perguntando em que estado iam as Vésperas, e dizendo-lhe que na *Magnificat*, ele respondeu, rezemos nós uma à Virgem MARIA: e acabando-a, começou a dar graças a Deus com ardentes suspiros do coração pronunciando as seguintes palavras: *Louvado sejais meu Senhor JESUS Cristo, que tenho cumprido com minhas horas*, o enfermeiro entendendo que o dizia pelas Canónicas, lhe perguntou: Meu Padre Fr. André: Assim doente reza? ele lhe tornou a dizer: *Filho, oportet semper orare*. A este tempo fez logo o Bem-aventurado Padre uma devotíssima prática, para o que se sentou na cama sem ajuda de outrem, vestiu o seu hábito, apertou na mão a vela acesa, levantou os olhos ao Céu, e dizendo estas palavras: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, partiu sua alma para o descanso eterno, e ficou tão sossegado naquele modo em que estava, sem cair seu corpo, que entendeu o enfermeiro, que ainda estava vivo, e querendo-lhe tirar a vela, porque se lhe derretia a cera pelas mãos, achou que já estava morto. Foi logo com acelerados passos chamar os Frades, que já saíam do coro, os quais chegando ao Servo de Deus acompanhados de muitas lágrimas, não podiam acabar de entender, que estava sem espírito, vendo seu rosto tão aprazível, e resplandecente. Louvaram todos a Deus, vendo tão desusadas maravilhas. Foi sepultado seu corpo no meio do cruzeiro da Igreja deste Convento, pelos dias do ano que acima fica referido no letreiro do seu sepulcro. O ano certo da trasladação de suas relíquias para onde hoje vemos que estão, não o sabemos, e se acha, que foi em o dia da Pascoela. Para cujo ato se acharam presentes os mais graves Padres de toda a Província, e grande número de pessoas seculares, que se congregaram para esta celebridade. Deprecado primeiro o auxílio da Divina graça, com sonoros hinos, e bem entoados cânticos de louvor, abriram a humilde sepultura, aonde foram descobertas suas relíquias com precioso cheiro, que parecia ser exalado de finíssimos aromas, e sendo veneradas de todas as pessoas que ali estavam, foram metidas em um polido túmulo de mármore, o qual se colocou na dita parede que acima fica referida, entre a Capela de Nossa Senhora da Saúde, e a de Santo António, para ser venerado na terra, aquele, que mereceu ser valido do Céu.

Este Santo Padre era doutíssimo, escreveu um livro em verso latino, que intitulou *Acetarium varias rerum materias continens*, o qual dedicou ao Bispo de Portalegre D. André de Noronha, e foi impresso no ano de 1571 em Lisboa. Todas estas notícias da vida e morte de Fr. André da Veiga, e outras mais que aqui não escrevemos, se acham no Cartório deste mesmo Convento no livro dos Óbitos, testemunhadas, e autenticadas por Religiosos graves, que foram seus contemporâneos.

Livro II. Capítulo XXVII.

Neste Convento floresceu também um Religioso leigo da mesma Ordem, com exemplar vida de santidade, chamado Fr. Francisco de Nossa Senhora; o qual era Castelhano de nação, porém não sabemos em que terra de Castela foi nascido. O Autor do Santuário Mariano nos diz, que foi Capitão em Flandres, e que da milagrosa Imagem da Senhora da Saúde, da Igreja deste Convento, recebera grandes favores. Temos fora desta notícia outras, por onde entendemos, que foi em toda a sua vida perfeito servo do Senhor, porque era muito caritativo com os pobres, todo o tempo que tinha livre das obrigações de servir o Convento, gastava na oração, em o qual era o ponto contínuo das suas meditações, a Paixão de Cristo: nesta frágua acendia os afetos, e não bastava o mar de suas lágrimas, para lhe apagar os incêndios do amor Divino, que seu coração reconcentrava: para rebater as tentações da carne, dormia sempre vestido sem mais outra cama que umas tábuas: a camisa que trazia interior ao corpo, eram uns ásperos cilícios, que lhe cingiam a maior parte do corpo: como verdadeiro pobre não vestia outra coisa por baixo da túnica, nem tinha mais alfaias de seu uso, que o hábito, panos menores, um livrinho, que só continha os Mistérios da Sagrada Paixão do Redentor do Mundo, e umas contas por onde se encomendava a Deus, e os benfeitores deste seu Convento. E com tão fervoroso espírito de cordial devoção, amava aquela Sacrossanta Imagem da Senhora da Saúde, que os seus maiores desejos, eram acender nos corações de todas as pessoas a devoção desta Senhora, que quase em todos os Conventos da sua Província colocou as suas Imagens, com o seu bendito Filho nos braços. Faleceu este Servo do Senhor neste Convento a 19 de abril no ano de 1631, aonde jaz seu corpo sepultado no cemitério desta santa Casa.

CAPÍTULO XXVIII.

Das notícias de três Igrejas Paroquiais, S. João de Alfange, Santa Cruz, e S. Mateus, que existem entre as mais que há nesta Vila de Santarém.

Junto à praia do Rio Tejo, ao pé desta Vila de Santarém, para a parte do Sul está situada a povoação de Alfange, e nela a Igreja Paroquial de S. João, que é apresentada pelo Cabido da Real Colegiada de Santa Maria de Alcáçova da mesma Vila; e comummente sempre se provê esta Vigariaria em um dos Cónegos da dita Colegiada, por suas antiguidades, como a outra de Santa Iria que já temos escrito. Foi esta Igreja antigamente do Padroado Real; porque nos consta do seu Cartório que El-Rei D. Afonso terceiro, considerando que os Reis seus antecessores sempre foram fregueses daquela Colegiada tendo-a em sua guarda, e especial encomenda, em remuneração do muito que os Cónegos a Deus serviam, e a ele Rei, lhe faziam grande benefício, para que dali por diante o fizessem com mais devoção, deu à referida Igreja de Alcáçova todo o Padroado, e posse da apresentação aos Cónegos dela, o que ele tinha nas Igrejas de S. João de Alfange, e de S. Pedro, Prior, e Vigário de S. Bartolomeu, que tudo foi confirmado pelos Sumos Pontífices, Martinho V, Clemente VIII, Celestino III, e outros mais, que de todos se acham Bulas no sobredito Cartório. E esta doação do dito Rei D. Afonso, foi feita no ano de 1214.

Esta Igreja é de mediana grandeza, tem bons ornamentos, que aquele povo de Alfange lhe solicita com grande devoção, o qual todo se compõe de homens do mar. Em um altar dos dois colaterais, que é o da parte do Evangelho, está colocada uma milagrosa Imagem da Virgem Puríssima, Nossa Senhora, com o título da Encarnação: dizem que pelo poder Divino tem obrado muitas maravilhas, e ainda hoje obra, a quem com devoto espírito a ela recorre nas suas tribulações. É esta sacrossanta Imagem feita de roca com vestidos, sendo de quatro palmos e meio de altura, e no rosto mostra ser a sua escultura bem antiga. No distrito desta Freguesia, dentro na mesma povoação, está uma Ermida do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro anexa a esta Igreja Paroquial de S. João, da qual Ermida tratam os homens do mar pescadores, com dispêndios próprios. Ali mesmo havia outra Ermida grande no mesmo distrito, e território, com o título do bem-aventurado Apóstolo S. Bartolomeu, e por não haver quem lhe reparasse as ruínas que lhe foi fazendo o tempo, está hoje reduzida quase a uma planície de terra, e só se sabe que houve ali Igreja pelos sinais que ainda hoje mostram os alicerces. Esta Igreja era antiquíssima, e se chamava dos Cavaleiros, que pelo que as tradições dizem, foi onde El-Rei D. Afonso Henriques instituiu a Ordem da Ala, em memória daquela misteriosa aparição, que se viu, quando o dito Rei no primeiro combate, que Albaraque Rei Mouro deu a esta Vila, apareceu ao lado do nosso Rei, um braço com uma asa, e uma espada na mão, cortando as vidas aos Infiéis, em cujo conflito se consumou a vitória pela Cristandade, e bem se pode crer ser esta Ordem ali instituída, porque não há muitos anos, antes de se desfazer de todo esta Igreja, se viam nela sepulturas, assim dentro, como fora, com letreiros, e insígnias que o insinuavam. Em certo tempo passou a ser do Mestrado de Cristo, e até agora foram seus Comendadores da família dos Barens.

Nesta Igreja de S. Bartolomeu, se viu um prodígio, que é digno de ficar em memória para todos os séculos, e foi o caso; que derribando-se uma parede que ameaçava

ruína à mesma Igreja, no ano de 1636 em o mês de março, e quebrando-se uma grande pedra de uma sepultura nobre, a qual estava junto à porta travessa, saiu de dentro dela um cheiro tão subitamente odorífero, que deu motivo às pessoas que ali se achavam, a quererem examinar, e ver com os seus olhos o manancial que despendia, e exalava cheiro tão suavíssimo, porque não parecia ser coisa de terra, mas sim prodígio do Céu. Abriram com efeito todo o vão da sepultura, e acharam dentro dois corpos, um de homem, e outro de mulher inteiros, sem corrupção alguma: o do homem tinha vestidura de Cavaleiro, com suas esporas douradas, alfange na cinta, e um barrete vermelho na cabeça, o traje da mulher era ao português antigo, com botinas apantufadas, com uma fita mui lustrosa de cor azul atada na cabeça, e umas luvas nas mãos calçadas, e todos os atavios tão incorruptos, e tão fortes, que até as linhas com que alguns estavam cosidos, eram tão rijas, e fortes, que para as quebrarem, deixavam vincos nas mãos: ambos estes corpos se acharam cobertos cada um com sua toalha, ou lençol tudo tão preservado da corrupção, como se naquela hora foram ambos juntamente ali sepultados.

Logo as pessoas que viram este estranho prodígio o publicaram pela Vila, que concorreu muito povo dela, a ver o que era sem dúvida coisa sobrenatural, e digna de toda a admiração; porque pegando-se-lhes nas mãos, e nos dedos, estavam tão flexíveis, que não pareciam de corpos que estavam mortos. Não parou aqui o prodígio, adiante passa a maior maravilha; pois estando assim a sepultura aberta por espaço de seis dias, e chovendo muita água em cima dos mesmos corpos, se viu uma coisa que naturalmente não podia ser; porque a água ficou toda ensanguentada com o sangue tão fresco, como se fora ali derramado de pessoas vivas. Vendo o Vigário-Geral daquela terra o sucedido, e porque não passasse a haver alguma decomposição, mandou fechar a sepultura.

O Licenciado Jorge Cardoso, já fez memória deste notável sucesso no segundo tomo dos seus Hagiológios, a quatro de março, onde diz as seguintes palavras no fim do Comentário: Tudo o sobredito com o mais do texto colhemos de uma relação, que nos veio às mãos, e jurada pelas principais pessoas daquela Vila, e outrossim pelo Doutor Fr. Isidoro da Luz (Lente então de Artes no seu Convento da Trindade) o qual a onze deste mês de março, foi com toda a Comunidade ver com seus olhos o que a fama publicava, como temos referido. No tempo em que sucedeu este caso, dizem, que muitas pessoas doutas ajuizaram com bons fundamentos, que estes dois corpos eram os Pais ditosos daqueles Meninos Santos, que no Convento de S. Domingos dos Frades desta Vila, na hora em que Cristo subiu ao Céu, no dia da quinta feira de sua admirável Ascensão voaram as almas destes Santinhos com a de seu Mestre ao altíssimo palácio da Bem-aventurança, o que também com especialidade escreveremos em seu lugar quando falarmos do referido Convento de S. Domingos.

Nesta Igreja Paroquial de S. João há três Beneficiados, que servem nela aos Ofícios Divinos, e um Tesoureiro, lugar que é dado por vontade do Vigário; e tem esta Freguesia cento e vinte e dois vizinhos, que se compreendem todos dentro do mesmo lugar de Alfange.

Na povoação da Ribeira desta Vila para a parte do Norte, está situada a Igreja de Santa Cruz, que é Paróquia, e também anexa, e apresentada pelos Cónegos de Alcáçova, como as outras duas que temos escrito; tem cinco Beneficiados, um Tesoureiro, e 150 vizinhos. É a sua estatura pouco mais de mediana grandeza. Os epitáfios que nesta Igreja achámos em sepulturas são os seguintes: *Aqui jazem os ossos de Lourenço Domingues Minastos, e de sua mulher Iria Afonso Caeira, edificadores desta Igreja da Vera Cruz,*

era de 1681. A conta dos anos desta sepultura nos tem arguido fazermos nela algum reparo, em dizer que estas pessoas foram edificadoras desta Igreja; porque achamos no Cartório de Alcáçova uma doação d'El-Rei D. Dinis, em a qual com os Cónegos de Santa Maria da mesma Colegiada fez permutação dando-lhe o Padroado de Santa Iria, e o de Santa Cruz (que é esta) por Alcoentre, Alcoentrinho, e Tagarro etc. Logo por verdadeira consequência se deve dizer, que não foram Lourenço Domingues, e sua mulher os que edificaram esta Igreja, pois a era da sua sepultura está em 1681, e quando El-Rei D. Dinis fez a permutação sobredita foi na de 1290, e vai grande disparidade de um tempo a outro, o que só se pode daqui entender é, que os sobreditos consortes a reedificaram, ou que quem pôs os caracteres na sepultura errou a propriedade das palavras, e a verdadeira inteligência, porque talvez que quisesse dizer benfeitores, ou reedificadores, e esculpiu edificadores, o que não pode ser pelas contas das ditas eras, e esta palavra edificador, significa fundar de novo alguma coisa; logo se era já Igreja Paroquial no tempo d'El-Rei D. Dinis, como se pode ver no Arquivo de Alcáçova, que neste caso é texto, devemos estar por ele.

No pavimento da Capela-mor, estão as sepulturas seguintes: *Aqui jazem Nuno Infante Cavaleiro feito na tomada de Arzila, e seu filho Diogo Nunes Infante, Cavaleiro feito em Tânger, dos antigos criados dos Reis passados, e jazerão seus herdeiros: Esta sepultura é do Mestre João, Vedor que foi do Senhor D. Pedro Bispo da Guarda, e Prior que foi de Santa Cruz de Coimbra, o qual faleceu quinta-feira 13 dias do mês de março de 1516.* A letra desta sepultura é semigótica: *Sepultura do Licenciado Manuel Gomes, e de seus herdeiros, e nela jaz Maria da Serra sua mulher*. A pedra desta Sepultura é bem lavrada, e tem duas argolas de bronze: *Sepultura de Duarte Sueiro, e de seus herdeiros*. Depois de termos aqui acima já dada a notícia da sepultura que está na parede com as letras em azulejo, revimos outra vez a dita Capela-mor, e achámos, que da parte da Epístola está uma sepultura com o seguinte letreiro, mas sem era, o qual diz: *Aqui jaz um Conde Estrangeiro fundador desta Igreja*. De que vimos a entender, que este Conde seria o tal Lourenço Domingues Minastos, e que seria o próprio fundador, porque se deviam trasladar os seus ossos, e os de sua mulher desta sepultura, para a que está na parede com as letras em azulejo, e o tempo da sua trasladação seria no ano, que acima vai referido de 1681, porém como a sepultura, que está da parte da Epístola não tem era assinada, não podemos saber a antiguidade desta Igreja. Nesta mesma Capela se vê outra nobre sepultura com letras semigóticas, que dizem assim: *Aqui jaz enterrado o muito honrado Cristóvão Lopes, Cavaleiro feito em África, e da Casa d'El-Rei Dom João II, faleceu ao primeiro de janeiro de 1533, na qual se não lançará, senão seu filho, e herdeiros descendentes*. Na mesma Capela-mor estão mais duas que têm os seguintes letreiros: *Sepultura de António Jorge, Familiar do Santo Ofício, e de sua mulher, e herdeiros, e de seu filho Simão Jorge Lobo, Chantre de Alcáçova, e Vigário desta Igreja.* A outra diz: Sepultura de Luís Soares, Familiar do Santo Ofício. Faleceu a vinte e quatro de abril de 1693. Estas sepulturas são as que vemos na Capela-mor desta Igreja de Santa Cruz, e em todo o corpo da mesma Igreja, há outras que não escrevemos aqui, por nos não parecerem dignas de tanta memória.

Por cima desta povoação da Ribeira, para a parte do Norte, em lugar mais alto, junto à calçada que chamam da Atamarma, existe outra Igreja Paroquial, com a invocação do Glorioso Evangelista S. Mateus. O Pároco dela é Prior, e tem quinze vizinhos fregueses. Não tem esta Igreja Sacrário, nem obrigação de Coro, e o Prior terá um ano por outro seiscentos mil réis de renda, tem junto a si em distância de poucos passos uma Ermida de Santa Eufémia, que lhe é anexa; tem três altares com o da Capela-mor, é de

mediana grandeza, e é apresentação do Duque do Cadaval. Tem mais anexa esta Igreja outra, que é a do lugar de Alcanhões, em a qual o dito Prior apresenta um Cura.

Índex das cousas mais notáveis,

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTÁVEIS,

que se contêm neste primeiro Tomo da História de Santarém.

A

ABBADESSAS, a do Convento de Odivelas apresenta a Igreja de *S. Julião* da Vila de Santarém, liv. 2. cap. 14. pág. 135.

Aben Jacob Miramolim, Senhor, e Imperador de Marrocos, vem com poderosíssimo exército Africano dar o último combate a Santarém, liv. 1. cap. 7. pág.28. Relatam-se os progressos desta batalha, quando foi, e aonde, liv. 1. c. 7. pág. 28.

Abidis, fundador de Santarém, l. 1. cap. 1. pág. 1. Declara-se de quem foi filho: Ibidem. Dúvidas, que houve entre os Escritores nesta matéria, liv. 1. cap. 1. pág. 1. Foi lançado nas brenhas, e depois no Tejo, e por quem? l. 1. c. 1. p. 1. Foi criado aos peitos de uma cerva agreste, liv. 1. cap. 1. p. 1. Como foi tirado dos montes, e levado à presença de sua Mãe *Calipso*, e dúvidas que há neste particular: Ibid. Funda Santarém, liv. 1. c. 1. pág. 1. Foi XXVI. Rei de toda Espanha, depois do Dilúvio geral, por sucessão continuada de Tubal, liv. 1. cap. 1. pág. 1. Anos de seu Reinado até à sua morte: Ibidem.

Abzecri Mouro, Governador de Santarém, declara-se o tempo em que se retirou desta Vila pela ver já quase senhoreada dos Portugueses, liv. 1. c. 5. pág. 18.

D. Afonso Henriques, nosso 1. Rei, intenta tomar Santarém aos Mouros, liv. 1. cap. 4. pág. 12. Manda um grandioso presente a El-Rei de Leão seu genro, e em que tempo, liv. 1. c. 7. pág. 28. Institui a Ordem da Cavalaria da Ala: aonde, e quando liv. 1. cap. 6. pág. 23.

Alanos, entram em Portugal com seu Rei *Ataces*, intentam senhorear Santarém, seus progressos, e quando liv. 1. c. 4. p. 12.

Albaraque Rei Mouro, dá o primeiro combate a Santarém, depois de estar senhoreada pelos Portugueses, retira-se com o seu Exército rechaçado, e destruído: livro 1. cap. 4. pág. 12.

Alcáçova, foi o Castelo de Santarém, descreve-se a Colegiada que ali existe, por quem foi fundada, e quando, liv. 1. c. 8. pág. 30. Refere-se como esta Colegiada foi Capela Real dos nossos Reis: Ibidem. Contenda grave, que o primeiro Bispo de Lisboa *D. Gilberto* teve com os Templários, acerca das rendas desta Igreja, e das mais de Santarém l. 1. c. 8. p. 30.

Alfange, lugar situado ao pé da Vila de Santarém, junto ao Rio Tejo. Dá-se a notícia donde lhe veio este nome, liv. 1. cap. 11. pág. 44.

Fr. André da Veiga, notícias da sua vida, e preciosa morte. liv. 2. cap. 27. pág. 170.

Ano, em que os Padres da Terceira Ordem de *S. Francisco*, se trasladaram do antigo Convento de Santa Catarina dos Olivais para o novo de Santarém, liv. 1. c. 18. pág.64. Neste mesmo ano se opuseram as Freiras de *S. Domingos das Donas* a impedir, que não tivessem existência os PP. Terceiros junto do seu Convento: Ibidem. Na Igreja deste Convento existe uma Irmandade dos Terceiros de *S. Francisco*. liv. 1. cap. 20. pág. 76.

Armas desta Vila de Santarém; mostra-se como se devem expressar, liv. 1. c. 3. pág. 9.

B

Banam, foi o Tirano, executor do martírio de *S. Iria*, notícia do lugar, e tempo do homicídio, liv. 2. c. 21. pág. 154.

Benespera, nesta terra houve antigamente um Convento de *Santo Antão* de Cónegos do mesmo Santo, que era cabeça dos mais, que esta família tinha em Portugal: dá-se notícia da sua extinção neste Reino, l. 1. c. 13. p. 48.

Britaldo, filho de Castinaldo, Governador de Nabância, no tempo dos Reis em Espanha, dá-se notícia de como mandou martirizar a *Santa Iria*, liv. 2. c. 20. pág. 148.

C

Calipso, filha del Rei Gorgoris, e mãe de Abidis fundador de Santarém, descreve-se o motivo que houve para fundar esta terra, liv. 1. c. 1. pág. 1. Sucessos que houve entre *Ulisses*, e *Calipso*: Ibidem.

Capelas, que existem na Igreja de *N. Senhora de Marvila*; das obrigações das suas instituições, e seus Administradores, liv. 1. c. 12. pág. 46. Capelas, e Missas quotidianas, que existem na Igreja de *Santo Estêvão do Santíssimo Milagre*, liv. 2. c. 4. p. 102.

Castinaldo, Governador de Nabância, no tempo de *Santa Iria*, liv. 2. c. 20. pág. 148.

Célio Abade, tio de *Santa Iria*, declara-se como Deus lhe descobriu onde estava colocado o corpo desta Santa, e dos prodígios que se viram, quando foi achado liv. 2. c. 23. p. 158.

Celtas, entrada desta Nação em Santarém liv. 1. c. 4. pág. 12.

Coimbra, descreve-se por quem foi fundada, e em que tempo, liv. 1. c. 4. pág. 12.

Confraria, a de *S. Silvestre*, que existe na Igreja de *S. Nicolau* desta Vila de Santarém, liv. 2. c. 12. pág. 129.

N. S. da Conceição da Várzea, é uma Igreja, que pertence à de *S. Martinho* desta Vila de Santarém, liv. 2. c. 8. pág. 113.

Convento, o de *Santo Agostinho* desta Vila de Santarém, relata-se a sua fundação, e tudo o que lhe pertence, liv. 1. c. 14, p. 52. O de *N. Senhora de JESUS* desta Vila de Santarém, dá-se notícia da sua fundação, e de tudo o que lhe pertence, e de como hoje existe, liv. 1. cap. 18. pág. 64. O de *S. João do Pereiro* de Religiosos Arrábidos; notícias de sua fundação, liv. 2. cap. 16. pág. 138.

D

Dedicação, a da Igreja de *Santa Maria de Alcaçova*, liv. 1. c. 8. pág. 30.

S. Domingos das Donas, descrevem-se os motivos, que houve para se fundar este Convento em Santarém, liv. 1. cap. 21. pág. 79.

E

Eliza, primeiro fundador de Lisboa, e quando, liv. 1. c. 1. pág. 1.

D. Elvira Duranda, principal fundadora, ou a que deu fundamento para se erigir, e ter subsistência o Convento de *S. Domingos das Donas* de Santarém, e quando, liv. 1. c. 21. p. 79.

Enfermaria, a que têm os PP. da Terceira Ordem de *S. Francisco* no Hospital de *JESUS Cristo* desta Vila de Santarém, liv. 1. c. 20. p. 76. A que os PP. Capuchos da Província de *Santo António do Curral* têm no Hospital de *Jesus Cristo* desta Vila de Santarém, liv. 2. cap. 17. p. 142. A que os PP. Arrábidos têm no mesmo Hospital da dita Vila, liv. 2. c. 17. p. 142.

Epitáfios, os que existem na Igreja dos PP. Eremitas de *S. Agostinho* desta Vila de Santarém: descreve-se a fundação da mesma Igreja, liv. 1. c. 15. pág. 54.

D. Estefânia, mandou fazer do seu fundamento a Igreja de *S. Domingos das Donas*; e se declaram os Epitáfios que existem na sua Capela-mor, liv. 1. c. 25. p. 90.

S. Estêvão, dá-se notícia da Igreja deste Santo, que é a Paroquial onde sucedeu o caso maravilhoso da Hóstia consagrada nesta Vila de Santarém, liv. 2. c. 1. pág. 94. Refere-se a notável maravilha da Hóstia consagrada, que existe nesta Igreja de *S. Estêvão* desta mesma Vila, liv. 2. c. 2. pág. 97. Notícia de duas Irmandades, que há nesta Igreja de *Santo Estêvão*; a do *Santíssimo Milagre*, e a do *Senhor JESUS dos Terços*, e mais algumas notícias, que pertencem a esta Igreja, liv. 2. c. 3. pág. 100. Faz-se memória das

Capelas de Missas quotidianas pertencentes a esta Igreja de *Santo Estêvão*, e de algumas sepulturas de pessoas nobres, que nelas jazem sepultadas, liv. 2. c. 4. pág. 102. Dá-se a notícia do lugar aonde sucedeu, e apareceu primeiramente manifesta a Hóstia do *Santíssimo Milagre*, o qual lugar se vê hoje convertido em uma Ermida, liv. 2. c. 5. pág. 105. De outra Ermida pertencente ao mesmo Milagre, liv. 2. c. 5. pág. 105. De mais algumas Ermidas, e cousas pertencentes a esta Igreja de *Santo Estêvão*, liv. 2. c. 6. Pag. 107.

Ereção, a da Irmandade, e Confraria do *Senhor JESUS dos Terços*, com o título da Congregação dos Pobres, na Igreja de *N. S. de Marvila*, liv. 1. cap. 10. pág. 120.

Ermidas, as que são anexas à Igreja de *N. Senhora de Marvila*, liv. 1. c. 13. pág. 48. A de *S. Lázaro*, suas notícias, e do seu Hospital, liv. 1. c. 13. pág. 48. Dá-se notícia do sítio em que existe, e donde existia antigamente: Ibidem. A de *N. Senhora da Vitória*, suas notícias, liv. 1. cap. 13. p. 48. A de *S. Cristóvão*, liv. 1. c. 13. pág. 48. A de *S. Roque*, liv. 1. cap. 13. pág. 48. A de *Santo Antão*, com a notícia de existir antigamente nela um Convento de Religiosos Cónegos, com o nome deste Santo, liv. 1. cap. 13. pág. 48. A de *N. Senhora da Abóbada*, quando existiu, e sua antiguidade, liv. 1. c. 21. p. 79. Declara-se a contenda, que as Emparedadas de *Dona Elvira Duranda* tiveram com os Padres de *S. Francisco*, por assistirem no sítio desta Ermida da Senhora da Abóbada, liv. 1. cap. 21: pág.79. E como os Padres Domínicos deram o sítio da *Madalena* às emparedadas para fundarem Convento, e quando, liv. 1. cap. 22. pág. 83. A de *Nossa Senhora da Boa-Hora*, sita em uma quinta chamada do Chafariz, anexa à Igreja de *S. Martinho* desta Vila de Santarém, liv. 2. c. 8. pág. 113. As que são anexas à Igreja de *S. Nicolau* desta Vila de Santarém, liv. 2. c. 12. p. 129. As que pertencem à Colegial Igreja de *Santa Maria de Alcaçova*, liv. 1. c. 8. pág. 30. A de *N. S. Madre de Deus*, que existe fundada sobre a porta, que chamam de Valada, liv. 2. c. 18. pág. 143. A de *N. S. das Neves* na Ribeira de Santarém, liv. 2. c. 24. pág. 162. A de *N. S. da Glória* na mesma povoação da Ribeira, liv. 2. c. 24. pág. 162. A de *N. S. da Encarnação* nos Arcos de Palhais, liv. 2. c. 24. pág. 162. A de *S. Pedro Apóstolo* em Alfange, liv. 2. c. 28. pág. 174. A de *S. Bartolomeu* em Alfange, Ibidem. A de *Santa Eufémia*, liv. 2. c. 28. pág. 174.

F

Fenices, entrada desta Nação em Portugal, levam os ossos de Hércules do Promontório Sacro para Cádis, liv. 1. cap. 4. pág. 12.

Fr. Francisco de N. Senhora, Religioso Leigo da Terceira Ordem de *S. Francisco*, descrevem-se as suas notícias, liv. 2. c. 27. pág. 170.

Fundação, a do Convento dos PP. Terceiros de *S. Francisco* nesta Vila de Santarém, liv. 1. cap. 19. pág. 71. Declara-se quem foi a fundadora, e padroeira desta Igreja. Ibidem. Dá-se notícia da Irmandade de S. António, que nesta Igreja existe, e do princípio da sua fundação: Ibidem. Fundam os PP. Marianos o seu Convento nesta Vila de Santarém, e quando liv. 1. c. 26. pág. 92. Fundação, e existência do Convento de *Santa Catarina dos Olivais*, no distrito da Freguesia de *Santa Iria*, liv. 2. cap. 25. pág. 165.

G

Fr. Gaspar das Chagas, Religioso Eremita de [texto incompleto] liv. 1. cap. 16. pág. 60.

Godos, esta Nação senhoreou Santarém; declara-se o tempo, que nela existiram, liv. 1. c. 4. Pag. 12.

Fr. Gonçalo Origiis da Ordem dos Pregadores, teve licença do Capítulo Geral da mesma Ordem para professar as Reclusas, que fundaram o novo Convento de *S. Domingos das Donas* desta Vila de Santarém, liv. 1. c. 25. pág. 90.

Gorgoris, Rei da Lusitânia, e de toda a Espanha, pela descendência de Tubal, seus progressos, liv. 1. c. 10. pág. 42.

Gregos, sua entrada em Lisboa, liv. 1. c. 1. pág. 1.

H

Hermenerico, Rei dos Suevos, sua entrada em Portugal, [texto incompleto] teve com El-Rei *Ataces*, a fim de tomar à força de armas a Cidade de Coimbra, e o motivo, porque se acabaram estas guerras, liv. 1. cap. 4. pág. 12.

Hospital, o de *JESUS Cristo*, sito nesta Vila de Santarém, declara-se a sua ereção, quem o fundou, como foi dotado, e quando, liv. 2. cap. 11. pág. 123. Neste Hospital governaram os Cónegos da Sagrada Congregação do Evangelista por diversos tempos, descrevem-se as razões que houve para estes Cónegos largarem o governo do dito Hospital, liv. 2. c. 11. pág. 123. Dos Hospitais, que foram unidos a este de *JESUS Cristo*: Ibidem.

I

Igrejas, a de *Santa Maria de Alcáçova*, descreve-se a sua formatura, e tudo o que tem dentro em si, liv. 1. Cap. 8. pág. 30. A do Convento de *Santo Agostinho* desta Vila de Santarém, descreve-se a sua formalidade, liv. 1. cap. 15. pág. 54. A da *Misericórdia* desta Vila de Santarém, notícia da sua nobre Irmandade, liv. 2. cap. 13. pág. 132. A de *S. Julião*, que existe nesta Vila de Santarém, liv. 2. c. 14. pág. 135. A de *S. Lourenço* nesta Vila, suas notícias, liv. 2. c. 15. pág. 137. A de *Santiago*, que é uma desta Vila de Santarém, suas notícias, liv. 2. cap. 19. pág. 145. A de *S. Iria* que existe dentro da povoação da Ribeira desta Vila, e suas notícias, liv. 2. c. 20. pág. 148. A do Convento de *Santa Catarina dos Olivais* junto a Santarém, liv. 2. c. 26. pág. 168. A de *S. João de Alfange*, liv. 2. c. 28. pág. 174. A de *Santa Cruz* na Ribeira de Santarém, liv. 2. c. 28. pág. 174. A de *S. Mateus*, liv. 2. c. 28. pág. 174. A de *Santo Ildefonso*, que existe dentro na Freguesia de *S. Martinho* sua anexa, liv. 2. c. 8. pág. 113.

D. João de Lencastre, fundou o Convento que os PP. da Província da Arrábida logram nesta Vila de Santarém, liv. 2. c. 16. pág. 138.

João Afonso, foi um fidalgo, que instituiu o famoso Hospital de *Jesus Cristo* nesta Vila de Santarém, liv. 2. cap. 11. pág. 123.

S. João de Alporão, é o título de uma grande Ermida anexa à Igreja Paroquial de *S. Martinho* desta Vila de Santarém, descrevem-se as suas antiguidades, liv. 2. c. 8. pág. 113.

S. Iria, descreve-se a Vida, e Martírio desta gloriosa Santa, liv. 2. c. 20. pág. 148.

Irmandades, a dos Clérigos pobres, que existe na Igreja da *Misericórdia*, liv. 2. cap. 13. pág. 132. A das Almas, e a do Senhor dos Passos, que existem na Igreja do Convento dos PP. Eremitas de *Santo Agostinho* desta mesma Vila, liv. 1. c. 17. pág. 62. As que existem na Paroquial de *S. Nicolau* desta Vila liv. 2. c. 10. pág. 120.

S. Isabel Rainha de Portugal, fundou nesta Vila de Santarém um Hospital para meninos enjeitados, quando, e em que lugar, liv. 2. c. 7. p. 109.

L

Fr. Lourenço de Santiago, foi o primeiro Prelado que teve o Convento de *N. Senhora da Graça* desta Vila de Santarém, liv. 1. cap. 14. pág.52.

Lourenço Viegas, foi fidalgo de grande valor nas guerras de *D. Afonso Henriques*, liv. 1. cap. 6. pág. 23.

M

Santa Maria de Marvila, declara-se a dúvida de sua antiguidade, liv. 1. c. 9. pág. 37. Relata-se a certeza de ter sido esta Igreja antigamente Colegiada com Cónegos, que comiam em um mesmo refeitório: Ibidem. Descreve-se toda a formatura desta Igreja, e tudo o que compreende dentro em si, liv. 1. c. 9. pág. 37. Dá-se notícia da Imagem de *N. Senhora*, que existe no arco da tribuna da Capela-mor desta Igreja, e de como essa mesma Imagem lhe deu o título, liv. 1. c. 9. pág. 37. Refere-se à notícia de uma Irmandade, que existe nesta Igreja do *Senhor JESUS dos Terços* com o título da Congregação dos Pobres liv. 1. c. 10. pág. 42. Dá-se notícia de uma larga contenda, que os Clérigos desta Igreja tiveram com os Cónegos de *Santa Maria de Alcáçova* sobre qual das duas Igrejas havia de ser Matriz, e os progressos que nisto houve, liv. 1. c. 11. pág. 44. Declara-se o que rende esta Igreja de Marvila ao Pároco dela, e aos Beneficiados, liv. 1. c. 11. p. 44. De várias sepulturas, que existem nesta Igreja de Marvila, e das obrigações de Capelas, das suas instituições, e seus Administradores, liv. 1. c. 12. pág. 46.

Santa Maria Madalena, declara-se uma Ermida desta Santa, liv. 1. c. 22. pág. 83. Mudam-se as Reclusas da *Senhora da Abóbada* para o sítio da *Madalena* solenemente, e dá-se notícia de como se lhe introduziu o nome de Donas, depois de estarem regularmente

Freiras, liv. 1. c. 23. p. 85. Declara-se como estas Reclusas moradoras já no sítio da *Madalena*, alcançaram Breve para serem Religiosas professas da Ordem do Patriarca *S. Domingos*, liv. 1. cap. 24. pág. 87.

Martim Moniz, foi mandado por El-Rei *D. Afonso Henriques* a Santarém declarar guerras com os Mouros liv. 1. c. 4. p. 12.

S. Martinho, dá-se notícia da Paroquial Igreja deste Santo, que existe nesta Vila de Santarém, liv. 2. c. 8. p. 113. E de alguns Párocos, que foram desta Igreja, dignos de especial memória, liv. 2. c. 9. p. 118.

Martírio de *Santa Iria*, declaram-se as maravilhas com que Deus fez manifesta a sua inocência, e a sua virtude, liv. 2. cap. 21. pág. 154.

Marvila, povoação principal de Santarém, descreve-se a origem que teve para lhe dar o vulgo este nome, liv. 1. c. 9. p. 37.

Mem Moniz, de Gandarei, vai mandado por El-Rei *D. Afonso Henriques* a Santarém ajustar pazes com os Mouros, quando, e a que fim, liv. 1. c. 4. p. 12. Torna para Coimbra, facilita a El-Rei a entrada dos Portugueses em Santarém para tomarem esta Vila: Ibidem. Declaram-se, e refutam-se as opiniões de alguns escritores no que toca ao ano, mês, e dia em que foi tomada Santarém aos Mouros, e resolve-se a verdade: Ibidem. Refere-se à promessa, que fez El-Rei *D. Afonso Henriques* diante de seu irmão *D. Pedro Afonso*, de fundar, e dotar um Convento para os Monges de S. Bernardo, qual é hoje o de *Alcobaça*; dá-se notícia em que dia foi feita esta promessa, e aonde: Ibidem.

Mercearias, as que há na Igreja dos PP. Eremitas de *Santo Agostinho* desta Vila de Santarém, liv. 1. c. 16. p. 60.

D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, dá os seus Paços para os PP. da Terceira Ordem de *S. Francisco* fundarem o seu Convento desta Vila, liv. 1. cap. 18. pág. 64.

Milagre, o que Deus fez por intercessão de *Santa Iria* a Britaldo, filho do Governador de Nabância, chamado Castinaldo, liv. 2. cap. 20. pág. 148.

Monte de Abade, neste lugar junto de Santarém venceram os Cristãos uma estupenda batalha aos Mouros, e quando, liv. 1. c. 7. pág. 28.

N

S. Nicolau, dá-se notícia da Paroquial Igreja deste Santo que existe nesta Vila de Santarém, da sua antiguidade, e existência, liv. 2. cap. 10. pág. 120.

Que se contêm neste I. Tomo.

P

S. Pedro Apóstolo, dá-se notícia de uma Imagem deste Santo, à qual chama o vulgo *S. Pedro de Varanda*, que existe no distrito da Freguesia de *S. Nicolau* desta Vila, liv. 2. cap. 12. pág. 129.

Pedro Escuro, valoroso Português, fundou um Hospital nesta Vila de Santarém, liv. 2. cap. 18. pág. 143.

Fr. Pedro Sanches, Religioso Eremita de *S. Agostinho* aonde tomou o hábito, e aonde jaz sepultado, liv. 1. c. 16. p. 60.

D. Pedro Afonso, acompanhou a El-Rei *Dom Afonso Henriques* seu irmão, na tomada de Santarém aos Mouros, liv. 1. cap. 4. pág. 12.

Pereiro, é um distrito nesta Vila de Santarém; mostra-se a origem porque se lhe deu este nome. liv. 2. c. 16. p. 138.

Prática, a que El-Rei *D. Afonso Henriques* fez aos seus Portugueses, na véspera do dia em que tomou Santarém aos Mouros, declara-se o lugar, liv. 1. c. 4. p. 12.

Presidium Julium, nome que o Imperador Júlio César deu a esta Vila de Santarém, liv. 1. cap. 4. pág. 12.

R

Recolhimento, o das Terceiras de *S. Francisco*, que existe dentro nesta Vila no distrito da Freguesia de *Santo Estêvão do Santíssimo Milagre*, liv. 2. cap. 7. pág. 109.

Remígio, Religioso da Ordem de *S. Bento*, foi o Mestre de *Santa Iria*, liv. 2. cap. 20. pág. 148.

S. Rita, descreve-se a Capela desta Santa, que existe na Igreja do Convento dos PP. Eremitas de *Santo Agostinho* desta Vila liv. 1. cap. 15. pág. 54.

Romanos, senhorearam Santarém, e a cercaram de fortes muros liv. 1. cap. 4. pág. 12.

S

D. Sancho I do nome entre os Reis de Portugal, sendo ainda Infante sustentou cinco dias o combate que lhe deu em Santarém o Imperador de Marrocos *Aben Jacob*, liv. 1. cap. 7. pág. 28.

Santarém, descreve-se a grandeza desta Vila com todo o seu sítio, e assento, liv. 1. cap. 2. pág. 6.

Scalabis, ou *Esca Abidis*, foi o primeiro nome que teve a Vila de Santarém, dá-se notícia do princípio deste nome, liv. 1. cap. 1. pág. 1.

Sepulturas, as que existem na Paroquial Igreja de *Marvila*, liv. 1. cap. 12. pág. 46. As que existem na Igreja de *Santo Estêvão do Santíssimo Milagre*, liv. 2. cap. 4. pág. 102. As que existem na Igreja de *Santo Agostinho* desta Vila de Santarém, liv. 1. cap. 15. pág. 54. As que existem na *Misericórdia* desta mesma Vila, liv. 2. cap. 13. pág. 132. As que existem na Igreja do Colégio de *Santa Catarina dos Olivais*, liv. 2. c. 27. pág. 170. As que há na Igreja de *Santa Cruz*, liv. 2. cap. 28. pág. 174.

Sinal; um que apareceu no Céu ao tempo em que os Portugueses estavam junto a Santarém com El-Rei *D. Afonso Henriques*, quando tomaram esta Vila aos Mouros: descreve-se esta feliz vitória, liv. 1. cap. 5. pág. 18.

Sítio, em que *Santa Iria* padeceu Martírio, e das prodigiosas maravilhas do seu pego, liv. 2. c. 22. pág. 156.

Suevos, entraram na Lusitânia com seu Rei *Hermenerico*, e intentam tomar Santarém à força de armas, liv. 1. cap. 4. pág. 12.

T

Teto, o da Igreja do Convento de *Santo Agostinho* da Vila de Santarém, como, e quando foi reformado, e da vexação, que os demónios faziam ao Venerável Padre *Fr. Martinho de Santarém*, Religioso no mesmo Convento, liv. 1. cap. 16. pág. 60.

V

S. Vicente do Paulo, é uma Igreja que tem fregueses, mostra-se que pertencia à de *S. Martinho* desta Vila de Santarém, liv. 2. c. 8. p. 113.

Ulisses, sua entrada em Lisboa, e seus progressos na Lusitânia, liv. 1. cap. 1. pág. 1.

FIM

DESTE PRIMEIRO TOMO.

HISTÓRIA
DE
SANTARÉM
EDIFICADA

QUE DÁ NOTÍCIA DA SUA FUNDAÇÃO,
e das coisas mais notáveis nela sucedidas.
A SABER,

Das fundações de todas as suas Igrejas, assim das Paróquias, como dos Conventos, e Ermidas, dos prodigiosos Milagres ali sucedidos, das Relíquias que em si encerra, das vidas de vários Santos, e Beatos, e de muitas pessoas dignas de memória, assim em virtudes, como em letras, e armas, todas naturais de Santarém, e de tudo o que toca ao seu Termo, e Comarca, do que se segue dar muitas notícias de todo o Reino.

SEGUNDA PARTE,
COMPOSTA PELO PADRE
IGNÁCIO DA PIEDADE E VASCONCELOS,

Cónego secular da sagrada Congregação de S. João Evangelista, Definidor actual na mesma Congregação, e natural da Vila de Santarém.

Dada à luz por um curioso amante da dita Vila.

LISBOA OCIDENTAL,
ANO DE M. DCC. XXXX.
Com todas as licenças necessárias.

Vende-se a Primeira, e Segunda Parte na Loja de José Francisco Mendes, adiante da Igreja da Madalena, e na de António da Costa defronte da Igreja da Boa-Hora.

AO LEITOR

ESTA segunda parte da *História de Santarém edificada*, que é a primeira continuada, e só dividida por não fazer grande, e pesado volume a quem o ler, exponho como a primeira nas mãos do católico Leitor; e suposto reconheço que escrever uma História sem faltar aos rigorosos preceitos que semelhante escritura requer, é sem dúvida uma dificultosa empresa; porque esta dificuldade nasce da diversidade que pedem os próprios estilos das escrituras: pois não é mais a do Histórico que um modo de dizer, e contar as coisas que já passaram; sem confundir o gosto de quem lhe busca as notícias para se fazer senhor delas; sendo sem aqueles repetidos ornamentos de quem querendo passar praça de florido lhe chama cultura, e outros com mais ajuizada notícia ignorância. Estes Autores floridos muitas vezes se cansam em roubar como estragados, essas flores (que nem sempre têm bom olfato) àqueles que escreveram em outro sentido alegoricamente. Eu que desejo não faltar às leis do sentido da História; nesta de Santarém que escrevi, e escrevo, segui como me foi possível, um estilo de contar breve, liso, e sem afetação, sem palavras novas, mas correntes, e Portuguesas. E finalmente, se alguns me não acompanharem por esta estrada limpa por onde caminho, não faltarão em me seguir aqueles que só buscam a alma da História, que é a verdade. E se nesta matéria houver opiniões em contrário, espero do pio Leitor disfarce os erros que achar nesta minha obra, em remuneração da vontade com que o desejo servir, pelas copiosas notícias que nelas vão escritas.

VALE.

CARTA

DE

MANUEL DA CUNHA

DE ANDRADE E SOUSA,

Cavaleiro da Ordem de Cristo, e Bacharel formado na Faculdade de Leis pela Universidade de Coimbra.

Escrita ao M. R. P. M. Definidor

IGNÁCIO DA PIEDADE

E VASCONCELOS,

Autor da Obra.

Restituo a V. P. a *História de Santarém edificada*, de que a sua generosidade permite a lição, e a sua religiosa modéstia sujeita à minha censura. Por muito ofendido me podia eu dar da indiferença com que V. P. me retardou tanto tempo esta gostosíssima lição, se não refletira na falta de talento, que em mim reconheço para dar a devida estimação a uma obra tão relevante; porém com esta consideração não posso deixar de agradecer a V. P. tão singular benefício, em que me interesso com a maior honra, e com a maior utilidade, sem que a demora me diminua a obrigação, em que lhe fico. Só a circunstância com que V. P. me dispensa esta lição de interpor o meu parecer, ainda que era propriíssima para agradecimento, só o é para o susto, por obrigar-me a pegar na pena com a mão trémula. Não é menos arriscado escrever uma obra do que o formar juízo dela; antes me parece, que observá-la é mais difícil, que escrevê-la; porque o primeiro vence-se com o estudo, e com o engenho, e o segundo além do engenho, e do estudo, requer uma crítica desinteressada, e sincera, um espírito censório, e cândido, e um dom de discrição, que facilmente se não encontra, ainda em sujeitos egrégios, pelas paixões da alma, a que está sujeita a natureza, as quais só servem de descompor o ditame sério, com que se deve formar qualquer juízo; mas o preceito de V. P. pesa tanto na minha estimação, que me obriga a uma obediência cega, ainda expondo-me a uma repreensão rígida.

Este Livro é um tesouro de preciosidades dignas da maior estimação, em que entram com grande lucro as Repúblicas, Religiosa, e Militar, Política, e Literária, pois nele se encontram as virtudes heroicamente praticadas, as batalhas valorosamente vencidas, os conselhos prudentemente discorridos, e as ciências doutamente compreendidas por tantos sujeitos veneráveis, por tantos soldados invencíveis, por tantos conselheiros prudentes, e por tantos varões letrados, quantos nesta História nos dá a conhecer a bem aparada pena de V. P. referindo-nos com a sinceridade mais pura, o sistema das suas vidas, e os progressos das suas ações, de que nos pode resultar uma conveniência muito distinta se as lermos para as imitarmos, e por este caminho subirmos ao altar, em que se adora a virtude; ao trono, em que se respeita o valor; ao conselho, em que se venera o voto; e à cadeira, em que se estima a sabedoria. Não há coisa mais útil a qualquer República, que a imortalidade dos seus membros pelo benefício da história. Bem conheceram esta política as duas mais bem governadas da Europa, que floresceram em Grécia, e Roma, dedicando ao exercício histórico as melhores penas daquele tempo nos Heródotos, e Políbios, nos Lívios, e Salústios, adiantando muito por este meio, cada qual delas o seu partido; mas assim como é este exercício o mais necessário, é o mais perigoso; porque são as leis da História tão apertadas, que poucos as observam sem transgressão. Nos mesmos Historiadores referidos acham os críticos alguns defeitos; a Heródoto acusam de pouco verdadeiro; a Políbio de muito político; a Lívio de demasiado, e a Salústio de reflexivo, arguindo a todos por faltarem uns à verdade, com que se anima a História, e outros à sinceridade com que se qualifica a Narração. V. P. vencendo todas estas dificuldades, em que tropeçaram os primeiros professores, escreveu esta admirável História, revestida de frases puras, sem o desaire de afetadas; contando as ações dos homens sem encarecimentos; as fundações dos Conventos sem mistérios, e os vencimentos das batalhas sem enredos. O que pode meter na série natural não o elevou à milagrosa. Refere os factos, e não os moraliza; sem se extraviar do caminho da História, reservou as máximas da Política para os Gabinetes, e as da Filosofia para as Academias; prosseguiu uma narração pura sem se introduzir em alheio clima, nem ainda no da Eloquência, deixando-o aos Poetas, e Oradores, que pela obrigação, que têm de deleitar e persuadir, usam de mais largas licenças, podendo figurar os períodos para conciliar os ânimos; todas estas circunstâncias recomendam muito esta História por singular, e a V. P. por único, e principalmente a última que na nossa pátria é bem rara, pois a altivez da Nação até se conhece no estilo da História. Usam os nossos Historiadores (não digo todos; porque venero a pureza de muitos) de conceitos subidos, de períodos afetados, e de ponderações desnecessárias; uns para ostentarem engenho, e outros erudição, sem advertirem, que as notícias estranhas e produções engenhosas só servem de cortar o fio da História, e suspender o juízo de quem a lê porque a verdade demasiadamente ornada, faz-se suspeitosa. V. P. triunfando deste abuso deu só a conhecer a candidez do seu ânimo, pois escreve as notícias do mesmo modo com que as leu nas fontes, cuidando mais na averiguação, que no ornato. Examinou V. P. os arquivos, revolveu os cartórios, desenterrou os mármores, e ocularmente provou os monumentos mais autênticos, que se achavam na famosa Vila de Santarém, pátria sua, para formar esta História; e é esta outra circunstância, que muito a qualifica de verdadeira. A máxima de que na História preferem os Autores estranhos aos naturais, é errada; porém, por hora não quero argumentar contra ela, e só digo, que o escrever por informações é cair em monstruosidades, que não podem evitar, nem a singeleza, nem a crítica. Uma das melhores obras históricas, que hoje correm na Europa é os Atos dos Santos, que principiou João Bolando, e continuou Daniel Papebrochio, e outros doutos Jesuítas; mas como se escreve por informações menos averiguadas está cheia de monstruosidades horrendas; ali se acham Santos com cinco braços, com dois corpos, e com quatro cabeças. No dia vinte e quatro de julho diz

Papebrochio na Vida de Santa Cristina, que a cabeça desta Santa se acha no capítulo Paulino de Santa Maria maior de Roma, no Escorial, em Ávila, e em S. Roque de Lisboa, e se tivesse a verdadeira informação acharia outra no Convento de N. Senhora da Graça desta Corte. Eis aqui o que é escrever por informações. Nas cartas Geográficas acham-se as mesmas deformidades que nas histórias, por cuja razão as doutas Academias de Paris, e Petersburgo mandaram exploradores sábios, a todas as partes do mundo examinar com os olhos os sítios das terras, as diferenças dos climas, as divisões das Monarquias, para que depois de um exatíssimo cálculo, pudessem dar providência à emenda, e correção da Geografia. Nas vastíssimas, e tão antigas notícias, que V. P. escreveu nesta História, ninguém sem o defeito de temerário, poderá ficar escrupuloso, considerando o trabalho com que foram averiguadas, e as puríssimas fontes donde foram extraídas; não por informações alheias, mas à custa de diligências próprias. Eu, que em matérias históricas se não sigo o Pirronismo de Campanella por extravagante, sigo outro mais prudente, confesso que nesta História fico sem dúvida, não só por conhecer o religioso, e sincero ânimo de V. P. de que tenho largas experiências; mas por ter notícias da excessiva diligência, e custosa fadiga com que V. P. indagou tudo o que escreveu; certeza, que me obriga a venerar esta História com os joelhos em terra, e não a dilatar mais na minha mão, para que passe às de todos pelo benefício do prelo, de que se faz digníssima para honra da sua pátria, da sua Congregação, e do Reino todo. Deus guarde a V. P. muitos anos. Lisboa 11 de agosto de 1738.

De V. P.

Venerador afetivo, e orador perpétuo.

Manuel da Cunha de Andrade e Sousa.

ÍNDEX

DOS

CAPÍTULOS

Que se contêm nesta segunda parte.

LIVRO PRIMEIRO

AP. I. Em que se dá notícia da Paroquial Igreja do Salvador desta Vila de Santarém; e se continua no mesmo livro a dos Conventos, e Ermidas, que existem no seu distrito. Pág.201.

CAP. II. Como nesta Vila de Santarém, no distrito da Freguesia do Salvador fundaram os Religiosos da Trindade Convento, e de como foi o primeiro que houve desta Religião no Reino de Portugal, e nesta Vila. Pág. 208.

CAP. III. Faz-se memória da Venerável Irmandade da Ave MARIA, que existe neste Convento, e de algumas circunstâncias a ele pertencentes. Pág. 214.

CAP. IV. Dá-se notícia da fundação do Convento de S. Domingos dos Padres Pregadores desta Vila de Santarém. Pág. 217.

CAP. V. Em que se dá notícia do que se segue na fundação do Convento, e Igreja dos Padres Domínicos desta Vila. Pág. 222.

CAP. VI. Em que se dá notícia da formatura da Igreja de S. Domingos desta Vila de Santarém, do mais que lhe pertence, com as suas Imagens milagrosas. Pág. 224.

CAP. VII. Dá-se notícia do Bem-aventurado *S. Fr. Gil*; dos seus progressos, e vida que teve neste Convento, e nele o seu glorioso trânsito. Pág. 233.

CAP. VIII. Descreve-se a fundação do Convento, que a Religião Beneditina possui em Santarém, e o prodigioso milagre do Santo Crucifixo. Pág. 244.

CAP. IX. Dá-se notícia da fundação, e existência do Colégio que os Padres da Companhia possuem nesta Vila de Santarém. Pág. 248.

CAP. X. Da fundação do Convento dos Padres Agostinhos descalços nesta Vila de Santarém, no distrito da Freguesia do Salvador. Pág. 251.

CAP. XI. Descreve-se o prodigioso Milagre, que a Senhora da Piedade fez pelo bem deste Reino. Pág. 254.

CAP. XII. Como El-Rei D. Afonso sexto erigiu, e mandou fundar de novo a Igreja de N. Senhora da Piedade de Santarém. Pág. 258.

CAP. XIII. Em que se dá notícia de uma Irmandade, que em Santarém se erigiu à Senhora da Piedade, em a qual se assentaram por Irmãos as Pessoas Reais, que a renovaram com grande fervor, e devoção. Pág. 260.

CAP. XIV. Em que se dá notícia de dois Religiosos, que floresceram em virtudes, e jazem sepultados no Convento de Nossa Senhora da Piedade da Vila de Santarém. Pág. 264.

CAP. XV. Em que se dá notícia da vida e morte do Irmão leigo *Fr. João da Cruz*, o qual jaz sepultado no Convento de Nossa Senhora da Piedade em Santarém. Pág. 268.

CAP. XVI. Dá-se notícia de um grande caso que sucedeu nas primeiras casas, em que teve princípio este Convento dos Padres Agostinhos Descalços desta Vila de Santarém. Pág. 273.

CAP. XVII. Da fundação, e mais notícias do Convento de S. Francisco desta Vila de Santarém. 276.

CAP. XVIII. Das Sagradas Relíquias, e Imagens milagrosas com que se adorna esta Igreja, e fazem ser este Real Convento um prodigioso Santuário, ou um Céu plantado na terra. Pág.278.

CAP. XIX. Descrevem-se as notícias da formalidade deste Real Convento, e de várias sepulturas que nela há Pág. 281.

CAP. XX. Prossegue-se a mesma matéria Pág. 286.

CAP. XXI. Em que se relata a fundação, e existência do Real Mosteiro de Santa Clara desta Vila de Santarém. Pág. 289.

CAP. XXII. Declara-se como este Real Mosteiro de Santa Clara teve, e logra copiosas rendas, e grandes privilégios. Pág. 291.

CAP. XXIII. Dá-se notícia de uma nobre sepultura, e da nobreza, e virtude que sempre floresceu neste Mosteiro. Pág. 293.

CAP. XXIV. De outras Esposas de Cristo, que neste Mosteiro acabaram a carreira da vida santamente. Pág. 299.

CAP. XXV. De mais algumas Religiosas, que neste Mosteiro floresceram em virtude, e de uma menina chamada a Santa; e dos prodígios de um Menino JESUS, que uma Imagem da Senhora da Conceição tem em seus braços no Coro deste Mosteiro. 301.

LIVRO SEGUNDO

CAP. I. Do que toca à Justiça desta Vila, e dos Ministros que nela há. Pág. 304.

CAP. II. Dos Lugares que existem no Termo desta Vila de Santarém. Pág. 307.

CAP. III. Em que se faz memória da fundação do Real Mosteiro de Almoster, e de tudo o que lhe pertence. Pág.311.

CAP. IV. Em que se declaram algumas preciosas relíquias que há neste Mosteiro de Almoster, e se faz lembrança das Religiosas, que nele floresceram em virtudes; e ilustres em os seus nascimentos. Pág. 315.

CAP. V. Em que se dá notícia de quatro Religiosas, que neste Mosteiro viveram, e deram fim à carreira da vida santamente, e se continuam os Lugares que pertencem à mesma Vila de Santarém. Pág.319.

CAP. VI. Das Vilas que pertencem à Comarca desta Vila de Santarém. Pág.326.

CAP. VII. Da Vila de Aveiras de cima. Pág.329.

CAP. VIII. Da Vila de Aveiras de baixo. Pág.330.

CAP. IX. Da fundação do Convento de Nossa Senhora das Virtudes. Pág.332.

CAP. X. Descreve-se a fundação, e existência da Vila de Torres Novas. Pág.333.

CAP. XI. Dá-se notícia da fundação do Convento, que os Padres da Província de Santa Maria da Arrábida têm nesta Vila de Torres Novas, e das mais circunstâncias que lhe pertencem. Pág.335.

CAP. XII. Em que se descreve a Vila da Golegã, e o que em si inclui. Pág.340.

CAP. XIII. Das notícias da Vila de Alcanede.341.

CAP. XIV. Da Vila da Azambujeira. Pág.343.

CAP. XV. Da Vila de Alcoentre. Pág.344.

CAP. XVI. Da Vila de Almeirim. Pág.345.

CAP. XVII. Da Vila de Salvaterra de Magos. Pág.352.

CAP. XVIII. Da Vila de Mugem. Pág.355.

CAP. XIX. De três Vilas situadas no Alentejo, as quais ainda pertencem à Comarca de Santarém, que são Montargil, a Erra, e a Lamarosa das Enguias, Pág.356.

CAP. XX. Em que se dá uma Breve notícia do grande servo de Deus *Fr. António de Santarém*, natural desta mesma Vila. Pág.357.

CAP. XXI. Da vida, e morte do Beato *Fr. João do Cuvo*. Pág.359.

CAP. XXII. Da vida, e morte do Venerável Irmão leigo *Fr. Romão*, Religioso de S. Francisco, professo na Província de Portugal, natural desta Vila de Santarém. Pág.362.

CAP. XXIII. Vida, e morte do V. P. *António de Quadros*, natural desta Vila de Santarém. Pág.364.

CAP. XXIV. Vida do Santo Padre *Fr. Bernardo*, natural desta Vila de Santarém. Pág.367.

CAP. XXV. Descreve-se a Vida do V. P. *Fr. Pedro Fernandes*. Pág.370.

CAP. XXVI. Da prodigiosa vida do glorioso Mártir de Cristo *S. Narciso*, natural desta Vila de Santarém. Pág. 372..

CAP. XXVII. Da prodigiosa vida de *S. João Godo*, natural de Santarém. Pág. 376.

CAP. XXVIII. Dos Padres *Fr. Diogo Vieira*, *Fr. António da Conceição*, e *Fr. Gaspar da Maia*, todos Religiosos Trinitários, e naturais desta Vila de Santarém. Pág. 379.

CAP. XXIX. Da vida do Beato *Fr. Pedro*, natural desta Vila de Santarém. Pág. 383.

CAP. XXX. Das notícias do singular Herói *D. Paio Peres Correia*, e do grande Padre *Frei Basílio de S. Francisco*, ambos naturais desta Vila de Santarém. Pág. 385.

CAP. XXXI. De outras pessoas naturais desta Vila, que são dignas de memória. Pág. 387.

CAP. XXXII. Em que se faz memória de dois fidalgos naturais desta Vila, dignos de perpétua memória, *João Afonso*, e *Fernão Besteiro*. Pág. 388.

CAP. XXXIII. De vários Heróis, que escreveram, e imprimiram várias obras assim em prosa, como em verso, naturais desta Vila de Santarém. Pág. 390.

CAP. XXXIV. Dos Bispos que até aqui achamos, que são naturais desta Vila de Santarém. Pág. 393.

CAP. XXXV. Segue-se a mesma matéria. Pág. 396.

CAP. XXXVI. De outros venerandos Padres, que pertencem à Ordem da Santíssima Trindade, naturais desta Vila de Santarém. Pág. 399.

HISTÓRIA
DE
SANTARÉM EDIFICADA,
SEGUNDA PARTE,

LIVRO PRIMEIRO

Das Notícias de suas Antiguidades.

CAPÍTULO I.

Em que se dá notícia da Paroquial Igreja do Salvador desta Vila de Santarém; e se continua no mesmo Livro a dos Conventos, e Ermidas que existem no seu distrito.

oi a fundação desta Igreja de São Salvador tão antiga, que por mais diligências que se fizeram, se não pode descobrir nos cartórios o seu princípio: tão descuidados como isto foram os antigos, que nos não mereceram agradecer-lhe hoje esta notícia; mas isto mesmo que poderá ser defeito, lhe concilia a esta Igreja a maior estimação, porque a ignorância de seu princípio, é crédito da sua antiguidade: quando o princípio é tão distante que se não pode descobrir, a

distância sempre faz melhor perspetiva. A nossa notícia é, que por algumas conjeturas fundadas em antigos documentos se vem a entender, que esta Igreja foi ereta, e dotada pela piedade, e grandeza do virtuoso Rei D. Afonso Henriques, depois que alcançou dos Mouros aquela bem celebrada vitória na tomada desta Vila; e prova-se esta conclusão pela forma seguinte.

Sabemos que a esclarecida Religião da Santíssima Trindade foi instituída pelo Papa Inocêncio III no ano de 1198, e no de 1218 fundou nesta Vila o P. Fr. *André de Agramont* o Convento dos seus Religiosos: e muito antes desta fundação já havia Igreja do Salvador, com Prior, e Racioneiros, que administravam uma Ermida com a invocação de Nossa Senhora da Abóbada, sita no lugar, onde os ditos Religiosos fundaram, e têm hoje o seu Convento; e para a Igreja dele pediram ao Prior, e mais Padres do Salvador a dita Ermida, e nela fundaram os Religiosos a sua Igreja, que se entende foi sem total faculdade dos Padres do Salvador, porque logo que os Religiosos demoliram a Ermida para fabricarem novo Templo, se embargou a dita obra, correu demanda perante o Vigário Geral de Lisboa, e por fim da causa vieram a concerto, dando aos Padres do Salvador em satisfação da Ermida algumas propriedades, como consta dos documentos que se guardaram no cartório da mesma Paróquia, de que vimos a concluir, que sendo o Convento dos Religiosos fundado no ano de 1218, e pedindo aos ditos Padres do Salvador a dita Ermida para nela fundarem maior Igreja, é sem dúvida que muitos anos antes havia já Igreja do Salvador com Prior, e Racioneiros, e estes anos antes foram os que correram até à tomada desta Vila por El-Rei D. Afonso Henriques, de cuja piedade se infere que fundasse, e dotasse esta Igreja, como fundou muitas para satisfazer os seus votos, e promessas e ainda se prova mais esta nossa opinião com outra afirmativa.

Quando foi a tomada desta Vila, perdoou a piedade dos Cristãos as vidas a muitos Mouros e para sua vivenda lhes concederam certo limite nesta Freguesia que ainda hoje conserva o nome de Mouraria. Os Portugueses que sempre se despem da ambição, igualmente com as vidas, deixaram aos Mouros algumas fazendas, e como por direito Divino estavam obrigados a pagarem dízimos à Igreja, os Padres do Salvador os obrigaram a que pagassem dízimos dos frutos que colhessem, como consta de alguns documentos do cartório desta mesma Igreja. Tiramos logo por consequência, que do tempo da tomada desta Vila por Dom Afonso Henriques, foi ereta esta Igreja com o título de S. Salvador, que só por Monarca tão pio podia ser assim dotada, pois só ele naquele tempo pudera fazer venerar o Divino Salvador, a quem não conhecia mais que os falsos numes da infidelidade.

O que fica dito desta Igreja, é o que toca à sua antiguidade; e em quanto ao Templo material, é tradição que fora primeiramente fabricado pelos Godos antes dos Mouros em Portugal, primeiro que a reedificasse D. Afonso Henriques, e como era tão antiga, a continuação do tempo o reduziu a total ruína, e no mesmo lugar em que se consumiu, se levantou novo Templo, que foi consagrado no ano de 1335: nele se depositaram sagradas relíquias, que ainda se conservam nesta Igreja, no decente depósito de um cofre; e no Tombo da mesma Igreja se acham da sagração as palavras seguintes, que principiam nesta forma:

CONSECRATIO SANCTI TEMPLI SALVATORIS.

IN anno Domini millesimo trecentesimo tregesimo quinto, prima Dominica Mensis Maij consacravit Dominus Episcopus Ebulensis Ecclesiam Salvatoris ad honorem

ipsius, & Beatorum Martirum beati Dionisii, & Sanctae Catherinae, quorum reliquiae ibi conduntur, & multorum confessorum, & Sancti Vincentii Levitae, & de ossibus, & carne Beatorum Apostolorum Simonis, & Judae, & de ligno Crucis Domini, & de pilis barbae S. Joannis Baptistae, & de Sepulchro Sancti Lazari.

Isto é, que em cinco de maio de 1335 foi sagrada esta Igreja pelo Bispo Abulense, que se julga ser Fr. *Domingos Soares* da Ordem dos Pregadores, e o P. Mestre Fr. *Pedro Monteiro* dá-o por certo no seu Claustro Dominicano a folhas 14, o qual Bispo no ano de 1258 foi por Embaixador d'El-Rei D. Afonso Sábio ao Papa Alexandre IV, sobre o direito que tinha ao Império. E no de 1267 sobre o partido dos Algarves ventilado entre o mesmo Rei, e o nosso D. Afonso III, de que resultou desistir o de Castela do poder que tinha neles, dando-lhe por ajuste El-Rei de Portugal cinquenta lanças em sua vida. E por este tempo assistia na Corte de Santarém este Prelado quando fez esta eclesiástica cerimónia da sagração do dito Templo.

Pela escritura do dito Tombo, que está em Latim, consta que o referido Bispo depositou nesta antiga Igreja com sagrado zelo, um copioso tesouro de relíquias, que são do lenho da Vera Cruz, pedra do sepulcro de S. Lázaro, alguns cabelos do Precursor de Cristo, o Sagrado Baptista, carne dos bem-aventurados, e sagrados Apóstolos, S. Simão, e Judas: ossos de S. Vicente Mártir, de S. Dionísio Areopagita, e de Santa Catarina de Alexandria com outros muitos de diversos Santos, cujos nomes ficaram em perpétuo silêncio. Este Templo, que era de três naves, durou até ao ano de 1692, e em dezassete de maio do dito ano, se mudou dele o SANTÍSSIMO SACRAMENTO para a Ermida do Espírito Santo. Deu-se princípio a esta que hoje existe neste tempo, e acabou-se felizmente no ano de 1725; e a nove de setembro do mesmo ano de 1725, se trasladou O SANTÍSSIMO SACRAMENTO para esta nova Igreja da do Colégio dos Padres da Companhia, onde esteve depositado por alguns dias, com um magnífico, e plausível triunfo, a que se seguiu um soleníssimo tríduo com toda a grandeza de dispêndio no seu fausto; fazendo o primeiro dia a Irmandade do Senhor da Freguesia de N. Senhora de Marvila: o segundo a Irmandade dos Clérigos pobres sita na Misericórdia desta Vila; e o terceiro o Cabido da Colegiada de Santa Maria de Alcáçova.

Os moradores desta Freguesia sobre as mesmas ruínas do Templo antigo, fabricaram este novo e soberbo artefacto, que é só de uma nave de abóbada, sendo as paredes até à cimalha real todas de pedraria bem lavrada: para cuja obra não repararam em tirar com pia prodigalidade de suas fazendas as mais grandiosas esmolas, que excedendo a quantia de cinquenta e tantos mil cruzados, ainda ao tempo que esta memória escrevemos, o Templo não estava de todo perfeito porque ainda a formosa fábrica do pórtico principal está por fora acabada, vai-se trabalhando nas torres dos sinos, que com vozes de bronze farão retumbar os ecos de tão piedosa magnificência.

Sendo esta Igreja fabricada de uma só nave, é fechada em uma larga abóbada de tijolo; pelo que se lhe fizeram as paredes dos lados tão grossas que pelo vão delas se estende um dilatado corredor com três janelas para o vão da Igreja, a que correspondem para fora outras tantas frestas grandes com vidraças, por onde se multiplicam em um Templo de tanta pompa os maiores reflexos de seus luzimentos. Na fachada do arco da Capela-mor, e cruzeiro, em lugares colaterais, estão fabricadas duas Capelas de talha dourada: em uma se venera colocada em majestoso trono (que é a que fica da parte da Epístola) uma prodigiosa Imagem da Senhora da Oliveira: Imagem tão milagrosa, como testemunham nas paredes, as formas das embarcações dos naufragantes: as mortalhas dos

ressuscitados, e as demonstrações milagrosas feitas em todas as enfermidades. A esta Sacratíssima Imagem, assiste com fervorosa devoção uma Confraria de devotos, que com os seus donativos, e muitas ofertas adventícias, vão enriquecendo esta Capela de ricos ornamentos, e muitas peças de prata.

A outra Capela que fica da parte do Evangelho, é do Senhor JESUS do Terço, onde se alista uma companhia de Confrades, que todos os meses se põem em campo pelas ruas desta Vila armados com as orações, para triunfarem do maior inimigo, debaixo das bandeiras deste Senhor dos exércitos. Há mais três Capelas por cada lado desta Igreja, quatro delas sem ornato, porque ainda não têm tribunas, e as duas as têm de talha, que suposto não estejam ainda douradas, não deixam de ser preciosas: uma da parte da Epístola é de S. Crispim, e Crispiniano, a quem com devotíssimo fervor servem os Confrades sapateiros. A outra Capela é onde está o Sacrário, com o SANTÍSSIMO SACRAMENTO, e por cima no espaldar da tribuna se vê colocada em um trono uma Imagem de boa escultura, e bem estofada com o título da Senhora da Esperança, e era justo que no mesmo Altar se unisse a esperança àquele mistério onde resplandece a fé, e a caridade. A Capela-mor deste Templo é majestosa, tem um trono proporcionado à grandeza da mesma Capela, que tudo faz uma admirável perspetiva sobre o arco desta Capela para a parte do vão da Igreja se vê um grande, e bem ordenado nicho de pedraria bem lavrada com uma formosa Imagem do Salvador do mundo, a qual tem catorze palmos de altura, é estofada, tem o mundo em figura esférica na mão esquerda, e com a direita está lançando uma bênção.

Nesta Igreja é o Diviníssimo Sacramento servido, e adorado de uma nobre, e devotíssima Irmandade, e em algum tempo tão nobilíssima, que dela foram juízes os Reis de Portugal todo o tempo, que residiram no seu Palácio dentro nesta Freguesia, estimando mais vestir a capa vermelha da Irmandade, do que a Opa roçagante, e ocupar a mão com a vara de juiz, que com o cetro real. Quando com grande solenidade, se lançou a primeira pedra no alicerce desta nova Igreja, se lhe pôs o título com a inscrição seguinte gravada na mesma pedra: *Salvatori nostro, servato nomine antiquo, ejus Paroquiani novum Templum vetere eruto impensis suis faciendum curavere; primumque fundamentorum lapidem devotè injecère hodie sexto Augusti millesimo sexcentesimo nonagesimo Secundo.*

Pouco menos de trezentos anos haverá, que ainda era esta Igreja Priorado, e desde então se reduziu a Comenda da Ordem de San-Tiago: é do Padroado da Rainha nossa senhora, que apresenta nela Vigário. Tem oito Beneficiados que levam dos dízimos da Igreja uma terça, que consta de pão, vinho, azeite, marrãs, carneiros, aves, queijos, lãs e linhos. Tem dois Curas anexos, que são da Azoia de baixo, e Póvoa dos Galegos, apresentados pelo Vigário, e também apresenta o da Matriz. Esta também tinha a apresentação da de S. Brás da Romeira; mas por incúria dos Vigários antepassados, a apresentam hoje os fregueses.

Tem mais esta Igreja do Salvador no distrito desta Vila, quatro Ermidas anexas, e fora dele três, que vêm a ser sete, S. Sebastião, N. Senhora do Monte, e duas do Espírito Santo: as três fora da Vila, são, a de Santo António dos Olivais, a de N. Senhora dos Anjos, e a de Santa Ana. A Ermida do glorioso Mártir S. Sebastião está nesta Vila junto ao Convento de N. Senhora da Piedade dos Padres descalços de Santo Agostinho, a qual é administrada pelo Senado desta Vila, e fundada por El-Rei Dom Manuel a vinte e cinco de novembro no ano de 1479 por causa do grande mal da peste: haverá vinte anos que se

arruinou vindo o teto, que era de madeira, ao chão, e logo se reedificou fazendo-se de abóbada de tijolo. O miraculoso Santo Mártir, que nela está, é Imagem antiquíssima, feita de pedra, e tem sete palmos de altura. Junto ao Convento da Trindade desta Vila está a outra Ermida, que tem a invocação do Espírito Santo, com Mercieiras (de que já fizemos bastante memória quando falámos dos Hospitais anexos ao de JESUS Cristo) a qual é mais magnífica que as outras pela sua grandeza, e proporcionada arquitetura; e por detrás desta está outra com o mesmo título, que tudo administra a Mesa da Misericórdia; foi fundada pelos Mordomos, e Confrades no ano de 1498, o que se acha autêntico no cartório da Câmara da mesma Vila. E a grande, que já dissemos, foi fundada pela nobreza da Corte quando em Santarém assistiam as Majestades, no ano de 1643 cuja era, como se lê no alto da mesma Ermida. Tem ela uma formosa Capela-mor, com um arco de pedra bem lavrada que lhe divide o corpo; tem dois altares colaterais; o da parte do Evangelho está uma milagrosa Imagem de Santo Amaro, que no seu dia é venerado com muito concurso dos fiéis: é Santo tão prodigioso que as ofertas de cera, e outras coisas semelhantes que estão penduradas na parede junto ao seu altar, indicam os seus milagres. Tem a Confraria deste Santo um braço de prata, entre outras peças, no qual se vê gravada a Relíquia que no dia da sua festa se dá a beijar ao povo. No outro Colateral está colocada uma Imagem de S. João Evangelista, a qual era da outra Ermida mais pequena, também com o título do Espírito Santo junto a ela, que hoje se acha arruinada, e somente se conserva a Capela-mor por ser de abóbada. Nesta Ermida se fazia antigamente uma grande festa, para a qual davam os Reis dois touros, ou dezasseis mil réis, que ainda se cobram em um almoxarifado, e se aplicam para a sua fábrica.

A Ermida de N. Senhora do Monte, é quarta das que estão junto à Vila; fica situada para a parte do Norte em um monte já entre os olivais: não há notícia certa da sua fundação; só dizem alguns antiquários, que é do tempo do nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques, e hoje vemos, que é governada pelo Senado desta Vila. No circuito do lugar em que está situada esta grandiosa Ermida, existia antigamente o Hospital dos Gafos incuráveis, que hoje se vê em S. Lázaro, o qual Hospital se mudou reinando El-Rei D. Dinis no ano de 1292 de que já demos notícia nas memórias das Ermidas anexas à freguesia de Nossa Senhora de Marvila. Nesta Ermida há uma Irmandade com Juiz, Escrivão e Tesoureiro. Tem o seu vão no comprimento da porta principal até à entrada da Capela-mor, cinquenta e oito pés, e de largura trinta e dois. A Capela-mor no seu pavimento igual, é quadrada, e tem da entrada do seu arco até ao inferior degrau dos que sobem para o altar, que são três, dezasseis pés e meio, e os mesmos de largura. A Senhora que está no altar desta Capela, a qual deu o título à Igreja, é de vestir, e tem de altura sete palmos e meio. Os altares que há nesta Ermida são quatro com o da Capela-mor: o colateral, que fica da parte da Epístola, é dedicado a Nossa Senhora da Encarnação, e o da banda do Evangelho, a S. Tiago. Tem mais no corpo da Igreja da mesma parte do Evangelho, outra Capela dedicada a Santo Amaro; cuja Imagem deste Santo mostra ser antiquíssima, feita de pedra, e tem só dois palmos e meio de alto. As paredes desta Ermida são do pavimento até ao teto guarnecidas de azulejo antigo. O texto é de madeira apainelada, e o da Capela-mor de abóbada de tijolo, com pintura muito antiga. Tem o coro que chega de parede a parede sobre a porta principal, que se sustenta sobre duas colunas, mostrando também ser tudo obra bem antiga: e as sepulturas que estão no pavimento desta Igreja que lhe pudemos ler os letreiros, são as seguintes: Junto ao altar colateral da parte do Evangelho está uma sepultura rasa com este epitáfio, que diz:

Aqui jaz Aires Lopes de Siqueira, Comendador da Ordem de Cristo, o qual foi Provedor quarenta anos de S. Lázaro, a que esta Ermida é anexa, e nela se mandou sepultar por sua devoção. Faleceu a três de abril de 1573.

Também perto deste dito altar está outra sepultura rasa com o seguinte epitáfio:

Sepultura de Aldonça Rodrigues, que deixou seus bens a esta Confraria de N. Senhora. Faleceu a três de fevereiro na era de 1426.

Sobre a porta principal se vê uma inscrição latina que diz:

Ad Virginis laudem constructum est opus jussu Lupi de Sousa Coutigni. Mense Octobris anno Domini 1553.

E por cima da porta travessa (que não tem outra excepto a principal) está esta inscrição que diz:

Este portal, e os assentos do coro, mandou fazer Aires Lopes de Siqueira, Provedor de S. Lázaro à custa da mesma Casa no ano 1555.

Esta notícia que fica escrita é o que contém esta Ermida pela parte de dentro: agora faremos também lembrança da formalidade com que está guarnecida pela de fora. A porta principal faz frontaria ao Ocidente: não tem frontispício elevado, porque lhe corre mística uma colunata, a qual lhe faz um átrio na porta principal, e vai em ressaltos pela parte da Epístola, chegando a acompanhar todo o comprimento da Igreja. Esta colunata tem no átrio do seu frontispício seis colunas, e as que correm direitas pelo lado da Igreja são quinze, todas iguais com os capitéis Jónicos, tudo de boa pedra bem lavrada, sendo as canas das colunas redondas, e tem seis palmos de alto, não entrando nesta conta a base, nem o capitel; e o vão que fica entre coluna e coluna, tem oito palmos portugueses. Esta colunata tem duas entradas, uma fica à porta principal, e outra à travessa. A entrada da porta principal aonde se entende ser o átrio, tem quatro colunas áticas, que são quadradas, ficando-lhe as dos lados meias embebidas na parede, e estas não entram na conta do dito número das redondas.

Nas costas do espaldar da Capela-mor desta grande Ermida, que fica sendo parede meia, está outra Ermida pequena, a qual tem a sua porta para a rua, e ainda que está contígua à da Senhora do Monte, tem sua serventia à parte; tem seu altar onde se diz Missa, e nela está uma Imagem de Nossa Senhora com o título da Assunção, da qual Senhora se diz, e é tradição entre os naturais de Santarém, que apareceu naquele mesmo lugar desta Ermida pequena onde hoje a vemos; e querendo-a colocar na dita Ermida grande, que a piedade do nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques lhe mandou fazer, se tornou milagrosamente repetidas vezes para esta sua pequena, e mais antiga Ermida. Está em um nicho por cima do altar, é de pedra, e tem cinco palmos de altura.

Em distância de meia légua desta Vila de Santarém para a parte do Nordeste, está a outra Ermida, que é a de Santo António dos Olivais, cuja Imagem é milagrosa, e venerada dos fiéis pelos seus milagres, a cujo respeito se fazem várias festas todos os anos, em veneração do mesmo Santo. Não consta o tempo certo da sua fundação, e só é tradição antiquíssima, se fundara no tempo em que houve peste nesta Vila, e que para aquela parte se retiraram muitas pessoas. Junto a este sítio em um monte que hoje está

povoado de oliveiras, se acharam várias pedras, as quais tinham três bicos em triângulo, entre as quais dizem que se metia a cabeça dos que se sepultavam: haverá dez para onze anos se acharam estas pedras soterradas debaixo do chão.

Para se ornar esta Ermida com grande lustre, não faltou a generosa piedade do Senhor Rei D. João V, pois agora nos nossos tempos lhe mandou dar um sitial de brocado de ouro para o trono do Santo com mais paramentos riquíssimos; e a Capela-mor a fez renovar toda de admirável azulejo.

A outra anexa, é a de N. Senhora dos Anjos, que também está situada entre os olivais meia légua desta Vila para a parte do Norte; a sua Capela principal é de zimbório agudo, guarnecido por fora de ameias em roda, e junto dela está outra Ermida redonda de N. Senhora da Piedade: não se diz Missa nela pela sua pequenez não dar lugar, que tudo mostra muita antiguidade: a qual Ermida de N. Senhora dos Anjos é frequentada dos fiéis com várias festas que desta Vila lhe vão celebrar; e especialmente é de grande concurso a que se lhe faz depois da Páscoa da Ressurreição: a Imagem da Senhora é de pedra, e tem cinco para seis palmos de altura: esta Ermida, pelo que consta do cartório da sua Matriz, foi edificada no ano de 1200 em tempo do Bispo Dom João, que concedeu uma Provisão para nela se dizer Missa. Tem uma horta junto a si toda cercada de valado, e dentro nela três fontes; é património da mesma Igreja do Salvador, a qual apresenta o Ermitão que nela assiste.

A última é a Ermida de Santa Ana, sita no campo de Valada, com uma grande horta, pomar de frutas, cercada toda de freixos, e junto à mesma Ermida existe uma copiosa fonte, com que a horta, e as árvores recebem a sua frescura, e se regam. Tem casas onde assiste o Ermitão, e Hortelão postos ali pelo Vigário, e Beneficiados desta Igreja do Salvador da Vila de Santarém.

CAPÍTULO II.

Como nesta Vila de Santarém no distrito da Freguesia do Salvador fundaram os Religiosos da Trindade Convento, e de como foi o primeiro que houve desta Religião no Reino de Portugal nesta Vila.

A Sagrada Religião que tem o título da Santíssima Trindade, foi instituída em França por aqueles dois portentos de santidade *S. João da Mata*, e S. Félix de Valois, no Pontificado do Papa Inocêncio III, que por especial inspiração Divina lhe deu regra particular a dezassete de dezembro no ano de 1198, e com a doutrina de tão santos Pais, bem se deixa entender que haviam dar à Igreja Católica prodigiosos filhos, que com virtuosos exemplos fizessem tantas obras de suprema caridade, resgatando os fiéis Cristãos do poder dos bárbaros infiéis. E como se dividiram por toda a Cristandade, coube também ao nosso Portugal uma grande parte desta ventura, com a vinda para ele desta esclarecida família. E porque desta escritura nos pertence dar individual notícia da sua entrada neste Reino, e principalmente dizer, que em Santarém fundaram o primeiro Convento (pois tudo teve muito de milagroso) principiaremos com a formalidade que se segue.

No tempo que em Portugal reinava D. Afonso II, cruzava os mares da nossa costa uma armada Francesa, que ia de socorro para a Terra Santa no ano de 1217, e ao tempo que queria embocar o estreito, deu-lhe um temporal tão veemente, rijo, e desusado, que derrotou quase todos os navios, metendo-os no fundo; e só um ficou mais livre, sem outro rumo mais do que a violência dos ventos, correndo com eles veloz tormenta, entrou pela barra de Lisboa, que pareceu ser só guiado por impulso superior, e não governado pelos homens. Vinham nesta nau oito Religiosos Trinitários Franceses, todos de grande virtude, que ansiosamente desejosos de padecer martírio pela nossa santíssima fé, faziam jornada para a Palestina.

Entrada a nau neste porto com furibundas ondas, correu pelo Rio Tejo dentro, tão direita, e segura, que pareceu a vinham sustentando os Anjos pelos ares, até lançar firmes âncoras no fundo. Os Cidadãos de Lisboa que da terra a viram, ficaram atónitos de estar tão segura entre a maior força da tempestade, e depois de estarem mais aplacados os ventos, foram logo a seu bordo para saberem que nau era, que gente trazia, donde vinha, e para onde ia, pois viram nela um prodígio sobrenatural, e milagroso. Perguntaram ao Capitão o que daqui se poderá entender: respondeu, que ele, e todos os que vinham naquela nau eram Franceses; contou todo o perigo do seu naufrágio, e mostrando os oito Religiosos Trinitários disse: Às orações, penitências, e vida santa daqueles servos de Deus, devemos o não estarmos submergidos nas entranhas do mar, como aconteceu aos mais navios que vinham em nossa companhia; e só pelos merecimentos destes santos Padres esperamos seguir a nossa viagem com feliz sucesso para Palestina. Grande novidade sem dúvida, foi para os Portugueses ver aquela nova compostura de hábito, a suma modéstia dos Religiosos, as suas suavíssimas palavras, pelas quais se lhe afeiçoaram com tanto afeto, que nunca se satisfaziam de os ouvir, e tratar: observando nas suas ações tanta virtude, que comunicá-las era meio eficaz para consolação das almas, e alegria dos

corações; porque a virtude de quem verdadeiramente anda com Deus, logo se faz conhecida para ser amada, e ser desejada a sua comunicação.

Concertada a nau de algumas destruições, que lhe tinha causado a tormenta, e esta sossegada, quis o Capitão prosseguir a sua viagem para Palestina, e deixar as nossas águas do Tejo, pois tinha o vento propício, e maré vazante, levantou as âncoras do fundo, largando logo as velas ao vento: quando se viu outro prodígio ainda mais evidente que os passados; e foi o caso: que saindo outras naus, que estavam neste porto para fora, esta onde estavam os Religiosos não se moveu do lugar donde estava. Vendo isto os marinheiros, fizeram todas as diligências possíveis para a encaminharem na direitura da barra, botando-lhe cabos de outras embarcações querendo-a levar ao reboque; porém, nem a força do vento, nem velas, nem os impulsos dos remos, nem a violência das cordas dos reboques tiveram eficácia para a nau deixar de ficar imóvel, como que fora uma firmíssima rocha. Atónitos, e perplexos se viam os que a governavam, conhecendo que lhe não valia neste caso a indústria, nem as forças, ficaram suspensos sem atinarem com o mistério. Causou esta contrariedade grande admiração a todas as pessoas que da terra estavam vendo este notável prodígio: avisaram ao Governador, que por então governava a Cidade de Lisboa, chamado Pedro Álvares, do sucesso, por ser maravilha estranha. Mandou ele chamar os oito Religiosos, porque como estavam já muito conhecidos por homens de grandes virtudes, e santidade, deles se quis informar, inquirindo a causa donde aquele efeito procedia; pois por serem pessoas de tão santa vida, Deus lho poderia ter revelado, ou se traziam consigo alguma relíquia, ou Imagem milagrosa, pela qual seria Deus servido obrar aqueles prodígios. Mas ó maravilha do Céu, pois assim que os Religiosos desembarcaram pondo os pés em terra, partiu a nau com tal velocidade, sendo a maré contrária, porque já enchia, que não parecia só ser ave, que furiosamente nadante cortava as águas, mas sim ligeiro pássaro que velozmente voava pela região aérea, saindo no mesmo instante pela barra fora. Mostrando por este meio a Divina Providência, que escolhera estes Santos Varões para plantarem em Portugal a florescente árvore de tão santa Religião; que florescendo há tantos séculos com edificativas ações, merecem sempre pelos seus religiosos costumes, reverenciadas lembranças.

Chegados os Religiosos à presença do Governador, resplandeceu entre os mais (como Sol entre as Estrelas) o P. Fr. *André de Agramont*, que vinha por Superior dos sete companheiros, cujos nomes são Fr. Tomás, Fr. Roberto, Fr. Ricardo, Fr. João, Fr. Pedro, Fr. Guilherme, e Fr. Umberto. Muitas eram as saudades que se via terem estes Religiosos pela palma do martírio que buscavam; e assim nenhuma outra coisa desta vida se lhes oferecia ao desejo, que fosse bastante para lhe enxugar suas copiosas lágrimas pois viram que a nau não tornou a entrar neste porto. Compadecido o Governador de os ver tão desconsoladamente aflitos, os confortava com eficazes razões dizendo-lhes, que contra os decretos Divinos não há forças humanas que se lhe oponham; e que por estes meios tão desusados quereria Deus ser servido que eles ficassem em Portugal; e para conseguirem as suas desejadas coroas do martírio, o Céu lhes abriria caminho, e que também neste Reino podiam alcançar este seu querido, e santo intento; porque muita parte de Espanha ainda gemia debaixo do jugo Agareno, e que tão inimigos da Fé eram estes, como aqueles que buscavam pelas terras da Palestina. Estas palavras ditas pelo Governador soaram tão bem nos ouvidos dos Santos Religiosos, que com elas se mostraram mais aliviados, dando graças a Deus, por entenderem ser servido que ficassem neste Reino.

Estes servos do Senhor (em companhia do mesmo Governador) se avistaram logo com o Bispo Dom Sueiro Viegas, que então de propriedade governava a Diocese de Lisboa, e remetidos por eles a Santarém, que naqueles tempos era deliciosa Corte dos nossos Monarcas, para El-Rei D. Afonso II os visse, e conhecesse as justificadas ações de vidas tão santas. Chegaram à presença do Monarca, acharam nele amparo, e nos da Corte benevolência; El-Rei quis que por enquanto ficassem no seu Palácio, e depois lhes mandou dar sítio para fazerem forma de Mosteiro. Várias opiniões achámos em alguns dos nossos escritores, no que toca ao primeiro lugar em que deram princípio estes Padres Trinitários a fundar em Santarém o seu Convento, e de ser, ou não ser o primeiro de todos os mais que ali existem hoje de outras Religiões. É sem dúvida, que o P. Fr. Luís de Sousa na sua *História Dominicana*, 1. part. liv. 1. cap. 9. fol. 19. diz, que os seus primeiros Padres entraram em Santarém vindo do Montejunto, no tempo do reinado de El-Rei D. Afonso II, e que começaram logo a fundar em Monteiras. Diz mais na mesma parte alegada cap. 21. fol. 47. que o fundador D. Fr. *Gomes Sueiro* no mesmo tempo em que chegou com os seus Frades a Monteiras para darem princípio à dita fundação, foi logo chamado a Coimbra para ser juiz na causa que corria entre El-Rei D. Afonso II, e o Arcebispo de Braga D. Estêvão Soares da Silva, e que era no último ano do seu reinado: e o Ilustríssimo D. Rodrigo da Cunha na sua *História Eclesiástica do Arcebispado de Lisboa* cap. 31. impugna isto dizendo, que quando os ditos Padres Trinitários entraram em Santarém, era Rei de Portugal D. Afonso II, Pai de El-Rei D. Sancho II, e mostra que viveu mais anos; confirma-se isto porque no ano de 1218 lhe mandou o mesmo Rei D. Afonso aos ditos Trinitários passar uma escritura, que os mesmos Religiosos desta Ordem conservam em seu poder, para abono da mercê que lhes fez, tomando aquele Convento debaixo da sua proteção, a qual escritura principia na forma seguinte: *A. Dei grat. Portug. Rex universis de Regno suo ad quos littera pervenerint salutem. Sciatis, quod fratres S. Trinitatis, qui morantur apud Santarem sunt in mea Comenda, & sub mea defensione cum suo Hospitali captivorum, cum fuis hominibus, & cum fuis hareditatibus, & cum fuis sanatis, & cum omnibus aliis rebus fuis.*

Também se declara a certeza desta antiga Era por um Breve que se acha no cartório da Sé de Lisboa Oriental do Papa Honório III, passado em Roma no ano de 1219 a 25 do mês de abril, em que nomeia já este Convento de Santarém, começando assim: *In Regno Portugalia domum de Santarem, cum omnibus pertinentiis suis, quam ex regia donatione habetis &c.* Contra as razões que temos alegado se nos opunha uma fortíssima objeção, se nós a não tivéramos já desvanecida com a certeza da verdade, e é que quando em Santarém florescia em virtudes, e grandes milagres o Bem-aventurado Fr. *Gil* no seu Convento chamado S. Domingos dos Frades, havia ali uma virtuosa Matrona natural da mesma Vila, pessoa nobre chamada Dona Elvira Duranda, que era confessada do mesmo Santo; e depois que ela teve aquela notável visão, que já fica referida na fundação do Mosteiro de S. Domingos das Donas, Part. 1. liv. 1. desta História, capit. 21. consta com toda a certeza de várias escrituras, que deixando todas as coisas do mundo, se meteu Emparedada na Ermida de N. Senhora da Abóboda, que existia aonde agora está fundado o Convento dos Padres Trinos, em cujo lugar fez quatro paredes aonde se meteu, tendo só uma pequena fresta para a Ermida por onde lhe davam os Sacramentos, e recebia alguma porção de alimento corporal. Passados alguns tempos se agregaram ali com ela umas suas parentas, e mais outras devotas donzelas fazendo vida penitente; às quais chamavam as Emparedadas, e se vestiam com hábito, ou saial da Ordem Dominicana, cujos Religiosos usavam com elas de muita caridade, e estas foram as que depois fundaram o Convento de S. Domingos das Donas desta Vila, como já dissemos em seu lugar.

Livro I. Capítulo II.

E sendo isto assim como o referem tão graves Escritores, e o dizem os mesmos que acima vão alegados, não havia ainda o tal Convento dos Padres Trinos no lugar da Ermida da Senhora da Abóboda, e já na Vila existia o Convento da Ordem Dominicana. Porém a isto dizemos, que o motivo destas dúvidas nasceu de se escreverem estas memórias com menos diligência daquela com que se deve apurar a verdade; porque querendo eu examinar estas contrariedades, que tanta dúvida me faziam, achei na mesma Ordem Trinitária a clareza, que totalmente destrói a incoerência no que toca a qual destes dois Conventos foi o primeiro que se fundou nesta Vila, e é sem dúvida, que foi o da Província dos Padres Trinitários; porque quando eles vieram para Santarém, deu-lhe logo El-Rei D. Afonso segundo o sítio onde está a Ermida de Nossa Senhora do Monte; e aí primeiramente fundaram um pequeno Convento, servindo-se da mesma Ermida para os Ofícios Divinos; a qual está situada fora da Vila para a parte que fica entre o Poente, e o Norte (que dela já fizemos memória nas Ermidas que pertencem à mesma Freguesia do Salvador) e aí estiveram uns poucos de anos, tempo que deu lugar a virem para esta Vila os Padres Domínicos: e assistirem na Senhora da Abóboda as Emparedadas. E prova-se isto mais porque todos os anos em dia de S. João vão os mesmos Padres Trinos cantar à Senhora do Monte na sua Ermida uma Missa em memória, e reconhecimento do benefício que lhes fez de os hospedar e recolher primeiramente em sua Casa. E depois (passados não muitos anos) El-Rei com o Bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas, lhes deram o lugar da Senhora da Abóboda para ali fundarem, e ficarem livres da mística vizinhança que tinham com o hospital dos incuráveis, que naquele tempo existiam no dito sítio do Monte. Por estas circunstâncias que temos narrado, se deve com certeza entender, que quando os Padres Trinos fundaram no sítio da Senhora da Abóboda, já havia o Convento dos Padres Domínicos nesta Vila: porém quando estes vieram para ela, já viviam os Trinos no sítio da Senhora do Monte conventualmente. Com que vem a ser este Convento o primeiro que teve neste Reino toda a Província Trinitária, e o primeiro desta Vila.

Deixado o sítio da Senhora do Monte, em o qual conforme as notícias que achámos, tinham edificado estes esclarecidos Varões Trinitários o seu pequeno Convento em um limitado hospital que El-Rei D. Sancho (primeiro do nome) havia mandado fazer para os Cativos, do qual hospital também achámos notícia na mesma Escritura, que El-Rei D. Afonso filho do dito D. Sancho, mandou passar aos mesmos Padres, aonde diz: *Cum suo hospitali Captivorum &c*, por ler mais próprio que o possuíssem aqueles Religiosos, que tinham por especial Estatuto resgatar os mesmos Cativos. Senhores já os Religiosos do sítio da Senhora da Abóboda, e da Ermida, fundaram nela o segundo, e novo Convento, vivendo ali em estreita pobreza, todos entregues aos Divinos louvores com o seu virtuoso Prelado Fr. *André de Agramont*, ocupando-se sempre em santos exercícios, com edificação do Povo, zelando a liberdade, e resgate dos Cativos. Teve logo este Santo Varão licença de Fr. *Guilherme Scoto* (que então era Geral da Ordem em França) para lançar o hábito a muitos animosos sujeitos Portugueses, que reconhecendo o mundo com os seus tropeços por inimigo das almas, quiseram (amando a vida religiosa) assentar praça no exército daquela nova Conquista do Céu: os quais por darem liberdade aos Cristãos cativos, tantas vezes lhe serviram de ínclitos sepulcros os barbáricos cárceres nas profundas masmorras dos infiéis Agarenos.

Nesta Casa de Santarém, e nestes santos exercícios com os seus súbditos viveu Fr. André vinte e três anos aplaudido de maravilhosos exemplos, carregado de penitências, e coroado de uma bem merecida fama, entregou a pureza de seu cândido espírito ao Criador que lho tinha dado, para lhe conceder o prémio da Bem-aventurança.

A este primeiro Ministro que teve este Convento, sendo neste Reino o fundador, se lhe seguiu no lugar o Padre Fr. Miguel Rebello nosso Português; o qual foi o primeiro que da nação Portuguesa vestiu o cândido hábito desta santa Província. Existe este Convento em lugar aprazível fora dos muros, que cercam a Vila setenta passos para o Norte, no fim do rocio a que chamam da [falta texto] entre os dois Conventos de S. Domingos, e S. Francisco. No seu princípio foi muito pobre, assim no material da obra, como nas rendas anuais; porém os Reis, e alguns particulares benfeitores, pelo tempo adiante o fizeram ser o mais rico de toda a Província, enriquecendo-o as Majestades com as doações reais, os devotos com a pia caridade de largas, e rendosas esmolas. Tem em Capítulo Geral da Província o segundo lugar, porque largou o primeiro ao de Lisboa, fazendo-o Cabeça, depois que os Reis nesta Cidade fizeram firme assento com a sua Corte.

Conforme o que achámos em alguns escritos, e tradições, foi reformada esta sagrada Ordem por empenho de El-Rei D. João III, e neste Convento especialmente o fez, assim no espiritual, como no material, reedificando-o na mesma parte em que estava, a cuja obra se deu fim no ano de 1554, não ficando do antigo mais que o corpo da Igreja velha com as suas Capelas; e a maior (que era sepultura dos Condes de Tarouca) por limitada se desfez no ano de 1696, fazendo-se de novo, sendo a Igreja de três naves, e de mediana estatura, que nós ainda vimos. Porém hoje não há nada dela, porque haverá pouco mais de quarenta anos que se demoliu toda, e logo no mesmo chão se deu princípio a levantar outra com novos alicerces de maior grandeza, e boa cantaria lavrada que já corre por todos os lados com a sua cimalha real, e só lhe falta a cobertura sendo de uma só nave. O seu frontispício faz frontaria ao Poente, o qual se eleva a notável altura de admirável cantaria, sendo o delineamento do risco bem proporcionado de custosa fachada, e há trinta e um anos que está acabado. Nesta Casa se conserva uma milagrosa Relíquia do glorioso S. Brás, muita prata lavrada pertencente ao uso da Igreja, e riquíssimos ornamentos, que tudo serve de pomposo ornato ao culto Divino. Também em nossos tempos vimos edificar neste Convento dormitório magnificamente grandioso e um refeitório com uma notável casa de *Profundis*, que sem dúvida são estas três oficinas das melhores que há nos Conventos deste Reino.

É dotado este Convento de boa renda, e logra várias regalias, entre as quais especialmente diremos as que lhe deu o seu grande benfeitor D. Estêvão Anes, colaço que foi de El-Rei D. Afonso III, seu Chanceler, e grande seu valido, que pareceu só querer-se fazer merecedor do valimento para com ele enriquecer aos Religiosos desta Casa: o qual depois de muitas mercês que El-Rei lhe fez, dotou aos ditos Padres deste Convento no ano de 1251 a Vila de Alvito no Alentejo, cujo dito Rei a tinha dado a este valido pelos seus serviços; levando o Rei em tanto gosto esta data aos Padres, que além de lhe confirmar a doação, lhes fez couto da mesma Vila em o ano de 1261, pondo-lha livre de todos os tributos. E morto o dito Estêvão Anes, lhes deixou no seu testamento todas as suas fazendas, cujos testamenteiros foram D. Durando Bispo de Évora, Fr. Domingos de S. Lourenço, Custódio dos Frades Menores, e Fr. Domingos Botelho, Guardião que era de Lisboa; sendo toda esta herança aceita pelo Geral da mesma Ordem Trinitária, o grande Padre Fr. *Pedro Cusiano*, assistente então em Leão de França, e feita a doação no ano de 1274.

Não só deu Estêvão Anes aos Religiosos deste Convento a Vila de Alvito com toda a sua jurisdição temporal, e espiritual; mas também na mesma forma, e na dita Província do Alentejo, lhe deu Vila Nova, que tudo possuíram em paz na vida do dito Rei

D. Afonso III; porém depois da sua morte no Reinado de D. Dinis seu filho, por parte deste Rei lhe moveram tantas demandas, e se viram os Religiosos tão vexados e oprimidos, que se deliberaram a largar por amigável composição, das Vilas o temporal, pois tinham contra si parte tão poderosa. Isto se ajustou no Capítulo celebrado em Burgos, no ano de 1282, saindo então Ministro Provincial o famigerado Padre Fr. *João Navarro*, por cuja reverenciada atenção lhe deu o mesmo Rei no seguinte ano os Padroados das Igrejas de Benalberge, Oriola, Alvito, e a grandiosa fazenda de Monte de Trigo, que toda esta clareza consta do primeiro livro do próprio Rei, que está na Torre do Tombo a folhas 61, e 64, confirmado isto depois pelo Papa Bonifácio IX no décimo ano de seu Pontificado, que foi nos anos de mil trezentos e noventa e nove; e toda a verdade deste particular se pode ver com largueza nos Escritores da mesma Religião, nas memórias que da Ordem deixaram escritas.

CAPÍTULO III.

Faz-se memória da venerável Irmandade da Ave-Maria, que existe neste Convento, e de algumas circunstâncias a ele pertencentes.

Neste Convento da Santíssima Trindade da Vila de Santarém, existe a venerada Irmandade que chamam da Ave-Maria; foi instituída no ano de 1629, e o seu Compromisso feito a vinte e cinco de julho de 1638, sendo Provedor Jerónimo de Castilho, e Escrivão João de Albuquerque Cabral, o qual Compromisso foi confirmado em 1639 pelo Núncio que então era neste Reino de Portugal Alexandre Castarcani, cuja Provisão em que confirma os louváveis Estatutos desta Irmandade, é a seguinte:

Alexandre Castarcani, por mercê de Deus, e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Niocastro, e Colector Geral de Sua Santidade, com poderes de Núncio nestes Reinos, e Senhorios de Portugal. A quantos esta nossa Provisão virem, fazemos saber, que havendo respeito ao que o Provedor, e Irmãos da Irmandade da Ave-Maria sita no Mosteiro da Santíssima Trindade da Vila de Santarém em sua petição atrás escrita dizem, e vistos, e considerados por nós mesmos, e por meio de pessoas de letras, e prudência por nós para isto deputadas: vistos os Estatutos conteúdos neste presente livro e atenta a relação que sobre isto se nos fez Authoritate Apostolica a nós concedida, e de que usamos nesta parte. Aprovamos, e confirmamos os mesmos estatutos conteúdos, e ordenamos se guardem inviolavelmente pelos Irmãos da sobredita Irmandade, assim, e da maneira que neles se contém, excetuando o Capítulo sétimo que trata das figuras, e hábitos que houverem de levar quando se fizer a Procissão do Enterro do Senhor; por quanto é bem que as ditas figuras se possam acrescentar, variar e minguar. E quanto ao Capítulo que trata das Indulgências, Graças, e Privilégios concedidos pelos Sumos Pontífices à Irmandade, não tem mister nossa confirmação. E no que toca a não receberem na mesma Irmandade pessoas que tenham os impedimentos expressos no terceiro Capítulo destes ditos estatutos, e aos juramentos que houverem de tomar os Provedores, e que eles darão àqueles a que se haverá de encarregar o tirar as informações, e ao guardar o Segredo das coisas que se tratarem na Mesa, com a sobredita Apostólica autoridade, mandamos ao Provedor da mesma Irmandade, e Irmãos da Mesa que hoje são, e pelo tempo forem, em virtude da santa obediência, e sob pena de excomunhão maior ipso facto incorrida, cuja absolvição a Sua Santidade, ou a nós, e nossos sucessores somente reservamos, e havemos por reservada, cumpram, e inteiramente guardem, e façam cumprir, e inteiramente guardar tudo o que acerca das ditas matérias nos mesmos estatutos se ordena e sob a dita pena mandamos que o escrivão que acabar de o ser, com voz alta, e inteligível leia esta nossa Provisão na Mesa da dita Irmandade, para que o Provedor, e mais Irmãos dela novamente eleitos, saibam suas obrigações, sem poder pretender ignorância delas; sem embargo de quaisquer coisas que em contrário haja. Dada em Lisboa sob nosso sinal, e Selo, aos dez dias do mês de abril. Famiano Andreuchi, Abreviador da Legacia a fez de 1639 anos. In honorem Sacratissimae semper Virginis MARIA. Gratis. *Alexander Episcopus Neocastrensis, Collector Apostolicus.* Registada no livro segundo a folhas 198. Filipe Carpino.

Goza esta nobre Irmandade de especiais privilégios, dos quais se fazem dignos os Irmãos que a administram. Dela é Provedor há muitos anos o Excelentíssimo Conde de

Unhão, e ocuparam sempre este lugar os principais fidalgos do Reino. Tem por lei inviolável as pessoas que houverem de entrar por Irmãos neste católico, e santo congresso, não terem sombra de mácula no sangue, e serem reconhecidos primeiro por pessoas bem purificadas, não só no sangue, mas também nos bons costumes, e devotos procedimentos. A todos eles lhes são concedidas graves indulgências, de que logram muitas graças, e honoríficos privilégios, concedidos pelos Sumos Pontífices. E assim têm obrigação, debaixo de graves penas, guardarem exato segredo de tudo o que se ordenar no que toca ao regímen da Irmandade, e principalmente daquilo que praticarem nos atos da Mesa; por ser tribunal que firmissimamente abona a verdadeira fé de Jesu Cristo, com os seus santos exercícios, e singular pureza do Cristianismo. Costumou sempre esta Irmandade em a sexta-feira da Semana Santa de tarde sair pelas ruas principais da Vila com uma devotíssima Procissão, à qual chamam da Ave-Maria, em que se representa o Enterro de Cristo Senhor Nosso, com muitas figuras ao vivo, dos Profetas, e outras mais que conduzem à propriedade deste sagrado mistério. Porém há uns poucos de anos que está suspensa esta virtuosa ação por particulares dúvidas, que o Cabido da Diocese de Lisboa Oriental, Sede Vacante, teve com a dita Ordem Trinitária.

Como de primeira fonte, que com a ocorrência de suas cristalinas águas produz mais fontes em várias distâncias, sendo todas filhas do seu primeiro manancial; assim são filhos deste Convento de Santarém todos os que a sagrada Província Trinitária tem neste Reino. E como todos nasceram de tão bom princípio, de todos saíram sempre excelentíssimos varões em virtudes, e letras, ou já nos púlpitos ilustrando-os com a doutrina do Sagrado Evangelho, ou nas cadeiras com elegância, ensinando as ciências literalmente: que de alguns naturais desta Vila, para maior crédito desta sua História, em seus lugares deles faremos especial lembrança. Não falta quem diga, que esta Província que existe em Portugal fora por muitos anos unida à de Castela, e não à de França, mas o que sabemos com mais certeza é, que pelos anos de 1323 começou esta insigne família neste Reino a ter Provincial próprio; o qual achamos ser o primeiro o digníssimo Fr. Afonso Pires, que depois foi Bispo da Cidade de Évora. E a *História Eclesiástica do Arcebispado de Lisboa*, de que é Autor o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, não despreza esta opinião, alegando o livro dos Óbitos de S. Vicente, no qual diz, que estão escritas as seguintes palavras: *Sexto idus Februarii, obiit Frater Affonsus Pires, Provincialis Ordinis Sanctissimae Trinitatis, & Eborenfis Epifcopus*; aonde não achou o ano de sua morte, mas só o mês, que foi aos oito dias de fevereiro, que é o número dos ditos dias, que aqui vão acima escritos. Acha-se este Convento, por agora, falto de algumas oficinas, enquanto se não acabam as obras que nele estão delineadas, porque a casa que há de ser portaria está servindo de Igreja, e ainda que para portaria seja de bastante grandeza; para se celebrarem nela os Ofícios Divinos, forçosamente sempre há de ser limitada; e por esta causa se usa neste presente tempo da porta da Igreja nova para serventia do Convento. Tem um claustro que não é pequeno, o qual fazia um principal corpo ao Convento velho, e por isso não tem a cantaria com aquele lustre, e magnificência com que hoje se costumam fazer semelhantes obras; em um lanço dele, se entra para a casa do Capítulo, e nela junto ao Altar em sepultura rasa estão estes dois seguintes Epitáfios:

I. Aqui jaz Rui Dias de Sousa, que os Mouros mataram sendo Capitão em Alcácer, filho de Lopo de Sousa, cuja ossada mandou trazer sua mulher Dona Guiomar Coutinho filha de Jorge de Melo, e de Dona Branca Coutinho, a qual mandou fazer esta Capela, e os mandou aqui deitar.

II. Aqui jaz Aires de Sousa Coelho, filho de Rui Dias de Sousa, e de Dona Guiomar Coutinho, e sua mulher Dona Francisca da Cunha.

Compõe-se mais este Convento de uma ampla cerca, toda bem murada, com um poço de água nativa, que é rara no alto daquele sítio de Marvila, a qual rega dentro da mesma cerca uma viçosa horta para útil divertimento dos moradores desta Casa, que já teve, e pode ter cinquenta Religiosos, pois para este número tem bastante renda.

CAPÍTULO IV.

Dá-se notícia da fundação do Convento de S. Domingos dos Padres Pregadores desta Vila de Santarém.

Para a individual notícia do princípio, e fundação do Convento de S. Domingos dos Padres Pregadores desta Vila, sito no Chão da Feira; preciso é primeiro fazer memória do seu principal fundador, aquele grande Varão Apostólico D. Fr. *Sueiro Gomes*, nosso Português, companheiro fiel do Glorioso Patriarca S. Domingos, e seu primeiro filho do hábito daquela por muitos títulos ilustre, e sagrada Ordem dos Pregadores. O P. Fr. *Luís de Sousa* na *História Dominicana* declara com bem largos documentos ser D. Fr. *Sueiro Gomes* nosso Português, e muitos dos nossos Escritores assim o afirmam, porém de que família fosse até aqui está ignorado; e só achámos a notícia no *Agiologio Lusitano*, que foi Cónego Regrante no Convento de S. Vicente, extra muros de Lisboa: alegando seu Autor o Cartório do mesmo Convento, e as Crónicas daquela Ordem deste Reino; Autores delas D. José de Britiandos, e D. Nicolau Coelho; aonde se diz que aprendeu as sagradas letras: e que partindo dali para Roma a negócios da Religião, lá contraiu estreita amizade com S. Domingos. E sendo no tempo em que o Sumo Pontífice Honório III, em vinte e dois do mês de dezembro de 1216 confirmou aquela Ordem, se lhe agregou D. Fr. *Sueiro* por voto, e obediência, recebendo o novo hábito das próprias mãos do Bem-aventurado fundador S. Domingos: ficando-lhe por este princípio entre os nossos Portugueses, o *Dom*, e ele o usava, como se tem achado em várias Escrituras em que assinava seu nome; entendendo-se daqui que o *Dom* não o tinha só por ser de ilustre geração, como era, mas por ter nele a memória da sua primeira Ordem, em que professara.

Conhecendo S. Domingos na pessoa de D. Fr. *Sueiro* o superior espírito de suas heroicas virtudes, e querendo o Santo Patriarca mandar a Espanha Missionários, para que na sua Pátria semeassem a doutrina do Sagrado Evangelho, e arrancar com a Divina palavra a cizânia dos distraídos corações; mandou quatro Religiosos doutíssimos, sendo deles o Superior que os governava D. Fr. *Sueiro Gomes*: os quais discorrendo Apostolicamente por várias partes de Espanha, com grande fruto das almas, ficaram dois em Aragão, e um em Castela. Estes depois deram princípio àquelas Províncias da Ordem, que hoje existem naquele Reino. Veio D. Fr. *Sueiro* a Portugal para neste Reino, como natural dele, aonde lhe entendiam a língua, pregar, e fundar para se ir estendendo a família Dominicana; chegou a Alenquer pelo fim do ano de 1217, sendo bem recebido, com o favor da Infanta D. Sancha, que era amparo das sagradas Religiões; a qual Senhora inflamada das celestiais palavras do Servo de Deus, lhe deu no mais alto da Serra do Montejunto, duas léguas da dita Vila para o Norte, a Ermida de Nossa Senhora das Neves, que já naquele tempo era romagem de muita devoção. Ali deu princípio no ano de 1218, a uma humilde forma de Convento; donde descia aos lugares circunvizinhos a pregar, com tal devoção e espírito, que entendendo todos os ouvintes ser aquela a verdadeira doutrina do Autor da vida, pois movia à penitência os mais empedernidos corações. Ali lançou o hábito a muitas pessoas, que com inspirações do Céu, conhecendo os enganos com que o mundo nos enlaça, pisando as honras, e dignidades transitórias, seguiram com aquela vida o caminho seguro por onde se chega a ganhar o prémio da Bem-aventurança, com a celestial doutrina que na companhia de seu virtuoso Mestre, e Prelado aprendiam. Vendo-se já com substitutos capazes para o sagrado ministério do púlpito, e para administrarem os Divinos Sacramentos, principalmente o da Penitência nos

confessionários (redenção dos pecadores) convocado neste tempo o primeiro Capítulo Geral em Bolonha, se partiu este servo do Senhor para ele a pé, sem mais preparação de alforge, que o seu Breviário; e para em todas as ações imitar a seu Padre S. Domingos, ia pelas estradas entoando Salmos, e vários Cânticos em louvor de Deus Criador do Universo. E tornando na mesma forma a segundo Capítulo, foi nele nomeado primeiro Provincial de Espanha, para onde logo voltou, trazendo cartas do Sumo Pontífice Honório III, para que os Reis, e Prelados o ajudassem, e favorecessem nas determinações de sua santa vida. Visitou em Castela, e Aragão as Casas dos seus companheiros, que ainda não tinham boa forma de Conventos, suposto já tinham feito muito fruto nas almas com as suas pregações.

Chegado D. Fr. *Sueiro* desta terceira vez a Portugal, recolhido em Montejunto, entendeu, que para a vida que professava, ele, e seus súbditos era conveniente viverem em povoado quem exercitava o ofício de converter almas pelo meio da santa doutrina Evangélica. A este tempo sabendo os naturais de Santarém a determinação daquele Santo Varão Apostólico, o foram rogar com piedosas, e repetidas instâncias, para que quisesse assistir naquele povo, e fundar nele Convento, pois tinham grandes desejos de lograrem em a sua terra as celestiais palavras das suas pregações, e de seus súbditos: que para fundar em Santarém Casa de Deus, o ajudariam em tudo quanto pudessem; dizendo-lhe, que em um sítio, que estava ao pé do monte da Ermida dos Apóstolos, aonde chamam Morteiras, havia uma grande Ermida da qual se podiam servir, para logo celebrarem nela os Ofícios Divinos; e juntamente irem fabricando junto a ela o Convento, como lhe parecesse: ou que dali veriam em toda a terra o lugar mais adequado para o efeito de fundarem Convento. Resoluto, pois, o Santo Varão a deixar o Montejunto, com aquela humilde morada, que ainda hoje em nossos tempos persevera reparada pela administração dos Padres Domínicos desta mesma Vila, de algumas ruínas que o tempo lhe tinha feito; e para se não extinguir a memória da primeira forma de Convento, que em toda a Espanha teve esta sagrada Ordem. Saíram daquela Serra D. Fr. *Sueiro*, e seus frades para Monteiras de Santarém o ano de 1223, trazendo consigo aquelas pobres alfaias que possuíam, as quais eram tão poucas, que todas as levaram debaixo dos braços, e o tudo eram uns poucos de livros, uns leves ornamentos da sacristia, e umas mantas, que nas pequenas celas lhes serviam de abrigo.

Acharam em Monteiras a Igreja bem acomodada, porém para se prepararem de celas em que dormissem, começaram logo a fabricar uns cubículos de novo por suas próprias mãos; que alguns deles eram arquitetos. Deu o Provincial a administração da obra (para juntamente procurar oficiais que os ajudassem) a Fr. *Domingos da Cunha*, que também lhe foi lançado o hábito pela mão de seu Padre S. Domingos, no tempo em que veio a Segóvia, e a Madrid, que desde então ficou em Portugal, dando sempre mostras de esclarecidas virtudes, como em seu lugar diremos; se porque nesta ocasião foi chamado seu Prelado D. Fr. *Sueiro*, por El-Rei D. Afonso II, para ser Juiz árbitro sobre uma contenda que tinha com o Arcebispo de Braga D. Estêvão Soares da Silva, pelas graves perdas, e danos que a sua Igreja recebia dos Ministros reais, do que queria satisfação: este bom servo de Deus foi logo, e os compôs com suavíssima prudência. Encomendou juntamente a Fr. *Domingos*, os, que em sua ausência escolhesse o sítio que mais conveniente fosse com a vizinhança da Vila; porque se o maior interesse, que os trazia da Serra, era o de se empregarem todas as horas no serviço daquele Povo, não convinha, nem lhe parecia bem acertado ficarem longe dele; mais que enquanto se não achava melhora do lugar. Cuidadoso andou Fr. *Domingos* em cumprir um, e outro mandado: porque ocupando-se com as mãos na presente fábrica, buscava com os olhos aquele sítio que

melhor armasse a satisfazer a encomenda de seu Prelado. E pelas claríssimas virtudes daqueles Religiosos, se agradaram tanto deles os naturais da Vila, que não faltou quem desse o dinheiro para se comprar novo sítio, em nome dos mesmos Religiosos, e logo se deu princípio à operação da nova obra, ficando ainda os Padres no dito sítio de Monteiras.

Esta Igreja que os Padres ali acharam, entende-se, que era obra que o nosso primeiro Rei D. Afonso Henriques mandou fazer, para memória de que naquele lugar deu princípio em uma sexta-feira à noite sete de maio no ano de 1147, a tomar esta Vila aos Mouros: e pela miraculosa visão que lhe apareceu no Céu naquela mesma noite que entrou a escalar os muros desta terra. Desta grande Ermida, ou Igreja, sabemos por tradições deduzidas de antiguidades, que muitos anos depois de não assistirem nela os Padres Domínicos, se nomeou, e ainda hoje se chama àquele lugar S. Domingos de Monteiras; porque ainda que daquele sítio se transplantou o Convento para outro, sempre ficou ali um Religioso da mesma Ordem que servia de Capelão; isto é pelo que diz o Licenciado George Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*, em que alega os livros da Torre do Tombo: porém se era o de que fala este Autor, frade de Missa, ou Leigo, ou Ermitão, nos deixa ainda em dúvida este dito; porque no Cartório da Câmara desta Vila, achamos uma Provisão real d'El-Rei D. João o primeiro, que diz estas formais palavras no seu título: *Provisão do Senhor Rei D. João o primeiro, porque manda se não tome coisa alguma contra vontade ao Ermitão de S. Domingos de Monteiras desta Vila de Santarém e que possa este tirar os enforcados, e enterrá-los.* E logo junto à dita Provisão, estão duas de confirmação: uma do Senhor Rei D. Duarte, e outra do Senhor Rei D. Afonso o quinto, cujo privilégio foi dado na Era de 1451 aos vinte e seis de outubro; a primeira confirmação no ano de 1433 aos dezassete de novembro; e a segunda se não declara a Era por estar ali lacerado o pergaminho. Com que não temos aqui que resolver; que como este ponto na graduação de pessoas se não pode mais decidir pelas razões alegadas, se era Frade, ou Ermitão; dê-lhe quem melhor ajuizar o sentido que lhe parecer: mas ou fosse um ou outro, só o que temos por certo é que foi muito favorecido dos Reis deste Reino com grandes privilégios, e isenções. E para podermos dizer como o tempo desfez esta Igreja, e casas do principiado Convento, não é fácil, pois o não achamos escrito, nem há hoje quem se lembre de haver ali rastro de algumas destas coisas; presume-se seria algum incêndio, ou terramoto que há muitos anos a pusesse na última ruína.

Efetuada a compra do lugar para o novo Convento, em o sítio que era chamado da Madalena, no alto junto à Vila, onde hoje se vê o Mosteiro de Religiosas da mesma Ordem Dominicana, chamadas as Donas; para a parte do meio-dia, ficando-lhe ao Sul o Convento que é hoje dos Padres da terceira Ordem do Patriarca S. Francisco, em cujo lugar era antigamente Palácio dos Arcebispos de Lisboa. Aqui donde está o Convento das Donas, deu princípio Fr. *Domingos do Cubo* a abrir os alicerces, com geral aplauso, e alegria daquele Povo, que foi no ano de 1225. E conformando-nos com Fr. *Luís de Sousa* na *História de S. Domingos* deste Reino, não assistiram os Padres em Monteiras dois anos completos. A esta santa obra acudiam os devotos da Vila, concorrendo com todo o género de materiais, condoendo-se de verem, que aqueles verdadeiros servos do Senhor tanto se empregassem no trabalho daquela obra, sendo juntamente incansáveis de trabalhar em os púlpitos para o fim do bem das almas.

Depois de haver poucos dias que se tinha dado princípio àquele Artefacto, sucedeu um estranho caso, que se não estivera relatado em tanta escritura de graves Autores, e nos não entendêramos que ao poder de Deus nada é impossível, não se poderia crer facilmente; e foi o caso. Costumavam os oficiais desta obra quando à noite despegavam

do trabalho, deixar as ferramentas (que eram instrumentos daquelas operações) todas juntas enterradas em uma casa, e quando um dia pela manhã foram para trabalhar, entraram em a casa, e a viram tão limpa do que nela deixaram, que nem uma só peça nela estava. Buscaram-se com diligência, entendendo ser ociosa travessura de algum vadio, que de noite vagabundo fosse por aquele lugar; mas não se assentava que isto assim fosse, à vista da geral devoção com que todos àquele bom feito assistiam. Queixavam-se todos, falando com variedade no roubo. Quando acaso se soube, que em uma Ermida de N. Senhora que tinha a invocação da Oliveira, a qual estava distante daquele lugar mais de duzentos passos para a parte do Norte, dentro nela se via lançada grande quantidade de ferramenta: foram lá para ver se era a mesma, e acharam-na toda junta na mesma forma que ficou adonde a tinham deixado, e levaram-na dali para a obra continuando o trabalho sem fazerem caso do sucesso; porque faziam graça dele: porém a noite seguinte tiveram mais cautela, porque fecharam aqueles instrumentos com mais segurança ao seu parecer, e tornando pela manhã na mesma forma se acharam roubados como no outro dia antecedente se tinham visto: e não fazendo mais diligência que ir um correndo à dita Ermida, lá achou tudo o que faltava, como no dia de antes tinha sucedido.

Dizem que isto assim se viu ser mais vezes em dias sucessivos: mas ou fosse pelo misterioso sucesso, ou pelos Padres se agradarem mais do outro sítio, sendo por impulso superior, largaram mão do da Madalena, e só trataram do da Senhora da Oliveira.

Era esta Ermida da Senhora da Oliveira anexa à Paroquial Igreja da Colegiada de Santa Maria de Alcáçova da mesma Vila. E correndo os Religiosos com aflitos rogos aos Cónegos pedindo-lha, para ali fundarem Convento, logo com primorosa liberalidade fizeram dela graciosa doação à dita Ordem. E como toda esta operação vinha delineada daquela altura donde vem a melhor felicidade, pois em aquele lugar quis o Céu com a sua providência se povoasse de tanta maravilha da Divina graça (como adiante diremos) ficaram ali os Religiosos com melhor fortuna mais bem acomodados, porque uma nobre Senhora desta Vila (da qual não sabemos o nome, nem da sua família temos notícia, mais que esta que está no Cartório do mesmo Convento) lhe deu uma quinta tão grandiosa, e ali tão mística, que cingia em circuito todo aquele lugar da Ermida: ficando logo por este princípio quase feito o Convento, com vinha, pomares, olivais, e juntamente casas com igreja.

Com estas grandiosas dádivas, ficou Fr. *Domingos do Cubo* muito alegre, louvando ao Senhor de todo o bem, por entender que aquela era a sua vontade. Logo se começou a mudar de Monteiras, e recolhendo-se com seus frades na nova casa, e Ermida, a qual daquele dia em diante foi perdendo o primeiro nome na memória do Povo de Ermida da Senhora da Oliveira. Porém consta dos papéis antigos, e da Crónica de Fr. *Luís de Sousa*, no livro segundo da primeira parte a folhas 69, que aqueles Padres colocaram a Imagem desta Senhora no Altar-mor quando se acrescentou, e se fez maior Igreja, aonde foi por muitos tempos venerada. Depois que correram os anos, fazendo-se o famoso Templo que hoje existe, mudaram esta Senhora para um nicho que está em o dormitório principal do Convento, aonde ainda em nossos dias a vemos de assistência.

A origem desta Senhora ter o título da *Oliveira*, não me foi possível averiguá-lo por alegação de alguma escritura. Alguns contemplativos entenderam, que fora aparecida em uma destas árvores; porém sem mais fundamento, que remeterem-se ao título. Outros assentam com melhor tradição, e é o que entendo ser mais verdade, que estava aquela Ermida junto a uma oliveira: porque como então haveria ali poucas, ou nenhumas, seria

por este nome a Ermida distinta das mais que havia na Vila. E para contínuo abono de isto parecer mais certo, temos uma miraculosa testemunha tão patente aos nossos olhos, que nos está persuadindo a não crermos o contrário; pois não temos eficaz contrariedade, que nos desfaça esta pia devoção. Porque examinando eu com muita diligência, e especialidade, pelos Religiosos mais antigos, e de boas notícias daquele Convento, se haveria tradição do princípio, e nascimento de uma oliveira que tem as suas raízes em cima da parede da abóbada da mesma Igreja que hoje existe, me disseram assim os Religiosos, como seculares antiquários naturais da mesma Vila, que aquela oliveira era a mesma que deu o título a esta Senhora; porque ao pé daquela parede estava aquela primeira Ermida antes, de ali haver Convento; que assim ficou na Ordem sempre viva esta tradição dos séculos passados. E é muito para admirar, que estando aquela árvore com a raiz somente em um telhado de uma abóbada, tenha sempre a rama tão viçosa, e florescente. Talvez será advertência do Céu esta permanência, para se entender a pouca razão com que os Padres que vieram depois daqueles primeiros, tiraram a Senhora do seu lugar em que estava, devendo fazer-lhe ali mesmo sumptuosa Capela, para memória do favor que lhes havia feito de os recolher, e amparar, e para a devoção do povo recorrer a ela nas suas tribulações, como Mãe de Misericórdia, assim como o fez com os mesmos Religiosos, dando-lhe a sua Casa. Não faltou quem já com a pena na mão por este motivo se mostrou magoado; porém não vemos que até aqui fosse executada com efeito a satisfação desta queixa. Tem a Imagem desta Sacratíssima Virgem mais de cinco palmos de altura, é de pedra, e no braço esquerdo tem o Menino JESUS seu filho. É assim a Mãe, como o Filho tem coroas abertas, sendo da mesma pedra, que pelos seus feitios nos está tudo mostrando muita antiguidade.

CAPÍTULO V.

Em que se dá notícia do que se segue na fundação do Convento e Igreja dos Padres Domínicos desta Vila.

Tendo os Religiosos formado uma limitada parte de Convento, sendo somente o que era sofrível para se agasalharem com sossego, sentiam, porém, a pouca capacidade que a Ermida tinha para tão grande concurso de pessoas que acudiam com muita devoção a ouvir a suavidade da doutrina que aqueles servos de Deus pregavam. Para evitar este inconveniente punham o púlpito fora da porta, e por então lhe fizeram uma alpendrada alta, mas sem mais perfeição que o que bastasse para a gente se reparar da chuva, e do Sol. Sabendo El-Rei D. Sancho segundo (no princípio de seu governo) a grande incomodidade que aquela pobreza dava ao povo, mandou dizer a Fr. Domingos do Cubo, que o que tocava a se edificar nova Igreja, e claustros, ele lhos mandava fazer, e que era servido correr a traça disto por sua conta. Mandou logo fazer os riscos, os quais (diz o Cronista daquela Ordem) tinha uma coisa, e outra a mesma formalidade que hoje se vê: porque ainda que a Igreja depois de muitos anos foi reedificada, sempre representa ter a mesma grandeza, e feitio. Porém mal viu El-Rei esta obra continuada, porque o ser ele despojado do Reino a fez suspender. Entende-se, que a vontade que tinha de que se acabasse era boa, pois vendo-se por sua morte o testamento que fez em Toledo, adonde faleceu, achou-se nele, que deixava para os gastos desta obra trezentos maravedis, declarando no dito testamento (que naquele tempo era costume ser em Latim) a verba seguinte: *Mando operi Pradicatorum de Santarem trecentos morabitinos: & mando quod dent eis de mea madeira de Ulisbona, & de aliis meis locis quam eis fuerit necessaria*. Esta mesma verba afirma Fr. Luís de Sousa (no mesmo lugar alegado) ser fielmente tirada do próprio testamento: pela qual se vê, que não só concorria com dinheiro, mas também com as madeiras que tinha em todos os seus lugares, e quantas fossem necessárias para se gastarem na fábrica daquele Convento.

Parada a obra da Igreja por algum tempo, pela morte d'El-Rei D. Sancho; e seguindo-se a ser senhor do Reino seu Irmão El-Rei D. Afonso terceiro, concorreu também com algumas esmolas para ela: porém como isto não era gastar em obra que fosse sua própria, e de seu real mandado, afrouxou na operação; e mal se conseguiam as esperanças do fim que desejava. Porque ficando ultimamente o dispêndio só na pobreza dos frades, em tempos que pediam esmolas para o sustento comum, dificultoso era terem dinheiro para continuarem obras de grandeza: pois estavam traçadas em tal forma que não podiam tornar atrás para se fazerem outras mais humildes. Vendo-se os Religiosos perplexos nesta consternação, usaram de um meio, que destruísse de algum modo as forças destas contrariedades, que foi impetrarem do Sumo Pontífice Alexandre quarto, uma Indulgência passada no terceiro ano de seu Pontificado de 1257, para todos os devotos que dessem esmolas àquele Convento com a tenção daquela obra se acabar: e foram tantas as que concorreram de todo o género de pessoas, que em breves tempos se acabou, claustro, e Igreja. A Bula desta Indulgência ainda hoje está no Cartório deste Convento, a qual bem declara o estado em que estava a Igreja nas palavras em que diz: *Quam ibidem, ficut accepimus caperunt adificare &c...*

Depois de passarem os dias desta antiguidade correndo o tempo na distância mais de duzentos anos, no de 1604, sendo Provincial o Padre Mestre Fr. Manuel Coelho, se viu

a Igreja, e claustro tudo tão desatado de firmeza, que por ameaçar total ruína foi decretado na Ordem, que se desfizessem, e se reedificassem de novo. Deram a incumbência da obra da Igreja ao Padre Presentado Fr. Sebastião de Paiva (que naquele tempo era Prior do próprio Convento) o qual com grande fortaleza de ânimo deu princípio à reedificação; concedendo-lhe para isto a Província mais outros três anos de Prelado sucessivos, a fim de tudo se acabar enquanto ele governasse aquela Casa. Ficou a Igreja na mesma forma que estava d'antes; levantando-se outra vez o corpo dos mesmos alicerces da outra, e só na Capela-mor, cruzeiro com as suas Capelas, e as outras que estão em a nave do corpo da parte da Epístola, não de trabalhou, porque sempre ficaram seguras. E assim na Igreja, como no claustro só se reedificou o que ameaçava ruína. Depois da Igreja estar acabada, e feita a sacristia em que se guardava a capa de S. Domingos, e ali ainda hoje existe, deu-se princípio ao claustro no mês de agosto de 1620, o qual também é de abóbada com varandas por cima descobertas, tendo para fora em todos os lados grades de ferro: tem os seus arcos de boa pedraria lisa, e bem ajustada: fica místico com a Igreja para a parte do Evangelho, e toma todo o comprimento do seu corpo, correndo igualmente parelha um lanço do claustro com uma nave.

CAPÍTULO VI.

Em que se dá notícia da formatura da Igreja de S. Domingos da Vila de Santarém, e do mais que lhe pertence, com as suas Imagens milagrosas.

É o suntuoso artefacto desta Igreja de bastante grandeza, sendo toda de abóbada de tijolo, e pintada toda ela de aguadas em preto com o melhor engenho que pode dar a arte da pintura. Tem três naves com dez colunas, cinco em cada lado, todas da ordem Toscana de boa pedraria os arcos, e as colunas. Tem o cruzeiro sem colunas, e com zimbório. Na Capela-mor está o coro: é o seu teto de abóbada enredado todo de pedraria lavrada, com florões muito engraçados: o retábulo da tribuna é de madeira entalhada ao moderno, mas ainda não tem ouro. É dedicada esta Capela a Nossa Senhora da Oliveira pelo princípio que já dissemos no capítulo quarto. Não tem Padroeiro Real, porém é dos Saldanhas, e nela estão sepultados os corpos de D. João de Saldanha, e o de seu filho D. António. Saindo desta Capela-mor, no cruzeiro à mão direita está uma Capela funda para dentro, a qual é dedicada ao Menino JESUS que cresce, que do seu prodígio faremos adiante lembrança; em cuja Capela se guarda em uma custódia o precioso Sangue de Cristo, em a beatilha de que já fizemos memória no segundo capítulo do segundo livro da primeira parte desta História.

Segue-se a esta no dito cruzeiro da mesma parte, a Capela em que está com decente culto, uma veneranda Imagem de Cristo Senhor N. Crucificado do tamanho do natural, com o título do *Senhor dos Aflitos*, que dizem lhe crescem os cabelos da barba, e as unhas dos pés; e em uma face se lhe vê ainda hoje o sinal de uma lágrima, que lançou na despedida de um noviço; e no meio da parede da parte da Epístola está uma inscrição com as letras abertas em boa pedra, que declaram a quem esta Capela pertence, onde se leem as palavras seguintes:

Capela que instituiu Francisco Dias Castelo, Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro da Ordem de Cristo, para seu jazigo, e mulher, e descendentes, e administradores, e a quem estes derem licença. Anno de 1552. Diogo da Silva Castelo, sétimo administrador, mandou entalhar este Padrão no ano de 1725.

Logo junto a esta Capela no espaldar do mesmo cruzeiro, está a de S. Fr. Gil, aonde se encerrou o corpo do dito Santo em majestoso túmulo de mármore, com quatro colunas levantadas de vinte palmos cada uma de alto, as quais se elevam a sustentar este artefacto, sendo toda a cobertura, que faz dossel ao mesmo túmulo; fazendo tudo asseada obra da ordem Coríntia da mesma pedraria. E em um nicho no espaldar debaixo do mesmo dossel se vê uma Imagem da Virgem N. Senhora Mãe de Deus com o título da Senhora das Virtudes; e é a mesma que na casa do Capítulo antigo deste Convento fazendo-lhe aí o Santo oração, fez que os demónios diante da mesma Senhora lhe lançassem a cédula que ele lhe tinha feito com o seu sangue: É esta Senhora de pedra, com o Menino JESUS seu Filho nos braços, que mostra estar vestido com uma opa, e tem a Senhora três palmos e meio de altura.

Passando daqui, e entrando em a nave, que fica da parte do Evangelho, subindo quatro degraus, porque é toda esta nave em forma de coxia, mais alta que toda a Igreja,

assim o corpo, cruzeiro, e a outra nave, e aqui acabando de subir os degraus, fica logo a do Senhor JESUS à face da parede (que todas as Capelas desta parte assim são) cuja Imagem se venera por milagrosa, sendo do tamanho do natural. Ao pé desta Capela estão três sepulturas rasas com os seguintes letreiros. O da primeira diz: *Esta Sepultura é de Dom Miguel de Noronha, filho de Dom António de Noronha e de Dona Maria Deça, Sobrinho de Dona Leonor que o criou; e de Dona Joanna de Vilhena Sua mulher, filha de Dom Francisco Coutinho e de Dona Filippa de Vilhena.* A segunda diz: *Aqui jaz Dona Leonor filha de Dom Fernando de Menezes segundo Marquês de Vila Real, e da Marquesa Dona Maria Freire, que faleceu sem casar de idade de setenta e cinco anos, na Era de 1563.* A terceira diz: *Aqui jaz Dona Margarida de Vilhena, filha de Dom Pedro de Menezes, terceiro Marquês de Vila Real Sobrinha de Dona Leonor, que a criou. Faleceu sem casar de idade de cinquenta anos na Era de 1563.*

Segue-se a esta Capela do Senhor JESUS em a mesma nave, a de S. Domingos em Soriano que antigamente era de S. Pedro Mártir, e aí estão duas sepulturas com as inscrições seguintes. Diz a primeira: *Aqui jaz D. Catarina filha de D. Miguel de Noronha, e de Dona Joana de Vilhena, que faleceu solteira, de idade de catorze anos, na era de 1580.* A outra diz: *Sepultura de D. Filipa, filha de D. Miguel de Noronha, e de D. Joana de Vilhena, que faleceu em Castela de catorze anos servindo as Infantes filhas de El-Rei Dom Filipe: no ano de 1583.*

Adiante desta Capela está a de N. Senhora do Rosário em majestoso trono, com um excelente retábulo de talha moderna, que ainda que a sua planta é à face, tem tribuna retraída algum tanto para dentro, e as colunas com bastante vão para fora. Esta Senhora tem oito palmos de altura; é de vestir em roca, e ao pé do altar está uma inscrição com as letras abertas em pedra que diz assim: *Esta Capela instituíram, Francisco Gonçalves, e sua mulher Inocência de Andrade para ele, e seus sucessores, a qual dotaram a sua filha Helena de Andrade, primeira mulher de António da Costa de Mesquita, que depois o foi de Gaspar Ferreira Aranha Cavaleiro do hábito de Santiago, em que sucedeu seu filho Simão Aranha, que a possui. Nela está Sepultada sua primeira mulher Joana de Siqueira, que faleceu a vinte e oito de maio de 1638.*

A Imagem desta Senhora, que hoje veneramos neste altar, implorada com tanta devoção dos fiéis católicos, é antiquíssima, e sempre teve o misterioso título do Rosário, sendo a mesma que tinha o Menino JESUS em seus braços, quando era Sacristão da mesma Igreja o servo de Deus Fr. Bernardo de Morlans, cujo Menino (a quem o povo chama o dos Milagres) vinha almoçar com os meninos da escola deste Venerável Padre. E porque aqui nos cabe dar notícia deste grande prodígio sucedido pelos anos de 1240. Será a sua narração na forma seguinte.

De pais ilustres, e ricos nasceu em Morlans, na Província de Gasconha em França, o V.P. Fr. Bernardo, que teve o sobrenome desta mesma terra, aonde deu os primeiros passos da vida transitória, para alcançar a eterna pelo caminho de singulares virtudes. As notícias que temos do seu princípio são, que desde menino se viram resplandecer nele os efeitos da graça com assombro da natureza: porque pesando as suas palavras com as suas ações, umas, e outras desmentiam o verdor da puerícia; mostrando aos seus naturais com virtuosos exemplos, que havia de ser santo, e que já começava a possuir na primavera de seus anos os dotes dos espirituais tesouros, que a Divina Omnipotência costuma depositar na alma dos seus escolhidos. Seguiu-lhe a natureza a inclinação; e não podia deixar de ser bem-sucedido, que a boa intenção nas obras de virtude, é o melhor princípio delas

para as felicidades do espírito: e resoluto a trocar as riquezas, e pompas do mundo pelo saial da pobreza; penetrado o coração dos raios com que o ilustrava o sol da graça: ferido do desengano da vida, se resolveu a passá-la no retiro de uma Religião, para segurar-lhe ali no emprego de religiosas austeridades, o prémio das delícias, que se gozam na celeste pátria da Bem-aventurança.

Neste tempo se achava o Bem-aventurado S. Fr. Gil em Saragoça de Aragão, sendo Provincial da sagrada Ordem Dominicana: pediu-lhe Bernardo de Morlans o hábito, e logo lho deu, porque já a este tempo o santo moço se fazia digno, não só de ser aceito, mas buscado para alguma das Religiões se enriquecer com joia tão preciosa. Teve a Religião Dominicana esta ventura por meio do Santo Fr. Gil, que o trouxe consigo depois de lhe lançar o hábito para o seu primitivo Convento da Vila de Santarém. Aqui procedeu de maneira, que se até ali lhe faltava o hábito para a vida religiosa, agora com ele, não só era perfeito noviço, mas espelho, e ideia da maior perfeição. Ali tinha no santo Prelado propícios os seus intentos, para mais se aproveitar em virtudes, e letras, estas para a doutrina, aquelas para o exemplo. As luzes são mais intensas nos reflexos; era Fr. Bernardo o reflexo daquela luz, pois resplandecia com raios tão intensos de humildade, obediência, oração, amor de Deus, e do próximo, que ansioso das delícias do Sumo Bem, a ele só dedicava as esperanças, e consagrava os afetos: para que o mesmo amor de Deus tivesse sempre aberto o lugar no seu coração.

Neste Convento, pois, com a religiosa disciplina de tão santo Mestre, e superior Prelado; e com os exemplos dos mais súbditos Religiosos, deu princípio novamente Fr. Bernardo a elevar-se em eminentes atos de virtude, com progressos tão maravilhosos; que eram, a inocência cândida, a singela simplicidade, e virginal pureza de sua alma, claras demonstrações da santidade com que florescia. A obediência o constituiu sacristão na Igreja deste Convento, em cujo lugar se portou com tão extremada perfeição de vida, que divulgada na Vila, as pessoas mais nobres dela lhes traziam seus filhos, não só para lhes ensinar as primeiras letras, que se aprendem na tenra idade; mas também para receberem dele a educação de seus santos costumes, e virtuosos procedimentos, e encaminhá-los pela segura estrada do Céu, com a doutrina cristã. Dois destes meninos, que eram irmãos lhe assistiam continuamente como seus discípulos, dos quais diz a tradição, que ambos andavam vestidos com o hábito de S. Domingos (por devoção de seus pais) e nas manhãs depois de terem ajudado às Missas, se iam para a Capela da mesma Senhora do Rosário, que naquele tempo estava colocada na que hoje chamam dos Reis Magos, que também lhe dão o título de S. Jacinto, sendo a mesma em que hoje vemos encerrado em um sacrário este Menino JESUS dos Milagres. Ali se assentavam aquelas tenras plantas, que o santo Mestre talvez criava para feliz ornamento do jardim sagrado da sua Religião; pois se sabia que estes dois discípulos amava muito Fr. Bernardo, por conhecer neles a maior bondade, e candidez nos corações, que por isso se empenhava com diligência especial no seu ensino. E como até àquelas horas sempre estava o Mestre ocupado no ministério do seu ofício, ali sentados esperavam que ele lhes viesse tomar as lições, e ver as matérias.

Costumavam estes meninos trazerem sempre de sua casa as merendas (que naquelas idades pueris são estas companheiras inseparáveis da vontade) e fazendo um dia mesa no pavimento que fica ao pé do altar aonde estava a devotíssima Imagem da Senhora com seu bendito Filho nos braços: estando eles ali já tomando a sua refeição, levantou um os olhos, e pondo-os no que a Senhora tinha nos braços lhe disse com simplicidade própria, e inocência pueril estas semelhantes palavras: *Ó meu rico Menino quereis vós merendar connosco? Se quereis, vinde para aqui sentar-vos, que de boa vontade vos*

convidamos, e comereis do que nós aqui temos. Ó maravilha da Divina graça. Ó soberano Autor da natureza! bem sabemos já, que pelo vosso excessivo amor tínheis cifradas as vossas delícias nos filhos dos homens, e agora vos houvestes com estes meninos, criaturas vossas, de sorte que parece afetastes aparências de quererdes brincar com eles para fins tão superiores. Mas porque Deus se paga tanto de sinceros, e puros corações, para honrar vontades cândidas, quis aceitar com primorosa cortesia a oferta, que aquelas inocentes almas lhe fizeram com sinceridade, descendo dos braços daquela Virgem Santíssima sua Mãe, sem atender, que podia parecer desdouro de sua excelsa Majestade, fazer-se deles hóspede, e companheiro naquele convite. Inveja gloriosa será sempre dos mortais, a ventura destes meninos Angélicos, pois lograram tão grande dita, que mereceram serem tratados com tanto agrado de quem no supremo trono da glória continuamente estão tremendo as Potestades. E depois que JESUS Menino esteve com eles conversando, como quem se mostrava agradecido a tão próprias, e liberais vontades, se tornou a subir para os braços da Mãe Santíssima: o que fez mais dias, e semanas, repetindo as descidas para continuar na assistência dos convites, porém voltando sempre ao seu primeiro lugar.

Alheios de alcançarem com o juízo tão grande favor, e maravilha, contavam os santos meninos a sua mãe com inocentes palavras o que se passava neste particular, ou para que ela lhes acrescentasse as merendas, pois tinham para elas outro convidado, ou seria unicamente pela candura do próprio génio, dando-lhe conta de tudo o que faziam àquelas horas em que estavam fora de sua casa. E não será alheio do bom discurso, entender-se daqui, que não faria a mãe muito caso destas súplicas dos filhos, julgando talvez ser por indústria de quererem que lhe desse o provimento mais copioso. A seu Mestre Fr. Bernardo deram também conta de todo o sucedido, ao qual se lhe fazia incrível tão nova maravilha; porém como em tudo o que lhe contavam era uniforme, e concludente às circunstâncias, sabendo inteiramente a verdade, e derretendo o seu coração em ardentes afetos do amor de Deus, glorificava ao Senhor pela sua infinita bondade; e para que tão grande mercê passasse a ser de maior proveito para os meninos e ele também o participasse, quando os ouviu queixar, que o Menino JESUS todos os dias descia a merendar com eles, e que nunca os convidava nem lhes trazia nada, fazendo reflexão neste pueril reparo dos santos meninos, lhes disse com sagrado intento: que quando o mesmo Menino tornasse a ser seu hóspede lhe dissessem: pois que gostava das suas merendas, era bem que os levasse uma vez a cear em casa de seu Pai, e também com eles a seu Mestre, porque ele queria, e eles desejavam ir com ele de companhia. Ouvindo os meninos o conselho do Mestre se alegraram muito, e como os seus poucos anos lhes não davam lugar para atinarem com o mistério daquela santa indústria, sem discorrerem mais no dito, com grande alvoroço esperavam já aquela hora para fazerem o que lhes era ordenado.

Seguiu-se depois disto o dia da segunda-feira, antes da Ascensão: vieram ambos ao exercício costumado, e não faltando o Divino hóspede a comer com eles a merenda, às mesmas horas que costumava, também eles se não esqueceram da encomenda do Mestre. Ouviu-lhes o divino Infante a súplica com carinhoso semblante, mostrando agradar-se do que lhe pediam, e os convidou, prometendo-lhes, que dali a três dias lhes havia de dar um solene banquete em casa de seu Pai. Recebeu o ditoso Mestre com inexplicável alvoroço a resposta dos meninos, e conhecendo como santo Varão a dita inefável dos discípulos, julgou qual seria o banquete: porém como ele desejava, que aquela felicidade fosse também sua, mandou-lhes que fossem outra vez ao altar e dissessem ao Menino JESUS, que como eles traziam vestido o hábito de seu servo S.

Domingos, queriam observar as regras da mesma Ordem; porque conforme elas não iam os noviços a parte alguma sem irem de companhia com seu Mestre.

O Senhor se dignou de aceitar a nova súplica, concedendo-lhes que fosse também o santo Mestre, e se desse por convidado; e tendo o ditoso Padre o seguro da desejada resposta, com singular alvoroço, e grande diligência, se preveniu de veste nupcial para assistir em tão sagrada mesa. Fez confissão geral de toda a sua vida, e mandou aos discípulos, que fizessem o mesmo, que ainda que a vida no retiro da Religião é um perpétuo aparelho para a mesa da Glória, ainda assim sempre é de grande confusão, e temor para os mais perfeitos a última hora da vida. E se um santo Varão, qual foi Fr. Bernardo de Morlans, que era de vida inculpável, diligenciou com tanto cuidado a limpeza da sua alma, e das de seus discípulos para irem para Deus, que os queria, e os chamava em tempo certo, e determinado, que farão, ou que será daqueles, que sem saberem o dia, nem a hora da sua morte, não buscam amiúde com ansioso temor esta veste nupcial, por meio da confissão.

Chegada a quinta-feira seguinte, dia em que o mesmo Senhor JESUS, depois de deixar resgatado o mundo da culpa universal, subiu com glorioso triunfo a entronizar-se na celeste eminência do Empíreo, colocando à mão direita de Deus Pai a nossa natureza: neste ditoso dia, derretendo-se Fr. Bernardo em fervorosos atos de amor de Deus, esperou aquele tempo de solenizar a última Missa por ser mais vizinha à hora em que o Senhor subiu ao Céu. Acabados os Divinos Ofícios da Missa Conventual, a cuja celebração assistiu com os santos meninos, e assim que toda a Comunidade foi para o refeitório, declarou ele aos discípulos o misterioso segredo do convite; confortou-os, e ensinou-lhes o que deviam fazer. Depois de ter feita esta diligência, se revestiu, e disse Missa no mesmo altar dos Reis, onde tinham sucedido as merendas, servindo-lhe ali os dois discípulos de acólitos; e bem se deixa entender a devoção do seu espírito com que ele celebraria. Deu a comunhão aos ditosos meninos; e tanto que acabou a Missa, assim como estava revestido nos paramentos sacerdotais, pôs-se de joelhos entre eles diante do mesmo altar, levantando todos três as mãos ao Céu, e os olhos ao Menino JESUS dos braços da Senhora, esperaram a feliz hora em que haviam de ser chamados às bodas eternas, e logo renderam suas ditosas almas ao Senhor que consigo os levou a casa de seu Eterno Pai, a gozarem por toda a eternidade do imortal banquete para que foram convidados. Nesta forma lhes foi concedida a divina promessa, pois assim os achou a Comunidade quando veio dar graças, os corpos direitos de joelhos, com as mãos levantadas, e os olhos postos no Céu, que pareciam estarem mostrando o lugar para onde suas ditosas almas gloriosamente tinham voado, ficando seus corpos de tal sorte, que não pareciam desanimados, mas que estavam em êxtases de elevada contemplação.

Os Religiosos que conheciam as grandes virtudes de Fr. Bernardo, sabendo que no tempo em que contemplava em Deus, se privava de todos os sentidos corporais, entenderam à primeira vista, que assim estava ali orando: porém passando algum tempo vendo que não acabavam a oração, se chegaram a eles, e sabendo que estavam mortos ficaram atónitos, sem saberem discorrer na causa de mortes tão repentinas. Com notável admiração se divulgou o caso pela Vila; vieram logo a esta Igreja os pais, e parentes daqueles novos Serafins, descobrindo com lágrimas de alegria algumas circunstâncias ignoradas até então dos Religiosos; e do que disseram se confirmou com o que bem sabia o confessor do Beato Fr. Bernardo, que foi o Senhor servido fosse tudo manifesto para maior honra, e glória sua. Os Padres do mesmo Convento com lágrimas de devoção deram particular sepultura a estes Angélicos, e ditosos amados do Senhor. Porém como naquele

tempo os Religiosos que eram moradores naquele Convento, ou para melhor dizermos, naquele seminário de santos, unicamente se empregavam em seguir com a imitação as obras de virtudes, e não celebrá-las com narrações históricas, puseram nisto tão pouco cuidado, que não escreveram coisa alguma destas memórias, que se deviam fazer para admiração dos séculos vindouros, sendo este prodígio tão digno, não só de se registar em papel, e pergaminho, mas para ser esculpido nos bronzes com letras de ouro, porém temos notícias, que foi este caso no ano de mil duzentos e setenta e sete.

Toda a notícia desta grande maravilha do Céu (além das verdadeiras, e firmes tradições relatadas por tão graves Escritores) teve princípio de uma antiga pintura, que o Senhor quis se conservasse para nos ficar mais viva nos corações esta lembrança: a qual se fez logo quando sucedeu o caso sobre o caixão em que foram sepultados os corpos dentro na mesma Capela, e defronte da Sacratíssima Imagem da Senhora. Via-se ali pintada uma Imagem da Virgem Senhora Nossa, com os vestidos ao antigo, sobre um altar, e ao pé dele o Menino JESUS sentado, e comendo entre os dois meninos, vestidos ambos no hábito de S. Domingos: e afirma o relatório do Agiológio Dominicano, que naqueles mesmos dias destes suavíssimos trânsitos importunados do devoto povo, e pais dos meninos, os Padres daquele Convento, permitiram se fizesse esta pintura sobre a caixa em que foram sepultados defronte do altar da mesma Capela. E desejando depois os Padres do Convento mudar a antiga forma da Igreja, não ousavam fazê-lo, por não destruírem a parede, em que se conservava aquela notícia memorável que ali estava há tantos anos. Porém no tempo em que era Prior daquela Casa o P. Fr. Miguel do Rosário, parecendo-lhe, que rompendo-se aquele lugar onde estava a pintura, se acharia mais alguma clareza daquela antiga tradição, quis que se fizesse esta diligência diante de Juízes Eclesiásticos. Para isto foi rogado o Vigário-Geral da Vila, e dois Notários Apostólicos com muitas pessoas da maior nobreza, e mais alguns Religiosos da mesma Ordem, que se quiseram achar presentes. O que se ordenou primeiro que tudo, foi examinarem bem a pintura, e a sua antiguidade, e todas as circunstâncias que ela tinha, e logo dela fizeram relação por auto público. Depois trataram de romper a parede, e a poucos golpes viram uma grande pedra lavrada. Tiraram-na abaixo com grande alvoroço, e devoção, abriram-na em presença de todos, e acharam dentro dois envoltórios, os quais quando os descobriram lançaram de si suavíssima fragrância, que alegrou os corações, e causou nova maravilha. Tinha um destes envoltórios os ossos do Bem-aventurado Fr. Bernardo, que se conheceram pela grandeza da caveira, e estatura do corpo. No outro estavam os ossinhos mais pequenos, e delgados, que eram os dos meninos Santos com duas caveiras, uma quebrada em várias partes, e a outra inteira; e em algumas partes destes pequenos corpos se viam ainda sinais de carne. Acharam-lhe ali bastantes cabelos curtos, que logo se entendeu serem dos cerquilhos, e juntamente uns pedaços de pano branco, que mostravam ser dos hábitos dos meninos. Vendo-se logo estar tão manifesto tudo o que buscavam, fez-se instrumento público, ficando autêntico, cuja invenção se celebrou com grandes festas, assim na Vila, como no Convento dos Religiosos. Estas relíquias se puseram logo no altar da Capela-mor, e aí manifestou Deus ao povo o valimento destes seus servos, fazendo vários benefícios aos que recorriam ao seu patrocínio. De tudo isto se deu conta ao Ilustríssimo D. Jorge de Almeida, que naquele tempo era Arcebispo de Lisboa, o qual Prelado ordenou, que se fizesse uma Capela, em que se pusessem as sagradas relíquias.

Esta Capela é a que chamam dos Santos Reis Magos, pela antiga pintura que tinha deles; está no cruzeiro saindo da Capela-mor à mão direita, nela se guarda a mesma prodigiosa Imagem do Menino JESUS em um sacrário, que fica no meio do retábulo, e

nele estão em meios corpos de vulto as relíquias do Mestre, e dos discípulos; e daqui transferiram a Sacratíssima Imagem da Senhora para o altar do Santíssimo Rosário, que fica na nave alta do corpo da mesma Igreja, aonde hoje se venera com decente culto. Este maravilhoso caso, conforme as melhores autoridades, no que toca a saber-se o ano dos suavíssimos trânsitos destes bons servos do Senhor foi no de 1277, e a invenção dos santos corpos, no de 1577. O Agiológio Lusitano a oito de maio dá notícia, que a cabeça do B. Fr. Bernardo de Morlans, se guarda entre inumeráveis relíquias na Casa de Bragança, pedida pela Senhora Dona Catarina, filha do Infante D. Duarte, e mãe do Duque D. Teodósio: e juntamente dá notícia de catorze Autores graves, que escreveram desta santíssima, e estupenda maravilha.

A esta Capela da Senhora do Rosário, segue-se a de Santa Catarina de Sena, Imagem muito milagrosa, a qual tem em sua figura esculpidas as cinco Chagas de Cristo (que assim se deve pintar, por um prodígio que consta da sua vida.) É tradição antiga deste Convento dizer-se, que em certa ocasião afirmara uma pessoa eclesiástica, que em alguns tempos se tinha visto nesta Imagem aparecer-lhe miraculosamente o sangue das chagas das mãos, mais vivo, e fresco. E para o eclesiástico examinar a seu modo o prodígio por duvidar desta maravilha, prometida por Deus a esta Santa, deixou-se ficar uma vez oculto na Igreja, e chegou-se à mesma Imagem com um canivete para lhe tirar aqueles sinais, o que pondo por obra, não só as raspou, mas cortou-lhe fora toda a grossura da encarnação, para ver se de todo ficava sem o vermelho das chagas; e por mais diligência que fez para esse efeito, nunca lhe foi possível extinguir a própria cor do sangue, antes cada vez aparecia mais vivo, e mais copioso, vendo-se visivelmente ser cousa sobrenatural. Tem a Imagem desta Santa seis palmos de altura, e é de madeira estofada.

Entre esta Capela de Santa Catarina de Sena, e a da Senhora do Rosário está uma sepultura rasa, tem o escudo das armas dos Sousas, com o seguinte Epitáfio: *Aqui jaz, Domingos de Sousa do Conselho d'El-Rei nosso Senhor, faleceu a quatro de outubro de 1563.*

Mais adiante desta Capela de Santa Catarina se segue a de S. Gonçalo, que é a última desta nave; tem seu retábulo de madeira com quatro colunas retorcidas tendo os capitéis da ordem Coríntia dourados com as suas vazas e tudo o mais é pintado, fingindo ser pedra da Arrábida. A Imagem deste Santo é milagrosa, e tem-se experimentado muitos prodígios nas pessoas que a ele recorrem especialmente padecendo o mal de sezões. Está colocado no meio do retábulo em cima de uma ponte, com um cajado na mão direita, e um livro na esquerda, é de madeira, e tem cinco palmos de altura. Junto a esta Capela se vê um padrão com escudo das armas dos Andrades, e Sousas, em o qual se leem as seguintes inscrições:

Esta Capela é de António de Andrade Carvalho, e de sua mulher Antónia de Toar de Sousa, e herdeiros. E tem obrigação de cento e dezanove Missas cada ano, e dois Ofícios de nove lições.

Tornando a dar notícia das mais Capelas desta Igreja, a primeira no cruzeiro, saindo da Capela-mor à mão esquerda, é funda para dentro, e dedicada aos gloriosos Mártires S. Cosme, e S. Damião, que têm as suas figuras pintadas em um pequeno retábulo que fica por cima do altar.

A outra que se segue a esta Capela, também funda para dentro, da mesma parte no cruzeiro, é dedicada a S. Pedro Apóstolo, cuja Imagem está só no meio do altar, é de vulto, e tem cinco palmos de altura, mostrando pela sua escultura ser muito antiga. Dentro nesta mesma Capela estão três sepulturas levantadas, e a que está à parte do Evangelho é superior às outras duas na grandeza, e lavor da pedra, com uma grande figura esculpida de escultura inteira, deitada na tampa por cima da mesma sepultura, e tem o seguinte epitáfio na principal face do caixão:

Aqui jaz o mui honrado famoso Doutor Martim do Sem do Conselho do mui alto, excelente, poderoso Príncipe, e Rei Dom João, e do Infante Dom Duarte seu filho primogénito, e seu Chanceler-mor; o qual por seu muito talento foi por eles em a embaixada aos Reinos de Inglaterra, e de Castela.

E defronte desta mesma Capela, entrando pela porta desse cruzeiro à mão esquerda, está em uma pedra, que se vê embebida na parede o epitáfio seguinte:

Aqui jaz o honrado, e nobre Cavaleiro Nuno Pacheco, com a honrada Dona sua mulher, o qual foi em todos os feitos, que por El-Rei Dom Afonso o quinto nestes Reinos de Portugal, e Castela, e África se fizeram. Finou-se na Era de mil quatrocentos e noventa e três anos.

Entrando do cruzeiro desta Igreja, pela nave que fica à parte esquerda, a primeira Capela é dedicada a S. Bartolomeu, é também funda para dentro; tem nela um meio arco todo de pedraria lavrada, em forma de obra Mosaica, embebido na parede, em que se vê uma grave sepultura de boa pedra, com uma figura de um varão deitado, esculpido na tampa do caixão da mesma sepultura, vestido todo de armas brancas, e em baixo está o seguinte letreiro: *Aqui jaz, Francisco de Faria, fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor, o qual faleceu a nove de junho de 1528.*

A última Capela que se segue nesta nave é a de S. Bartolomeu, é a dos Irmãos Terceiros do Patriarca S. Domingos: cuja Venerável Ordem foi ereta nesta Vila de Santarém em nossos tempos pelo P. Fr. *Francisco de Nossa Senhora do Rosário*, e confirmada aos dois dias do mês de março ano de 1726, sendo Provincial o Reverendíssimo Padre Mestre Fr. *José de Santo Thomas*. O primeiro Prior que esta Irmandade teve nesta terra foi o Padre José de Siqueira, Prior que é hoje da Paroquial Igreja de S. Nicolau desta mesma Vila, e primeiro Subprior Bernardo de Sousa Froes, e Secretário Domingos Correa de Azevedo. É intitulada esta santa Irmandade Milícia de JESUS Cristo, ou da Penitência de S. Domingos, à imitação da mesma que instituiu este glorioso Patriarca pelos anos de 1221, governando a barca de S. Pedro Honório terceiro, no quinto ano de seu Pontificado, para defender com ela os erros dos Hereges: e o principal de seu relatório diz assim: *Tertiarii utriusque sexus ordinis nostri, qui dicuntur de Militia JESU Christi, vel de Pœnitentia S. Dominici.*

Esta Capela da Irmandade é de maior vão para dentro que todas as mais desta Igreja; tem um retábulo de talha moderna muito bem obrado, e no meio dele se vê colocada uma perfeita Imagem de Cristo Senhor Nosso crucificado do tamanho do natural. No pavimento, que toma todo o vão da Capela estão três sepulturas, que pelos seus letreiros mostram serem de varões ilustríssimos, cujas inscrições são as seguintes:

*1. Aqui jaz Ruy Telles de Menezes, Mordomo-mor que foi da Rainha D. Maria, mulher del-Rey D. Manuel; e depois Governador, e Mordomo-mor da Infante D. Isabel sua filha Rainha de Castela, e Imperatriz de Alemanha: e assim foi Mordomo-mor da Rainha D. Leonor, terceira mulher do dito Rey: o qual foi filho de Fernão Telles de Menezes, e de D. Maria de Vilhena. Faleceu terça-*feira *treze de outubro, anos de 1528.*

2. Aqui jazem Bras Telles de Menezes, filho de Ruy Telles de Menezes, e de Dona Guiomar de Noronha, Camareiro-mor, e Guarda-mor que foi do Infante D. Luis: faleceu a oito de dezembro de 1526 anos; e D. Catharina de Brito sua mulher, que faleceu a 17 de junho de 1549.

3. Aqui jaz André Telles de Menezes, filho de Ruy Telles de Menezes, e de D. Guiomar de Noronha, Mordomo-mor, que foi do Infante D. Luis, filho del-Rey Dom Manuel. Faleceu a 18 de abril de 1562 anos.

CAPÍTULO VII.

Dá-se notícia do Bem-aventurado S. Fr. Gil; dos seus progressos, e vida que teve neste Convento, e nele o seu glorioso trânsito.

Suposto termos já dada no capítulo antecedente a principal notícia da formatura, e ornamento de que se compõe esta formosa Igreja, justo é agora ampliarmos esta lembrança com a memória de um Varão tão santo, que encheu o mundo de admirações, com assombro de suas portentosas virtudes, o Beato Fr. Gil, ornamento singular da sagrada Ordem Dominicana, glória de Portugal, e honra de Vouzela sua pátria. E porque temos nesta Igreja encerrada a preciosa joia de seu corpo, diremos aqui com a brevidade possível os efeitos da sua predestinação.

No ano de 1185 nasceu Fr. Gil junto à Vila de Vouzela, que é termo da nobre Cidade de Viseu, cabeça do Concelho de Lafões: seus progenitores eram naquele tempo ilustres pelo sangue, e muito mais o ficaram sendo na posteridade pelas heroicas virtudes de seu filho Gil Rodrigues, que assim foi o seu nome: seu pai se chamou D. Rui Pais de Valadares, fidalgo dos principais do Reino, do Conselho d'El-Rei D. Sancho primeiro, seu Mordomo-mor, e também Alcaide-mor do Castelo, e Cidade de Coimbra. A mãe se chamava D. Tareja Gil, filha de Fernão Martins de Almeida, Senhor que era da famigerada quinta da Cavalaria, a qual fica em pouca distância da dita Vila ao Poente; venturoso lugar, que mereceu lograr a dita de dar ao mundo tal maravilha da graça, pois ali nasceu o nosso Santo Fr. Gil, ínclito Taumaturgo Português, e vaso de eleição; do qual se pode entender que quis Deus (como em outro Saulo) empregar os efeitos da sua Divina Omnipotência, torcendo-lhe o génio em que precipitado caía, para lhe levantar o espírito à eminência da maior santidade.

Teve Fr. Gil na infância de seus anos grande inclinação para as letras; pelo que o mandaram seus pais a Coimbra, onde estudou, não só a Gramática, mas também Filosofia, e Medicina no real Convento de Santa Cruz da mesma Cidade; e foram tais os seus progressos na eminência com que soube estas faculdades, que divulgando-se por todo o Reino, e afamado seu raro engenho, El-Rei D. Sancho primeiro, por dar mais prémios a seu pai em satisfação dos muitos serviços que lhe tinha feito, lhe deu copiosas rendas em benefícios eclesiásticos neste Reino; os quais foram três Cónegos em Braga, em Coimbra, e na Guarda: e juntamente dois Priorados, um em Santa Iria na ribeira da nossa Vila de Santarém, outro na Igreja de Santa Maria em Coruche. E demais disto teve o Arcediago da terceira cadeira na Sé de Lisboa, e a Tesouraria na de Coimbra. Tempo era este em que se sofriam estas deformidades de se poder gozar dos frutos de muitos Benefícios Eclesiásticos, sem se servirem pessoalmente as Igrejas: mas conceder-se-ia isto só naquela Era, ou atendendo à relevância das letras, ou ao ilustre do sangue.

Vendo-se este mancebo Gil com opulência na primeira florescente idade de seu mundo, rico em tão breve tempo dos bens da fortuna, sem contrariedade de quem lhe pudesse atalhar os passos aos impulsos da liberdade com que absoluto vivia despenhado em torpes desígnios, largou as rédeas aos maus pensamentos por todas as estradas dos vícios, que a pouca idade, e a torpeza da carne lhe sugeriam. E não lhe satisfazendo tanta dissolução o apetite, cada vez mais procurava com desveladas lascívias novos desatinos.

Sabendo o demónio que Gil não tratava das coisas do espírito, e só se dava todo aos deleites da sensualidade, lhe introduziu na ideia, que, pois, ele era tão grande Filósofo, e tinha já tanta ciência da Medicina, que para se fazer consumado nela fosse a Paris, que naquele tempo era Universidade em que florescia mais esta faculdade, que em outra qualquer parte do mundo, e que de lá viria superlativamente ciente. Vencido da esperança destes gostos, e honras de que já se fazia senhor, partiu deste Reino para França. O inimigo que lhe tinha prostituído os pensamentos, quis acompanhá-lo nos passos, saindo-lhe ao caminho no princípio da jornada em figura humana; e das práticas que foram tendo, conciliaram grande amizade: dizendo-lhe que ia para a mesma parte. Afeiçoou-se-lhe o mancebo Gil de sorte, que lhe descobriu toda a sua vida, e determinação.

O disfarçado inimigo, com a sagacidade que dele se pode presumir, lhe louvou os intentados fins, porém reparou nos meios; dizendo-lhe: Meu amigo, eu vos digo, que muito bem fazeis em intentar por obra essas coisas que me tendes revelado, porque assim ganhareis grande nome, e vos fareis famoso no mundo: mas sabei, que esse meio que escolheis da Medicina, nunca pode ser bom para o que intentais, pois com esse exercício não podeis passar a vida com descanso. E senão dizei-me: Há ocupação mais fúnebre, mais pesada, e trabalhosa, que a de Médico? continuamente é lidar entre agonias, e lutos dos mortos que partem deste mundo; e por consequência ouvir os prantos, e ver correr as lágrimas dos vivos que ficam. E que contentamento, ou felicidade pode haver entre tantos males, vivendo continuamente entre gemidos, e encontrando a morte a cada passo. Outra ciência mais alta sei eu que há no mundo, em que vós com muita facilidade podeis ter melhor dita: e certamente sei que assim como é fácil de aprender a quem tem as vossas letras, e capacidade, assim também é fácil, e poderosa para fazer alcançar o que se deseja: pois é esta a nobre, e singular arte da Nigromancia, tão admirada no Orbe, como de poucos sabida, ainda que de muitos desejada. O estragado mancebo ouvindo estas razões, que o fingido amigo lhe propôs com tanta destreza, e sagacidade, cego dos seus depravados apetites, logo lhe deu crédito, dando a si mesmo com grande alvoroço os parabéns de achar um homem que tanto lhe enchesse as medidas do seu desejo, e que também o encaminhasse. E respondendo ao pai da mentira lhe disse: Muito folguei de vos ouvir tão boa advertência; peço-vos com todo o encarecimento que me encaminheis para essa escola, porque esta ciência é a que quero, e a que me convém. Prometeu-lhe o mesmo que lhe deu o conselho de o acompanhar sempre; e tomando as estradas foram parar a Toledo, conduzindo-o logo o mesmo demónio ao lugar em que assistiam os leitores e mestres da perdição.

Junto àquela cidade de Toledo, num tenebroso vale sombrio, se divisavam duas profundas, e cavernosas covas, dentro das quais estavam as luciferinas aulas daquela infernal academia, onde o príncipe das trevas, ditando a apostila, lia a seus discípulos a arte da Nigromancia. Admitido Gil com muita brevidade àquele infernal consórcio, saíram logo dali com grande festejo, e alaridos os miseráveis discípulos que lá estavam, mandados pelo seu mestre a receber o novo discípulo, levando-o com grande alegria, e afagos à presença de Lúcifer que estava sentado na pestífera cadeira magistral. Não lhe faltaram nesta ocasião ao perdido mancebo estímulos da consciência para cair em si, e para considerar bem o que fazia, pois já estava vendo com horroroso espanto, que lugar seria aquele. Porém como estava adormecido, e engolfado nos deleites sensuais, nas honras, e nas riquezas que esperava por este meio, não quis dar ouvidos às interiores vozes com que o seu coração o acordava. Resoluto sem mais embaraço algum, pediu logo o desgraçado Gil que o matriculassem; o malvado reitor lhe respondeu, que de boa vontade o queria por seu discípulo, satisfazendo ele primeiro os estatutos, e guardando as leis

daquela Universidade. Prometeu o infeliz mancebo de não faltar em coisa alguma do que ali lhe mandassem; e logo se lhe leram os estatutos, que bem mostravam serem semelhantes ao autor que os tinha feito. As cláusulas destes estatutos eram: que todo o que quisesse ali estudar, e matricular-se, se havia totalmente sujeitar à vontade de Satanás, apartando-se de todo da lei de Deus: que havia renegar da fé de Cristo, e do seu Batismo: que havia fazer uma escritura com o seu sangue, em a qual declarasse ser escravo do demónio, dando-lhe posse da sua alma.

Grande ocasião tinha Gil quando ouviu ler estes inauditos pregões, para começar logo dali a ser santo, pois eram eficazes avisos para abrir os olhos à maior cegueira (mas são inescrutáveis os segredos do Altíssimo) e como ele estava já submergido no atoleiro das imundícias das culpas, ficou com a alma tão cega, que desamparado da Divina luz, consentiu em tudo o que o demónio quis: e renegando da Lei de Deus, e de tudo o que pertence à Fé Católica, fez o escrito com o seu mesmo sangue, declarando-se nele por escravo de Lúcifer, e discípulo do mestre infernal.

No profundo pélago destas misérias, em que o desgraçado Gil se achava, tanto se aplicou à pestífera ciência da Nigromancia, que em sete anos se graduou nela mestre, e se ausentou dali para Paris: onde logo que entrou no geral da Medicina, começou a dar mostras de ser o maior homem que tinha o mundo naquela faculdade, com as pasmosas curas que fazia, ajudando-se da sabedoria da Nigromancia, que parecia exceder ao natural engenho da natureza, sobre todas as artes que pode o entendimento humano alcançar. E por este meio novamente abriu a porta aos vícios mais torpes, que os depravados apetites podem desejar. Cego à luz do Céu no abismo de tão grandes culpas, surdo aos clamores de Deus, corrupto da culpa, morto para a graça, e só vivendo para enterrar a sua alma no fogo eterno, se via esta alma perdida. Mas, ó misericordiosa Mãe do Omnipotente, que então se mostra mais poderosa quando faz, que os que estão já sendo carvões do inferno pelas suas culpas, se transformem em carbúnculos, e diamantes do Céu, pelo arrependimento, e pela penitência. Estas inescrutáveis maravilhas do Altíssimo se viram empregadas na vida do nosso já venturoso Gil, que sendo ingrato ao Céu, odioso à terra, rebelde a seu Senhor, e escravo do demónio; foi agora da suma Providência vaso escolhido para o celestial gozo da eterna Bem-aventurança, cuja conversão foi da maneira que aqui diremos.

Estando um dia este mancebo Gil de Valadares, estudando pelos livros da sua diabólica ciência, bem descuidado da sua salvação, e alheio de tudo o que o podia conduzir a ela; quando repentinamente se viu assaltado de um arrogante cavaleiro bem armado, brandindo na mão direita uma lança, que com feroz impulso lha encaminhava ao peito; e gritando com tremendas vozes, lhe disse as seguintes palavras: *Muda a vida homem, muda de estado, miserável, e cego mancebo*. Ficou ele nesta hora assombrado, e atónito com mil pensamentos que o acometiam, parecendo-lhe que via a Deus indignado, o inferno aberto, e os demónios aparelhados para o atormentarem; e mais tudo lhe penetravam o coração as reflexões que fazia sobre seus grandes pecados. Como aquela figura lhe desapareceu, vencido outra vez das torpezas do mundo, voltou a seus antigos vícios, entendendo que aquela visão seria sonho procedido das horrendas figuras que muitas vezes se lhe representavam no exercício da arte diabólica. Mas quando Deus eficazmente quer salvar um pecador impenitente, quem poderá resistir à força da Divina graça? Não se quis esquecer a piedade do Divino Pastor desta ovelha perdida, ainda que ela se tinha feito surda às suas vozes: pois passados três dias lhe apareceu no mesmo lugar, e com a mesma figura o sobredito cavaleiro: e com maior violência, maior fúria, e

mais indignação porque lançando-lhe o cavalo para o atropelar debaixo dele, pondo-lhe a lança em cima do coração com temerosas, e altas palavras lhe disse: *Muda homem a vida, se não queres acabar hoje às minhas mãos*. E juntamente deu-lhe uma lançada, que parecendo a Gil lhe traspassara o coração, caiu em terra, assim como outro Paulo dizendo: *Senhor aqui estou, que quereis que faça? Perdoai-me, porque não obedeci logo ao vosso preceito, por andar fora de mim, e enlodado nos vícios, e torpezas.*

Ao grande impulso que Gil teve no coração, entendeu que estava traspassado da lança do cavaleiro, com uma grande ferida, e caindo em terra exalou em alta voz um doloroso ai: acudiram os criados, e perguntaram que tinha: disse-lhe o sucedido a tempo que ele estava descobrindo o peito, onde não achou mais que um leve sinal da lança sobre a pele; entendendo logo que a ferida era intrínseca no próprio coração para lhe dar a vida da graça matando a culpa.

E antes que esperasse terceira amoestação reduzindo já a cinza as apostilas, e livros da pestífera ciência, partiu para Espanha com a deliberação de se recolher em um Convento de reforma apertada, onde asperamente fizesse penitência de seus enormíssimos pecados. Chegou à cidade de Palência, viu que os Padres da Ordem do glorioso S. Domingos andavam com laboriosas fadigas, edificando um pequeno Convento para nele habitarem, reparou na humildade com que aqueles servos do Senhor se ocupavam em ministérios tão inferiores; e juntamente via as asperezas da sua vida religiosa; as obras de caridade que faziam, empregando-se sempre em muitas mais virtudes em que resplandeciam: namorado deste modo de vida, com santa resolução foi buscar o Prior do dito Convento, que era um grande servo de Deus, e se confessou com ele, com inexplicáveis lágrimas, e suma dor. O bom Prelado o ouviu com muita paciência, e grande gosto de ver o seu arrependimento e o absolveu, tratando-o com brandura, e caridade. Com finíssimos suspiros respirou o convertido mancebo, vendo-se já solto das pesadas cadeias com que o tinha preso, e arrastava a dura escravidão do inimigo infernal, vendo a sua consciência no princípio da melhor vida, entregando-se a melhor estado.

Saiu Gil da Igreja com a sua alma mais consolada tornando para onde assistia naquela terra. Aí todo aquele dia e noite, entrou consigo a fazer contas, dando tratos ao entendimento, que caminho buscaria para segurar a salvação, e para ficar na amizade de Deus, e lhe perdoar tão enormes pecados. E falando consigo mesmo dizia estas semelhantes palavras: *Aonde irás Gil que caminho tomarás, aonde antes que morras possas satisfazer ao Senhor o que lhe tens negado? Viver entre o mundo sempre é perigoso; pois nele a cada passo se encontram desconcertos, e sempre é teatro público de vícios; quem se mete entre eles, expõe-se a precipícios evidentes; entre muitas vozes não pode fazer consonância uma, se as mais erram todas. Os bons exemplos dos que são justos costumam atrair: os maus passam a constranger, porque se ajudam com loucuras de coisas sensíveis, e mais amadas da natureza sempre pronta, e inclinada para o mal; e a virtude na companhia dos justos é mais segura. Se te vais para casa de teu pai, entre as suas opulências e fidalguias, não convém a um miserável, que se vê neste estado, porque meter-te agora nas delícias do mundo, é deixar a Deus mais ofendido. Abre, abre bem os olhos Gil, e emprega a vista do juízo, vendo qual será a felicidade de quem apartado das coisas mundanas só serve a Deus, e repara na suma miséria de quem é escravo do pecado. Pois que farás pobre mancebo, para que Deus te guie, e te assista? e quem te fez digno de favor tão soberano? fiar tanto da sua Providência sobre culpas tão enormes, mais é presunção do que esperança. Busca, busca logo uma Religião onde com áspero trabalho, duras penitências, aí dentro da Casa do mesmo Senhor com os auxílios*

que já te tem dado valorosamente pisarás os tristes regalos de mundo, e terás forças para quebrar os grilhões do infernal inimigo que te enganou.

Como Gil tinha visto naqueles Religiosos Domínicos um vivo espelho da virtude, com fervorosa resolução, inspirada pela graça da Divina Omnipotência, tornou a buscar o Padre Prior, com quem se tinha confessado no dia antecedente, e lançando-se-lhe aos pés lhe disse com muita humildade: *Padre ontem veio buscar-vos, o maior pecador que pode haver no mundo; e quando imaginei achar um reto juiz, que ouvindo as minhas torpezas, me tratasse como eu merecia, achei em vós um piedoso pai, que vendo as lágrimas, que eu justamente chorava, vós as acompanhastes com as vossas, empenhando-vos em lavar com elas as sujas manchas dos meus delitos. Esta piedade que ontem achei em vossas afáveis entranhas pela infinita misericórdia Divina, me moveu a tornar hoje a vossos pés com outro requerimento; ainda que seja temerário na pretensão; porém anima-me saber, que em uma casa de tanta caridade, o pedir não será demasiado arrojo para ser muito estranhado. A minha súplica é que queirais admitir este iníquo, e miserável pecador na vossa companhia; porque nela espero salvar-me, e purificar esta alma das muitas culpas que já me ouvistes.* Ouvindo o Prior com devotas lágrimas o eficaz desengano, que Gil já tinha das coisas do mundo, e por ver que aquela perdida ovelha com internas ânsias, e dolorosos suspiros, procurava o sagrado rebanho do bom Pastor, de boa vontade o aceitou com os mais Religiosos daquele Convento. Pagou logo Gil aos criados despedindo-os de si, e vestiu o hábito daquela sagrada Ordem Dominicana, armando-se logo contra as sensuais rebeldias da carne com uma larga, e asperíssima cinta de ferro, a qual fechou com um cadeado e para que nunca mais pudesse dela ter algum alívio, lançou a chave em um rio. Ali passou Fr. Gil o seu ano de noviciado, fazendo rigorosas penitências, tendo-se a si mesmo por cruel inimigo, vingando-se de seu corpo, como que fora ele o seu algoz, pondo freio na língua, e a própria vontade nas mãos da obediência. Desta maneira procedeu todo o ano de noviço naquele Convento com vida tão penitente, como santa, onde fez a sua solene profissão no ano de 1221; e depois foi mandado pelo Beato Fr. Sueiro para o Convento de Santarém.

Chegado o nosso Fr. Gil ao seu Convento da nobre, e antiquíssima Vila de Santarém, achou naquele encerramento um perfeito jardim de suavíssimas flores das maiores virtudes; viu nele uma congregação de Santos, ou um retiro de Anjos: com cujos exemplos se afervorou mais no espírito; dando novamente princípio a uma vida tão áspera, e rigorosa, tão austera, e penitente, que o Prelado lhe mandou que se moderasse, porque se punha em perigo de perder a vida. Mas só aos impérios da obediência, podia correr mais detido o ardor daquele abrasado coração: porque tinha desejo de padecer, e este lhe fazia as amarguras doces, as aflições suaves; e entendendo que o sacrifício mais aceito à Divina Majestade, é o de não ter vontade própria, logo a pôs nas mãos de seus Superiores; conseguindo por este meio para o merecimento maior dita: não só pelo sacrifício das penitências com que se mortificava, mas por não se mortificar mais em todo o tempo que queria. Na oração, como em frágua do amor Divino, escada de merecimentos, escola da maior ciência, subida do Céu, se abrasava em ardentes chamas, subia voando com as ligeiras asas da contemplação, em que aprendia os mais altos conceitos de santas, e amorosas finezas. Todo o tempo das horas que há entre dia e noite, lhe parecia pouco para orar; ainda quando andava em ocupações do serviço da Comunidade, nunca os seus pensamentos se apartavam de Deus: na terra imprimia os passos, e no Céu os afetos.

Entre tantos exercícios de virtude, austeras penitências, jejuns mais rigorosos, e contínuas vigílias, não podia respirar a sua alma, na consideração de ver que tinha na mão do demónio um escrito feito pela sua própria mão, firmado com o seu mesmo sangue, em que se fazia seu escravo. Com dolorosas súplicas, e contritas lágrimas, se prostrava diante do SANTÍSSIMO SACRAMENTO pedindo-lhe, que por aquele amor com que padeceu pelos pecadores, e se sacramentara debaixo daquelas espécies de pão, entre cândidos acidentes, o livrasse da escravidão daquele infernal inimigo, e usasse com ele da sua infinita misericórdia.

Assim solicitava o contrito Fr. Gil o remédio da sua salvação. E parecendo-lhe que seus rogos não eram bem ouvidos, nem aceitos por saírem de uma boca tão imunda e infame, como a único refúgio de pecadores, recorreu à Mãe da misericórdia, amparo de afligidos, e remédio de culpados, para que fosse sua intercessora com seu Divino Filho, que contra ele estava justamente indignado, cuja Imagem estava então por aquele tempo na casa antiga do Capítulo, e hoje a vemos colocada sobre a sepultura deste Santo, de que já no capítulo antecedente fizemos memória. Diante desta Imagem da Soberana Senhora fazia Fr. Gil gerais confissões de toda a má vida que tivera, dizendo que bem sabia, que não era merecedor de perdão; e logo para não enxugar as lágrimas dos seus olhos, com penetrantes disciplinas de ferro castigava as costas, lavando-as em rios de sangue, que corriam até às lajes. Assim com estas deprecações, e penitências continuou largos tempos, sem mais consolação que uma constante esperança na misericórdia da benignidade eterna, de que não podiam deixar de ter bom despacho os repetidos rogos de um coração desfeito em lágrimas pela dor do arrependimento; e mais sendo as súplicas requeridas pelo patrocínio da Virgem Mãe de Deus, que sempre é a medianeira de todo o bem dos pecadores.

Vendo-o Satanás com tanta constância nos exercícios espirituais, e na perseverança das penitências, tratou de o fazer cair no precipício da desesperação, atemorizando-o a todas as horas com fantásticas representações de horrendas figuras, pondo-lhe à vista o inferno com toda a casta de tormentos, e os miseráveis que ali padecem aqueles penosos castigos, com a fealdade dos infernais ministros; e logo passando a novos estratagemas, uivava-lhe como faminto, e raivoso lobo, já tomando a forma de um hórrido gigante, e desatando a sua pestífera língua, rompia nas palavras seguintes: *Infiel traidor, falto de fé, e protervo a todas as leis. Não reparas que negaste nas covas de Toledo quanto no batismo professaste, para poderes saciar os teus desenfreados apetites? Agora depois que satisfizeste teus intentos com minha ajuda, queres negar o que firmaste com tua mão? Faz quanto quiseres, que já te não podes livrar das minhas. Chora, jejua, trabalha, sofre infinitas fadigas, e extremas necessidades, despedaça-te, açoita-te, junta chagas a chagas, feridas sobre feridas; que muito a teu pesar, meu és, e meu hás de ser, atribulado e aflito. E já que por tantos títulos me pertences, não fora melhor, que gozasses deste mundo outro pouco de tempo, que te resta de vida.* Sofreu Fr. Gil sete anos contínuos com valor, e notável constância este género de martírio, perseguido de Satanás, e o tinha por cruz tão pesada, que ele mesmo dizia, que antes aceitara de boa vontade ser levado a justiçar a uma praça pública, não uma, mas muitas vezes, que ouvir estes ameaços do demónio.

Depois de ser muitas mais vezes vexado pelo inimigo, estando uma noite no seu costumado lugar do Capítulo prostrado diante da Sagrada Virgem, se sentiu socorrido do poder invisível: porque vendo, que um exército de demónios corria para ele, os viu de repente fugir, e o maioral deles ficando suspenso no ar, com voz horrenda lhe disse: *A teu*

pesar experimentarás que te desampara o Céu, e a terra, e que nem de um, nem de outro tens que esperar piedade: porque o Céu feito para ti de bronze, te declara por rebelde, com o escrito que fizeste. A terra não podendo suportar o peso gravíssimo das tuas culpas, se empenha em descarregar-se, lançando-te nos infernais abismos. Assim perdeste infeliz o Céu, e a terra; e só te resta, que desesperando de todo o remédio, venhas fazer companhia às mais almas desesperadas, que estão debaixo do nosso domínio. Acaba de conhecer, que para ti já não há piedade, nem misericórdia: porque esta não pode contra a justiça, tirar-nos o direito, que temos em teu corpo, e alma, por uma escritura tão autêntica. Vendo-se Fr. Gil nesta tempestade de confusões, atemorizado com dolorosos suspiros, nascidos do íntimo do coração, levantou os olhos pondo-os na soberana Guia dos pecadores, e lhe disse: *Bem-dita Senhora, entre todas as criaturas: é verdade tudo quanto aqueles malignos espíritos dizem contra mim; ainda dizem pouco em comparação das minhas enormes culpas; porém entendo, que sendo os meus delitos tão graves, não poderão exceder a grandeza da valia que tem os merecimentos do preciosíssimo Sangue de vosso Filho Unigénito, meu Senhor JESUS Cristo, porque basta uma só gota para remir todos os pecados do mundo; constante estou sempre nesta esperança para nunca desesperar, ainda que padeça mais, e mais tormentos daqueles infernais ministros. A vós Mãe de misericórdia, e Fonte de piedade unicamente recorro, como Rainha dos Anjos haveis de ser em minha ajuda poderosíssima, contra estes meus adversários.* Nesta forma falava Fr. Gil à Imperatriz do Céu, com os olhos feitos duas fontes, donde manavam dois rios de lágrimas. Acabando de dizer estas palavras, repentinamente viu, que Satanás, e seus sequazes com grande confusão se retiravam para o buraco da corda dos sinos por onde se foram, dizendo com temerosas, e horrendas vozes: *Toma a tua cédula com a minha maldição, e de todo o inferno; nunca a houveras de conseguir, se me não fizera força, quem está nesse altar*. E logo caiu entre Fr. Gil, e o altar da Senhora o mesmo escrito, que ele tinha feito com o seu próprio sangue; para cuja memória, muitos anos se conservou no Capítulo o buraco da corda dos sinos por onde o escrito baixou ao pé do altar.

Com este maravilhoso caso ficou o Bem-aventurado Fr. Gil como atónito quando tomou o escrito, sentindo em seu coração de uma causa dois excessivos efeitos, que eram, pesar e alegria; era esta de se sentir livre de jugo que tanto lhe pesava; aquele de ver com seus olhos em suas mãos uma culpa tão abominável que tinha cometido. E logo considerando no perigo passado, e no benefício presente: tornou-se a prostrar com a face nas lajes, e nelas com inexplicáveis afetos deu lugar às lágrimas, que são as línguas que melhor explicam os dolorosos arrependimentos do coração, dando assim graças à Soberana Rainha, de favor tão sinalado: contemplando juntamente na misericórdia do Filho em dar perdão a tão enormes culpas, e na piedade da Mãe de interceder por um pecador tão ingrato. E não achando palavras com que explicasse o reconhecimento de tão grande obrigação, só dizia, que dali para sempre se alistava por escravo da Mãe, e do Filho, repetindo sempre estas palavras: *Não haverá instante da minha vida, que não gaste em serviço de ambos*.

Depois de sucesso tão estupendo, logrou este Santo Padre grandes favores do Céu, acompanhando-o sempre uma luz celestial. Todas as horas gastava no exercício da oração, e no estudo da sagrada Teologia; que por ser bem fundada na Filosofia, e pelo seu raro engenho ser tão conhecido em toda a Religião, foi mandado à famigerada Universidade de Paris para nela se fazer mais insigne nesta ciência, que é o espelho da verdade. Ali naquelas ilustres Academias, achou aquele Santo Varão, que foi firme coluna, e grande luz da mesma Ordem Dominicana, o Beato Jordão, digníssimo sucessor

de seu Patriarca S. Domingos, no Generalato: o qual o recebeu com sumo gosto, não só por ter pela Religião já a notícia da grande virtude, e portentosa vida de Fr. Gil, mas também pelas cartas que tinha recebido d'El-Rei de Portugal D. Sancho, que lhe falava com admiração na sua vida, e nos seus maravilhosos progressos. Naqueles estudos teve Fr. Gil por companheiro da mesma cela ao Beato Humberto de Romanis, o qual depois foi quinto Geral da dita Ordem. E em um livro que compôs das memórias da Ordem, diz as seguintes, e formais palavras: *Adquiriu Fr. Gil tais aumentos de espírito, que nenhuma coisa da terra o podia separar da íntima união, em que sempre andava com Deus: porque muitas vezes lhe sucedia estando com os Religiosos, ou visitando os enfermos, elevar-se de sorte que não atendia ao que se fazia, ou dizia em sua presença; nem reparava nos que entravam, ou saíam. E em outras ocasiões quando tornava em seus sentidos, chorava, e suspirava, como quem se via apartado dos contentamentos, e doçuras do Céu, para tornar a este vale de lágrimas*.

Tendo, pois, acabado já os estudos da Teologia naquela Universidade de Paris, graduado Doutor, e feito Mestre pela Ordem; tornou para o seu Convento de Santarém, onde leu a mesma faculdade; sendo o primeiro Leitor que a sua Religião teve em toda a Espanha. Ali era a sua vida um moto contínuo de trabalho, porque não se ocupava na leitura da cadeira, mas todas as mais horas repartia para a oração, para o púlpito, para o coro, e para o confessionário. Foi Missionário Apostólico, pregando por todas as terras a verdade do sagrado Evangelho, de que colheu copioso fruto de muitas almas que ganhou para Deus; servindo aos ouvintes de espelho com o exemplo da sua vida, e purificando-os no sal da santa doutrina com a luz da sua ciência. Por este tempo passou desta vida temporal para a eterna, com grande opinião de santidade, o Beato Fr. Sueiro Gomes que era atualmente Provincial, e o primeiro de toda Espanha; e congregados os Religiosos vogais em Capítulo, convieram todos, que por muitas razões se devia eleger Provincial ao Mestre Fr. Gil, e logo foi aclamado com todos os votos, com público, e universal aplauso de todos, e é sem dúvida, que não podiam dar melhor sucessor ao Santo Varão Fr. Sueiro, porque se houve Fr. Gil no governo com tanta prudência, brandura, e zelo da Religião, que de todos se fazia amado, venerando-o como a santo, e respeitando-o como a pai, porque a sua vida servia de espelho aos súbditos, de exemplo aos seculares, e de admiração a todo o mundo. Neste seu Provincialado se aumentou a Província em número de Conventos, e de grandes sujeitos em letras, e virtudes. Era este perfeito Prelado amigo da virtude, e por isso amava muito aqueles que a seguiam; castigava os que amavam os vícios, mas logo era pio com os que tratavam de emendar-se: era caritativo para todos, e só para si rigoroso; e porque o amor que tinha aos súbditos parecia ser mais de pai que de Prelado, era mais amado que temido.

Passados alguns anos, pediu o santo Padre à Ordem, que lhe dessem por acabada a possessão do cargo, e sendo eleito Provincial Fr. Pedro de Osca, este faleceu em breve tempo. Os Padres Capitulares que se lembravam da suavidade, e brandura com que o santo Fr. Gil governou a Província, o nomearam segunda vez Provincial. E conformando-nos com as notícias de alguns escritores, dizem que aceitou o governo segunda vez, por não ter quem lhe fosse à mão nas continuadas penitências, e apertados jejuns que fazia, e desejava fazer. Na oração era tão elevado de êxtases na contemplação do bem da eterna glória, que em qualquer lugar que se achava o viam arrebatado, ou fosse na cela, ou no coro, ou na horta, e ficava tão insensível, e imóvel, que não parecia animado, mas uma estátua de pedra. Muitas vezes foi visto com os braços em cruz estendidos, elevado da terra para o Céu, como se transformava em JESUS crucificado, que era o seu bem todo, e por quem sacrificava seu coração abrasado em ardentes chamas de seu Divino amor.

Em várias ocasiões se elevava subindo com o corpo a tal altura, que ninguém lhe podia chegar com as mãos ao hábito; e quando lhe chegavam puxando-lhe com força, nunca podiam mover-lhe o corpo. E quando depois de largas horas, tornando a seus naturais sentidos, ficava como que se via em um tenebroso abismo, faltando-lhe o outro abismo de luz celestial que estava gozando; e por este motivo vendo-se ausente de tanto bem, arrancava do peito ardentes suspiros, que parecia exalar com eles a sua alma para a unir com quem só era merecedor de extremosos afetos.

Tanto era o amor de Deus em que se abrasava a alma de Fr. Gil, e tanto desejava romper as prisões do corpo, e voar para a pátria celestial, que parece quis Deus que o mundo o soubesse por vias extraordinárias, para glória sua, e honra deste seu servo: a cujo respeito referiremos aqui um dos maravilhosos casos que corre escrito em um tomo do *Agiológio Domínico*, o qual caso é na forma que se segue:

> *Por aquele tempo vivia em Lisboa uma Dona viúva, rica, e virtuosa, chamada Estefânia Brocarda; e porque era muito caritativa dava em sua casa aposento, e de comer a um homem cego, e pobre, de virtude muito conhecida, chamado Estêvão; que só ocupava todo o tempo em contínua oração; porque ainda que não tinha luz nos olhos, o íntimo amor com que orava em contemplação da Bem-aventurança lha dava na alma. Com os olhos desta, viu um dia que com estranha velocidade subia da terra ao Céu um globo de claríssimo fogo, e que chegando à estância, ou firmamento das estrelas, se abria o Céu donde saía um Anjo a rebater-lhe a entrada, fazendo-o tornar a descer para a terra. Atónito, e admirado o bom cego de ver tão claramente a contenda desta visão, continuou a orar com grande desejo de saber tão alto mistério; e como estava muito na graça de Deus, quis o mesmo Senhor fazer-lhe a vontade; e lhe foi dito logo pelo Anjo, que aquele globo de fogo, era a alma de Fr. Gil de Santarém, que abrasada de amor Divino estava anhelando ver-se livre do peso mortal, e voar aos braços do Criador; e que era mandado a detê-lo para bem de muitas almas que Deus queria ainda ganhar por seu meio, para lhe dar ao depois mais altos graus de glória*.

Depois desta maravilhosa visão, ainda viveu o santo Fr. Gil mais cinco anos não completos; tempo em que fazia oitenta de idade. Como se então estivera na força da mais robusta natureza continuava as mesmas penitências; mas como estava já debilitado das forças corporais, não pôde resistir ao trabalho. Entrou-lhe uma febre, não muito ardente: porém conhecendo que se aproximava a hora da sua partida, pediu, e recebeu com entranhável devoção todos os Sacramentos, e chegado o dia da gloriosa Ascensão do Senhor do ano de 1265 (dia tantas vezes fausto, e glorioso para este Domínico Convento de Santarém, Céu na terra, Angélica república, e santo jardim de flores das mais singulares virtudes) deu o nosso Santo Fr. Gil sinais de extraordinária alegria, como quem já estava divisando os horizontes da Bem-aventurança, e lançado em terra sobre uma manta de saco, entre amorosos colóquios com Cristo crucificado, e com a Virgem Santíssima, consolando juntamente aos seus Religiosos, que com lágrimas o acompanhavam; encomendando-lhes com cariciosas palavras a guarda da observância, e os lucros certos que dela haviam de ter; e levantadas as mãos, e os olhos ao Céu, pronunciando aquelas doces palavras: *Em vossas mãos, Senhor, encomendo o meu espírito*, deixando cair os braços em cruz, entregou a ditosa alma nas mãos de seu Criador; mostrando no rosto uma extraordinária alegria, e tão aprazível, que o julgaram por um bem parecido retrato da glória: parecendo aquele trânsito de sua bendita alma, não

violento, mas que entrava em um descansado, e soberano sono, sendo isto no dia catorze de maio de 1265, tendo de idade oitenta anos, e de Religioso quarenta e quatro.

Depois que os seus Religiosos viram que se lhes acabara a companhia de tão santo Prelado convocando-lhes o sentimento as lágrimas, e rasgando-lhes os suspiros nos corações à veemência das vozes, o principiaram a amortalhar, e compor aquele ditoso corpo, em que o Céu tinha depositado tão bem-aventurado espírito, rico tesouro da eterna Monarquia da Bem-aventurança. E nesta operação lhe foi achada fixa na carne a cinta de ferro, que em Palência cingiu no princípio da sua conversão, que nunca mais enquanto viveu a tirou: a qual se guarda neste Convento de Santarém, como preciosa relíquia; e se tem visto obrar Deus por ela muitos prodígios, principalmente em mulheres que têm partos perigosos.

Muitos foram os sinais que logo ali se viram, de que já a sua alma estava gozando dos bens da glória: o primeiro foi sentirem sair de seu corpo um sobrenatural cheiro, que excedia a todos os aromas da terra. Outra maravilha achámos referida por graves Autores, que parece quer Deus vejam os mortais com seus olhos a brevidade com que dá o prémio àqueles que pelo áspero caminho da penitência se fazem merecedores da sua celestial morada. Foi o caso, que havia nesta Vila de Santarém uma virtuosa, e nobre matrona chamada *Elvira Pais Duranda*, da qual já fizemos memória na fundação do Convento de S. Domingos das Donas, discípula muito amada do Bem-aventurado S. Fr. Gil; e no mesmo dia que sepultaram este Santo, ficou ela excessivamente magoada, e triste na ausência de seu santo diretor. Foi Deus servido consolá-la com uma misteriosa, e celestial visão. E foi, que estando ela fazendo ato reflexo na grande glória que já teria no Céu o seu muito amado Mestre desejando ser merecedora de ir pelo mesmo caminho atrás dele arrebatada nestes pensamentos, se lhe representaram na vista dois venerandos Varões, ambos vestidos de púrpura guarnecida, e alcachofrada de ouro; aos quais ela conheceu clara, e distintamente serem os seus dois Santos Padres, que ela em suas vidas amava muito em Deus, o Beato Fr. Domingos de Cuba, e S. Fr. Gil. Logo depois disto viu uma eminente escada, que tendo os pés na terra do cemitério, se elevava a descansar com as pontas no Céu; e por ela desceram dois Anjos, que com festivos aplausos, chamando por eles, lhes disseram: *Vinde Irmãos, vinde, e subi, que vos chama o Senhor para receberdes o prémio do bem que o servistes nesta vida.* Ditas estas palavras, tornaram a subir os Anjos pela mesma escada, e atrás deles os que já iam a ser Cidadãos na morada eterna da Bem-aventurança. Com suavidade de espírito, e copiosas lágrimas, repetia a serva de Deus esta prodigiosa visão; da qual perseveraram algumas pinturas, e se conservaram sempre na Capela do mesmo Santo.

Depois de serem já passados seis anos, que estava o seu corpo enterrado no cemitério, e sua ditosa alma gozava dos perduráveis bens da glória, eram contínuos os milagres, que cada dia se experimentavam neste Reino de Portugal, e fora dele à vista de qualquer relíquia sua, ou invocando o seu nome. Desejavam os Religiosos deste Convento trasladar-lhe as sagradas relíquias do seu corpo para lugar mais decente, porque sua Prima, e grande sua devota Dona Joana Dias, Senhora da Atouguia, mulher de D. Fernando Fernandes Cogominho, Senhor de Chaves, e Alcaide-mor de Coimbra (a qual Senhora ainda em seus dias alcançou este seu Santo Primo) lhe tinha mandado lavrar o túmulo, e Capela (de que já acima fizemos memória na descrição da Igreja). Parece que Deus foi servido fazer a vontade aos Religiosos que suspiravam pela trasladação de seu Santo Fr. Gil, pois assim se soube pelos superiores avisos que tiveram; e foi o sucesso como aqui diremos. No ano de 1271, em o primeiro dia do mês de julho, sendo Porteiro

no mesmo Convento o servo de Deus Fr. João de Santarém, natural desta mesma Vila, estando em oração apareceu-lhe o nosso Santo Fr. Gil, e disse-lhe, que advertisse ao Prior, e aos mais Religiosos, era tempo, e Deus assim o queria, que tirassem o seu corpo do cemitério em que estava enterrado para lugar mais decente, em parte onde ficasse aos olhos do povo que tanto o amava. Fr. João deu o recado ao Prior, e como era pessoa de bem conhecida virtude, não deixou o Prelado de lhe dar crédito. Porém como se passou algum tempo sem se executar esta ordem que vinha do poder altíssimo; tornou o mesmo Santo a aparecer claramente uma noite ao Prior, dizendo-lhe, que fizesse logo o que o Porteiro lhe significara. Despertou o Prior os sentidos com grande cuidado e pena de não ter já executado aquele aviso de Deus: deu disto notícia à nobreza da Vila, que recebeu a nova com notável alvoroço, assinando-lhe o dia em o qual concorreu grande número de povo à Igreja naquele dia determinado. Abriu-se a sepultura, e o caixão, do qual saiu um suavíssimo cheiro, que logo pareceu ser coisa sobrenatural. Viu-se o venerável corpo que permanecia inteiro, e incorrupto, e tão fresco como na hora em que fora sepultado. Neste mesmo ato quis Deus autenticar a santidade deste seu amado, fazendo ali muitos milagres. Foi posto o santo corpo na dita sua Capela onde está até hoje, e viram-se naquele mesmo dia muitos prodígios: porque recebeu vista uma mulher que era cega, e ficou sem lesão alguma um aleijado; e os mais enfermos ficaram possuindo perfeita saúde.

Foram tantos, e tão estupendos os milagres, que com o poder de Deus fez S. Fr. Gil em sua vida, e depois de sua morte, que se os escrevêssemos todos, não seria bastante o papel de um grande livro; sendo tão maravilhosos os seus prodígios, que depois da sua ditosa alma estar na glória gozando as delícias da Bem-aventurança, ressuscitou três mortos. Grande fortuna teve Santarém com a Vila de Vouzela, em lhe dar para sua morada um Santo tão grande, que parece não cabia em todo o mundo com as suas inexplicáveis maravilhas. Deliciosa terra a da quinta da Cavalaria, que deu a Santarém tão bom fruto, para perpétuo gosto de uns e outros habitadores, pois lá nasceu esta flor, para nos dar aqui saborosos produtos de tão santos milagres.

CAPÍTULO VIII.

Descreve-se a fundação do Convento que a Religião Beneditina possui em Santarém, e o prodigioso milagre do Santo Crucifixo.

Antes que demos princípio à fundação, e existência deste Convento, que a sagrada Religião do Patriarca S. Bento logra nesta Vila de Santarém, no distrito da Freguesia do Salvador, em que vamos, primeiro devemos fazer memória da antiguidade do seu sítio juntamente com o miraculoso prodígio da venerada Imagem do Senhor crucificado, que ainda hoje se venera naquela Igreja; e depois relataremos o motivo que houve para ser casa conventual, principiando da maneira seguinte. Fora do circuito da Vila para a parte do Nordeste, em um alto que fica por cima do sítio a que chamam Montirás, ficando-lhe daí sobranceiro ao Norte, estava antigamente uma Ermida chamada dos Apóstolos; a qual era anexa à Igreja da real Colegiada de Alcáçova: em cuja Ermida se via colocada a dita Imagem do Santo Crucifixo; e no mesmo distrito havia só matos, hoje são olivais, e terras de sementeiras.

Correndo os anos de 1290, sendo D. Dinis Rei de Portugal, e D. Domingos Jardo, Bispo de Lisboa; havia nesta Vila de Santarém uma virtuosa donzela, moça, e de bom parecer, filha de um pobre lavrador, à qual obrigava seu pai, que feita pastora, lhe apascentasse um rebanho de ovelhas, que eram estas o seu cabedal com que se ajudava a passar a vida honradamente. Continuando naquele lugar da Ermida a honesta pastora na guarda do seu gado, que como se entende, era ela de agradável gesto, e bom rosto; vendo-a um dia um mancebo dos mais nobres da Vila, logo empregou nela os olhos com inclinação depravadamente lasciva: e porque a graça da formosura no emprego da vista é poderoso íman que cegamente desordenado atrai os homens com os torpíssimos afetos de sensuais apetites; repetidas vezes porfiou o mal inclinado mancebo a ir àquele monte, e com teimosas demonstrações de amorosas finezas, significava à pastora o quanto desejava ver nela recíproca correspondência ao fino amor com que ele afetuoso amava a sua gentileza, entendendo ardiloso, por este caminho alcançar dela o que pretendia com tanto empenho, pois lhe devia parecer que é natural propensão nas mulheres agradarem-se muito de quem as gaba de formosas. Mas vendo os constantes repúdios da pastora, lhe disse, que seu intento era recebê-la por esposa; porque ainda que entre eles havia desigualdade nas pessoas, não fazia disso caso pelo muito que lhe queria. E falando-lhe ele em casar, ela se abrandou mais: porém não deixou de ser advertida, dizendo-lhe ela, que consentiria no que intentava, se ele lhe fizesse aquela promessa diante daquele Senhor que estava na Ermida do mesmo monte em que eles estavam. Consentiu nisto o mancebo repetindo a mesma promessa; e fiada ela nesta palavra de Matrimónio futuro, deixou-se levar da sua depravada pertença. Vendo a pastora, que o mancebo tardava em dar à execução a sua promessa, entretendo-a com razões frívolas, e muitas vezes tratando-a com esquivanças, pediu-lhe por muitas ocasiões, que cumprisse o que lhe tinha prometido, e que considerasse, que por seu respeito estava infamada. Ele por não deixar de lhe responder, dizia, que esperava tempo em que seus pais não levassem a mal o seu casamento. Julgando-se a pobre moça enganada, pôs por obra demandá-lo por marido diante do Vigário-Geral da mesma Vila: e indo a perguntas negou ele a promessa que lhe tinha feito, e tudo o mais que podia fazer bem à justiça da aflita mulher, dizendo, que nem

lhe devia a honra, nem lhe dera palavra de esposo, fiado sem dúvida em não haver testemunha alguma que dissesse o que tinha passado entre ambos.

Não tinha a pastora naquela ocasião por si, mais que a verdade com que falava, e a justiça não pode julgar os pleitos, senão quando acha por testemunhas prova bastante para conhecer a certeza do delito. Porém Deus que só conhece os corações, não falta em remediar as vexações feitas com falsidade, e se põe em campo para defender a inocência, como sucedeu neste portentoso caso. Pediu a pastora ao Vigário-Geral, com grande fé, fiada na Divina piedade, que pois ela não tinha ali pessoas com que se justificar, fossem todos com ela àquela Ermida, que lá tinha testemunhas abonadas. Foi aquele Ministro Eclesiástico em forma de justiça, com Escrivão, Meirinho, e outras pessoas, juntamente com as mesmas partes; e entrando todos na Ermida onde estava o Santo Crucifixo, não vendo o Vigário Geral pessoa alguma que pudesse testemunhar no caso, perguntou à pastora pelas testemunhas abonadas: a moça derramando muitas lágrimas, se ajoelhou diante do Senhor crucificado, e disse: *Vós meu Deus, e meu Senhor, que viestes do Céu à terra para dares testemunho da verdade, bem sabeis o que este homem me prometeu diante dessa vossa Santa Imagem; e como não tenho outra testemunha senão a Vós, meu Deus, peço-vos me socorrais nesta tribulação, e deis o testemunho da verdade.* Caso assombroso; que estando todos os assistentes com os olhos no Santo Cristo, eis que desprega o Senhor os braços da Cruz lançando-se sobre o direito, com a cabeça tão inclinada, que quase lhe fica na altura dos joelhos, e o braço direito com a mão aberta, todo estendido abaixo, como provando o que aquela mulher afirmava; e nesta forma persevera nos tempos presentes com admiração de todos, e muito mais admiradas ficam aquelas pessoas, que vendo ser esta Imagem de pau, observam ter os seus veios contra o seu natural, em volta tão apertada. Esta miraculosa Imagem, por ser antiquíssima, não está obrada na sua escultura com a melhor perfeição da arte, mas podemos entender, que nela assim quer Deus mostrar a sua Omnipotência. Tem sete palmos de comprido, ainda que se não pode bem medir pela volta que tem o corpo, e inclinação da cabeça. O Vigário-Geral, e o mesmo mancebo com os mais circunstantes ficaram atónitos de verem tal maravilha. Deu-se o caso por bem provado, e o mancebo convencido, recebeu a pastora a contento de todos.

Depois de tão evidente milagre que Deus obrou em favor daquela moça para seu amparo, cresceu muito a devoção no concurso dos fiéis, vindo de todo o Reino visitar a Sagrada Imagem do Crucifixo, para o verem e venerarem; podendo-se aqui verificar, e dizer com David: *Omnes gentes quascumque fecisti venient, & adorabunt coram te Domine, & glorificabunt nomen tuum, quoniam magnus es tu, & faciens mirabilia.* Toda a gente, Senhor, que criastes vos virá adorar, e glorificar vosso Santo Nome, porque mostrais ser grande, e ser só Deus Omnipotente, fazendo maravilhas. A esta Ermida, que era dos Cónegos da Igreja Colegiada de Santa Maria de Alcáçova da mesma Vila, vinham todos os anos em dia da Vera Cruz em maio, com Procissão solene, e muitos festejos. E correndo os tempos, a Senhora Infante Dona Maria, filha d'El-Rei D. Manuel, e de sua terceira mulher, a Rainha D. Leonor, irmã do Imperador Carlos quinto, tomou tanta devoção à Imagem deste Santo Crucifixo, que sendo a Ermida dos Cónegos de Alcáçova, por certas remunerações, ajustou com eles ficar a dita Ermida por sua, e mandou fazer nela a Igreja que existe hoje, da qual adiante daremos mais larga notícia. Era esta virtuosíssima Princesa dotada pela altíssima providência de tão singulares virtudes, que sempre os nossos abonos ficam devendo restituições a seus merecimentos; pois vemos hoje neste Reino obras tão devotas, que de seu Régio mando se fizeram, com seu próprio dispêndio, que ainda a nós, que a não conhecemos, sempre nos serão saudosas as suas

lembranças: porque a virtude do amor de Deus, fica menos conhecida pelas figuras da retórica, que pelas ações executadas: manifesta-se mais pelas obras, que pelas palavras, para nos intimar nas distâncias dos anos, relativos de saudosas memórias; perdendo a Igreja Católica, com o fim da vida desta Princesa, uma tão grande benfeitora.

Com a natureza do sangue de seus venturosos pais, também a Senhora Infante Dona Maria, por especial herança, teve grande devoção a S. João Evangelista, e por consequência aos seus Religiosos de minha sagrada Congregação, levada do grande amor que experimentou em El-Rei seu pai, para com os referidos Religiosos filhos mimosos do mesmo Evangelista neste Reino de Portugal. Nasceu esta virtuosa Infante no ano de 1521 nunca quis casar, ainda que era universal herdeira da Sereníssima Rainha Dona Leonor sua mãe, sendo filha única, porque só teve um legítimo irmão, o Infante D. Carlos, que morreu de poucos meses; e ficando única, só tratou de fazer obras de piedade, o que se pode ver no admirável testamento, que mandou lançar no Cartório do Convento de Santo Elói de Lisboa, aonde existe. Faleceu esta Senhora castíssima donzela de cinquenta e sete anos no Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, perto de Lisboa, e edificação sua, aonde jaz seu corpo enterrado em suntuoso sepulcro. Quanto teve de seus bens consagrou ao culto Divino, por diversas partes deste Reino; igualando com os lances da liberalidade, os dotes de seu generoso coração, por cujas ações deixou na posteridade, imortal e glorioso o seu nome.

Edificada a Igreja no mesmo lugar da Ermida do milagroso Crucifixo, por mandado, e dispêndio da Senhora Infante; comprou logo esta Senhora um grande olival, que fica junto à Igreja para a parte do Norte, com tenção de fundar juntamente ali um Convento, para que fosse o olival princípio da sua renda. Pediu à sua mimosa Congregação do Evangelista, quisesse aceitar aquele Templo, para um novo Mosteiro da mesma Congregação, ficando com o título do Santo Crucifixo; pois queria que naquele lugar, aonde Deus foi servido obrar tão grande maravilha, houvesse nele Sacerdotes de morada para beneficiarem os Ofícios Divinos, e darem decente culto àquela miraculosa Imagem. Porém diz o P. M. Jorge de S. Paulo no livro que escreveu intitulado: *Epílogo, e Compêndio da Origem da Congregação de S. João Evangelista deste Reino*, pag. 679. §. 8, que os seus Padres atendendo ser a renda limitada, sem esperança da Vila lha aumentar, a respeito dos muitos Conventos que nela se tinham fundado, nem a Ordem lhe poder aplicar pensões dos outros Conventos que tinha a Província pois estes só possuíam aquelas rendas, que justamente eram necessárias para o sustento dos Cónegos que neles havia conventuais; por esta causa com as submissões devidas, se eximiram aqueles bons Padres de aceitarem a liberal oferta da benigna Princesa. E como esta Senhora amava muito todas as mais Religiões deste Reino, e viu, que a do Patriarca S. Bento não tinha Convento em Santarém, deu-lhe a nova Igreja, e o dito olival, com a condição de fundarem ali uma casa regular onde estivessem doze Monges com seu Abade, à imitação dos doze Apóstolos, que era o título que sempre teve aquela antiga Ermida, para serem Capelães do Santo Cristo.

Depois que a Senhora Infante se recolheu no seu Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, os Padres de S. Bento foram edificando por tempos o Convento que hoje existe; o qual tem três dormitórios de mediana grandeza, e em tudo o mais é limitado. O corpo da Igreja (que é pequena) é quadrado, mas fica quase igual com o seu rotundo zimbório. Na Capela-mor está a Sacrossanta Imagem do milagroso Crucifixo em decente tribuna de boa talha dourada, encerrado com cortinas corrediças, para se mostrar aos devotos fiéis, que querem ver aquela maravilha do Céu. Tem esta Igreja mais quatro altares (excepto o

da Capela-mor) dois são os colaterais, e os outros dois em duas Capelas que ficam fundas para dentro no meio dos lados do corpo da Igreja; nos dois colaterais, (que são à face) no que fica da parte do Evangelho está colocada a Imagem do glorioso S. Bento, e no da parte da Epístola, a de Santo Amaro: e são Imagens que têm quase estatura natural, de escultura muito bem obrada. E nas Capelas dos lados, a que fica para a parte do Sul tem um retábulo em que estão admiravelmente pintados os doze Apóstolos, entre os quais está Cristo ressuscitado, e S. Tomé metendo-lhe a mão no lado. A outra Capela, que lhe fica da parte do Norte, tem outro semelhante retábulo com a pintura da mesma mão da outra, em que se vê pintada a vinda do Espírito Santo sobre as cabeças dos sagrados Apóstolos, que tudo mostra ser pintura antiquíssima e singular, feitas em tábuas unidas, aparelhada por baixo em gesso. Nesta Igreja há uma notável relíquia do Patriarca S. Bento, que também lhe deu a mesma Infante, a qual lhe mandou de Roma (a seus rogos) o Papa S. Pio quinto; é uma grande parte da canela de um braço do mesmo Santo Patriarca. Disto faz menção a *Beneditina Lusitana*, tract. 2. pag. 423.

CAPÍTULO IX.

Dá-se notícia da fundação, e existência do Colégio que os Padres da Companhia possuem nesta Vila de Santarém.

Pelo meio das antigas muralhas que fechavam esta Vila, para a parte do Norte, no distrito da Freguesia do Salvador, está fundado o famoso Colégio da esclarecida e venerada família dos Padres da Companhia de JESUS, em o sítio mais alegre, e aprazível que na mesma Vila podia idear a imaginação. Mas primeiro que façamos memória de todo o artificiado, e singulares artefactos que em si inclui este Colégio, faremos aqui uma lembrança do princípio que teve a sua fundação, na forma seguinte. Entraram os Padres da Companhia primeiramente nesta Vila, aos sete dias do mês de maio de 1621, trazendo por seu primeiro Reitor o Padre Matias de Sá. As primeiras casas que habitaram em forma de Hospício, foram as que estão contíguas à Ermida de Santo Antão, sita fora dos muros da Vila, no caminho que vai para o lugar de S. Lázaro, e depois habitaram muitos tempos em umas casas, que estão próximas à Ermida de S. Sebastião, que hoje lhe fica o dormitório do dito Colégio fronteiro em pouca distância: e em um lugar, e outro estiveram os Padres por espaço de trinta anos.

O fundador desta grandiosa república literária, foi D. Duarte da Costa, fidalgo da primeira nobreza deste Reino, e Armeiro-mor; o qual depois de fazer a doação para se fundar o dito Colégio, entrou na mesma Religião da Companhia no ano de 1609, muito antes de se dar princípio à obra; e este Padre Duarte da Costa é o que o Colégio tem por fundador. O Sereníssimo Rei D. João o quarto de feliz memória, doou os seus Paços reais, que estavam junto à porta de Leiria, aos ditos Padres, nestes anos referidos, que estes eram os que os Reis de Portugal tiveram em Santarém, e neles viveram séculos.

Mudados os Padres da Ermida de S. Sebastião para os ditos Paços, e tendo neles já repartido cómodo para a sua religiosa assistência, fizeram logo Igreja em uma das salas térreas, ficando fronteira ao Convento de S. Francisco da Província Observante, e por cima da tal Igreja corre hoje um magnífico dormitório do mesmo Colégio.

Nesta passagem que se fez da dita Ermida para a nova habitação dos Paços, e no dia em que se disse a primeira Missa na Igreja que hoje chamam Velha, se fez nela uma grande solenidade, em a qual pregou o grande Padre António Vieira, o qual tinha ido pregar a esta Vila nas Exéquias do primeiro Conde de Unhão Fernando Teles da Silveira, sendo neste tempo Reitor do novo Colégio, o Padre Francisco Manso. Depois passados alguns anos, se fabricou a Igreja nova: e nos fins do ano de 1679, acabada a dita Igreja, que agora existe, com grande pompa, e grandioso ornato, sendo Reitor o Padre Sebastião de Novaes, fez mudar para ela O SANTÍSSIMO SACRAMENTO, com Procissão soleníssima, e singulares festejos.

É o Orago, e título desta famosa, e formosa Igreja *Nossa Senhora da Conceição*. Tem oito Capelas, excepto a do altar-mor, que são quatro de cada lado, é de bastante grandeza, e de uma só nave, não tem cruzeiro, e só o fazem as grades que repartem o corpo, cercando estas toda a Igreja, fazendo-lhe de um e outro lado a forma de coxias, com um só degrau, e assim correm iguais com o parecido cruzeiro, o qual é bastantemente

espaçoso. A Capela-mor é de abóbada de tijolo, e o arco da sua entrada é de boa pedra, todo embutido em florões lisos de várias cores; a sua tribuna, que é grande, e majestosa, é toda de pedra jaspe bem artificiada de ramos embutidos, mas com mais delicadezas, e perfeições regulares que o dito arco. O teto de todo o corpo da Igreja é forrado de esteira de boa madeira com admirável pintura: forma-se esta com superior valentia, em elevada arquitetura, pela harmonia, que industriosamente lhe faz o ideado das suas sombras. E fazendo frente aos quatro cantos na mesma esteira do forro, se estão vendo admiravelmente debuxadas, e bem coloridas, as quatro partes do mundo em figuras, com todas as circunstâncias que lhe competem; e no meio do mesmo teto, em tarja apartada se compreende na vista, admirando o primor da arte, com que o mais mimoso pincel soube revestir sobre o singular debuxo, em vivas e naturalíssimas cores, a figura da Soberana Rainha dos Anjos subindo para o Céu, acompanhada das Hierarquias celestes, e de todos os misteriosos atributos que lhe pertencem.

As Capelas das oito que tem esta Igreja no seu corpo, cinco delas só têm altares, até ao tempo que isto escrevemos: a primeira saindo da mor, à parte do Evangelho, é dedicada a N. Senhora do Socorro, tem um admirável retábulo de talha dourada moderna, e ao pé dos degraus desta Capela está uma sepultura rasa no pavimento, com o seguinte epitáfio: *Aqui nesta Sepultura estão os ossos de João de Andrade Pessoa, e de Maria da Fonseca sua mulher, e do Doutor Manuel de Andrade Pessoa seu filho, instituidor, e dotador desta Capela*. Da mesma parte deste lado, mais para baixo, se segue a Capela, que é dedicada a S. Francisco Xavier, que também está ornada com retábulo de boa talha moderna, e dourada. E mais para baixo desta, está outra, que é dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte e ainda não tem retábulo; e a outra, que a esta se segue não tem ainda algum ornato. A primeira da parte da Epístola (seguindo-se outra vez por cima) é dedicada a Nossa Senhora da Glória, com seu retábulo primorosamente feito de talha, e admiravelmente bem dourada, e ao pé dos seus degraus, no pavimento, tem uma sepultura rasa com as seguintes letras: *Aqui jazem os ossos de Jerónima de Sousa de Morais, e de sua Irmã Mariana de Sousa de Gouveia, instituidoras, e dotadoras desta Capela, filhas de Francisco de Sousa Pinto, Cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Majestade*. Deste mesmo lado mais para baixo se segue a Capela que é dedicada a Santo Estanislau, onde está colocada uma Sacratíssima Imagem de JESUS crucificado, também está feita de talha moderna, porém ainda não está dourada; e ao pé desta Capela se vê outra sepultura, que diz o seu letreiro: Aqui está sepultado João Henriques de S. Paio Rosa, natural de Penacova, instituidor, e dotador desta Capela. Pede-se lembrem das almas do Purgatório. E as duas Capelas que se seguem desta parte, ainda não têm altares.

No pavimento da Capela-mor estão três sepulturas todas rasas com o mesmo pavimento, e a que está no meio tem o seguinte epitáfio: *Aqui jaz o Reverendo Padre Duarte da Costa da Companhia, fundador deste Colégio, cujos ossos foram trasladados para este lugar, ano de 1698.* A que está da parte do Evangelho, tem as letras seguintes: *Aqui jaz Dona Leonor de Sousa mãe do fundador deste Colégio*. E a da parte da Epístola, nela se lê o seguinte letreiro: *Aqui jazem Fernando Álvares de Sousa, e Dona Brites de Sousa, Avós do fundador deste Colégio*.

Fica o elevado frontispício desta Igreja fronteiro ao Oriente, em uma formosa praça, ou terreno, que antigamente (quando ali assistiam as Majestades) era chamado o Terreiro do Paço. Tem primorosa fachada, pois é toda de pedraria com lavores de troncos, e ramos em meio-relevo: e ainda que no seu todo se não siga acabada alguma das cinco ordens gerais da Arquitetura, sempre faz uma agradável, e harmoniosa magnificência na

vista. Cinco nichos perfeitamente bem regulares, fazem proporcionado matiz a toda a iminência deste airoso, e soberano artefacto. Da cimalha real para cima, bem no meio de toda a peça, que se eleva com a guarnição das suas quartelas a rematar o fim de toda a sua fábrica, está um perfeitíssimo nicho, em o qual se vê colocada uma bem feita Imagem da Virgem Senhora Nossa, com o título da Conceição, que como já dissemos, é ali nesta Igreja Orago; e é tão avultada esta Imagem, que me disse o Autor que a fez, tinha quase vinte palmos de altura, e é de barro. E nos quatro nichos, que são dois em cada um lado, os quais ficam da dita cimalha para baixo, estão colocadas as Imagens seguintes: Santo Inácio de Loiola: S. Francisco Xavier: S. Francisco de Borja: e Santo Estanislau, que todos quatro têm estatura natural.

Compõe-se este famoso Colégio de admiráveis oficinas muito acomodadas para a vida Religiosa; e tem um dormitório, que não só é o melhor de quantos existem nos Conventos desta Vila de Santarém, mas ainda parece ser um dos melhores de todo o Reino, pois está bem regulado pela sua grandeza, assim no comprimento (que é cá fora na terra muito mais da carreira de um cavalo) como por dentro no espaçoso da largura, e altura, sendo de abóbada de tijolo. A outro igual deste para a parte do Sul (ficando a Igreja no meio) se tem dado princípio; porém por agora está parada a obra, e só tem pouco menos de meio comprimento levantado, e coberto. Também não está de todo ainda acabado o pátio das aulas, mas já nelas atualmente se está lendo Gramática, Filosofia, e Teologia moral; de cujos contínuos atos literários com os princípios das doutrinas de tão exemplares Mestres, têm saído desta Vila, e seus contornos admiráveis estudantes, que deles temos visto, e vemos povoadas as Religiões deste Reino, de grandes sujeitos, florescendo em letras, e bons costumes, dos quais especialmente em seus lugares faremos particulares memórias.

CAPÍTULO X.

Da fundação do Convento dos Padres Agostinhos descalços nesta Vila de Santarém, no distrito da Freguesia do Salvador.

O ano de mil seiscentos e setenta e cinco, entraram nesta Vila para fundarem um Convento os Padres Religiosos descalços do Patriarca Santo Agostinho, onde o seu fundador o R. P. Fr. Manuel da Conceição Religioso Eremita calçado, lhe tinha comprado umas casas, em as quais então se acomodaram, que é o mesmo lugar aonde hoje existe o Convento ; e estas casas eram pertencentes ao morgado dos Condes de Santiago, as quais se compraram por preço de três mil cruzados ; e como para esta venda ser firme, e valiosa, era preciso Provisão real, por serem as casas de vínculo de morgado, fizeram por então só escritura de promessa da venda ; e depois no ano de 1677 a celebraram solenemente, e sendo já falecido o Conde Lourenço de Sousa de Menezes sua mulher a Condessa D. Luísa Maria de Mendonça alcançou Provisão, obrigando-se os Religiosos para sempre dizerem uma Missa todos os Sábados, pelas almas do dito Conde, e Condessa, em satisfação de duzentos mil réis que faltavam para lhe satisfazerem o preço da venda; cuja Provisão, e Escritura se acham no Cartório do mesmo Convento.

Nestas casas se acomodaram os ditos Padres, as quais eram sitas junto à porta de Leiria, assim chamada, por ter ali princípio a estrada que se encaminha para aquela Cidade ; e porque ainda não tinham Igreja para celebrarem os Ofícios Divinos, a fizeram em uma sala grande daquelas mesmas casas, que assim lhe serviu por espaço de quatro anos: e em dezasseis do mês de julho de 1679, por empréstimo, lhes deu o Senado da Câmara desta Vila a Ermida de S. Sebastião, a qual lhe estava contígua da parte do Norte, ficando assim os Padres com melhor cómodo ; porque as casas já tinham uma tribuna para a Ermida, que lhe servia de coro, a qual hoje está tapada. E no Cartório do Convento também estão as escrituras que se fizeram deste empréstimo. Pelos anos adiante foram os ditos Padres vivendo ali em forma de Comunidade, com mais alguma largueza, adquirindo algumas esmolas da nobreza da Vila, e das pessoas reais. Foram fazendo no distrito daquelas casas formalidade de Convento, servindo-se da Ermida por espaço de vinte anos, até que tomaram posse da Igreja que El-Rei D. Afonso sexto mandou fazer à miraculosa Senhora da Piedade, que lhe ficava junto ao Convento para a parte do Poente, de cuja fundação daremos aqui notícia.

Por cima da já mencionada porta de Leiria, estava uma Ermida dedicada à Virgem Nossa Senhora, com o título de Guadalupe, anexa à Paroquial Igreja do Salvador ; e junto desta Ermida por cima do muro da Vila, estava uma torre cuja serventia lhe dava um eirado que mediava entre a Ermida, e a torre, a qual torre tinha uma grande casa, que antigamente servia de Relação, quando a Corte dos Reis de Portugal assistia nesta terra, antes que fosse na torre da porta de Manços, e quando os Reis se mudaram para Lisboa, deram a dita casa aos Misteres desta Vila, para nela fazerem as suas conferências. Desta Ermida não podemos dizer com individual narração o tempo em que foi fundada, nem verdadeiramente quem a erigiu ; mas é tradição, e se crê como sem dúvida, que o piedoso Rei D. Afonso Henriques depois que alcançou aquela grande vitória de tomar esta famosa terra aos Mouros, a edificou, e as mais que estão sobre as portas da Vila ; para que sendo a Senhora a guarnição das suas muralhas, as defendesse e amparasse; e para isto se poder

afirmar com mais evidência, sabemos que aquela Ermida era do Padroado real, como consta do livro do Tombo desta Vila, em o qual se vê, que como sua a mandou demolir El-Rei D. Afonso sexto, para dar princípio à Igreja da Senhora da Piedade, que de facto mandou principiar.

Neste mesmo lugar em que estava aquela Ermida, por cima da porta de Leiria, havia uma escada de tijolo encostada ao muro, que servia de subida, e serventia à casa, ou torre dos Misteres; e como Deus é incompreensível nos seus juízos, quis que este mesmo lugar daquela escada fosse honroso teatro das suas maravilhas, inspirando no Irmão Afonso da Piedade, o qual servia a Deus naquela Ermida com hábito de Ermitão, que colocasse nele a Imagem Sacratíssima da Senhora da Piedade. De onde viesse esta Imagem da Senhora à mão do servo de Deus Afonso: não o podemos certamente averiguar, mas é dito por algumas pessoas antigas da terra, que o conheceram, ou o trataram, que o mesmo Irmão Afonso fizera a Senhora de barro, e que metendo-se no forno para se cozer, cresceu tanto, que depois de cozida para a tirarem do forno, não pôde sair dele sem o desmancharem ; e tendo-a o Irmão Afonso já pintada, a levou de sua casa em um andor com muita nobreza da terra em procissão, e a colocou naquele mesmo nicho em que hoje se vê, que é o mesmo lugar aonde então estava a escada. Tem esta Senhora quatro palmos de altura, está assentada com o seu bendito Filho nos braços, tendo uma inclinação tão devota, que provoca a todo o católico ter-lhe especial devoção. E como nos seja preciso dizer os grandes, e maravilhosos milagres, que Deus por esta Senhora fez (e ainda assistindo-lhe o Irmão Afonso fez alguns, a que se não dava inteiro crédito), lançaremos aqui primeiro a cópia de uma sua carta, e diremos o motivo que teve para se ausentar desta terra.

Costumava o Irmão Afonso da Piedade, por sua grande devoção, e amor de Deus, a encomendar as almas todas as noites do ano; e como alguns vadios da terra encontrando-o o perturbassem daquele santo exercício com travessuras pueris: sabendo-o seus parentes, que lhe podia isto servir de algum dano corporal, ou espiritual, resolutamente o fechavam de noite, para que mais não encomendasse as almas a semelhantes horas. Sucedeu, que uma noite desapareceu de casa, e quando no outro dia o buscaram, acharam o seu hábito na praia do Tejo, aonde chamam as Ómnias, e não se sabendo mais dele, entenderam que no Tejo se tinha afogado ; porém o servo de Deus passando o Rio buscou nas montanhas da Arrábida lugar mais solitário, onde livremente se pudesse de todo empregar na vida contemplativa, de cujo lugar mandou a seguinte carta aos Irmãos devotos da Senhora da Piedade, cujo traslado é copiado do livro da Irmandade:

Haverá cinquenta e dois anos, pouco mais ou menos, sendo eu de idade de quinze para dezasseis, servindo a Nossa Senhora de Guadalupe com muita devoção, dez ou doze anos, estava uma porta da Vila a que chamavam de Leiria, e junto a ela estava outra a que chamavam a Porta falsa, a qual ia sair à fonte das figueiras, e estava fechada com umas grades toscas, e servia de agasalho aos pobres ; o sítio me pareceu seria de dez palmos em quadro ; tive devoção de fazer uma Ermida, acomodada ao sítio que digo, e lhe fiz um altar e na parede lhe pus uma Cruz grande com uma toalha em cima, que representava o descendimento de Cristo: e permitiu o mesmo Senhor, e sua Santíssima Mãe, que de tão limitados princípios, houvesse tão grandes fins: pus mais no dito altar uma Senhora da Piedade que me deu um Clérigo, a quem chamavam João Ribeiro, que morava à porta da Tamarma ; esteve a Senhora ali alguns anos, por morte do Clérigo a deixou em testamento a uma Freira de S. Domingos das Donas, diziam ser sua parenta, a qual Senhora está em uma Capela do claustro do dito Convento: e como já neste tempo

a Ermida era frequentada de muita gente, e com muita devoção assistisse, me vali de outra Senhora da Piedade, a qual me emprestou o Guardião de S. Francisco enquanto se fez esta Senhora por minha ordem, e a levámos a cozer eu, e meus Irmãos em um andor com grande veneração ao forno de António Fernandes oleiro, o qual forno estava detrás das muralhas à Mouraria, e por sinal que a metemos nele com muita facilidade, e a tiramos com muito grande trabalho, parecendo-nos que crescera a Senhora, sendo assim, que as Imagens de barro no forno apertam com o cozimento ; e a mandei pintar, e encarnar a um pintor, que já é morto, que se chamava João da Cunha, que morava defronte de Luís de Quintal Meirinho, e trouxemos esta Senhora, que digo, com toda a veneração, que se lhe devia, à Ermida que fiz junto à porta de Leiria, e a ornei no estado em que todos a viam, e era mui frequentada de toda a gente devota a quem fazia muitas mercês, e a mim muitas mais, pois a servi todo o tempo que estive na dita Vila, e me fez grandes favores; e pela muita devoção que tinha a esta Senhora, tomei o apelido da Piedade, e deixando a terra, estou assistindo na Serra da Arrábida há trinta e dois anos, e não sei no estado em que está hoje esta Ermida, mais que as novas que ouço dos grandes milagres que tem feito, e faz cada hora esta Senhora: ela por sua grande Piedade, e Misericórdia nos dê a todos os bens da alma, e nos granjeie a salvação, que é o que mais nos convém, e a paz, e união no Reino &c. Arrábida, hoje 19 de setembro de 1663. O irmão Afonso da Piedade.

Por esta carta se pode bem entender o como a Imagem desta Senhora se colocou naquele lugar, sendo um sítio tão pouco decente ao nosso parecer, para tão Soberana Princesa, mas como o juízo de Deus é incompreensível, ele só sabia o para quê quis, que aquela excelentíssima Imagem estivesse cinquenta e dois anos naquela limitadíssima casa, que ainda hoje é a mesma que então era, pois não consentiram os Reis de Portugal, que se mudasse coisa alguma da Capelinha, nem que se tirasse a Senhora do mesmo nicho em que estava, e só do que era porta se fez um arco de pedraria bem lavrada, que depois de se fazer a Igreja, ficou assim a dita Capelinha, servindo como Capela-mor, cujo risco da Igreja deixamos agora, para o dizermos em seu lugar. Ali antes de se fazer a nova Igreja, por muitos anos, vinha continuamente numeroso concurso de todo o povo, e de fora da terra a buscar o remédio às suas aflições, e sabemos, que muitas pessoas o acham certo no patrocínio desta miraculosa Senhora, e todo este Reino de Portugal.

CAPÍTULO XI.

Descreve-se o prodigioso Milagre, que a Senhora da Piedade fez pelo bem deste Reino.

Restituído este Reino de Portugal a seu legítimo Rei, qual foi o Senhor D. João quarto deste nome, que sempre foi, e será de gloriosa memória para a nação Portuguesa, sendo a sua aclamação no ano de 1640, no primeiro dia do mês de dezembro; e querendo Castela com as armas nas mãos, por espaço de vinte e dois anos, nos campos do Alentejo, resolver a questão da posse, no poder dos exércitos, cujas sanguinolentas batalhas tinham sido tão gloriosos triunfos para os Portugueses, quanto infaustos prelúdios para os Castelhanos. Quando pelo princípio do mês de maio no ano de 1663, se viram as terras transtaganas cobertas de um numeroso exército Casteliano, autorizando-se este, com a pessoa do Infante D. João de Áustria, de cujo Príncipe General, fiava Filipe quarto na ciência Militar as esperanças de recuperar seus infortúnios nos mal-entendidos desmaios do nosso susto. Entrando com o seu exército pelas nossas terras, chegou a Vila Viçosa, e retirou-se sem efeito, porque não achou a forma de pelejar como queria, passou a Estremoz, olhou com respeito a sua fortaleza, sem algum acometimento, e seguindo outro rumo, se foi acampar defronte das muralhas de Évora Cidade, que a achou muito mal fortificada. O combate ali foi incessante, e depois de muitos dias de resistência, aos vinte e dois dias do mês de maio se entregou ao inimigo.

A vinte e seis deste mesmo mês voou a Santarém nas asas da pena esta nova, que pelo conceito das consequências se fazia recear a vizinhança do inimigo por então vitorioso, tempo em que Portugal se achava sem exército pronto para logo pegar nas armas, e o que havia era de muito inferior número, ainda que se fizesse conta aos excessos do valor. Este foi o motivo porque os aflitos moradores de Santarem recorreram ao único remédio de suas esperanças, que era aquela Virgem Santíssima da Piedade, que estava na pequena Ermida da porta de Leiria e estando nela bastante número de pessoas orando com muitas deprecações; sendo pelas três horas da tarde, viram o rosto da Soberana Senhora com um luzidíssimo, e Divino resplendor, e o corpo de seu Benditíssimo Filho com uma cor mais enfiada do que até ali representava a pintura na encarnação amortecida.

Repugnava vacilante o entendimento à fé dos olhos, no princípio daquelas vistas, pois se consideravam aquelas criaturas indignas de verem tais prodígios do Céu. Mas prostrados os corações em perseverante devoção, absolutamente foram vendo pelas circunstâncias sobrenaturais, a grande maravilha do milagre. No dia seguinte concorreu o povo, assim Eclesiástico, como Secular, noticiados daquele portento, e todos repetindo a mesma súplica; às mesmas horas viram, que a Senhora se inclinava, buscando com o seu preciosíssimo rosto o do Filho, para alcançar o despacho à sua intercessão: e o mesmo Senhor mostrando estar pronto às súplicas de sua amada Mãe; visivelmente ia levantando seu Divino rosto, até chegar a unir-se com o da Senhora, e tão apertada foi esta união, cabendo d'antes entre um, e outro rosto mais de um palmo, ao depois nem a delgadeza de uma finíssima toalha bem cabia. Viu-se logo patente sem quebra do barro (com o movimento do corpo) o lado sacrossanto, que até ali estava quase encoberto por imperfeição do artífice, e o sangue que de antes se via denegrido pela representação de morto, ficou tão fresco, como que se o pintor naquela hora lhe tivera dado a mais iluminada, e rubicunda cor.

Cedo acreditou a Piedade Divina, o conceito daqueles fiéis devotos, porque a oito de junho do mesmo ano de 1663, em uma Sexta-feira, alcançou este Reino a memorável vitória do Ameixial, chamada vulgarmente do Canal, por se dar, e concluir esta batalha em um sítio assim chamado, pela razão de ficar entre uns montes: em cujo rigoroso conflito o valor Português (ainda que com inferior partido no número de Soldados) reduziu aquela terra, que pisavam as armas Castelhanas, a uma horrorosa vista da mais triste tragédia, pela mortandade dos inimigos, e gemidos dos que ainda não acabavam as vidas. Depois deste triunfo que tiveram as armas Portuguesas, e por elas restaurada Évora, com uma e outra vitória, segurou a Senhora da Piedade de Santarém este Reino à nação Portuguesa, e a coroa a seu nacional Monarca. Reparem bem agora os contemplativos, como se sentenciou a Coroa de Portugal, a seu legítimo Senhor? bem o está ditando a nossa fé, e bem se pode dizer sem a nota de pouco provável, que tiveram mais parte no vencimento da batalha do Canal, os moradores de Santarém orando com rogos à Senhora da Piedade, na Ermida da porta de Leiria desta Vila, do que os valorosos Capitães, na campanha pelejando, e à força de armas restaurando a Cidade de Évora: pois com bons fundamentos podemos entender, que o triunfo daquela batalha foi regido pelo impulso desta devoção.

Não se duvidou jamais em tempo algum ser este triunfo conseguido pela virtude daquele milagre, pois assim foi declarado por sentença do Cabido de Lisboa Sede Vacante, a onze de dezembro de 1663, como se pode ver pela carta Pastoral aqui trasladada fielmente na forma seguinte:

Nos Deão, e Cabido da Santa Sé Metropolitana desta Cidade de Lisboa, Sede Arquiepiscopal Vacante etc. A todos os fiéis Cristãos destes Reinos, e Senhorios de Portugal, em particular do Arcebispado desta Cidade, e da Vila de Santarém, a quem esta nossa Carta Pastoral for mostrada, ou dela por qualquer via tiverem notícia; saúde, e paz para sempre em JESUS Cristo nosso Salvador, que de todos é verdadeiro remédio, e Salvação. Fazemos saber, que por Portaria nossa, passada em vinte e sete de junho do ano passado de mil seiscentos e sessenta e três mandamos ver em nossa Relação uns Sumários, que se processaram na Vila de Santarém, sobre alguns casos ao parecer Sobrenaturais, e algumas maravilhas, que se referiram haver obrado o Altíssimo, e Omnipotente Deus, por intercessão da Puríssima Virgem MARIA Sua Mãe da Ermida da invocação da Piedade, sita na Freguesia da Paroquial Igreja do Salvador da mesma Vila; ordenamos com a consideração, e importância de tal matéria, se nos consultasse o que parecesse, para que pudéssemos com a certeza que se requeria, declarar aos fiéis Cristãos, o crédito que podiam, e deviam dar aos sobreditos casos, ao parecer sobrenaturais, e às chamadas maravilhas, para com isso satisfazermos a obrigação que nos corria pela cura Pastoral que agora exercitamos, e de presente fazemos, e se poder venerar com o devido culto aquela Santa Imagem da invocação da Piedade, e se afervorar a devoção da Virgem Nossa Senhora, e havendo-se dado satisfação a esta nossa ordem, e feita Relação por menor de tudo o que constava dos ditos Sumários, ordenamos de novo que com o parecer dos Religiosos mais doutos, que se achassem nesta Corte, se determinasse, e sentenciasse a Causa conforme a disposição do Direito Canónico, Concílio Tridentino, e Constituições do Arcebispado; em execução da qual ordem, foram de novo vistos na mesma Relação os ditos Sumários, e os mais documentos, e com toda a madureza, e atenção, que tão grave negócio merecia, se pronunciou a sentença do teor Seguinte:

Acórdão em Relação etc.

Vistos estes Autos, Sumários de testemunhas, perguntadas sobre o que sucedeu, e se viu pelo povo Cristão na Venerável Imagem de Nossa Senhora da Piedade de Santarém, Consulta que sobre o caso se fez desta Relação ao Reverendo Cabido, à qual assistiram os Teólogos, que para ela foram chamados de especial comissão do mesmo Reverendo Cabido, mostra-se, que sendo em vinte e seis dias do mês de maio do ano passado de mil seiscentos e sessenta e três, estando na Ermida da dita invocação de Nossa Senhora, pessoas devotas fazendo oração, e encomendando à Senhora, e a seu Unigénito Filho que tem em seus braços morto, as necessidades deste Reino, em que se experimentavam os golpes da sua Divina justiça, foi visto o rosto da Senhora muito encarnado, e resplandecente, e o do Senhor muito enfiado, e diferente do que se costumava ver e com tudo as devotas pessoas por então o não revelaram, ou tendo-se por indignas de tanto favor, ou por lhes parecer impossível o que a seus olhos se representava.

Mostrando-se mais, que sendo em Domingo vinte e sete do dito mês de maio, estando outrossim as mesmas pessoas, e outras muito devotas continuando a sua oração com aqueles afetos, que cada uma sentia em sua alma, pedindo à Senhora para seus filhos que estavam prisioneiros, a liberdade, para as armas do Reino o vencimento, e pondo todos os olhos naquelas Divinas Imagens, foi vista a da Virgem MARIA Nossa Senhora muito mais inclinada para fora, e a do Senhor, que visivelmente ia levantando seu Divino rosto para cima, mostrando o lado patente, e rasgado para a porta, e a cor de seu precioso Sangue viva e fresca, estando d'antes denegrido, e encoberto; movendo outrossim o seu Divino Corpo de sorte que ficou muito mais levantado do que estava nos mesmos braços da Senhora, na qual prodigiosa ação foram vistos ambos os Divinos rostros tão chegados um ao outro, que dificultosamente havia lugar de caber pelo meio deles um dedo, sendo assim, que pelo mesmo Sumário consta estarem d'antes tão desviados, que bem seria mais de uma mão travessa de distância conhecendo-se assim no gesto, forma, cor, e postura das ditas Imagens notável diferença da que tinham antes deste sucesso; o qual divulgado pela Vila, concorreram com muita devoção, zelo, e fervor à dita Ermida muitas pessoas, assim religiosas, como seculares, que todas foram testemunhas de vista do tal sucesso, e conhecendo d'antes a arquitetura com que estavam, e vendo com seus olhos o prodigioso movimento que faziam, o acompanhavam com lágrimas de reverência, e afeto de admiração, o que tudo se prova plenamente com muito grande número de testemunhas, examinadas com a circunspeção que o caso pede; todas de vista fidedignas, maiores de toda a exceção. Mostra-se mais em confirmação do referido sucesso, serem de barro estas Sagradas Imagens, e que sendo vistas, e examinadas pelos oficiais peritos da arte Imaginária, juraram não poder ser movimento por ordem natural, ficando sãs, e sem abertura alguma, o que tudo visto, e o mais que dos Autos consta, e resulta, disposição do Direito nestes casos, disputa dos Teólogos, teologicamente nesta Relação, em presença dos Padres, que para se conferir foram chamados; e como para se provar haver milagre, necessariamente devem concorrer os requisitos de ser feito por Deus Nosso Senhor em corroboração de nossa Santa Fé Católica, e a fim de sua Divina Majestade ser melhor servido, e ser o sucesso raro, fora das regras da natureza; e como no caso presente concorrem os tais requisitos, resultando em tanto louvor da Virgem Sacratíssima Senhora Nossa, e de seu Unigénito Filho; por tanto Authoritate ordinária, na forma do Sagrado Concílio

Tridentino julgam, e declaram estes casos por milagrosos, e que por tais se possam publicar, e pregar aos fiéis Cristãos para sua consolação, e para glória e louvor da Virgem Senhora Nossa, e de seu Unigénito Filho. Lisboa onze de dezembro de mil seiscentos e sessenta e três.

E sendo publicada a dita sentença na forma do estilo, e vista por nós em Cabido, sendo para isso chamados na forma dos estatutos desta Santa Sé Metropolitana, mandamos em virtude dela passar a presente Carta Pastoral, pela qual denunciamos a todos os fiéis Cristãos destes Reinos, e Senhorios de Portugal, e particularmente aos súbditos deste Arcebispado desta Cidade, e Vila de Santarém, que podem, e devem ter os sobreditos casos por Sobrenaturais, maravilhosos, e milagrosos, e dar inteiro crédito a tudo o que na dita Sentença se refere haver Deus Nosso Senhor obrado; e os exortamos a que se afervorem muito na devoção daquelas Sagradas Imagens, para por meio delas, e da intercessão da Virgem Puríssima Senhora Nossa, alcançarem de seu Unigénito Filho os bens espirituais e temporais, que mais nos convém; e mandamos em virtude de santa obediência a todos os Priores, Vigários, Curas, e mais pessoas Eclesiásticas, a quem esta nossa Carta for mostrada, e com ela forem requeridas, a publique, ou faça publicar em suas Igrejas na hora da Missa da Terça, estando o povo junto, e depois de lida, será fixada nas portas principais das ditas Igrejas, para que venha à notícia de todos, e possa com isso crescer a devoção, que ser deve às sobreditas imagens. Dada em Lisboa sob sinais dos nossos Assinadores, e Selo da nossa Mesa Capitular, aos quinze dias de janeiro. Domingos de Mesquita Teixeira, escrivão da Câmara a fez escrever na era de 1664. D. Rodrigo da Cunha, Chantre de Lisboa. Álvaro Soares de Castro Feio, Peixoto.

CAPÍTULO XII.

Como El-Rei D. Afonso Sexto erigiu, e mandou fundar de novo a Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém.

Publicado por sentença do Cabido, Sede Vacante, o prodigioso milagre da Senhora da Piedade, a vinte e dois de janeiro, no ano de mil seiscentos e sessenta e quatro, partiram para Santarém no mesmo ano a vinte e três do dito mês, a Majestade de El-Rei D. Afonso sexto com o Sereníssimo Infante D. Pedro seu Irmão, com a maior parte da sua Corte, a venerar aquelas Sacratíssimas Imagens, e para esta jornada tinha já mandado fazer um nobre risco, para logo se fundar em sua real presença uma Igreja a esta Senhora, que foi para nós reconhecimento perdurável da sua especial devoção. Chegado pois Sua Majestade a Santarém com a sua Corte, logo sem chegar a outro sítio, se foi apear à porta daquela Capelinha, e entrando nela com profunda devoção, e excessivos afetos deu graças a Deus, e à Senhora da Piedade por tão manifesto benefício.

Chegado o dia da sexta-feira, que se contavam vinte e cinco do mesmo mês de janeiro, na mesma Capelinha celebrou Missa de Pontifical com a solenidade e pompa, que permitia a pequenez do lugar, o Bispo de Targa D. Francisco Soto-maior, a que assistiram as Pessoas Reais, e toda a Corte; benzeu o Bispo o Campo, que já estava demarcado para o assento do novo Templo, com todos os ritos, e cerimónias que manda a Igreja. Também benzeu o Bispo a pedra, que foi primeiro fundamento do mesmo Templo, a qual pôs logo no seu lugar com grande devoção o mesmo Rei, ajudando-lha a pôr o Sereníssimo Infante D. Pedro depois Rei de Portugal, segundo deste nome. Foi assentada esta pedra no lugar onde hoje é a porta travessa da Igreja, que olha para dentro da Vila, ficando quase ao nascente, e a pedra que ficou debaixo do cunhal, está entre esta porta e a Capela, em que hoje colocada se venera a Imagem de S. Guilherme, e na dita pedra foi gravada a seguinte inscrição:

> Deipara Virgini à Pietate denominata Alphonsus VI. Lusitania Rex, quod ejus ope ad miraculum insigni Joanne Austriacu Philippi IV. Regis filium pugna Canalensi, sexto idus Junias anno Domini 1663. circa Stremotium commissa profligaverit multos hostium interfecerit, plures ceperit, tormentis, armis, impedimentis, potitus sit. Hoc saccellum pie impensis suis faciendum curavit; primumque fundamentorum lapidem propria manu in aeternum grati, devotique animi monumentum posuit sequenti anno 1664.

Continuou-se a obra da Igreja até à cimalha real, e assim ficou uns poucos de anos, porque como é sabido o Rei que lhe mandou dar princípio, até ao seu falecimento teve impedimentos para a mandar acabar; depois disso governando, e sendo Rei deste Reino D. Pedro segundo do nome, lhe mandou dar o fim com toda a perfeição, como hoje se está vendo. Esta Igreja não é grande, porque o sítio não admitia mais largueza, e juntamente quiseram estes Monarcas, que a Capelinha da Senhora ficasse servindo de Capela-mor ao novo Templo. É esta Igreja sextavada, ficando-lhe os seus quatro lados fazendo regularmente uma Cruz ao seu corpo, porque um braço da Cruz fica aonde está a porta principal, o outro fronteiro é onde fica a Capelinha da Senhora; o outro aonde está uma porta travessa, e o outro fica na outra porta travessa, tudo em forma de uma medalha.

É a sua fábrica de boa, e bem lavrada pedraria branca e vermelha, todo o corpo desta Igreja se eleva com um rotundo zimbório acompanhado de cintas da mesma pedraria, e a cúpula do seu remate pela parte de fora, é todo guarnecido de pastas de chumbo. Tem três altares, o primeiro é o da Capelinha da Senhora da Piedade, que serve de altar-mor, os outros dois colaterais ficam nos dois braços da Cruz, que cruzam o da porta principal e o da Capelinha, cada um deles fica em um lado dos dois braços, que fazem Cruz à Igreja, e estão encostados para os lados da Capela-mor, de sorte, que quem entrar pela porta travessa, que está da parte da Vila, fica-lhe o altar à mão direita, e quem entrar pela outra porta travessa, que está da parte do chão da feira, fica-lhe o altar à mão esquerda, este altar, que é o da parte do Evangelho, é dedicado à gloriosa Santa Rita, e o outro colateral a S. Guilherme; e nas duas faces, que fazem ressalto para a Capela-mor, estão dois majestosos púlpitos, um de cada banda com seus plintos, ou bacias de boas pedras vermelhas, e grades de ébano. Tem um coro pequeno por cima da porta principal, que mostra não ser feito para Comunidade de Religiosos, com grades de ébano, em cujo coro não rezam os Padres o Ofício canónico, e se servem para este efeito de outro que fica por cima da Capelinha da Senhora, em o qual está aberto um arco, que toma toda a altura dos braços da Igreja, todo fabricado da mesma pedraria bem lavrada, e no meio do mesmo arco está um trono de madeira bem artificiado, onde se expõe o Diviníssimo SACRAMENTO do altar. E no pavimento da Igreja, aonde corre um degrau desde o altar de Santa Rita até ao de S. Guilherme cruzando juntamente pelo arco que entra para a Capela-mor, estão fixas umas grades de ébano de quase uma vara de altura, repartidas entre pilares de finíssimo jaspe muito claro. O Pórtico da porta principal pela parte de fora é admiravelmente bem delicado, sendo a delineação do seu risco, primorosamente bem ideada, e a pedraria bem obrada com toda a delicadeza; tem por cima um escudo com as armas Reais, e os pórticos das portas travessas pouco diferem do principal, tendo os dois a mesma inscrição, que já fica referida na pedra fundamental desta Igreja.

CAPÍTULO XIII.

Em que se dá notícia de uma Irmandade, que em Santarém se erigiu à Senhora da Piedade, em a qual se assentaram por Irmãos as Pessoas Reais, que a renovaram com grande fervor, e devoção.

Depois do maravilhoso milagre referido, o Doutor Manuel Dias da Costa, Vigário Geral naquele tempo nesta Vila de Santarém, cheio da devoção, e amor de Deus, considerando que seria grande utilidade para se perpetuar a devoção da Senhora, ter uma Irmandade que bem a servisse; falou a devotas pessoas da mesma Vila, a quem propôs o seu desejo, aos quais achou prontos, e alvoroçados, fazendo logo todos um termo de aceitação, o qual fielmente aqui vai trasladado, assim como se acha no livro da mesma Irmandade, e é na forma seguinte:

Termo do Juramento que fizeram os Instituidores da Irmandade da Milagrosa Senhora da Piedade sita à porta de Leiria desta notável Vila de Santarém no seu Oratório, aos onze dias do mês de julho de 1663. Fez anos no mesmo dia em que sucedeu o milagre.

O Doutor Manuel Dias da Costa, Prior de S. Martinho, Vigário Geral desta Vila de Santarém, conhecendo pelos prodigiosos milagres, que Deus Nosso Senhor tinha obrado em vinte e sete de maio, e dez de junho no dito ano, nas Sagradas Imagens da Virgem Nossa Senhora da Piedade, e de Cristo Nosso Senhor, que tem em seu puríssimo regaço morto; e o grande concurso de fiéis Cristãos, que haviam de concorrer em romaria a visitá-los, e quão importante seria haver Irmandade sua, para se fazer com maior acerto o serviço de Deus, e de sua Santíssima Mãe, como se usa, e pratica em todas as mais Igrejas de romagem em que há Imagens milagrosas, convocou assim ao dito Oratório: ao Cónego António Soares da Fonseca: ao Prior de Marvila Manuel Colaço: ao Cónego Chanceler Manuel de Oliveira: ao Prior de S. Julião Gregório Roque de Almeida: ao Padre Domingos Ferreira: a Francisco Coelho escrivão da Câmara: a João de Perada Homem: a Luís Álvares de Siqueira: a Francisco Nunes Infante: a António de Carvalhal: ao Licenciado Manuel de Avelar Camelo: a Manuel da Costa cerieiro: a Francisco Gomes sapateiro: a João Monteiro correeiro: a Luís de Miranda curtidor: a Cristóvão Paes curtidor: a Manuel Fernandes espingardeiro, seis eclesiásticos com ele Vigário Geral: seis nobres, e seis oficiais; e lhes representou a grande importância que havia para aumento da devoção da Senhora, se houvesse Irmandade sua, encomendando-lhes muito, que a Deus Nosso Senhor seria aceito este serviço, e que quisessem ser eles os primeiros que aceitassem o serem Irmãos da dita Irmandade, como pessoas mais autorizadas, e mais afazendadas dos três estados da dita Vila; e outrossim quisessem ser os instituidores e fundadores da dita Irmandade, fazendo seu Compromisso, e nele seus Capítulos, e estatutos em tudo conformes ao serviço de Deus, e da Senhora, e ao maior bem dos Irmãos. Ao que todos responderam, que eram muito contentes de serem Irmãos da Virgem milagrosa da Piedade, e que logo o eram, para o que se queriam logo assinar, e obrigar aos encargos do Compromisso, e fazerem instituir a dita Irmandade no

melhor modo que fosse possível, e que logo para isso ofereciam suas entradas, cada um conforme sua devoção, e possibilidade. Então o dito Vigário Geral lhes deu o juramento dos santos Evangelhos, em que juraram sobre um missal de assim o cumprirem, e guardar na forma referida; e logo todos juntos, com todos os votos, elegeram para Escrivão ao dito Irmão oficial Francisco Gomes, e logo ali acordaram escrever à Majestade d'El-Rei D. Afonso sexto, oferecendo-lhe o juizado desta Irmandade, que o dito Senhor aceitou, como consta da carta da sua resposta, assinada por sua real mão, em que se obrigou a ser seu Juiz perpétuo, como consta da dita carta, que anda no livro do Tombo de seus privilégios, e prerrogativas, e consta do assento da aceitação de S. Majestade; de que fez o dito Irmão este termo, que todos os dezoito assinaram, ficando por ele eleitos, e aceitos por Irmãos instituidores, sem mais lhes serem necessários outros assentos de aceitação; e eu Luís Álvares de Siqueira escrivão da Irmandade da Virgem Senhora Nossa da Piedade desta Vila de Santarém o fiz depois escrever aqui, e subscrevi aos quinze dias do mês de novembro do dito ano de mil seiscentos e sessenta e três. O Doutor Manuel Dias da Costa Vigário-Geral, e estão assinados todos os mais Irmãos.

No mesmo livro em que está lançado este termo, nas primeiras folhas está o assento do Senhor Rei D. Afonso sexto, o qual é na forma seguinte: *Ao primeiro do mês de dezembro de mil seiscentos e sessenta e três, foi aceito por Irmão desta Irmandade da milagrosa Virgem Senhora Nossa da Piedade, sita no seu Oratório junto à porta de Leiria desta Vila de Santarém, a Majestade d'El-Rei D. Afonso sexto, de que aceitou ser seu Juiz perpétuo, como consta da sua carta, que anda apensa no livro do seu Tombo, e assinou aqui somente. REI.* E neste mesmo livro em outra folha, está o assento do Sereníssimo Rei D. Pedro, então Infante de Portugal, o qual assento é da maneira seguinte:

Ao primeiro do mês de setembro de mil seiscentos e sessenta e quatro anos, foi aceito por Irmão desta Irmandade da milagrosa Virgem Nossa Senhora da Piedade, sita no seu Oratório, junto à porta de Leiria desta Vila de Santarém; o Infante de Portugal Irmão d'El-Rei D. Afonso sexto, que se obrigou aos encargos do Compromisso, e assinou aqui comigo Escrivão, e com os mais Irmãos da Mesa. O Infante. Luís Álvares de Siqueira. E no dito livro, dia, e ano, em folhas mais apartadas, está o assento do Conde de Castelo Melhor Luís de Sousa de Vasconcelos, Secretário, que então era da Puridade, e mais outros assentos de grandes pessoas da Corte.

Alguns anos durou o fervor da devoção desta Irmandade; porém os novos, e diversos cuidados de outros projetos que houve no Reino, foi decaindo, e esfriando tanto esta devoção, que por bastantes anos se não satisfazia o culto, que se devia a esta Senhora, e para maior desvio de se não conservar esta Irmandade, concorreu juntamente o tomarem posse da nova Igreja os Padres descalços de Santo Agostinho, sem o Vigário, e beneficiados da Igreja do Salvador, aonde era anexa, serem disso sabedores. Afirma-se dizerem os Padres, que já a este tempo a Majestade d'El-Rei D. Pedro lhe tinha feito a mercê da nova Igreja, porém o que eu sei é, e o ouvi a pessoas de muito crédito, que os Padres do Salvador porfiaram em conservar os direitos paroquiais conservando a posse da Capelinha, tendo-a composta e fechada, e só a abriam os Clérigos quando lá iam celebrar as suas Missas, e os Religiosos somente fabricavam os adornos dos altares da mesma Igreja como coisa sua, ainda que o lugar, e Oratório da Senhora era anexo àquela Paroquial Igreja do Salvador, e por estas circunstâncias, não há dúvida, que estava naquele tempo a Senhora com menos culto do que lhe era devido.

Finalmente concedida pela real grandeza da Majestade d'El-Rei D. Pedro, a mercê do Oratório da Senhora da Piedade juntamente com a Igreja aos Padres Agostinhos descalços; logo o dito Senhor confirmou a aceitação, que de Juiz perpétuo da Irmandade tinha feito seu Irmão El-Rei D. Afonso sexto, e mais ofereceu por Irmãos desta Irmandade aos Sereníssimos seus filhos, Príncipe, e Infantes, e às Sereníssimas Senhoras Infantes, sendo isto pelos anos de mil seiscentos e oitenta e oito. Fez-lhe Compromisso, o qual confirmou com estatutos suaves, e úteis, e com regras muito honoríficas, a fim de perpetuar a duração da Irmandade, e atrair os corações dos homens à devoção desta milagrosa Senhora, e porque quis o dito Senhor, que a Mesa desta Irmandade se formasse igualmente da Nobreza da Corte, e da Vila de Santarém para a Mesa do primeiro ano, nomeou três de seus filhos, porque ainda não tinha mais, que de tudo se fizeram termos, e se assinaram no dito livro da Irmandade, os quais termos fielmente aqui vão trasladados:

Aos vinte dias do mês de abril de mil e setecentos e um, declarou a Majestade d'El-Rei D. Pedro Segundo nosso Senhor pela grande devoção que tem à milagrosa Imagem da Virgem Nossa Senhora da Piedade sita no seu Oratório da Igreja que mandou fabricar na Vila de Santarém, se oferece, e dedica por Juiz perpétuo de sua Irmandade, para se continuarem nos Senhores Reis Seus Sucessores, oferece, e dedica juntamente por Irmãos da dita Irmandade ao Príncipe, e Infantes nossos Senhores, de que mandou fazer este termo que assinou, e os de cada um dos ditos Sereníssimos Senhores, são os que se seguem adiante: e eu Roque Monteiro Paim do Conselho de S. Majestade, por ordem do dito Senhor o fiz escrever, e subscrevi, como seu Secretário. REI.

E em outra folha do dito livro está o seguinte assento: *Aos vinte dias do mês de abril de mil setecentos e um, se assentou por Irmão da Irmandade da Gloriosa Virgem Nossa Senhora da Piedade, sita no seu Oratório da Igreja da Vila de Santarém, o Sereníssimo Príncipe D. João filho d'El-Rei D. Pedro Segundo, e se obrigou ao Compromisso. E eu Roque Monteiro Paim do Conselho de S. Majestade, e seu Secretário por ordem do mesmo Senhor subscrevi este termo, e o fiz escrever. Príncipe.*

E no mesmo dia com termos semelhantes a estes se assentaram por Irmãos da dita Irmandade, o Senhor Infante D. Francisco, o Senhor Infante D. António, o Senhor Infante D. Manuel, a Senhora Infante Dona Teresa, e a Senhora Infante Dona Francisca.

Logo mandou S. Majestade publicar a eleição dos Irmãos da nova Mesa, e se fez a publicação aos 27 de abril do mesmo ano, e veio S. Majestade em pessoa a Santarém, onde fez grandes ofertas à Senhora, e obras tão pias como costumava. E voltando este grande Monarca para Lisboa, logo mandou fazer Compromisso com trinta Capítulos, todos pios e devotos, sendo isto feito e confirmado, como consta da confirmação do Alvará, aos treze dias do mês de maio, ano de mil setecentos e dois. Nomeou S. Majestade os Irmãos que haviam ser da Mesa aquele primeiro ano, e foram as pessoas seguintes: o Príncipe D. João, que hoje é felicíssimo Rei deste Reino de Portugal: os Sereníssimos Infantes, D. Francisco, D. António, D. Manuel, o Duque do Cadaval D. Nuno Álvares Pereira, o Marquês de Marialva, e para Procurador da Corte, nomeou ao Conde de Viana; e os mais Irmãos da Mesa foram de Santarém, também nomeados pelo mesmo Monarca. E o termo da sua publicação, que está lançado no livro da dita Irmandade, é na forma seguinte:

Aos vinte e sete dias do mês de março de mil setecentos e um, na casa do Capítulo dos Religiosos descalços de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora da Piedade

da Vila de Santarém, aonde eu vim por ordem de S. Majestade, para fazer em seu nome eleição dos Irmãos da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora, da qual El-Rei nosso Senhor é Protector, e Provedor perpétuo; sendo presentes os Padres Prior do Convento, e o de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete da Cidade de Lisboa, e sendo chamados também presentes por ordem de S. Majestade, o Desembargador Domingos Marques Giraldes, Juiz do Tombo, e Desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação: Doutor João Lobato Quinteiro, Procurador da Coroa: Luís Peixoto da Silva, Provedor das Lezírias: Rui Barba Correia: Luís Álvares da Costa, e o Padre Manuel Godinho Prior de S. Nicolau, e lhes foi por mim declarado, que S. Majestade os havia eleito para servirem este ano de Mordomos da dita Mesa, a saber: Luís Peixoto da Silva, de Escrivão: Luís Álvares da Costa, de Procurador, os mais de Mordomos, que fazem o número de seis da dita Mesa, e além deles declarei a António Fragoso, também por ordem de S. Majestade, que há de ficar servindo de Tesoureiro com assento na Mesa, para quando for necessário, vir a ela, ou quando for chamado. E o ano se entenderá deste presente dia até o da festa da Senhora, que se há de celebrar a vinte e sete de maio de mil setecentos e dois, e lhes encarreguei outrossim da parte de S. Majestade, ordenassem o Compromisso, de que lhes fica cá um rascunho para o emendarem, e acrescentarem na forma de S. Majestade o aprovar e confirmar, e de porem em arrecadação, e forma conveniente, o que pertencer à dita Irmandade, e for para maior bem dela, e porque os outros seis Irmãos hão de ser da Corte e Cidade de Lisboa, se mandará à Mesa dos ditos Irmãos eleitos, e acima nomeados a cópia da eleição que S. Majestade mandar fazer dos ditos seis Irmãos da nobreza de Lisboa, que só terão voto na Mesa da Irmandade, quando nela se acharem, e por consentimento dos ditos Irmãos me assinei por Mordomo perpétuo de devoção da dita Mesa dos Irmãos de Nossa Senhora da Piedade da Vila de Santarém, do que de tudo fiz este termo, que assinaram os ditos Irmãos eleitos da Mesa da Irmandade, comigo Roque Monteiro Paim do Conselho de S. Majestade, Seu Secretário, Presidente da Junta da Inconfidência, e Senhor de Vila Cães, que o sobredito escrevi. Luís Peixoto da Silva. Rui Barba Correia. O Doutor Manuel Godinho. Domingos Marques Giraldes. João Lobato Quinteiro. Luís Álvares da Costa. Fr. Bento do Espírito Santo Prior. Fr. Manuel de S. Tomás Prior do Monte Olivete. Assino por devoção que tenho de servir este ano a Nossa Senhora de Tesoureiro. António Fragoso. Assino como escravo, e Mordomo de Nossa Senhora perpétuo: Roque Monteiro Paim.

E ultimamente o Sereníssimo Rei D. Pedro segundo, movido da sua natural piedade da incessante devoção, em memória dos benefícios recebidos, foi servido cometer o estabelecimento desta nobre e devotíssima Irmandade, da qual não havia já mais que a memória, ao bem conhecido zelo de Roque Monteiro Paim, que desvelado com todo o excesso de fervorosa devoção se aplicou a perpetuar estes obséquios à milagrosa Senhora da Piedade de Santarém, expondo com primorosos termos a vontade daquele afabilíssimo Monarca, que poderia entrar pelo tempo adiante por Irmãos desta Irmandade a servir a Senhora toda a pessoa de qualquer qualidade que fosse, e que só a mesma devoção fizesse número com que em obséquio da Senhora liberalmente lhe ofertassem seus corações, e vontades.

CAPÍTULO XIV.

Em que se dá notícia de dois Religiosos, que floresceram em virtudes, e jazem sepultados no Convento de Nossa Senhora da Piedade da Vila de Santarém.

Considerando com fé pia a imensa grandeza de Deus, com que aos seus servos dá auxílios para florescerem em a virtude de seu Divino amor; e porque sou filho obedientíssimo da Igreja Católica, e me devo confirmar quanto devo, e quanto posso com os seus decretos Pontifícios, declaro aos Leitores, que as ações dos Religiosos que abaixo determino publicar, não é o meu intento qualificá-las, ainda que nos nossos tempos vimos parte das suas maravilhas, virtudes, e vidas exemplares, e só intento repeti-las sólida, e puramente em abono das vidas religiosas, e glória de Deus, porque se pelas obras se conhecem os sujeitos, vendo nós estes com boas obras, devemos então por elas julgar os seus fins, e entender que foram gloriosos na vontade de Deus. E porque já deles escreveu o R. P. *Fr. Luís de Jesus* da mesma Ordem dos PP. Agostinhos descalços da Congregação de Portugal na sua *História Miscelânea*, mais seguro exporei neste papel o mais essencial das heroicas virtudes destes Veneráveis Religiosos, que jazem sepultados neste Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santarém dos quais neste Capítulo que se segue pretendo fazer memória em veneração, e obséquio da mesma Senhora da Piedade, pois à sombra de tão Soberana Protetora, não se poderá duvidar, que os que a servem com fervorosa devoção, alcançarão para a morte eterna, muitas vitórias.

Vida, e morte do Venerável Padre Fr. Bartolomeu de Santa Maria.

Nasceu este virtuoso Padre na Vila de Penalva, de pais legítimos, e nobremente nobres, virtuosos e bem afazendados; criaram este filho (entre quatro que tinham) com singular vigilância, crescendo nele as inclinações sempre avessas da primeira idade, para o dirigirem ao amor da virtude. Nasceu de um mesmo parto com uma irmã, porém ficou o menino logo tão desfalecido de alentos, que os parentes, que em casa se achavam, o supunham já morto, e só tratavam de lhe dar sepultura em qualquer terra; e estando na deliberação deste intento, apareceu à porta uma mulher, que em o nosso ajuizar, seria algum Anjo em semelhante forma, a qual tomando o menino morto nos braços, pediu uma cebola, e mastigando parte dela, borrifou o corpo do mesmo menino, que estava defunto, e logo começou a manear o corpinho, e dar mostras, de que já tinha vida. Acudiram logo em lhe dar a vida da graça pelo Sacramento do Batismo, o que com justa razão disputaram os assistentes que ali estavam, que seria admirado no mundo aquele a quem Deus livrara da sepultura, com tão extraordinário benefício.

Crescido já o menino em os perfeitos anos da mocidade, entrou Noviço no Convento de N. Senhora da Graça sito na Cidade de Lisboa, em cujo noviciado mostrou logo a nova planta, que para produzir copioso fruto, não esperava os vagares do tempo, e como era naturalmente bem inclinado ajudando-o a inclinação com a doutrina de seu Mestre, aproveitou na virtude com tão apressada carreira, que dava ao Mestre gosto, e aos condiscípulos exemplo. Professou naquele Noviciado, tão santo nos seus estatutos, que com muita verdade lhe podemos dar o título de Seminário da Perfeição, aos vinte e três

dias do mês de setembro do ano de mil seiscentos e trinta e dois, como consta no mesmo Convento do terceiro livro das Profissões, a folhas dez. Passado pouco tempo depois de professo, foi Fr. Bartolomeu para o Colégio de Coimbra, e entrando nele começou a estudar com tanta aplicação, e engenho nas ciências, como lhe determinava a sua santa Província, e a mesma Ordem para maior crédito de tão douta Religião, lhe mandou continuasse os estudos, esperando ter nele um sujeito, que excedesse as balizas de grande letrado: mas era tal o seu espírito, que desprezando as honras populares renunciou com toda a força as cadeiras das aulas, pelo amor que tinha às do coro, entendendo, que tirando-se da assistência destas, e recolhimento da sua cela, aquelas mais facilmente o meteriam no mundo, e lhe roubariam todo o tempo que desejava gastar com Deus; e conseguindo este santo intento, acabados os seus estudos, se recolheu outra vez ao seu Convento, aonde lhe correspondeu a esperança aos desejos, porque tanto que nele entrou, logo lhe começou a resplandecer a luz da razão, da caridade, da fé, da doutrina, da humildade e virtudes, que dirigem, e encaminham as ações a luzir em prendas dignas de um perfeito Varão, e assim se fazia com toda a Comunidade, não só bem quisto, mas respeitosamente amado.

Foi este Venerável Padre Fr. Bartolomeu de Santa Maria observantíssimo daquela sua venerada Religião, que a acompanhava com mortificações, e penitências, não permitindo em si a mínima dispensa da Regra, e Constituições; e como era pelo Céu dotado de tão sublimes virtudes: quis a Religião aproveitar-se dele para Mestre dos Noviços, lugar em que muito se cuida naquele Convento, e ainda que fez muito por recusar o cargo, não foram admitidos os seus rogos, e sacrificando-se a aceitá-lo, o fez com tal zelo, prudência, e vigilância como se não tivera mais ações que sacrificar nas aras do merecimento; e exortando com fervoroso espírito aos seus discípulos à emenda da vida, ao amor de Deus, e às melhores virtudes, imprimindo igualmente nos corações de todos as luzes da fé, e as chamas da caridade. Depois de dar fim a este lugar com muitos créditos da sua conhecida virtude, o mandou a Religião por Visitador às Ilhas, para onde partiu obedientíssimo aos preceitos da Ordem. Achou que em um daqueles Conventos tinham os Religiosos uma porta de uma cela tapada de pedra e cal, sem se servirem dela, e perguntando a causa, lhe certificaram, que os estrondos, ruídos e descomposturas que alguns Religiosos temerariamente experimentavam quando se quiseram servir dela (em cujos conflitos alguns perderam a vida) foi o motivo de se fechar na forma em que estava. Mas aquele alentado soldado de Cristo, como caminhava pela estrada de Deus, revestido com o forte escudo da oração, mandou logo abrir, e destapar a porta, pondo na mesma cela a sua cama, tendo por fé viva, que o inimigo comum de nossas almas não tem mais jurisdição, que aquela que Deus lhe deixa ter.

Logo à primeira noite com muitos estrondos, e horrorosos ecos o maltrataram de pancadas; porém o ânimo constante de Fr. Bartolomeu protestando aos que o oprimiam, que obrassem até onde Deus lho permitisse, e que em nome do mesmo Deus lhe requeria, que pois ia por ele mandado àquela obrigação, o deixassem em termos que naquele Convento fizesse o que devia, em razão do seu ofício, a cujas santas palavras os demónios logo o deixaram. E na seguinte noite sem o ofenderem, nem lhe fazerem estrondos, lhe disseram o que ele mesmo ao outro dia advertiu ao Prelado da Casa, e aos seus Religiosos, que era segurar-lhe, que dali por diante se podiam servir da cela, em a qual em todo o Convento se não viu, nem ouviu mais coisa alguma, que aos Religiosos assombrasse.

Chegado o tempo em que o R. P. Fr. Manuel da Conceição deu princípio à sua reforma dos Agostinhos descalços, saindo do Convento de Nossa Senhora da Graça de

Lisboa, onde era professo, trouxe logo consigo por companheiro ao religiosíssimo Varão Fr. Bartolomeu de Santa Maria para o ajudar naquele santo intento; e como depois fosse preciso àquele principal fundador desta reforma ir a Roma, a fim de estabelecer, e consumar os negócios dela, deixou por seu substituto, e Prelado daquele novo jardim da Igreja ao Padre Fr. Bartolomeu de Santa Maria. E como o fundador por algumas razões particulares, se visse temeroso de alguns intervalos, que então tinham os seus projetos, se foi outra vez para a Província da Graça donde tinha vindo, enquanto não executasse o que inteiramente imaginava. Neste tempo se ateou tal fogo nas desfalecidas esperanças, que em vez de se acenderem as chamas no calor do zelo religioso, se esfriavam quase de todo nas carrancas que mostrava este incidente; porque alguns Religiosos, que já faziam corpo de Comunidade, conceberam tanto temor, e tanto se deixaram penetrar do medo, que deixaram aquela santa vida; e os mais desampariam a clausura, e Convento, se a eficaz constância do Venerável Padre Fr. Bartolomeu se não opusesse valorosa a animar com eficacíssimo zelo do amor Divino, os desmaios que via nos súbditos, e companheiros, prometendo-lhe da parte do Altíssimo contra os juízos do mundo, feliz sucesso na obra começada: e de então por diante a nova reforma com os exemplos, e virtudes deste perfeitíssimo Varão, cada vez ia mais em singular observância.

Neste tempo, obrigado da obediência religiosa, foi dar forma ao novo Convento, que se fundava em Monsaraz, ao qual pôs em regular observância, fazendo conservar nele as regras e estatutos, por onde governava já esta descalcez Agostiniana. Logo depois de ter dado ser a esta obra espiritual, o chamou para Lisboa o fundador Fr. Manuel da Conceição, já então Vigário Geral, para pôr em seguro, com a santa doutrina de Fr. Bartolomeu de Santa Maria, as novas plantas, que de novo aceitava, fazendo-o Mestre dos Noviços (lugar importantíssimo em todas as bem reguladas famílias) cargo que não acabou, porque constituindo-se Comunidade para Santarém, assentaram com o primeiro Prelado, que em uma Casa, que se havia de estabelecer em uma Vila tão populosa, e de tanta nobreza, aonde estariam as ações religiosas do primeiro ser daquele Convento, nos olhos de toda aquela terra: só a pessoa do Padre Fr. Bartolomeu de Santa Maria, era santamente justo, que fosse o seu primeiro Prior.

Nesta Prelazia logrou grandes favores do Céu, ainda que muito invejado do demónio, porque vendo este que naquele novo castelo se levantava uma nova, e celestial milícia, contra a sua maldade, governada por um esforçado Capitão favorecido do Senhor dos exércitos: tratou com todas as suas diabólicas forças de o atemorizar. Exortava o servo de Deus aos seus súbditos, a merecer, e conseguir a vitória do comum inimigo, dizendo-lhe, que esta se conseguia, e alcançava, pondo o coração contrito, e as esperanças em Deus, e que as tribulações diabólicas nunca os embaraçassem, para tudo o que fosse serviço do mesmo Senhor; e que bem podiam fazer juízo, que para merecimento seu permitiria o Senhor não durariam aquelas fantásticas sugestões do demónio mais tempo, que enquanto de todo o não desprezassem, e o não temessem, porque a sua soberba foge donde se vê desprezada. Quebraram-lhe em um dia toda a louça, que estava na cozinha, sem que ficasse uma só peça inteira; mas perda foi esta, que não deu que sentir ao santo Prelado, pois via que se não atrevia o demónio a executar as suas raivosas forças mais que em um pouco de barro frágil, e quebradiço. Em outra ocasião, recolhendo-se o servo de Deus para a sua cela, depois de Matinas, achou nela o demónio em figura de uma mulher religiosa revestida de uma singular formosura, e grandes aparatos no asseio do hábito, porém conhecendo-lhe logo a astúcia, fugiu retirando-se à pressa para o coro, tendo por certo, que em semelhantes batalhas, quem mais foge, mais venceu. Depois disto, passados uns poucos de dias, indo este Venerável Padre para Matinas, o inimigo

lhe enredou a vista de sorte, que lhe fez errar a porta do coro, e tomando outra que ali estava perto no topo de uma grande escada, o lançou por ela abaixo: porém sempre aqui o demónio ficou vencido, porque sendo a escada de muitos degraus, e muito empinada, ficou o Padre, com o favor de Deus, sem lesão alguma: acudiram logo ao estrondo os mais Padres, que também iam para Matinas, e achando-o em baixo, sem moléstia alguma no corpo, quando entendiam, que se o não achassem já morto, com grande mágoa o veriam quase cadáver, pois julgando os seus muitos anos, e sobre eles muitos achaques, atribuíram logo o sucesso a grande milagre de Deus, vendo que naturalmente não podia ser escapar da morte em tão grande, e precipitada queda, não ouvindo os Religiosos da boca do seu Prelado mais que o Nome de JESUS, e assim se foi com eles para o coro rezar Matinas, não tendo na realidade a mínima moléstia, nem mostrou que tinha susto algum.

Muitas obras de todas as virtudes fez este Venerável Padre no discurso da sua vida, das quais não temos mais que umas confusas notícias; virá tempo em que outras penas mais doutas, e mais bem aparadas na difusão, e no estilo sejam melhores Cronistas dos seus virtuosos progressos. Ultimamente estando este perfeito Religioso neste Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santarém, oprimido de muitos achaques, e seguindo os rigores daquela reforma, pois não faltava a toda a aspereza dela, assim no comer, como nas roupas interiores, acentuou-se-lhe tanto a disposição, gasta em contínuos desvelos, penitências, e trabalhos de estudos, que conhecendo a sua última hora, depois de ter recebido todos os Sacramentos da Igreja, vertendo dos olhos copiosas lágrimas acompanhadas de doutrinais jaculatórias, com um Crucifixo nas mãos, entre amorosos, e saudáveis colóquios, entregou o espírito ao seu Divino Criador, a nove de abril, sendo no dia da Trasladação da bem-aventurada Santa Mónica (de cuja gloriosa Santa era especialmente devoto) ano de mil seiscentos e oitenta. Foi sepultado primeiramente, como quer o R. P. *Fr. Luís de Jesus*, Religioso da mesma Ordem, na sua *História Miscelânea*, a folhas cento e noventa e quatro, na Capela de S. Sebastião junto ao arco da parte do Evangelho, aonde passados cinco anos abrindo-se a sepultura, se achou o corpo inteiro, sem sinal de alguma corrupção, ou cheiro mau, e tão bem afigurado, como se estivera vivo. E no ano de mil seiscentos e noventa e um, tempo em que se passaram os Religiosos para a nova Igreja da Senhora da Piedade, trouxeram consigo o corpo deste Venerável Padre *Fr. Bartolomeu de Santa Maria*, como joia sua de grande preço, e lhe deram nova sepultura no cemitério de que hoje usam aqueles Religiosos, a qual é a do número primeiro, e até ao tempo presente se não abriu mais.

CAPÍTULO XV.

Em que se dá notícia da vida e morte do Irmão leigo Fr. João da Cruz, o qual jaz sepultado no Convento de Nossa Senhora da Piedade em Santarém.

O Irmão leigo Fr. João da Cruz, professo no Convento de Nossa Senhora da Piedade dos Padres Agostinhos descalços desta Vila de Santarém, nasceu na Vila de S. João de Areas, Bispado de Viseu; o qual servo de Deus se fez bem conhecido pelas suas raras virtudes, ainda que não temos notícias, que pessoas fossem seus pais. Antes de entrar naquela esclarecida Religião, achamos memórias naquele mesmo Convento, que fazia vida eremita na Serra de Montejunto, cinco léguas distante desta Vila, com outro companheiro chamado Fr. Francisco das Chagas, que ambos vieram a ser Religiosos da mesma Ordem, e ambos de vidas inculpáveis. Aos dezassete dias do mês de outubro do ano de mil seiscentos e oitenta e três, entrou Fr. João da Cruz neste Convento, onde começou a servir a Religião com hábito de Donato; e vendo o Prelado, e Religiosos que pelos seus santos costumes, e fervor de espírito já lhe não faziam grande mercê, não só em conservá-lo naquele hábito de Donato, mas em recolhê-lo mais entre si, lhe lançaram o capelo, para realmente ficar Irmão seu, e como isto fosse disposição do Céu, ficou assim ajudando com a sua exemplar vida, a subir ao cume da mais heroica fama nos olhos do mundo o bem merecido crédito daquela santa reforma. Neste Convento se perpetuou servindo no aumento temporal, trabalhando com incessante desvelo, como quem fazia do trabalho vida, e do descanso tormento, não lhe impedindo todo o serviço, que era da Casa, os empregos dos progressos das mais virtudes, e parece que buscava com ansioso espírito o tempo de orar para descanso, o da penitência para alívio, e desabafo de seu incendido coração.

Ia Fr. João da Cruz mandado pela obediência, pedir esmola fora da terra, e tão pronta tinha a vontade em obedecer, que logo ajuntava os primeiros passos da jornada às últimas palavras do Prelado, porque a sua prontíssima execução não dava algum espaço ao tempo que ficasse entre o mandar, e o cumprir, nem reparava o seu fervoroso espírito, em deixar de buscar a Deus na mudança de lugares, ou no silêncio do retiro, ou nos estrondos do mundo, pois sabia, que para qualquer parte que fosse, levava consigo a penitência nos cilícios, o recolhimento na vista, contra as vaidades do mesmo mundo, e a oração para as soledades das charnecas. Caminhando este bom servo do Senhor por qualquer terra despovoada, e deserta, nela parece que tinha o seu maior alívio, pois levando sempre as horas premeditadas, sabia aquelas em que os seus Religiosos tinham no coro a oração, e a essas mesmas horas buscava Fr. João da Cruz na lapa de uma árvore o lugar em que com o espírito elevado ao Céu fazia a sua oração; e bem se poderá julgar com piedade católica, qual seria ali o fogo do amor de Deus, no abrasado espírito deste servo seu; e a cada hora que orava, dava princípio a uma vida de Anjo, ou mais que de homem, negava-se a si próprio para se dar inteiramente a Deus, e em Deus trazia continuamente os pensamentos, para Deus encaminhava juntamente os passos, e os suspiros, porque só a Deus dirigia os afetos, e consagrava os cuidados; tão alheio de si ficava na oração, e suspenso na operação exterior, que parecia insensível; e servindo-lhe só de asas as labaredas nos incêndios, voava ligeiro para o centro do amor Divino.

Assim caminhava este servo de Deus pelos desertos, e chegando a povoado, fosse grande, ou pequeno, sem interpolação de tempo, pedia pelas portas as suas esmolas e acabava antes das Ave Marias, se alguém com piedoso zelo, lhe queria dar pousada em sua casa, nunca bastaram rogos, ou persuasões algumas, que o obrigassem a descansar aquela noite, dando por desculpa, que ainda podia caminhar mais aquele dia, porque a Religião o mandava pedir esmola para o seu sustento, e não a descansar em semelhante diligência, que para o descanso lá tinha ele no Convento muito tempo. Se acabava o peditório sendo já noite, então recolhendo-se em qualquer casa que lhe davam, vigiava que não ouvisse alguém, e pondo-se largo tempo de joelhos em oração, com umas disciplinas de ferro se açoitava asperissimamente, em cujo lugar ficavam muitos sinais de sangue, que de seu corpo saíam aos impulsos dos açoites; e para descansar o restante da noite, se deitava no chão, servindo-lhe o alforge de cabeceira, e pela madrugada tinha sempre cuidado de bulir na cama que na casa lhe tinham feito, para que se persuadissem, que ele dormia nela.

Com esta mesma vida, e com este fervor de espírito continuou muitos anos em serviço de Deus, e da Religião, porém vendo a mesma Religião que já estava muito carregado de anos, e de merecimentos, e por estar trôpego, e cortado de trabalhos, o puseram os Prelados na portaria deste Convento de N. Senhora da Piedade de Santarém, em a qual ocupação viveu mais de vinte anos, ali fez notáveis serviços a Deus, não faltando jamais a todos os atos da Comunidade, se lhe não mandava a obediência outra coisa: nunca se satisfazia de fazer oração sem a acompanhar com a disciplina, e quando os outros Religiosos se iam recolher à noite, para irem a Matinas, ficava este bom servo de Deus no coro em oração; algumas vezes foi visto de alguns Religiosos, umas de joelhos elevado nas suas meditações, outras prostrado em Cruz, e se o sono o acometia, pegava em um banco pondo-o às costas: outras vezes lançava pela cabeça e seio água fria, para orar com os sentidos mais espertos, e pouco tempo antes, que os Padres fossem para Matinas, ia-se meter na cela, e muitas horas antes de amanhecer tornava para o coro, e se algum Religioso o encontrava, lhe dizia com suma humildade, que como era velho não podia dormir (disfarçando assim o interior da sua santa devoção) e que no coro estava mais à sua vontade; ali estava até que se tocava à Prima, donde caminhava para a sua obrigação da Portaria.

Neste lugar da Portaria, se via a grande caridade que Fr. João da Cruz tinha com os pobres, e a incansável diligência com que adquiria o com que os pudesse remediar, repartindo por todos igualmente com extremoso zelo, e suma caridade tudo o que tinha, e podia ser: porém parece que mais extremosa era a que tinha com os meninos, que talvez se lhe representaria em cada um deles a figura do Menino JESUS. Àquela porta se ajuntava continuamente grande número de crianças, os mais deles iam por pobres buscar nas mãos do servo de Deus, as esmolas com que lhes afugentava a fome, outros levava-os a sua inocência atraídos da graça, e carinho com que o Senhor Fr. *João* (que era o estilo com que todos igualmente o nomeavam) os tratava: a todos sabia os nomes, e a todos contentava muito, dando-lhes coisas mui poucas; contava-se naquele Convento, que em uma ocasião repartiu uma noz por quatro, e um figo por dois, ficando eles tão satisfeitos, como se tivessem comido muito; e seus pais tiveram disso muito gosto, porque ainda que estes tais meninos não eram de pais que necessitassem de esmolas, entendiam que com o que o Senhor Fr. *João* lhes dava, lhos conservava Deus sem doenças, e achaques.

Muitas pessoas, assim religiosas, como seculares, observaram por várias vezes obrar Deus milagres por intercessão de Fr. João da Cruz; porém (como já disse) sempre

aqui protesto, que milagres, que não estão ainda pela Igreja Católica definidos, não ser o meu intento persuadir a que lhe deem crédito: relato o que a nossa fé humana viu, e ouviu a pessoas de boa fé, aos quais sucessos podem dar o crédito que quiserem; e sendo para louvor de Deus, seja o primeiro o que se viu, e foi bem manifesto naquela Portaria. Tendo já Fr. João da Cruz despedido todos os meninos, que com ele ali estavam, veio correndo outro de mais longe dizendo: Senhor Fr. João da Cruz, dê-me alguma coisa, e veio para entrar a tempo que o servo de Deus fechava a porta com toda a sua força, neste tempo meteu a criança a mão entre a porta e o caixilho, que Fr. *João* com descuido fechou; a qual porta é uma só muito grande, e pesada, sendo de grossa madeira de angelim; gritou o menino oprimido com tão intoleráveis dores, abrindo outra vez a porta achou que a mão do menino estava toda feita como uma massa de pão espalmada, e os dedos em migalhas: o servo do Senhor enternecidamente magoado de ver tão lastimosa coisa, e de ser ele o autor daquele sucesso, começou a dizer ao rapaz, o qual tinha cinco anos, que se calasse, que logo tinha remédio, meteu-lhe a mão entre as suas endireitando-lha, e levando-o à Igreja untou-lha com o azeite da lâmpada da Senhora da Piedade, e cobrindo-lhe a mão com um pano, o mandou para sua casa; alguns Religiosos que ali estavam quando Fr. *João* abriu a porta, ficaram dolorosamente magoados de verem o miserável estado a que se tinha reduzido a mão daquela inocente criança, e os mesmos Religiosos viram ao outro dia como o mesmo menino veio com a mão tão perfeita, que parecia não ter tido nela em tempo algum sinal de moléstia.

Era Fr. João da Cruz muito caritativo com todas as pessoas que tinham moléstia, mas com os meninos para que lograssem saúde, parece que especialmente empenhava com Deus todos os seus merecimentos. Reescreverei aqui para acidental glória do mesmo Deus, o que sucedeu a um meu sobrinho, filho de um Irmão meu, e do que Deus o livrou pelos merecimentos de Fr. João da Cruz. Tinha este menino onze meses de idade, e lhe davam tais acidentes de *Hércules*, que ficava a criança depois de ter grande luta com aquele mal, como um corpinho morto; e diziam os Médicos, que em corpo tão tenro um mal tão grande, não tinham remédios que lhe aplicar, pelo que sua mãe, e toda a família da sua casa, se resolveram a levá-lo no colo da ama que o criava, a Fr. João da Cruz; pois era voz constante por toda a terra as maravilhas, que obrava Deus pelas virtudes deste seu servo. Foram à Igreja da Senhora da Piedade, mandaram chamar o servo de Deus, e lhe entregaram nos braços a criança, pedindo-lhe com prudentes súplicas, que rogasse a N. Senhora da Piedade lhe alcançasse de seu Bendito Filho saúde para aquele menino, que todos os dias padecia aqueles acidentes. Fr. João sem fazer disso a mínima cerimónia, como referia tudo a Deus, que é centro donde procede todo o bem, tinha pouco medo de vanglórias, subiu ao altar da Senhora com a criança nas mãos, onde orou um pouco espaço de tempo, e acabando foi com o menino, e o entregou nos braços da mãe dizendo-lhe com alegre semblante, que desse muitas graças à Senhora, porque o seu filho não tornaria a ter mais acidentes; e tanto se experimentou verdadeira a consequência daquele seu dito, que desde aquela hora até ao tempo em que estamos, sendo passados vinte e quatro anos, não teve o rapaz mais alguma casta de acidentes, e sempre logrou boa saúde.

Estes, e outros maravilhosos sucessos (no entender de toda a gente desta Vila) obrava Deus por abonar a virtude deste seu servo, por isso o veneravam por santo, e todos em suas aflições lhe iam pedir deprecasse ao Senhor, que tudo pode, para alcançarem o remédio às suas necessidades, e a ninguém se negava, principalmente onde havia mulheres com perigosos partos; e se era a casa de gente pobre ia com bem trabalho, porque mal podia andar com muita velhice, pois diziam os seus Religiosos que tinha mais de cem anos, a outras casas mais nobres ia em carruagem muito contente pelo assim

mandar a obediência que lhe intimava o seu Prelado; e não consta que fosse a casa alguma, que deixasse de haver bom sucesso, dizendo sempre, que a correia de Santo Agostinho tinha virtude para alcançar aqueles favores do Céu. Todas as pessoas que com ele falavam, assim nas casas onde ia fazer obras de caridade, como no seu Convento, não houve destas pessoa alguma, que pudesse dizer de que cor ele tinha os olhos; porque só a vista deles empregava continuamente no chão. Todo o gosto, e desejo de Fr. João da Cruz, era ter ocasiões de fazer obras de caridade, deprecando a Deus pela saúde dos enfermos, e livrar ao próximo das suas tribulações, e Deus parece que andava cuidadoso em livrá-lo dos perigos; porque queria que ele fosse o executor dos seus remédios. Sucedeu que um dia passava Fr. João da Cruz por um lanço do claustro do seu Convento, (que era só o que estava coberto de abóbada, para assim se continuarem os mais lanços) porém estava mal seguro, porque não tinha linhas de ferro, e faziam grande repuxo os barretes às colunas, que eram delgadas, e ao tempo que o servo do Senhor ia por baixo, bem no meio do dito lanço, lhe caiu toda a abóbada em cima, sem lhe tocar coisa que o molestasse, porque ao redor dele ficaram os tijolos fazendo a forma do bocal de um poço; de que ficaram conhecendo todos os que isto viram, o grande desastre de que Deus o quis livrar.

Muitas coisas dizia este servo de Deus, que pelo que depois se experimentava, entendiam os seus Religiosos, e todo o povo de Santarém, que tinha dom de profecia, das quais tocarei aqui algumas, que eu quase presenciei, e seja para glória do mesmo Deus. Nesta Vila de Santarém, adoeceu um Ministro gravemente, e chegou a doença a tal termo, que dando o último suspiro, que é aquele com que se entrega ao poder da morte, dizem que realmente morreu; e não há dúvida, que o cobriram com o lençol para depois o amortalharem, porque eu me achava ali naquela ocasião. Pouco tempo antes, vendo a mulher do dito Ministro, que já se lhe tinham acabado os remédios humanos, e que só o estavam ajudando a bem morrer, perturbada com a excessiva dor da sua pena, saiu pela porta fora mal composta, entrou na Igreja de Nossa Senhora da Piedade, e logo chamando a Fr. João da Cruz, com rios de lágrimas, lhe pediu, que lhe valesse em tão grande aflição: chegaram logo a buscá-la gente de sua casa, que já tinham por morto o Ministro; neste tempo fez Fr. João da Cruz oração a Deus, e depois disse, que confiasse na intercessão de sua Mãe Santíssima, e logo mandou para casa a desconsolada mulher dizendo: *Trate de seu marido, que lhe há de viver muitos anos*. A qual chegando a casa o achou vivo, e em breves dias o viram todos com boa saúde.

Um cavalheiro, que estava para fazer jornada desta terra para Lisboa, foi à Igreja de N. Senhora da Piedade ouvir Missa, e encontrando-se no claustro com Fr. João da Cruz, lhe disse: *Fique-se embora Senhor Fr. João da Cruz, encomende-me cá a Nossa Senhora, que faço hoje jornada para Lisboa*. Ao que Fr. João respondeu estas formais palavras: *Vossa Senhoria não se há de ir hoje, que tem muito mau dia, amanhã sim, que há de ter um dia bizarro*. E como o dito cavalheiro sabia já da muita virtude de Fr. João da Cruz, tomou o seu conselho, e em o tomar lhe mostrou a experiência que fez bem; porque naquele dia choveu muita água, e foram extraordinários os trovões; e tudo foi pelo contrário no outro dia, que pareceu ser um formoso dia de Verão, e falando outra vez o mesmo cavalheiro com os Religiosos daquele Convento disse, que se em outra ocasião fizesse dali jornada para qualquer parte, não a faria sem conselho daquele grande servo de Deus.

Em outra ocasião estava no Brasil um homem nobre desta Vila de Santarém, e como soube que cá lhe tinha morrido sua primeira mulher, casou-se lá, e se deixou ficar vivendo com a segunda uns poucos de anos, por cuja causa entendiam os seus parentes,

e filhos que cá tinha, não tornaria para o Reino; e sendo-lhe perguntado a Fr. João da Cruz pelos parentes daquele homem, se viria ele outra vez para Portugal viver com seus filhos, e parentes, respondeu com o rosto pouco alegre, que sim havia de vir, e que lhe havia de trazer o manto de Nossa Senhora, que ele lhe emprestara, mas que melhor fora deixar-se ele lá ficar: destas palavras que respondeu se viu depois cumprido o seu certíssimo vaticínio, porque no ano seguinte veio aquele homem (e melhor fora que não viesse) trouxe sua mulher, deu o manto da Senhora da Piedade a Fr. João da Cruz, e vindo de uma diligência donde o mandou El-Rei que Deus guarde, se precipitou de um cavalo em um braço do Tejo onde se afogou, verificando-se aqui o que da sua vinda tinha dito este grande servo de Deus.

Chegou tempo em que adoeceu este servo do Senhor com umas febres tão agudas, e sintomas tão manifestos de maligna, que sobre os seus muitos anos, e muita debilidade, fizeram juízo os Médicos, que lhe tinha chegado o fim da sua vida; e sendo isto patente aos Religiosos, entendendo um deles estar já Fr. João da Cruz na última hora de passar deste mundo transitório para o eterno, lhe disse: *Senhor Fr. João, quando se vir diante de Deus, peça-lhe que com a sua Misericórdia, e Piedade imensa vença a minha rebeldia, que é infinita*. *Sim Senhor*, respondeu Fr. João, *eu farei isso, mas por agora será de cá, porque ainda Deus quer que eu viva mais um par de anos*. Todos os que esta resposta lhe ouviram se admiraram de verem a segurança com que Fr. João da Cruz disse estas palavras, quando todos o supunham naquele instante entregar o espírito ao Criador; porém assim como ele o disse, assim sucedeu, pois em breves dias sem medicina humana (por entenderem os Médicos estar incapaz de remédio algum) se lhe extinguiu de todo a maligna, e em pouco tempo ficou dela livre como estava dantes, foi para a sua portaria, e nela assistiu mais de três anos.

Depois de passado este tempo, deram-lhe umas vertigens, das quais se via ficar sem sentidos, e com tanta força lhe repetiram e tanto o prostraram, que se não levantou mais da cama; disse logo aos seus Religiosos, que bem sabia era já chegado o tempo da sua morte, mas que ele não morreria até não vir o seu Vigário-Geral, porque queria que ele lhe lançasse a sua bênção. É verdade que naquele tempo se esperava pelo dito Prelado; mas quem haverá neste mundo que possa dizer com certeza que tem mais uma hora de vida sem Deus lho revelar? Enfim chegou o Vigário-Geral, que ia fazendo a sua visita pelos Conventos da Ordem; foi logo à cama onde estava Fr. João da Cruz esperando por ele, lançou-lhe muitas bênçãos, e naquela mesma hora, antes que o dito Prelado lhe saísse da cela, expirou o bom servo de Deus Fr. João da Cruz; tendo recebido todos os Sacramentos a sete de setembro de mil setecentos e dezassete. Seu corpo jaz sepultado no cemitério comum daquele Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santarém na sepultura do número segundo.

CAPÍTULO XVI.

Dá-se notícia de um grande caso que sucedeu nas primeiras casas em que teve princípio este Convento dos Padres Agostinhos Descalços desta Vila de Santarém.

Correndo os anos, no de mil seiscentos e cinquenta e cinco, sucedeu no distrito da mencionada Freguesia do Salvador, em umas casas aonde hoje existe o Convento dos PP. Agostinhos Descalços de N. Senhora da Piedade nesta Vila de Santarém, um dos mais notáveis casos que a tirania pode inventar em seus desatinos. Neste tempo referido, veio a esta terra curar-se ao Hospital de Jesus Cristo, uma mulher natural do Lugar de Pernes, Comarca desta Vila em distância de três léguas. Era esta mulher tão pobre, e desamparada da fortuna, que veio só com o patrocínio da sua pobreza buscar o remédio à saúde, e foi tão mal afortunada na cura, que no mesmo Hospital em breves dias morreu. Veio depois seu marido com uma perfeita criança, que era seu filho, e de sua mulher já defunta. Com aflitos rogos pedia o homem, que pelo amor de Deus lhe criassem ali aquele menino como criavam aos enjeitados, já que a sua extrema necessidade o tinha posto em tanto desamparo, pois entendia, que os Hospitais eram umas bem ordenadas oficinas da caridade, para amparar aos mais necessitados; não foi admitida a sua justificada petição, porque parece que quando a necessidade cai em suma pobreza, sempre as suas persuasões têm as vozes mais fracas; e nos certifica a tradição, que no tempo em que este homem requeria este abrigo para seu filho, também perdeu a vida.

O Hospital de Santarém é grandioso em rendas, e a gente que o governa são as principais pessoas da terra, porque sempre a nobreza naturalmente emprega mais o ânimo generoso nos atos de piedosas caridades; era a necessidade daquele homem tão manifesta, como notoriamente apadrinhada de uma inculpável inocência extremosamente necessitada, e nada disto lhe valeu, mas como há casos a que o discurso não acha saída; sabemos só, que nada sucede a caso, porque tudo é providência; e neste caso se pode entender, que a altíssima disposição permitiu que tudo faltasse, para que este menino na primavera de seus anos fosse para Deus mais glorioso revestido com a coroa do martírio.

A este tempo assistia nesta terra nas casas em que hoje está o dito Convento, uma Senhora parenta dos Condes de Santiago, a qual Senhora por caridade acomodava em uma casa térrea, que hoje serve de dispensa ao mesmo Convento, uma Beata, ou Ermitoa, a qual servia de varrer, ou acender a lâmpada à Senhora da Piedade na sua Ermida. As notícias mais certas que temos da origem desta diabólica mulher, é ser estrangeira, e algumas pessoas diziam que era alemã, porém bem se veio a conhecer, que tinha muito de nação hebreia, e antes de se conhecer a maldade que ocultava, com a preciosa capa da virtude, se fazia benquista pelo emprego de seus exercícios, ocultando debaixo de uma aparência virtuosa, o mais pernicioso coração de quantos pode haver em criatura humana. E para que os Católicos entendessem o quanto ela se empregava em obras de caridade, lançou mão daquele menino para o criar, como com efeito o levou para sua casa, e se encarregou dele.

Achou o demónio naquela mulher, e naquele menino sujeitos capazes para usar dos seus diabólicos intentos, porque o menino se chamava Manoel, nome que se equivoca com aquele de quem a Escritura Sagrada pelo Profeta Isaías nos dá a conhecer o verdadeiro Rei dos Reis, e Senhor absoluto, o qual pelo remédio da nossa salvação, se fez capaz de padecer dores, chamando-lhe *O' Emmanuel*, e na mulher achou sítio em seu ferino coração para adulterar tão Divino Nome, em memória do sacrílego sacrifício da mesma Divina inocência. Nunca aquela tirana, e endiabrada mulher nomeava ao menino pelo seu próprio nome, seria talvez porque não ficasse depois em dúvida o motivo de tão estranho caso, mas sempre lhe chamava filho do homem, em cujo nome ninguém reparava, e entendiam algumas pessoas, que lhe chamava assim pelo que se tinha passado no requerimento que seu pai tinha feito no Hospital; e podemos daqui entender, que em o nomear por este nome muito se deleitava, desafogando assim o seu sacrílego ódio, pois entenderia esta infernal doutora com seus danados intentos, o quanto para a sua diabólica seita tinha sido misterioso, tendo naquele inocente Manoel que criava, a lembrança do refinado ódio que tinha ao inocentíssimo Manoel, ou Filho do Homem, de quem a Sagrada Escritura nos está expressando os opróbrios da sua Cruz, ou a glória que lhe havia de resultar de ser crucificado, e quanto se dignou usar deste misterioso nome a mesma inocência: *Cum exaltaveris Filium Hominis, tunc cognoscetis quia ego sum*, e em mais partes da mesma Escritura se lê, que para o mesmo Salvador do género humano honrar aos descendentes de Adão, se quis nomear com este nome.

A todas as pessoas com quem esta cruel mulher falava, fazia queixa do rebelde natural daquele rapaz, porque não reparasse alguém nos dolorosos, e lastimosos gritos com que ele se queixava, pois todas as sextas-feiras do ano, rigorosamente o açoitava com um molho de varas, deixando-o por muitas partes do corpo ferido. Não sabemos com certeza o tempo que durou este martírio, mas bem se sabe, que durou muito tempo, e que já se reparava no traje com que ela trazia vestido aquele martirizado cordeiro, que criava para o sacrifício, pois nunca lhe vestiu calções, mas só uma opa, em que talvez se lhe representasse aquela sagrada túnica inconsútil, que os executores da mais cruel tirania, despiam e vestiam, quando com varas feriram ao mesmo Salvador do género humano. Chegou enfim a Semana Santa, dias em que a Igreja representa o mais alto mistério, obra tão recôndita às potências humanas, por serem inescrutáveis os benefícios nos segredos da Mente Divina; nestes dias publicava a desatinada mulher, que o filho do homem Manoel da Piedade, sem dúvida morreria, e é certo, que não tinha outra enfermidade, mais que aquela, que os rigores da sua cruel tirania lhe causava.

No ano de mil seiscentos e setenta e cinco, em sexta-feira de Paixão, entregou ela o menino amortalhado a seis rapazes para o acompanharem à sepultura, na Igreja Paroquial do Salvador, que era onde pertencia, indo ela também acompanhando a criança defunta, para dissimular a cruel obra que tinha feito. Advertiu-se mais naquele tempo, e era voz constante, dissera aquela Senhora, que morava nas mesmas casas, onde hoje é Convento, que na mesma sexta-feira na hora da Terça, ouvira ao ditoso inocente queixar-se excessivamente, como quem acabava a vida às violências da maior crueldade; e na hora de Noa, é certo que foi a enterrar, e como a tal Senhora se condoesse, magoada das sentidíssimas vozes do menino, ou fosse por impulso superior, começou a divulgar, que aquele menino tinha acabado a vida com morte violenta; e como esta Senhora era pessoa de tanto crédito, foi a justiça desenterrar a criança, à qual acharam com um angélico aspeto, manando sangue das feridas, e feita uma perfeitíssima Imagem de Cristo crucificado; o corpo todo rasgado, ferido de cruéis açoites, a cabeça na sua circunferência ferida com penetrantes espinhos, as mãos, e os pés mostravam serem cravados em uma

Cruz, com grandes cravos, e o peito aberto com uma profunda ferida; e as flores que lhe tinham deitado dentro na sepultura, se acharam tão frescas, e formosas, como se estivessem ainda no ser das plantas, que as animavam, e juntamente se examinou, que o corpinho daquela criança, e santo inocente exalava um odorífero cheiro.

Visto tão estranho caso, resultou no povo daquela Vila, fazerem muitas pessoas grandes demonstrações da reforma de suas vidas: e então se conheceu claramente por todas as circunstâncias, o refinado ódio, que aquela Ermitoa do inferno tinha ao imaculado Cordeiro, o Divino Manoel, Filho do Homem verdadeiro, saciando neste, do modo que pôde, a voracidade do seu danado coração. Deste menino sabemos que o meteram em um decente caixão, deixando-o depositado em sepultura na mesma Igreja do Salvador; porém como hoje já é outra Igreja nova, não achámos notícias onde esteja, nem o lugar onde foi enterrado. Logo a justiça secular naquele dia da sexta-feira prendeu a Ermitoa na cadeia desta Vila, devassou a Eclesiástica, e o Tribunal da Inquisição a tirou dela levando-a presa, em cujos cárceres dizem que morreu.

CAPÍTULO XVII.

Da fundação, e mais notícias do Convento de S. Francisco desta Vila de Santarém.

Entramos a escrever o princípio de um Convento, cujas notícias principais da sua fundação, nos levou a voracidade do fogo, pois um grande incêndio que nele houve há séculos, nos dizem, que reduzira a cinzas o seu Cartório por cuja causa falaram os Escritores das antiguidades deste Convento com tanta variedade, que nos fazem agora grande confusão as suas diversas opiniões. Os mais deles tomam por pretexto o dito incêndio do Cartório, e é razão eficaz, para que lhe aceitem todos a desculpa, no que toca à incerteza do ano da sua edificação. Porém como nós temos lido o que eles escreveram, e anda escrito em tantas partes, parece-me ser escusado gastar aqui tanta tinta, e papel em relatar o que eles dizem, e melhor é irmos só ao que parece ter mais força de verdade. Digo que quanto ao dizer o Bispo Mantuano, que primeiro foi dos Templários, e que foram eles extintos, assim em Portugal, como nos mais Reinos antes dos Padres Menores de S. Francisco possuírem este Convento nesta Vila, clarissimamente se vê ser falso, pois é sem dúvida, que a ordem do Templo se instituiu no tempo do Conde D. Henrique, e nesse tempo os Mouros eram senhores de Santarém, e lhe foi tomada por El-Rei D. Afonso Henriques filho do dito Conde, e os Templários que ajudaram a tomar esta Vila, não tiveram em Santarém outro aposento senão na Igreja de Santa Maria de Alcáçova, e no tempo do mesmo Rei D. Afonso, se foram dali para o Castelo de Ceras, pela remuneração que lhes fez, quando em Roma se sentenciou a causa a favor do primeiro Bispo de Lisboa D. Gilberto, à cerca de pertencer ao dito Bispado a renda do Eclesiástico da mesma Vila, como já deixámos escrito na primeira Parte desta História, liv. 1. cap. 8. nem achámos escritura alguma nos Cartórios, que diga, ou nomeie outro lugar em Santarém onde assistissem os Cavaleiros do Templo, senão em Santa Maria de Alcáçova, no tempo referido. Demais, quanto a dizer Gonzaga, que os Templários foram extintos em Portugal antes que nele entrassem os ditos Padres da Religião Seráfica, manifestamente se está vendo o contrário, porque esta extinção foi no reinado d'El-Rei D. Dinis; e no de seu pai D. Afonso terceiro, já havia bastantes anos, que os Frades de S. Francisco existiam no dito Convento em Santarém. Consta isto de Fr. Luiz de Sousa na *História de S. Domingos*, do Padre Fr. Manoel da Esperança, e do *Hagiológio Lusitano*, os quais dizem, que no ano de mil duzentos e sessenta, reinando o dito Rei D. Afonso terceiro, decidiu este Senhor certas dúvidas, que nesta Vila havia entre os Religiosos Domínicos, e Franciscanos, sobre as Igrejas Paroquiais, em que cada uma das duas Religiões havia de pregar; e justifica-se mais, que quando faleceu o dito Rei D. Afonso no ano de 1271, deixou no seu testamento cem libras de prata a este Convento, o que se pode ver na quarta Parte da *Monarquia Lusitana*. Logo para que se há de dizer, que no reinado de D. Dinis ainda não estavam cá em Portugal estes Padres Menores de S. Francisco; se eles existiam já em Santarém havia muitos anos no Convento de que falamos.

O que me parece mais certo (por não cansarmos os Leitores, nem averiguar com mais documentos, coisas que já estão bem sabidas) é, que os Padres Menores deram princípio a edificar este Convento no ano de 1242, com pouca diferença no lugar que fica alegado, sendo primeiramente fundação d'El-Rei D. Sancho segundo, pois no tempo deste Rei, já as Emparedadas que fundaram o Mosteiro de S. Domingos das Donas, estavam na

Ermida da Senhora da Abóboda, que era situada onde hoje existe o Convento da Trindade, e porque as ditas Emparedadas estavam junto deste Convento dos Frades Menores, e lhe ficavam tirando em parte a vista do dormitório, tiveram com elas demanda, que durou uns poucos de anos, até que se acabou a contenda, mudando-se elas dali para o sítio da Madalena, onde hoje estão as Freiras Donas que foram sucedendo às Emparedadas. Logo parece certo, que no tempo de D. Sancho segundo tinham já os Padres de S. Francisco ali fundado o seu Convento, e edificado do seu princípio por este dito Rei no tempo referido de 1242.

Fundou-se por este tempo o Convento pelo régio mando d'El-Rei D. Sancho segundo, que constou da Igreja, claustros e dormitórios; porém muita coisa disto ficou imperfeito pela falta que lhe fez a deposição da coroa deste pouco afortunado Monarca. Não foi bastante este infortúnio, para que as obras deixassem de continuar, porque não faltaram pessoas graves da Vila, que deram copiosas esmolas, pela devoção, e desejo que tinham de verem o Convento acabado, e se acabou tudo aquilo a que El-Rei tinha dado princípio. Correram os anos até o de mil trezentos e cinquenta, perfilhou El-Rei D. Fernando este Convento por casa sua fazendo-o completamente Real, ampliando-o em todos os seus edifícios, edificando de novo algumas oficinas de pedra, cal e madeira. Também este mesmo Senhor reformou, e acrescentou a Igreja, e no meio dela mandou fazer um elevado coro para seu jazigo, levantado em abóbodas de boa cantaria lavrada, com grande primor; e por estar este coro no meio da Igreja, tomava três arcos dos cinco que ela tem ao comprido de cada lado, que repartem as naves, e porque neste lugar fazia o Templo muito sombrio, e escuro, se desmanchou no ano de mil quinhentos e oitenta e oito, e o puseram sobre a porta principal, ficando menos comprido, que é o que ainda hoje existe, tendo os mesmos fundamentos do outro que estava no meio da Igreja. Este Templo é de notável grandeza, com um magnífico cruzeiro, porém sem correspondência nas Capelas, porque aos nossos antepassados lhe devia parecer, que nos grandes edifícios o ser tudo diverso era obra de maior primor.

CAPÍTULO XVIII.

Das Sagradas Relíquias, e Imagens milagrosas, com que se orna esta Igreja, e fazem ser este real Convento, um prodigioso Santuário, ou um Céu plantado na terra.

Mais que todo o pomposo material de que se compõe a grande fábrica deste real Convento, não tem comparação o seu valor, com o inestimável, ou inexplicável preço das prodigiosas relíquias, que nele existem, como soberano tesouro que o Céu ali parece, quis depositar. Principiando pela Igreja, logo à entrada da porta principal à mão esquerda, está em um altar uma devotíssima Imagem de Cristo Senhor Nosso crucificado, do tamanho do natural, cuja Imagem mandou fazer El-Rei D. João o primeiro, que dizem foi feita pela sua própria estatura. E é tradição por papel autêntico, que esta Sagrada Imagem fez um estupendo milagre haverá cem anos (com pouca diferença) a um homem tolhido, e aleijado dos pés, o qual estando um dia diante do altar com devota oração, alcançou do Senhor saúde perfeita, ficando sem lesão alguma.

Mais adiante deste altar, em distância de três, ou quatro passos existe outro da mesma parte, em o qual está colocada uma Imagem da Virgem MARIA Senhora Nossa, com o título da sua Conceição Imaculada, que é formosíssima por extremo: cujo trono se vê acompanhado de dois Sacrários, os quais estão enriquecidos de preciosas relíquias. Em uma Cruz de prata sobredourada se contém muitas delas, onde se vê uma partícula grande da Cruz de Cristo, outra se vê também ali, do mesmo sagrado lenho em uma Cruz de cristal que um Menino JESUS tem na mão, como por troféu da sua vitória; está outra da carne assada do bem-aventurado Mártir S. Lourenço, um espinho da Coroa, que o ódio pôs na cabeça do Redentor do mundo, em o qual se toca a água que tem sarado milagrosamente muitos enfermos: um pedaço de um joelho de S. Jorge; a cabeça de Santa Áurea, que foi uma das onze mil Virgens, a qual deu a Princesa Dona Joana mãe d'El-Rei D. Sebastião, a Dona Bernarda Coutinho, mulher de D. Francisco Pereira, o qual era Comendador do Pinheiro, da Ordem de Cristo, Embaixador que foi do mesmo Rei em Castela; e por ser esta fidalga muito devota de Nossa Senhora da Conceição, quis enriquecer mais a sua Capela com esta joia. As mais relíquias que ficam referidas, todas as deu Dona Ana Henriques, que as recebeu de seu irmão D. Jorge de Almeida Arcebispo de Lisboa, e as quis depositar nesta Capela de seus pais, para seu ornato, pelo muito afeto que tinha a esta Virgem Santíssima, e era tanta a sua devoção, que se mandou enterrar ao pé do seu altar, vestida com a mesma roupa da Conceição, em cuja pedra da sepultura se lê o seguinte epitáfio:

> *Ao pé deste altar jaz sepultada Dona Anna Henriques, irmã que foi do Senhor Arcebispo D. George de Almeida, a quem Deos dê a gloria, na qual Capella manda se diga huma Missa quotidiana por sua alma, e pela de D. Luis de Almeyda Seu irmão, para a qual darà o herdeiro da sua fazenda vinte e quatro mil reis de esmola, em cada hum anno, e não cumprindo o dito herdeiro com esta obrigação, perderà o morgado para o parente transversal mais chegado, conforme o seu testamento: e a mesma pena haverà não cumprindo a obrigação da Missa quotidiana que nesta sepultura se diz pelas almas de seus*

pais D. Lopo de Almeida, e Dona Antonia Henriques, que aqui jazem sepultados. Faleceu a três de agosto de 1587.

Este Convento se honra muito com uma milagrosa Imagem do glorioso P. Santo António, tão antiga, que é tradição corrente ter a antiguidade da primeira fundação do Convento. É de escultura em madeira, e esta é já tão velha, que para se lhe encobrir alguns defeitos, que lhe tem causado os dilatados tempos da sua existência, a devoção dos fiéis, para lhe disfarçar a sua muita antiguidade, lhe vestem por cima da mesma escultura outro hábito de seda, e tela. Tem esta Imagem pouco mais de cinco palmos de altura; está com as mãos juntas erguidas, e os olhos levantados para o Céu, com tanta alegria, e viveza neles, e nas mais feições de todo o seu rosto, que enfeitiçando os corações de quem o vê, lhes acende na alma as chamas da mais fervorosa devoção. Esta miraculosa Imagem, logo no seu princípio foi obrada como se costuma sempre fazer, que é com uma Cruz na mão direita, e o Menino JESUS no braço esquerdo, porém para fazer um estupendo milagre, largou tudo o que nos braços tinha, e quis ficar para sempre com as mãos levantadas ao Céu, dando graças a Deus pelos grandes favores que lhe fazia, e foi o milagre na forma seguinte:

Uma mulher que morava perto desta Vila de Santarém, havia já muitos anos que trazia no corpo o inimigo comum de nossas almas, que a molestava terrivelmente. Entre os tormentos com que a maltratava, o maior deles era afear-lhe de tal sorte os pecados da sua vida passada, que lhe fez crer ser impossível alcançar a salvação, se ela para satisfação de suas culpas se não matasse por suas próprias mãos. E foi tal a astúcia, e sutileza do maligno espírito, que lhe fez entender, que isto lhe dizia Cristo Senhor Nosso, representando-lhe a figura do mesmo Filho de Deus, falando nestas palavras: *Eu sou aquele Senhor, a quem tu gravemente ofendeste; porém por minha misericórdia perdoarei teus pecados, e te levarei à Glória, se tu em Satisfação de tuas culpas te afogares no Tejo.* A pobre mulher vendo a figura, e ouvindo estas palavras, ficou persuadida das vozes, ignorando a falsidade, e pondo-se logo no caminho para a execução, a dor de seus antigos pecados lhe apressou os passos. Era este dia o de Santo António, e passando ela pela porta da Igreja do dito Convento, na mesma manhã em que se ia deitar no pego, entrou dentro no Convento, foi-se à Capela do Santo (como se pode crer) com boa fé, para saber por sua via se era aquela a vontade do Senhor; e posta em oração de joelhos diante do altar onde estava o Santo, começou a fazer o seu requerimento com muitas lágrimas, e suspiros; porém como por intercessão deste Santo não é coisa estranha fazer Deus grandes milagres, não quis que no dia da sua festa se perdesse aquela alma; e para fazer o prodígio, lhe fez ali dar um leve sono, e juntamente lhe apareceu em sonhos, e lhe falou nestas palavras: *Filha: Sabe que isto é engano do tentador. Toma este escrito de pergaminho que te dou com letras de ouro, compostas nestas palavras latinas: Ecce Crucem Domini: fugite partes adversa. Vicit leo de tribu Juda, radix David. Aleluia, Aleluia.* Acordou a mulher do letargo, vendo logo que tinha ao pescoço o dito escrito; cujas palavras têm grande força contra o demónio. E quem as quiser dizer em português, dirá assim: *Eis-aqui a Cruz do Senhor. Partes contrárias fugi. Venceu o Leão da Tribu de Judá, raiz de David. Louvai a Deus, louvai a Deus.*

Ficou a venturosa mulher com este preservativo mais confortada, e livre da diabólica tentação do infernal inimigo, rendendo as devidas graças ao Santo com fervorosas orações, pela grande mercê de Deus lhe alcançara. Na ocasião deste milagre reinava em Portugal El-Rei D. Dinis, o qual pediu o escrito, e o guardou entre o tesouro das suas relíquias. Desta maravilha que o Santo fez, ficou esta santa Imagem tida em

grande veneração, não só do povo daquela Vila, mas de todas as pessoas que sabem dos seus prodígios, pois se tem averiguado não haver ano algum, que deixe de fazer milagres. Do Menino JESUS que este glorioso Santo tinha em seus braços, não podemos dar com individual narração, notícia certa do caminho que levou, mais que quando Filipe segundo veio a Portugal no ano de 1619, sendo Rei deste Reino, sabendo deste prodigioso milagre, o levara consigo para Castela; porém não é este dito tão seguro, que se lhe possa dar inteiro crédito, pois o não achámos escrito em papel algum.

CAPÍTULO XIX.

Descrevem-se as notícias da formalidade deste Real Convento, e de várias sepulturas que nele há.

Este famoso Convento está situado fora da circunferência desta Vila, cinquenta passos (com pouca diferença) entre o Norte, e o Nordeste. Dele em várias estâncias, logra a vista muita parte dos campos de Almeirim, com a mesma Vila, e também as águas do rio Tejo. Dos Conventos que tem esta sagrada Província (excetuando o de Lisboa) é este um dos maiores. Dilata-se o seu material em um grande circuito de terra, todo bem assentado em igual planície, tem dois claustros, um é de notável grandeza, sendo o mais pequeno da primeira fundação d'El-Rei D. Sancho segundo, conforme as melhores opiniões: este maior tem uma famosa cisterna tão grande, que ocupa por baixo todo o seu quadro, até às colunas dos arcos, com um grandioso bocal no meio, de boa casta de pedra, e bem lavrada. Dois lanços deste grande claustro mandaram fazer à sua custa, D. Duarte de Menezes, Conde de Viana, e sua mulher Dona Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro, Governador da Casa do Infante D. Henrique: e os outros dois igualmente os mandaram obrar os Senhores da Ilustríssima Casa de Vila Real; e também lhe edificaram ali juntamente a casa do Capítulo, que alguns tempos servia de jazigo a estes Senhores. Tem três dormitórios de bastante grandeza, e mais alguns corredores, que são serventias para eles, um grande refeitório, e todas as oficinas, que são próprias do estado religioso, com uma grande cerca, a qual tem dentro dos seus muros vinha, e terra para sementeiras, assim de pão, como de legumes.

A Igreja é de três naves, e de notável grandeza, proporcionada com a sua altura, tem cinco arcos no corpo de cada lado que repartem as naves: as suas colunas não são redondas, mas todas em ressaltos boleados sem arestas, o teto é de madeira, e só os das Capelas, assim a maior, como as mais, que são fundas para dentro, são de abóbada de tijolo, que entre todas, e altares que tem esta Igreja vem a ser o número de doze. Agora entraremos a mostrar neste papel os nobres sepulcros com que depois das coisas Divinas, se autorizou este Templo. E principiando por aqueles em que jazem sepultadas as pessoas de maior autoridade: vemos, que no coro está no espaldar dele, por baixo do espelho entre as cadeiras, um formoso, e grande caixão de boa pedra branca, o qual sustentam uns grandes leões, em cujo ataúde depositou a Casa Real os mortais despojos d'El-Rei D. Fernando, até aqui único do nome e os de sua mãe a Infanta Dona Constança. Na frente deste túmulo se estão vendo entalhados uns escudos com as quinas reais: outros com as armas da sobredita Infanta, nas quais se vê uma asa com um braço, e uma espada empunhada, contra a qual está um feroz leão batalhando. Na cabeceira se acha uma representação de figuras pequenas em relevo, que significam a impressão que fez Cristo Senhor Nosso de suas santíssimas Chagas na carne do Seráfico Padre S. Francisco, de cuja regra Terceira, este Rei era filho professo. No mesmo túmulo se lê um letreiro que o cinge de todos os lados, o qual diz estas seguintes palavras: *Aqui jaz o mui nobre Rei D. Fernando, filho do mui nobre Rei D. Pedro, e da Infanta Dona Constança*. Esta sepultura estava antigamente no meio do coro antigo, como já fica escrito nesta segunda Parte liv. 1. cap. 16. E quando o mudaram para este, que hoje existe, ficou esta sepultura junto à parede ao pé do espelho deste dito coro, que por esta razão se não podem ler todas as letras, que por detrás dela se vão seguindo e só deste letreiro transladámos aqui as que se puderam ler, e são as que servem ao nosso intento. Foi esta sepultura aberta, quando se

fez a dita mudança, e achou-se dentro o corpo d'El-Rei metido em um caixão de madeira, assim como tinha vindo do Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, onde primeiramente foi depositado. O Padre Fr. Manuel da Esperança nos diz na sua História Seráfica, part. 1. liv. 4. cap. 29. que estava todo inteiro, vestido no hábito de S. Francisco, e cordão de linhas finas muito alvas, com uma cota de armas em cima desta mortalha. E que aos seus pés se viram duas crianças envoltas em uns panos de brocado: e tudo estava cheio de saquinhos de canela, e de cravo, e outras aromáticas espécies, que ajudavam a preservar o corpo da corrupção.

Quis este Monarca com mão larga dar bens temporais a este Convento, para que por este meio ele os pudesse ter na vida eterna, instituindo no mesmo Convento uma Capela com Missas pela sua alma, para que em todo o tempo ali as dissessem os seus moradores religiosos. E para estes Capelães bem se poderem sustentar, e se ornar com asseio a Capela, dotou-lhe dois reguengos da Touza, e das Champas, com todas as suas pertenças: cuja doação se fez, e se escreveu em Almada no primeiro dia de junho de 1383, que foi um ano antes, que o dito Rei falecesse. Sabemos que o dito Rei D. Fernando trasladou para o coro antigo os ossos da Infanta Dona Constança sua mãe, que havia bastantes anos jaziam na Capela-mor da Igreja dos Padres Domínicos desta Vila, e foi esta trasladação no ano de 1376. Também temos notícia, que esta Senhora tinha neste Convento de S. Francisco particular sepultura, e dizem que como o novo coro ficou mais curto que o antigo, não lhe ficou lugar para outra sepultura, da qual não se sabe que caminho levou; porém o Padre Esperança diz, que talvez será uma que fica à entrada da porta da Igreja, à mão direita, cujo túmulo mostra que foi antigamente bem lavrado em obra Mosaica, mas hoje a pedra tem muita parte estragada, e a cor comida, por cuja causa se lhe não vê letra alguma.

No dito coro antigo também jaziam em seu túmulo, os ossos de D. Fernando de Noronha, primeiro Conde de Vila Real, neto da Rainha Dona Leonor Teles de Menezes, mulher do mesmo Rei D. Fernando: e juntamente com ele descansavam no mesmo sepulcro os ossos de sua consorte Dona Brites de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e primeiro Capitão de Ceuta. Porém quando se mudou o coro, se trasladaram estas ossadas para a casa do Capítulo, por ser desta família, e em certo tempo se levaram dali com mais outros ossos dos seus descendentes, para o Convento de Leiria da mesma Ordem Franciscana da Província de Portugal. E por darmos cumprimento a tudo o que prometemos de escrever nesta História, continuaremos aqui os traslados das mais sepulturas, que tem inscrições neste real Convento. E principiando pelo adro da Igreja, no meio dele se lê em uma pedra rasa o seguinte letreiro:

Aqui jaz Maria Antunes Irmã dos Frades, e amiga dos pobres. Morreu de peste dia de Santiago de 1599. Na entrada da porta principal da Igreja se vê em uma sepultura rasa um letreiro que diz: *Domingos Guedes, que aqui jaz, suas armas desprezando, e a Cristo muito amando, a Cruz por armas lhe apraz*. Debaixo do coro ao pé do altar da Capela de Nossa Senhora da Conceição está uma pedra no lado da Epístola, com esta inscrição: *Nesta Capela jazem sepultados D. António de Almeida do Conselho de El-Rei nosso Senhor, que faleceu a trinta de novembro de 1532, e Dona Brites da Silva sua mulher, que faleceu a dezassete de novembro de 1587, que Nosso Senhor tenha em sua Glória*. Em uma nave que está da parte da Epístola estão as sepulturas com os epitáfios seguintes, e esta primeira tem por armas uma espada, e diz o seu letreiro: *Sepultura de Vicente de Moura, e de Maria Fernandes sua mulher, na qual jaz António de Moura seu filho, Cavaleiro, faleceu na era de 1551*, e em uma campa grande está outro letreiro, que

diz somente: *Aqui jaz Pedro Rodrigues*. Segue-se outra cujo letreiro diz: *Sepultura de António Paes Perdigão, e de sua mulher Teodósia Ferreira Aranha, e herdeiros. 1631*: e em outra se lê: *Sepultura do Licenciado Francisco de Sousa, Promotor do juízo Eclesiástico, e de sua mulher Maria de Lemos Fialho e para seus herdeiros*: outra tem a inscrição nesta forma: *Sepultura de Simão Freire, e de sua mulher Maria da Rosa, e herdeiros. 1657*: outra diz: *Sepultura de Brás da Cruz, e de seus herdeiros*: outra que se segue, tem as seguintes letras: Sepultura de Fernando Dias de Morais, e de sua mulher Patronilha de Sousa Pereira, e de seus herdeiros. Faleceu a catorze de setembro de 1648: segue-se outra que diz: *Sepultura de Ascenso Pires de Alfange, Cavaleiro da Casa d'El-Rei nosso Senhor, Escrivão dos Contos, e de seus herdeiros*: outra diz: *Aqui jaz Alexandre de Moura Aio do Príncipe D. João, filho d'El-Rei D. João; e faleceu na era de 1551*: outra somente diz: *Sepultura de Antónia Pereira mulher de Artur Gonçalves, e de seus herdeiros*. Em uma Capela debaixo do coro nesta mesma nave, está um padrão com escudo de armas, o qual tem a seguinte inscrição: *Esta Capela é de Francisco de Barros, e de Maria de Araújo sua mulher, e herdeiros, que a instituíram e fabricaram, como se verá pela instituição que se fez, e tem Missa quotidiana por suas almas*. Na Capela de Santa Ana, em um caixão de pedra bem lavrado se lê este epitáfio: *Aqui jaz Martim Afonso de Melo filho de Jorge de Melo, e de Dona Branca Coutinho, e sua nora Dona Maria Henriques*; e no meio da mesma Capela está uma sepultura grande, e rasa com este epitáfio, por todos os lados da campa, tem escudo de armas sobre a sepultura, que são cinco estrelas: Aqui jaz Dona Branca Coutinho, mulher que foi de Jorge de Melo, que morreu sobre Marzagão, e filha de Vasco Fernandes Coutinho, que mataram em Castela na batalha do Touro. Morreu a uma sexta-feira de Lázaro 11 dias do mês de maio, era de 1536.

Na Capela do Menino Jesus está uma sepultura rasa com este epitáfio: *Aqui jaz Vasco da Silveira, e Dona Inês de Noronha sua mulher, os quais fizeram esta Capela, e a dotaram para si e seus herdeiros, com Missa quotidiana*. Está na Capela de Nossa Senhora da Piedade, um padrão na parede da parte da Epístola, que diz assim: *Esta Capela é de Francisco de Azevedo de Menezes, e de Dona Joana Henriques sua mulher, e de seus herdeiros*. Outra sepultura rasa se vê na Capela de S. Sebastião, com este epitáfio: *Esta Capela que instituiu João de Sousa, de que foram administradores seus descendentes, por linha direita, até falecimento de António de Sousa Girão, sucessor do dito seu Pai; e nesta Sepultura mandou avivar as letras que nela se tinham posto, por falecimento de seu sexto avô, que diziam: Aqui jaz Agostinho, Fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor, Vedor que foi da Rainha Dona Leonor, que faleceu a três de maio de 1500. Cuja Capela é hoje do dito Luís Pedro de Sousa Girão, legítimo sucessor dela. Ano de 1731*. Esta Capela que acabámos de escrever instituiu-se em dezassete de março de 1487. Tem Missa quotidiana, e um Ofício. Está outra Capela, que é de S. Benedito, a qual se instituiu a vinte e dois de agosto de 1580, tem Missa quotidiana, e uma cantada em dia da Assunção, por esmola de três moios de pão; e tem este epitáfio: *Aqui jaz Joana Fernandes, Moça da Câmara da Infanta Dona Maria*.

Nesta escritura em que vamos nos faltam algumas inscrições, que não há nos mais nobres, e elevados sepulcros que tem as Capelas desta Igreja, e não teremos outro remédio para as notícias dos grandes Heróis que muito ilustram a nação Portuguesa, e aqui jazem sepultados, que fiarmos o crédito de suas maravilhosas ações da pura eloquência do P. Mestre Esperança, Fr. Manuel da Esperança, Cronista da mesma santa Província de Portugal, a quem nesta parte se deve dar inteiro crédito, pois é sabido, que as coisas da sua Ordem indagou, e escreveu com toda a verdade.

Entrando, pois, na formosa Capela das Almas, se acharão gravíssimos sepulcros das mais ilustres famílias do Reino, que grandemente enobreceram a nação Portuguesa. Ali se verá coroado de louro, por troféu de suas honrosas vitórias, em um elevado, e soberbo mausoléu, a figura do mais que grande, por todos os títulos, D. Duarte de Menezes, terceiro Conde de Viana, esclarecido tronco dos Senhores Condes de Tarouca, primeiro Capitão de Alcácer Ceguer, em cujos progressos, e de cuja temerosa espada, tremolavam túmidas as nossas bandeiras, tremiam tímidas as lanças Africanas, desde os primeiros dois lustros dos seus invejados anos. Aquele, que com quinhentos Soldados Portugueses, sustentou, e defendeu a sobredita Alcácer contra cem mil combatentes. Aquele Herói tão prudente na paz, como valoroso na guerra, que na Serra de Benacofú entregou a vida à morte, por salvar a do seu Rei D. Afonso quinto, estando este Monarca já quase precipitado, ou a ficar prisioneiro, ou morto às mãos da barbaridade Maometana.

Para maravilhosa lembrança, e para avivar por todos os séculos a nossa memória, das heroicas façanhas deste Marte Lusitano, nesta Capela lhe fabricou a mais fina ideia honorífico sepulcro, que se eleva da parte do Evangelho, ocupando toda a parede, até ao mais alto dela, enlaçado de primorosos, e delicados ramos, sendo obra Mosaica, em finíssima pedra; e no meio de todo este soberbo artefacto está a sua figura deitada, vestida de armas brancas, empunhando a espada. Não tem por dentro túmulo esta majestosa fábrica, mas só um pequeno vão, que encerra dentro em si unicamente um dente deste grande Herói, que a Condessa sua mulher D. Isabel de Castro, lhe tinha guardado, e não tem este sepulcro mais inscrição alguma: porque para tão largos progressos é toda a pedra curta, e também o será qualquer grande livro, querendo expressar o menor de suas gloriosas empresas. Porém estas pelo assombro, sempre se farão lembradas nas difusas elegâncias dos nossos escritores. Segue-se logo ao pé desta sepultura a da dita Dona Isabel de Castro sua mulher, jaz sepultada debaixo de uma grande campa, e pelo brasão de seu sangue sem falar, a pedra nos inculca muda, o esclarecido de sua descendência. Da mulher, e marido os acompanham nesta mesma Capela muita parte das suas ilustres gerações. Aqui está seu filho D. João de Menezes, Prior que foi do Crato, Conde de Tarouca, Mordomo-mor, e Aio do Príncipe D. Afonso, que morreu na praia do Tejo nesta Vila de Santarém, de uma violenta queda correndo em um cavalo. Aqui nesta dita Capela se enterrou seu neto, por este filho D. Henrique de Menezes Governador da Casa do Cível de Lisboa, e Capitão valorosíssimo nos combates de Tânger; seu bisneto D. João Telo de Menezes também aqui jaz sepultado, o qual foi tão devoto das Almas, que quis, e foi Embaixador a Roma, sendo o seu principal desígnio, para que com maior facilidade impetrasse o grande privilégio das Almas, que logra esta dita Capela, cujo Breve ele trouxe, alegando para a concessão dele, todos estes depósitos de seus ilustres antepassados, que ali esperam o Juízo final.

E dando outra vez princípio à descendência que segue a linha do dito D. João Conde, Prior do Crato por ser filho, também chamado D. Duarte de Menezes, que governou a Índia Oriental, ali jaz sepultado seu neto D. Pedro de Menezes, Cavaleiro tão esforçado na guerra que em Tânger sendo Capitão, com setenta Portugueses (e os que mais número lhe dão, não passam de oitenta) desbaratou três mil Mouros todos de cavalo. Jaz também outro D. Duarte de Menezes seu bisneto, em nobre sepultura embebida na parede. Seus terceiros netos filhos deste D. Duarte, que são três, D. Francisco, D. Pedro, e D. João; D. Francisco, que foi Bispo de Leiria, e do Algarve, foi sepultado em um gravíssimo túmulo, o qual fica levantado no meio do pavimento da Capela de luzidíssima pedra, cuja cor, é entre roxa e verde: e os outros dois irmãos tiveram diferentes sepulturas.

De outros mais fidalgos descendentes desta grande família, ali descansam seus ossos, porém como as suas sepulturas não tem inscrições também lhe não damos mais lugar nestas nossas memórias, no que toca a esta Capela das Almas.

CAPÍTULO XX.

Prossegue-se a mesma matéria.

Passando desta Capela das Almas a outra, que em algum tempo teve o precioso Nome de JESUS, está nela enterrado o corpo de D. João Pereira, Fidalgo do Conselho Real de Estado, e de seu filho Francisco Pereira, que foi Embaixador a Castela, mandado por El-Rei D. Sebastião. Mostra-se ali um túmulo de pedra, o qual sustentam quatro leões, nele jaz sepultado Vasco Gomes de Abreu, Fidalgo do Conselho d'El-Rei Dom Afonso quinto. Na Capela do milagroso Santo António se descobriu em certo tempo um mausoléu, que havia muitos anos estava oculto com o reboco da parede, o qual pela sua inscrição, se achou ser de João Pires, pai do Bispo de Coimbra D. Estêvão Anes, que faleceu no ano de 1290 em o mês de julho, cuja pessoa se vê no seu epitáfio ter sido muito caritativo com os Religiosos deste Convento, e parte dos versos deste epitáfio feitos com bom engenho, em os quais se mostra a grande devoção que tinha ao Seráfico P. S. Francisco, dizem assim:

Nobilis: miles: Franciscum: Semper amasti: Pauperiem: fratrum: pro quo: crebrè: relevasti.

Sabemos por um testamento que se acha no Arquivo da Sé de Coimbra de D. Martim Anes, feito no ano de 1295, que nesta Igreja foi enterrado seu pai D. João Gil de Severosa, e ele dito D. Martim Anes, e conforme diz o Conde D. Pedro, foi este o primeiro, casado com dona Constança Gil da Ilustríssima Casa de Riba de Vizela: e o segundo (que é o filho) com Dona Branca Betaça, que foi neta do Imperador de Grécia. Porém como lhe não achamos inscrições, por isso não lhe assinámos lugares próprios. O Padre Fr. Manuel da Esperança na sua História Seráfica diz, que no dito testamento foi testemunha Fr. abril, executor dele Fr. Afonso Rodrigues, neto d'El-Rei D. Sancho primeiro, ambos Frades da sua Religião dos Menores, e que no testamento mandou ele dito testador enterrar-se nesta Igreja, e trasladar para ela os ossos de seu pai, pelas seguintes palavras daquele antigo português que aqui vão trasladadas: *Mando meu corpo soterrar no Mosteiro dos Frades Menores de Santarém, e rogo a minha madre Dona Constança, que aduga o mais cedo, que ela puder, meu padre D. João Gil a soterrar no dito Mosteiro, segundo como ela sabe que ele mandou, e foi sua vontade.* Ultimamente dizemos, no que toca às sepulturas da Igreja, que a Capela-mor é jazigo da Ilustre Casa dos Monteiros-mores do Reino, e ali está sepultado um destes fidalgos chamado Francisco de Melo, Governador que foi do Algarve, e Embaixador em França.

Agora saindo da Igreja para o claustro, daremos aqui a ler as inscrições, que em várias partes deste Convento se estão vendo gravadas nos mármores das sepulturas, porque muitas se fazem dignas de especial memória, pelo ilustre das pessoas, que nelas jazem enterradas. Entrando pois pela casa da portaria, se lê em um caixão de pedra embebido na parede, este seguinte epitáfio: *Aqui jaz Francisco de Sá, filho de António de Sá, que os Mouros mataram naquele grande, e famoso cerco da Vila de Mazagão do ano de 1562, onde El-Rei o mandou no primeiro Socorro: morreu pelejando no mais alto da muralha, no forte, e grosso do primeiro, e mais forte combate que os Mouros deram; e foi enterrado em Mazagão, e seus ossos trazidos a esta Capela, e muimento, ano do Senhor de 1567.*

Livro I. Capítulo XX.

Na entrada da casa do Capítulo está uma pedra pequena já gasta, com este epitáfio: *Angusto hoc loco firma fidei spe, novissimam tubae vocem expectat Frater Balthasar Curatus Minister olim Provincialis.* Na casa que serve de Aula dos estudos, a qual fica parecendo átrio da formosa Capela dos Terceiros, se veem as sepulturas com os epitáfios seguintes: *Aqui jaz D. Duarte de Alarcão, e sua mulher Dona Inês de Brito; ele faleceu a treze de maio de 1604.* Outra no mesmo pavimento da casa que diz: *Sepultura de Gomes Borges de Castro, e de sua mulher Dona Arcângela de Mendonça, e herdeiros, ano de 1607:* outra que tem este letreiro: *Sepultura de Dona Luísa de Castro, mulher que foi de Dom George de Eça, e de seus herdeiros. Faleceu a onze de novembro de 1604.*

Ao sair da dita Aula para o claustro da parte direita, estão as seguintes sepulturas: *Sepultura de António Fernandes Camelo, juiz que foi dos direitos Reais, da Portagem desta Vila, e seu Termo, e de Manuel da Cunha Camelo seu filho, e de Dona Maria de Azevedo Betancor, sua nora, e herdeiros.* Na mesma parte do claustro está outra que diz: *Esta sepultura é do Doutor Mestre Gabriel, Físico do Marquês de Vila Real, faleceu a dez de março de 1552, e de Gaspar Vaz Pinto seu genro.* Outra sepultura se vê ali, a qual tem dois epitáfios distintos em letra Gótica, que dizem assim: *Aqui jaz André Annes, Irmão, e devoto desta Ordem. Finou-se a catorze de agosto de 1530. Sepultura de Luís Rodrigues Aranha, e de seus herdeiros:* está outra sepultura no mesmo claustro, que diz assim: *Esta sepultura é de Joannes de Burgumão, Cavaleiro do hábito de São-Tiago, e tangedor d'El-Rei nosso Senhor, e de sua mulher Marta de Faria,* e outra que não tem mais que estas palavras: *Sepultura dos Manacis de Almeirim.* Na parede do mesmo claustro está um caixão de pedra, em o qual se lê este epitáfio: *Aqui jaz Dona Catarina de Noronha, mulher de Martim Afonso de Melo de Castro, que faleceu a vinte e nove dias do mês de julho de 1562 anos:* outra em letra Gótica diz: *Aqui jaz Brites Fernandes, Irmã de Fr. Jordão de Santarém. Finou-se a dezasseis de agosto de 1531.*

Saindo da dita Aula, à mão esquerda, no pavimento do mesmo lanço do claustro, está outra sepultura com este letreiro: *Aqui jaz o Licenciado Manuel Lourenço, que Deus dê a Glória. Ámen. Ano de 1568.* Está outra mais adiante, que diz: *Sepultura de Francisco Borges Pereira, Fidalgo da Casa d'El-Rei nosso Senhor, natural de Braga, a sete de abril de 1565:* outra diz a sua inscrição: *Aqui jazem Baltasar Velho, e Dona Inácia Pereira sua mulher, ele faleceu dia da Trindade da era de 1551, e ela a dezanove de fevereiro de 1574.* Outra sepultura que tem o epitáfio em letra Gótica, e uma espada esculpida na pedra, diz assim: *Aqui jaz Pedro Afonso, Cavaleiro da Ordem de São-Tiago, morador em Montemor-o-Velho, e acabou a vinte de abril, Era de 1523:* outra sepultura diz: *Sepultura de George Vieira de Siqueira, e de sua mulher, Era de 1598.* Esta sepultura tem armas com cinco conchas. São estas as sepulturas, que achamos com epitáfios neste Convento, que todas pessoalmente vimos, e trasladámos aqui fielmente, assim como estão as letras abertas nas pedras: e não pareça ao leitor ser coisa supérflua, fazermos nesta História memória destas inscrições, e das mais que estão em todas as Igrejas desta Vila; porque além de se enobrecerem os Conventos, e Freguesias com depósitos tão honrados e ilustres, poderá em alguma ocasião ser preciso saber-se o tempo em que se sepultaram os cadáveres, e por não fiarmos da inconstância do mesmo tempo (que tudo gasta, e consome) o perseverarem as pedras com os seus letreiros, ou levarem outro caminho; por isso, para evitar estes contratempos, vão aqui copiados com os números de anos, meses, e dias.

Foi sempre a Igreja deste Real Convento, muito frequentada do povo; e era tanta a devoção, que os naturais desta Vila lhe tinham, e acudiam a ela com tanto fervor a ouvir

as santas palavras do Sagrado Evangelho dos Sermões, que aqueles grandes Padres ali moradores pregavam, que sendo o Templo dos maiores que esta Província tem neste Reino, não bastava para recolher a gente que a ele concorria, e para se poder acomodar tanto concurso, foi necessário estender em dilatado campo o alpendre do adro, de que ainda hoje são testemunhas os muitos pilares que ali existem, os quais chegam até ao chão da feira, aonde se vê à entrada uma formosa Cruz de pedra, a qual fica junto ao adro, e distrito do Convento da Santíssima Trindade. Isto consta da História Seráfica, falando da vistoria que se fez pela justiça, a requerimento dos Padres Trinos, para que lhe não ocupassem a terra que era sua, de que se fez um auto a vinte e seis de junho de 1282, em o qual auto se dizem estas formais palavras: *Sobre um arco da alpendorada da pregação, que esses Frades Menores queriam levantar a par do canto desses Frades da Trindade.* Desta escritura do referido auto devemos entender, que até a esta parte assinada corria todo o alpendre coberto, pois o arco de que o auto fala, não era para ficar simplesmente só sem cobertura, e a dita História Seráfica diz, que logo o mencionado litígio se desembargou pela parte dos Padres Menores, e se cobriu para a comodidade do povo se recolher nele a ouvir os Sermões; pelo que em muitos dias de festa em uma mesma manhã pregavam dois Pregadores, um dentro na Igreja, outro fora no alpendre. E também diz (e nós de outras partes o sabemos) neste mesmo alpendre a dez do mês de novembro de 1477, foi jurado El-Rei D. João segundo, na ausência que seu Pai D. Afonso quinto fez na jornada de França. E sabemos mais, que neste alpendre ordenou El-Rei D. João terceiro, com seu irmão o Cardeal D. Afonso Arcebispo de Lisboa, que os Clérigos de Nossa Senhora de Marvila, fossem no Domingo de Ramos benzer ali as palmas um ano, e outro no adro de S. Domingos, e que não se benzessem mais no campo das Freiras Donas, como antigamente se costumava, porém já hoje se não costuma fazer esta cerimónia nestes lugares.

CAPÍTULO XXI.

Em que se relata a fundação, e existência do Real Mosteiro de Santa Clara desta Vila de Santarém.

Desta Vila para a parte do Nordeste, em distância de duzentos passos, se coroa o mais alto de um grande monte, com o Real Convento de Santa Clara, fundado pelo generoso ânimo d'El-Rei D. Afonso terceiro, no ano de 1259, conforme as opiniões mais bem recebidas; e o motivo que houve para se dar princípio a esta fundação, o iremos dizendo por partes, com individuais clarezas. Pelos anos referidos neste dito monte viviam em umas casas certas mulheres Beatas, de grande recolhimento, e virtude, apartadas da comunicação daquele povo, as quais parece, que com o seu exemplo, e virtuosos costumes dispuseram aquele terreno para que fosse um perfeito jardim de suavíssimas flores na santidade das Religiosas que se lhe seguiram a ocupá-lo de perpétua morada. Neste tempo que acima dizemos floresciam já com grande fama de virtude em Lamego, umas Religiosas Claristas, cujo Mosteiro tinha os nomes, de Santa Maria, e Santa Clara, ao qual deu a Regra desta Seráfica Santa, o Papa Alexandre quarto, e a vinte de fevereiro, ano de 1258 foi que se passaram as Bulas no quarto do seu Pontificado, da qual Regra, a Bula começa por estas palavras: *Cum omnis vera Religio* escrita na Cidade de Viterbo; e no mesmo mês outorgou cem dias de Indulgências a todas as pessoas que visitassem a dita Igreja, sujeitando o Mosteiro à obediência da Seráfica Ordem da Província de Portugal dos Padres Menores, por petição, e rogo das mesmas Freiras. Assim se colige das palavras da dita Bula, aonde diz: *Cum sicut ex parte vestra fuit propositum coram nobis, Generali ordinis, & Provinciali Fratrum Minorum, Ministris illius Provinciae desideretis pro vestra salute committi.* E logo no seguinte mês de março escreveu cartas particulares a El-Rei D. Afonso terceiro, dizendo-lhe com paternal afeto, que as socorresse. Escreveu também ao Bispo, e ao Cabido da Sé, e ao Senado para todo o povo de Lamego; persuadindo a todos com grandes demonstrações de amor, e de receber para si toda a devoção, e favor com que ajudassem, e concorressem para a operação das obras daquele Mosteiro, concedendo-lhe a todos muitos dias de perdão.

No mesmo tempo em que vamos, existia a Corte de Portugal nesta nobre Vila de Santarém; e como o dito Rei D. Afonso, se viu empenhado pelas persuasões do Papa a dar-lhe gosto, e entender que mereciam muito os santos procedimentos com que as Religiosas em Lamego procediam, quis por seu grandioso ânimo melhorá-las de terra, e de Mosteiro, e juntamente para com elas autorizar mais a sua Corte nesta Vila. Informado o Papa de seus Reais intentos, logo lhe concedeu licença para a mudança. Passou-se a Bula na Cidade de Anagnia, a vinte e nove de abril, ano de 1259, cujo princípio é o seguinte: *Cum, sicut ex parte vestra fuit propositum coram nobis, charissimus in Christo filius noster, Rex Portugaliae illustris, habens vos obtentu precum nostrarum propensius commendatas, quoddam Monasterium ad opus vestrum in loco Santaranensi faciat de novo construi opere sumptuoso, illud disponens Regia liberalitate dotare &c.* Para esta mudança lhe confirmou todos os seus privilégios, concedendo-lhe mais outros de novo. Mandou ordem por carta ao Bispo da Cidade de Lisboa, para que lhe benzesse a pedra em que se havia de estribar a Igreja, que se fazia em Santarém. E ainda que sabia que as obras corriam por conta da fazenda d'El-Rei, escreveu ao Bispo, e à Clerezia da Vila, que as ajudassem em tudo o que pudessem. Dispensou-lhe em algumas coisas o rigor, e asperezas da Regra, as quais eram tão pesadas, que com elas não poderiam as forças mais

robustas, quanto mais a fraqueza de umas débeis Donzelas. Dispensou-lhe juntamente o artigo da pobreza, para que tivessem rendas, porém desta vez não pôde acabar com elas, que o aceitassem, porque estimavam mais sacrificarem-se a Deus no estado de pobres, que professarem na clausura com a opulência de ricas. Mandou o dito Sumo Pontífice ao Provincial dos Padres Menores, que as não desamparasse na mudança, e expressamente por santa obediência, às Freiras, que continuassem a sujeição à mesma Ordem (porque elas assim o pediram). Finalmente o Pontífice as mandou sair de Lamego com tantos favores, como já a fama de suas virtudes lhes havia merecido. Tinha-lhe já El-Rei Dom Afonso começado as obras do Convento em Santarém, e com tanto empenho de seu gosto se prezava delas, que as mandou marcar logo como coisa sua, com o sinal de suas Reais Quinas; cujas armas se estão vendo abertas em uma grande pedra por cima do grandioso espelho do coro o qual está obrado com primorosa fábrica na sua fachada, que olha para a parte do Noroeste. E consta, que no ano de 1265 ficou o coro acabado; e a Igreja no mesmo ano aos dez dias do mês de outubro, capaz de se benzer, para o qual dia concedeu o referido Pontífice uma larguíssima Indulgência; e em poucos tempos se deu fim a toda a máquina do Mosteiro, com a mesma grandeza que hoje tem.

O Templo sempre foi magnífico, porque a reforma que ao depois nele se fez mais ao moderno, não lhe desfez a formosura da sua antiga gravidade; e para mais pomposo ornato do Templo, se lhe fabricou uma admirável tribuna sobre a grade do coro, onde se celebra Missa, e está ali com notável decência depositado em um gravíssimo sacrário, patente por uma e outra parte da Igreja, e coro, aquele Diviníssimo mantimento dos Anjos nunca cabalmente encarecido regalo das nossas almas, para cujo artefacto foi impetrada a sua concessão no ano de 1535 à Santa Sé Apostólica. E havendo determinado o Papa, que não saíssem as Freiras de Lamego, sem que primeiro em Santarém estivesse o Mosteiro acabado, como consta de uma cláusula da Bula onde diz: *Postquam Monasterium fuerit constructum*, El-Rei lhe mandou dar tanta pressa, que no fim do ano de 1259 já as ditas Freiras estavam em Santarém. Isto se está vendo na Bula do mesmo Pontífice dada em vinte e oito de janeiro de 1260, o qual tendo informação das muitas necessidades, que estas boas Religiosas passavam pela sua pobreza ser muita, lhes mandou que aceitassem as rendas, que El-Rei lhe oferecia depois delas estarem nesta Vila de Santarém; e as palavras da Bula que para aqui servem são estas: *Cum vos, propter multitudinem Religiosarum personarum recipientium eleemosynas ab incolis de Santarem, frequenter defectum gravissimum in necessariis toleretis &c.*

CAPÍTULO XXII.

Declara-se como este Real Mosteiro de Santa Clara teve, e logra copiosas rendas, e grandes privilégios.

Foi sempre este Mosteiro desde que se fundou nesta Vila, poucos anos adiante, dotado de tantos privilégios Reais, e indultos Apostólicos, tão amplos, as mercês tão grandiosas dos Senhores do Reino, os privilégios Reais tão dilatados, e as doações tão largas, que somando tudo junto formará um grandíssimo número. Com muita propriedade e razão era bem que assim fosse, e parece que assim o quis Deus, para encher de todos os bens, uma Casa que foi a primeira que esta santa Família Seráfica teve nesta nossa Portuguesa Monarquia. Os Sumos Pontífices lhe concederam grandíssimos favores: que são no espiritual, assim imunidades, como Indulgências, e graças: e no temporal muitos privilégios para as suas fazendas serem livres, e isentas de pagarem dízimo, e de contribuírem para fintas, ou subsídios, ainda que eles se lancem por comissão Apostólica. A piedade dos Reis de Portugal se concordou com a dos Pontífices, escusando a este Mosteiro de todos estes encargos, não só pelas letras dos papéis, mas também por obra nas ocasiões em que os Ministros seculares pretendiam as cobranças. El-Rei D. Fernando, e D. João o primeiro assim o fizeram, que tendo cada um deles alcançado cobrarem as décimas dos Benefícios, e mais rendas Eclesiásticas, que lhe concedeu a Sé Apostólica, nunca quiseram que este Mosteiro pagasse coisa alguma, por não faltarem ao que estava concedido pela Igreja, e por suas Reais grandezas, pois todos lhe deram poder para possuir a fazenda, que o Mosteiro herdasse, ou de novo comprasse; e para isto se mostrou tão favorável El-Rei Dom Afonso terceiro (seu fundador) que declarava por inimigo caluniador a todo aquele que lhe pusesse embargos, ou se intrometesse por algum caminho a desviar o que lhe estava concedido. De tudo o referido mandou o dito Rei em Lisboa passar carta, aos oito dias do mês de junho, ano de Cristo de 1263, em cuja carta se contém estas verbas: *Quicunque praefatas Dominas impedierit, seu embargaverit, remanebit pro meo inimico, & calumniatore &c.* Não queriam os Reis, e com mais cuidado o tomaram debaixo da sua Real proteção, que as Freiras não pudessem vender, nem aforar fazenda alguma, nem ainda móveis do uso do Mosteiro, sem expressa licença sua, isto a fim dos Monarcas cuidarem muito nos acrescentamentos, e boa conservação das Religiosas. El-Rei D. Dinis mandou por uma carta passada em vinte e dois de abril de 1294, que nenhum Tabelião fizesse carta de venda, e as palavras da carta são estas: *Às Donas do meu Mosteiro de Santa Clara de Santarém:* sem para isso lhe mostrarem primeiro particular licença.

Faziam os Reis particular gosto, de que todas as pessoas soubessem, que este Mosteiro era Real, pois como seu o tratavam, e em tal forma, que todos os criados, e caseiros que residiam nas quintas, e no seu campo de Valada, estavam livres dos encargos do Conselho de Guerra, de pedidos, e empréstimos. E destas mesmas imunidades com outras mais, gozavam seis famílias, com suas casas, as quais moravam à roda do Mosteiro para o servirem, e acompanharem, por estar fora da Vila o seu sítio. Enquanto o seu fundador El-Rei D. Afonso terceiro o não dotou, dava-lhe todos os anos para seu sustento trezentas e sessenta e seis libras de ouro, que naquele tempo valiam cada uma oito vinténs, que então não era pouco dinheiro. E logo para dote com renda permanente, lhe deu cento e cinquenta e três estins de boa terra no campo de Valada, e não falando aqui nas grandiosas mercês que quotidianamente lhe fazia. Quando este Monarca faleceu, lhe

deixou no seu testamento cem libras, cujas palavras do dito testamento são estas: *Às minhas Freiras Minoritas de Santarém cem libras.* A infante Dona Leonor Afonso sua filha, que foi Freira no mesmo Mosteiro, lhes fez copiosas doações, as quais El-Rei D. Dinis, que em vida e morte lhe fez grandes mercês, as outorgou para sempre com segura perpetuidade. El-Rei D. Fernando consignou dez soldos por cada dia, D. Afonso quinto deputou-lhe largas ordinárias. D. Manuel aplicou-lhe outras muitas. D. João o terceiro fez-lhe mais a grande mercê de lhe mandar dar um por cento, cuja renda se lhe paga em Lisboa na Alfândega, e ainda não se satisfazendo com isto a sua liberalidade, lhe deu mais em cada um ano vinte e quatro mil réis pagos no cofre das obras pias. E finalmente os Reis, e Senhores grandes deste Reino, foram por extremo para com este Mosteiro liberais; e pelos tempos adiante se foi cada vez mais engrossando a renda pelas larguíssimas doações de muitas Senhoras ilustres que nele foram Religiosas. Pelo que vimos a dizer, que naquele tempo em que os ditos Reis, e Senhores lhe fizeram tantas, e grandiosas mercês, era este Mosteiro o mais rico deste Reino, pois o que hoje é pouco, era então naquele tempo muito.

CAPÍTULO XXIII.

Dá-se notícia de uma nobre sepultura, e da nobreza, e virtude que sempre floresceu neste Mosteiro.

Na Igreja deste Mosteiro, em uma Capela colateral, estava uma sepultura levantada, a qual agora está na casa por onde entramos para a sacristia, e dela não lhe sabemos com certeza o dono, porém pelos seus sinais bem se entende que foi de pessoa Régia, porque consta de um caixão de pedra assentado em uns grandes leões, e na frente abertas na mesma pedra da arca as mesmas quinas Reais somente, sem a guarnição dos castelos, obra não muito polida, mas mostra ser bem antiga, porque se esta sepultura era de pessoa Real, foi ali sepultada antes do fundador D. Afonso terceiro pôr nas armas do Reino os ditos castelos, que foi no ano de 1267, quando ele a respeito do Reino do Algarve acrescentou às armas do seu escudo os mencionados castelos. Na tampa deste túmulo se vê estar lançada uma figura de homem inteiriça, esculpida na mesma pedra, a qual pelas circunstâncias com que está vestida, mostra ser esforçado nas armas. Está esta arrogante figura vestida com um hábito Franciscano, e um cordão do mesmo hábito cingido. Veste mais por cima disto, uma capa, ou manto, que lhe chega dos pés até à cabeça, e a acompanha em forma de capelo: e os pés estão descalços: a mão esquerda aperta uma bainha de um grande alfange, e com a direita o está arrancando. Este alfange arrancado com soberbo impulso nos está mostrando ser pessoa, que se tinha arrojado a proezas de heroicas valentias. As vestiduras, e pés descalços, indicam ter sido Terceiro, ou muito devoto da Ordem Seráfica, e assim se mandaria enterrar, e que deste modo o esculpissem no sepulcro. A inscrição que tem aberta na pedra consta das seguintes letras: *Aqui jaz o Infante D. Henrique Afonso, filho d'El-Rei D. Afonso terceiro, e sua mulher a Infante D. Inês.* Este mesmo letreiro nos faz grande dúvida para crermos o que ele diz; pois por duas razões principalmente, lhe não devemos guardar muito respeito. A primeira é, porque não achamos notícia, que o dito Rei D. Afonso tivesse filho, legítimo, ou bastardo, que se chamasse Henrique: a segunda, que as letras que nós ali lemos nesta sepultura, são letras modernas escritas neste nosso século, e não como as daquele tempo em que foram feitas as suas armas: talvez que fosse ideia de algum curioso mal informado, e pouco descobridor das antiguidades, entendendo que seria filho do Rei fundador, e com pura singeleza lhe mandaria gravar o dito letreiro, e depois que se soubesse o contrário de não ser verdade o que dizem as letras, o tiraram da publicidade da Igreja, e o puseram quase escondido arrimado a um canto.

E fazendo-nos alguma consideração sobre esta matéria, mais nos acomodamos com a autoridade do Padre Esperança na sua História Seráfica, em a qual é de parecer, que seria esta sepultura (não fazendo caso da dita inscrição) de Martim Afonso Chichorro, filho não legítimo do mesmo Rei D. Afonso terceiro, havido de uma formosa, e Régia Africana, porque neste Mosteiro se acha uma escritura de uma sua filha (que nele foi Freira) feita aos três dias do mês de janeiro, ano de 1337, a qual diz assim: *D. Margarida, Dona do Mosteiro de S. Clara de Santarém, e filha de Martim Afonso, irmão do mui nobre D. Dinis, em outro tempo Rei de Portugal, e do Algarve* com licença de sua Abadessa faz prazo a João Durães de quatro estins de terra em o campo de Valada. E como se verifica por esta escritura que o dito Martim Afonso tinha ali sua filha, e nós sabemos, que tinha mais outra, e seu pai ser o fundador, e ter ali sua tia Dona Leonor como fundadora, e a devoção que devia ter a seu tio o Padre Fr. Afonso Rodrigues, (que

o era pela parte paterna) do qual já fizemos memória no Capítulo passado, que o criou com muito amor: verosímil é, que sendo ele Terceiro, como na verdade o era, quisesse ser nesta Casa sepultado, pois nela tinha à vista do seu sepulcro suas filhas, e irmã, para que nas suas orações encomendassem a sua alma a Deus. Estes são os fundamentos, e outros mais que pudéramos alegar, com que impugnamos o teor da inscrição da sepultura, e quem não quiser estar por eles, estimara eu que me desse para este túmulo outra pessoa Real, que tanto lhe pertença por Terceiro, e pelas mais razões referidas e para ser sepultado com o hábito de S. Francisco nesta Igreja.

Não só se ilustrou este Mosteiro de Santa Clara desta Vila, com o Régio, e ilustríssimo sangue de grandes Senhoras que o povoaram, mas ainda sobe à maior altura a sua grandeza, e à superior esfera, que nasce de vidas exemplares, e da santidade. Pois no Palácio da Igreja, que é Casa de Deus, são os seus Santos os Reis, são as Santas as Rainhas, os Justos os Príncipes, e os virtuosos os grandes Senhores. Grande símile é este, e com muita propriedade nos vem esta ideia para falar na virtude que se deve praticar pela existência que as almas devotas fazem no florescente jardim da clausura: isto é para que digamos de uma vez, as heroicas virtudes, a singular santidade com que sempre floresceram as Religiosas neste Real Mosteiro de que vamos falando. Prodigioso argumento é de perfeição, e venturoso destino desta Religiosa república, para glória de Santa Clara, deixarem tantas Senhoras, as delícias do mundo, retirando-se dos amorosos carinhos de mães e pais, de quem tinham recebido o ilustre sangue, por se virem esconder das vistas da Corte, fechando-se em perpétua clausura, e serem esposas de Cristo, e observantes filhas de Santa Clara. Seja destas a primeira, que para os seus louvores põe nos impulsos da nossa pena, a grande Serva de Deus Dona Leonor Afonso, filha de Dom Afonso terceiro Rei de Portugal.

Foi esta Princesa dotada pela graça Divina de excessiva formosura, e não menos discrição; pela morte d'El-Rei seu pai, fugiu retirando-se da inconstância, e injustiças do mundo, para o sagrado da Celestial milícia deste Mosteiro, e desprezando as opulências da terra que se podem precipitar em vaidades, negando-se a si mesma, quis heroicamente com as armas da sua santa, e valorosa resolução, conquistar as melhores honras, que são os tesouros do Céu. Não entrou logo Noviça, estando primeiro algum tempo no estado de secular, para de mais perto saber as obrigações, e encargos da vida Religiosa, que sempre são pesados: e inteirada já dos estatutos, que seguramente correm a passo solto pelo caminho da virtude, com fervoroso afeto do amor de Deus, entrou no ano do noviciado; foi subindo de virtude em virtude ao mais alto monte da perfeição, com atos santíssimos, pelos quais se fazia muito merecedora dos favores do Céu. Assim chegou ao seu desejado dia da Profissão, e antes dele fez seu testamento, e tão bem ordenado, que não só em parte, mas em todo se despediu das riquezas, que no mundo lograva, oferecendo-as a Deus, porque só com ele queria possuir o dote da Bem-aventurança. Deixou esta Senhora a este Mosteiro todos os bens que tinha de raiz, os quais vêm a ser, a terra de Mortágua, uma grande herdade na Vila da Azambuja, e mais outra terra chamada a Foureira. Instituiu uma Capela com Missa perpétua quotidiana pela sua alma, e para ela deu os ornamentos com ricas peças necessárias, que foi entre elas, uma riquíssima vestimenta toda bordada de finíssimo aljôfar, que esta Senhora obrou por suas próprias mãos. Deixou ao Convento de S. Francisco da mesma Vila, que se lhe desse em cada um ano para sempre uma grandiosa esmola de trigo, com a obrigação, que os Frades ali moradores lhe cantassem todos os anos um Ofício, e que nesse dia celebrassem todos pela sua alma.

Declarou no dito testamento, que das fazendas que deixava ao Mosteiro, se aplicasse certa porção de dinheiro para se aumentarem, e conservarem as obras que seu pai ali tinha feito, o que se cumpriu logo fazendo-se outras perfeitíssimas com os rendimentos das suas fazendas, pela qual razão desculpamos em parte, aos que escreveram dizendo, que ela fora a fundadora. Era a sua vida tão santamente justificada, e na oração tão fervorosa, que como prudente Virgem sendo devotíssima dos mistérios Sagrados, de dia e de noite orava ao seu Divino Esposo, deprecando, lhe desse auxílio para acertar em tudo o que fosse de sua santa vontade. Os costumes com que vivia eram em tal forma exemplares, que para toda a Comunidade era um espelho de prudência, um retrato da virtude, e um modelo da santidade. Sempre os seus passos caminhavam para os atos do amor de Deus, não só com o desprezo próprio, mas também com rigorosos excessos de mortificações que buscava, castigando em si mesma a culpa de nossos primeiros pais. Nunca jamais quis ser Prelada, nem ter ofício em que pudesse mandar. A sua maior glória era servir o Mosteiro, e fazer-se criada de todas as Religiosas, para que entendessem todos, que se era Princesa filha de um Rei, por sua conta corria servir a Deus nos atos humildes, para com ele reinar. Em todas as oficinas em que adquiria tanto merecimento, exalavam em seu peito ardentes chamas de caridade, já trabalhando na cozinha, e servindo na enfermaria, cujo lugar quis de Enfermeira perpétua, para que com a sua exímia diligência pudesse livremente apiedar as enfermas: e Deus, que só pode tudo, com absoluta mão lhe facilitava os remédios; e para que sempre o mundo saiba o quanto neste emprego era favorecida da Divina Providência, relataremos aqui um caso, que é digno de perpétua memória.

Estava uma doente na Enfermaria com tanto fastio, que não podia comer coisa alguma, e só desejou umas cerejas, não sendo o tempo delas; a boa Enfermeira que via o impossível, sentiu muito não a poder remediar, mas considerando com viva fé no poder de Deus, inflamado o seu espírito com as chamas da caridade, recorreu à oração, e confiada no socorro Divino, desceu ao pomar da cerca, e achou uma única árvore deste fruto, que estava quase seca, lançou-lhe a sua bênção em nome do Senhor, que anima todo o criado, quando, oh maravilha estupenda! apareceu no mesmo instante aquela árvore coberta de flores, logo vestida de folhas, e juntamente adornada de rubicundas cerejas bem maduras, e sazonadas; trouxe-as à enferma, comeu-as, e alcançou saúde perfeita.

Muitas maravilhas obrou Deus pelos merecimentos desta sua Serva, pois a tradição neste Mosteiro nos diz, que muitos anos houve nele um grande livro manuscrito todo cheio de prodígios, que esta Santa Princesa obrara em sua vida, e dizem que antigamente se furtou, deixando-nos agora a mágoa de não chegarmos a ver, ou a escrever coisas tão dignas de andarem nas memórias dos homens. Dando ultimamente fim ao desterro desta vida, caminhou para o Céu (como podemos crer piamente) que é a própria morada dos Bem-aventurados, em dezoito de novembro. Não achámos o número dos anos que teve de Religiosa, porém vemos, que no Martirológio de Fr. Artur, e no primeiro Tomo da História Seráfica foi a sua Profissão no ano de 1293. Logo que faleceu nos anos de Cristo de 1319, foi sepultada no meio do coro, que é grande e único, pois não tem outro por cima, em cuja sepultura quis Deus engrandecer muito o seu nome pela sua grande virtude, que pelos seus conhecidos merecimentos, as Freiras do mesmo Mosteiro, e as pessoas da Vila ali imploravam a Deus a sua proteção: tiravam terra de dentro da sua cova, com a qual saravam muitos enfermos: e para que provocasse maior devoção ao povo que vinha à Igreja, lhe levantaram no mesmo lugar um sepulcro de pedra alto, metendo-lhe dentro os seus ossos, e com eles três varinhas de cerejeira milagrosa; estando

assim mais de duzentos anos, a qual profundaram pela terra abaixo por não fazer prejuízo, e impedir o serviço do coro. Mas ficou manifesta ao nível do pavimento da terra a tampa de pedra, que cobria o túmulo, que sobre ela se esculpiu a sua figura, com umas grades à roda para ser respeitada com veneração.

No tempo em que se fez esta mudança, se acharam os seus ossos frescos, e muito cheirosos, envoltos em uma toalha de carmesim, tão nova e forte, que parecia que ali se tinha posto naquela hora. Também se acharam muito verdes as sobreditas varinhas, as quais com grande fé e devoção, se partiram logo, e se repartiram os pedaços pelos devotos, que não puderam alcançar outras castas de relíquias. Com estas relíquias das varas se experimentaram muitos prodígios; os quais lançando-se na água, e dando-se a beber a vários doentes, tiveram logo saúde, e uma delas quando a tiraram da sepultura lançou água mais cheirosa, e muito mais medicinal que o bálsamo finíssimo. Nesta ocasião levaram os Religiosos os seus veneráveis ossos à enfermaria com decente acompanhamento, e foi tão eficaz a sua presença para todas as Freiras que ali estavam enfermas, que algumas já desconfiadas dos Médicos, se levantaram dos leitos em que jaziam esperando a final hora das suas vidas, ficando todas naquele mesmo instante com perfeita saúde.

Tornaram a meter os ossos na dita sepultura, onde estiveram até ao ano de 1634, e neste mesmo ano sendo Abadessa a Madre Sor Francisca de JESUS, quis com suma devoção patentear este precioso tesouro aos fiéis, para que se soubesse com mais clareza onde ele estava encerrado; e porque Deus queria que a grande virtude daquela sua Serva estivesse nos olhos do mundo para a sua veneração, foi servido manifestar outras grandes maravilhas. Foi a primeira nesta última trasladação, que a caixa de madeira em que estavam os seus ossos dentro na outra de pedra, se achou toda corrupta, e podre, exceto naquelas partes em que estavam pintadas as suas armas; porque essas se acharam preservadas da corrupção. A segunda foi, que jazendo os ossos na mesma podridão, assim estes, como o envoltório deles, não apareceram isentos de corrupção, mas muito sãos, e por extremo cheirosos. A última maravilha foi, que sendo os ossos depositados em um lugar decente no mesmo coro, enquanto se lhe fabricava um novo cofre sobre eles foram vistas soberanas luzes do Céu, com rutilantes resplendores, que os humanos olhos os não podiam bem compreender. Acabado o novo sepulcro para onde se passaram, que é todo de pedra lavrada, levantado em um arco encostado na parede; aí tem gravado o seguinte epitáfio; ainda que em outra parte o vimos escrito, e viciado com alguns erros: *Sepultura da Infanta Dona Leonor Afonso, filha d'El-Rei D. Afonso terceiro deste Reino, que fundou este Convento, e o dotou com largas rendas, e o enobreceu com sua pessoa Real, e virtudes. Foram trasladados os seus ossos na Era de 1634.* Este epitáfio é o mesmo que está gravado neste último sepulcro; porém é sem dúvida, que pelas razões que já temos dito, errou quem nesta forma escreveu; porque ela nunca foi a fundadora, senão seu pai; e também é erro chamar-lhe Infanta, pois nunca se lhe deu este nome, ainda que fosse filha d'El-Rei da sorte que ela era; mas é sem dúvida, que hoje mais lhe realça o nome de Santa, que a devoção do vulgo lhe dá, do que o Régio sangue de que foi gerada. Neste Mosteiro se guarda entre as santas relíquias que nele há, um queixo seu cosido em veludo verde, e as mais são uma porção do Santo Lenho da Cruz em que o ódio judaico crucificou ao Redentor do mundo, um dente de Santa Clara, e uma cabeça das onze mil Virgens, e mais outras muitas que ali se guardam com especial veneração.

Neste mesmo Mosteiro floresceu com grande opinião de virtude, a Madre Helena de Santo António pelos anos de 1580, a qual foi Abadessa nesta santa Casa por seus

exemplares, e virtuosos costumes; e com grandes trabalhos de moléstias, e enfermidades viveu quase em todo o círculo da sua vida, padecendo sempre estas tribulações com grande paciência, purificando-se assim como fino ouro nas vivas chamas do amor de Deus, mostrando-se com singular valor, e conformidade: e ainda que mais aflita estivesse nas doenças, era tão pontual em rezar o Ofício Divino, que nunca deixava de satisfazer a este santo exercício, recebendo nele multiplicados favores do Céu. Não só em uma ocasião foi achada com o Menino JESUS em seus braços, em cuja deliciosa companhia gastava largo tempo em doces colóquios com ele, mas muitas vezes se viu, que com carinhosos rogos lhe pedia pelo aumento da Fé Católica, e o bem da sua Comunidade. Era mui observante da Regra, mui pobre de alfaias, e muito obediente; e o mesmo que era em súbdita, era em Prelada, sendo em todo o tempo um claro espelho em que se reviam as mais exemplares Religiosas daquele Mosteiro; e o que de vida tão santa devemos entender é, que com mais altos, e soberanos obséquios parecia bem nos olhos de seu celestial Esposo, pois lhe deu uma preciosa morte aos setenta anos de sua idade, transferindo-a para as riquezas da Glória, deixando o seu ditoso trânsito aquela santa Casa cheia de invejas, e saudades.

É sem dúvida que muitos erros se escreveram, no que toca à equivocação que teve o Bispo Mantuano com a informação que lhe foi deste Mosteiro para escrever a sua História da Ordem, que com efeito compôs, e imprimiu, por cuja causa se atribuíram as muitas maravilhas, e milagres que Deus obrou pela sua Serva D. Leonor Afonso, a estoutra sua Serva Sor Helena de Santo António, havendo já muita distância de anos de uma a outra, que se passaram mais de duzentos, porque quando foi a primeira trasladação dos ossos da Venerável Dona Leonor Afonso, que se levaram à enfermaria, e por virtude destas relíquias ficaram logo livres, e com saúde todas as enfermas, que ali estavam, uma delas era a dita Madre Helena de Santo António. O motivo que houve, para que tão graves, e reverenciados os Escritores se enganassem dizendo, que esta Helena de Santo António era a fundadora deste Mosteiro, e filha legítima d'El-Rei Dom Afonso terceiro, foi porque primeiro que eles o tinha já escrito o referido Gonzaga Bispo de Mântua, sendo na forma seguinte a causa da sua equivocação. Nas informações, que lhe foram desta Casa, as palavras, que fazem ao nosso caso (entre outras notícias) são estas: *Uma Madre, que se chamava Helena de Santo António, mui perfeita Religiosa. Esta foi uma que estava muito mal, e desconfiada dos Médicos, quando levaram os ossos da senhora Dona Leonor à enfermaria, e se achou bem, segundo todas vimos.* Nestas palavras o dito Bispo, inadvertido aplicou o nome da enferma, à Infante Dona Leonor Afonso, de quem eram os ossos.

Também outra vez se enganou, no que toca a dizer, que era filha legítima do referido Rei D. Afonso, porque ela foi bastarda, havendo-a de uma Senhora nobilíssima desta mesma Vila de Santarém, a qual se chamava Elvira Esteves, cuja pessoa nunca foi casada. O mesmo Rei seu pai o declarou assim, quando no testamento lhe deixou dois legados, dizendo-o por estas palavras: *Mando D. Aleonor, quam habui de Elvira Stephani, hereditatem meam de Mortuá aqua,* que é como dizer: *Deixo a D. Leonor minha filha, que eu tenho de Elvira Esteves, a minha herdade de Mortágua.* E a outra herdade foi a da Azambuja declarando-lhe o sobrenome dizendo: *Concedo D. Aleonor Alffonsi, mea filia, quam ego habeo de Elvira Stephani.* Isto se prova mais para se saber, que em secular, em noviças, e depois de professa sempre o seu nome foi o de Leonor Afonso, e não como certo Autor escreveu, para fazer bom o seu dito, dizendo, que na Profissão mudaria o nome de Leonor Afonso, em o de Helena de Santo António. Porém sempre se manifesta, que é erro, pois sabemos, que com o mesmo sobredito nome se assinou depois de professa,

quando com as outras Freiras pediu em uma súplica certos juízes ao Sumo Pontífice Bonifácio VIII, a qual começa assim: *Nos Abbatissa, & Conventus Monasterii Santarenensis, Aleonor Alffonsi, filia illustrissimi Regis Portugalliae, monialis in Monasterio supradicto.* Pelo que, parece que fica bem provado o nosso intento, pois tudo isto nos consta de papéis autênticos do mesmo Mosteiro; e nunca se chamou Helena de Santo António, senão Dona Leonor Afonso, tendo o apelido patronímico, como então se usava, tomando-o d'El-Rei seu pai, que se chamava Afonso.

Resta-nos agora fazer um preciso reparo, e declararmos, que filha d'El-Rei D. Afonso terceiro foi esta Senhora Dona Leonor Afonso; pois sabemos que teve duas deste mesmo nome, e ambas bastardas. Desta que foi Freira neste Mosteiro, e venerável, já acima fica escrito com boa prova, que foi filha de Elvira Esteves, natural desta Vila, porém para que não haja equivocação de uma para outra, dizemos que uma delas filha do próprio Rei, e do mesmo nome, nunca foi Freira, e foi casada duas vezes: a primeira com D. Estêvão Anes: a segunda com o Conde D. Gonçalo Garcia de Sousa, ficando ultimamente de ambos viúva, e faleceu primeiro que a Freira. Para entendermos bem, que eram duas distintas, a Condessa uma, e a Freira outra, havemos de saber primeiro os tempos em que elas fizeram os seus testamentos, para as dividirmos realmente. A que era já falecida aos vinte, e seis dias do mês de fevereiro, ano de Cristo 1291, era a Condessa, pois consta isto de uma composição, que no dito dia de fevereiro, Fr. Afonso Rodrigues seu tio, fez com D. Garcia Martins, Comendador de Leça da Ordem do Hospital, sobre os bens que ficaram desta dita Condessa, cujas palavras da composição feita na Cidade de Coimbra, são estas que aqui nos servem: *Super omnibus bonis, quae fuerunt D. Aleonorae Comitissae, quondam filiae D. Alffonsi, illustris Regis Portugalliae, & Algarbii.* Logo aqui temos a Condessa Dona Leonor Afonso já morta no ano de 1291: a Freira (pelo que acima fica provado, quando fez o seu testamento) no ano de 1293, ainda estava sendo noviça, e viveu até o de 1302, e sendo isto assim, se a Condessa depois de morta não ressurgiu para ser Freira neste Mosteiro, certo é logo, que foram duas irmãs do mesmo nome, e filhas do mesmo Rei, porém sendo de diferentes mães. E também se deve advertir, que naquele tempo era coisa usual darem-se a alguns irmãos, ou irmãs o mesmo nome, principalmente aos bastardos.

Na História Seráfica estamos lendo, que afirma esta verdade com muitos exemplos, e diz por estas palavras: *Nem esta identidade de nomes se poderá estranhar; porque El-Rei D. Sancho primeiro teve também duas filhas que se chamaram Teresas: uma legítima, mulher d'El-Rei de Leão: outra bastarda, que foi segunda mulher de Afonso Telo de Meneses, povoador de Albuquerque. Dois filhos chamados Pedros, e duas filhas Marias, todos bastardos, El-Rei D. Dinis os reconhecia por seus Irmãos. E a Rainha Dona Isabel, mulher d'El-Rei D. Afonso quinto pela devoção que tinha a S. João Evangelista, tendo chamado João a dois filhos, e Joana a uma filha, dizia, que a vinte que tivesse, lhe daria o mesmo nome.* A História Eclesiástica de Braga, e a História da Princesa Dona Joana, Autores a quem o Padre Esperança alega, também dizem o mesmo.

CAPÍTULO XXIV.

De outras Esposas de Cristo, que neste Mosteiro acabaram a carreira da vida santamente.

Apostado se mostrava este Mosteiro, em multiplicar às Religiosas dele os dessabores, com as mortes das Servas de Deus nele sucedidas, antes, e depois da sua reforma. Que suposto dessem às que ficavam fundamentos para as considerarem no logro das perduráveis felicidades, nesse mesmo passo se não poderiam livrar de uma pena que forçosamente lhes havia de causar a ausência, isto é, a falta que lhes faziam tão doces companhias, com tão virtuosos exemplos, que só bem deve sentir ter nas ausências, quem perde a companhia das virtudes. Foi uma destas a Madre Sor Inês de S. Paulo, a qual foi a primeira Abadessa deste Mosteiro na sua reforma. Professou esta grande Serva do Senhor em Benalcazar da Província dos Anjos em Castela, florescendo aí em contínuos atos de virtude: foi rogada pelos Prelados da Ordem Seráfica, para reformar com o seu exemplo, e novos estatutos a Casa de Santa Clara de Lisboa, onde foi duas vezes Abadessa, e depois obedecendo a mandados superiores, veio para este Mosteiro de Santarém com o mesmo cargo de Abadessa, e Reformadora, trazendo consigo oito Companheiras no ano de 1517, onde governou doze anos, sendo Provincial desta Província, o P. Fr. Francisco de Lisboa.

Era esta perfeita Serva de Deus, tão advertida nas obrigações de Prelada, e com tão santo zelo encaminhava as súbditas para o serviço do Senhor, que nela se via um perfeitíssimo modelo da mais observante Mestra da vida religiosa. E sendo naturalmente de génio brando, nem por isso deixava de ser com veneração respeitada no fervor com que pontualmente fazia guardar o rigor dos novos estatutos, nem por isso a achavam esquiva para ser odiosa, representando em sua pessoa a prudência no exemplar das suas ações, e na doutrina com que dirigia as súbditas o merecerem os favores do Céu. Nesta sua escola foi tão venturosa com as súbditas, e discípulas, e em tão breve tempo pôs a Casa com tanta perfeição na observância da Regra, que dela saíram para quase todas as da Ordem neste Reino Reformadoras muitas Religiosas, pelos merecimentos de suas insignes virtudes. Tinha por vida esta santa Reformadora contínuos jejuns, abstinências e disciplinas: era na oração, e meditação perpétua, em cujos repetidos exercícios arrebatada com o espírito no Céu, tinha familiar trato com Deus. Frequentava muito a miúdo o Sacramento da Confissão, porém era tal a sua humildade, e a veneração que reconhecia ser necessária para chegar a receber aquele soberano mistério da Eucaristia, que persuadida só do seu Confessor chegava a comungar. Foi muito tempo seu Confessor o P. Fr. Nuno de Alverca, pessoa de grande autoridade, e prudência, o qual foi Provincial da mesma Ordem Seráfica, a quem dava conta dos sentimentos de sua alma, abrindo-lhe o coração com os favores do Céu.

Este grande Religioso dizia com afirmativas palavras, depois que esta serva do Senhor acabou a vida, que muito antes da sua morte lhe tinha revelado Deus o dia, e a hora do seu precioso trânsito, o qual foi na Quinta-feira de Endoenças depois do Mandato, e de se acabar a representação daquele altíssimo mistério com que o Redentor do mundo feito servo, lavou os pés aos discípulos. Finalmente, declarada por ela esta sua última hora, juntaram-se todas as Freiras em Comunidade, pediram-lhe a bênção com sentidíssimas lágrimas, lançou-a a todas, e batendo nos peitos pedindo a Deus

misericórdia, levantou os olhos ao Céu, pronunciando estas palavras: *Filhas esta bênção, que eu vos deito, é o amor de JESUS, o qual me está chamando.* E sem dizer mais outra coisa descansou para sempre no prémio da Bem-aventurança, aos vinte de março, ano de 1529.

CAPÍTULO XXV.

De mais algumas Religiosas, que neste Mosteiro floresceram em virtude; e de uma menina chamada a Santa; e dos prodígios de um Menino JESUS, que uma Imagem da Senhora da Conceição tem em seus braços, no coro deste Mosteiro.

Nesta nobre Vila de Santarém, havia antigamente uma nobilíssima Matrona, rica dos bens da fortuna, a qual vivia com ostentação igual à sua pessoa entre a maior nobreza daquele povo. E pela grande devoção que tinha a Santa Clara, lhe prometeu uma filha de três que tinha para ser Religiosa naquele Mosteiro. Porém não lhe quis dar a mais velha, a quem amava muito, senão a mais moça de todas, tendo de idade três anos. Era esta menina de tão perfeita índole, que desmentia com os seus costumes e ações, a sua tenra infância: e com boa doutrina lhe dava uma sua tia Freira, em cujo domínio estava, e a fazia inclinar mais aos atos da santa virtude, retirando-se sempre das meninices, que no florescente tempo de tão poucos anos, a naturalidade do mesmo tempo lhe podia permitir. No coro deste Mosteiro existe colocada em um altar uma perfeitíssima Imagem da Virgem Nossa Senhora com o título da sua Imaculada Conceição: mas antigamente não tinha o Menino JESUS em seus braços, porque a propriedade com que se deve representar a Senhora que tem este título, é só com as mãos levantadas, e juntas. E desejando as Freiras que tivesse o seu bento Filho consigo, apareceu na portaria um homem não conhecido, e perguntou às Madres porteiras, se quereriam ali comprar-lhe um feitio de um Menino JESUS; pegaram nele para o verem bem, e depois quando quiseram falar outra vez com o homem não apareceu, nem o viram mais. Admiraram-se todas as Religiosas do sucesso, e muitos maiores espantos fizeram quando viram, que caindo no chão o mesmo Menino dos braços da Senhora onde o haviam colocado, ficara por muitos tempos com umas nódoas negras em seu corpinho.

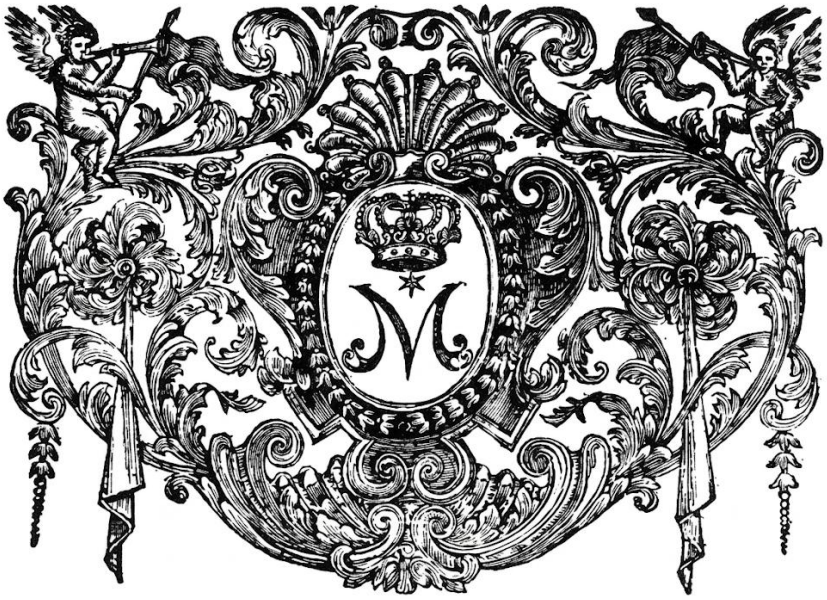
A angélica menina de que vamos falando, tinha com este Menino toda a sua conversação, e com ele estava sempre, rezava-lhe todas as orações que podia aprender, e muitas vezes o convidava com a comida da sua merenda, que a tia a suas horas lhe dava. Continuando assim a singeleza daquela inocência (oh que grande prodígio) disse-lhe um dia a mesma Mãe de Misericórdia, estas palavras: *Filha, quererás tu também merendar em casa deste Menino? pois tantas vezes o convidas?* Respondeu, com a candidez de seu coração, que daqui se pode entender: *Que sim queria, e que disso era mui contente. Pois alegra-te*, lhe tornou a Virgem a dizer, *porque será muito cedo.* Sem mais detença foi a menina dizer logo tudo à tia, e passados três dias deu sua venturosa alma ao Senhor, que a tinha criado para si até à idade de seis anos, no de 1512. Logo se julgou disto toda a verdade pelas antecedências, e sua inocência ser alheia de enganos, confirmando-se suas palavras com o prazo de três dias em que passou para a vida eterna. Maravilha foi esta, que de então por diante sempre lhe ficaram chamando a **Menina Santa**. E as Religiosas guardaram sempre tanto respeito a uma pequena pedra no claustro que encobre os seus ossos na sepultura, com especial devoção se venera, nem Religiosa alguma se atreve passar por cima dela.

Depois de ser publicado por todo aquele povo este notável sucesso, entendeu a mãe da Santa Menina, que ainda não estava desempenhada a promessa que tinha feito a Santa Clara, e deu-lhe logo a outra filha segunda chamada Dona Isabel, a qual também faleceu no Mosteiro em poucos meses. Sobre isto fez a boa mulher várias considerações, e assentou consigo, que queria Deus, que ela lhe desse o mimo de seu amor, que era a sua filha mais velha, a quem as meninas dos seus olhos amavam muito, e nelas a trazia revendo-se com maternal afecto: e cortando a mãe pelas saudades, que lhe havia causar a ausência da companhia de sua amada filha, a levou ao Mosteiro, onde ficou com tão boa aceitação da Majestade Divina, que nele viveu oitenta anos, sendo doze Abadessa, e em todo o tempo foi aclamada com grande fama de virtude, e de notável espírito: era muito humilde com toda a Comunidade, e sobre todas as suas boas virtudes, era em grau superior devotíssima de seu Divino Esposo Sacramentado, pois quando assistia ao altíssimo Sacrifício da Missa, empregava tanto nele os seus cuidados, que parecia pela elevação de seu espírito, não estar ali seu corpo animado, mas só uma estátua sem operação alguma. Chamava-se esta grande Serva do Senhor **Sor Violante da Assunção**. Acabou a vida temporal a oito de novembro, ano de 1580.

No claustro deste Real Mosteiro se conservou muitos tempos uma pedra mais levantada que as outras, e junto a ela entranhada na parede existe outra, a qual tem gravadas as letras deste seguinte epitáfio: *Aqui jaz Sancha Garcia do Casal, domna de Santa Clara, devota de S. Bartholomeu, que passou dia de Santo André, 30 dias de novembro da Era de 1384. Cuja alma viva com Deus.* Notícias certas temos além das que nos dá o Padre Fr. Manuel da Esperança na sua Seráfica História, que na cova desta sobredita sepultura, se enterrou a grande Serva de Deus **Dona Sancha Garcia do Casal**, como se declara nas letras do seu túmulo; a qual Religiosa foi filha de Garcia Martins do Casal. Porém são tão poucas as suas memórias que achamos, e foi tão escassa aquela idade para com ela, e para nós, que apenas vimos a entender que foi Freira de assinaladas virtudes. Mas sempre até hoje dela apregoa a fama maravilhas, dizendo que obrou em sua vida no serviço de Deus notáveis prodígios que a fizeram santa, sendo extremosa a devoção que tinha com o Sagrado Apóstolo S. Bartolomeu. Esta verdade para perdurável lembrança, nos certifica a sobredita pedra, que está entranhada na parede por cima da sua sepultura, na qual se vê representada a figura do mesmo Santo Apóstolo, tendo no dito lugar abertas na pedra cinco flores de Lis, as quais tinha seu pai nas suas armas e juntamente as letras que dizem o tempo do seu ditoso trânsito, que foi nos anos de Cristo, de mil trezentos e quarenta e seis. De muitas mais Religiosas que neste Mosteiro faleceram com opinião de santidade, podíamos aqui fazer memória para louvarmos a Deus nas suas maravilhas: porém por nos ser preciso agora dar o fim a este primeiro livro, fazemos tenção de publicar as suas virtudes em outra parte neste mesmo volume.

FIM

DO PRIMEIRO LIVRO DESTA SEGUNDA PARTE.



HISTÓRIA DE SANTARÉM EDIFICADA

LIVRO SEGUNDO

Das Notícias de suas Antiguidades.

Contém as memórias de muitas coisas que se incluem dentro no Termo, e Comarca desta Vila, dignas de perpétua lembrança, assim no Secular, como no Eclesiástico, e das assinaladas pessoas, que floresceram em todo o género de virtudes heroicas.

CAPÍTULO I.

Do que toca à justiça desta Vila, e dos Ministros que nela há.

Temos finalizado no primeiro livro desta segunda Parte da História de Santarém, as notícias das Igrejas que em si compreende o território desta Vila, assim das Freguesias, como dos Conventos, e Ermidas, e não com pouco trabalho na fadiga das individuais circunstâncias que ficam escritas. Entramos porém agora (para mais vistoso ornato de tão heroicos assuntos) na empresa de dar a ler neste papel o que toca ao Secular na constituição do governo da mesma terra, ao que se seguirão as Vilas, e lugares do seu Termo, e Comarca, com as Igrejas de todas as Freguesias.

É esta antiquíssima, e grandiosa Vila de Santarém da Coroa; teve antigamente Relação, a qual existia por cima da Porta de Manços, que no tempo do Senhor Rei D. João o primeiro, se trasladou para a Corte, e Cidade de Lisboa no ano de 1386. Foi Corte muitos anos dos nossos Reis passados, e lhe deram muitos, e grandes privilégios. Tem voto, e assento em Cortes, no primeiro banco, e várias vezes nela, as celebraram os Reis seguintes, que foram Dom João o primeiro no ano de 1374, e D. Duarte seu filho no de 1433. D. João o segundo sendo Príncipe, e Governador deste Reino, pela ausência de El-Rei D. Afonso quinto seu pai; também ali fez Cortes no ano de 1477. Tem honroso Senado da Câmara, onde assistem três Vereadores, um Procurador do Concelho, dois Mesteres, um Alferes, que tem no mesmo Senado cadeira de espaldas, cujo lugar ocupa, quando nas Procissões leva o Estandarte, é Chanceler que tem o Selo, mas não usa dele por se utilizarem os Ministros, pondo nas sentenças, *valha sem Selo ex causa*, não havendo alguma que tire esta regalia. Tem um Escrivão da Câmara, um Tesoureiro, um Síndico, dois Almotacés com seus Escrivães, um da repartição do Bairro de Marvila, outro da Ribeira. Um Agente, um Pajem, e um Porteiro das chaves: Casa de Vinte e quatro, com Juiz do Povo, e Escrivão, e um Almotacé da limpeza.

Livro II. Capítulo I.

Na Praça desta Vila existem as casas do Senado da Câmara, com uma vistosa galaria de janelas de sacada com grades de ferro, no último andar de cima, para onde se sobe da grande sala em que o Juiz de Fora faz a sua audiência, tem três formosas casas, cuja saída faz uma bem lançada escada de pedraria lavrada; a primeira é a sala onde estão os porteiros, e pajens, na segunda está a mesa dos Senadores, e aí tem uma bem armada Capela de Nossa Senhora, onde se diz Missa todos os dias em que há despacho, e logo mais para dentro está uma grande casa, na qual existe o Cartório, ou Arquivo onde se depositam todas as coisas pertencentes a esta Vila, assim as antigas, como as modernas. Por baixo logo destas casas da Câmara ficam as dos Contos, em que tem tribunal o Provedor das Lezírias, com a mesma grandeza, e janelas que as de cima, e por baixo destas dos Contos, ficam as cadeias dos presos, que são duas dos homens, e uma das mulheres, todas com muita fortaleza de grades, e bem fechadas, com um Carcereiro, o qual se obriga a dar conta de todas as pessoas prisioneiras que se lhe entregam. Contíguas a estas cadeias estão os açougues, onde se vende carne e peixe, e no meio da escada em que se sobe da praça para o dito Senado fica uma casa com sua janela de grades sacada, que é onde os Almotacés em certos dias fazem as suas audiências: e defronte na mesma praça está o Aljube, onde se metem os presos, que pertencem ao Eclesiástico, tendo por cima o Vigário Geral o seu tribunal em que faz audiência.

Tem esta Vila um Desembargador Juiz do Tombo das terras da Coroa, e um Procurador da mesma Coroa Real, que ambos são Ministros de beca, com seu Escrivão. Tem Provedor da Comarca com um Escrivão, e Meirinho, Contador, e Inquiridor, e além das Vilas desta Comarca entra em correição na Vila de Torres Novas, e seu Termo, que é do Duque de Aveiro. E além do Tejo na Vila de Muge, que é do Duque do Cadaval, e na Vila de Coruche. Tem Juiz de Fora com alçada, e dez Escrivães do cível, e crime, um Distribuidor, cinco Inquiridores, dois Alcaides, que nomeia o Alcaide-Mor desta Vila, e os confirma o Senado da Câmara, dois Escrivães das Armas, um das Execuções, com seu ajudante, cinco Tabeliães, dois Escrivães das sisas, um da repartição de Marvila, outro da Ribeira, um Escrivão do Real de água, e um fiel das Apelações. Tem Juiz de Fora, dos Órfãos com alçada, o qual tem quatro escrivães do juízo, dois repartidores, dois avaliadores do Concelho, um Curador Geral dos Órfãos, um Inquiridor, e Distribuidor.

Há nesta terra um Provedor das Lezírias, o qual tem jurisdição desde a Vila de Abrantes até à Vila de Cascais, com dois escrivães um das Lezírias, outro das Jugadas, um Procurador da fazenda, e um Meirinho geral das Valas. Tem quatro Almoxarifes, um das Jugadas com seu Escrivão, de Porteiro, cujo Almoxarifado se divide em cinco ramos, e cada um destes tem seu Escrivão, Carreteiro, e Medidor, e um destes ramos por ser maior que os mais, tem dois escrivães. O Almoxarife tem um Medidor geral de todos os celeiros para pagamento das tenças, e ordinárias que deste Almoxarifado se pagam.

Almoxarife do Paul da Aceca com seu Escrivão, Carreteiro, Medidor e Meirinho.

Almoxarife das Barrocas da Rainha com seu Escrivão, e Meirinho.

Almoxarife das Sisas com seu Escrivão, e dois Tesoureiros.

Um Almotacé da Portagem, que é da Casa do Infantado com três escrivães, um nesta Vila, outro em Porto de Muge, e na Vila da Golegã outro.

Um Almoxarife dos Quintos, Reguengo da Tojosa, e Jugadas de Casevel com dois escrivães, de que é Donatário o Conde de Tarouca.

Provedor, e Guarda-mor da saúde, com seu Escrivão, e Meirinho.

Juiz das Imposições, e Aposentadorias com dois Escrivães, e um Porteiro.

É desta Vila de Santarém Alcaide-Mor o Conde de Assumar, onde tem seu Mordomo; e quando o dito Alcaide-mor assiste nesta Vila é Capitão-mor dela.

Tem Sargento-mor da Comarca com um Ajudante, e manda trinta e duas Companhias, sete dentro nesta Vila, e vinte e cinco pela Comarca.

Tem Mestre de Campo dos Auxiliares, com seu Sargento-mor, e Ajudante, cujo domínio tem dez Companhias.

Há nesta Vila Mamposteiro-mor dos Cativos, com Escrivão, e Procurador.

Há também Juiz das Coutadas, Matas e Montarias da repartição desta Vila, com seu Escrivão, e Meirinho.

Monteiro-mor com vinte e quatro Monteiros da guarda, e repartição do Sul, e seis Monteiros da guarda das Matas da banda do Norte. Dois Superintendentes das Coudelarias, um da repartição da Serra, outro do Campo, e cada um deles com seu Escrivão.

É esta Vila Cabeça de Comarca, tem um Corregedor com alçada, dois Escrivães do juízo, um Meirinho, Distribuidor, Contador, Inquiridor, e um Fiel das Apelações.

Tem esta terra um Vigário-Geral com jurisdição, tanto no temporal, como no espiritual, Juiz dos Resíduos, e Casamentos, tem Chanceler, e Promotor, um Escrivão da Câmara, quatro Escrivães do Juízo, Inquiridor, Distribuidor, Contador, um Meirinho geral, Escrivão dos depósitos, e causas matrimoniais, Tesoureiro dos depósitos, Chancelaria e Solicitador.

CAPÍTULO II.

Dos Lugares que existem no Termo desta Vila de Santarém.

Lugar de Tanquinhos. O Lugar da Azinhaga tem duzentos e oitenta e três vizinhos, a sua Igreja Paroquial tem um Vigário apresentado pelo Cabido da Sé Oriental de Lisboa. Tem uma Casa da Misericórdia, um Hospital. Tem cinco Ermidas anexas à Matriz, que são, o Espírito Santo, S. José, S. João, S. Sebastião, e Santa Catarina.

O Lugar do Pombal, tem cento e quarenta e oito vizinhos. A sua Igreja tem o título de Santa Cruz e é Curado que apresentam os Fregueses.

O Lugar de Vale de Figueira tem cento e quinze vizinhos, a sua Igreja é Orago dela S. Domingos, é Curado que apresenta o Prior de S. Vicente de Fora; e no seu distrito tem um Convento de Frades Arrábidos, do qual teve princípio a sua primeira fundação no ano de 1556, sendo Custódio da Província da Arrábida, o Venerável Fr. João de Águila. Foi o fundador deste Convento D. Manuel de Portugal, que naquele sítio tinha uma quinta. Era este fidalgo filho segundo do primeiro Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, e da Condessa Dona Joana sua mulher: casou com Dona Maria de Vilhena filha de D. Henrique de Menezes, Governador de Lisboa, e Regedor da Casa do Cível, de quem teve larga, e amplíssima geração. Edificado o Convento, que era logo no seu princípio coisa limitada; poucos Frades habitavam nele, não só por terem poucos cómodos, mas por experimentarem não ser o sítio salutífero; multiplicavam os Religiosos os clamores; porque se lhes fazia a habitação violenta, pois além dos achaques, que ali recebiam, sentiam com mais pena faltarem por esta causa aos louvores de Deus no coro.

Morreu neste tempo o primeiro fundador D. Manuel de Portugal, sucedeu-lhe no morgado seu filho primogénito D. Henrique de Portugal, que casou com D. Ana de Ataíde, filha de D. António de Ataíde, e de sua mulher Dona Ana de Távora, segundos Condes da Castanheira. Eram estes Senhores amantíssimos desta Religião da Arrábida, e sentiam muito as enfermidades, que aqueles observantíssimos Religiosos ali padeciam; e desejosos de as remediar, com grande devoção, fundaram de novo outro Convento, que é o que hoje existe, em sítio mais alto, ficando mais salutífero, distante do outro duzentos passos, com pouca diferença, ficando junto, e contíguo às nobres casas da quinta destes ilustres Padroeiros. O Cronista da mesma Província o R. P. M. Fr. António da Piedade nos afirma no seu Espelho de Penitentes, liv. 2. cap. 10, que se lançou a primeira pedra na Igreja deste segundo Convento, aos vinte e seis dias do mês de outubro de 1623, em quinta-feira, dia de Santo Evaristo Papa, e Mártir. A vinte e sete do mês de março de 1627, se celebrou ali a primeira Missa, sendo Provincial o P. Fr. Diogo da Piedade, e no seguinte mês de maio se trasladou a Comunidade dos seus Religiosos do Convento velho para este novo, e nele tem seu jazigo os ditos Padroeiros, que nele jazem enterrados na Capela maior.

O Lugar de Alcanhões tem cento e setenta vizinhos, é Curado que apresenta o Prior de S. Mateus desta Vila de Santarém.

O Lugar da Póvoa dos Galegos, tem setenta vizinhos, é Curado que apresenta o Vigário do Salvador desta Vila.

O Lugar de S. Vicente do Paul, tem quatrocentos e cinquenta vizinhos, é Priorado que provê a Mitra da Sé Oriental, e se leva por concurso, e tem anexas as Aldeias seguintes: A Tojola, a Corredoura, os Carpinteiros, os Martinhais, o Reguengo de Alviela, e o Arrecaio.

O Lugar de Vaqueiros, tem cento e dois vizinhos, é Curado, que o apresentam os Fregueses.

O Lugar de Casével, tem cento e cinquenta vizinhos, a sua Igreja tem o título de Santa Maria, é Vigairaria, e Comenda da Ordem de Cristo.

O Lugar da Ribeira de Pernes, tem oitenta e quatro vizinhos, a sua Igreja tem o título de Santa Maria da Ribeira, é Curado que apresentam os Fregueses.

Este Lugar de Pernes, dista três léguas de Santarém para a parte do Norte. A sua situação é empinada na descida de um monte, é sítio fresco, porque fica entre dois rios, um deles, que é o maior, e o mais arrebatado, se chama o Alviela, em o qual se fazem muitas pescarias, sendo os peixes tão saborosos, e sadios, que muitas vezes se dão aos doentes, e com especialidade as Bogas, e os Barbos, os quais alguns são da grandeza de mais de três palmos de comprido. O seu curso não é muito dilatado, e perde o nome na entrada que faz no Tejo, e só se conhece Rio na distância de três léguas e meia. O seu nascimento parece que tem mistério pela soberba com que sai de uns grandes olhos de água, tendo ali um sorvedouro que engole tudo o que lhe lançam, e o desfaz em pedaços em uns grandes penedos. É o outro Rio pequeno, e por ser tão pobre de cabedal, não tem nome, ficando no Verão muitas vezes quase seco; mas quando as enchentes do Inverno lhe acodem, corre com demasiada soberba. É tão fértil a Ribeira deste Lugar, que pela frescura das suas águas admite ter muitas hortas, pomares, e viçosos arvoredos, com muitos engenhos de moinhos, e lagares, pelas muitas levadas de água, que dos rios se lhe encaminham para semelhantes ministérios: e uma que corre para um moinho que está junto à ponte, dizem, que por virtude de um Santo Bispo, sara todas as chagas, lavando-se com ela.

Este lugar sempre foi celebrado por um dos notáveis deste Reino. Foi povoação do tempo dos Mouros, conforme o dizem algumas das nossas Histórias. A Igreja Paroquial desta povoação, é Orago dela Nossa Senhora da Purificação, com um Vigário, que apresenta o Cabido da Sé Oriental de Lisboa: tem Coadjutor, dois Beneficiados, e um Tesoureiro. Tem Casa da Misericórdia com sua Irmandade; um Hospital, que se governa por outra Irmandade com renda para serem socorridos os pobres passageiros; e uma Ermida de Santo António. A este lugar pertencem as Aldeias seguintes: o Outeiro: a Chã de cima, com uma Ermida: a Chã de Baixo, a qual tem um poço, que chamam do Rendeiro, cuja água tem tanta virtude, que todas as pessoas, ou animais que tiverem sanguessugas, bebendo dela, logo lhe caem fora: a Póvoa das Mós, com uma Ermida de S. Bento, e outra de S. Miguel, situada em um vale, a qual tem Confraria, e um Ermitão. A Aldeia da Mouta tem outra, que é de Nossa Senhora da Conceição. Tem o Lugar do Malhó, que está situado ao pé da Serra de Santa Marta. O Lugar do Arneiro das Milhariças: a Freguesia de S. Lourenço, Curado que apresenta o dito Vigário de Pernes, a quem pagam os fregueses; tem uma Ermida de S. Leonardo, que fica entre uns pinhais.

A Igreja do Espírito Santo, Curado a quem pagam, e apresentam os fregueses. O Lugar dos Ameais de baixo tem uma Ermida de S. Gens. A Louriceira, com uma Igreja, que é o seu título Nossa Senhora da Conceição, é Curado, que apresentam, e lhe pagam os fregueses, com uma Ermida de S. Vicente; e há também outra Ermida de Nossa Senhora da Purificação, que está situada na quinta dos olhos de água; e tem este Lugar de Pernes duzentos vizinhos, vivendo nele algumas pessoas de conhecida nobreza.

O Lugar de Achete tem duzentos e vinte e um vizinhos, é a sua Igreja Vigairaria do Cabido da Sé Oriental, que se leva por concurso, e tem anexas as seguintes Aldeias: a Fonte da Pedra, as Comeiras, o Verdelho, a Dovagar, e a de D. Fernando.

O Lugar de Tremez tem duzentos e trinta e duas vizinhos, e é Priorado de concurso da Mitra Oriental.

O Lugar, ou Aldeia dos Santos.

O Lugar da Azoia de cima tem oitenta vizinhos, e o Pároco da sua Freguesia é Vigário.

Azoia de baixo tem sessenta vizinhos, a sua Freguesia tem por Pároco um Cura apresentado pelo Vigário do Salvador desta Vila de Santarém.

O Lugar da Romeira tem setenta e um vizinhos, o título da Igreja da sua Freguesia, é S. Brás, e é Curado.

O Lugar das Abitureiras é pequeno, porém no distrito da sua Freguesia tem trezentos e noventa fregueses: o Pároco da sua Igreja é Vigário que apresenta um Cónego da Sé Oriental de Lisboa, o qual é Prior da Igreja Paroquial de Mafra. Cuja Igreja das Abitureiras tem anexas as Aldeias seguintes: Vila nova de Babeca, Mançarrias, Póvoa do Baixinho, Vidigan, Soydos, Lamarosa, Joaninho, Albergaria, Póvoa do Conde, Póvoa de Três, e o Porto da Oliveira.

O Lugar de Rio maior, tem duzentos e oitenta vizinhos, o Pároco da sua Igreja é Prior, que apresenta a Mesa da Consciência, e tem anexas as Aldeias seguintes: A Ribeira, a Serra, Trás da Serra, e as Marinhas.

O Lugar de S. João da Ribeira, tem trezentos vizinhos com suas Aldeias anexas, que são, a Marmeleira, Malaqueijo, Arrouquelas e Ascentiz. A Igreja desta Freguesia, é anexa ao Convento de S. Bento de Xabregas, que apresenta o Geral dos Cónegos de S. João Evangelista.

O Lugar de Almoster, tem trezentos e trinta vizinhos com as Aldeias seguintes: A Freiria, Atalaia, Alfoveres de Mel, Póvoa, Isenta, Pimenteira, Almedilim, Mata-quatro, Casal do Paul, Louriceira, Vila nova do Couto, que tem uma Ermida de Santa Vitória, Outeiro, Alforsomel, Valdegago, Albergaria com uma Ermida de Santa Catarina, Bom Palreiro, Chuchem, e outra Ermida de Santa Catarina, Casais da Charneca, Bairro Falcão, com uma Ermida de Santo Amaro. Todas estas Aldeias têm muitas fontes de salutíferas águas, e na Igreja Paroquial junto à Capela-mor há uma fonte, e mais afastadas duas, que são excelentes. Esta Igreja Matriz tem o título de Santa Maria, é Vigairaria que apresenta

a Abadessa do famoso Mosteiro de Religiosas Bernardas, que existe neste Lugar de Almoster, o qual fica distante duas léguas de Santarém para a parte do Poente.

CAPÍTULO III.

Em que se faz memória da fundação do Real Mosteiro de Almoster, e de tudo o que lhe pertence.

Em uma baixa que faz uma campina rasa se vê situado o Real Mosteiro das Religiosas Bernardas de Almoster, o qual fundou uma Ilustre Senhora *chamada Dona Berengária Ayres*, que tendo seus pais ali uma quinta, nela se recolheu, e mais outras Senhoras Ilustres, vestindo o hábito, seguindo as santas Constituições de Cister. E finalmente neste princípio do Mosteiro foram fazendo perfeita vida Religiosa com outras mais que se lhe foram seguindo até que no ano de 1299, em o mês de abril alcançaram, e receberam licença do Papa Nicolau quarto. Fundou-se o dito Convento com grandiosas esmolas, que a Rainha Santa Isabel (de quem foi Dama do seu Palácio a dita fundadora) lhe deu; a qual fundadora, por se achar com a mesma Santa Rainha, na ocasião em que a Divina Omnipotência quis, que em Santarém se abrissem as águas do Tejo, para esta Santa ver com seus olhos o prodigioso sepulcro de Santa Iria; foi esta a causa porque Dona Berengária se resolveu a deixar o mundo nas pompas do Palácio, e seguir a santa vida que tomou por sua própria vontade. E consta do Cartório do mesmo Mosteiro, que no seguinte ano da licença Pontifícia de 1300, o Bispo D. Vasco lhe passou o Breve de suas Indulgências.

Aos dezanove dias do mês de setembro, que era o dia de Santa Germânia, e de outros Santos Mártires, se sagrou a Igreja deste Real Mosteiro, em que se soleniza a tua festa, a cuja sagração assistiu a Rainha Santa Isabel, e a dita fundadora D. Berengária, e S. Domingos Martins, Dom Abade, que era de Alcobaça, o qual em seus fundamentos lançou a primeira pedra, e o sobredito D. Vasco Bispo de Lamego, que nessa ocasião concedeu grandes Indulgências a todos os fiéis que neste dia visitassem aquela sagrada Igreja.

Do Cartório deste Mosteiro consta, que a Rainha Santa Isabel o mandou acabar, fazendo logo nele uma grande Enfermaria, com uma famosa Capela, que ainda existe, e naquele tempo era dedicada a Nossa Senhora; porém com a repetição de muitos anos se foi arruinando, e uma devotíssima Religiosa a reedificou, mandando-lhe fazer uma perfeita tribuna, onde hoje está de morada com muita decência a Sacrossanta Imagem do Senhor dos Passos; e toda a Capela se vê pintada com os passos da sua sacratíssima Paixão, com lâmpada de prata. A esta Enfermaria deixou a dita Santa Rainha rendas bastantes, para se curarem as Religiosas, que ali estivessem enfermas; e além das riquezas que deixou a este Mosteiro, seu marido El-Rei Dom Dinis o dotou de tantas rendas, e privilégios Reais, que bem parece ser coisa sua. No primeiro de maio, ano de 1336, em Santarém lhe fez uma escritura, ou carta de doação, em a qual mandou com seu Régio poder, que fosse Couto todo o distrito daquele Lugar, e contorno, que é em dilatada campina, e os lavradores que naquelas terras lavrassem, estivessem livres de todo o tributo, logrando grandes privilégios. Isto tudo o confirmou também El-Rei D. João o primeiro, cuja escritura se acha escrita em pergaminho no Cartório do mesmo Mosteiro, no livro undécimo dos encadernados em vermelho, a folhas cinquenta e uma.

Deste Couto são as Abadessas deste Mosteiro senhoras Donatárias, e Comendadoras: apresentam a Igreja Matriz daquele Lugar, que é Santa Maria de

Almoster, tendo por sua conta a Capela-mor dela. Cobram as ditas Abadessas os quartos de toda a novidade deste Couto, além dos dízimos em todo ele, e não se pode ali vender coisa alguma sem sua licença, e dada esta, pagam-lhe o laudémio: nem se pode fazer alguma casa sem lhe pagarem uma galinha de foro. Fazem as Abadessas Juízes deste Couto, com seu Procurador, e apresentam seu Alcaide: e quando a este Couto iam os Ministros de Santarém fazer algumas diligências do serviço d'El-Rei, primeiro pediam licença para as fazerem as Abadessas; porém parece-me que já hoje isto não é como era antigamente. Finalmente muitos mais privilégios Reais se acham neste dito Cartório, os quais lhe confirmou também El-Rei D. João o quarto, e mais ampliados, como também ali se acha uma carta da Rainha Santa Isabel em que diz toma debaixo de sua proteção, e amparo este Mosteiro em tudo o que lhe pertence, para o defender.

É este Mosteiro obra Real, e para que em todo o tempo assim nos constasse, se fixaram logo no seu princípio as armas dos nossos Reis sobre a porta da Igreja, onde sempre existem. Esta Casa de Deus, é pouco menos de mediana grandeza; tem quatro altares com o da Capela-mor, a qual se fecha com grades de bastante altura; nela se vê uma bem feita tribuna, e no seu altar estão colocadas as Imagens dos dois Santos Patriarcas, S. Bento, e S. Bernardo; S. Bento está da parte do Evangelho, e S. Bernardo da parte da Epístola. Nesta Capela-mor permanecem três lâmpadas de prata bem obradas, e a do meio acomoda dentro em si cinco luzes. O altar colateral, que fica à mão direita, ao sair da Capela-mor, é dedicado a S. João Evangelista, de quem as fundadoras eram muito devotas. O da parte esquerda, é dedicado a Nossa Senhora com o título do Rosário, a qual Senhora tem sua Irmandade, e sepulturas especiais para se enterrarem os Irmãos. Defronte da porta da Igreja tem outro altar, que é dedicado a S. João Baptista. Debaixo dele se acha o túmulo em que está sepultada a muito devota, e Ilustríssima Senhora Dona Berengária, e uma sua irmã, que são as fundadoras, e também uma menina sua sobrinha. Este túmulo estava antigamente na Capela-mor, e quando se fez nela a tribuna, que haverá pouco menos de sessenta anos, se trasladou o túmulo para o dito altar. Deram-me notícia as Religiosas deste Mosteiro, que diziam as outras mais antigas (e ainda hoje existe uma daquele tempo) que nesta trasladação se viram estes corpos, os quais estavam inteiros todos três, e a menina com as suas sapatinhas calçadas, sem haver ali coisa alguma que tivesse corrupção.

O Coro a que as Religiosas chamam a Igreja de dentro, é grande, e de duas naves além da do corpo: por estas naves se vão seguindo perfeitos, e bem ornados altares, dedicados a diferentes Imagens. Da nave que fica à mão direita, quando se vai para a grade da Igreja, fica logo o altar, que é dedicado a Nossa Senhora do Pilar, o outro que logo se lhe segue, é de *JESUS, MARIA, JOSÉ*: a este se segue o da Senhora da Encarnação; e logo o outro é o da Senhora com o título do Rosário: a este altar se segue o da Senhora do Carmo, e logo mais adiante se lhe segue o de Nossa Senhora com o título da sua puríssima Conceição, que ainda não está de todo acabado; este tem uma grande, e perfeitíssima Imagem da mesma Imaculada Senhora de estofo, colocada ali pela devoção de uma Religiosa, que também lhe mandou fazer uma perfeita lâmpada de prata: segue-se outro altar, o qual está no fim da parede junto à porta da sacristia de dentro, e fica no princípio, ou cabeceira do coro: é dedicado aos Santos Patriarcas, S. Bento, e S. Bernardo, cujas Imagens, umas devotas Religiosas mandaram agora fazer de novo e místico com ela está um altar da Senhora Santa Ana, e seu Sagrado Esposo S. Joaquim. No meio desta parede da nave fica uma tribuna em a qual assistem com as suas devoções algumas Religiosas de dia, e de noite ao Santíssimo *SACRAMENTO*, e no fim desta tribuna, em

correspondência do altar da Senhora Santa Ana está outro do Bem-aventurado Mártir S. Lourenço, porém não tem ainda a última perfeição em seu ornato.

Na nave que fica da parte do Evangelho, se segue logo um altar dedicado a Nossa Senhora dos Anjos, reedificado agora por uma devota Religiosa deste Mosteiro; a este altar se segue outro de Santo António; outro que se segue a este, é o do Precursor de Cristo S. João Baptista: e logo o outro mais adiante, é dedicado ao Mistério do Jordão, com as Imagens bem feitas, e admiravelmente bem estofadas. Na parede da grade, que divide o coro da Igreja, está outro altar, que é dedicado a Cristo Senhor Nosso, com o título do Bom *JESUS*, Imagem devotíssima, e de grande estatura. Da outra parte da dita grade na mesma parede se vê um altar de Nossa Senhora da Graça, cuja Imagem é perfeitíssima de escultura estofada, mandada fazer agora de novo pela devoção de algumas Religiosas, que trabalham com grande cuidado por se empregarem na perfeição do culto Divino. Nesta mesma parede também está outro altar pequeno, em que se representa estar S. João Baptista preso no cárcere de Herodes.

No meio deste coro, existem oitenta cadeiras em que as Religiosas com sonoras vozes entoam as horas Canónicas do Ofício Divino; e no cruzeiro que se forma, e medeia entre o mesmo coro, e a grade da Igreja, descendo-se uns poucos de degraus, está um altar do amado Evangelista, encostado a uma coluna, o qual de ambos os lados, tem preciosas relíquias. Defronte deste altar, está outro em correspondência, que é dedicado a Nossa Senhora com o título da sua admirável Assunção; e todo este coro está guarnecido de admiráveis pinturas, que todas representam os passos do Apocalipse; sendo todos estes painéis muito antigos, que ali existem do tempo em que se fez o mesmo coro; e todos os altares que nele estão têm suas lâmpadas. Tem este Mosteiro um grande, e formoso claustro, e no meio dele uma fonte curiosamente bem obrada, com dois canos de bronze, que por eles se está vendo lançarem perenemente o líquido cristal de suas aceleradas correntes, cuja água se despenha em um bem feito tanque, que dele toma seus caminhos com ligeiros passos fazendo-se útil a várias oficinas do Mosteiro. É esta fonte no seu artefacto, fabricada de admiráveis pedras brancas, pretas, e vermelhas, tendo no seu remate uma Cruz. Para o pavimento dela se desce por duas escadas de pedra bem espaçosas, indo cada uma por seu lado. Este pavimento fica fazendo um pátio bem lajeado, o qual tem junto à fonte, de uma parte a Samaritana, e da outra a Imagem de Cristo Senhor Nosso, representando estas duas figuras (que ambas são de jaspe) o passo do poço de Sicar. Da parte da Samaritana está uma Ermida pequena da Senhora do Rosário, mas no seu tanto obrada com perfeição; e no meio do mesmo claustro se vê outra, dedicada à mesma Rainha dos Anjos, com o título do Carmo. Esta Ermida tem fora da porta uma linda entrada com seus assentos, e alegretes de flores, que a faz muito alegre, e vistosa. Ali também se conserva outra Ermida de Nossa Senhora da Piedade, com seu sagrado Filho morto em os braços, cujas Imagens excitam uma íntima devoção: e debaixo do seu altar em uma lapa se vê também em vulto o Príncipe dos Apóstolos S. Pedro chorando amargamente a culpa das suas negações. Na mesma forma se vê mais, debaixo do altar da Senhora do Carmo, a figura da Bem-aventurada Santa Maria Madalena, que ainda que ali muda, é tal a perfeição da arte, que a quem a vê está intimando, pela recordada contrição de suas ardentes lágrimas, os dolorosos lamentos de seus antigos pecados.

Tem este Mosteiro quatro dormitórios, os quais são ainda os mesmos da fundação desta Casa: todos estão retirados da comunicação do século; porque os que têm janelas para o pinhal, fica-lhe distante a uma larga vista. Tem um formoso, e bem proporcionado

refeitório, e todas as mais oficinas em boa ordem separadas, uma espaçosa casa de Capítulo, em a qual se vê uma perfeita Capela onde está uma soberana Imagem do Redentor do mundo atado à coluna, sendo do tamanho do natural. Com vagarosos passos, e saudosa corrente, cruza por dentro a clausura deste Real Mosteiro, um largo rio, o qual de Verão, e de Inverno, não excede, nem diminui o seu natural limite, com que alegre passeia na frondosa pompa deste paraíso clausurado; além de outros rios pequenos, que em diversas hortas e pomares, dão alentos às verduras de suas animadas plantas, que todos ficam, e correm no encerramento de uma grande cerca, em a qual existem fontes de seletíssimas águas.

CAPÍTULO IV.

Em que se declaram algumas preciosas relíquias, que há neste Mosteiro de Almoster: e se faz lembrança de algumas Religiosas, que nele floresceram em virtudes e ilustres em os seus nascimentos.

As relíquias mais notáveis, e dignas de se fazer delas memória, que há neste Convento, são estas. Na haste de uma Cruz está encaixilhada em um finíssimo cristal, uma grande porção da preciosíssima Cruz em que padeceu o Salvador do mundo: e ali mesmo se estão vendo outras relíquias de vários Santos. Um dente do glorioso Padre S. Bernardo, que persevera metido em uma âmula de cristal. Uma cabeça em osso, mas inteira, de uma das onze mil Virgens, com alguns dentes, a qual se guarda fechada em um cofre de prata. Outra relíquia do Bem-aventurado S. Brás, metida em outra âmula de cristal; e outras muitas mais que estão postas em um perfeito relicário. Todas estas preciosas relíquias se veem colocadas no altar de S. Lourenço, que está no coro, postas em dois nichos, e por mais veneração estão resguardadas com suas vidraças.

Das Religiosas que neste Mosteiro acabaram seus bem empregados anos com ações triunfantes, nas gloriosas virtudes em que floresceram, daremos aqui uma breve notícia, pois são muito poucos, e muito curtos os elogios, que de suas vidas achamos escritos: mas remetendo o nosso especial desejo às pedras mudas, que as suas línguas só falam pelas bocas dos seus caracteres, copiaremos neste papel os originais, e epitáfios de algumas sepulturas em que descansam os ossos, e esperam a ressurreição do final juízo. Advertindo, que as Religiosas, que neste Mosteiro foram Preladas, jazem sepultadas na casa do Capítulo, e as mais que o não foram, têm os seus jazigos nos lanços dos claustros; e seja a primeira entre as Abadessas, a grande serva de Deus, a Senhora Dona Branca de Vilhena, em cuja sepultura se lê a seguinte inscrição:

> *Sepultura da grande Religiosa D. Branca de Vilhena. Foi Regedora, e Abadessa deste Mosteiro, e faleceu a 8. de junho na Era de 1636.*

Foi esta Senhora de Ilustríssima geração, e mais que o ilustre de seus Progenitores soube ela exaltar-se à maior gravidade de sua singular virtude, pois era de vida tão santa, que mereceu a Deus o altíssimo favor de receber o Santíssimo *SACRAMENTO* pelas mãos dos Anjos; porque um terrível mal, que lhe deu na garganta, lhe impedia o comungar. E vendo-se com esta tão grande desconsolação, teve tanta dita, que em uma madrugada, estando com ela uma Religiosa de conhecida virtude, chamada *Dona Catarina de Carvalhosa*: ouviu uma suavíssima música, vendo juntamente na cela uma grande claridade, e sentiu um suavíssimo cheiro, o qual durou por todo aquele dia. Disse a Religiosa enferma à que lhe assistia mostrando-lhe o rosto excessivamente alegre, que o Senhor permitira, que ela o recebesse, porque grande número de pessoas claras, e resplandecentes lhes levara o Santíssimo *SACRAMENTO*. Isto depôs logo a Freira que lhe assistia, ao que se deu crédito, porque era pessoa também de conhecida virtude, pois sempre esta anda de companhia com a verdade, e pelos efeitos que se viram na vida da enferma, e em sua ditosa morte. Deste notável sucesso não temos mais certeza, que a sucessiva tradição entre as Religiosas deste Mosteiro até hoje que isto escrevemos.

Seguem-se as inscrições das sepulturas de todas as mais Abadessas, que foram sepultadas na mesma casa do Capítulo.

Sepultura de Dona Brites de Meneses, filha de Dom Henrique de Noronha, neta de Dom Pedro primeiro Marquês de Vila Real. Foi Abadessa desta Casa vinte e quatro anos: faleceu aos vinte e sete dias de novembro de 1678.

Sepultura de D. Inês de Noronha, filha do Duque de Vila Real foi Abadessa desta Casa três vezes, e a primeira trienal. Faleceu a dezasseis de setembro de 1636.

Aqui jaz D. Lourença de Meneses, Abadessa que foi deste Convento: última das perpétuas desta Ordem neste Reino governou esta Casa trinta e três anos, filha de Dom Julianes da Costa do Conselho de Estado d'El-Rei Dom Sebastião, e Vedor da sua fazenda. Faleceu a nove de outubro de 1610.

Sepultura de Dona Brites de Mendonça irmã do Conde de Vale de Reis, foi Abadessa neste Mosteiro. Faleceu em vinte e dois de fevereiro de 1639.

Tem esta sepultura as suas armas, que são cinco flores de Lis, umas costas, umas grelhas, e escritas estas palavras: *Ave Maria*.

Sepultura de D. Joana de Távora, e Meneses, foi Abadessa cinco triénios, em os quais fez neste Convento muitas obras dignas de memória, com as quais imitou sua tia Dona Helena de Noronha. Faleceu aos trinta de janeiro na Era de 1698.

Esta Religiosa era das ilustres famílias dos Senhores Condes de Unhão, e Soure; teve neste Mosteiro uma irmã, três tias, duas primas, e uma sobrinha, e quase todas as nomeadas tiveram parentas nesta Casa, e foram sepultadas em os mesmos túmulos.

Sepultura de D. Helena de Noronha, filha, e Irmã do Conde de Soure: foi Abadessa deste Mosteiro dois triénios, e Religiosa de vida exemplar.

Sepultura de D. Clara da Silva, que foi Abadessa desta Casa.

Era esta exemplaríssima Religiosa de ilustre família, e observantíssima na santa Regra da sua Ordem, as Religiosas do seu tempo a fizeram Prelada com grande repugnância sua, e porque observava à risca o voto da pobreza, de seu possuía muito pouco; causa porque algumas vezes lhe faltava dinheiro para comprar o que era necessário para a Comunidade, e como em algumas ocasiões experimentava estas faltas, logo recorria a S. João Baptista, de quem era muito devota, ia buscar a sua Imagem a uma sua Capela, que fica debaixo de uma escada, e dizia-lhe: *Meu Santo, bem sabeis vós, que estou sem ter com que faça a féria às Religiosas, ou com que lhe compre o que lhe devo dar neste dia; rogai a Deus, pois que todas o servimos me dê com que possa satisfazer estas obrigações*. E logo se via, que miraculosamente de partes de onde se não imaginava, lhe vinha tudo de quanto estava falta, para complemento do que lhe era necessário. Sucedeu-lhe a esta Religiosa, que saindo da sua cela em uma madrugada dia do Nascimento deste Santo Baptista, a passear em uma varanda, contemplando no mistério do mesmo Precursor de Cristo: viu em uma horta, que ali ficava perto, ao dito Santo em figura de menino de pouco tempo nascido, com a sua bandeira, e junto dele o seu cordeirinho. Assim o depôs esta Serva do Senhor dizendo, que esta visão lhe parecera

como uma nuvem feita de arminho claro, e resplandecente, e que no coração sentira tal alegria, que a não podia comparar com a maior que se pode ter neste mundo. No mesmo dia lhe deu uma grande febre, e ao terceiro passou da vida transitória a lograr a eterna, com sinais de predestinada. Não se declara aqui o ano do seu trânsito; porque dizem se perdera essa lembrança; porém afirmam as Religiosas que hoje existem, que sempre ficou nesta Casa viva a tradição do sucedido, que aqui temos declarado.

Sepultura de Dona Ana de Azevedo do Amaral, que foi Abadessa: Religiosa doutíssima, e de Sangue muito ilustre.

Sepultura de Dona Mariana de Vasconcelos Prestrello, que foi Abadessa, e era de nobilíssima geração.

Na mesma casa do Capítulo está outra sepultura com este seguinte epitáfio:

Aqui se sepultou uma Clara
Em vida, e morte
De S. Francisco por sorte
Que venturosa imitou.

Faleceu a dezasseis de novembro de 1611.

Esta Religiosa com outra sua irmã chamada Maria do Presépio, achamos delas notícias, que guardaram em seu rigor a Regra da santa Ordem, e que eram de vidas tão exemplares, que ainda hoje a tudo o que naquela Comunidade tem algum descaminho, as trazem por exemplo; como também a Madre Brites Loba natural de Santarém, que vivia juntamente com as ditas irmãs Religiosas em a mesma observância, e se assinalavam muito na devoção de Nossa Senhora, fazendo as duas irmãs as festas da Senhora da Natividade, e Carmo, em cujas devoções se empenhavam com grande ânsia, e fervor de devoção. E a outra Religiosa na mesma forma se empregava com todo o amor de sua alma, em fazer solenizar, e dar soberanos cultos à Senhora do Rosário nos dias das suas festas, com próprios dispêndios. E se afirma, que todas estas três Religiosas recebiam particulares favores da mesma Virgem Mãe de Deus.

Outra sepultura que diz: Aqui jaz a muito magnífica, e Católica Senhora D. Isabel da Cunha, cuja virtude é digna de memória. Foi Abadessa desta Casa trinta e três anos, e passou desta vida na Era de 1531.

Sepultura de D. Isabel da Cunha, cuja Virtude, e Religião é digna de memória, passou desta vida santamente, aos dez dias do mês de junho de 1580.

Esta sepultura é diferente da outra que fica escrita, ainda que tenham as duas Religiosas o mesmo nome.

Sepultura de D. Joana de Castro, e Maria da Conceição que pondo os olhos no Céu, deram as costas ao mundo, dizendo: Ecce quam bonum, & quam jucundum habitare fratres in unum. Salmo 132. 1.

Jacet in hoc tumulo Domina Catharina da Cunha, Religionis, & virtutis amantissima, clausit diem ultimum Novembris anno Domini 1561.

Sepultura de D. Guiomar Henriques, cuja Virtude, e Religião é digna de memória, passou desta vida santamente aos quinze de janeiro de 1614.

CAPÍTULO V.

Em que se dá notícia de quatro Religiosas, que neste Mosteiro viveram, e deram fim à carreira da vida santamente, e se continuam os Lugares que pertencem à mesma Vila de Santarém.

Estas quatro Religiosas, que determina este Capítulo fazer lembrança, é a primeira a Madre D. Maria de Meneses, a qual Senhora ainda se fez pela sua grande virtude, para Deus mais fidalga nas obras, que no ilustre do nascimento, pois para este ser grande basta ouvir-lhe o apelido, e para aquele ser maior não basta o ilustre do sangue, é necessário refletir-lhe a heroicidade no emprego de suas santas ações. Eram nesta exemplaríssima Religiosa tão singulares, assim nas palavras, como nas direções ornadas de tanta modéstia, que tudo justificavam os santos costumes em que resplandecia; e não era muito, que a vida fosse tão Angélica, quando nas operações virtuosas brilhava tanto a pureza.

Sem perigo de desvanecimento lograva a sua virtude todos os aplausos, porque quanto estes mais se repetiam nos louvores, tanto mais ela se profundava nas humildades, para com elas rebater os golpes de tudo aquilo com que o mundo a pudesse desafiar na vanglória; sujeitando com o rigor das penitências a rebeldia do espírito; e para que nela tudo fosse pureza, de contínuo castigava os olhos, empregando a vista na terra, e o coração no Céu. Era observantíssima em guardar a Regra da sua Ordem, e como só se prezava de ser pelo espírito de Deus cega, fugia a tudo o que era alívio corporal, empenhando-se cada vez mais no trato da mortificação, com que pudesse aumentar para Deus o merecimento. Foi sempre devotíssima da Senhora do Desterro, e querendo tomar a cadeia de escrava da mesma Senhora, fez muitos dias antes ásperas penitências, e mortificações, pedindo ao seu Anjo da Guarda, e a S. João Baptista, lhe alcançassem da Senhora se dignasse dar-lhe de algum modo a entender, se de boa vontade a aceitava por escrava. E consta de um papel autêntico, que por sua morte se lhe achou escrito pela sua letra, o seguinte resumo:

Em dia de minha Senhora do Desterro, depois de comungar, e tomar a cadeinha de escrava sua, me recolhi em sua Capela, pedindo-lhe com o mais íntimo do afecto que pude, me declarasse, se me admitia ao número das suas escravas, e continuando nesta súplica, fui para o coro, e estando assistindo à Missa Conventual da festa; ao tempo que se começou a cantar o Credo, fui arrebatada em espírito à Capela-mor, aonde vi a Mãe de Deus do Desterro na forma, que em semelhante festa a representa a Igreja, acompanhada de grande multidão de Anjos, e Santos: aos quais não conheci, e só permitiu a bondade infinita de Deus Senhor Nosso, conhecesse o Anjo da minha guarda, que tinha a um lado, e a outro S. João Baptista, que foram os medianeiros, por cujo meio, e intercessão, alcancei esta mercê do Senhor, sendo eu tão grande pecadora: declaro, que não vi os rostos claramente, mas que não deixei de ter claro conhecimento do que significava esta visão, que durou até o Sacerdote consumir. Do sucedido dei parte ao meu Confessor, e a alguns Padres, a quem comunicava os particulares da minha consciência, e mandaram-me com obediência escrevesse o que vira, e guardasse o papel, para que por minha morte se achasse; e o meu Confessor o assinou.

Todo este sobredito caso nos deu escrito uma Religiosa deste Mosteiro, pessoa de grande suposição, que ainda hoje existe, em a qual escritura no fim diz as seguintes palavras: *Esta Religiosa era das antigas desta Casa: mas eu Francisca dos Serafins, que neste Mosteiro ao presente sirvo de Cantora-mor, afirmo que li, e vi este papel, o qual tinha em seu poder a Reverenda Madre Maria de Belém, que neste tempo era Abadessa; e eu teria de idade doze para treze anos*. Muitas Religiosas se lembram de o lerem, mas nenhuma com certeza do fim que teve. *Esta cópia diferirá do original, mas digo o que na memória se me imprimiu, e parece-me que sou diminuta, porque o próprio papel era muito mais extenso, e estava escrito da mão de quem foi digna de alcançar do Senhor semelhante graça.*

Neste Mosteiro houve outra Religiosa chamada Dona Filipa de Carvalhaes, a qual, ainda hoje ao tempo que isto escrevemos, existem Religiosas antigas, que a conheceram sendo ela já de idade veterana. Esta grande Serva do Senhor ocupou o ofício a que chamam Cerqueira, era dotada de um ânimo sincero, sendo vistoso ramalhete deste ameno jardim de virtudes, e uma das mais suaves flores que nele plantou a Divina Providência; parecendo que desvelado a cultivou, para corresponder com as suavidades que a todas as criaturas atraíam os desejos de lhe multiplicarem as estimações. E como o inimigo comum sempre toma por empresa perseguir semelhantes almas, começou a fazer-lhe guerra com uma terrível tentação; e era a de persuadi-la a que fugisse da clausura, e Religião, aparecendo-lhe visivelmente em forma de um galhardo mancebo. Não deixava a Religiosa de resistir à tentação, e como se via dela muito vexada, recorria à Mãe de Deus com o título do Rosário, indo repetidas vezes à Capela desta Senhora (a qual hoje chamam do Terço) chorar muitas lágrimas, pedindo-lhe favor, ajuda, e amparo para resistir à cruel guerra, que o demónio lhe fazia, e nesta batalha andou alguns tempos: até que desanimada, e quase já de todo vencida, ultimamente se foi ao altar da Senhora, e lhe disse estas palavras, ou outras semelhantes: *Senhora, bem vos tenho pedido, que me livrásseis desta tentação, não quisestes; ficai-vos embora, que aqui vos deixo as chaves da horta.* Mas ó grandeza da Divina Omnipotência! Logo a Soberana Mãe de Misericórdia tomou o Rosário, que tinha em as mãos, o qual era branco com extremos vermelhos, e lho lançou ao pescoço, dizendo-lhe: *Com este te defende*, e logo milagrosamente se lhe foi a tentação, ficando a boa Religiosa extática, e suspensa por algum tempo, admirada de merecer tão grande favor, do qual se achava indigna. Continuou esta Serva de Deus o restante da sua vida em assistir sempre à Imagem da Senhora com o próprio afeto de seu excessivo amor, e por obrigação dos favores recebidos.

Acabou esta Santa Religiosa a sua carreira temporal, com muitos sinais de predestinada, pedindo a sepultassem com o Rosário. Não nos deram notícias, nem as pudemos achar do ano em que foi o seu ditoso trânsito, (porque em toda a parte há descuidos) e depois de muitos anos abrindo-se a sua sepultura, se achou o dito Rosário perfeitíssimo, e com o mesmo fio, que das mãos da Senhora tinha trazido, sem sinal algum de corrupção; qual recolheu a Prelada daquele tempo, porém hoje não se sabe o fim que teve. Este sucesso publicou em Capítulo o seu Confessor logo depois da sua morte. É esta Imagem da Mãe de Deus devotíssima, e para se verificar o milagre, ficou com o rosto inclinado, como que fala com pessoa que lhe fica em lugar mais baixo. Venera-se esta Senhora sempre como Imagem milagrosa, e dizem todas as Religiosas deste Mosteiro, terem observado, quando alguma delas está mortalmente enferma, e pede que lhe levem a dita Imagem para que lhe assista na hora da morte, se vê sempre no trânsito da alma

sinais felicíssimos, e por este motivo já hoje vai perdendo o suavíssimo título do Rosário; porque comummente lhe chamam a *Senhora da Boa Morte*.

Floresceu também neste Mosteiro, com grandes sinais de virtude, a Venerável Madre Maria dos Serafins natural de Santarém. Foi sempre em toda a sua vida perfeitíssima no recato com que falava; porque chamando as palavras ao exame, vinham tão purificadas as que proferia, que triunfando de toda a censura, felizmente conseguiam o fim a que as encaminhava; imprimindo edificação nas pessoas, que lhas ouviam: e não só edificava falando, mas juntamente com exemplos de suas ações calando; porque do rigoroso silêncio que guardava, aprendiam todas as Religiosas importantes lições para serem mais perfeitas. Com estes, e outros importantíssimos documentos, que em mudos, mas harmoniosos ecos ensinava, e despertava nas criaturas eruditamente o conhecimento das perfeições de Deus, pois é esta a matéria sobre que o entendimento deve formar delicados conceitos, e atrair com a sua luz a vontade, para que detestando a cegueira do amor-próprio, procure somente o eficaz incentivo, que lhe pode oferecer a bondade infinita, empenhando-se em seus abrasados afetos. Deste formava o seu espírito como abrasado Serafim ligeiras asas, com que voava pelas esferas celestes, deixando o corpo entregue ao esquecimento das coisas mundanas.

Como com o verdadeiro amor dos Serafins abrasados, amava a seu Divino Esposo *Cristo JESUS crucificado*; sentia sumamente os rigorosos tormentos de sua Paixão, e para que o seu amor não incorresse nas censuras de tíbio, buscava para o desempenhar muitas ocasiões de padecer. Por mais que queria encobrir esta ânsia, não a podia dissimular, que este é o efeito de quem ama, e por onde se declara o afeto extremoso, porque o amor que admite dissímulos, ainda não triunfa na posse de seus extremos. E finalmente, muito se assinalava esta grande Serva de Deus com vantagem em todas as virtudes, assim na humildade, como na penitência, sempre andava descalça, a sua cama nunca foi mais que umas duras tábuas em que deitava o corpo, nas poucas horas que dormia. Continuamente trazia no peito (que lho tomava quase todo) uma Cruz de pau toda cravada de agudas pontas de ferro. Em as sextas-feiras de todo o ano, não comia mais que cinco folhas de oliveira, e sempre exercitava uma contínua abstinência. Tomava rigorosas disciplinas, e em tal forma, que as Religiosas do seu tempo, se admiravam de que um corpo sumamente frágil pudesse suportar tormentos tão ásperos, sem particular ajuda do Céu. Tinha alguns Padres a quem comunicava a sua vida, e a quem obedecia, e com este modo de viver entregou sua alma na mão de seu Criador.

Entre as mais notícias que nos deram as Religiosas deste Real Mosteiro, encontrámos o felicíssimo trânsito da Madre Dona Antónia de JESUS, MARIA, JOSÉ, a qual gastou todos os anos que teve de Religiosa em atos de perfeição, com santos exercícios. Padecia continuamente grandes dores por todas as junturas do corpo, e assim vivia alegre, conformando-se com a Divina vontade, pois entendia, que assim o permitia o mesmo Senhor, para lhe poder merecer mais. Era devotíssima de *Deus Menino*, e quando se via mais vexada das dores corporais então rompia do coração afetos em amorosos colóquios à puerícia de seu querido, e Divino Esposo. Foram sempre as suas dores as mais singulares disposições, para o fogo do seu amor se atear no seu coração, e de tal sorte se abrasava nestes amorosos incêndios, que purificada no esquecimento dos afetos da terra, se oferecia capaz a receber os orvalhos do Céu pelo meio da oração, em que gastava dilatadas horas, ainda que fosse nas maiores aflições das suas moléstias. Delirando para o mundo, dizia estas, ou outras palavras: *Meu Menino dos meus olhos, meus amores da minha alma, quem se vira convosco nesses Céus, vamos, vamos depressa*

para essa pátria, onde possa lograr a dita de ver a vossa Divina Majestade. Eram tão forçosas as ânsias que lhe incitavam as saudades de ver o seu Santíssimo Esposo, que apertando-se com os braços cruzados, os dedos todos lhe estalavam por todas as juntas.

Não queria o seu Menino, que lhe fizesse fineza alguma no exterior, por mais que o seu amor a obrigasse; e assim todas as vezes, que principiava alguma obra para o trato, e ornato do seu Menino, logo adoecia: isto se viu, quando lhe quis fazer uma túnica, que não acabou; e querendo em outra ocasião compor-lhe uma flor, para lhe pôr na mão, no dia seguinte se achou enferma, e guardando uma coisa, e outra, que tinha feito, em uma condezinha para lhe pôr dia de Páscoa, e por mais diligências que fez, a não pôde achar, senão já amassada posta a um canto do seu cubículo; e dizia, que se houvesse de narrar as peças, que o seu Menino em semelhantes matérias lhe fazia, muitos anos seria um instante, e todo o papel para as escrever seria um indivisível.

Vivia esta boa Serva do Senhor, com grande zelo da salvação das almas, dando com seu exemplo, e doutrina eficazes documentos a muitas pessoas, que com grande ânsia dirigia para o caminho do Céu, por cujo motivo foi gravemente tentada do nosso geral adversário, mas não vencida, pelo que agravado este comum inimigo, tratava vingar-se. Em uma ocasião vieram a este Mosteiro os Padres Missionários da Congregação do Oratório de S. Filipe Néri, e tendo elegido esta Venerável Madre um Sábado (que era da Quaresma) para nele dar conta da sua vida ao P. António de Faria, Congregado exemplar do dito Oratório, e juntamente do estado de algumas Religiosas, que necessitavam de correção: no dito dia vindo ela do claustro para um corredor, encontrou dois homens em trajes de vilões, um assentado a uma porta, e outro em pé, ambos conversando na dita matéria da tenção que levava a santa Religiosa, tanto para eles custosa, por se lhe dificultarem por este meio as almas, que ela com a sua diligência lhe tirava. E passando adiante a Religiosa por entre eles, aos quais falando raivosos, lhe ouviu dizer estas palavras: *A maldita da comprida D. Antónia há-de pagar o que nos tem feito;* e ouvindo a Freira falar na sua pessoa, voltou para trás parando no caminho, para ouvir bem o que eles diziam, e conheceu logo serem dois demónios, que prosseguiam na sua raiva, continuando a dizer: *Deixá-la estar, ela o pagará, pois anda aqui com memoriais aos Padres para nos privar do nosso gosto.* E conhecendo a Religiosa, que a sua raiva era por amor dos Missionários, lhe começou a bater o punho na mão com palavras que os desgostasse. Eles se enfureceram em tal forma, que correu um atrás dela até à porta da sua casa, aonde com ele teve grande luta, da qual se livrou, dando-lhe uma grande punhada em o nariz, dizendo-lhe: *Vai-te daqui maldito.* Depois deste sucesso, enfermou logo a Venerável Madre, e com tais fraquezas, que não podia pronunciar palavra, que foram contadas as de que usava para explicar o que padecia, existindo assim mais de dois meses sem falar, e só se explicava por acenos.

Depois desta moléstia que padeceu com grande trabalho, ficou livre por alguns tempos, porém aos doze dias do mês de abril, ano de 1700, lhe deram umas dores por todo o corpo tão veementemente excessivas, que as pessoas, que lhe assistiam lhe ouviam estalar os ossos; mas portava-se com tal paciência, vendo-se assim crucificada, que a todas as Religiosas, e ao Médico fazia admirar. Era tal o amor que todas lhe tinham, que no discurso da doença, não davam lugar às criadas para chegarem a ela. Confessou-se, e recebeu o Santíssimo SACRAMENTO por Viático, em o segundo dia de maio, pedindo perdão em geral a toda a Comunidade.

Deram-lhe também a Unção, que pediu, desejando recebê-la em seu juízo perfeito aos doze dias do mesmo mês. Não cuidava que morria ainda, (mas por diverso modo das pessoas, que vivem sem desengano), se o Padre Fr. Fernando Pereira (Confessor, que era naquele tempo deste Mosteiro) lhe não dissera, que era possível que assim fosse; ao que respondeu, que a causa, e motivos de ele duvidar procedia de lhe ter dito um Padre de quem tinha boa opinião, que antes de sua morte havia de padecer rigorosos tormentos, o que ainda não tinha experimentado (seria por desejar maiores penas: que quem por amor padece, todo o excesso por mais penoso que seja, parece a todo o desejo, limitado). E dizendo-lhe o dito Padre Confessor, que ainda não tardava, fez a Venerável Madre uma total resignação na vontade de seu amado Esposo Cristo JESUS.

A obediência e humildade com que se houve, não é explicável, porque não tomava alimentos, nem remédios sem licença da sua Prelada, a quem pontualmente obedecia, encomendando-lhe o trato das Religiosas no serviço de Deus, principalmente umas, que novamente começavam a dar-se a Deus, receando se entibiassem por falta de direção, e também encomendou muito à Madre Abadessa o seu Menino. Agravando-se-lhe mais a doença lhe disse o Padre Confessor, que lhe parecia era chegada a hora; ao que respondeu com semblante alegre, e sem alteração: *Se assim é, faça-se a vontade de Deus*, e logo entregou o espírito ao seu Criador, sendo isto no dia dezasseis de maio do dito ano de 1700, às duas para as três horas da tarde, véspera da trasladação do seu glorioso Patriarca S. Bernardo. Foi sua morte sentidíssima de todas as Religiosas, e mais pessoas deste Mosteiro, que em vida devidamente a respeitavam; e razão era que fosse sentida a sua falta, pela que a todas havia de fazer com a sua ausência, assim pelo exemplo, como pela doutrina, e zelo que tinha da salvação das almas.

Todas as pessoas deste Mosteiro mostravam com copiosas lágrimas imitar no sentimento o que a obrigação do excesso lhe pedia, que não merecia menos uma vida tão exemplar, e angélica. Era tal o concurso de gente para verem morta a quem desejavam ter sempre viva, que não havia quem rompesse em competências, de ter o primeiro lugar para a comporem na mortalha, a fim de haverem relíquias das coisas do seu uso, cortando-lhe também cabelos e unhas; e tudo o que lhe serviu na doença se guardou com a veneração que se pode permitir de um afeto tão íntimo, e de um amor tão intenso, quanto merecia uma virtude tão sólida, e um exemplar tão único. Depois de amortalhada, levaram-na em um esquife para o coro, onde esteve vinte e quatro horas, e foi tempo ainda limitado para se esperarem mais prodígios. Cobriram-lhe o corpo de muitas rosas, que logo tiravam sem se perder uma folha, porque já tinham os toques daquela cândida flor, que brevemente se ocultaria, deixando naquelas folhas a virtude que lhe deram seus merecimentos: pela qual experimentaram logo algumas pessoas enfermas, naquelas folhas muitos alívios por impulsos da fé com que as aplicavam. Foi sepultado o seu corpo na casa do Capítulo com toda a pompa, em túmulo apartado, em cujo distrito só se sepultam as Madres Abadessas.

Conta-se que esta Venerável Madre tinha sobre o coração uma Cruz abreviada, igual da carne, mas bem distinta, com riscos vermelhos, e com alguns sinais dos martírios da Paixão de Cristo; e nas sextas-feiras padecia notáveis aflições. Um ano, ou pouco menos antes da sua morte se lhe multiplicaram as penas, porque alguns dos outros dias, se fizeram participantes de semelhantes privilégios, que eram as sextas-feiras, e sábados. Também se sabia, que estando o Senhor manifesto, divisava na Hóstia algumas figuras, que se lhe representavam em diversas cores da dos acidentes, ainda que pela distância não via sempre as particulares miudezas. E nestes dias reparavam algumas Religiosas no modo com que a viam, não podendo disfarçar as lágrimas que de seu afetuoso peito lhe

nasciam, movida das saudades, que a semelhantes excessos lhe desafiavam as ternuras de seu abrasado coração: mas correspondiam estas ditosas ânsias ao que na sua alma sentia. E finalmente este real Mosteiro foi sempre ilustrado de grande número de Religiosas insignes em virtudes, que perderiam antes a vida, que discrepar um ponto da observância da sua santa Regra, e Estatutos. Todas em o primitivo tempo da sua fundação eram Senhoras ilustres, e das mais esclarecidas famílias deste Reino. E nele feliz estado, e autoridade floresceu por muitos anos, e por incúria se perdeu a lembrança de muitas coisas merecedoras de que se gravassem sempre em nossas memórias.

O Lugar de S. Pedro de Arrifana, tem duzentos e cinquenta e quatro vizinhos, com os Lugares, e Aldeias seguintes: Alcoentrinho, Vila Nova de S. Pedro, Póvoa do Sobral, Maçussa, Fonte Nova, Carvalho, Foupineira, Ventosa, Cála, Barrão, Lapa, Casais de Alcoentrinho, Outeiro, Carrascal, Torre, Baraçal, e os Casais da Maçussa, e Eireira. Tem este Lugar de Arrifana cinco juízes da Vintena. Tem oito Ermidas, e o Pároco da Matriz é Prior, Priorado da Mitra Oriental, e rende um ano por outro seiscentos mil reis.

O Lugar da Várzea divide-se em mais duas Aldeias, que são, o Outeiro, e Vila Gateira, tem cento e cinquenta vizinhos. A Igreja da sua Freguesia intitula-se *Nossa Senhora da Várzea*, é Curado que apresenta o Prior de S. Martinho desta Vila de Santarém.

O Lugar do Vale, tem cento e vinte e seis vizinhos. A sua Igreja é Curado anexo à Paroquial de *Nossa Senhora de Marvila*.

O Lugar da Arruda dos Pisões, tem quarenta vizinhos.

O Lugar da Ribeira da Cortiçada, tem cento e trinta vizinhos, e anexas estas Aldeias: As Correias, o Outeiro; e o título desta Freguesia, é *Nossa Senhora da Ribeira*: é Curado.

O Lugar de Valada, tem duzentos e cinquenta e dois vizinhos, com o Lugar de Porto de Muge: é o título da Igreja da sua Freguesia *Nossa Senhora do Ó*. É Vigararia do Padroado Real, e Comenda da Ordem de Cristo; e na povoação de Porto de Muge tem uma Ermida de S. João Baptista.

O Lugar de Pontével, tem cento e noventa vizinhos; é Priorado de Malta, e tem um recolhimento de Terceiras de S. Francisco.

O Lugar do Cartaxo, tem quatrocentos e vinte e seis vizinhos: é a Igreja da sua Freguesia anexa à de *Nossa Senhora de Marvila*, com seu Cura, e tem estas Ermidas: *O Espírito Santo*, *S. Pedro*, S. Gens, e um Convento de Frades Franciscanos da Província de Portugal.

Os Lugares que pertencem ao Termo desta Vila de Santarém sitos da banda d'além do Tejo, são os seguintes: O de Vale de Cavalos, tem cento e cinquenta e três vizinhos, a sua Igreja é Curado, que apresenta o Prior de *Nossa Senhora de Marvila*. Alpiarça, é Lugar que tem duzentos e sete vizinhos, a Igreja da sua Freguesia, é Curado, que apresenta o Vigário de *Santa Iria*.

O Lugar do Pinheiro, é território que tem noventa e dois vizinhos, a Igreja da sua Freguesia, é Curado que apresenta o Comendador da mesma Igreja.

O Souto, é Lugar que tem oitenta e seis vizinhos, e também a sua Igreja é Curado com *Santo António da Raposa*, e *Santa Marta*, e Monção, que tem trinta e três vizinhos.

CAPÍTULO VI.

Das Vilas que pertencem à Comarca desta Vila de Santarém.

Seja a primeira nestas memórias a Vila da Azambuja, por correrrmos a linha mais direita nesta estremadura. Quatro léguas desta Vila de Santarém para a parte do Sul, no Arcebispado Oriental de Lisboa à vista do Rio Tejo, tem seu assento em lugar plano a Vila da Azambuja, a qual pelos anos de 1147, já era terra de bastante povoação; e neste tempo fez dela doação El-Rei D. Afonso Henriques, a um fidalgo estrangeiro, chamado D. Childe Rolim, ilustre Cavaleiro, filho legítimo, e quinto do Conde de Céstria, que era bisneto por baronia, e linha reta d'El-Rei de Inglaterra. Este fidalgo era um dos que vieram na armada de Inglaterra, quando indo para a conquista da Terra Santa, e por força de ventos contrários desembarcaram na nossa Costa da Serra de Cintra; em que vinha por General o famoso Guilherme de Longa-espada; e avistando-se ali com El-Rei D. Afonso Henriques, que estava esperando ocasião de tomar Lisboa aos Mouros, e ajustados ambos os partidos a conquistaram à força de armas, concluindo-se, e dando-se remate à vitória pela Cristandade, em uma sexta-feira do mês de outubro ao meio-dia de 1147, que foi no mesmo ano em que já se tinha conquistado Santarém; estando Lisboa cinco meses de cerco, que é o tempo que vai de oito de maio até outubro; e desta Vila é hoje Donatário D. António Rolim, irmão do Conde de Vale de Reis.

Tem esta Vila pouco mais de setecentos vizinhos no seu distrito. A Igreja Paroquial, que está dentro da mesma Vila, é dedicada à Virgem nossa Senhora da Assunção; o Pároco dela é Prior, e é Igreja do Padroado Real, que rende um ano por outro setecentos mil réis (com pouca diferença) há nela quatro Beneficiados, que rezam os Ofícios Divinos no coro: e cada um destes benefícios, rende duzentos mil réis. Tem uma Casa de Misericórdia, um Hospital, e estas Ermidas, Santa Maria Salomé, S. Sebastião, Santa Maria Madalena, e S. Francisco de Paula. Tem duas fontes nativas, e uma delas brota três perenes bicas. Ao governo desta povoação assistem ao Civil, dois Juízes ordinários, três Vereadores, com um Procurador do Concelho, um Escrivão da Câmara, um Juiz dos Órfãos com um Escrivão; dois Tabeliães, e um Alcaide. E falando do Militar, há nesta Vila um Capitão-mor, e um Sargento-mor com duas Companhias da Ordenança. O seu Termo é abundante de todo o género de mantimentos para alimentar a vida, como são, trigo, vinho, azeite, frutas, hortaliças, legumes, carnes, e pescados do Rio Tejo.

Injúria nossa seria na escritura deste capítulo, não fazermos lembrança de um Varão filho desta Vila tão heroicamente sublime, que pelos progressos de suas ações merecia a sua vida ser escrita com letras de ouro, e com pena mais remontada nos voos da melhor discrição. Era este herói, D. João Esteves de Azambuja, ou como outros lhe chamam João Afonso da Azambuja, o qual muito ilustrou a sua Pátria com o seu nascimento. Foi filho de Afonso Esteves Cavaleiro, Reposteiro-mor de El-Rei D. Pedro I deste nome, Senhor de Salvaterra de Magos, Irmão de João Esteves Alcaide-mor de Lisboa, que por antonomásia lhe chamavam o *Privado*, por ser muito valido dos Reis deste Reino D. Pedro, e D. Fernando: pois o achamos escrito nas Crónicas de ambos estes Reis, e em muitas mais relações escritas naqueles tempos. Este João Esteves Alcaide-mor de Lisboa, foi o fundador da Capela na Igreja do Salvador desta Cidade, na qual estes dois Irmãos se sepultaram, e depois também se sepultou nela o nosso D. João Esteves da Azambuja, de quem aqui tratamos.

Livro II. Capítulo VI.

Logo nos primeiros anos de sua idade, se criou este fidalgo com o Mestre de Avis, merecendo sempre a este Príncipe afetos e valimentos não vulgares, o qual depois de Rei o ocupou em serviços muito relevantes, que D. João Esteves obrigado aos reais favores, soube desempenhar com tão venturosos progressos, que sempre El-Rei o reconhecia credor de maiores mercês: merecendo ser seu conselheiro na paz, e companheiro na guerra. Este mesmo Monarca o enviou por seu Embaixador ao Concílio de Pisa; e o serviu nos Tratados de tréguas e pazes, que concluiu por muitas vezes com o Reino de Castela, e em outros grandes ministérios, com não menos créditos da sua pessoa; do que agradecido o mesmo Rei o quis publicar em uma Provisão, que lhe mandou passar em Leiria no primeiro de julho da era de César 1429, que se entende pelos anos de Cristo 1391 para o Padroado da sobredita Capela; sendo este Herói Bispo do Porto; e diz a dita Provisão, o que aqui se segue: *E nós vendo, o que nos aqui dizia, e pedia D. João Bispo do Porto do nosso Conselho, considerando os muitos extremados serviços que nós, e estes Reinos recebemos do dito Bispo, especialmente, como duas vezes, pondo seu corpo em a ventura foi por nosso Embaixador à Corte de Roma adereçar nossos feitos, e negócios, que nos muito cumpriam, e os adereçou, segundo a nós fazia mister, e outrossim tal entendemos receber ao diante etc.* Esta faculdade, ou Provisão foi confirmada pelo Papa Bonifácio nono por seu Breve expedido no segundo ano do seu Pontificado.

Indo, pois, este Ilustríssimo Varão ao Concílio de Pisa, em que assistiu com grandes créditos da Nação Portuguesa: dali passou a Jerusalém a visitar os lugares sagrados, que o Autor da vida santificou com o preço da nossa Redenção. Voltou a Itália, aonde com preciosas joias enriqueceu a sepultura do glorioso Patriarca S. Domingos em Bolonha, de quem era singularmente devoto. Neste dito Concílio assistiu D. João Esteves, como Embaixador d'El-Rei de Portugal no ano de 1409 que foi quando nele aos vinte e seis de junho se deu sentença definitiva contra Gregório décimo segundo, e Benedito décimo terceiro, e depois disto concluído, passou a Jerusalém, como fica dito. Logrou neste Reino sucessivamente as dignidades de Bispo do Algarve, do Porto, de Coimbra, e Arcebispo de Lisboa; em cujos lugares se houve com igual liberalidade no zelo da reforma dos seus súbditos, e socorro da pobreza. Em Lisboa fundou com grande devoção, pelo motivo, que aqui escrevemos, o grandioso Mosteiro do Salvador. Pelos anos de 1148, depois de Lisboa ser tomada aos Mouros, em pouca distância dos muros, que cercavam esta Cidade, para a parte do Oriente, existia sobre grande penedia uma embrenhada mata tão espessa, e cavernosa, que era só habitação de feras, e nela rara vez entravam homens. Sucedeu, que um dia andando um Cavaleiro à caça por aqueles matos, rompendo o mais interior deles, viu uma venerável Imagem de Cristo crucificado, levantada em um pequeno monte, que estava na mais profunda baixa daquelas agrestes brenhas; e reparou, que ao pé da Cruz se divisava uma forma de Altar, ordenado de favos de mel, por industrioso artifício das abelhas, que para confusão dos racionais até os brutos a seu modo sabem venerar, reconhecendo o seu Criador. Desta rara maravilha correu logo a fama por toda a Cidade, e concorreram inumeráveis pessoas a ver tão grande prodígio, e adorar a Imagem santíssima. Deu-se logo ordem a destruir o mato todo, ficando aquele terreno descoberto, em cujo lugar onde estava o sacrossanto Crucifixo, depois se edificou uma Capela pequena, e nela começaram a viver umas devotas mulheres recolhidas por largos anos; porém sem hábito, ou Regra de alguma Religião: até que o nosso Cardeal D. João Esteves pelos anos de 1392 fundou naquele mesmo lugar um Mosteiro, dotando-o de boas rendas, e o deu às Religiosas do Patriarca S. Domingos, com o título do Salvador. Ultimamente com o seu generoso ânimo fez obras tão relevantes, que não cabendo já em Portugal a fama dos seus merecimentos, chegou a Roma, e o Papa João vinte e três o fez Cardeal do título de S. Pedro *ad Vincula*, e Santa Eudóxia, aos três de junho do ano de

1411. Passou outra vez a Roma a receber o capelo da mão do mesmo Sumo Pontífice. Naquela Corte cabeça do mundo soube merecer pelas suas heroicas ações, letras, e virtudes, aplausos universais. Edificou naquela mesma Cidade um Convento aos Padres de S. Jerónimo.

E querendo voltar para Lisboa, fez a jornada por Flandres para visitar a Duquesa de Borgonha, porém de uma doença que lhe deu em Bruges aí faleceu a vinte e três de janeiro de 1415. Passados alguns anos chegaram a Lisboa os seus ossos para se sepultarem no Mosteiro, que ele tinha edificado. Não queriam as Freiras por atenção aos muitos benefícios, que lhes tinha feito, que se sepultassem os ossos no lugar, que ele destinava no seu testamento por impulso de sua rara humildade: foram primeiramente recebidos na Igreja, depois os depositaram no coro de cima aonde estiveram alguns anos; dali os tornaram para a Igreja, e os colocaram na Capela-mor da parte do Evangelho: depois passados quase duzentos anos (como se ainda estivessem animados para fazerem mais jornadas,) no de 1608 os tornaram solenemente a colocar no dito coro, em cujo caixão se lê um epitáfio, que aqui vai tresladado do próprio original, e é o que se segue: *Neste coro de cima está Sepultado D. João Esteves, Privado, Segundo Arcebispo de Lisboa, Cardeal da Santa Igreja Romana do título de S. Pedro ad Vincula, de S. Eudóxia, Fundador deste Mosteiro, e Padroeiro dele, que em Bolonha solenizou a sepultura de S. Domingos, em Roma o Mosteiro de S. Jerónimo, e nesta Cidade este Mosteiro, em que se mandou sepultar.* Faleceu no ano de 1413, aos 13 de janeiro. Esta conta dos anos, e dias que estão gravados na sepultura, entendo, que não será tão certa, como a que aqui temos escrito, pois não confere aquela da sepultura com a nossa, que é a que trazem gravíssimos Escritores; como são Fr. Luís de Sousa, na segunda Parte da História de S. Domingos, liv. 1. cap. 3. e 8. Manuel Severim no § 6. Discurso 8. pag. 264. traz a conta da sepultura, porém logo mais abaixo se reporta, referindo o livro dos Aniversários, onde diz, que falecera no ano de 1415. Jorge Cardoso nas Notas ao dia deste falecimento pag. 233. também refuta a conta do túmulo, alegando a Chacon, e Panvino. E o Padre Mestre Francisco de Santa Maria no seu Ano Histórico, tom. 1. pag. 108. no dia 23 de janeiro, também diz, que faleceu santamente neste dia, ano de 1415. O mesmo diz pela nossa parte o grande Académico da Academia Real deste Reino José Soares da Silva nas Memórias que escreveu d'El-Rei D. João o primeiro, tom. 2. liv. 2. cap. 113. pag. 581.

CAPÍTULO VII.

Da Vila de Aveiras de Cima.

Esta Vila fica situada para a parte do Noroeste alto, uma légua afastada da Vila da Azambuja consta de mais de cem vizinhos, com Juízes ordinários; a Igreja da sua Freguesia tem o título de Nossa Senhora da Purificação, ou dos Milagres, é Vigairaria, que apresenta a Comendadeira do Mosteiro de Santos *extramuros* de Lisboa, da Ordem de Santiago, cuja Vila lhe pertence. O que sabemos da existência desta Vila, é ser mais antiga, que o Reinado d'El-Rei D. Sancho o primeiro, porque ele lhe deu foral; e passados muitos anos lho confirmou El-Rei D. Manuel. O seu contorno é povoado de boas quintas, e tem duas Ermidas. No seu termo, está situado um Lugar a que chamam Val de Paraíso, que tem mais de quarenta vizinhos, aonde tem uma Ermida com a miraculosa Imagem da Mãe de Deus, da invocação da Senhora do Paraíso, da qual Imagem daremos aqui uma breve notícia.

Correndo os anos do Nascimento de Cristo, no de 1570 (com pouca diferença) neste tempo, e neste sítio onde hoje está este Lugar, que tem a dita Ermida no mais alto dele, andava um mancebo à caça, ou como querem outros, era um pastor, que guardava gado, e reparando ele em uma oca caverna de um grande sobreiro, viu que ali estava uma pequena Imagem de Nossa Senhora que então a não achou como tesouro escondido no campo, porque lhe estava bem manifesto alegrou-se muito com tão rico achado ; e como ele (ao nosso entender) fosse singelo, e de coração cândido, porque semelhantes maravilhas as manifesta Deus a quem é servido, e aos bons ; a devia ver sem dúvida cercada de luzes; com temor reverente, não se atreveu a pegar na sagrada Imagem ; porém com muita pressa foi logo dar parte ao seu Pároco, o qual sabendo a verdade do caso, foi com os Clérigos, e povo da dita Vila de Aveiras de Cima com Cruz alçada em procissão, ao sítio aonde estava a Senhora na sobreira, e tomando-a em suas mãos, com a reverência devida a levaram para a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Purificação, e a colocaram no altar-mor. No dia seguinte concorreu o povo com grande devoção para venerarem a nova Imagem aparecida, porém não a acharam em parte alguma da Igreja, desconsolados de a não verem, e sentidíssimo o Pároco desta falta, fez diligências exatas por saber aonde estaria ; ultimamente a foram achar no sobreiro, aonde primeiro foi aparecida, levaram-na outra vez para a Igreja; e sucedendo o mesmo até três vezes, viram certamente, que a Senhora não queria outro trono, nem outra casa para sua morada, senão aquele mesmo lugar em que quis aparecer ; e ser vista dos fiéis para ser deles ali venerada.

Vendo aquele povo de Aveiras de Cima, que a Senhora assim fazia manifesta a sua vontade, de não querer outro sítio para seu aposento, se animaram todos os homens daquela Vila a lhe fazerem uma Ermida para sua morada, e que fosse naquele mesmo lugar que a Senhora escolhera. Fez-se-lhe a Ermida com limitação pequena, porém como a Senhora pela concorrência dos anos obrou tantas maravilhas com os seus devotos, que a ela concorriam nas suas tribulações se lhe fez maior casa, com as repetidas esmolas que lhe ofereciam. É esta Imagem da Senhora de Val do Paraíso, muito pequena, pois não tem mais que um palmo de altura, tem o Menino Deus seu filho nos braços, e ambas as Imagens são de inteira escultura em pau, e assim a Mãe, como o Filho têm coroas imperiais de ouro. Este Lugar de Val do Paraíso, não consta, que antes desta aparição da Senhora tivesse povoação alguma; entende-se, que depois que esta Virgem Santíssima ali foi obrando tantos prodígios, a devoção dos fiéis o foi povoando.

CAPÍTULO VIII.

Da Vila de Aveiras de Baixo.

Pouco mais de meia légua, afastada da Vila da Azambuja para a parte do Norte, em terreno fundo, fica situada esta Vila de Aveiras de Baixo, circunvalada de montes pelas partes do Nascente, e do Poente, cuja baixa faz uma ribeira por onde passa um pequeno rio, que lhe fertiliza o seu contorno de boas árvores de frutas, vinhas e olivais. A povoação desta Vila tem pouco mais de cinquenta vizinhos, com Juízes ordinários. A sua Igreja Paroquial é da invocação de Nossa Senhora do Rosário, e é Vigairaria que apresenta o Conde de Aveiras, e tem anexas as Ermidas seguintes: Nossa Senhora Madre de Deus, que é Imagem milagrosa, S. Roque, e S. Gregório. No Termo desta Vila para a parte do Nascente está o Lugar das Virtudes, o qual tem setenta vizinhos, em cujo Lugar se faz uma feira a oito de setembro, no qual dia se celebra ali no Convento dos Padres Franciscanos, uma grande festa à Virgem Senhora Nossa, que tem este título das Virtudes, e é Imagem tão milagrosa, que seria injúria nossa não fazermos aqui memória do seu aparecimento, e maravilhas que tem obrado.

Pelos anos de 1403, reinando em Portugal El-Rei D. João o primeiro deste nome, era este Lugar das Virtudes que fica referido, um deserto, e terra solitária, onde se não descobria mais que matos, e espessas brenhas: quando em um dia, que andava um pastor por ali guardando uma vacaria, viu, que de entre a manada lhe fugiu um touro, o qual embrenhando-se pela maior espessura de um agreste bosque com grande fúria, se lhe perdeu da vista, ele o foi seguindo pelo rasto, e chegando a vê-lo, reparou que o touro estava de joelhos com a cabeça humilhada. Viu o pastor de vagar na reverente postura do irracional, que mostrava uma profunda humildade e picando-o com o aguilhão, falando-lhe com aquele estilo com que os pastores costumam, para fazerem andar semelhante gado, a tudo isto ficava o touro imóvel, sem fazer demonstração de que sentia a violência das picadas, nem o estrondo das vozes; o bom pastor, ainda que rústico, não deixava de lhe parecer aquilo coisa sobrenatural, e lançando a vista por aquele contorno, viu entre as carrasqueiras dele, colocada sobre uma silva um resplendor de luzes, e no meio uma Imagem da Virgem Nossa Senhora. Aqui podem considerar os contemplativos o bem que nos pode vir do todo Poderoso: sabemos nós, que naquela misteriosa sarça, se manifestou Deus (ainda que só em chamas de fogo) a Moisés; porém aqui foi o mesmo Senhor servido, que a Mãe do Verbo Eterno Encarnado aparecesse na sua própria figura, acompanhada de luzes (e como bem se pode entender, assistida dos Anjos) não só aos homens, que são racionais, mas aos brutos, para que os homens os vissem adorar, humilhando-se a grandeza da Divina Omnipotência. Neste tempo o pastor atemorizado com a vista das celestiais luzes, que lhe mostravam a excessiva formosura da Soberana Senhora, caiu em terra como morto, perdendo os sentidos por bastante espaço de tempo.

Tanto que o ditoso vaqueiro tornou em si da suspensão em que ficara, com animosa reverência tomou a Sagrada Imagem em suas mãos, e levou-a com grande alvoroço à cabana onde estavam os outros companheiros, que ficaram admirados da formosura da Senhora, e absortos depois que ouviram dizer ao condutor, o maravilhoso sucesso com que achara tão Soberano Tesouro. Concordaram logo todos em lhe fazerem ali uma casa dos materiais que lhe oferecia aquele sítio, em que a Senhora estivesse separada das suas humildes choças; a qual casa fabricaram dos ramos das árvores, feita com especialidade, e fortaleza, que assim lho mandava a sua devoção. Colocada naquele

humilde aposento, a que era rainha no supremo Palácio do Céu Empíreo, logo se começou a divulgar o seu prodigioso aparecimento, e o povo daqueles contornos a iam ver, e venerar, pedindo-lhe favores em seus trabalhos, e tribulações. E porque os seus devotos, que já tinham experimentado os grandes milagres que Deus lhes fazia por esta Senhora naquela pobre choupana, pareceu conveniente (para se desempenharem com a Mãe do mesmo Deus) melhorá-la de hospício, levantando-lhe Ermida artificiada de pedra e cal. Quiseram fugir do sítio em que tinha aparecido, por não parecer conveniente para a saúde, e começaram a obra em outro lugar mais alto, que era mais lavado do Norte onde chamam a *Coroa do Pinhal d'El-Rei*, a qual fica junto a uma grande cerca de pedra e cal, da qual dizem ser mais antiga, que o aparecimento da Senhora, e ainda hoje se veem ali vestígios da dita Ermida que ali se começou, e com efeito se fez. Porém a Rainha Imperatriz dos Anjos saudosa do primeiro lugar em que começou a abrir os diques às fontes de misericórdias, logo pelo poder Divino se tornou a ele, e como entenderam a vontade da Senhora, ali lhe tornaram de novo a fazer Igreja, que é a que depois se transtornou na do Convento dos Religiosos Menores de S. Francisco, de cuja fundação logo aqui faremos lembrança.

Esta Senhora teve primeiro o título da Senhora das Ademas, por haver aparecido naquele sítio, pois é uma terra estéril, baixa, e calva, que para a sua descida em umas valas, as quais recolhem as águas que descem do monte, quando chove; e as que ficam perdidas das inundações do Rio Tejo, quando enche muito, e pelo nome do sítio, assim lhe davam à Senhora o título. Porém depois atendendo-se às inumeráveis virtudes, que obrava aos rogos dos pecadores, que lhe deprecavam, e recebiam tantos benefícios, pela certeza que tinham da sua extrema virtude, lhe mudaram a invocação de *Ademas*, em a das *Virtudes*. A matéria de que mostra ser feita esta sagrada Imagem, é marfim, e é tão pequena, que não chega a ter meio palmo com a peanha em que está assentada; tem em o seu regaço o Menino JESUS seu Filho assentado sobre a parte direita; a Senhora com a sua mão esquerda mete na boca o peito ao amoroso Filho, mas ele como esquecido daquele sustento, com os olhos se está revendo na formosura da Mãe, e com a mesma correspondência se revê a Mãe na pueril beleza do Filho. A esta Santa Imagem da Senhora falta o braço direito, dizem que foi por descuido, ou com muita advertência, porque uma das nossas Rainhas, chamada Dona Leonor, lho tirara como singular relíquia, mas não se declara qual de três foi das que houve em Portugal depois do aparecimento desta Senhora, se a que foi mulher de D. Duarte, se a de D. João II, ou a de D. Manuel, e melhor será não o sabermos, porque se não livrará de parecer indiscreta ação semelhante roubo. Escreveram desta milagrosa Imagem da Senhora das Virtudes os Autores seguintes, que são os que sabemos: O P. Fr. Manuel da Esperança na sua *História Seráfica*; Vasconcelos *in Descriptione Regni Lusit.*; Faria no tom. 3 da sua *Europa Portuguesa*; *Santuário Mariano*, no Arcebispado Oriental de Lisboa tom. 2 titul. 24 fol. 319.

CAPÍTULO IX.

Da Fundação do Convento de Nossa Senhora das Virtudes.

Este Convento em que hoje se venera a Senhora das Virtudes, foi fundado pelo Magnânimo D. Duarte Rei XI. de Portugal, e teve princípio na forma que aqui diremos. Estando a Senhora das Virtudes naquela sua nova Casa, que já dissemos, fazendo prodigiosos milagres, chegou o tempo daquela memorável jornada de Ceuta, para cuja função El-Rei D. João o primeiro empenhou sua pessoa indo nela, e para a fazer com maior pompa, e luzimento, quis levar consigo seu filho D. Duarte primogénito, e herdeiro de sua Coroa; e como esta empresa tinha muito de arriscada, e pouco de segura, procurou o Infante por muitos caminhos o auxílio do Céu, para lhe dar bom sucesso em coisa de tanta importância. Pediu, e suplicou a esta Virgem Mãe de Deus o socorresse, e juntamente com repetidas instâncias disse aos Frades Menores de S. Francisco, que o encomendassem nas suas orações ao Senhor dos exércitos, e como era especial devoto da Senhora das Virtudes, tendo bom sucesso na empresa a que ia, fez logo tenção de fazer ali à mesma Senhora um Convento de Religiosos Franciscanos (a quem pelas suas virtudes amava muito) para que com a sua assistência fosse bem servida aquela Imperatriz dos Anjos.

Fez El-Rei, e o Infante a jornada de Ceuta, e com tão bom sucesso, que alcançaram as armas Portuguesas (sempre vencedoras) aquela grande vitória, a qual sempre ficou aclamada nas memórias dos homens por glorioso triunfo. E no regresso para Portugal, executou logo fielmente com palavra de Rei o que tinha prometido. O P. Fr. Manuel da Esperança na sua História Seráfica, nos certifica, que este Senhor fez doação deste Convento de Nossa Senhora das Virtudes por carta, à sua Província, em cuja doação nos deu a ler na segunda parte da sua História as palavras seguintes: *Fazemos saber, que nós havendo grande devoção, e susa, em a mui alta Senhora Madre de Deus, da qual por experiência muitas vezes sentimos, que era nossa singular advogada, procurando-nos do seu Santo Filho largos, e grandes benefícios, com abundâncias de ricas mercês, propusemos, quando com El-Rei meu Senhor, e Pai fomos na tomada de Ceuta, edificar um Mosteiro de S. Francisco na Ermida de Santa Maria das Virtudes.*

Para esta edificação do dito Convento, houve licença do Papa Martinho quinto, passada em Roma aos treze dias do mês de março de 1419. Esta carta que aqui fica referida, foi feita aos dois de abril em Lisboa no ano de 1434, que foi quando se acabou o Convento, sendo já neste tempo o Infante Rei, e Ministro Provincial dos Padres Menores de S. Francisco, o P. Fr. Afonso do Paraíso. Consta mais da dita carta de doação, e outras escrituras autênticas, que o devoto Rei D. Duarte quando edificou este Convento, mandou logo junto a ele fazer Paços para a sua pessoa quando ali fosse estar, e juntamente edificou no mesmo sítio um Hospital com todas as oficinas necessárias para os romeiros, que fossem visitar a Senhora das Virtudes, e para os que no tempo da feira ali adoecessem, nele se curassem, cujos Paços, e Hospital já hoje não há rastro deles, porque com os descuidos dos Monarcas, o tempo tudo consome, e acaba.

CAPÍTULO X.

Descreve-se a fundação, e existência da Vila de Torres Novas.

À distância de cinco léguas de Santarém para a parte do Nordeste, em lugar côncavo, e baixo, jaz situada esta nobre Vila, que sempre foi toda cercada de muros, com um reforçado Castelo, ao qual onze torres guarnecem a sua figura, para pomposo ornato de suas honrosas antiguidades. Dela temos opiniões prováveis, que foi fundada pelo famigerado Capitão Ulisses, poucos anos depois que reedificou a nossa Lisboa, vindo com os seus Gregos pelo Tejo acima. E depois de edificarem neste sítio uma pequena povoação, namorados da pureza das águas do rio, que por ali faz seu caminho para buscar o Tejo que lhe fica distante uma légua; nele se recrearam fazendo-lhe grandes, e divertidas pescarias: e por verem aquela água tão clara, puseram nome ao rio, chamando-lhe em Grego *Aliomonda*, ou *Almonda*, por cujo nome ainda hoje é conhecido: e descendo pelo mesmo rio abaixo, perto de sua margem, fundaram uma Torre, encerrada com muros, a qual chamaram *Neupergama*, que na linguagem Grega é o mesmo que dizer Nova Torre. Depois disto passados muitos tempos, sendo a maior parte das terras desta Lusitânia senhoreadas pelos Romanos à força de armas, pela grande resistência, que esta Torre lhe fez chamada sempre Nova, os Romanos lhe lançaram o fogo. Porém os Gregos repararam-lhe as ruínas, e lhe puseram outro nome, chamando-lhe *Kaispirgama*, que era o mesmo que chamar-lhe Torre queimada; cuja denominação teve, até que os Romanos com reforçados exércitos se fizeram senhores de toda a Lusitânia; os quais logo reedificaram esta fortaleza, fabricando-lhe novos muros, e novas Torres, com vários edifícios que se lhe foram aumentando. E pela semelhança que acharam neste sítio ao da Cidade de Braga, que também já tinham reedificado, lhe deram o mesmo nome, que deram a Braga, o qual era o de *Augusta*, em veneração, e memória dos triunfos de Augusto César, e para mostrarem que esta povoação que fizeram a tanto custo de seus valorosos braços, era outra nova Braga, divulgaram-lhe o nome de *Nova Augusta* como escrevem os Geógrafos antigos, e modernos, com Ricciolo o grande Padre João Baptista Ricciolo digníssimo filho da Companhia de JESUS: dizendo-se primeiro Torres Novas, por Torres queimadas, e depois conservando o apelido de *Nova Augusta*, que assim se nomeava, até que a sempre valorosa nação Portuguesa expulsou de todo este Reino aos Romanos, que por não ficarem ali destes as memórias lhe tornaram a dar o seu antigo nome de Torres Novas, com o qual hoje existe, e por ele é conhecida.

Consta esta Vila de mil duzentos e quatro vizinhos, que são fregueses de quatro Paróquias que há dentro nesta povoação, e todas Priorados de copiosas rendas; é Matriz a Igreja do Salvador, que tem dez Beneficiados, S. Pedro tem quatro, Santa Maria seis, e Santiago cinco, e tem nove Ermidas, que são as seguintes: Nossa Senhora da Luz, Santa Iria, Nossa Senhora do Vale, Santo André, Nossa Senhora dos Anjos, S. João Baptista, Nossa Senhora de Nazaré, S. Domingos, e Santo Amaro: tem casa de Misericórdia, e um Hospital. Das quatro Paroquiais sobreditas, que há nesta Vila, é delas Padroeiro, e as apresenta o Excelentíssimo Duque de Aveiro; porque já no ano de 1558 possuía estas rendas Eclesiásticas o Bispo de Ceuta D. Jaime de Alencastro, filho do Senhor D. Jorge Mestre de Santiago. Há mais no distrito desta formosa povoação dois Conventos de Frades, e um de Freiras, o primeiro é o que tem o título de S. Gregório de Carmelitas calçados, o qual existe em um ameno sítio sobranceiro ao Rocio da Vila, e à Ermida do mesmo S. Gregório. Nele colocou o dito Bispo de Ceuta a preciosa Relíquia, que é a

cabeça deste Santo seu titular; em cujo dia é grande o concurso, que visita esta Relíquia, fazendo-se patente aos olhos dos seus devotos, e se lhe faz uma feira onde concorre muito povo dos Lugares circunvizinhos. O Mosteiro de Religiosas chamado do Espírito Santo, é da Ordem Terceira de S. Francisco, a cuja fundação deu princípio no ano de 1536 Dona Branca Religiosa professa da Ordem do Patriarca S. Domingos, tia que foi do Arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes; a qual Senhora quando ali se recolheu, levou consigo para aquela nova povoação de Anjos na terra, ou Paraíso do Céu, quatro Donzelas de virtuosos exercícios, das quais os seus nomes são os seguintes: Maria de JESUS, Violante da Conceição, Jerónima da Costa, e Catarina de Santa Clara, que logo na primitiva existência deste Mosteiro deram obediência ao Provincial dos Frades Terceiros, o R. P. Fr. Matias, porém hoje a dão ao da Província de Portugal e da fundação do Convento dos Padres Arrábidos daremos mais larga notícia no Capítulo que aqui se segue.

CAPÍTULO XI.

Dá-se notícia da fundação do Convento que os Padres da Província de Santa Maria da Arrábida têm nesta Vila de Torres Novas, e das mais circunstâncias que lhe pertencem.

Junto a um Lugar chamado Liteiros, meia légua distante desta Vila tinha o Duque, Senhor dela, e de Aveiro, D. João de Lencastre, fundado um Convento, com o título de Nossa Senhora do Egipto, aos Padres da sempre venerável Província da Arrábida. Porém se este sítio era agradável à vida solitária, não podia deixar de ser repudiado por doentio; porque continuamente se achavam nele os Padres enfermos, frustrando-se o fim para que foi edificado, pois sem saúde, e forças não se conserva bem a disciplina Regular nos atos Religiosos, que é servir a Deus com vigilante perfeição. Eram estes incómodos patentes a todos os moradores da Vila, e todos desejavam se trasladasse o Convento para mais perto, em sítio que fosse mais saudável, e desejando não menos os Religiosos a dita trasladação, falaram nela com algumas pessoas principais daquele povo, as quais todas aprovaram a eleição, sendo esta no sítio a que chamam Berle, o qual fica em muito pouca distância da Vila para a parte do Sul. Para esta obra se efetuar, logo com brevidade tomaram por sua conta Antão Mogo de Melo, Fidalgo da Casa de sua Majestade, e sua mulher a famosa (pelas suas insignes prendas) Angela Sigéa de Velasco, Dama que foi da Senhora Infante D. Maria filha de El-Rei D. Manuel (da qual Dama em outro capítulo daremos mais larga notícia) darem aos ditos Padres uma terra que possuíam no mesmo sítio; cuja doação foi feita aos três dias do mês de janeiro, ano de 1589. Diogo Figueira, que também era fidalgo (e quando nós o não soubéssemos pelas notícias que temos, bastavam os seus heroicos lances, para por eles ser conhecida a sua fidalguia) e sua mulher Maria de Revoredo, os quais consortes compraram um casal que existia neste dito sítio de Berle, e o deram aos Religiosos, para fundarem nele o Convento; a qual fazenda constava de casas, terra, pomar, e olival, com uma fonte de água nativa, e se fez doação ao Convento, juridicamente aos vinte e três dias do mês de março no ano de 1590.

Estas terras que já possuíam os Padres Arrábidos por data dos sobreditos devotos, era bastante terreno para se fundar o Convento, porém entendeu o Guardião, chamado Fr. Fabiano da Coluna, que para esta fundação ficar com mais cómodo, e ter melhor assento o edifício, era muito preciso comprar-se um olival, que estava místico com as mesmas terras, o qual era de Paulo Gonçalves, e de sua mulher Anna de Paiva, os quais consortes eram tão devotos de Santo António, e desejaram tanto esta trasladação, que não quiseram vendê-lo, mas logo espontaneamente o deram por esmola aos Padres para obra tão pia, e devota. Era neste tempo Padroeiro do Convento, que até então existia, o Duque D. Álvaro de Lencastre, ao qual tinha fundado seu tio, o Duque D. João de Lencastre, como já fica dito, a cuja pessoa de D. Álvaro, dava o Provincial desta penitente família, conta de tudo o que se movia nesta matéria, porque ele Duque quis ser também Padroeiro do novo Convento; e como assim, ordenou logo ao seu Almoxarife fizesse conduzir com brevidade todos os materiais para a obra. O seu generoso ânimo era, que o novo Convento excedesse nas oficinas ao antigo. Para este fim mandou, que os oficiais estivessem em tudo à disposição dos Frades, que o Provincial nomeasse, com o Guardião do Convento.

Estando, pois, todas as coisas preparadas, lançou-se a primeira pedra no fundamento da Igreja em dezasseis do mês de fevereiro do ano de 1591, e se lhe pôs a invocação de Santo António, título sempre feliz para a nação Portuguesa. E com tanto fervor se trabalhou nesta devotíssima obra, que dentro em dois anos se viu acabada: pois consta do Cartório do mesmo Convento, e da Crónica da mesma Província da Arrábida, que lançando-se a primeira pedra no ano de 1591, no de 1593, fizeram os ditos Padres deixação do Convento velho, e veio a Comunidade para este novo.

Ficaram os Religiosos com mais alívio no cómodo das oficinas, e com mais saúde, pela melhora do sítio, porém não excedendo nunca a sua fábrica os limites da pobreza, porque nesta esclarecida família sempre realça esta virtude para com Deus no sacrifício das humildades, elegendo por vontade própria, arderem seus corações nos holocaustos de seus santos, e apertados estatutos. Com eles viviam neste Convento muito observantes no serviço de Deus, mas como foi feito com tanta pressa, por esta causa ficou menos forte, para resistir às inclemências, e combates do tempo; e com os receios de maiores ruínas, no ano de 1639, o reedificou quase todo o Guardião dele Fr. António da Mouta mudando o coro, que estava nas costas da Capela-mor, para cima da porta principal da Igreja; o claustro que era forrado de madeira o mandou fazer de abóbadas, renovando também os dormitórios, e as mais oficinas. Para estas obras concorreu a Duquesa da mesma Vila, a Senhora Dona Anna Maria, e mais algumas pessoas devotas com copiosas esmolas, e se deu fim a tudo deixando-o na última perfeição, e com capacidade de assistirem nele mais de vinte Frades, por cujo cómodo a Província o nomeou para nele se ler, e ser casa de estudos, estribando-se para o sustento de tantas pessoas nas esmolas que este Convento recebe dos devotos moradores da Vila, porque todos comummente conservam extremosa devoção com Santo António, desde que o Céu os despertou com os brados de um especial prodígio, do qual aqui faremos recordada memória.

Em um Lugar do Termo desta Vila, vivia uma mulher de tão humilde esfera, como era baixo o seu espírito, e juízo, para vir no conhecimento da grandeza de Deus, e no poder que o mesmo Senhor pode dar aos seus Santos com que obrem maravilhosos prodígios. Era ela neste particular tão incrédula dos milagres, que obrava Santo António, nas pessoas, que imploravam o seu patrocínio, os quais milagres sempre voavam na fama por portentosos; que lhe negava o culto de guardar o seu dia; vendo-se nesta a opinião do sexo, verdadeiramente adulterada. Chegou enfim o dia deste glorioso Santo, dia em que se costumou sempre nesta Vila guardar com pomposos festejos, e devendo-o também solenizar como católica, o desprezou obstinada na sua incredulidade. Quis fazer mais público o seu desprezo, pondo sobre a sua cabeça uma grande porção de trigo, e foi com ele caminhando para um moinho, com a intenção de o fazer em farinha. Neste tempo se voltou no caminho repentinamente, uma serpentina de vento, com tanta veemência, que não podendo resistir-lhe, se lhe torceu o pescoço, e caiu logo morta em terra. Foi levada para a Vila, envolta nos seus próprios vestidos, com sentimento de todos, por tão lastimoso sucesso. Algumas pessoas ainda esperavam que se lhe tornassem a restituir os alentos da vida, porém passado o tempo em que naturalmente já não podia ser, tratavam de dar sepultura ao cadáver desemparado dos impulsos vitais. Levaram-no para a Igreja, aonde concorreu muito povo, que poderia ser inspirado pela Divina Omnipotência, para que houvesse oculares testemunhas do grande prodígio, que o Céu quis patentear a tanta gente, dando a conhecer por este meio os merecimentos do seu grande servo e valido, Santo António.

Estava já a defunta junto à cova, em que a pouco espaço de tempo a haviam de sepultar; quando na presença de todos os que ali estavam, se levantou no esquife em que jazia morta, restituída a vida, sem moléstia alguma; e fazendo suspender os assombros com que aquele povo se alterava, confessou em voz alta o seu erro, reconhecendo a morte, que tivera por castigo da sua culpa, dizendo que naquele tempo em que expirara, um Anjo por mandado de Deus, levara sua alma a parte donde vira as penas do Inferno, e lhe mostrara as que ela merecera padecer, pelo desprezo com que tratava a santidade do glorioso Santo António; e que de outro lugar admirara, a grande solenidade, e alegria com que se festejava no Céu o dia deste Santo, por cujos merecimentos Deus Senhor Nosso foi servido, que ela outra vez viesse ao corpo para fazer penitência da sua culpa, e pregar aos católicos as virtudes do Santo, para que se entendesse por este caso o quanto todos deviam ser seus devotos. O Padre Mestre Frei Damião Cornejo na segunda parte da sua Crónica Seráfica nos diz que o insigne Marcos de Lisboa refere este sucesso da Crónica antiga, que se escreveu em Lisboa da vida, e milagres de Santo António (diz o Autor é anónimo) o qual conheceu a esta mulher, e que ela mesma lhe narrou toda a série do caso, debaixo de juramento. E diz mais o Padre Cornejo, que esta Crónica é manuscrita, e antiquíssima, e se guarda com muita estimação no Arquivo da Cidade. E tornando nós a refletir neste milagre, não duvidamos, que conservando-se na memória dos moradores naturais desta Vila, persuadiriam ao Provincial dos Padres Arrábidos pusesse ao novo Convento a invocação de Santo António, para maior incentivo da sua devoção.

Senhoreada esta famosa Vila pelos Mouros, depois dos Godos; do seu domínio a livrou o sempre invicto, sempre libertador da Cristandade El-Rei D. Afonso Henriques, no ano de 1148, e no de 1190 a veio demolir com um poderosíssimo exército Miramolim Aben José, que fazendo timbre da sua inumana crueldade, não perdoando, nem ao mais humilde edifício, pôs por terra aqueles levantados colossos, que eram perpétuos pregoeiros da imortal fama dos seus edificadores. Compadecido das suas lastimosas ruínas El-Rei D. Sancho primeiro, a mandou reedificar, renovando-lhe as onze torres, que já antigamente tinha, e cercar toda de muros, ficando outra vez com o mesmo ser antigo. El-Rei D. Dinis a deu à Rainha Santa Isabel, na ocasião primeira que se avistou com ela em S. Bartolomeu de Trancoso: depois foi dos Infantes de Portugal, e passando ao Infante D. Jorge de Lencastre filho bastardo de El-Rei D. João segundo, se conservou até hoje na Casa de Aveiro, que são os Duques de Torres Novas.

Esta Vila é do Arcebispado Oriental de Lisboa no Eclesiástico, e no Secular da Provedoria de Santarém, suposto não ser das do número da Comarca. Nela entra em correição o Ouvidor de Montemor-o-Velho: tem um Juiz de fora, três Vereadores, um Procurador do Concelho, um Escrivão da Câmara, tem Juiz dos Órfãos, com seu Escrivão, um Alcaide, e mais Oficiais de justiça, e no seu Termo cinquenta e sete Juízes de Vintena. Há nesta Vila um Sargento-mor da Ordenança, com onze Companhias: tem abundância de pão, admirável vinho, e azeite, para cujas fábricas se lhe contam cinquenta e cinco lagares, boas frutas, muitos gados, e bastante caça. É sem dúvida, que se em toda a parte as terras grandes se jactam de honrosas, por terem em si, e nos seus moradores esclarecidas famílias, não podem negar, que esta encerra em si grande número de nobreza, e muitas casas com opulentos morgados, os quais são o dos Vasconcelos, o dos Pimentéis, e dos Mesquitas, dos Pimentas, dos Avellezes, dos Gouveas, dos Barretos, e dos Melos, que neste se inclui, Mogos, Carrilhos, Velascos, e Castanhedas; e não menos nobilíssima família dos Freires, e Gameiros, que hoje são Capitães-mores da mesma Vila, não só esclarecidos no sangue, como também opulentos nas rendas do seu morgado, e pelo conseguinte os Carneiros, Cottas, Pintos, e também os Galvões. Estes fidalgos destas

famílias descendem de ilustres baronias, principalmente de Antão Mogo de Melo, e Carrilho, Fidalgo da Casa de sua Majestade, ao qual se passaram os brasões, e armas de seus antepassados. Este Cavalheiro foi casado com a erudita Angela Sigéa de Velasco, filha de Diogo Sigéo de Toledo, e de Dona Francisca de Velasco, sendo estes consortes de ilustres prosápias em Castela; aquele dos fidalgos Sigéos de Toledo, esta da esclarecida família dos Velascos, e pelas suas extremadas prendas, e fidalguia, foi Dama muito querida da Senhora Infante Dona Maria, filha de El-Rei D. Manuel, e da Duquesa de Bragança, a Senhora Dona Catarina: como também foi muito estimado seu marido, da dita Senhora Infante, e Casa de Bragança. Seu pai Diogo Sigéo foi Mestre de El-Rei D. João o terceiro, do Infante D. Duarte, do Duque de Bragança D. Teodósio, das Senhoras Dona Catarina, e Dona Maria, que casou com o Príncipe de Parma Alexandre Farnésio; e finalmente até ao tempo que faleceu teve Diogo Sigéo a seu cargo dar a boa educação a todos os filhos, e netos de El-Rei D. Manuel.

Teve também este fidalgo outra filha chamada Luísa Sigéa de Velasco, tão doutamente discreta, como versada nas línguas, Latina, Grega, Hebraica, Caldaica, e Siríaca, além das duas, a que chamamos Vulgares, que são Portuguesa, e Castelhana. Corria por toda a parte a fama do talento que Deus lhe quis dar; e era tal a sua discrição, que muitos Príncipes da Europa a correspondiam por cartas, só por terem o gosto de lerem a erudição dos seus escritos. O Sumo Pontífice Paulo terceiro lhe escrevia para admirar nas respostas o levantado estilo de sua elegância. Pelo conseguinte fazia o mesmo El-Rei D. Filipe segundo, e outras pessoas grandes daquele tempo. Teve por berço Luísa Sigéa em o seu nascimento a Real Cidade de Toledo, e na História que desta Corte escreveu o Doutor Piza, brevemente trata deste raro sujeito pelas palavras que aqui se seguem: *De Luísa Sigéa a Donzela Toledana mais elegante memória João Vazeu em a sua Crónica de Espanha, dizendo, que não somente pode Espanha fazer ostentação de Varões excelentes em erudição, senão também de mulheres insignes.* Diogo Sigéo seu pai a trouxe de Toledo para Portugal tendo ela poucos anos, e estando na flor da sua idade, teve logo por discípula a referida Infante Dona Maria, em cujo Palácio foi Dama bastantes anos, e dali se casou com o fidalgo de Burgos chamado D. João, dos quais procedeu D. José Ronquilho seu terceiro neto, Visconde que foi de Villar, Gentil-homem da Câmara de S. Majestade.

O Autor que escreveu a História de Palência fazendo lembrança das mulheres insignes de toda a Espanha, diz dela o que se segue: Luísa Sigéa, cujo pai Francês de nação casou em Toledo, e com esta filha, que ali lhe nasceu foi a Portugal e a meteu em Palácio, em serviço da Senhora Infante Dona Maria filha de El-Rei D. Manuel. A esta Sigéa ensinou seu pai algumas letras, e ela depois se deu tanto a elas, que se fez mui sciente na Filosofia, Oratória, Poesia, e principalmente em as línguas, Latina, Grega, Hebraica, Siríaca, Arábiga, e Caldaica, as quais falava tão facilmente como a própria língua materna, pelo que era conhecida em a maior parte da Europa. Assim falou dela este Autor, e nós fomos testemunhas de ver um livro que compôs em forma de Diálogo, em que falam as Damas, o qual trata de diferençar a política que há entre a vida cortesã de Palácio, da solitária e campo, coisa discretíssima. No ano de 1596, por mandado de sua ama (a dita Senhora Infante) a quem dedicava as suas obras, fez a descrição da Vila de Sintra, que naquele tempo era a própria Casa de campo dos Reis de Portugal, também obra digna do seu talento.

Sendo Luísa Sigéa admirada no mundo por todas estas sublimes prendas, que a sua fortuna lhe quis dar, a ela era também igual nas mesmas partes sua irmã: Angela Sigéa

de Velasco, sendo juntamente tão singular na música, que era assombro a todos os músicos, e músicas daquele tempo. Seu corpo jaz em sepultura particular na Capela do Bom JESUS crucificado, na Paroquial Igreja do Salvador desta Vila de Torres Novas, Imagem muito milagrosa, chamada antigamente dos Lavradores, cujo jazigo foi sempre, e é dos Melos, e Mogos, naturais da mesma Vila. Desta grande Senhora por todos os títulos Angela Sigéa, se lembram em suas memórias vários Nobiliários deste Reino. Neste povo se acham ainda alguns retratos seus, principalmente em casa de seu terceiro neto João de Melo Carrilho de Velasco, com muitos livros, que doutamente compôs: e também ali se vê o retrato de sua irmã Luísa Sigéa, com a notícia de uma honrada carta, gravada toda de especiais laudatórias, que lhe mandou o Papa Paulo terceiro, envolta com muitas graças de Indulgências, sendo isto no ano décimo-terceiro de seu Pontificado, passada em Roma a oito do mês de janeiro de 1547, de cuja carta são estas as primeiras palavras: *Dilectam in Christo filiam salutem &C.* Destas duas famigeradas irmãs, fazem menção nobilíssimos Escritores; e o grande António de Sousa de Macedo se lembra delas, nas suas *Flores de Espanha, e Excelências de Portugal*, cap. 8. fol. 69. Excel. 11. Vazeu. tom. 1. cap. 9. Xextor. *in Officiis cap. de mulieribus devotis*. Francisco Soares Toscano nos *Paralelos de Varões ilustres*, Resende, e Duarte Nunes de Leão, na *Descrição de Portugal*, com outros muitos que aqui não lançamos, por não molestar os leitores. O Ano em que faleceu Luísa Sigéa, sabemos que foi no de 1569, e que jaz sepultada no Convento dos Padres Carmelitas desta Vila que já apontámos, no jazigo de seus pais, Diogo Sigéo de Toledo, e D. Francisca de Velasco. O tempo do falecimento de sua irmã Angela Sigéa ignoramos. De muitas mais pessoas naturais desta nobre Vila, insignes em muitas artes, e virtudes, pudéramos aqui com mais difusa fazer lembrança, mas como em diversas escrituras com outra elegância se têm já patenteado ao mundo, não será justo, que com estas nossas de estilo mais humilde, demos causa a que se enfastiem os discretos, e curiosos leitores. Tem esta Vila voto em as Cortes, que se fazem no Reino, tendo o seu assento no banco sexto: as suas armas que se estão vendo abertas em pedra, sobre uma porta antiga desta famosa povoação, cifram-se em uma Torre, com uma mão por cima dela, apertando uma maça de ferro.

CAPÍTULO XII.

Em que se descreve a Vila da Golegã, e o que em si inclui.

Fica esta Vila situada na Província da Estremadura, uma légua de Torres Novas, para a parte do Sudoeste, e quatro de Santarém ao Nordeste, em um lugar raso, ficando o seu assento contíguo com dilatadas campinas; as quais a fazem abundante de muito pão, vinho, azeite, legumes, e grande cópia de diverso gado. He da Coroa, e tem ao presente tempo em que estamos, seiscentos e trinta e dois moradores, que todos são fregueses de uma só Igreja Paroquial, cujo título, Orago, he, *Nossa Senhora da Conceição*, a qual Igreja he fundação d'El-Rei D. Manuel: tem um Vigário, que Sua Majestade apresenta, com um Cura, e Tesoureiro. Há nesta Vila uma Casa da Misericórdia, com sete Capelães, e seis deles tem a obrigação de dizerem todos os dias Missa na Capela de *Nossa Senhora dos Anjos*, a qual foi instituída por Fernão Lourenço. Tem mais quatro Ermidas, as quais são das invocações seguintes: *O Salvador*, o *Anjo S. Miguel*, S. João, *Santo António*, e distante da Vila um quarto de légua, para a parte do Nordeste, está situado um pequeno Convento de Frades Franciscanos da Religiosa Província de Portugal, com a invocação de *Santo Onofre*, em o qual assistem dez ou doze Religiosos: porém do seu princípio não dizemos alguma coisa, porque não temos as notícias, nem achamos que falem na sua fundação os Padres Cronistas da mesma Província nas suas escrituras, principalmente na *História Seráfica*, que por esta razão entendemos, que ou será demasiadamente antigo, ou muito moderno.

Militam no governo Civil desta Vila da Golegã um Juiz de Fora, três Vereadores, um Escrivão da Câmara, e um Procurador do Concelho, e dois Escrivães do Judicial. Há ali um Juiz dos Órfãos, o qual tem seu Escrivão, outro da Portagem, e um das Sisas, outro Escrivão das Notas, um Alcaide, e um Inquiridor. No Eclesiástico, tem um Vigário da Vara com seu Escrivão, e dois Meirinhos. E no que toca ao Militar tem duas Companhias da Ordenança, que estão subordinadas ao Sargento-mor da Vila de Santarém, aonde reside. Há nesta Vila uma grandiosa feira, e tão grande, que se regula pela maior do Reino, em a qual fazem os moradores entre si pagamentos gerais das fazendas de que se encarregam; nela concorre muita gente de todo este Reino, e de Castela, e he a onze do mês de novembro, começa em o dia de S. Martinho, continuando-se o tempo de oito dias. O Termo desta terra tem duas léguas de comprido, e pouco menos de largura: nele há quatro grandiosas quintas, as quais são; a *Labruja*, que he dos Padres da Companhia de Santarem; e a da *Cardiga*, que tem doze Torres, he dos Religiosos de Tomar da Ordem de Cristo; a terceira he a que chamam dos *Álamos*, que he do Conde de Santiago, e a quarta he a do *Paul*; e no distrito do mesmo Termo há estas Ermidas, *S. Sebastião*, e S. Caetano. Há nesta terra algumas famílias muito esclarecidas, as quais são dos seguintes Apelidos, Guimarães, Feijós, Pintos, Carneiros, Coutinhos, Gameiros, Melos, Rebelos, Sotis, Carrolas, e Vasconcelos, e Gouveias. As armas, que tem esta Vila, não constam mais que de uma mulher com uma infusa na mão, que dizem fora a sua fundadora; a qual fabricou neste distrito uma estalagem, para nela dar de comer aos viandantes, e por esta mulher ser Galega, e concorrer àquela sua pousada grande número de pessoas, no princípio do Reino desta palavra Galega, que todos lhe chamavam, se corrompeu o vocábulo à Vila dizendo-se Golegã, que he o nome que até hoje conserva.

CAPÍTULO XIII.

Das notícias da Vila de Alcanede.

Antiga Vila de Alcanede, fica em distância de Santarém quatro léguas entre o Noroeste, e o Norte. Está situada ao pé da Serra de Aire, mas ainda na sua fralda, com seu Castelo antigo, que he obra dos Romanos, e a Vila a mandou povoar de novo o nosso Rei D. Afonso Henriques, pelos anos de 1163, dando poder a um fidalgo, chamado Gonçalo de Sousa para o mando, e disposição desta obra; e para a edificação do Eclesiástico a encarregou ao Real Convento de Santa Cruz da Cidade de Coimbra. Depois no ano de 1187, El-Rei D. Sancho o primeiro, fez mercê dela à Ordem Militar de Avis. Tem trezentos vizinhos com pouca diferença, que todos são fregueses de uma Paroquial Igreja, da qual he Orago N. Senhora da Purificação, e o Prior dela he Freire da Ordem de Avis, com quatro Beneficiados, os quais são todos Curados, e também o he o Tesoureiro. Há nesta terra uma Casa de Misericórdia, um Hospital, e as seguintes Ermidas: *Nossa Senhora da Conceição*, *Santo António*, e S. Silvestre. A Ordem de Avis fez El-Rei D. Dinis doação desta Vila, e de todo o seu Termo, com a Igreja Paroquial no ano de 1337. Temos na memória a notícia, que foi esta Vila Cabeça de Condado, cujo título deu El-Rei D. Filipe o terceiro, a um fidalgo dos mais ilustres de Portugal, chamado D. Francisco de Alencastre, Comendador-mor de Avis. Desta mesma Vila, foi Alcaide-mor, e juntamente Comendador, o Conde de Vila Nova de Portimão D. Luiz de Alencastre. Há nela dois Juízes, que são ordinários, três Vereadores, com seu Escrivão da Câmara, um Procurador do Concelho, há Juiz dos Órfãos, com seu Escrivão, um Escrivão dos direitos Reais, outro das Sisas, seis Tabeliães do Judicial, e Notas, um Alcaide. No que toca ao Militar, tem um Capitão-mor, um Sargento-mor, que governa cinco Companhias da Ordenança e há mais duas de Auxiliares.

Para maior crédito daqueles, que verdadeiramente são servos de Deus, e para que mais seja patente ao mundo, o quanto o mesmo Senhor acode pelo crédito da inocência, expenderemos aqui um maravilhoso caso, por ser prodígio, sucedido nesta Vila em presença de todos os seus moradores, e foi com pouca diferença e em suma (para abreviarmos palavras) na forma seguinte. Do famoso, e Religiosíssimo Convento de Avis, para a Igreja Paroquial desta Vila de Alcanede, foi ser Prior o Padre Frey Lopo Vaz Folgado natural de Lisboa, Padre de letras, e virtudes. E quando desta Cidade foi para o Priorado, levou consigo sua Irmã Ana Cerqueira do Avelar, que ambos eram filhos de Marçal do Avelar Folgado, e de sua mulher Catarina Cerqueira. Era este perfeito, e virtuoso Pároco, muito vigilante, e zeloso do bem espiritual dos seus fregueses, e juntamente esmerado na perfeição do culto, que a Deus se devia dar na sua Igreja. He sem dúvida que para maior glória sua teve logo naquela Vila uns inimigos, os quais obstinadamente com testemunhas falsas lhe imputaram aleivosamente crimes, pelos quais foi preso para Lisboa, e depois de sofrer muito tempo com paciência o aperto da prisão, sabida, e bem justificada sua inocência, saiu para o mundo solto e livre, e para Deus mais purificada a sua virtude: mas para os corações ferinos, muitas vezes não lhes basta o conhecimento da verdade, porque dela mesma lhe forma o demónio matéria à sua sevícia: pois neste caso sucedeu, que vendo-o seus inimigos livre da prisão, o mataram com veneno, sendo para isto medianeira uma mulher que lhe ministrava o sustento, a qual eles compraram por muito dinheiro. Porém, oh que inescrutável he a grandeza de Deus, quando quer mostrar aos homens os seus prodígios, pois desde a hora em que o Santo Padre expirou em Lisboa, até o tempo que lhe encerraram o corpo na sepultura, os sinos

da sua Igreja de Alcanede estiveram dobrando por si sós, sem para isso pessoa alguma lhe pôr mão, ou outro impulso de algum instrumento: e só se deve entender que quis o Céu que aqueles bronzes insensíveis fossem pregoeiros para acordarem bradando nos ouvidos dos mortais, especialmente de seus inimigos, a fereza, e desumanidade da sua tirania, executada na pura inocência deste justo, para confusão da malícia, e temor dos ânimos perversos. E aonde passa mais adiante o nosso reparo he, que os sinos se dobraram com tanta violência, que todos se quebraram, sem algum deles ficar inteiro. Todo o referido caso antes de o acharmos na *Coreografia Portuguesa*, o lemos em um tratado manuscrito, que com erudição admirável compôs Simão Froes, natural da mesma Vila, pessoa erudita, e de esclarecidas famílias, parente por sucessiva descendência do dito Prior; por quem Deus obrou esta grande maravilha.

CAPÍTULO XIV.

Da Vila da Azambujeira.

Desta Vila temos muito pouco que dizer, porque não pudemos descobrir alguma notícia da sua antiguidade; porém ainda que a sua povoação seja limitada por ter poucos moradores, e estes serem de nobrezas não muito conhecidas, e ignorarmos o princípio do tempo em que foi fundada, preciso he fazer aqui memória do que dela temos na lembrança. De Santarém duas léguas para a parte que fica entre o Noroeste, e o Norte, tem o seu assento a Vila da Azambujeira, cujo nome dizem lhe deu o povo daqueles Lugares circunvizinhos, por estar antigamente cercada de muitas árvores de Azambujos, e ainda hoje se estão vendo ali muitos deles. Também sabemos, que antigamente sendo só Lugar, e não Vila, foi anexo à Igreja de S. João da Ribeira, cuja Paróquia existe no limite do Termo de Santarém. El-Rei D. João o quarto, fez este Lugar Vila pelos anos de 1654, sendo Senhor dela Lourenço Pires de Carvalho, Provedor que foi das obras Reais do Paço, com um Ouvidor posto ali por ele, e hoje he seu donatário o Conde de Soure por descendência do sobredito fidalgo Lourenço Pires. Tem esta Vila uma só Igreja Paroquial, com quarenta e quatro vizinhos, isto he falando daqueles que moram dentro dela, porém com os que moram mais distantes, consta de cento e treze moradores, que todos são fregueses da dita Paróquia: esta he Vigairaria colada, da apresentação dos Arcebispos de Lisboa, com duas Ermidas anexas; e tem mais anexo o Lugar da Louriceira, e o de Alfouvez, com vários casais, e quintas, que tudo compreende o seu Termo. He abundante de azeite, vinho, pão, legumes, gados, e bastante caça. No que toca à Justiça desta terra, sabemos que tem dois Juízes Ordinários, três Vereadores, com um Escrivão da Câmara, um Procurador do Concelho, um Juiz dos Órfãos com seu Escrivão, um Tabelião, e um Alcaide, e no Militar, uma Companhia da Ordenança.

CAPÍTULO XV.

Da Vila de Alcoentre.

Em um sítio baixo, quatro léguas da nossa Vila de Santarém para a parte do Noroeste, tem o seu assento esta Vila de Alcoentre na margem de uma frondosa, e amena ribeira, que lhe banha os pés com suas águas, e a fertiliza de deliciosas frutas, pão, vinho e azeite. Compõe-se o número dos seus moradores com os do seu Termo, de mais de duzentos e setenta: há nela uma Igreja Paroquial com o altíssimo título de *Nossa Senhora da Encarnação*; cujo Priorado apresentam as Freiras de Vila de Conde. Tem um Hospital, e quatro Ermidas, que são: *N. Senhora do Pópulo*, o *Espírito Santo*, *Santo António*, e S. Roque. O seu Termo tem os seguintes Lugares: Tagarro, que lhe fica em pouca distância, em o qual há uma formosa Ermida do glorioso S. Pedro com Sacrário em que está o SANTÍSSIMO SACRAMENTO de morada, a cuja Ermida assiste um Capelão Curado, que dali administra os Sacramentos aos enfermos do mesmo terreno. O Lugar das Quebradas, sítio aonde chamam a Quinta da Retorta, com duas Ermidas, uma do Mártir S. Sebastião, e outra de *Santo António*, e o Lugar de Alcoentrinho. Desta Vila foram antigamente Senhores, os Marqueses de Vila Real, que dizem a venderam a um Fidalgo chamado Martim Afonso de Sousa, Governador que foi da Índia, o qual fundou nela um Palácio com uma notável Torre, à imitação da de Dio, que se celebra no Oriente por coisa admirada: dela trouxe este fidalgo o rascunho, e no dito Palácio que fez nesta Vila ainda hoje existe, sendo agora Senhor dele, e da Vila o Conde de Vimieiro. Acham-se junto a esta Vila, e seu Termo grandiosas quintas, as quais são, a da *Murteira*, que foi sempre da família dos Salemas Almeidas, outra que he Cabeça de Morgado dos Carvalhos Pachecos, a quinta chamada da *Ferraria*, que possuem os Gomes Correias Barbas, e outras mais de diversos donos, de grandes rendimentos.

CAPÍTULO XVI.

Da Vila de Almeirim.

Das Vilas que compreende esta grande Comarca de que vamos dando notícias a primeira que encontramos da banda d'além do Tejo, é Almeirim. E porque dela fazemos caminho para as mais que existem na dilatada campina transtagana, desta parte será ela a primeira em que iremos torcendo o fio à urdidura destas memórias. De Santarém uma légua passando o celebrado Tejo, para a parte do Sueste, na estremadura do seu formoso campo, e charneca (que uma coisa, e outra dali domina) se descobre em plano terreno a nobre, e régia Vila de Almeirim, deliciosa recreação que sempre foi das nossas Majestades Portuguesas, assim pela abundância de toda a variedade de caça, como pelas divertidas pescarias do rio de Alpiarça; o qual como cinta de prata em vagarosa corrente, oferece grato à Vila pela sua margem, os saborosos peixes, que com especialidade aos mais rios em si cria; e por consequência toda a volataria que em seu largo campo habita. Querem dizer alguns antiquários do nosso Reino, que foi fundada pelo magnânimo Rei D. João o primeiro. Porém temos notícias muito prováveis que já no tempo em que os Mouros senhoreavam Portugal havia neste sítio alguma povoação, pois os mesmos Mouros lhe deram o nome que hoje tem, e bem se está vendo que na linguagem Arábiga todos os nomes de terras sempre principiam por *Al*, como Alenquer, Almada, Alfizirão, e as mais a que eles deram os nomes. E pelos anos de 1411 o dito Rei D. João, a mandou novamente povoar, e a fez Vila como hoje a vemos. El-Rei D. Manuel lhe fez um Palácio Real, que em número de casas, e fábricas Régias, excede a todos os mais que as Reais Pessoas têm neste Reino; com uma dilatada horta, a qual encerra em si um tal labirinto de ruas, tecidas de altíssimos buxos, enlaçando-se em partes por cima em copa tão fechada, que os raios do Sol lhe não penetram nunca as estâncias de seus pavimentos: repartindo-se em regulares quadros, aonde se vê em diversas partes, com delícia da vista o prateado elemento por artifício humano, elevar-se graciosamente à região aérea para nela deplorar em cristalinas pérolas, a liberdade que perderam as suas nevadas correntes: fazendo tudo uma perspetiva harmoniosa, e agradável ao emprego dos olhos, que dá sumo recreio à vida humana, e para a meditação virtuosa, tem ali na solidão dos bosques própria, e adequada estância para o exercício contemplativo.

Tanto apreço faziam os nossos Reis deste Palácio, e tanto estimavam esta Vila de Almeirim, que nela nasceu aos 28 do mês de março ano de 1541 o Senhor D. Duarte, filho dos Infantes D. Duarte, filho de El-Rei D. Manuel, e de Dona Isabel, filha do Duque de Bragança D. Jaime. Foi Duque de Guimarães, e Condestável deste Reino, e ainda mais a ilustrou com o seu nascimento o Cardeal D. Henrique no último dia de janeiro de 1512, Rei que foi deste Reino, filho oitavo de El-Rei D. Manuel, e sétimo de sua segunda mulher a Rainha Dona Maria, o qual lá pelos anos de 1579 fez Cortes, tratando da sucessão do Reino, depois que sucedeu a lastimosa perda do nosso exército em África. Ao qual posto que alguns o façam nascido em Lisboa, e morto em Almeirim, tenho por certo lhe tiram a terra verdadeira de seu nascimento, e a ela a glória de ser pátria de um tal Herói, o que brevíssima, e evidentemente mostrarei para não defraudar ao Termo da Vila de Santarém desta ventura.

O Senhor Rei D. Manuel foi filho sexto do Infante D. Fernando Duque de Viseu, que o era segundo do Senhor D. Duarte, e da Senhora D. Beatriz filha do Infante D. João sexto filho do Senhor Rei D. João o primeiro etc. Vide Epítome de las Historias

Portuguesas de Faria part. 3. cap. 15. f. 190. O mesmo na sua Europ. Portuguesa tom. 2. part. 4. cap. 1. fol. 491. Epítome Cronológico, Genealógico, e Histórico de Bonucci. liv. 4. §. 15. fol. 517. & alib. Do segundo matrimónio com a Senhora D. Maria filha dos Reis Católicos teve primeiro ao Príncipe D. João que lhe sucedeu em os Reinos, e o terceiro do nome. Segundo a Dona Isabel que casou com o Imperador Carlos quinto Rei de Espanha. Terceiro, a Infanta D. Beatriz que casou com Carlos Duque de Saboia. Quarto, o Infante D. Luiz Pai do Senhor D. António Prior de S. João do Crato. Quinto, o Infante D. Fernando que foi casado com Dona Guiomar, herdeira da Casa de Marialva, e morreu sem deixar filhos. Sexto, o Infante D. Afonso que foi Cardeal, e Arcebispo de Lisboa. Sétimo, o Infante D. Henrique que também foi Cardeal, e veio a ser Rei de Portugal, primeiro do nome de quem aqui tratamos. Oitavo, o Infante D. Duarte que sendo casado com D. Isabel filha de D. Jaime Duque de Bragança, e da Duquesa D. Leonor filha do terceiro Duque de Medina Sidónia, teve deste desposório ao Senhor D. Duarte, que morreu moço, e a Senhora D. Maria que casou com o Príncipe de Parma Alexandre Farnésio, e a Senhora D. Catarina que casou com D. João Duque de Bragança. Teve mais o Senhor D. Manuel deste matrimónio. Nono, o Infante D. António. Décimo, a Infanta D. Maria, que morreram de pouca idade. Vide Reis de Portugal, e Empresas Militares de Lusitanos. liv. 8. fol. 180. O Ph. António de Vasconcellos Anacephaleosis. 18. fol. 263. O Céu Aberto na terra do P. Francisco de Santa Maria. liv. 1. cap. 3. fol. 195. do mesmo Ano Histórico, e Diário Português dia 31 de janeiro fol. 138. Epítome de las Historias Portuguezas de Faria. part. 3. cap. 15. fol. 205. e cap. 18. fol. 236. do mesmo Europa Portuguesa tom. 2. part. 4. cap. 1. fol. 355. E no 3. tom. part. 1. cap. 2. fol. 37. Benedictina Lusitana. trat. 2. Prelud. 2. part. 6. §. 1. fol. 385. Epítome de Bonucci. Ibid. liv. 4. §. 18. fol. 520. Vida do Sereníssimo Príncipe Eleitor Wilhelmo. Árvore 2 da Genealogia dos Reis de Portugal. fol. 282.

Nasceu o Senhor Cardeal Rei em Almeirim a 31 de janeiro de 1512. Epítome de Faria. Ibid. cap. 18. fol. 236. E na sua Europa Portuguesa. trat 3. part. 1. cap. 2. fol. 17. Epítome de Bonucci. liv. 4. §. 18. fol. 320. Vida do Sereníssimo Príncipe Eleitor Wilhelmo na Árvore da Genealogia dos Reis de Portugal. fol. 282. Alcobaça Ilustrada. tit. 16. fol. 476.

O virtuoso Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida foi que batizou ao nosso Cardeal Rei. Ano Histórico, e Diário Português. dia 31 de janeiro §. 2. fol. 138. Faria Europa Portuguesa. t. 2. part. 4. cap. 1. fol. 529. &c.

Foi criado Cardeal do título dos Santos quatro coroados no ano de 1546 por Paulo terceiro com privilégios de Legado *à Latere* neste Reino. Foi Arcebispo das três Igrejas Metropolitanas, Braga, Lisboa e Évora. Abade de Alcobaça, Prior de Santa Cruz de Coimbra em o lugar de seu irmão D. Afonso por causa de ser assumpto à dignidade de Cardeal. O P. António de Vasconcellos Anacephaleosis. 21. §. 2. fol. 328. §. 5. fol. 330. §. 15. fol. 336. Ano Histórico, e Diário Português dia 31 de janeiro. §. 3. fol. 138. 139. Epítome de Bonucci liv. 4. §. 18. fol. 236. Na sua Europa Portuguesa Faria t. 3. cap. 2. f. 37. Vida do Sereníssimo Príncipe Eleitor Wilhelmo. Árvore 2 da Genealogia dos Reis de Portugal. fol. 282.

Pela perda de El-Rei D. Sebastião na infeliz jornada de África, e por a falta de sucessão nesta Coroa foi aclamado Rei seu tio o Senhor Cardeal Rei de que falamos a 22 de agosto de 1578 com 76 de idade, mais para a tumba que para o cetro. Faria Europa Portuguesa. t. 3. cap. 2. part. 1. fol. 38. Ano Histórico. §. 3. fol. 139, e 140. Do mesmo,

Céu Aberto na terra. liv. 1. cap. 4. fol. 197. Alcobaça Ilustrada. tit. 16. f. 473. Vida do Sereníssimo Príncipe Eleitor Wilhelmo. Árvore 2 da Genealogia dos Reis de Portugal. fol 282. Epítome de Bonucci. liv. 4. §. 18. f. 521. Memórias Históricas de Frei Manuel de Sá cap. 5. §. 14. fol. 12.

Fazendo um círculo perfeito a 31 de janeiro de 1580 entregou sua alma ao Criador com 78 de idade, e um e meio de reinado na Vila de Almeirim, próprio Lugar onde nasceu, sendo nele mesmo depositado. Faria Europa Portuguesa. t. 3. part. 1. cap. 2. fol. 60. E no seu Epítome part. 3. cap. 18. f. 247. Epítome de Bonucci. liv. 4. §. 18. fol. 521. Tesouro dos Prudentes. liv. 1. Catálogo dos Reis de Portugal. fol. 44. Vida do Sereníssimo Príncipe Eleitor Wilhelmo. Árvore 2 da Genealogia dos Reis de Portugal. fol. 282. Alcobaça Ilustrada. tit. 16. fol. 476. Coleção dos Documentos da Academia Real da História Portuguesa de 1724. Catálogo dos Bispos de Coimbra. §. 7. fol. 159. Benedictina Lusitana. trat. 2. prelud. 2. part. 6. §. 2. fol. 486.

No ano de 1582 por Ordem de Filipe o Prudente foi seu corpo trasladado para o Real Mosteiro de Belém onde existe, e nesta ocasião se achou seu corpo inteiro, e incorrupto. Epítome de Bonnucci liv. 4. §. 18. fol. 521. Epítome de las Historias Portuguezes de Faria. part. 3. cap. 18. fol. 242. & alibi.

O P. M. Francisco de Santa Maria Cónego Secular no seu Ano Histórico, e Diário Português no dia 31 de janeiro §. 2. fol. 138. E Manuel de Faria, e Sousa na sua Europa Portuguesa t. 2. part. 4. cap. 1. §. 70. fol. 529. E o Padre António de Vasconcellos, Anacephaleosis. 21. §. 1. fol. 327 dizem que o Cardeal Rei nascera em Lisboa, concordando com os mais Autores no dia, mês e ano: só se diferenciam no lugar, e como são Autores que pela sua pena se fizeram beneméritos do crédito que hoje todos os Escritores lhes tributam; preciso se faz, que com alguma atenção vejamos o que narram procurando saber o motivo que tiveram para assim o escreverem.

Diz o P. M. Francisco de S. Maria que o Cardeal Rei nascera em Lisboa, o que encontra a verdade; porém evidentemente se mostra que não errou em dizer que nascera em Lisboa, antes procurando Autores de nota segundo seu costume, expôs quanto eles lhe ensinavam (ainda que os não cite) com tudo claramente se conhece que seguiu a Manuel de Faria e Sousa na sua Europa Portuguesa t. 2 em que trata da vida de El-Rei D. Manuel, onde afirma que nascera o Cardeal Rei em Lisboa, e com as mais circunstâncias que o dito P. M. dele tirou; e como a História não admite composição nova, porque é só narrar o que os Autores mais graves dizem deste, ou daquele modo, que isso fica ao discurso do Autor conforme o seu intento, porém o essencial, o há de tirar de outrem, que não pode ser próprio. Causa porque nos ensina o P. M. o mesmo que de Faria colheu, e não é erro de quem para o seu ramalhete procura rosas, lhas ponha com os espinhos que elas consigo trazem; e como seguiu a Faria, não podia dizer senão o que ele lhe insinuava, estilo que nos Historiadores não só é comum, mas preciso, por não poder ser o contrário, e assim não podemos imputar culpa ao P. M., nem seguir o que ele neste lugar diz, sem averiguarmos a causa que teve quem ele seguiu, para dizer que o seu nascimento fora em Lisboa. De que seguiu a Faria não faz dúvida, e veja-se com atenção na parte citada.

Diz Manuel de Faria e Sousa, que o Cardeal Rei nascera em Lisboa, o que é inadvertência, e esta nascida do lugar aonde o traz, que é na vida de El-Rei D. Manuel seu pai, onde o seu principal fundamento é narrar a Vida de El-Rei D. Manuel, e não a de seu filho D. Henrique, e só para a de que tratava havia de procurar os principais

fundamentos, e não para a de D. Henrique, por mui brevemente falar dele em um só parágrafo, em que lhe não era preciso para o ponto da sua narração, pôr o dia, mês, e ano, e parte donde nasceu o nosso Cardeal Rei, pois não era aquele o seu lugar próprio; e como das coisas feitas por demais se não faz caso, como as que são obradas de propósito, passou Faria adiante com o seu intento, sem fazer reparo no que tinha dito. E a razão se conhece quando ele trata especialmente da vida do Cardeal Rei, para a qual precisamente havia de procurar os melhores Autores, que sobre a sua História falassem, e deles tirar o que lhe parecesse mais certo, e procurar desfazer as dúvidas que se lhe oferecessem: logo é certo que nesta parte se lhe deve dar maior atenção; e como nela diga que nasceu em Almeirim, como se vê na sua Europa Portuguesa 3. t. na parte já citada, não pode haver razão para que deixe de seguir esta parte, que trata especialmente da sua vida, e não aquela onde não é o seu intento falar da vida de D. Henrique, senão da vida de seu pai. E quando a dúvida só consistisse em qualquer destas partes, só se devia dar mais crédito ao que está já decidido: veja-se o mesmo Autor no seu Epítome já citado, em que diz, que nascera em Almeirim; e assim claro está que foi engano em dizer que nasceu em Lisboa, e só se deve seguir o contrário, como o mesmo declara, e os mais Autores, por ser a parte onde havia de procurar as notícias mais sólidas, para com mais pura verdade nos noticiar o seu intento; e podia nascer também este engano de pôr só o que na sua mente se lhe fazia mui presente, sem fazer mais diligência, em atenção do lugar, a que se lhe não pode chamar erro, e só este teria lugar se quando tratasse da vida do Cardeal Rei, pusesse sem mais diligência, o que se lhe representava, que tinha nascido em Lisboa, mas como ele diga o contrário, que nascera em Almeirim, claro está, que isto devemos seguir como tratado na parte mais principal, e a que se deve dar mais atenção.

Diz o P. M. António de Vasconcellos, que o Cardeal Rei nascera em Lisboa. Não posso verdadeiramente conhecer a causa, nem achar Autor que o siga, nem a quem ele siga nesta matéria, e só me parece ser o motivo, que como Autor mais antigo, se fiasse de algum manuscrito, que estivesse viciado, ou de notícia de pessoa (que não fosse mui certa em este lugar) que lhe parecesse fidedigna, e com isto somente escrevesse, motivado de não haver ainda Escritores públicos da vida do nosso Cardeal Rei, como por estar neste tempo ainda a lembrança fresquíssima, que o motivou a não fazer diligência de saber se a notícia que se lhe participara era verdadeira, e assim mui facilmente se enganaria; o que não deixa de suceder aos homens mais doutos; e como se não ache fundamento para dizer, que nasceu em Lisboa, nem Autor que o afirme, devemos seguir a parte contrária de que nasceu em Almeirim, como da sua mesma Religião o afirmam os Autores da Vida do Sereníssimo Príncipe Eleitor Wilhelmo, e o P. M. António Maria Bonucci, como acima escrevemos, os quais dizem nascera em Almeirim.

Pelo mencionado se verifica, que não devemos atender ao que nesta parte diz o P. M. Francisco de Santa Maria, por seguir a Manuel de Faria e Sousa; nem seguir a Manuel de Faria e Sousa, por estar provado o seu engano; e muito menos ao Padre António de Vasconcellos, por não haver razão que o afirme, nem quem o siga nesta matéria, e ter Autores que afirmam o contrário, e especialmente da sua Religião, que não haviam deixar de ter notícia da sua doutrina; e excetuados estes, não sei quem mais afirme que nasceu em Lisboa, e por isso disse pelas razões já expostas, que nascera em Almeirim, o que não faz dúvida, nem neste tempo a tenho pelo que pertence ao seu nascimento, nem se me oferece em o lugar seu trânsito, só sim faço algum reparo em ver, que em Henrique acabou a direita sucessão do Reino, a que tinha dado princípio outro Henrique que faleceu em 1112 para que neste ano entrasse a governar, ou resplandecer o primeiro Rei de Portugal, e agora vemos que no de 1512 nasceu, principiando outro Henrique para ser o último,

assim no nome, como no número de 12, morrendo o Rei, e o Reino: o Rei no lugar onde nasceu, e o Reino na pessoa do Rei, fazendo-me trazer à memória o Império Romano, que teve princípio em um Augusto, e fim em outro Augusto; e o dos Imperadores Latinos em Balduíno, e acabou em outro Balduíno; e o Reino de Granada em Mahomet, e expirou em outro Mahomet. E finalmente Constantinopla, que foi edificada por Constantino filho de Helena, e perdida por outro Constantino filho de outra Helena. Estas correspondências, principiando bem pelos primeiros, vêm a acabar mal em os últimos: mas Deus que tudo põe, e dispõe por seus altos juízos, devemos crer, que tudo é por melhor, e conformarmo-nos com a sua santa vontade, pedindo-lhe que se lembre de nós, pela sua misericórdia, como cantou David: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam*.

É também grande honra desta Vila, nela nascer o P. Gonçalo da Silveira, ilustríssimo Mártir da Companhia de JESUS.

Enobrecem também esta Vila trezentos e quatro vizinhos, sendo muita parte deles pessoas nobres. Todos estes moradores são fregueses de uma só Igreja Paroquial, de que é Orago o Glorioso S. João: o Pároco dela é Vigário, cuja Vigairaria é do Padroado Real, a qual rende pouco mais de cem mil réis, com um Coadjutor da mesma apresentação, que tem 12000 réis em dinheiro, dois moios de trigo, um de cevada, e a quarta parte das ofertas. Tem um Tesoureiro do mesmo Padroado com a renda de doze mil réis, um moio de trigo, e mais uma parte das ofertas. Há nesta Vila uma Casa de Misericórdia, um Hospital com boa renda, fundado por El-Rei D. João o III. Tem dois Juízes ordinários, três Vereadores, Escrivão da Câmara, um Procurador do Concelho, Juiz dos Órfãos com seu Escrivão, um Alcaide, um Tabelião, e não muito longe da Vila está um Convento de Religiosos Domínicos, do qual daremos a seguinte notícia.

Conformando-nos com as venerandas autoridades do Bispo de Monopoli, do Padre Mestre Fr. João de Vila-Senhor nas Excelências que escreveu da Ordem dos Pregadores, e de outros graves escritores, diremos a antiquíssima origem, e princípio que houve para se fundar o Convento de Nossa Senhora da Serra de Almeirim, casa que é da esclarecida Ordem de S. Domingos neste Reino. No tempo pois, que já com mais descanso reinava em Portugal o Conquistador dele, El-Rei D. Afonso Henriques, uns pastores que apascentavam o seu gado no circuito de uma não muito levantada Serra, que fica perto de Almeirim, cujo distrito se ainda hoje é uma charneca deserta, então só se via, que era ali o centro das mais fragosas penhas com alta espessura de embrenhados matos: ali viram um dia os ditos pastores na ladeira de um monte, entre áspera penedia, onde só as feras habitavam, sendo lugar incógnito aos homens, os reflexos de umas resplandecentes luzes, as quais dizem que continuaram assim por sucessivos dias. Demarcaram os pastores de longe o sítio, e guiados (sem dúvida pela altíssima Providência) entraram em uma cova, e nela acharam uma devotíssima Imagem da Virgem MARIA Senhora Nossa, Rainha dos Anjos. Teve esta ventura a singela devoção montanhesa, e como joia de grande preço, soube estimar o achado. Com grande alegria se mostraram estes primeiros descobridores de mina tão excelente, e com tanta veneração a estimaram, que excedendo aos limites da sua pobreza, logo lhe fabricaram ali uma Ermidinha, que suposto era coisa muito pequena, e rusticamente ornada: o católico zelo dos moradores de Santarém, e dos Lugares circunvizinhos a fizeram rica de ornamentos, e lhe edificaram maior Casa no alto do monte, do quanto a singular Mãe de misericórdia se mostrou obrigada às devotas demonstrações do culto que lhe davam, que foi servida fazer prodigiosas maravilhas aos fiéis, que nas suas tribulações com viva fé a buscavam, implorando para com Deus o seu patrocínio.

Não temos certeza do ano em que a Senhora foi achada, nem ficou lembrança de quando se edificaram as Ermidas: só sabemos, reinando El-Rei D. João o segundo, já a primeira Casinha era frequentemente visitada de muitos devotos da Senhora. Despertou com os prodígios de seus milagres a devoção aos nossos Monarcas, pois quando continuavam a estância de Almeirim para o divertimento da caça (que naquele sítio há muita) visitavam muitas vezes esta Ermida da Mãe de Deus, umas por causa do exercício da montaria, outras por especial devoção. O mesmo Rei D. João o segundo vendo, que para tanto concurso de gente que ali com a sua devoção concorria a venerar a Senhora pelas mercês recebidas, era pequena a Casa, fez tenção de edificar outra com grandeza, e melhor forma, em parte onde custasse menos passos aos romeiros, porque o monte era trabalhoso de subir. E não obstante atalhar a morte do Rei este bom pensamento, não lhe tirou deixá-lo declarado em seu testamento, e encomendando a seu primo, cunhado, e sucessor, o felicíssimo Rei D. Manuel, particularizando-lhe, que se edificasse a igreja junto à fonte, e com bom cómodo para assistir nela um Ermitão. É sem dúvida, que foi a encomenda feita ao peito mais generoso, que mereceu a coroa da nossa Monarquia, pois não só pôs em execução a obra, mas para dar mais a conhecer a devoção, e gosto com que a fazia, lhe deu um retábulo com admirável pintura, que ainda hoje existe, em o qual se mandou retratar, e a Rainha Dona Maria sua segunda mulher, e a todos os seus filhos, e filhas. Depois fazendo a Senhora de novo prodigiosos milagres, quis o devoto Rei, que houvesse ali perpétuos Sacerdotes para mais veneração da Senhora, e pomposo culto de sua Sagrada Imagem, e juntamente ser consolação dos fiéis que a visitavam. Com este santo intento, fez doação daquela grande Ermida à Ordem de S. Domingos, com a obrigação de assistirem nela de morada três Religiosos Sacerdotes, para celebrarem todos os dias Missa, sendo uma infalivelmente quotidiana, o que consta da História da mesma Ordem Dominicana de Fr. Luís de Sousa, que traz a Provisão Real do dito Rei.

Aceita pela dita Ordem a Provisão, tomaram posse os Religiosos no ano de 1500, os quais logo foram satisfazendo a obrigação; e passados alguns anos, indo El-Rei visitar a Senhora com a devoção que costumava, seu filho, o Príncipe D. João, que o acompanhava, tendo doze anos de idade, lhe pediu, que deixasse fazer ali um Convento à mesma Ordem, porque disso tinha muito gosto. Não deixou El-Rei de reparar na boa inclinação do filho, tendo tão tenros anos, pois na sua índole, e por este desejo já começava a ver nele, que lhe sucedendo na Coroa (como sucedeu) havia de ser benfeitor das sagradas Religiões; e pelos repetidos rogos com que o Príncipe instou, de boa vontade lhe deu o Rei a licença que pedia. Com grande fervor se empenhou o Príncipe em dar princípio à obra, e não eram para ela dificultosos os dispêndios, porque já naquele tempo corriam como rios neste Reino, o ouro, e a prata, nas especiarias que chegavam dos tesouros Orientais. El-Rei, e a Rainha igualmente concorriam para o gosto do Príncipe, com o gasto da obra, porém era com tal moderação, que acordava os desejos que o Príncipe tinha de ver crescer o edifício, e para o ver logo mais adiantado, ainda que não era obra de muito custo, com a singeleza, e facilidade de seus tenros anos, lhe deu lugar a puerícia, a valer-se dos seus fidalgos, pedindo-lhes parte das suas moradias, para que com elas ajudassem a fazer os aposentos, que lhe podiam servir quando fatigados se retirassem da caça, (como ao depois assim se viu suceder muitas vezes achando ali nos Religiosos, alívio no trato da corte cortesã, e douta conversação de virtuosos letrados). Todos estes documentos, e diligências do Príncipe foram incentivos para que o Convento crescesse com todo o cómodo de oficinas, cerca e horta. Não se contentou ainda o Príncipe com ver este seu Convento acabado no material, mas também lhe procurou renda cómoda para se sustentarem os Religiosos, a qual seu Pai lhe deu com grande vontade, e depois que sucedeu na Coroa, a aumentou em fazendas, com capacidade de se manterem vinte

Padres. E não advertindo desta santa devoção os poucos anos, lhe impetrou do Papa Leão décimo muitas graças, e indulgências, para com elas se continuar com mais fervor a devoção, que os Católicos tinham com a Senhora da Serra: foi passada a Bula em Roma a dez de maio de 1514.

Nos tempos passados obrava esta Senhora muitas maravilhas, que assim foi ficando por tradição das pessoas antigas; porém agora só um milagre temos com especialidade na memória, e foi por causa de um legado, que um lavrador chamado Francisco Pires, de alcunha o Gago, deixou a esta Mãe de Deus. Tinha este homem perdido de todo a vista, o qual encomendando-se à Senhora da Serra a recobrou, e em reconhecimento deste grande benefício, lhe deu a fazenda que possuía, que era uma vinha que hoje logram os Religiosos daquele Convento. Com a grande devoção que todas as pessoas grandes deste Reino tinham com a Senhora, assim os Reis, como as Rainhas, e Princesas, todos procuravam sinalar-se em a servir: e nem só os Reis referidos acima, mas também El-Rei D. Sebastião, o Cardeal Rei D. Henrique, e El-Rei D. Filipe o segundo de Castela, quando era Senhor deste Reino de Portugal, teve tanta devoção com a Senhora da Serra de Almeirim, que para que a sua casa mais se aumentasse, lhe ofereceu 150 escudos de ouro anuais para perpétua renda. Esta sagrada Imagem da Rainha dos Anjos, é de perfeita escultura, e tem três palmos de alto.

CAPÍTULO XVII.

Da Vila de Salvaterra de Magos.

Pouco mais de três léguas de Santarém para a parte do Sul, e uma da Vila de Benavente para o Norte na banda dalém do Tejo, em vistosa campina, está situada esta celebrada, e nobre Vila de Salvaterra; povoação que pelos anos de 1295, mandou fazer El-Rei D. Dinis. Ao Bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhaes, deu licença o dito Rei no ano de 1296 para nela levantar a Igreja Paroquial, enobrecendo-a com o título de S. Paulo, e ao Bispo acrescentou-lhe a renda com a mercê que dela lhe fez, para se seguir em seus sucessores, e a apresentarem, sendo Vigairaria. Ocupa-se a povoação desta Vila com pouco mais de trezentos vizinhos. El-Rei D. Manuel lhe deu foral, o qual se passou em Lisboa aos vinte dias do mês de agosto, no ano de 1517. Tem uma casa de Misericórdia, um Hospital, além da Capela Real, que tem a invocação do Bom JESUS, com um Prior, que apresentam os Ilustríssimos Condes da Atalaia, os quais foram antigamente Senhores desta Vila, pela qual lhe deu o Infante D. Luís (filho quinto d'El-Rei D. Manuel, e de sua segunda mulher a Rainha D. Maria) em troca, a Vila da Assiceira, e mais outros Lugares. Tem uma Ermida de Santo António, e outra de S. Sebastião. Há nesta terra duas fontes, uma é do Concelho, e outra está junto ao Paço Real, chamada de Santo António. Este Palácio é suntuoso com boa forma regular, fundou-o o dito Infante D. Luís, porém ao depois o mandou acrescentar com mais cómodos de casas El-Rei D. Pedro segundo, e com jardins para o recreio das Pessoas Reais, quando ali assistem nos meses de Inverno com o divertimento da caça, aonde tem uma extensa coutada. O Sereníssimo Rei D. João o quarto de gloriosa memória lhe mandou abrir o Paul que dali está perto, chamado de Magos, o qual deu o apelido à terra; e contém o seu Termo os Montes seguintes: O da Misericórdia, o dos Coelhos, Bilrete, o das Figueiras, e o Colmieiro. Tem esta Vila Juiz de Fora, com outras tantas justiças, que tem a Vila de Almeirim, como já fica escrito.

Perto desta Vila de Salvaterra, encaminhando-se os passos para a de Benavente, existe um Convento da sempre venerada Província da Arrábida; fundação que foi dos virtuosos costumes, e generoso ânimo do referido Infante D. Luís, tendo o seu princípio (o Convento) pela forma que aqui diremos. Era o Venerável Padre Fr. Martinho (fundador desta sagrada Província) pelas suas grandes virtudes, muito estimado d'El-Rei D. João o terceiro, e por consequência de toda a Casa Real. Como o Senhor D. Luís naquele tempo assistia o mais do ano nesta sua Vila, desejava ter comunicação com os companheiros deste Venerável Padre; e querendo-lhe verificar com as obras o encarecimento das palavras, com que muitas vezes proferia a grande vontade que tinha de se efetuar este seu desígnio, em terras suas, fundando uma Casa destes Religiosos, mandou chamar Fr. Martinho, e lhe comunicou sua final resolução, aceitou o Venerável Padre a oferta, escolheram o sítio no meio do campo que medeia entre as duas mencionadas Vilas, pouco menos distante de Salvaterra, que assim foi contente o Padre, julgando, que só desta sorte poderiam os seus Frades evitar a frequência do estado secular, não se impossibilitando também a comunicação dos que os buscassem para o remédio de suas almas. Não havia outra vizinhança senão a de um casal, que chamavam o do Joanico, pelo possuir um homem a quem davam este diminutivo de seu nome (que era João) por ser de curta estatura; e querem dizer, que no mesmo lugar das suas casas se fundara o Convento, por cujo motivo, corrupto o vocábulo pelas línguas da gente rústica, se lhe foi chamando Jenicó, e outros dizem hoje Jericó.

Livro II. Capítulo XVII.

Quando acabou o ano de 1542, começou a nascer naquele campo a pobreza desta nova planta nas mãos da maior liberalidade, qual era a de seu Régio Fundador. Cresceu o edifício em breve tempo, pelo sumo desejo com que este Príncipe o queria ver acabado. Dedicou a Igreja à Virgem Rainha dos Anjos, com a invocação da Piedade, Senhora de quem era muito devoto. Perseverou o Convento nesta sua primeira fundação dilatados anos, e chegado o de 1619, em que Filipe terceiro fez neste Reino a sua pomposa entrada em Lisboa, a vinte e nove de junho, e gozando neste dia o mais plausível triunfo, que jamais viram os séculos, pela grandeza dos artificiosos aparatos, que obrigou a este Monarca a dizer: *Só hoje me considero o maior Rei, que tem todo o mundo.* Foi esta palavra tão fundamental, como digna do seu juízo, porque então o era da nação Portuguesa; cuja valorosa soberania com imperiosas ações, sempre generosa, dominou nas quatro partes da terra, que por todas dilata guerreira Lusitânia, a sua magnificência. Era neste tempo Ministro Provincial da Província da Arrábida, o Padre Fr. Fernando de Santa Maria, o qual desejoso de dar remédio pelo modo possível aos Frades, que mal viviam no Convento de Jericó por causa dos vapores das valas daquele campo, e reconhecendo na benignidade d'El-Rei a estimação que fazia de ser seu Padroeiro, pelas razões que já ficam ditas, lhe representou em uma petição, fosse servido mandar-lhe mudar o dito Convento para melhor sítio, onde os seus Frades pudessem louvar, e servir a Deus com melhor saúde, do que a que logravam naquele em que ao presente estavam. Não lhe esqueceu ao Rei de despachar a seu tempo as súplicas, suposto não deferiu logo à petição por certas razões dos seus Validos.

Quando este Monarca fez a sua retirada para Castela foi pela Vila de Salvaterra aonde assistiu uns dias nos Paços Reais, que ali fundou o Infante D. Luís; e divertindo-se no exercício da caça com a sua comitiva, matou ele só um veado, e um javali no penúltimo dia da sua partida, e nesse dia à noite os mandou de presente aos Religiosos, juntamente com a mercê de quatro mil cruzados pagos na casa da Índia, para o efeito de se melhorarem de sítio, que por tão grandiosa esmola lhe foi logo o Provincial com os seus Frades beijar a mão. Depois passados sete anos em que se faziam completos depois do Nascimento de Cristo 1626, aos oito dias do mês de junho, sendo Provincial o Padre Frei Martinho dos Reis, se lançou a primeira pedra na Igreja, e se deu princípio ao novo Convento no sítio em que agora o vemos, que é em um lugar mais alto, junto à coutadinha, que vulgarmente chamam das Rainhas, e ficando-se servindo da mesma cerca, que o outro tinha, e a nova Igreja existe com o mesmo título da Senhora da Piedade. O número dos Religiosos, que assistem neste Convento, é de doze até treze; porém quando as Majestades ali se vão divertir com a recreação da caça, nessa ocasião assiste o Provincial com o Definitório, e mais outros Religiosos graves, que nesses dias todos, como os mais Capelães do Paço, têm ração da ucharia real.

Neste Convento se conserva uma miraculosa Relíquia do Bem-aventurado Mártir S. Baco, companheiro de S. Sérgio no martírio. Uma das grandes coisas que o ínclito Infante D. Luís em sua vida teve, e de que fazia maior estimação, foi possuir todo o casco da cabeça deste Santo. Diz o Padre Mestre Fr. António da Piedade (Cronista) no seu *Espelho de Penitentes*, que o dito Infante lhe mandou fazer um meio corpo ricamente estofado, e na cabeça pôs a Relíquia, que com a Imagem colocou no altar colateral da Igreja do Convento antigo à parte da Epístola, e para o mesmo altar do Convento novo se transferiu, e se conserva hoje em um Sacrário, por se mandar fazer outra Imagem sem o dito artifício. O mesmo Padre Cronista dá a notícia (e nós o sabemos) que a sete de outubro, dia que é da sua festa, concorria antigamente muita gente a festejá-lo, e se lhe fazia uma grandiosa feira, porém hoje está diminuta a festa, e acabada a feira, porque o

tempo tudo consome, e as devoções afrouxam. Afrouxaram-se aquelas devoções, que com fervorosos aplausos o deviam buscar, mas no Santo não se diminuiu a intercessão poderosa, com que muitas vezes vemos os prodigiosos milagres que Deus por ele obra aos que imploram o seu valimento. Principalmente é advogado contra as maleitas, que seria impossível reduzir a número certo as pessoas, que pelo meio de seu patrocínio se livraram da teimosa repetição deste mal; principalmente aquelas que bebem a água pela mesma Relíquia, ou tocada nela. Outra grande virtude tem este Santo, a qual é contra o dano que faz o pulgão nas vinhas, e todo o mais género de bichinhos que danificam os frutos da terra, que por esta causa vão com muita fé os povos, ainda das terras mais distantes, procurar os Religiosos que assistem moradores neste Convento, para com os exorcismos que manda a Igreja, e dizendo no fim a oração do Santo, logo se experimenta o prodígio de se verem livres as plantas da praga que as maltratavam.

CAPÍTULO XVIII.

Da Vila de Mugem.

De Santarém para o Sul, em distância de duas léguas, e uma de Salvaterra para a parte do Norte, na banda dalém, junto ao Tejo, em lugar plano de campina se vê situada esta Vila de Mugem. Do seu nome não sabemos outra etimologia, mais que dizer-se que é assim chamada dos muitos peixes muges, de que se faz abundante uma vala que do Tejo sai a fazer-lhe mística vizinhança; a qual lhe fica ao Nascente fazendo-lhe uma vistosa Ribeira, povoada de frondosos arvoredos, cujas águas dão lugar a se fazerem com elas vários engenhos de moinhos. Dizem que desta Vila foram antigamente Senhores os Abades de Alcobaça, e que eles a fizeram povoar. El-Rei D. Dinis lhe deu foral, que foi passado em Santarém aos seis dias do mês de dezembro de 1304, e agora é Senhor dela o Duque do Cadaval aonde tem seu Palácio. Tem hoje com pouca diferença duzentos vizinhos, que todos são fregueses de uma Paróquia que há na Vila, com a invocação do Bem-aventurado S. João Batista, cuja Igreja, é Priorado, e nela se venera uma milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Curça, tendo ali o seu princípio na forma que aqui diremos.

A notícia que da Imagem desta Senhora podemos dar, já a tem dado o Padre Frei Agostinho de Santa Maria, Religioso da observante Província de Santo Agostinho dos Descalços neste Reino de Portugal, no seu *Santuário Mariano*. Daqui mesmo referiremos o que nele achamos escrito, para que em mais estampas se possa venerar a glória desta Mãe de Deus, pois não achámos disto diversas notícias, nem outros prováveis documentos. Primeiramente diz o referido Autor, que em quanto à etimologia da Curça, a não pôde descobrir. E a origem desta Santa Imagem se refere assim: Dizem que vindo da Índia pelos anos de 1666, dois Religiosos Eremitas da Ordem de seu Patriarca Santo Agostinho; um deles natural da mesma Vila de Mugem, e outro de Lisboa. O de Mugem trazia consigo esta Santa Imagem, por ter com ela grande devoção, e experiência dos bens que tinha na sua companhia. Adoeceu este na viagem gravemente, e vendo que morria, recomendou ao companheiro de Lisboa que se encarregasse da Santa Imagem, e que chegando a Portugal, fizesse dela entrega aos Padres da sua Freguesia de Mugem, com outras peças mais de Igreja, em que entrava um Cálice, e uma Cruz. Namorado o Religioso companheiro da formosura da Senhora, a retivera em suas mãos até o ano de 1690, no qual tempo estando gravemente enfermo, e vendo que morria, levado já do escrúpulo, mandara fazer entrega, assim da Santa Imagem, como das mais peças. Colocaram os Padres da dita Freguesia de Mugem a Santa Imagem na referida Capela, e logo começou a obrar por ela o Senhor notáveis maravilhas, e milagres, que era aquela casa uma perene piscina de saúde, aonde concorria, e concorre de todas as partes a gente em grande número, uns a venerá-la, outros a dar-lhe graças pelos favores recebidos. Está esta Senhora colocada em um nicho de vidraças, aos pés de uma grande, e devota Imagem de seu Santíssimo Filho crucificado. Tem esta Imagem três palmos de altura, é de madeira estofada ao antigo, com as roupas tomadas debaixo do braço esquerdo, e mostra duas túnicas: a interior, é de cor vermelha, e a de fora verde, está cingida com uma correia também estofada. No braço esquerdo tem o Menino JESUS vestido com uma túnica branca, e na mão esquerda o mundo.

CAPÍTULO XIX.

De três Vilas situadas no Alentejo, as quais ainda pertencem à Comarca de Santarém, que são Montargil, Erra, e a Lamarosa das Enguias.

A Vila de Montargil fica situada no Alentejo seis léguas de Santarém para a parte do Lés-Sueste, e três das Galveias para o Poente. Tem o seu assento em Lugar levantado. Pela banda do Oriente lhe calça o pé a corrente do Rio Sor, cuja Ribeira fertiliza a Vila do melhor pão, e azeite. Senhores dela foram sempre os fidalgos da Ilustre Casa dos Rolins Mouras: há nela uma Igreja Paroquial da invocação de Santo Ildefonso, com Prior, e um Beneficiado, que é Freire da Ordem de Avis: existem dentro da Vila pouco mais de trezentos vizinhos. Tem o seu Termo cinco léguas de comprido, e quatro de largo com dilatadas matas, onde se acha abundância de toda a variedade de caça, e criações de colmeias, grandes montados, e muito gado. Há nesta Vila Juízes Ordinários, não tem Lugares anexos, mas sim muitos montes, e casais. Foi fundação d'El-Rei D. Dinis, que lhe deu foral no ano de 1315. Tem Vereadores, Procurador do Concelho, Escrivão da Câmara, Juiz dos Órfãos com um Escrivão, um Tabelião, e Alcaide, e para o Militar uma Companhia da Ordenança.

A Vila da Erra, fica de Santarém ao Sueste seis léguas, e uma de Coruche ao Nascente em lugar alto. Goza da frescura de uma Ribeira, que lhe corre pela parte do Ocidente, porém ainda que se faz aprazível pela frescura, não deixa de ser nociva à saúde, porque sempre é água de lagoas, e brejo: e pela parte do Sul, confina com a Ribeira da Sorraia. Tem com pouca diferença duzentos fogos, com uma Igreja Paroquial da invocação do Evangelista S. Mateus. É Priorado, que rende mais de novecentos mil réis, cujo Pároco apresentam os Condes da Atalaia, os quais são Senhores desta Vila. O tempo da sua fundação não o achamos, e só sabemos, que El-Rei D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no ano de 1514, a dez do mês de julho. Tem dilatadas campinas, que lhe fazem grande circunferência, de donde se colhe muito pão, e legumes, com extensas terras, e matos para pastos dos gados, dos quais matos se tira também muita caça. Há nesta Vila um regular Convento de Religiosos Terceiros de S. Francisco, o qual foi fundado pelos anos de 1582; assistem nele mais de vinte Religiosos com muita utilidade daquele povo, que os busca para os púlpitos, e confessionários.

Segue-se nestas nossas memórias a Vila da Lamarosa, ou das Enguias, que é a última das que compreende a Comarca de Santarém. Fica esta situada da Vila da Erra para o Norte uma légua. Tem o seu assento em um vale, o qual lhe faz uma circunferência de montes, em cujas baixas há diversas lagoas, que é sem dúvida não podem fazer boa vizinhança no tempo do Verão aos moradores desta terra, que fazem o número de pouco mais de cinquenta. Há nela uma Igreja Paroquial, que também é priorado, a qual se leva por concurso. Tem esta Vila dois Juízes Ordinários, três Vereadores, Procurador do Concelho, Escrivão da Câmara, e mais oficiais de justiça. Não tem Lugares, nem Aldeias anexas, mas no seu Termo, que é grande, há vários montes, e casais. Não são estas terras abundantes de trigo, porém dão bastante centeio; há nelas caça, e pastos para os gados, e desta Vila é hoje Senhor donatário Brás Teles de Menezes, por morte de seu Pai Manuel Teles de Menezes.

CAPÍTULO XX.

Em que se dá uma breve notícia do grande Servo de Deus Frei António de Santarém, natural desta mesma Vila.

Deste Capítulo por diante, para crescido realce desta nossa História, daremos notícias em seus Capítulos separados, de algumas pessoas veneráveis em virtude, que foram naturais desta notável Vila de Santarém; porque se as nobres pátrias podem engrandecer os seus filhos, como abreviados Sóis de quem participaram os influxos das luzes, desde os seus nascimentos, assim também se deve entender destas mães, ou destas pátrias, que na honra de seus filhos se funda a sua glória, e que os filhos as podem honrar com os progressos das suas heroicas virtudes. Com muita razão se pode logo gloriar Santarém de ter por filho o grande Servo de Deus Frei António com o cognome desta Pátria, por onde se fez mais conhecido para merecer católicas venerações: os seus virtuosos procedimentos na vida, lhe davam o título de Santo e as suas obras o aclamaram milagroso na posteridade. Nasceu, e floresceu em Santarém de nobres Pais (cujos nomes não achámos escritos.) Sendo mancebo passeava a uma Senhora natural da mesma Vila, dotada de singulares prendas, com firmíssimo intento de se casar com ela, pois eram iguais na qualidade da nobreza. Era este mancebo António, falto de gentileza: ela excedendo os limites de bem-parecida, pisava as balizas de formosa; e como a natureza os pôs em extremos tão diversos, tinha António no objeto da formosura tanto de si o desejo, quanto dela o repúdio; que quando em dois corações milita esta contrariedade, não se podem vincular bem as virtudes nos amorosos laços de consortes. E vendo esta querida Senhora; que ele continuava no seu desvelado requerimento, pelo desenganar lançando-o de si, lhe disse estas graciosas palavras: *Depois, que vós no rio Jordão vos lavardes muito bem, então sereis meu marido.* Ainda não chegou esta dificuldade a desvanecer a constância do amor ao abrasado amante, porque aceitou por condição verdadeira de desposórios, o que só era dito de zombaria. E porque o amor que só é verdadeiro amor, nasce de um impulso veemente, que domina as liberdades; este de António por se acreditar mais nos arrojos dos impossíveis, acrisolando finezas, sem mais dilação fez partir o namorado mancebo para a Síria, e depois de se lavar no dito rio, encheu nele uma redoma de água, trazendo com ela autenticado o extremo de seu amoroso desvelo, para com maior razão solicitar as nupciais bodas que tanto desejava. Restituído à sua pátria achou em sua querida pronta resolução de o aceitar por esposo à vista de tão rara fineza, e conseguindo seus amorosos intentos, não quis Deus que os lograsse por muitos dias, pelo ter já destinado para eficaz instrumento de suas inescrutáveis misericórdias, pois em breve tempo lhe faleceu a esposa. Desenganado António com este engano do mundo, vendo quão brevemente se acabam os seus gostos, deu logo princípio em amar o sumo bem, o qual só traz consigo os deleites eternos, que nunca têm fim. Deixou entregue às saudades os parentes, e amigos: renunciou a fazenda, as honras, e passatempos da pátria, e desterrado de todo o divertimento terreno por amor de JESUS Cristo, se foi para Reinos de Castela, onde professou a Regra dos peregrinos de S. Francisco, que com o penitente modo de vida esperam, e devem suspirar pelas eternas moradas do Céu.

Vendo-se já Frei António de Santarém no perfeito estado de Religioso, deu-se com tanta aplicação ao estudo das Divinas Letras, e oração, que saiu consumado pregador

evangélico. Estando neste estado, quis Deus que se trasladasse a Portugal, e à pátria, para lhe pagar com este tesouro de virtudes, o nascimento, e criação que lhe dera. Veio morador para o Convento de S. Francisco de Santarém este Varão Apostólico, onde começou a romper matos incultos, e bravos, com o agudo arado da pregação Evangélica, vencendo dos púlpitos com a graça da santa Doutrina, a rebeldia das culpas, plantando virtudes, e infundindo nos corações mais agrestes, verdadeira contrição. As suas palavras eram setas penetrantes, que feriam as almas mais obstinadas, com que fazia nos ouvintes firmíssimas conversões, movendo-os à penitência, e melhor vida, e muitos que estavam inimigos, desterrou-lhes os ódios antigos, reduzindo-os a boa amizade com Deus, e com o próximo, em confirmação das verdades que dizia. Em uma ocasião encontrou duas mulheres que viviam em ódio, uma delas se converteu reduzida com eficácia das suas palavras a outra com rebeldia não quis obedecer aos seus santos conselhos. Arrebatado Frei António do zelo da salvação das almas, lhe disse estas palavras: *Perdida, e desalmada mulher: Queres dar mais gosto ao demónio, que ao Filho de Deus; que perdoou a quem o pregou na Cruz? pois eu também em virtude do nome de JESUS Cristo te entrego ao mesmo demónio, para que te atormente no corpo, e alma Seja salva.* Mas oh que grande caso foi este para a resolução das nossas conversões; pois no mesmo instante entrou nela o espírito maligno, e a foi logo afligindo com crueldade; ela já reconhecendo a culpa, pediu a Deus perdão, e a Fr. António que fosse seu intercessor, porque queria fazer pazes com a outra mulher (como logo verdadeiramente fez,) e ficou livre do demónio pela graça do Senhor.

Outro notável caso encontrámos na sua vida, e foi que tendo com os demónios contínuas batalhas, estava um metido no corpo de certo pastor, o qual fazia tais prodígios, que por eles lhe davam os povos aclamações de santo milagroso. Porém como Frei António pela sua virtude mereceu ter o valimento de Deus, por divina inspiração conheceu, e lhe descobriu a sua falsidade, e embuste, e mandando da parte de Deus com voz imperiosa ao espírito maligno, que logo saísse daquele corpo, no mesmo instante foram vistos manifestos sinais de que o deixava, constando a todas as pessoas, que estavam presentes, ser tão sólida esta virtude quão aparentes, e vãs aquelas que eram tidas em conta de milagrosas maravilhas. Outro maravilhoso prodígio se viu que obrou este Santo Padre: soube por inspiração do Céu, que tinham metido em grilhões na cadeia de Santarém a um homem sem culpa, acusado por um grave delito; entrou dentro na dita cadeia sem encontrar portas fechadas, foi-se aos ferros com que estava enleado o inocente preso, e com um leve tato das suas mãos, caíram os grilhões despedaçados, e no mesmo ponto se viram ambos livres no meio da praça. Vendo a justiça este prodigioso sucesso, fez novas diligências por averiguar a verdade, e se achou que o homem não tinha sombras de culpa, no crime que lhe imputavam. Destes casos, e outras muitas maravilhas se viram na vida deste Santo Padre, acreditando o Senhor sua grande santidade pelos seus exímios merecimentos. Neste Convento de Santarém subiu sua alma ao descanso da eterna Bem-aventurança, aos dezanove dias do mês de fevereiro conforme o Martirológio da mesma Religião Seráfica. Jaz seu corpo sepultado na majestosa Capela, que chamam das Almas, debaixo do Altar que tem o Sagrário, aonde está sempre o SANTÍSSIMO SACRAMENTO. O seu nome se refere, e anda contado entre os mais Santos beatificados da dita Ordem. Deste Bem-aventurado se lembram nas suas memórias escritas, o Padre Frei Manuel da Esperança na História Seráfica tom. 1. livr. 4. cap. 28. fol. 454. Agiolog. Lusitan. a dez de janeiro letra C. Frei Marcos. pag. 2. liv. 4. cap. 15 e 17. História Eclesiástica de Lisboa. pag. 2. cap. 49. n. 10. O Martirológio da Ordem a dez de fevereiro. Gonzag. pag. 800. O Padre Frei Lucas ano 1270. n. 35. O Padre Francisco de Santa Maria no Ano Histórico tom. n. 8. fol. 224, e mais outros Autores.

CAPÍTULO XXI.

Da vida, e morte do Beato Frei Domingos de Cuvo.

Em Santarém, berço sempre fecundo, e glorioso de Varões insignes, que souberam adquirir com os triunfos do mundo gloriosos aplausos do Céu, nasceu o grande Servo de Deus Frei Domingos de Cuvo. O princípio que dele sabemos, para venerarmos os progressos da sua vida é, que recebeu o hábito da dita Ordem, das mãos do Beato Soeiro, primeiro Provincial de toda a Espanha; e que por este grande Prelado foi mandado neste Reino exercitar o ministério da pregação, e que por meio de seus exemplos, e amoestações se fizeram grandes reformas nas vidas, deixando muitas pessoas o século pela vida religiosa, e merecendo pelo seu espírito, e dom de converter almas, ser chamado pelas penas dos Escritores, o *Apóstolo de Portugal*. Em Santarém sua pátria, fundou o Convento de S. Domingos dos Frades, cuja obra foi a base, e fundamento donde saíram tantos heróis, com portentos de Santidade, que serviram de admiração àqueles séculos. Empregava-se Frei Domingos com tanto fervor nos Sermões, que pregava para o bem das almas, que se não podem em breves cláusulas referir os seus efeitos: com eles confundia o demónio, desarmava o inferno, e convencia o mundo; com eles fazia admirar os Anjos, compungir os homens, estremecer a terra, e alegrar o Céu; reduziram-se quase infinitas almas ao estado da penitência, pedindo publicamente perdão a seus inimigos, trocando os ódios em carícias, e doces abraços. Faziam-se muitas restituições de honra, e de fazenda; cortavam-se muitas amizades escandalosas, reformavam-se muitas vidas depravadas, e frequentavam-se os Templos sagrados, buscando os Católicos neles as águas da graça nas misericordiosas fontes do Salvador. Porém ainda que este santo Varão Apostólico fazia tantos prodígios de milagres, socorrido pela mão poderosa do Altíssimo pelos seus merecimentos, não faltou quem se lhe quisesse opor contrariando a sua santidade, e foi o caso da maneira seguinte, assim como o achamos escrito.

Achava-se este grande Servo de Deus exercitando o ofício de pregador Apostólico nos Reinos de Espanha, com notável estimação do povo, e dos Monarcas; invejosas algumas pessoas, que estavam tidas em grande opinião de virtude, fizeram que uma mulher tão formosa, como depravada publicasse que ele não era tão santo como o imaginavam, e se oferecesse a El-Rei para o fazer cair em pecado. Com efeito intentou ela o facto, repugnou El-Rei ao princípio concorrer para tão grande absurdo; e vendo-a tão empenhada, e constante, lhe disse, que lhe havia mandar tirar a vida se não executasse o que prometia. Saiu-se da presença d'El-Rei, e foi ouvir um sermão de Frei Domingos, fingindo que se movera à penitência com suas espirituais palavras: começou logo a disfarçar-se, vertendo de seus olhos rios de lágrimas, dizendo que queria pedir a Deus perdão de suas culpas. Alegrou-se muito o Santo Pregador por ver a sua redução, empregou-se em a confessar por muitos dias, fazendo-lhe mudar os trajes profanos, reduzindo-a (a seu parecer) ao estado de verdadeiro arrependimento; porém ela continuando no diabólico fingimento não cessava de chorar, sem admitir consolação. Disse-lhe o bom Padre que pusesse termo nas lágrimas, e cobrasse ânimo, que ele lhe segurava o perdão, e fazer pela sua salvação tudo o que lhe recomendasse. Inferiu a depravada mulher desta promessa, que o tinha já prendido nos laços da sua maldade, e para se segurar mais, lhe disse, que só ficaria satisfeita, se lho afirmasse com juramento, e depois com o rosto abrasado, e os olhos postos no chão, continuou dizendo: *Ouvi-me Padre, que vos quero declarar uma coisa que em meu peito reservo, e me causa custosíssimo peso, e se a passo em silêncio, infalivelmente morro desesperada*.

Ainda a este tempo não acabou o Santo Padre de entender a pura maldade, mas sim cuidou que era algum pecado tão secreto, que por certo motivo se não atreveria a confessá-lo; mas ele com semblante alegre, a animou, e com doces palavras doutrinais lhe foi dizendo, que advertisse, que ele como homem se havia de compadecer da sua fragilidade, nem se havia de escandalizar das mais abomináveis culpas: porque bem conhecia as misérias da natureza humana, e sabia que era grande a misericórdia de Deus. Que para segurar a salvação da sua alma não ocultasse culpa alguma: *O que vos quero dizer* (respondeu ela) *é que só ficarei contente, e satisfeita, se caíres comigo em uma culpa, mas que seja uma só vez, quando não morrerei desesperada*. Revestiu-se o santo Padre Frei Domingos de grande ânimo, e respondeu-lhe as seguintes palavras: *Suposto vos permiti com juramento quanto me pedísseis, não posso deixar de desempenhar a minha palavra: vinde depois de passarem quatro dias, e então satisfarei o vosso desejo*. Foi logo a má mulher dali dar conta a El-Rei, e lhe pediu mandasse com ela naquele dia assinado, algumas pessoas para serem testemunhas do delito. O Servo de Deus gastou aqueles dias em contínua oração. Chegado o dia destinado, fez ele na casa aonde estava uma grande fogueira, chegou a mulher, e tanto que a viu, estendeu a fogueira pelos ladrilhos, e deitando-se em cima das brasas, e chamas delas, à vista da lasciva mulher, lhe disse: *Este é o leito aonde determino cumprir a minha promessa, não pode haver outro mais próprio para obra tão diabólica*. Absorta a miserável à vista deste horroroso espetáculo, com um grande grito caiu atemorizada em terra. Acudiram as pessoas escondidas, que iam para serem testemunhas; e vendo o nosso Fr. Domingos no meio do fogo sem se queimar, e a mulher caída como morta, espavoridos ficaram extáticos; porém tornando em si se lançaram logo aos pés do Servo de Deus, reconhecendo a sua santidade, pedindo-lhe perdão do seu atrevimento. Ele se levantou das intensas chamas sem moléstia alguma no corpo, nem os seus hábitos padeceram sombras de queimadura. Vendo os criados do Rei tão grande prodígio, com furiosa paixão pegaram na infame mulher para a queimarem viva na mesma fogueira, mas o Bem-aventurado Domingos, que para fazer mais serviços a Deus estava pronto, das suas mãos a livrou, e também da sentença de morte, que já tinha contra si, por mandado d'El-Rei.

Muitos mais prodígios faria Deus por acreditar a santidade deste seu bom servo, de que não temos notícia, porém bastantes exemplos temos nos descuidos e sinceridades dos nossos antepassados, em nos não deixarem memórias daquilo que devia andar escrito com letras de ouro, nos anais da fama. Sabemos porém que a glória da alma do Beato Frei Domingos de Cuvo foi revelada a uma devota, e venerável Matrona, natural da mesma Vila, chamada Elvira Paes, a qual no dia do trânsito da alma de S. Fr. Gil, estando em oração na Igreja do mesmo Convento de S. Domingos, viu ela descer do Céu uma formosa escada, a qual com uma extremidade se sustentava na terra, e com a outra se encostava nas nuvens; e logo no mesmo instante viu diante de si dois velhos venerandos vestidos de púrpura bordada de ouro, que conheceu serem os Beatos Frei Domingos, e Frei Gil, e olhando mais para a escada, viu que dois Anjos vestidos de luzes desciam por ela, e chamavam aos dois Bem-aventurados, dizendo: *Vinde, vinde amigos, subi irmãos, que o Senhor vos chama*. E logo foram subindo acompanhados dos celestiais espíritos, até entrarem com eles no majestoso Palácio da Glória. Toda esta visão contava com copiosas lágrimas a Santa Matrona aos Santos Religiosos, que naquele tempo viviam no dito Convento, por cuja testemunha se qualificou mais a pureza da alma do ditoso, e Beato Frei Domingos. Esta mesma visão se vê estar pintada em um quadro, que ainda existe na Capela onde está sepultado o corpo do Bem-aventurado Frei Gil. Foi o trânsito do nosso Santo Frei Domingos, conforme as mais aprovadas opiniões, no ano de 1263, e a tradição faz ser seu corpo trasladado do cemitério para esta Capela na parte inferior onde está o de

Frei Gil, pois foram tão bons companheiros nas almas, acertado era que o fossem também nos corpos, e ali são venerados de todo o povo católico. De Frei Domingos de Cuvo, falam dele como Santo e Beato os Escritores seguintes: Frei Tomás Malvenda, no primeiro tomo dos Anais da Ordem ano 1218. cap. 38; Frei Luís de Sousa, primeira parte. liv. 2. cap. 12; Dom Rodrigo da Cunha na História Eclesiástica de Lisboa, part. 2. cap. 64; Sena in Chr. Ord. pag. 34; Castillo 1. part. liv. 2. cap. 76; Rezende in vita Beat. Egidii, lib. 1. pag. 15. & lib. 2. pag. 69; Lopes na 5. part. liv. 2. cap. 32; S. Paio in Stem. Ord. pag. 223; Cardoso. Agiolog. Lusit. tom. 1. fol. 291. lib. 6. a 30. de janeiro, e o Agiolog. Domínico tom. 1. fol. 203.

CAPÍTULO XXII.

Da vida, e morte do Venerável Irmão leigo, Frei Romão, Religioso de S. Francisco, professo na Província de Portugal, natural desta Vila de Santarém.

Venerável Irmão leigo Frei Romão, nasceu nesta Vila de Santarém na povoação de Alfange, que está situada junto ao Rio Tejo. Do nome de seu pai não temos notícia, mas sabemos que era homem mareante da carreira de Lisboa, e este seu filho seguiu alguns anos o mesmo rumo, ligado com os laços do matrimónio. Em breves tempos viu que a morte lhe arrebatou dos olhos a luz que muito amava na vida da sua conforte; cheio de saudades reparou na pouca duração dos gostos desta vida temporal, e levado de uma resolução superior, largou ao mundo o ofício que levava o vento, e seguiu outra melhor carreira, alistando-se valeroso Soldado na celestial milícia de Cristo, tomando o hábito de Religioso converso no Convento de S. Francisco dos Observantes que existe na mesma Vila; e como entrou em mares mais altos, com firme devoção, começou logo a navegar vento em popa da terra para o Céu, no baixel da mortificação. Entrou Fr. Romão noviço leigo, e pobre de tudo o que eram letras; porque apenas sabia ler, e escrever, mas ele a poucos dias de noviciado, inspirado por Deus, atraído do amor da virtude, soube manejar entre todas as ciências a maior, e mais importante de todas, que é a da salvação, a qual se chama por antonomásia a *Ciência dos Santos*, cujo princípio é o temor de Deus, e o fim é o seu amor. Nesta arte, que é mestra de todas as artes, escola da perfeição, aproveitou com vantagem tão conhecida, era para todos juntamente a ideia, admiração e exemplo. As suas palavras eram espelhos do seu coração; porque delas nos seus reflexos, se descobriam pela sua boca os ecos que pronunciavam as seguintes palavras: *Céu, Inferno, Juízo e Morte*. Não falava em outra coisa, mais que na certeza, e incerteza da morte, no rigor do Juízo, nas penas do Inferno, e nas glórias do Céu.

Amava em sumo grau a vida Religiosa, e por isso com desprezo de si mesmo se reconhecia indigno dela, e como por natureza era sincero, sempre lhe parecia que pouco sacrifício fazia a Deus de se empregar todo em atos de mais profunda humildade. Em um dia que se celebravam as Vésperas cantadas do Nascimento de Cristo, nomeado ele para ser um dos Acólitos, quando lhe disseram, que pusesse o amito, e vestisse a alva, rogou com muitas lágrimas, que o escusassem daquele ministério, porque se reconhecia indigno de pôr em sua cabeça as insígnias sagradas de que usavam os Sacerdotes no Altar, mas vendo que o Prelado por preceito da santa obediência o mandava, o mesmo que antes recusava por se considerar indigno, logo prontamente obedecendo, cativou a vontade nas aras do sacrifício. Resignava-se tanto na vontade dos seus Superiores, por amar com extremo esta grande virtude da obediência, que tendo-lhe já os anos, e os achaques posto grande peso à vida, que se lhe opunha ao desembaraço de caminhar, se o Vigário da casa a quem isto pertencia o mandava no Domingo à esmola de Almeirim, que dista de Santarém uma légua, no mesmo instante abaixava humildemente a cabeça, tomava o alforge, e tirando das fraquezas forças, caminhava com alegria. Se o Guardião compadecido, ou compadecendo-se da vexação que lhe fazia a muita idade, ordenava que não fosse, com a mesma alegria ficava, entregando-se sempre alegre no parecer dos Prelados. Neste Convento de Santarém foi muitos anos porteiro, e com este ofício ganhou o título de *Pai dos pobres*, e muitos merecimentos para adquirir os bens do Céu. Todos os necessitados achavam nele amparo, e consolação. Nesta ocupação lhe sucedeu o caso

seguinte. Por ser mais asseado na limpeza das esmolas, entrou na cozinha para lavar a panela do caldo dos pobres, e vendo o noviço cozinheiro oprimido, em tirar uma tenaz, que lhe tinha caído no fogão, lhe disse estas palavras: *Como haveis vós Irmão de sofrer o fogo do Purgatório, se vós não vos atreveis a tirar essa tenaz?* a cujas palavras o Noviço lhe respondeu algum tanto irado; mas o Servo de Deus meteu a mão no fogo, a tirou para fora, e disse mais: *Se importar ao Serviço de Deus, meter o braço nesse caldeirão que está fervendo, eu o farei*, e logo meteu nele o braço todo, e o tirou sem lhe fazer dano algum.

É tradição constante na mesma Ordem, que teve este Santo Varão merecimentos para ver os resplandores do Céu, os quais cercavam um Religioso, que estava no Convento de Lisboa em oração. Também se diz foi Frei Romão tão penitente na vida, que muitos anos não comia peixe, nem carne, e usava tanta aspereza com seu corpo, que sempre trazia vestido um colete de rigoroso cilício, e as bragas eram do mesmo; e ultimamente, todas as noites fazia disciplina tão dilatada, e com tanta força e ânsia, que em terra se misturava o sangue das veias, com as lágrimas dos olhos, sacrificando a Deus seu abrasado espírito, no fogo da exímia devoção. Na Igreja deste Convento de Santarém se recolhia todas as noites na Capela das Almas, aonde desatando a sua em saudosos suspiros, do íntimo do coração, com tanta ânsia chorava as ausências de Deus no seu desterro, que ainda na maior distância do Convento se ouviam os seus clamores: isto lhe sucedia elevado, por sentir no coração maravilhosos efeitos do mesmo amor Divino; e finalmente, quando o nosso venturoso Frei Romão tinha enchido o tempo da sua vida, com muitos anos de ásperas penitências, a da disciplina lhe apressou a viagem que tanto desejava; porque se lhe começou a corromper a carne pisada, e feridas dos açoites, e por ocultar a virtude, não quis descobrir a enfermidade; mas prostrados de todo os espíritos vitais, quando lhe quiseram acudir com os remédios, já não admitia cura o achaque. Recebendo os últimos Sacramentos, passou das penalidades temporais aos gostos infinitos da eterna Glória no ano de 1611. Seu corpo descansa sepultado no Convento desta Vila de Santarém. Fazem lembrança deste Servo de Deus, a *História Seráfica* 1. part. liv. 4. cap. 28. fol. 464; *Agiológio Lusitano* 1. part. no décimo sexto dia de fevereiro fol. 449. let. M; e o livro intitulado *Pequenos na Terra, e grandes no Céu* 1. part. f. 451.

CAPÍTULO XXIII.

Vida e morte do Venerável Padre António de Quadros, natural desta Vila de Santarém

Nasceu o Padre António de Quadros nesta nobre Vila de Santarém, nela bebeu as primeiras luzes da vida, logrando juntamente a ventura de ser bem-nascido, e bem-criado: bem-nascido pela nobreza do sangue, bem-criado pela vigilante educação de seus pais. Com justíssima razão se podiam jactar de ter um tal filho, em merecimentos mais ilustre que eles, e nas maiores virtudes, mais sublime, sendo por todos os títulos benemérito de venerável memória, digníssimo herói de imortal fama. A docilidade, e brandura do seu génio se deixou tão facilmente lavrar do buril dos bons documentos, que em poucos anos se viram nele esculpidas as mais singulares flores das virtudes, os mais finos traços da melhor polícia. Seu Pai se chamou André de Quadros, Provedor das Valas, e Lezírias na mesma Vila, e sua Mãe Dona Isabel Pereira, pessoas ilustres: entrou na venerável Religião da Companhia no ano de 1544, e deixando no mundo as esperanças, só levou para a vida religiosa os desenganos; porque no mundo podia luzir muito com a pessoa, e com o engenho do seu talento; mas fora dele tanto mais, quanto vai do eterno ao temporal, da certeza da verdade a um bem que não é certo, e do tudo do bem perdurável, ao nada do transitório. Passou virtuosissimamente os primeiros anos de Religião, em que lançou firmíssimos fundamentos a uma vida perfeitissimamente justificada; logo na Ordem entrou em estudos maiores na Universidade de Coimbra, nos quais mostrou, que se não constituía o seu talento de menos engenho, que espírito; este para vencer tentações, aquele para penetrar dificuldades. No primeiro Domingo de outubro de 1553, fez nas mãos do Padre Jerónimo Nadal, Comissário-Geral de Espanha a profissão solene de quatro votos, que Santo Inácio ainda vivo naquele tempo concedia a muito poucos dos seus Religiosos, ainda sendo já provectos na idade, mais exercitados nas virtudes, e nas ciências. A Igreja onde fez esta profissão foi a Ermida de S. Roque na dita Universidade, da qual Ermida tomou posse a Companhia no mesmo dia, pregando nela S. Francisco de Borja. Neste tempo eleito em Patriarca de Etiópia o Padre João Nunes Barreto, escreveu logo a Santo Inácio pedindo-lhe dois companheiros para seus coadjutores, que fossem doutos, e prudentes, e um dos dois que pedia, e lhe foi concedido, era o Padre António de Quadros.

Partiram estes grandes Padres para a Índia, no ano de [espaço em branco no original], e depois de grandes perigos, e trabalhos, deu a Nau fundo no rio de Goa a dez de setembro no ano referido; na viagem tratava dos enfermos, e com tal cuidado, que nem para rezar lhe vagava uma hora do dia, e de noite se escondia para satisfazer esta obrigação. Poucos meses eram passados depois de chegar a Goa, quando os Padres da Índia o elegeram Provincial, tendo então de idade vinte e seis anos, e sendo assim Prelado ia à cozinha ajudar ao cozinheiro, exercitando também no Hospital a caridade de lavar os pés aos enfermos. Nesta Cidade leu com grande aplauso, Filosofia, e Teologia, e explicou com maravilhosa erudição as Constituições de seu santo Fundador. Escreveu a esta Província de Portugal algumas cartas, que correm impressas, tão cheias de erudição, como de inflamado espírito de Varão Santo. Na pregação se inflamou tanto na conversão do Gentilismo, que ainda hoje se lhe reconhecem por tradição de pais para filhos, devedores da sua Cristandade os povos das terras de Salcete, e Baçaim, em as quais levantou famosos Templos a Deus verdadeiro, introduzindo neles infinito número de almas a seu conhecimento. À Coroa de Portugal chegaram os ecos desta felicidade, e El-Rei D. João

o terceiro por lhe honrar mais a pessoa, lhe insinuou em uma carta, pois lhe não podia pagar os serviços que correm pela conta de Deus, quisesse para com o mesmo Senhor merecer mais, votando nos Conselhos de Estado, Fazenda, e Guerra; cujo decreto aceitou como leal Português, e Varão Santo, tendo-se sempre o seu voto em toda a Índia pelo mais bem acertado. Quatorze anos sucessivos ocupou o cargo de Provincial, em cujo governo foi tão suave, que não houve em tempo algum pessoa que dele se queixasse, ou fosse Religioso, ou secular.

Presente temos na memória um notável caso, que neste tempo lhe sucedeu, o qual aqui servirá para exemplo de combatidos, e para prova da pureza, e castidade deste grande Servo do Senhor. Na dita Cidade de Goa, vivia uma mulher de nobreza conhecida; em certo dia fingiu, que lhe sobreviera um acidente repentinamente mortal; tinha ordenado a pessoa sua doméstica, que naquela ocasião lhe chamasse este Padre, para se confessar com ele, e que assim que ele entrasse na sua câmara lhe fechasse a porta, ficando o companheiro de fora; assim o fizeram, e assim sucedeu; declarou-lhe ela seus lascivos intentos contra a castidade, querendo efetuar logo a culpa com forçosas, e agradáveis carícias, pois entendeu, que por este caminho o teria já envolto na rede do seu depravado apetite. Neste caso tão perigoso, tratou o casto Varão de a dissuadir de tão abominável desatino, com eficazes razões, e santos conselhos: e vendo ela que se lhe desvanecia a sua cega desenvoltura, o desenganou dizendo que se não cometesse com ela o pecado, havia de bradar sobre ele, que no sagrado ato da confissão a solicitara, e ficaria com notória infâmia a sua Religião, e com desaire a sua pessoa pois violentava uma mulher tão principal como ela, sendo casada. No aperto de tão grande perigo, flutuava o bom Padre nas maiores ondas da tribulação, e corriam-lhe tantos pensamentos, que se elevavam uns com outros, sem poder achar firmeza para conseguir vitória daquela infernal fúria. Porém confiando em Deus, que lhe havia de acudir, usou de um projeto nunca jamais ouvido, que lhe solicitou o desejo da virtude da castidade, e foi enlamear seu gentil rosto com imundícia humana que viu estar em um vaso debaixo de um leito na mesma casa, ficando a sua verónica com uma máscara tão medonha, e disforme, que a desatinada tentadora logo o mandou sair daquela casa, e que se fosse da sua presença, o que ele fez com muita pressa. Oh que vitória nunca executada, e digna dos maiores elogios, pois este grande defensor da pureza, por não macular esta virtude, se arrojou a contaminar seu rosto, sacrificando-se no que mais lhe podia repugnar a natureza, e por purificar muito a sua alma nas chamas do amor Divino em que ardia.

Do grande susto que teve neste sucesso, temos a notícia que se abreviou a vida a este suave lírio da castidade, porque logo que se recolheu ao seu Colégio, caiu enfermo, e conhecido pelo Médico ser a doença mortal; aparelhou-se para a jornada, recebendo logo os Sacramentos; foi toda a Comunidade dos seus Padres, e Irmãos à enfermaria para se despedirem no termo da última sociedade, que lhe fazia um tão bom Prelado. Não houve coração entre aquela veneranda família, que se não derretesse pelos olhos em lágrimas, e não exalasse da boca saudosos suspiros; mas o perfeito Religioso, como pai os consolava proferindo-lhes aquelas misteriosas palavras, que Cristo Senhor Nosso disse aos seus Discípulos: *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem*. Logo entregou a alma ao seu Criador, cuja morte pareceu sono, e o seu rosto parecia angélico. Foi este seu trânsito aos 21 de setembro de 1572 no seu Colégio de S. Paulo em Goa (dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo), tendo de idade quarenta e cinco anos não completos. Escreveram dele, Mapheo in *Hist. de Reb. Indic.* liv. 16 pag. 755; Orlandino in *Histor. Societat.*; Telles na 2. part. da mesma Província liv. 6 Cap. 13; Cardoso no 2. tom. dos *Agiológios Lusitanos*, vigésimo terceiro de abril tom. 2 a fol. 685; O Padre

Francisco de Sousa da Companhia, no *Oriente Conquistado*, 2. part. Conquist. 1 D. 1. §. 48 fol. 65, e outros Autores que mais se podiam alegar.

CAPÍTULO XXIV.

Vida do Santo Padre Frei Bernardo, natural desta Vila de Santarém.

Nesta famosa Vila, vivia pelos anos de 1340 um ilustre e gentil mancebo chamado Bernardo, pessoa tão perfeita, com tantos dotes da natureza, que dizem as suas memórias, eram nele mais as prendas que os anos; entre elas era uma o primor e galhardia com que airosamente montava, e domava os cavalos; e porque desta parte fazia grande gosto, os mais dos dias gastava no seu exercício. Saiu em uma ocasião ao campo, que chamam o Chão da Feira, com outros mancebos seus iguais, todos a cavalo, e para o nosso Bernardo mostrar mais a sua destreza, ali montou em um ginete alheio para o trabalhar, e como não era seu, ignorava-lhe o génio, que tinha de traidor ; logo começando nele uma carreira, foi tão descompassado o ímpeto com que o feroz bruto a ela se arremessou, que perdidos os estribos, e arrancado da sela, visivelmente se viu ir pelo ar caindo ao chão; a carreira se encaminhava para o Convento de S. Domingos, com o pensamento impetrou a proteção deste Santo, que o socorresse, e logo milagrosamente com admiração dos companheiros, e circunstantes, se achou firme na sela, ficando senhor do cavalo, e sem desaire algum. Chegou ao fim da carreira, aonde parou bem concertado, airoso, e gentil cavaleiro.

Depois deste sucesso fazendo o mancebo Bernardo repetidas reflexões, e vendo o evidente perigo de que Deus o livrara, e que seria pelos merecimentos de S. Domingos, começou a entrar em pensamentos, pesando a leviandade do mundo, e a sua inconstância. Considerava o fruto que se tira de servir só a Deus, e o pouco que ultimamente se ganha em luzir entre os homens, que sempre traz consigo na pompa a vaidade: *Que bens (*dizia*) posso adquirir nesta vida Secular, por mais que chegue a merecer? Estimações, cargos e riquezas? Bem posso lograr tudo isto, mas não tenho essa certeza; se tiver amizade com os ilustres, e lograr o valimento dos Príncipes, também não é coisa firme; antes nos poderosos é mais certa, e vulgar a ingratidão, porque a cobrem com a Soberania, querendo se entenda que nunca devem, e que tudo lhe é devido; e ainda dando-me essa chamada ventura de estimações, quais as que não sejam incentivo da inveja, e se lhe não sigam perigos a quem as logra? Se eu conseguir lugares honrosos, e dignidades grandes, que dignidades pode haver que nelas se não deem passos para os precipícios, e sobressaltos para a vida, com riscos da Salvação. Mas ainda dando-se por certeza, ou por acaso, que todas estas coisas eu as pudesse lograr, com gosto, e com sossego livre de perigos, que me importa se sobre estas felicidades, sempre vai arriscada a salvação, que é a maior de todas, e verdadeira felicidade. Oh que bem acertada ação será a minha se eu deixar de servir o mundo, que só se compõe de fantásticas vaidades, e só servir a Deus, por cujo meio se alcança o Céu, que é o melhor prémio, e o bem de todos os bens que não se acaba.*

Enlevado o ditoso Mancebo com estes toques da Divina graça, e levado destes pensamentos, entendeu que só com a vida Religiosa podia atropelar o mesmo mundo, livrando-se da sua inconstância, e desenganar-se ultimamente, triunfando dos seus enganos. Lembrando-se assim de quem era devedor, pois S. Domingos o livrara daquele tão grande perigo, quando se viu despenhado do cavalo, resoluto se foi ao Convento do mesmo Santo na dita Vila, pediu o hábito, que logo sem dilação lho concederam, porque reconheceram o seu desengano, e conheciam as suas qualidades. Logo feito noviço

começou este nosso Bernardo a mostrar ao mundo, e à Religião, que esta sua mudança fora soberano impulso da mão do todo Poderoso, porque, com o espírito levantado ao Céu, se pôs pelo meio da oração, e contínua meditação, na presença de Deus: entregou-se todo nas mãos do Prelado, pela total obediência, e resignação da vontade, com as mais potências da alma; pôs-se aos pés de todos os Religiosos, pela humilhação, e abatimento de si mesmo: dedicou-se todo a servir, obedecer, e a amar; amar a Deus, servir ao próximo, e obedecer aos seus Superiores, sem dar entrada a outros desejos, ou esperanças da terra. Depois de professo, e mais crescido nos anos, sempre se entregou aos santos exercícios da Religião, por mais abatidos que fossem, como se não nascera para outra coisa: estimava a pobreza como se ele nunca fora rico; com tanta prontidão obedecia, como quem não tinha sabido, que coisa era mandar. Era rigoroso no jejum, constante no silêncio, contínuo na oração, pronto no recolhimento, esquecendo-se valorosamente dos parentes, e amigos, que no mundo tivera. Vendo o inimigo comum a pressa com que Frei Bernardo de Santarém caminhava para Deus pela estrada do Céu, começou a combater a sua paciência com uma diabólica tentação, e foi apagar-lhe as lâmpadas do dormitório, e da Igreja, porque ele disso estava encarregue, com o cargo de Sacristão maior, e menor, pois tudo fazia bem com muito cuidado, e limpeza. Arguindo-o algumas vezes os Frades desta parecida culpa, entendendo ser descuido seu; procurou ele com diligência fazer-lhe o remédio possível, provendo as lâmpadas com bom azeite, deixando-as em tal forma, que pudessem durar acesas dobradas horas, porém nada disto bastava. Multiplicaram-se as queixas dos Frades, foi repreendido pelo Prelado na casa do Capítulo, e repetidas vezes penitenciado: com paciência recebia os castigos; sentia na alma o escândalo da Comunidade, ainda mais que o seu descrédito: doía-se da pena que no Prelado via de o castigar, tendo em menos preço o próprio custo das penitências, porque mais lhe custavam outras que ocultamente fazia por amor de Cristo.

Há neste Convento uma tradição constantíssima, que nove anos completos lhe durou este combate, trazendo o comum inimigo aflito a este Servo de Deus, sem o deixar dormir, levantando-se cada instante, para pôr luz nas lâmpadas, com incansável fadiga, e grande sofrimento. E quando uma noite tinha acabado de concertar, e acender a lâmpada do Altar-mor, em ele voltando as costas, no mesmo instante tornou a olhar para ela, e viu que já estava apagada. E porque naquela ocasião não fazia vento algum, então acabou de entender e conheceu que de propósito fora aquilo feito pelo espírito maligno. Prostrado logo por terra pediu com lágrimas ao SANTÍSSIMO SACRAMENTO lhe quisesse declarar o seu perseguidor. Tendo acabada a oração, foi buscar luz, tornou a acender a lâmpada, vê logo diante de si um horrível animal, com o feitio de um grande bode no pelo, barbas e armação. Entendendo logo quem podia ser o tal mascarado, lhe mandou da parte de Deus com grande ânimo, que se não movesse daquele lugar em que estava, nem mudasse a figura. Foi-se logo com muita pressa à Sacristia, trouxe uma corda, atou-o com ela pelas grandes barbas, e para desafogar a sua paixão deu-lhe uma larga, e rija disciplina, que não seria pouco sentida do horrível infernal espírito. Ainda não satisfeito Frei Bernardo com esta execução, puxou por ele, levando-o arrastado pelo dormitório, que por todo ele ia dando horrorosos e medonhos brados, até que o precipitou de um eirado abaixo, em um lugar imundo. Com este favor de Deus se acabaram as queixas dos Frades, porque já se não apagavam as lâmpadas, ficando todos com muito pesar das contínuas moléstias que tinham dado ao santo Sacristão ainda que foram para mais merecimentos seus.

Em todo o tempo de nove anos, que persistiram estas tentações, com que o inimigo o perseguia, foi Frei Bernardo assistido de muitos favores do Céu. Quis Deus dar-lhe tanta

virtude, que a muitos enfermos a quem os remédios humanos não davam vida, com o valimento das suas orações os livrava do poder da morte, dando-lhe perfeita saúde. Deu vista a cegos, sarou aleijados, e o que mais é ressuscitou mortos. Para desempenharmos esta última palavra, referiremos aqui um caso só, e servirá para abono dos mais que podia contar, e em que se mostra o requinte da sua santidade. No tempo em que este bom Servo de Deus existia vivo, sucedeu em um dia de manhã levar a justiça um pobre homem a enforcar; depois de estar feita a execução, e deixado o cadáver no patíbulo, permitiu Deus que sobre a tarde passassem por aquele lugar uns homens, os quais ouviram chamar da forca por eles, ficaram atemorizados, cheios de medo, porém animando-se uns com outros, chegaram junto à forca onde aquele corpo estava pendurado, o qual falando-lhes disse, que chegassem sem receio a ele, e já que Deus os levara por ali, usassem com ele de misericórdia, pois estava com vida. Tiraram-no do suplício, e depois que o puseram em terra, perguntaram-lhe, qual fora o motivo de tão notável sucesso, pois o tinham visto morto, e agora nem o viam desfalecido, tendo-se passado tantas horas que estava pendurado. O venturoso homem lhe respondeu, que Frei Bernardo Sacristão de S. Domingos o acompanhara sempre na aflição da morte, e depois o livrara sustentando-o até o tempo que eles da forca o tiraram. Depois desta maravilha sucedida, soube-se que a mãe do padecente era muito devota deste Padre, e que se fora com grande aflição valer dele, quando levaram seu filho a morrer. Estas maravilhas, e outras mais, obrava o nosso Frei Bernardo santo, por ser pela sua santa vida muito valido do todo-Poderoso. Tendo-se passado alguns anos depois deste grande caso referido, vivendo sempre com rigorosas penitências, o chamou Deus para a Bem-aventurança com uma morte preciosa a dois de março de 1371. Deu-se-lhe sepultura como a Santo, junto à parede da Capela-mor, a qual está alta, sendo de boa pedra, e bem lavrada no dito Convento. Escrevem dele com título de Santo, o Autor do Hagiológio Domínico tom. 1 fol. 422, o Mestre Frei Jerónimo de Padilha, e mais outros Escritores.

CAPÍTULO XXV.

Descreve-se a vida do Venerável Padre Frei Pedro Fernandes.

Este grande Servo de Deus, o Padre Frei Pedro Fernandes, chamado na posteridade vulgarmente o Galego, por não haver equivocação com outro de nação Castelhano do mesmo nome, que também floresceu em virtudes, nasceu nesta Vila de Santarém, sendo das pessoas mais nobres dela. Sacrificou nas aras da Religião as primícias da idade, tomando o hábito de S. Domingos no Convento de Nossa Senhora das Neves da Serra do Montejunto no Termo de Alenquer, que foi o primeiro que esta sagrada Religião teve neste Reino de Portugal, como já fica dito no livro primeiro desta segunda parte c. 4. o qual Convento depois se mudou para Santarém. Ali deu princípio a uma vida mais de Anjo, que de homem: negou-se todo ao mundo, e a si próprio, por se dar inteiramente a Deus. Fez-se venerado pela pureza, e admirado pela santidade. Mandaram-no os Prelados estudar, e constrangido pela obediência sacrificou-se a deixar o retiro daquela Serra que tanto amava: com tanto fervor, e felicidade se aplicou às letras, que em pouco tempo aproveitou muito, principalmente na inteligência da sagrada Escritura em que se fez cientíssimo, não sendo o seu intento, mais que ter nela as luzes para o exercício da oração. Fez-se com vantagem a muitos seus condiscípulos consumado letrado nas sagradas notícias, por cuja causa foi mandado pela santa obediência ler Teologia em vários Conventos da sua Ordem. Escreveu com grande diligência, e erudição a vida de seu Patriarca S. Domingos, cuja obra em sua vida não viu estampada. Foi muito amado do Santo Padre Frei Gil, e alguns anos seu filho de confissão, que semelhante virtude logo se faz recíproca nos corações para se amarem em Deus.

Foi o nosso Fr. Pedro mandado para o Convento de Camora, o qual se tinha edificado havia pouco tempo, aonde pelos santos instrumentos do púlpito, e confessionário, fez grande fruto nas almas. Sucedeu por ali passar S. Frei Gil, quando ia para um Capítulo geral, e assim que entrou no Convento perguntou dizendo: *Aonde está o nosso Frei Pedro?* Respondeu-lhe um Religioso de boa opinião entre os mais daquela casa: *Nosso Padre Frei Pedro está cheio de achaques, companheiros da velhice, e fazendo eu oração por ele, como pessoa tão necessária à Ordem, representou-se-me uma visão, à qual não sei dar congruente significado; porque vi a Frei Pedro no cume de um monte, com o rosto do mesmo Sol, acompanhado de dois mancebos, cuja gentileza excedia toda a da terra*. Desta visão milagrosa inferiu logo S. Frei Gil, que o Santo velho Pedro acabava o desterro desta vida transitória, e caminhava para a eterna da Bem-aventurança; entrou a visitá-lo, e lhe disse: *Alvíssaras amigo, sabei que é chegada a hora de partires para o Céu peço-vos que quando vos virdes nele saudeis da minha parte a Virgem Mãe, e a nosso Padre S. Domingos*. O enfermo com todo o impulso do coração alvoroçado, e com alegre semblante, respondeu as seguintes palavras: *Irmão Frei Gil; diga-me isso outra vez; que não há gosto semelhante a esse*. Logo se começou a prevenir para a jornada com os Sacramentos, recebendo-os das próprias mãos do seu grande amigo, e pai, com notáveis mostras de compunção; chamando-o depois o velho moribundo, lhe comunicou com derretidas lágrimas, que depois de lhe dar os Sacramentos o visitara a Rainha dos Anjos, e o Discípulo amado de Cristo, pondo-lhe cada um na cabeça uma brilhante coroa, e que não podia acabar de entender donde lhe procediam tais favores, sendo ele um pecador tão indigno deles. S. Fr. Gil, que reconhecia a bondade, e firme

consciência do Santo velho, lhe disse com segura liberdade: que ambas as coroas lhe pertenciam; a da Virgem Senhora, pela pureza Angélica, que toda a vida conservara; e a de S. João pela dignidade de Doutor, adquirida com os trabalhos da cadeira, do púlpito, e do confessionário. Convocou-se toda a Comunidade, que o Santo moribundo mandou chamar, e despediu-se dela, proferindo com ternuras do coração estas proféticas palavras: *Ah, Padres, Sabei certo, que tem Deus particular amor a esta Ordem, e se agrada muito do serviço que nela se lhe faz: estimai-a, e amai-a com caridade, e observância; muito grande inimigo tendes no Inferno, muito aborrece este monte de Sião, mas não há que temer, porque não há de faltar o socorro do Céu*. Acabadas estas palavras, entregou a alma nas mãos do seu Criador com tanta suavidade, que duvidavam os Religiosos se o corpo estava ainda animado ou não. Foi o seu glorioso trânsito aos vinte e dois de junho de 1255. Esta notícia corre escrita no Agiológio Domínico tom. 2 fol. 657.

CAPÍTULO XXVI.

Da prodigiosa vida do Glorioso Mártir de Cristo S. Narciso, natural desta Vila de Santarém.

Por irrefragáveis, e convenientes razões, de gravíssimos Autores, achámos clara notícia da vida, e morte deste portento de santidade, o glorioso S. Narciso, glória da nação Portuguesa, e honra singular da Escalabitana sua Pátria. E fundando-nos nas mais verdadeiras, e sólidas opiniões, escreveremos aqui as gloriosas memórias dos seus principais progressos. Nasceu o nosso Santo Narciso nesta ilustre Vila de Santarém, de pais nobilíssimos, que foram aparentados com as mais ilustres famílias de toda a Espanha. Desde menino começou a mostrar-se tão alheio das vaidades, tão amigo das virtudes, tão modesto, e devoto, tão recolhido, e estudioso, que mais parecia nascido para Deus, que gerado para o mundo. Mandou-o seu Pai estudar letras humanas, e divinas, em as quais se fez tão insigne, que era cobiçosa inveja dos seus condiscípulos. A passo solto foram seus Mestres descobrindo nele um génio de tanta virtude, que correspondia a cópia do fruto, à bondade do terreno: não lhe acharam que arrancar ervas inúteis, ou que repreender tempo ocioso, porque não viam nele vícios, nem distrações; mas já naqueles tenros anos podiam todos, em lugar de lhe beneficiarem plantas, recolherem odoríferas flores de virtudes, e frutos de santidade, porque em breve tempo estando ainda na fresca primavera dos anos, quando a puerícia o podia desafiar a divertimentos vãos, já o vestiam então as suas obras com aparências de Santo.

Crescida, pois, em os anos esta flor Narciso, exalava por toda a parte, precioso cheiro de virginal pureza, florescendo de dia em dia em santidade, e letras da verdadeira ciência. Vagou por morte do Bispo Calidónio, a Primaz Cadeira de Braga, acharam os soberanos, que só ele era digno de ser provido em tão grave lugar. Colocada esta brilhante luz no candeeiro da Igreja, e tomando posse da nova dignidade, mostrou que sempre era o mesmo, e vendo-se pastor de tão numeroso rebanho, com os olhos na salvação das almas, sempre era vigilante, sempre suave, sempre prudente, e por todos os títulos sempre digno do respeito da obediência, e da geral estimação dos súbditos, resplandecendo cada vez mais com rutilantes raios de purificadas virtudes, alumiando a uns com repetida doutrina, e edificando a outros com sua santa, e reformada vida; em cujas heroicas ações, todos à competência, desejavam imitá-lo. Nestes virtuosos exercícios, vivia o Santo Prelado, com o governo Pastoral, venerado, e obedecido das suas ovelhas, tendo todas nele pai, remédio, amparo, exemplo e conselho; quando lhe ordenou o Céu, por alta providência, que deixasse aquelas que estavam bem recolhidas no grémio da Igreja, e caminhasse para Alemanha, a convocar para Deus, as que totalmente careciam da eficácia da sua evangélica doutrina. Ilustrado o Santo, e resignado com a Divina vontade, logo se pôs a caminho, acompanhado do grande Servo de Deus Felis seu Arcediago, e natural da mesma Vila, como em seu lugar diremos, e chegando à Cidade de Augusta (que naquele tempo era Metrópole, e cabeça daquela Província) ali pediu pousada, e descansou em umas casas aonde vivia Hilária Rainha que tinha sido de Chipre, que perdido seu imperioso estado, se retirou a esta Cidade, trazendo consigo sua filha, chamada Afra, mulher tão depravada na sensualidade, como é bem sabido das Histórias humanas.

Para esta casa de Hilária se deve entender guiou Deus ao nosso Santo Narciso para tirar sua filha do profundo abismo de torpezas, em que vivia, e lhe dar vida espiritual,

arrancando-lhe juntamente as raízes da idolatria, e desfazendo-lhe as escuras sombras da morte, e as trevas em que sua alma jazia, por seus feios pecados, os quais lhe foram a causa de não conhecer a sua desgraça. E como viu ao Santo Narciso dentro em sua casa, entendeu seria daqueles, ou como aqueles homens, que para torpes intentos, costumavam buscá-la das portas adentro. Porém vendo que ele toda a noite passava em oração, cercado de luzes celestiais, rompendo o ar com suaves cantos de hinos, e divinos louvores, ficou atónita, e confusa, sem se atrever a solicitá-lo para a sua torpeza. O Santo Prelado alumiado com a soberana luz da Divina graça, como entendesse que ela já estava temendo o rigor do castigo, que merecia por suas culpas, começou ele com fervoroso espírito, e fogo de santidade a exortá-la, afeando-lhe com o evidente perigo da sua salvação o castigo que lhe estava aparelhado, pois vivia em tão mau estado, lembrando-lhe os repetidos escândalos, que dava a toda aquela Cidade, e intimou-lhe esta prática com tão atractivas razões, e eficazes palavras, que Afra sem deixar passar mais tempo, caiu com tanto peso de juízo, sobre as suas culpas, que sendo tão grande pecadora, fizeram nela tanta impressão as palavras de S. Narciso, que de pública mulher caminhou com verdadeiro desengano para o Céu, pelo meio mais glorioso, entregando a vida por Cristo ao martírio, arrependida de suas passadas culpas. Acabada a exortação do nosso Santo, no mesmo instante deu Afra de mão às mundanas galas, e pomposos enfeites, vestindo-se de saco penitente, compondo-se só com todos os adornos de contrições, e penitências. Lançou-se convertida em lágrimas aos pés de Narciso, pedindo-lhe o santo baptismo, o qual recebeu depois, que jejuou sete dias juntamente com sua mãe Hilária, na qual também obraram prodigiosos impulsos da Divina graça, acompanhadas de Eunomea, Digna, e Eutropia, suas criadas, porque quis o Céu, que estas assim como foram companheiras de Afra nas torpezas, lhe fizessem também companhia na conversão; e congregadas em um corpo, e com a mesma resolução, no íntimo das suas almas, abraçaram todas a lei, e mandamentos de JESUS Cristo.

Com estes princípios tão maravilhosos, se armou o Santo de ardentíssimo zelo, e sabendo que naquela Província andava a perseguição menos furiosa contra o Cristianismo, saiu com seu companheiro a propugnar constante, as verdades católicas, e a confundir as impiedades heréticas, não só pelas ruas, e praças daquela Cidade, mas também por quase todas as terras da mesma Província. Confortava os vacilantes, animava os firmes, e ao mesmo passo confundia, e convertia os hereges; confirmando a nova doutrina que pregava, com notáveis maravilhas, e estupendos milagres, resgatando muitas almas para o Céu do cativeiro das culpas; por cujo motivo lhe ficaram chamando o Apóstolo, e Mestre das Gentes daqueles dilatados povos. Depois de ter reduzido inumeráveis pessoas à nossa Santa Fé, começou a levantar Templos, erigir Altares, ordenar Sacerdotes, e nomear Bispos, que sustentassem a criação daquela nova cristandade (um destes foi um tio de Afra, irmão de Hilária, chamado Dionísio, ao qual em sua ausência deixou encomendada a dita Cidade de Augusta, ficando Bispo dela) em cujo trabalho Apostólico gastou o Santo Prelado nove meses; e porque a semente do sagrado Evangelho pregada já naquelas terras tinha criado raízes; lembrado de que as suas ovelhas que deixara em Braga, estavam sem o seu abrigo, com saudades delas voltou a Espanha, fazendo caminho por Catalunha, que por todas as partes ia pregando a santa doutrina de Cristo, como fizeram os sagrados Apóstolos; e na Cidade de Girona se deteve três anos, porque estava aquela terra muito inficionada com a peste dos erros gentílicos. E vendo a grande falta que ali faziam os Ministros Evangélicos, porque não sofria perder-se tão grande parte da vinha do Senhor, por falta de cultores; com grande ânimo, e alegre impulso, vestido de ardentíssimo zelo, começou de novo a adquirir inumeráveis almas para Deus. E conhecendo os Gentios irem perdendo com as exortações do Santo Prelado

os seus heréticos costumes, e depravadas leis, com que viviam, para atalharem logo este seu mal por eles mal entendido, assentando, que se o não obviassem, em breve tempo todos os seus moradores abraçariam o Cristianismo, deram conta disto ao Presidente Cesónio Macro, o qual mandou ir o Santo à sua presença, e sendo perguntado, pelas suas constantes respostas, e grande fortaleza da nossa Santa Fé, o mandaram pôr no equúleo, sendo atormentado com diversos martírios. Depois de passarem grandes tribulações, estando celebrando aos Cristãos o Sacrifício da Missa, os seus perseguidores com furioso ímpeto, lhe descarregaram três penetrantes feridas, por confessar a Santíssima Trindade, as quais feridas foram uma no ombro direito, outra na perna esquerda, e a terceira na garganta, com a qual caiu morto. E logo aqueles tiranos deram a mesma sacrílega morte ao seu Arcediago S. Felis, que parece quis a Divina Majestade, que não entrasse esta flor Narciso no Céu, sem ir matizada com o purpúreo sangue de seu ditoso companheiro, padecendo também o martírio pela Fé de Cristo.

Das Cidades Girona, e Augusta, é o nosso glorioso S. Narciso ínclito Patrono; de Augusta, porque dela foi o seu primeiro Apóstolo, pregando-lhe a Fé com a verdadeira doutrina. De Girona; porque ali foi o teatro glorioso, na fortaleza, e constância com que recebeu o triunfo do martírio, ficando nela suas miraculosas relíquias, e deixando-lhe a possessão do seu corpo incorrupto. Agora entenda o orbe se com justa razão se pode jactar Santarém, de ter procriado um aluno, que deu ao mundo tantas felicidades, e ao Céu mais número de bem-aventurados: da nossa Braga também a glória de o ter por Prelado, com a primazia daquela mitra, cinco anos, e uns poucos de meses, para o devido culto a Deus, e ventura de tantas almas. E deve-se entender assim, que honrou S. Narciso a Santarém com seu nascimento, Braga com sua assistência na Prelazia, a Augusta com sua pregação, e a Girona com o sagrado depósito do seu corpo, a qual Cidade teve a glória de voar dali sua ditosa alma para as eternas moradas da Bem-aventurança pelo triunfo do martírio. Este seu martírio foi no ano de 277, imperando Aureliano, e sendo Cônsul, Júlio Capitolino, conforme dizem nas suas Histórias, Eusébio e Orósio; e em Girona na Igreja Catedral, no sepulcro deste nosso Santo, se lê a seguinte inscrição.

Anno Domini CC.LXXVII.
IV. Ral. Nov. B. Narcisus
Epüs. dum Missam celebrat,
passus fuit Gerunda, in loco ubi
nunc jacet Eccl. Cathedral. Cum
Diacono Felice.

Pelos anos de 1116 abrindo-se este sepulcro, se achou seu corpo incorrupto, (conforme diz o sumário da Crónica Augustunense, referida pelo Autor dos Agiológios Lusitanos, tom. 2 no dia 18 de março. let. A. fol. 222 no Comentário) com um cilício cingido, tendo o seu rosto alegre, vendo-se expressamente em seu venerando corpo, os três sinais das feridas, que tão depressa lhe deram a perpétua coroa na Glória. Depois passados muitos anos, abrindo-se segunda vez o mesmo sepulcro, se viu na mesma forma, que a primeira; porém estava com a mão direita, como quem lança uma bênção. E nesta ocasião achando-se ali certo Abade em presença de muitas pessoas, querendo tirar-lhe um dedo do pé, para o ter por singular relíquia, o Santo com muita ligeireza antes que lhe fizesse a execução, recolheu o mesmo pé para dentro da mortalha. Por este portentoso Santo é sabido que tem obrado Deus muitos, e grandes milagres depois de seu corpo jazer sepultado, que se os expendêramos aqui todos, seria necessária dilatada escritura; porém faremos aqui somente memória de um, por ser digno de recordada lembrança, o qual foi

sucedido em o mês de setembro de 1286 referido por diversos Autores, e como o relata Gaspar Barreiros na Crónica pág. 137, e é da maneira seguinte. Nas assinaladas guerras que houve entre Carlos Rei de Sicília, e Filipe de França com D. Pedro Rei de Aragão, quando já os Franceses, e Sicilianos tendo entrado em Girona à força de armas, como para soldados furiosos com a ambição de saquearem as coisas que acham nas terras em que entram, não há para eles atenção, nem respeito aos lugares sagrados, entraram pela Igreja aonde estava sepultado o corpo de S. Narciso; e sacrilegamente sem reverência a Deus, roubaram os vasos sagrados. Quando repentinamente saíram de dentro da sepultura do Santo, (assim como valorosos soldados, que defendiam aquele Castelo sagrado) inumeráveis esquadrões de moscardos de extraordinária grandeza, os quais acometiam os narizes, e orelhas dos soldados, que os não deixavam senão depois de caírem mortos, assim uns como outros. A relação disto diz que o número daqueles passava de quarenta mil, e o destes de trinta mil. À vista deste grande, e miraculoso castigo, os mais desampararam a Cidade fugindo, não tornando mais a ela, e recolhido El-Rei de França a Perpinhão, logo repentinamente morreu.

É o nosso S. Narciso prodigioso contra os raios das tempestades, em cujas tribulações a ele recorrem os aflitos para lhes valer, pois no ano de 1581 em um dia do mês de fevereiro, caiu um raio no campanário da sua Igreja em Girona, que o derrubou todo, e descobrindo-se logo o seu sepulcro, foi achado nele o Santo com as mãos levantadas ao Céu, por cuja ação, se julga ter tomado à sua conta proteger os seus moradores. É advogado contra o terrível mal da peste geralmente este Santo, pois ardendo com ele Catalunha, e seus povos circunvizinhos, pelos merecimentos de S. Narciso, só Girona ficou sempre livre deste terrível contágio, e em mais ocasiões tem defendido do mesmo mal a muitas terras, que a ele recorrem com viva fé no seu valimento. E finalmente, se quiséssemos aqui escrever todos os maravilhosos prodígios deste nosso Santo, que andam dispersamente escritos nas difusas elegâncias de tantos Autores, seria processo infinito, e os que dele escreveram, e de que temos a notícia, são os seguintes: Santo Antonino 2. part. Hist. tit. 8. cap. 1. §. 18. Surio tom. 4 de Sanct. ad s. Truxillo in Thes. Concionat. tom. 2 col. 708. Padilha na Histor. Ecclesiaft. de Hisp. Cent. 3 cap. 17. Domenec. nos Santos de Catalunha, pág. 68 e 150. Valêncio in Chron. *Adan.* 260. Sigismundo na Chron. Augustan. cap. 6. Zurita em os Anais de Aragão. 1. part. liv. 4 cap. 69. Brufchio in Catalogo Episcop. August. cap. 8. Brandão no Disc. gratulatório pág. 124. O Marechal de Pappenhein in Summario antiquo Chro. August. ad an. 1116. Dom Rodrigo da Cunha na Hist. Eclesiástica de Braga: 1. part. cap. 39; e além destes Autores referidos, e outros mais tratam de S. Narciso os Breviários de Braga, os de Augusta, Girona, Valença e Barcelona. Os Flos-Sanctorum de Vilhegas, Ribadaneira, Marieta e Basílio. Adverte-se mais que o corpo do Bem-aventurado Mártir S. Felis, natural desta Vila de Santarém, que vai referido neste capítulo, Arcediago, e companheiro inseparável de S. Narciso, suposto que padeceu, e ganhou a coroa do martírio em Girona, em companhia do dito Santo, seu sagrado corpo está sepultado na Cidade de Paris, Corte de França, aonde é venerado dos Católicos, com devotíssimo culto, porque se Girona logrou o matiz de seu purpúreo sangue, Paris se honra com a possessão de seu sagrado corpo, para onde foi tresladado depois que padeceu martírio uns poucos de séculos, por Carlos Magno Rei de França. Celebra-se a sua festa em Braga com grande solenidade aos vinte e quatro de março, sendo que consta dos Martirológios, e Santorais, que acima vão citados, ser o dia do seu martírio aos dezasseis do mesmo mês.

CAPÍTULO XXVII.

Da prodigiosa vida de S. João Godo, natural de Santarém.

Ainda Santarém nos oferece a notícia de outro Santo Prelado seu natural, para obrar maravilhosos prodígios em Girona depois de lhe dar aquelas duas flores de heroicas virtudes, Narciso, e Felis, que agora acabamos de escrever; as quais sempre estão exalando da terra Escalabitana, que as produziu, soberanos aromas de santidade, e para que esta pátria mais realçasse na sua grandeza, permitiu o Céu, que a Girona desse outra não menos cheirosa flor, qual foi o prodigioso S. João Godo, a quem acrescentam mais que o apelido de Godo, o título de Gerundense; o de Godo porque sem dúvida descendia com o sangue Palatino destes Reis assim chamados, e o de Gerundense por ser meritíssimo Bispo da dita Cidade. Nesta nossa famosa, e antiquíssima Vila de Santarém, então chamada Scalabis esclarecido empório desta nossa Lusitânia pelo motivo que já dissemos no princípio desta História. tom. 1. cap. 21. nasceu este nosso Santo João, como assim o escreveu Santo Isidoro na vida que dele compôs, cap. 31, e nós o temos lido nas canoras elegâncias de outros escritores. Com o grande desejo que tinha de se dar aos estudos, e adquirir fama por eles, logo nos anos da sua adolescência deixou a Escalabitana pátria, transplantando-se em Toledo, em cuja Cidade floresciam mestres de muitas ciências; aí com grande fervor aprendeu a latinidade, que é o fundamental ensaio para enriquecer o juízo com o cabedal das letras humanas e divinas, às quais ajuntou, sobre estar consumado Teólogo, as virtudes com que veio a ser singular historiador, valeroso defensor da fé, pregador Apostólico, e supremo Prelado da Catedral Catalunense. Mas vendo-se João Godo em Toledo, tão avantajado no seu talento cujo cabedal comprou pelo custo do seu estudo considerando os intervalos, ou infortúnios, que sempre pela maior parte experimentam os seculares no mundo, resoluto a pisar as suas pompas, e faustos, com repetidos rogos, pediu o hábito da cogula Beneditina, o qual lhe foi lançado no Convento Agaliense. Com o prodigioso desprezo das vaidades, e estimações do século acompanhava seu grande espírito uma profundíssima humildade, com que resplandeciam nele as virtudes em sumo grau. Estando já crescido em maiores anos, parecia no trato, e nos exercícios noviço: não admitia outrem que o servisse, antes tinha por glória o servir a todos. E sendo notório aos mais Monges do mesmo Convento, o grande empenho, e sutileza de juízo, o seu Abade lhe deu licença para ir estudar mais letras a Constantinopla, que então era cabeça do Império Oriental, e universal escola de todas as faculdades; lá aprendeu mais no círculo de dezassete anos, saindo tão versado nas línguas, Grega, e Latina, e tão erudito na lição da sagrada Escritura, e na inteligência dos Santos Padres, como bem dos seus escritos se pode coligir, e admirar.

De Constantinopla para Espanha, voltou este Santo Monge, ao tempo que o pernicioso Leovigildo empunhava o Gótico cetro, por cujo mando servia por todas aquelas partes dos seus estados a pestífera seita Arriana, e por fugir deste contagioso mal, se retirou à pátria, aonde com felicidade converteu logo à fé de JESUS Cristo, a seus pais, parentes, e amigos, obrando em todos a eficaz excelência da graça divina. Chegaram os ecos destas obras de Deus aos ouvidos de Leovigildo, o qual como estava obstinado em sua própria cegueira, com extraordinárias opressões, perseguia aos que eram Católicos, dando-lhes rigorosos desterros. E querendo vulgarizar estes seus erros com pessoas grandes, para acreditar seus desatinos, empreendeu para isto grangear ao nosso João Godo, supondo que por ser pessoa de tão ilustre geração, e mancebo, facilmente o

reduziria à sua parcialidade, prometendo-lhe honoríficos lugares; e que com carícias, ou severas ameaças de o desterrar, por este caminho lhe torceria a sua inclinação. Tudo isto fez o rigoroso Monarca, porém nada conseguiu, nem foram bastantes estes excessos, para fazerem abalar o invencível peito do Bem-aventurado Monge. Atalhados os maus intentos do Rei, com a perseverança do Santo Padre, arrebatadamente o desterrou para Barcelona, e com tanta aspereza o quis maltratar, levado da sua insânia, que nem reparou ter sido Mestre de seu filho, o invictíssimo Príncipe, e Mártir S. Hermenegildo. Mas devemos entender, que todas estas determinações vieram do Céu, ordenadas pela Divina Providência, para que o Santo pregasse em toda aquela Província a Fé Católica, e nela encaminhasse muitas almas para Deus, como o tinha feito nas mais terras de Espanha. Ali em Barcelona assistiu por espaço de dez anos, pregando com incansável zelo, servindo aos hereges de flagelo, e aos Católicos de refúgio; em cujas fadigas padecia com firme constância muitas perseguições dos que seguiam a maldita seita de Árrio, os quais por várias vezes lhe maquinaram a morte, injuriados com as gloriosas vitórias, que contra eles alcançava nos públicos certames, e disputas gerais, no que tocava aos inefáveis mistérios de nossa Santa Fé.

No decurso deste tempo, fundou o nosso Santo João o famigerado Convento de Val-clara povoando-o logo de Monges da sua Religião Beneditina, agregando-lhe à sua Regra constituições perfeitíssimas, com grande utilidade da Religiosa vida Monástica, donde saíram prodigiosos Varões em virtudes, e santidade. Governando estava S. João este Convento, sendo dele Abade, com grande observância dos seus súbditos, e aplausos de todos os Católicos, quando chegou o feliz termo da infeliz morte do Rei Leovigildo; tomou posse do Cetro, seu filho o Cristianíssimo Recaredo; o qual com ação piedosa, e régia grandeza, logo levantou o degredo aos Católicos desterrados. No terceiro Concílio Toledano se achou este perfeitíssimo Príncipe, aonde ele com toda a sua Corte protestou a nossa Santa Fé, obrigando-se a defendê-la até dar por ela a vida: lembrado da muita virtude, e letras de seu Santo Mestre João Godo, e conhecida ali a sua sólida doutrina, e constante fortaleza por estar vaga a Cadeira Episcopal de Girona por morte de Alápio, o proveram nela. Como vigilante Pastor apascentou as suas ovelhas com tanta doçura, e suavidade que em breves tempos se viram nelas perfeitas reformas nas vidas; acabando de arrancar de todo algumas peçonhentas raízes, que erradamente julgavam por boas as constituições Arrianas; livrando assim aqueles povos da miserável loucura com que até ali viviam, e plantando por todas as terras a firmeza de nossa santa, e verdadeira Religião; para o que foi a todos os Concílios que se convocaram em seu tempo, reluzindo em todos com manifesta virtude sua perclara ciência.

Com todos os benefícios espirituais, que sem descanso algum fez à Igreja de Deus, nunca deixava de ser vigilantíssimo na guarda da sua Religião, pondo-a em perfeita, e observante Regra Monacal, resplandecendo sempre em sua vida cada vez mais com manifestos, e gloriosos milagres. Tendo, pois, obrado portentosas maravilhas em serviço de Deus com grande crédito da sua pátria, e chegado finalmente o último prazo da sua vida, o chamou Deus por meio de uma morte felicíssima ao logro da coroa eterna, em seis de maio de 631. Este Santo, e doutíssimo Prelado, escreveu compondo excelentíssimas obras, das quais Santo Isidoro (que foi seu Cronista) já se queixava que não apareciam algumas delas. Escreveu um utilíssimo volume digno de muita estimação, que trata da História de Espanha, prosseguindo as Cronologias de Próspero Aquitânico, Victor Tunense, que principia no primeiro ano do Menor Justino, e acaba no oitavo de Maurício, Príncipe que foi do Império Romano. E ainda hoje se lê uma instrução que o mesmo Santo compôs para os seus Monges de Val-Clara, coisa muito douta, e santa. No túmulo do seu

sepulcro se lê um epitáfio, que começa desta maneira: *Pignora Sacra tegit, sub marmore Sancte Joannes*. E por ser dilatado o escrevemos só aqui em Português.

Aqui debaixo deste mármore (oh S. João) cobre a terra tuas Sagradas relíquias, seja-te ela leve. Tu és a delícia da tua Pátria, e o amor da lei Divina. Tu a formosura de Espanha. Assim andaste solícito na vida, que o coração todo empenhaste na fé. Em Santarém foste gerado ao mundo de pais Godos Lusitanos. Depois Toledo te deu grandes prebendas, e Constantinopla a suprema arte de suas Gregas ciências. Tornaste para tua Pátria cheio de afeição da gente Goda, que reduziste à fé Católica. Mas como Leovigildo te não pudesse trazer por mal, nem por bem, à profissão da sua danada Seita, te desterrou para Barcelona, e como infiel te perseguiu, onde padeceste muitos trabalhos. Aqui logo ó ínclito João edificaste o Mosteiro de Val-Clara, para morada de muitos Monges. Finalmente reduziste os Godos à fé Católica, com que mereceste a alta dignidade de Girona, e exercitaste o ofício Pastoral excelentemente, até que esclarecido em doutrina, e ilustre em piedade, passaste pela morte, e a mesma te foi grangearia. Este epitáfio que se gravou no seu sepulcro, é sem dúvida um abreviado resumo da sua vida, e nos abona tudo o que dele acima fica relatado. O grande Doutor João Tamayo Salazar, o traz escrito no terceiro tom. do Anamnesi Hisp. pag. 85. e o refere em português o Agiológio Lusitano no terceiro tom. a seis de maio let. C. fol. 103. no Comentário.

CAPÍTULO XXVIII.

Dos Padres Frei Diogo Vieira, Frei António da Conceição, e Frei Gaspar da Maia, todos Religiosos Trinitários, e naturais desta Vila de Santarém.

Grande Padre Frei Diogo Vieira, nascido nesta Vila de Santarém, foi Religioso Trinitário da esclarecida Província deste Reino de Portugal; dele não achamos que escrever, no que toca ao seu nascimento, e estado secular, nem já queremos repetir queixas contra os nossos antepassados em permitirem que o tempo sepultasse nas cinzas do esquecimento, o que mais se devia eternizar em bronzeados padrões, para a nossa admiração: pois os poucos casos que sabemos da vida deste perfeitíssimo Religioso, nos certificam quais seriam as suas virtudes: sabemos porém, que foi observantíssimo das suas constituições, e pontualíssimo em todos os actos da vida regular. Era tão amante, e zeloso da sua Religião, que se precisou ir a Roma com grande incómodo da sua pessoa, para a pôr em paz, e apagar o fogo das discórdias que naquele tempo nela ardia. Em cuja cabeça do mundo, crescendo os negócios a que foi, viu que era forçosamente necessário para os concluir com a felicidade que desejava, de ter-se lá mais tempo. Nesta ocasião ocupava a suprema cadeira dos Vigários de Cristo na terra S. Pio quinto; e como ele era verdadeiramente pio, e santo, comunicando a Frei Diogo, soube, e conheceu a sua virtude, e talento, e achou o Santíssimo Padre que era capaz dos maiores empregos da sua Ordem. E voltando despachado para Portugal, o dito Sumo Pontífice lhe concedeu por autoridade Apostólica, o Ministrado do seu Convento de Santarém.

Chegado pois a este seu Convento, constituído Prelado dele, e ainda que isto não foi bem aceito de alguns Frades, por ser contra os seus estatutos, com tudo, em tal forma se soube haver com eles, temperando a severa reverência com a satisfação da brandura, que tudo ficou em serena tranquilidade; fazendo-se neste lugar tão perfeitamente conservador dos preceitos religiosos, que deu altíssimos documentos aos Ministros futuros: porque foi uma prodigiosa ideia de um Prelado, que alcança semelhante dita; pois assim como não há coisa geralmente mais desejada, também a não há mais dificultosa, qual é governar homens. Esta ciência é aprendida de muitos, mas compreendida de poucos, ou de nenhum. Aquilo mesmo que é meio entre o rigor, e a brandura, a que responde o temor, e amor do súbdito, ponto é tão indivisível, e traz consigo tanta cegueira, que até agora ninguém o achou, nem deu com ele. Uma rigorosa alternativa que há de incorrer, ou no desagrado de Deus, ou de cair no ódio dos homens, por mais que se retrate na imaginação, nenhum Prelado dela se livrou na realidade. Se se põem em pontos de fazer guardar as leis, quebram com ele os súbditos, e primeiro que todos os que tinha por mais amigos; se a deixa quebrar, lá vai a consciência; se castiga, é tirano; se perdoa compassivo, é remisso; finalmente, ou largue as rédeas à natureza, ou lhas aperte, sempre na intenção dos súbditos, ou ele se fez insofrível, ou eles se fazem insolentes.

Porém foi tal a virtude do nosso Frei Diogo enquanto Prelado, que se não achou nele militarem estes contraditórios, ou os avessos destas contrariedades; porque vestindo o severo rigor, com amorosa fraternidade, confessavam depois todos os súbditos, que era realmente verdadeiro Prelado, e digno dos mais sublimes lugares de governo. Assim conservou a autoridade pastoral, sendo igualmente temido, e de todos amado, conservando-se cuidadoso pai, imprimindo com o conselho, e com o exemplo, nos

corações dos súbditos, a agilidade para o serviço de Deus, e juntamente o proveito das almas, fazendo-lhes com os exercícios do Céu, aborrecer os vícios da terra, aonde eles nascem, e se criam: porque se o viver reportado nasce de entendimentos maduros, os moços que de sua natureza podiam ser pouco considerados, e fáceis, para o mal, com tão boa doutrina da modéstia religiosa, se recolhiam dentro em si, julgando já qualquer soltura do mundo, por inimiga da alma, de cujas ponderações subiam com os ditames do juízo as coisas, que são proveitosas, crescendo em merecimentos, para alcançarem os deliciosos dotes da graça. Tendo já pois este virtuoso, e perfeitíssimo Padre consumado maravilhosos progressos na casa de Deus, aonde se trabalha na vinha do mesmo Senhor, tendo criado nela com a sua doutrina, e exemplos, grandes sujeitos de vidas espirituais, passou dos trabalhos desta vida, neste Convento de Santarém, a lograr (como devemos entender) o prémio que Deus lhe terá já dado na Bem-aventurança. No terceiro tomo dos Agiológios Lusitanos, a fol. 586. let. E; achamos que faleceu a oito do mês de junho, porém em que ano fosse, não temos notícia.

Outro especial Varão de grande virtude se oferece à leitura desta História, para glória de Santarém sua pátria, esmalte da esclarecida Religião Trinitária, e crédito do Divino poder. Este perfeito Servo do Senhor, foi o Padre Fr. António da Conceição, natural desta Vila. Seus Pais se chamaram Sebastião Rodrigues, e Maria Paes, pessoas muito honradas; os bens que a fortuna lhes deu, eram de mediana riqueza, e quanto aos da graça foram de clara estimação para a sua nobreza; porque eram muito devotos, e bem procedidos, gastando quase toda a sua vida em santos exercícios. Entre outros filhos que tiveram com boa educação, ofereceram a Deus o nosso Frei António, tomando o cândido hábito da Santíssima Trindade, e professou com grande gosto seu, e da Religião no Convento da sua pátria a trinta e um de dezembro de 1567. No mesmo Convento estudou a Filosofia com o Padre Mestre Frei Luís Soares, em cuja faculdade se fez scientíssimo: e sendo já sacerdote, a santa obediência o mandou para o Colégio de Coimbra a estudar Teologia, fazendo-se também nesta sagrada ciência eminentíssimo.

No Colégio daquela Universidade existiu alguns anos com superior espírito, sólida santidade, muito exercício de oração, humildade profunda, ardente caridade: e muito zeloso da regular observância. Nos negócios da salvação das almas, foi incansável, acomodando-se com santo intento ao génio dos que tratava, por granjeá-los todos para o Céu. Pregava com notável fervor, acompanhado de tanta suavidade, e doçura, que arrebatava os corações. No confessionário era contínuo, e ninguém chegou aflito aos seus pés, que se não ausentasse com espirituais consolações.

Quando sucedeu a infeliz batalha que El-Rei D. Sebastião foi dar a África, destruído o nosso exército, pelo do bárbaro Maometano ficou lá grande número dos nossos Cristãos, entregues ao cativeiro dos mesmos bárbaros. Ordenou a Divina Providência, que fossem de Portugal os Padres de família Trinitária (como costumam, e têm por instituto) a Barbaria, para os resgatar, curar, consolar e sacramentar. Entre os Religiosos que foram a esta santa empresa, foi um deles o nosso Padre Frei António da Conceição; que era sempre fiel companheiro nos trabalhos, misérias, e redenções, do venerável Padre Frei Inácio Tavares, filho do mesmo Convento de Santarém, e Redentor geral dos cativos em Áfricas com o qual se achou confortando aos sete Mártires de Marrocos Portugueses, que ali padeceram o martírio por Cristo, no ano de 1585, a cujo triunfo compôs Frei António um livro, que dedicou ao Eminentíssimo Cardeal Alberto, Arquiduque de Áustria, Governador então de Portugal, e assistente neste Reino. Escreveu mais um tratado doutíssimo, no qual muito se lastima do miserável estado da escravidão

em que se via, dando a saber nele a valorosa constância, e socegada paciência, com que se portou, passando tantos trabalhos, para que servisse de exemplo aos seus Religiosos, quando se vissem no teatro daquelas tragédias; mostrando-lhes naqueles voluntários sacrifícios, a segura estrada por onde com firmes, e velozes passos se caminha para o Reino do Céu.

Naquela Africana Cidade de Marrocos, pélago de torpíssimos vícios, resgatou este Varão Apostólico com a sua grande caridade, inumeráveis cativos, de um e outro sexo, em diversas redenções, padecendo com notável fortaleza muitas afrontas, prisões, e fomes extraordinárias, até que o meteram maniatado, e carregado de ferros em uma horrorosa masmorra, por não poder logo pagar grande quantia de dinheiro que pediu emprestado sobre sua palavra, a fim de resgatar com ele muita gente que via ir a pique perdendo a fé. Este empenho, que podemos chamar felicidade, foi glorioso motivo com que a morte lhe desempenhou no trânsito do espírito, ir sua alma possuir o prémio de sua penosa vida, nas deliciosas moradas da Bem-aventurança; ficando na terra numerado entre os ilustres Mártires da sua sagrada Religião. Faleceu encarcerado aos vinte do mês de maio de 1586, e na sua ordem se têm já feitas as diligências, que são necessárias para a sua Beatificação, com aquelas solenidades que se costumam fazer em direito. Escrevem deste Venerável Varão, Frei Bernardino no Epítome das Redenções. liv. 2. cap. 9. §. 2. Osório na Pancarpia. liv. 3. fol. 132, e outros muitos Autores.

Também o Venerável Padre Frei Gaspar da Maia foi natural desta Vila de Santarém, e recebeu o hábito da Ordem Trinitária no Convento que dela há na mesma Vila; o qual logo em noviço deu mostras, do que havia de ser para o futuro: pois era tão composto, e tão modesto, que o trazer os olhos no chão, mais parecia nele natureza, que preceito do estado que tomara; porque foi o uso que observara toda a vida: era muito humilde, com suma obediência, e muito amigo de todos os exercícios da virtude. Depois de professar no dito Convento, por certas conveniências da Ordem se passou à Província de Castela, vivendo em Aragão largos anos, com raros exemplos da mais perfeita vida religiosa, e observância de ambas as Constituições. Voltou enfim para Portugal a buscar o primeiro asilo aonde se retirou do mundo, buscando a Deus; e não se achando já no Convento memória da sua profissão, se lhe ratificou de novo. E se até aquele tempo gastou a vida com grande espírito em serviço do Senhor, dali por diante cresceu nele mais o abrasado fogo do amor Divino, como bem se viu no seu glorioso trânsito; e foi como aqui diremos.

Andando este Venerável Padre sem achaque algum, mais que o da velhice, em o misterioso dia da Ascensão de Cristo, depois de ter dito Missa, e rendido as devidas graças ao Céu, com a especial devoção que costumava, foi à cela do Ministro, e prostrando-se a seus pés, vertendo compungidas lágrimas, lhe disse estas seguintes palavras: *Lance-me vossa Paternidade sua bênção, porque quero partir desta vida, que assim o dispõe meu Senhor JESU Cristo.* Admirado o Ministro daquela novidade, que parecia seria efeito da velhice, lhe respondeu assim: *Veja Padre não seja isso alguma tentação, ou demasiada apreensão do juízo.* Porém sempre lhe lançou a bênção; porque sempre esta tem virtude, sendo da mão dos Prelados. E logo dali foi buscando a todos os seus Irmãos Religiosos, abraçando-os com saudoso amor, e brandas carícias, como quem fazia jornada para não se tornarem a ver, de que todos se admiravam. Depois disto recolheu-se à sua cela, compôs-se com o manto, e encostado sobre uma tábua, a qual sempre lhe servia de cama, nela deu a sua alma ao Criador; sendo isto no tempo em que os Religiosos estavam no coro cantando Noa. A esta hora correu pela portaria dentro uma pouca de gente gritando

com grande alarido, dizendo, que no dormitório se estava abrasando uma cela, porque pela janela fora saíam chamas de fogo. Sobressaltaram-se os Frades com a notícia, saíram à pressa pelo coro fora, foram com presteza correndo as celas, e não achando sinal algum de fogo entraram na do santo Velho, a cujo corpo já naquele instante a sua alma o tinha deixado, voando para o Céu, cujas testemunhas eram os resplendores que adornavam aquelas simples paredes, e o suave cheiro que exalava o seu venturoso cadáver. Foi este seu precioso trânsito tendo oitenta e quatro anos de idade, no de 1598, como se acha escrito no livro dos Óbitos do Convento de Lisboa, a folhas duzentas. cap. 1. E foi sepultado no cemitério comum do dito Convento em que faleceu.

CAPÍTULO XXIX.

Da vida do Beato Frei Pedro, natural desta Vila de Santarém.

Nasceu o Beato Frei Pedro nesta antiquíssima, e nobre Vila; foram seus progenitores de nobilíssima geração. Seus Pais o criaram com muito cuidado; desvelando-se com bons exemplos em enxertar no terno coração do filho, as plantas da devoção, com todas as virtudes cristãs, que firmando-se com profundas raízes, vieram depois a produzir maravilhosos frutos. Na sua puerícia eram os vagarosos passos da natureza ligeiros voos da graça e entre os brincos dos primeiros anos, já se lhe viam luzir os resplandores da devoção. Depois de mais crescido, chegou à idade em que a luz da razão ilustra o ser, e dá ser às ações: porque sem clareza de entendimento, nem as ações merecem louvor, nem vitupério. Descobriu-lhe o génio uma índole docilíssima, e tão fácil para tudo o que era fazer boas obras, que para as seguir pareciam ociosos os desvelos nos ditames da doutrina; bastava a propensão que lhe nascia da natureza. Inclinou-se finalmente este nosso Pedro ao estudo da Lógica, luz de todas as ciências, e nas muitas dificuldades que tem a sua compreensão, mostrou ter tão vivo o engenho, que mais parecia ser Mestre, que discípulo. Estudou toda a Filosofia, e dela passou com grande fervor aos estudos da Medicina (ciência que naqueles tempos se dignavam muito os Príncipes, e grandes Senhores de saberem, e a exercitarem) e em poucos anos nela se graduou, não devendo nesta honra coisa alguma ao patrocínio, tudo ao merecimento. Constituído ínclito Médico, cresciam nele as obrigações da caridade em ser perfeito nas curas, e ao mesmo passo os desejos de deixar o mundo, por lhe repugnar à virtude os aplausos populares. Com este pensamento, que continuamente lhe pulsava no coração, e com este prodigioso desprezo das vaidades, pompas, e estimações do mundo, deixando as curas dos corpos, tratou da de sua alma recolhendo-se Religioso com o hábito de S. Domingos no Convento que há desta Ordem em Santarém sua pátria.

No estado de Religioso, em breve tempo foi um espelho de virtude. No ano em que foi noviço, se não viu nele falta, que parecesse defeito, ou que merecesse aqueles castigos, que nas Religiões se costumam dar pelas mais leves culpas: se alguma penitência fazia, só era por exercício da paciência, nunca satisfação da culpa: desta sorte deu princípio à vida Religiosa; assim principiou, assim seguiu, e assim acabou, crescendo cada vez mais em todas as virtudes. Na obediência foi singular, não só satisfazendo aos votos, a que se obrigara, mas resignando-se sempre na vontade do Prelado. Era singularmente caritativo para com o próximo na enfermaria se empregava todo em servir aos enfermos Religiosos do Convento, curando-os com notável diligência, e fraternal afeto, animando-os, e consolando-os com uma contínua assistência. Todo o tempo que vagava depois de assistir no Coro, e aos doentes, empregava em oração, que tanto se desvelava com este santo exercício, por meio do qual mereceu singularíssimos favores do Céu, pois por muitas vezes o achavam arrebatado em doces êxtases, adquirindo por estas continuadas repetições, o nome de Religioso extático. Em uma ocasião estando este bom servo de Deus na enfermaria doente, soube que os mais Religiosos estavam no Coro em oração depois de terem rezada a Noa, arrebatado de uma santa inveja também ele se pôs a orar na cama, e com tão fervorosa ânsia o fez, e com tal veemência do espírito, que ficou o corpo em um êxtase em tal forma levantado no ar, que levou consigo as mantas que o cobriam no leito; e com tanto ímpeto se elevou, que só o tecto da casa o deteve para

não subir mais. A este tempo estava ali um Religioso leigo, de vida santíssima, que viu este maravilhoso rapto, chamado Frei Martinho, o qual se achava convalescente na mesma enfermaria; logo deu conta disto que vira ao Santo Frei Gil (que no primitivo tempo daquele convento nele estava morador) e informando-se do mesmo Servo de Deus Frei Pedro, ele lhe confessou o caso, assim como lhe tinha sucedido, e lhe descobriu outros celestiais segredos, que na mesma hora lhe foram revelados; pedindo-lhe juntamente com grande humildade lhe guardasse o segredo que convinha.

Depois de estar já livre da doença, e convalescido, deu-se com maior fervor em servir a Deus, sendo muito frequente, e austero em jejuns, e penitências, crescendo cada vez mais de virtude em virtude pelo caminho da perfeição, de que nasceu ser perseguido, e vexado do demónio, prova de que era justo; porque contra estes é a sua ira à medida da sua inveja: quando os vê mais convertidos, e mais chegados a Deus, então se empenha mais em os apartar, e perverter. Cheio de raiva apareceu um dia a este Servo do Senhor, estando na Capela-mor orando; e pegando-lhe pelos pés o levou arrastado por toda a Igreja dando-lhe com o corpo e cabeça nas lajes, ferindo-o, e pisando-lhe todo o corpo; e depois por último remate, lhe deu um grandíssimo couce em uma perna, em a qual lhe abriu uma grande ferida; e deixando-o sem sentidos quase morto, se foi pelos ares dando grandes alaridos. A este estrondo acudiram os Religiosos, e acharam o Servo de Deus na forma referida, parecendo estar morto. Pegaram nele levando-o nos braços para a enfermaria, que de lá tinha saído havia poucos dias: ali esteve por tempo de muitos meses novamente enfermo padecendo grandes e excessivas dores, as quais passava com muita paciência, mas sempre alegre, pois via que se empenhara o demónio em o maltratar, e que o mesmo inimigo lhe apressara o seu maior desejo de ir mais cedo lograr a perpétua coroa, na suprema delícia do Céu. Cada vez mais se lhe foi agravando a chaga da ferida que o venenoso dragão lhe fez na perna, em tal forma, que dela veio a morrer. E foi Deus servido que na terra se manifestasse a sua glória: porque depois de expirar, ficou o seu rosto com resplendor tão claro como o do Sol; com uma luz tão viva, que sendo noite pôde o Prelado sem outra, ler e beneficiar todo o Ofício, que em semelhante ocasião se deve fazer. Foi este seu trânsito aos doze dias de janeiro de 1262. Faz menção dele neste dia o Hagiológio Domínico, tom. 1. a fol. 104. De outros muitos Santos, e Varões veneráveis, que foram naturais desta Vila de Santarém, podíamos nesta escritura intimar as suas vidas aos devotos leitores, para maior esplendor da sua mesma pátria; porém como dos que neste papel faltam (que são muitos) não temos ainda cabais notícias, e por outros andarem tão vulgarizados pelas penas de graves escritores, são estas as razões, porque a nossa aqui se encurta, e se embota; poderá vir tempo, em que se manifestem todos à pública luz em um tomo.

CAPÍTULO XXX.

Das notícias do singular Herói D. Paio Peres Correia, e do grande Padre Frei Basílio de S. Francisco, ambos naturais desta Vila de Santarém.

O Grande escritor, e grande Prelado, o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na sua *História Eclesiástica de Lisboa*, a folhas 851, nos afirma ser o invicto D. Paio Peres Correia, nascido e criado nesta nossa Vila de Santarém. E nós nela temos viva tradição, que nascera, e morara na freguesia de Santiago, nas casas que hoje são da residência dos Vigários da Paroquial Igreja de Santa Iria, as quais conservam ainda hoje um torreão, que denota grande antiguidade, e da sua vida diremos o que aqui se segue. Foi D. Paio, filho de Pedro Pires Correia, e de D. Dordea Pires, pessoas ilustríssimas deste Reino. Foi décimo sexto Grão-Mestre da Ordem de Santiago em toda a Espanha, e sem controvérsia grande Capitão entre os maiores, sendo igualmente famoso em virtudes, vitórias, e conquistas, redimindo em Portugal e Castela muitas praças que gemiam debaixo do jugo Mauritano. Pelos anos de 1242 dominava Aben Afan, Rei Mouro, a maior parte do Reino do Algarve, com grande poder em número da sua gente Africana. E no dia nove de janeiro do referido ano, saiu este Rei bárbaro da Cidade de Silves (que era onde tinha a sua Corte), acompanhado de muita gente de guerra, com numerosas tropas, para nos combater, e tomar a Vila de Estômbar. Porém como o nosso valorosíssimo, e vigilante General D. Paio a tinha guarnecida com bons Portugueses, que valorosamente a defenderiam sem grande susto, subitamente deu sobre Silves, e a levou à força de armas. E quando chegaram as tristes novas ao Rei, acudiu-lhe com grande presteza, mas por mais esforços que fez para recuperar o perdido, foi tal a oposição do brio, e valor Português, que ultimamente veio a ficar o Mouro sem Cidade, sem Vila, e sem vida. Porque ainda que se quis ausentar fugindo, pelo seguirem os Portugueses, foi tão grande o seu desacordo na pressa da fugida, que precipitado se afogou em um pego, o qual ainda hoje conserva o nome do mesmo Rei padecente.

Logrou este famoso Herói, por suas grandes virtudes, com o zelo da nossa santa Fé, notáveis favores do Céu. Na ocasião da batalha chamada de Lerena, vendo que entrava a noite em favor dos bárbaros infiéis, os quais já começavam a ser vencidos, implorou, e alcançou de Deus, que se estendesse, e dilatasse o dia, o que foi bastante para romper os inimigos, e os desbaratou inteiramente; por cujo maravilhoso sucesso lhe ficou o mundo dando o título de *Josué Português*. A este prodígio, se seguiu obrar Deus pelos seus merecimentos, outro que não foi menos portentoso, porque na mesma ocasião padecendo os soldados do seu exército grande falta de água, pegou em uma lança, e batendo com ela em um duro penhasco, saiu logo dele tanta água, tão clara, e tão copiosa, que ficaram todos satisfeitos, e com abundância saciados; que se na primeira ação imitou a Josué, na segunda renovou a memória de Moisés. Depois disto, não cabendo o seu valor em toda a Espanha, passou a Constantinopla, a socorrer Balduíno, aonde por suas gloriosas ações, mereceu com gerais encómios os aplausos Imperiais, e as gratulações Pontifícias. E retirando-se a buscar a pátria, acabou a vida em santa velhice carregada de heróicos merecimentos, no décimo dia do mês de janeiro, ano de 1275. Dele escrevem, além de D. Rodrigo da Cunha, que acima fica referido, o Autor da *História Tripartita* a fol. 240, o Mestre Francisco de Santa Maria no seu *Ano Histórico*, tom. 1. fol. 180, e outros muitos.

Pelos anos de 1604, o Padre Frei Basílio de S. Francisco, natural desta Vila, entrou com mais companheiros, todos Religiosos Carmelitas descalços, chamados de S. João, no Reino da Pérsia, logrando singularíssimos favores do Papa Clemente oitavo, e levando grandes indulgências por ele concedidas. Logo fundaram de novo naqueles territórios muitas casas, e vendo que os Arménios estavam em termos de claudicarem na fé de JESU Cristo, com os martírios, que neles mandava fazer o Xá, sendo naquele tempo acérrimo destruidor dos nossos Cristãos contra os seus erros. Na Cidade, e termos de Baçorá obrou o nosso Frei Basílio o que pode obrar o maior zelo da Religião Católica. Tendo só seis meses de residente naquelas partes, pregava em três idiomas bem dificultosos, que são Persiano, Arábio, e Turquesco, o que naturalmente se faz difícil à compreensão, e parecia haver-lhe o Espírito Santo comunicado com especialidade alguma coisa daquele dom das línguas, que só foram concedidas inteiramente aos Apóstolos. Neste sagrado exercício adquiriu tanto fruto para Deus, e pela graça divina se fez tão bem quisto com todos, que muitos Reis circunvizinhos o admitiam com boa vontade, para que entrasse nas suas terras; e a muitas foi, aonde levantou sagrados Templos, discorrendo por elas com tanto fervor de espírito, e se viu com tais esperanças de seu trabalho Apostólico, que já lhe não faria dúvida ir edificar Conventos, e fixar o estandarte de Cristo na Casa Meca; com que de todo ficassem destituídos de forças as venenosas serpentes de tão inficionadas leis, e malditas seitas. Deste grande Varão Apostólico, faz menção o famoso escritor Manuel de Faria e Sousa no terceiro tomo das suas *Ásias Portuguesas*, 4. parte cap. 2. fol. 399. verso, afirmando ser o dito Padre natural de Santarém.

CAPÍTULO XXXI.

De outras pessoas naturais desta Vila, que são dignas de memória.

Foi o Padre Manuel Pimenta digníssimo filho da esclarecida Religião da Companhia de JESUS, e natural desta notável Vila de Santarém. Entrou no Noviciado do seu Colégio da Cidade de Évora, no ano de 1560, aos dezassete dias do mês de agosto. Depois de acabar o seu tempo de Noviço se fez excelente Latino. Ensinou publicamente seis anos letras humanas, logrando grandes louvores dos que o viam ensinar, e adquirindo juntamente muita glória do fruto que tirava da doutrina com que fazia scientes aos discípulos. Tendo já passados os ditos anos destas leituras, o fez a obediência (por ser talento de relevantes empregos) Perfeito dos estudos que a Companhia tem em Coimbra, e depois teve a mesma ocupação na Universidade de Évora, em cujo lugar se havia com tal retidão, e científica prudência que o julgavam, como Areopagita, e o atendiam como a Radamanto no respeito. Foi geralmente admirado por um dos maiores Poetas do seu tempo. Nunca em sua vida quis que se imprimissem as obras que compunha, julgando-as sempre por parcas na elegância, e assim se conhecia por indigno de semelhantes aplausos. Tão observante foi das virtudes Religiosas, que a muitos serviu de espelho, a todos de exemplo, sendo por todos os títulos venerado como homem justo. Ultimamente cheio de merecimentos, que adquiriu nos púlpitos, e confessionários com grande zelo da salvação das almas, faleceu no seu Colégio de Évora, no primeiro dia de outubro de 1603. Depois de sua morte se imprimiram dois tomos dos seus Poemas em Coimbra, na Oficina de Diogo Gomes de Loureiro, ano de 1622, os quais são merecedores de muita estimação, pois neles se observam os mais delicados primores que se podem achar na poesia da língua Latina: e também compôs uns admiráveis Epigramas, que o Padre Vasconcelos imprimiu com o seu *Anacephaleosis* dos Reis deste Reino. Deixou mais escrita uma elegia muito digna do prelo, que consta do soberano mistério da Purificação de Nossa Senhora; sendo paráfrase de história do Evangelho. Faz lembrança deste perfeito Religioso, o Padre António Franco da mesma Companhia de JESUS no Livro que compôs intitulado: *Imagem da Virtude*, tratando dos sujeitos que saíram do seu Noviciado de Évora; impresso na Oficina Deslandesiana, no ano de 1714 em Lisboa, a folhas 876.

No mesmo livro acima alegado, diz o dito Padre escritor, que o Padre Aires de Almeida Religioso também seu, foi natural de Santarém (e nos nossos dias o conhecemos) entrou na Companhia a vinte e quatro de março do ano de 1649, tendo vinte de idade. Cresceu tanto nos estudos das letras, que era conhecido por um dos maiores Teólogos deste Reino. Leu no seu Colégio de Coimbra com grande nome, e universal aplauso, até à cadeira de Prima de Teologia; foi Qualificador do Santo Ofício, imprimiu um Sermão do Auto da Fé, que pregou na mesma Universidade, fazendo-se ali o dito Auto no ano de 1697. Faleceu santamente, em idade provecta no mesmo Colégio de Coimbra, no ano de 1704, padecendo muitos tempos graves moléstias, sofrendo-as sempre com grande paciência resignado na vontade de Deus. Na última hora em que acabou a vida, não quis pedir ao Prelado licença para daquilo que era de seu uso dar coisa alguma, mas tudo deixou nas mãos de seu Superior.

CAPÍTULO XXXII.

Em que se faz memória de dois fidalgos naturais desta Vila, dignos de perpétua memória, João Afonso, e Fernão Besteiro.

João Afonso de Santarém, de cuja esclarecida pessoa já demos notícia no 2.º liv. da 1.ª part. desta História, cap. 11. aonde se expõe a ereção do Hospital de JESUS Cristo, sito na freguesia de S. Nicolau; que ele instituiu, e dotou; foi cavaleiro em fidalguia das primeiras qualidades de Portugal, e em ações, dos primeiros heróis do mundo, felicíssimo igualmente em armas e virtudes. Dotou-o a natureza e a graça de excelentíssimas partes e prendas, todas dignas de seu ilustríssimo sangue: porque era grande católico, muito pio, contínuo esmoler, amantíssimo do nome de JESUS, singular venerador das pessoas Eclesiásticas, e ainda mais daqueles que via com sinais de virtuosos. Neste tempo, que foi o ano de 1424, se moveram as guerras com Castela, pelas discórdias que houve em Portugal, entre a Rainha D. Leonor Teles de Meneses, e seu cunhado o Mestre de Avis D. João, que depois foi preclaríssimo Rei deste Reino, e primeiro do nome. Por esta causa (que pedia larga escritura) se retirou a Rainha de Lisboa para Alenquer, e dahi se passou a Santarém, aonde vivia o nosso João Afonso, para dahi com mais conveniência dar ordem aos seus projetos contra o Mestre; e dizem que achava ser-lhe de grande proveito ter a João Afonso da sua parte, por ser pessoa poderosa no Reino, e de grande juízo, para as disposições dos melhores acertos. Porém ele se houve com tanta prudência, como prevendo os futuros, que nem a Rainha achava nele motivo para algum estímulo, nem D. João cláusula alguma em que o pudesse arguir. Nesta ocasião se achava o Mestre em Coimbra com os mais, e maiores fidalgos da Corte, e todos concordaram o mandasse chamar o Mestre a Santarém, por uma carta sua; em a qual com honrosas instâncias lhe dizia, quisesse achar-se com ele naquele conclave; porque só da sua autoridade, zelo, prudência, e conselho, fiavam todos os acertos para os aumentos do Reino. É sem dúvida, que foi esta carta o mais honrado elogio que se pode formar ao mais ilustre varão, pois para o acerto de um Reino, se confessou a Corte dependente do talento de um só homem. Desejou este fidalgo ir com a sua pessoa dar complemento à carta, mas não o podia fazer sem licença da Rainha, e a Rainha lha não quis dar. Finalmente a Rainha o não queria apartar de si, e ao mesmo tempo a Corte de Portugal, e o Mestre Infante o queria ter na sua companhia. E que faria o bom talento, e virtude de João Afonso, vendo-se tão desejado da Corte, e das soberanas pessoas Reais? Encheu-se de alguma vaidade das estimações do mundo? Sem dúvida que não; o que logo fez, foi tratar da sua sepultura; chamou oficiais (havidas primeiro as licenças necessárias) foi-se à Igreja de S. Nicolau (Paróquia de onde era freguês, e fora batizado), e no princípio dela à mão direita a quem entra pela porta principal, mandou fabricar uma Capela funda para dentro, e nela fez meter na parede a sua sepultura, feita de pedra mármore, em a qual jaz seu corpo enterrado, não querendo que se lhe gravassem outras armas, ou inscrição alguma, mais que a do Santíssimo Nome de JESUS; em cuja Capela também esperam o dia final os corpos de seus pais, e o de sua mulher Iria Afonso. Verdadeiramente não cabe nem na admiração, nem na pena para o elogio, tão heroico desengano, mas aquele coração ardentíssimo, aquele juízo ilustrado, fazia estimação das pompas da terra, como se nela as não houvera, e só a da sepultura era o emprego que fazia da sua memória; porque dela renascia a sua consideração, elevando-se com santa ideia à permanência da eternidade; atendendo que depois da vida só duram as penas, ou as glórias para sempre sem fim.

Livro II. Capítulo XXXII.

Desterrada finalmente a Rainha para o Mosteiro de Tordesilhas em Castela por mandado d'El-Rei D. João o primeiro do nome, seu genro, Senhor da mesma Monarquia, aonde passou o resto da vida; e porque João Afonso foi vendo que este nosso Reino se ia pondo em grande consternação, em perigo de ser conquistado pelos Castelhanos, vendeu toda a sua fazenda emprestando a maior parte do dinheiro ao Mestre (já então aclamado Rei de Portugal) para sustentar a guerra; e empregando o mais dinheiro nas despesas da sua comitiva com que assistiu ao seu Rei nacional, na campanha pelejando valorosamente contra os inimigos na memorável batalha de Aljubarrota. E depois de consumada a vitória pelos Portugueses, se retirou a Santarém sua pátria, tão exausto de cabedais, como cheio de merecimentos; aonde na sua freguesia de S. Nicolau em exercícios de virtude aumentou a glória nas armas em serviço do seu Rei tinha alcançado, assinalando-se especialmente no amor ao nome de JESUS Cristo, na caridade para com os pobres, a quem deixou tudo quanto possuía. E como sempre desejou fazer semelhante obra de misericórdia, permitiu Deus incutir no generoso ânimo d'El-Rei (que o tinha já feito seu conselheiro, com distinção dos mais) recuperar-lhe a perda dos seus cabedais, nos gastos que fizera na guerra em que o acompanhou, e pagar-lhe o dinheiro que lhe havia emprestado; para o que mandou o dito Senhor confiscar todas as fazendas dos que em Santarém seguiram as partes de Castela, e delas lhe fez doação. Com as quais propriedades (que eram muitas) João Afonso instituiu o grande Hospital que há nesta Vila, como já o temos dito no segundo livro da 1.ª parte desta História cap. II.

Fernão Besteiro, nasceu nesta Vila de Santarém de pais ilustres; fidalgo da Casa Real, por alvará passado em dezoito do mês de fevereiro, no ano de 1531. Desde a sua mocidade, renunciou para sempre as esperanças das maiores opulências, retirando as memórias das vaidades oração, e a mortificação começaram a ser os dois polos da sua vida; e deles nunca jamais se retirou. Na longa carreira que o chegou à última velhice, o seu exercício era empregar-se em obras de devoção para com Deus, e de um ardente desejo de caridade para com os próximos, sendo homem que nunca professou letras, aprendeu na escola da oração tão altos documentos da vida mística, que confundia as pessoas mais sábias que o conversavam. Com extremoso cuidado amou a pobreza, reverenciando os pobres aonde quer que os encontrava, e não passava adiante sem lhes dar esmola; para si parecia não queria nada, para eles tudo. Toda a sua vida, ou a maior parte dela gastou nos Hospitais, em dar de comer pelas suas próprias mãos aos enfermos, e com esta devota ocupação se podia dizer que vivia mais tempo nas enfermarias dos doentes, que em sua própria casa, ou que os Hospitais eram seus palácios, que ele convertia em ilustres teatros da sua caridade. Todas as suas delícias eram tratar ali com os mendigos, a eles socorria com mão tão liberal, que não faltava a voz do povo em dizer que ali andava a mão de Deus. Ultimamente, foi imitador do grande João Afonso em deixar todos os seus bens ao Hospital de JESUS Cristo; viveu sempre na freguesia de S. Nicolau desta Vila, em casas suas próprias. Fez seu testamento em dezassete de janeiro de 1571, e nele instituiu uma Capela de Missa quotidiana, que paga o dito Hospital, por ser uma das obrigações do testamento, e também uma Missa cantada em dia da Comemoração de todos os fiéis defuntos. Faleceu em longa velhice, cheio de boas obras, e jaz sepultado na Capela-mor da dita Igreja donde era freguês, à parte do Evangelho.

CAPÍTULO XXXIII.

De vários Heróis, que escreveram, e imprimiram várias obras, assim em prosa, como em verso, naturais desta Vila de Santarém.

Seja o primeiro desta notícia, neste capítulo, o grande escritor Frei Luís de Sousa da Seja o primeiro desta notícia, neste capítulo, o grande escritor Frei Luís de Sousa da esclarecida Ordem dos Pregadores neste Reino de Portugal, chamado primeiramente no mundo, Manuel de Sousa Coutinho. Foi este perfeitíssimo Varão, filho quinto de Lopo de Sousa Coutinho, e de D. Maria de Noronha, pessoas iguais no sangue da maior fidalguia do Reino, estes nobilíssimos consortes depois de Lopo de Sousa ter feito prodigiosos serviços à coroa Portuguesa, nas Conquistas (por não sei que estimulação) se foram viver retirados para esta Vila de Santarém; e aqui lhe nasceram seus filhos, que entre todos foram seis, sabendo-os ali ensinar, como soube na morte ser bom cristão; porque morreu sem embaraços, tendo ajustado em sua vida as disposições que servem para ter descanso na outra; escolheu para seu jazigo a Capela-mor da Paroquial Igreja do Salvador, donde era freguês, e onde seus ossos esperam o juízo final.

Logo desde os primeiros anos de idade, seu filho Manuel de Sousa Coutinho foi mostrando o que depois veio a ser. A boa criação que teve, lhe ajudou o bom natural, foi crescendo nos anos, e juntamente ocupando-os nos estudos da santidade, na poesia, e em as notícias das histórias, nas antiguidades do mundo, nos termos da discrição, e muito douto nas verdadeiras letras de toda a Filosofia Cristã; parecia em tão poucos anos ter ilustração no juízo, por isso era de todos bem visto, aplaudido, e desejado, e pela sua conversação ser singularmente doutíssima. Sendo, pois, dotado de tão singulares prendas de juízo, também as teve de valor para as armas, porque para elas tendo em seu pai exemplo, achou em si inclinação para lhe herdar as proezas: e como invejoso de lograr mais aplausos por todas as estradas da fama, vendo-se ainda nos frescos anos da mocidade, entrou noviço na Religião de S. João do Hospital de Malta, porta por onde o Militar da Cristandade entra a defender a fé Católica. Porém Deus que o tinha decretado para outra milícia em que melhor o servisse, o desviou deste caminho, dando-lhe outro muito diferente, ensaiando-o primeiro com os exercícios da paciência, para com a experiência alcançar melhor o que tinha adquirido pela lição, e foi, que antes de estar professo, o cativaram os Turcos, os quais o trataram com grandes desprezos, tormentos e tiranias. Mas permitiu o Céu que fosse resgatado, e por forçosas razões não lhe foi possível acabar o noviciado, de cujos motivos entregando nas mãos do destino a ventura, veio buscar a sua pátria (que sempre esta nas aflições se faz lembrada). E como tinha espírito generoso, que lhe comunicava o brio do ilustre sangue, começou de novo a servir nas guerras ao seu Rei nacional, passando às Índias Orientais, e às Ocidentais, mostrando em todas as ocasiões acreditar a honra do seu valor, instruindo-se perito na ciência militar.

Restituído à pátria Manuel de Sousa Coutinho, continuou seus honestos exercícios; e ajustando-se-lhe o estado do matrimónio casou com D. Madalena de Vilhena, viúva de poucos anos, que ficou de D. João de Portugal; cujo fidalgo com seu Pai D. Manuel de Portugal, filho do primeiro Conde de Vimioso Dom Francisco de Portugal, acompanharam a El-Rei D. Sebastião na batalha de Alcácer em África. Com esta Senhora viveu casado alguns anos, tendo dela uma só filha, que morreu de tenra

idade. E porque tiveram notícia com alguma probabilidade de ser certa, que o primeiro marido de D. Madalena, Dom João, era vivo, ambos de comum consentimento fizeram um santo divórcio, metendo-se D. Madalena Religiosa no Mosteiro do Sacramento em Lisboa, novo espelho que era, e foi sempre da mais perfeita virtude; e Manuel de Sousa no Convento de Benfica, jardim sempre florido, e estrada segura, para caminhar para o Céu. Recebeu, pois, este fidalgo com grande gosto e alegria, o hábito de S. Domingos em Benfica; professou em dia da Natividade de N. Senhora a oito de setembro de 1614 tomando o nome de Frei Luís, nas mãos do Padre Mestre Frei João de Portugal, Prior que era do mesmo Convento, e juntamente Vigário do Mosteiro do Sacramento. E bem se pode com admiração louvar a perseverança que teve Frei Luís de Sousa desde o dia em que tomou o hábito, até ao fim de sua vida, pelo que nos consta, e diz o Autor que lhe escreveu seus progressos, que andam impressos no segundo tomo da sua *História Domínica*, em todo o tempo foi um bem debuxado modelo da mais perfeita observância religiosa. Nunca deu entrada ao ócio, e depois de se ocupar no Convento em várias obras de caridade, sendo contínuo no coro a todas as horas canónicas e oração, aceitou por ordem da santa obediência, escrever a *História da Ordem, e Província de Portugal*, e outras obras mais que compôs admiráveis; e pode ser que aceitasse com muito gosto esta incumbência por fazer mais guerra ao descanso.

Escreveu este doutíssimo Varão as obras seguintes. A *Crónica de S. Domingos* particular do Reino de Portugal, e suas Conquistas, repartida em três partes. Por mandado d'El-Rei Filipe quarto de Castela quando era Senhor deste nosso Reino, escreveu a *Crónica d'El-Rei D. João o terceiro* do nome neste mesmo Reino, em dois livros: cuja obra: depois da morte do Autor, a pediu quem governava esta Monarquia à Ordem, por mandado do dito Rei Castelhano, com o pressuposto de se dar à estampa: porém não sabemos que se imprimisse, nem se pode descobrir, por mais diligências que para isso fez a mesma Ordem. Compôs mais muitos versos que se leem dispersos, e se acham entre eles uns, que contêm um resumo da vida do Patriarca S. Domingos, os quais se estão vendo escritos no claustro do seu Convento de Lisboa, muito elegantes, devotos e sentenciosos. Ultimamente compôs em prosa nos últimos anos da sua vida, a *História do grande Servo de Deus Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas, a qual obra se imprimiu, ainda em sua vida sendo digna de seu Autor, e de ser estimada de todo o mundo.

O Padre Manuel Pimenta, natural desta Vila de Santarém, e digníssimo filho da Companhia de JESUS, de que já falámos foi gravíssimo poeta, imprimiu um livro de *Poesias Latinas* em Coimbra, na Oficina de Diogo Gomes Loureiro, no ano de 1622.

André de Macedo, natural desta Vila, foi Religioso da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, com o nome de Frei André de Cristo. Era pessoa de grandes prendas, foi bom poeta, compôs de idade de doze anos um livro de versos, intitulado: *Amores Divinos*, que imprimiu em Lisboa na Oficina de Pedro Craesbeeck no ano de 1631.

O Padre Álvaro Pimenta da Companhia de JESUS, e da mesma pátria natural, também peritíssimo poeta, compôs um livro com o título de *Lusitânia Libera*. Em elegia, o qual principia: *Quam legis, unde venit transmisso litera ponto, unde tibi nuper scribere crimen erat*. Impresso em Lisboa na Oficina de Lourenço de Anvers, no ano de 1641.

Leonel da Costa, natural de Santarém, insigne poeta, compôs a vida, conversão, e morte de *Santa Maria Egipcíaca*, em verso português de redondilhas, que dedicou à

Senhora D. Margarida de Vilhena, mulher de Dom Francisco Mascarenhas, Vice-Rei da Índia: impresso em Lisboa na Oficina de Pedro Vancibeceespel, no ano de 1674. Também compôs, e traduziu em verso solto português, as *Éclogas, e Geórgicas de Virgílio*, que imprimiu na mesma Cidade, na Oficina de Giraldo da Vinha, no ano de 1624.

Luís Botelho Froes de Figueiredo, natural desta Vila, escreveu com muita elegância várias obras, assim em prosa, como em verso; que são um livro em oitavo, todo ao Divino, com o título: *Queixas do Amor Divino, Sentimentos do Coração humano, na morte e Paixão de Cristo*, oferecido à Virgem puríssima do Monte do Carmo: e dado à estampa em Lisboa, por mandado da esclarecida Senhora D. Isabel Catarina Caetana de Menezes, e Faro. Na Oficina de António Pedroso Galrão, ano de 1714. Duas impressões até hoje temos visto deste livro, sendo a primeira vez dado ao prelo por mão do excelentíssimo Conde de Vimioso, hoje Marquês de Valença; e ainda poderemos em nossos dias ver outra, porque é obra muito discreta, e por isso deleitável a todo o género de leitores; sendo juntamente proveitosa para o emprego das almas contemplativas. Imprimiu mais outro livro, em quarto, que intitulou: *Coro Celeste a quatro vozes, vida da Beata Rita Augustiniana em verso de silva*: em Lisboa na Oficina do mesmo António Pedroso Galrão, no dito ano de 1714. Além disto, imprimiu em oitavo outro livro em prosa, que intitulou: *Ponte Segura no estreito passo da Morte* também cousa muito discreta, *Duas Comédias*, que se imprimiram em Madrid, estando lá o mesmo Autor, e outras obras que correm dispersas, impressas cá em Portugal, tudo cousas dignas deste grande talento, que se eu não parecera suspeito, por natural, amigo, e condiscípulo na latinidade, estendera o elogio pela grandeza do seu merecimento.

Manuel da Fonseca Borralho, também natural de Santarém, imprimiu a *Arte Poética*, que até hoje não há outra no nosso idioma português, intitulada: *Luzes da Poesia*, dedicada a Tomás Homem de Magalhães, fidalgo da Casa de Sua Majestade, e Académico Provincial da Academia Real na mesma Vila. Impressa em Lisboa Oriental, na Oficina de Filipe Villela, ano de 1724.

O Padre Mestre Frei António da Piedade, natural desta Vila e preclaríssimo ornato da veneranda Província de Santa Maria da Arrábida deste Reino de Portugal, insigne Teólogo, e grande Pregador, escreveu suavissimamente elegante, o primeiro Tomo da *Crónica da sua Ordem*, sendo eleito para este ministério pela mesma Província, Cronista geral dela: cujo livro, (que é de meia folha, e alto volume) intitulou: *Espelho de Penitentes*, sendo a primeira Crónica desta Província; e se imprimiu por mandado Régio, na Oficina de José António da Silva, Impressor da Academia Real, da História Portuguesa, ano de 1728.

E finalmente nesta famosa Vila de Santarém floresceram sempre, tanto as ciências de todas as faculdades, e os seus naturais as amaram tanto por natural inclinação, que desejosos, de que este Reino de Portugal tivesse um bem comum, em lições literárias, se ajustaram os Párocos dela para conseguirem esta louvável obra, como de facto a conseguiram: estes foram o Prior de Santa Maria de Alcáçova, o de S. Julião, de S. Nicolau, de Santo Estevão, e o de Santa Iria, com as mais principais pessoas da mesma Vila; os quais, de Montemor-o-Novo, escreveram uma carta ao Sumo Pontífice, pedindo-lhe licença para das suas rendas se fazerem os gastos, que fossem necessários para a primeira Universidade, que se instituiu neste Reino.

CAPÍTULO XXXIV.

Dos Bispos que até aqui achamos, que são naturais desta Vila de Santarém.

Entre os mais Bispos, que foram naturais desta Vila, foi um deles digno de perpétua memória, Dom Frei Gaspar do Casal, Religioso Eremita da esclarecida Ordem de Santo Agostinho. Ignoram os escritores, que dele fazem lembrança os nomes de seus Pais; porém sabemos dos manuscritos da sua Região, que era de família nobilíssima, e que foi primo de Vasco Fernandes do Casal, o qual era da criação do Infante Dom Duarte, a quem serviu, e também primo de Maria Fernandes do Casal, mulher, que foi de Francisco Coelho de Campos, e neto de Martim Gonçalves do Casal, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Senhor dos Lugares de Germenidade, e Mouril. Foi este grande Prelado muito douto; tomou o hábito de noviço no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa; cresceu tanto nos estudos das letras, que se graduou Doutor na sagrada Teologia, estando ainda a Universidade em Lisboa, e mudada depois para Coimbra, foi dos primeiros lentes, que nela houve, e o primeiro, que ali deu à estampa muitos e doutos escritos. Foi do Conselho d'El-Rei Dom João o terceiro, seu confessor, e do Príncipe Dom João seu filho, e o primeiro Presidente da Mesa da Consciência, e Ordens; daí foi Bispo do Funchal, com título de Arcebispo, no ano de 1551, e no de 1557, veio ser Bispo de Leiria, e depois foi promovido na Mitra de Coimbra no de 1579: o que consta da Bula para isso passada pelo Papa Gregório décimo terceiro, no primeiro dia de dezembro do dito ano, a qual se acha no Arquivo Real da Torre do Tombo, em um maço 35. dos Breves Pontifícios. Duas vezes foi Dom Frei Gaspar ao Concílio de Trento; a primeira no ano de 1552. mandado por El-Rei Dom João o terceiro, aonde mostrou o seu grande talento, que por luzir mais com ele entre os outros, lhe chamavam lá o Bispo Teólogo; sendo nesta ocasião promovido à dignidade da dita Mitra Ultramarina, por Júlio terceiro, aos três dias de fevereiro, ano de 1551. A segunda vez foi ao mesmo Concílio celebrado em Trento, mandado por El-Rei Dom Sebastião, no ano de 1563, e depois que em Almeirim faleceu o Cardeal Rei Dom Henrique, no último dia de janeiro de 1580, foi por Embaixador à Corte de Madrid, mandado pelos Governadores deste Reino, que ficaram nomeados por morte do dito Rei Cardeal. Sendo nomeado Bispo de Leiria, erigiu no tempo que governou o Bispado, a Igreja Catedral daquela Cidade no ano de 1577. a qual é um dos mais sumptuosos Templos deste Reino. E logo edificou na mesma Cidade o Convento de Religiosos da sua Ordem. Promovido de Leiria ao Bispado de Coimbra, faleceu naquela Cidade no ano de 1585. a nove de agosto. Depositou-se seu corpo no Colégio da sua Religião, aonde esteve este ano de 1596, e no dia quinze de maio, o trasladaram para o dito Convento de Leiria, que tinha edificado aos seus Religiosos, e nele descansam seus ossos em uma sepultura na Capela-mor.

Dom Garcia de Menezes, natural desta Vila de Santarém, foi filho de Dom Duarte de Menezes, terceiro Conde de Viana, e de sua segunda mulher D. Isabel de Castro, filha de Dom Fernando de Castro. Teve este fidalgo Dom Garcia uma notável inclinação para as letras, e juntamente génio de querer saber com especialidade as cousas do mundo, para o que ainda na verdura de seus anos, se foi à Universidade de Paris, aonde estudou com grande fervor humanidades, e com maiores desejos de ver as cousas notáveis de que tinha notícia, correu as melhores Cortes da Europa, fazendo-se assim sciente nas línguas estranhas, adquirindo por estes caminhos afluente erudição. Depois restituindo-se à pátria, carregado de prendas, escolheu por vida o exercício de soldado; porque para este

não lhe faltava valor, e pelo patentear ao mundo o dedicou à disciplina militar: e depois de fazer nela bons serviços à Coroa, por amar juntamente a vida eclesiástica, se passou a ela. Vagando o Bispado de Évora por morte do Bispo D. Álvaro, o nomeou nesta Mitra El-Rei Dom Afonso quinto no ano de 1471. E sendo Bispo se achou com o dito Rei na batalha de Toro, no de 1476. com seu Irmão Dom João Prior do Crato, depois primeiro Conde de Tarouca. O mesmo Rei Dom Afonso quinto no ano de 1480. o mandou a uma expedição a Itália, que suposto era esta militar, era fação, que só a quis fiar da pessoa de Dom Garcia de Menezes, indo por comandante de uma esquadra, que com outras dos mais Príncipes Cristãos foram em socorro d'El-Rei de Nápoles Dom Fernando, para reprimirem a desatinada fúria dos Turcos, que já tinha senhoreado Otranto, e entravam por força as mais terras da Calábria; cuja história este tão douto Eclesiástico, como insigne soldado, escreveu em levantado, e elegante estilo Latino: a qual obra depois da sua morte quase um século, se imprimiu em Coimbra.

Pela mesma ocasião destas ações, foi mandado pelo dito Rei, no ano de 1481. por Embaixador a Roma ao Papa Sisto quarto, em presença do qual, na Basílica de S. Paulo *In via ostiensi* em público Consistório fez, e proferiu uma elegante, e doutíssima oração, por onde acabaram de conhecer os juízos da Cabeça do mundo os elevados quilates de sua finíssima eloquência. O mesmo Sumo Pontífice o nomeou logo seu assistente do sólio Pontifício, e por dar satisfação a El-Rei de Portugal, o fez perpétuo administrador do Bispado da Guarda com retenção do de Évora. No fim do dito ano se recolheu a este Reino deixando-o em Roma, bem acreditado com o talento da sua pessoa; no seguinte se retirou da Guarda para Évora. Depois reinando D. João o segundo, por certas acusações, que houve, em conspiração contra a vida deste Rei, foi preso por sua ordem em Setúbal, no fim do mês de agosto, ano de 1484. E transplantado ao castelo de Palmela, dentro da sua cisterna com brevidade infelizmente acabou aquela vida, que pelas suas prendas merecia mais atenção, do que um fim tão infausto.

Dom Manuel de Quadros também foi natural de Santarém, e Bispo da Guarda; filho de André de Quadros, e de D. Isabel Pereira, pessoas ilustres deste Reino, o qual André de Quadros com grande satisfação se assinalou nos muitos serviços que fez a Dom Filipe o Prudente, quando injustamente se intitulava Rei de Portugal. Foi Manuel de Quadros irmão do Venerável Padre António de Quadros, de quem já neste livro fizemos lembrança, sendo digníssimo filho da Companhia de JESUS. Na Universidade de Coimbra estudou o Direito Canónico, em cuja faculdade se graduou Licenciado no ano de 1546 sendo Colegial no Colégio de S. Miguel, que existia na mesma Universidade; porém já hoje extinto por se edificar nele o Tribunal do Santo Ofício. Foi Inquisidor na Inquisição de Évora, nomeado pelo Cardeal Dom Henrique, sendo Inquisidor Geral deste Reino, que tomou juramento em vinte e cinco do mês de novembro, ano de 1559. O mesmo Inquisidor Geral o transferiu para a Inquisição de Coimbra, entrando nela em cinco de abril de 1565, e sendo dos primeiros Inquisidores daquele novo Tribunal. Depois destes empregos, foi promovido em um dos lugares do Conselho Geral, residindo nele com o mesmo Cardeal na Cidade de Évora, em cujo lugar entrou a catorze de dezembro, ano de 1570. Neste dito ano, o proveu o Papa S. Pio quinto no Arcediagado do Bago da Sé de Évora, de que tomou posse a vinte e sete de maio no mesmo ano: e no de 1572 o proveu El-Rei Dom Sebastião em um lugar dos Deputados da Mesa da Consciência, e Ordens, e no ano de 1583. governando já este Reino El-Rei Filipe primeiro, por Provisão sua a nove de março, foi nomeado quarto Reformador da Universidade de Coimbra no tempo, em que era Reitor dela Dom Nuno de Noronha. Finalmente por deposição de Dom João de Portugal, do Bispado da Guarda, proveu o dito Rei Filipe primeiro aquela Mitra

em Dom Manuel de Quadros no ano de 1585, e confirmado pelo Papa Sisto quinto, ainda que não falta quem diz, que por Gregório treze, no mesmo ano. Depois por certos dissabores se retirou para a sua pátria de Santarém, aonde faleceu, no ano de 1593. na sua quinta de Bairro Falcão. A certeza donde seu corpo foi enterrado, não achámos nos nossos escritores, e só lemos nos estudos impressos da Academia Real da História Portuguesa no Catálogo dos Bispos da Guarda, as seguintes, e formais palavras, falando da morte do dito Bispo: *Faleceu depois em Santarém na sua quinta de Bairro Falcão, aonde foi sepultado no ano de 1593. Foi Bispo sete anos, em que concorreu com os Sumos Pontífices Sisto quinto, Urbano sétimo, Gregório catorze, Inocêncio nono, e Clemente oitavo*.

CAPÍTULO XXXV.

Segue-se a mesma matéria.

Dom Jerónimo de Menezes natural desta Vila, e filho de Dom Henrique de Menezes, que foi Capitão de Tanger, e depois Governador da casa do Cível, e de sua mulher D. Brites de Vilhena, cujas pessoas por uma, e outra linha, eram das mais ilustres famílias deste Reino, sendo pomposo ornato de Santarém. Foi Dom Jerónimo primeiramente Reitor da Universidade de Coimbra, lugar que administrou com grande cuidado e vigilância, em ordem ao bom regímen dela; foi Bispo de Miranda, e depois do Porto, fazendo-se sempre em todas as ocupações digno de maiores empregos.

Dom António de Matos, e Noronha, de ilustre geração, natural de Santarém, foi muito douto, o qual pelo seu grande talento, e nobilíssima pessoa, serviu de Inquisidor Geral de propriedade neste Reino; no tempo que o governavam os Reis de Castela; Filipe primeiro o elegeu Bispo da Cidade de Elvas, e em dezassete do mês de novembro de 1591. o sagrou o Ilustríssimo, e Eminentíssimo Senhor Cardeal Dom Gaspar de Quiroga, Arcebispo de Toledo, no Real Mosteiro das descalças de Madrid, fundação que foi da Princesa D. Joana Mãe d'El-Rei Dom Sebastião. Tomou Dom António de Matos posse do Bispado a quinze do mês de março de 1592, e o governou com grande zelo de aproveitar as almas. Faleceu na dita Cidade de Elvas a dezasseis de novembro de 1610, jaz sepultado na Capela-mor da sua Catedral.

Dom Frei Fernando de Távora Religioso da esclarecida Ordem de S. Domingos, natural desta Vila, filho de Fernão Cardoso, pessoa muito conhecida, e estimada na Corte d'El-Rei D. João o terceiro; o qual foi dotado de grande agudeza de engenho, e claro juízo: teve este filho de sua legítima mulher Filipa de Brito, também pessoa principal da mesma Vila, a qual Senhora era irmã de Manuel Serram de Brito. Era Dom Frei Fernando de Távora confessor d'El-Rei Dom Sebastião, do qual Senhor foi muito estimado, e bem aceito pela sua grave eloquência, e particular graça no modo de falar; fazendo-se assim adquirir com o seu dócil génio a estimação de toda a Corte. Teve grande inclinação à famosa arte da pintura, e como a estimava tanto, fez-se tão perito nela, que excedia aos melhores pintores, que naquele tempo havia neste Reino, de que são testemunhas algumas obras suas, que se guardam no Convento de Benfica, de cuja casa foi filho, tomando nela o hábito de noviço, sendo ali discípulo daquele Santo Varão Frei Bartolomeu dos Mártires, que nessa ocasião era Prior do dito Convento. Chegando nele a ser Prior Frei Fernando de Távora, nesse tempo pelas suas muitas letras, e virtudes, o nomeou El-Rei Dom Sebastião Bispo do Funchal, e foi confirmado pelo Papa S. Pio quinto, a catorze de novembro de 1569. Porém não chegou a ir à Ilha por lhe ser o mar danoso pelos seus achaques, por cuja causa renunciou o Bispado. E recolhendo-se ao seu Convento de Azeitão, nele faleceu no ano de 1577, no qual tempo já o dito Rei Dom Sebastião lhe tinha feito a mercê de seu Esmoler-mor, e pelos seus grandes merecimentos lhe daria maiores empregos. Escreveu sobre o Evangelho de S. João uns doutíssimos Comentários. E finalmente, no capítulo do Real Convento de S. Domingos de Lisboa, jaz sepultado seu corpo. Faz deste grande Varão memória Frei Luís de Sousa na sua História de S. Domingos, segunda parte liv. 2. cap. 12. fol. 80. vers. *O Claustro Dominicano* fol. 41. João dos Santos na *Etiópia* part. 2. liv. 2. cap. 13.

Livro II. Capítulo XXXV.

Dom Frei Henrique de Távora e Brito, natural desta Vila, também foi Religioso da dita Ordem dos Pregadores, e irmão do Ilustríssimo Bispo do Funchal Dom Frei Fernando de Távora, e filho dos mesmos Pais, cuja memória acima acabamos de escrever. Tomou Frei Henrique o hábito no mesmo Convento de S. Domingos de Benfica, onde o tomou o dito seu irmão. O Eminentíssimo Cardeal Rei Dom Henrique, o persuadiu a ser Religioso, honrando-o com a sua assistência na sua entrada, e por este respeito se viu o bom noviço para memória desta sua felicidade obrigado a mudar o nome de Jerónimo (que assim se chamava no século) em Henrique. Juntamente com seu irmão recebeu a doutrina do grande servo de Deus Fr. Bartolomeu dos Mártires, a quem sendo Arcebispo de Braga, acompanhou na jornada, que fez ao Concílio de Trento, aonde honrou a sua pátria, e a sua Religião, pela prédica, e pelas suas muitas letras, com que grandemente avultou, e luziu entre aquele doutíssimo congresso. Foi Mestre na sagrada Teologia, e sendo Prior do seu Convento de S. Domingos de Évora, El-Rei D. Sebastião o nomeou Bispo de Cochim, e a treze de janeiro de 1567. foi confirmado em Roma pelo Papa S. Pio quinto. Partiu de Lisboa para o dito Bispado no ano de 1576. E havendo-se neste cargo com grande fervor de espírito no serviço de Deus, e salvação das almas, vagando a Mitra da Metrópole de Goa, o dito Rei o mandou passar a ela, tendo a confirmação do Papa Gregório décimo terceiro, a qual foi passada em janeiro de 1578, e tomou posse a vinte e seis de dezembro do mesmo ano. Visitava sempre pessoalmente todas as terras, e Igrejas da sua Diocese, trabalhando neste exercício com incansável lida. Chegando ultimamente a visitar a Cidade de Chaul, pregou aí com notável espírito na repreensão de abomináveis vícios; com temperada severidade castigou aqueles, que na visita achou mais culpados, e foi este o motivo para que um deles lhe tirasse a vida; porque em um jantar disfarçadamente, fez que se lhe desse veneno, do qual logo no seguinte dia morreu, sendo isto no ano de 1582. Foi sepultado na Igreja Matriz desta Cidade, em sepultura alta, junto ao Altar de Nossa Senhora do Rosário. Escrevem dele Sousa na segunda parte da História de S. Domingos liv. 2. cap. 12. fol. 82. E o Autor do *Claustro Dominicano*, fol. 45.

Dom Frei Sebastião de Menezes, natural desta Vila, foi filho de nobilíssimos pais, como o manifesta o seu sobrenome, e suposto que esses tivessem a sua casa em Lisboa, aonde viviam ordinariamente, com tudo a frequência com que repetidas vezes vinham a Santarém, e os muitos tempos, que se dilatavam na assistência desta terra, os faziam quase compatriotas dela, isto lhes foi ocasião, de que ali nascesse, e se criasse este virtuoso filho. Tomou, pois, o hábito da Ordem da Santíssima Trindade Redenção de Cativos no Convento da sua pátria, e nele se dedicou todo a Deus pela religiosa profissão. A obediência o mandou morador para o Convento de Lisboa, e estudando as sagradas letras na Universidade que nela então havia, pela ter tresladado de Coimbra El-Rei D. Fernando, se graduou Doutor, e Mestre na sagrada Teologia; e o mesmo grau teve também na Universidade de Paris, na qual se incorporou, quando foi mandado àquela Corte a negócios da Religião, e para que assistisse, como assistiu uns poucos de anos, ao Reverendíssimo Padre Doutor Frei Thomas Loquet, Ministro Geral de toda a cândida família da Santíssima Trindade, o qual era esmoler d'El-Rei Cristianíssimo, e do seu Conselho, como de jure são todos os Gerais da dita família ajudando-o em tudo o que era conveniente, para a sua Ordem em toda a parte, ter mais bom regímen, e maior aumento.

Saudoso, porém, da pátria, voltou para Portugal: o ilustre da sua nobreza com a experiência dos negócios, e o excelente da sua literatura, e maravilhosa observância dos estatutos, e regra da sua profissão, lhe fizeram um tão grande lugar na Corte, que de todos era muito atendido, e respeitado, sendo dos mesmos Príncipes enobrecido, não por menos douto, e santo, que ilustre.

El-Rei D. João o primeiro o nomeou duas vezes seu Embaixador. A primeira a Carlos sexto Rei de França, quando lhe deu conta da sua eleição ao Trono de Portugal; para o qual fora primeiro aclamado Defensor da Pátria, e depois jurado Rei no ano de 1385. E a segunda ao Papa João vinte e três, ano de 1410 a dar-lhe a mesma conta, e o parabém da exaltação do mesmo Pontífice à Cadeira de S. Pedro, com a obediência, que lhe protestava, como verdadeiro filho da Igreja.

Recebeu o Papa ao Embaixador com as honras, que pedia o carácter da sua pessoa, e reconhecendo nele a grande capacidade, e virtudes de que era dotado, na Igreja de Santo Tomás de Formis do Convento da Santíssima Trindade, o sagrou Arcebispo de Cartago, e Patriarca de África.

Constituído nestes empregos, assistiu alguns anos em Roma, e chegando àquela Cúria o Papa Martinho quinto no ano de 1417. em nome d'El-Rei de Portugal lhe deu a devida obediência, e juntamente a alegre notícia da grande vitória, que Deus concedera a Sua Majestade na tomada de Ceuta contra os Mouros, por ser cousa tanto a favor de toda a Cristandade, cuja batalha se deu a catorze de agosto de 1415. Querendo já restituir-se a Portugal no ano de 1419. adoeceu gravemente, e dispondo-se para aquele único trânsito que faz a morte com a vida, recebeu com grande conformidade na vontade de Deus todos os Sacramentos da Igreja, a sete de agosto do sobredito ano: faleceu em Roma com especial sentimento de toda a Cúria, com conhecidas demonstrações da sua predestinação. Foi seu corpo sepultado na referida Igreja de Santo Tomás de Fórmis, no lado direito junto à Capela-mor, em cuja sepultura, sobre uma grande pedra se abriu o seguinte epitáfio:

> Illustrissimus, ac Reverendissimus D.D. Sebastianus à Menezes Lusitanus Orator D. Joannis Portugalliae Regis in hac sacra Curia. A D. N. Joanne 23. P. M. Creatus, & Consecratus Archiepiscopus Carthaginensis, & Patriarcha Africanus. Sanctitate admirabilis, virtute laudabilis, in scientia, & doctrina mirandus. Ordinis Sanctissimae Trinitatis Ornamentum, & Religiosissimus Praesbiter. Hic jacet tumulatum corpus, respectabilis anima per misericordiam Dei requiescat in pace. Amen. Septimo idus Augusti. Anno Domini. MCCCCXIX.

Deste grande Prelado, tratam Frei Marcos de Moura na Crónica m. f. da Província de Portugal, liv. 2. cap. 63. Frei Paulo Cabral na Crónica da Ordem m. f. liv. 2. cap. 6. Frei Bernardino de Santo António, no liv. dos Óbitos part. 2. cap. 8. O Mestre Avila, no Compêndio Histórico a fol. 55. Altuna na Crónica geral da Ordem liv. 4. fol. 619. Figueiras no Chronicon fol. 176. O Bispo Dom Damião Lopes de Haro no liv. da Vida de S. Félix de Valois, no Catálogo dos Prelados fol. 262. Frei António da Trindade, e Torre no Martirológio Trinitário, a sete de agosto fol. 246, e o Mestre Frei António Correa no Tratado da Vida, e fama póstuma do Venerável Padre Frei António da Conceição, natural de Lisboa, cap. 5 fol. 280.

CAPÍTULO XXXVI.

De outros venerandos Padres, que pertencem à Ordem da Santíssima Trindade naturais desta Vila de Santarém.

Seja o primeiro destes referidos Padres neste capítulo, o Reverendíssimo Frei Paulo Cabral, Cronista que foi da Ordem da Santíssima Trindade. Nesta Vila de Santarém, junto à Ermida de Nossa Senhora do Monte, de pais muito honrados nasceu este perfeitíssimo Religioso. Tomou o hábito desta esclarecida Família no Convento da sua pátria; e como já era Religioso alguns anos antes da Reforma geral das Religiões, em tempo d'El-Rei Dom João o terceiro, quando chegou o Breve Apostólico com liberdade para se poderem sair da Ordem, e vestirem o hábito de S. Pedro aqueles Religiosos, que por sua vontade quisessem: porque não tendo professado tanto rigor, se não poderiam acomodar à aspereza da nova vida, a qual forçosamente havia de trazer consigo a mesma reforma. Este Padre perseverou nela com tanta firmeza, e fervor de espírito, que resistindo a todas as instâncias dos seus parentes e amigos, para que deixasse o santo hábito, soube-se haver neste particular com tal constância, que a todos pregava penitência, amor de Deus, e desprezo do mundo. E não só sacrificou o seu espírito nas aras do merecimento; mas com o exemplar da sua vida, infundiu valor, e animou a muitos tíbios para que voluntariamente com devoto impulso abraçassem o rigor dos novos estatutos, ficando na Religião, e se sujeitassem à sua observância.

Depois que com firmes raízes viu estabelecida a reforma por ordem do dito Rei, e da sua Religião, foi mandado com outros Religiosos a Coimbra, na qual Cidade tomaram casas junto à Sé; porque ainda lá não tinham Colégio; delas iam à Universidade a estudar as Artes, e a Teologia. Nestas ciências saiu este prodigioso Padre Frei Paulo, tão grande letrado, que foi um dos mais assinalados Teólogos, escriturários, e pregadores do seu tempo. Foi muitas vezes Prelado nos seus Conventos, e todo o tempo que tinha livre das urgentes ocupações do seu ofício, a que nunca faltava, empregava curiosamente no estudo: dizendo nos anos já da sua decrépita idade, que sempre tinha que aprender de novo. Era tão grande o talento, que o Céu lhe deu para o temporal e espiritual governo dos Conventos, que foi a causa de lhe tirar o seguir as cadeiras, e o obrigou a servir assim à Religião em muitos Ministrados. Ultimamente foi Provincial, eleito no ano de 1567. Cuidando sempre com grande fervor em todo o tempo, no aumento, e conveniências da Ordem; alcançou Provisão de sua Majestade para se tirarem da Torre do Tombo por certidão autêntica, todos os papéis que pertenciam à sua Província. Era devotíssimo da Virgem Senhora nossa, e a impulso da sua devoção fez instituir algumas Confrarias na Igreja do seu Convento de Lisboa para o seu maior culto e veneração: dizia sempre a sua Missa votiva nos dias, que lho permitiam as rubricas do Missal, e Breviário Romano. Faleceu em Santarém com mais de oitenta anos de idade sem doença, dor alguma, ou agonia, e somente por desfalecimento, e falta do calor natural. Mas com tal compostura, acordo, e conformidade, que bem se via nele a pureza da sua consciência, e certa confiança na misericórdia, e piedade de Deus. Para a última hora se preparou muitos tempos antes, com repetidas confissões, e tendo ajustadas as contas para o tribunal Divino, passou sua alma desta vida temporal à eterna, a dez de janeiro de 1597. Compôs este memorável Padre a Crónica desta Província de Portugal, que por sua morte ficou para se imprimir; porém não sei por que motivo não saiu à luz, sendo (como dizem as

notícias da mesma Religião) obra muito perfeita, e escrita com acerto, e verdade. Dizem que o tempo tem destruído a maior parte dela mas que ainda se guardam muitos cadernos no cartório do Convento de Lisboa. Deste Religioso trata o livro dos Óbitos na primeira parte cap. 3 fol. 4. Frei Bernardino de Santo António na Crónica *m. s.* liv. 1. cap. 14. §. 5. e o mesmo Autor no Epítome das Redenções gerais, liv. 2. cap. 8. §. 5.

Segue-se neste capítulo, o Reverendíssimo Padre Frei Roque de Orta, Provincial que foi da referida Província da Santíssima Trindade. Foi este Religioso natural desta Vila de Santarém, seus pais foram pessoas de conhecida nobreza, e bons procedimentos. Tomou o hábito, e professou no Convento da Trindade desta sua pátria. Nele estudou Filosofia, e Teologia no Colégio de Coimbra, de onde saiu com grande vantagem a muitos; porque foi excelente Teólogo, e com relevância grande pregador. Na observância da Regra, e estatutos da Religião era prontíssimo, e com tanto cuidado amava a santa pobreza, que ainda sendo Prelado, tinha o seu limitado pecúlio no depósito comum dos mais Religiosos; não se atrevia a gastar cousa alguma sem expressa licença dos Superiores, e no tempo em que ele o era, não gastava o que era necessário, se não com o consentimento dos súbditos; aos quais primeiro dava conta, reconhecendo só em todos o verdadeiro domínio, e mais própria possessão. Foi sempre admirável, no asseio, compostura, modéstia, e gravidade respeitosa da sua pessoa. Era brando de condição, tendo com toda a diversidade de pessoas singular cortesia. Na oração e penitência, foi sempre exemplaríssimo. No seu Real Convento de Ceuta foi Ministro, havendo-se neste lugar com louvável prudência em toda a matéria, e bom regímen da vida Religiosa. Foi Reitor do Colégio, que a mesma Ordem tem em Coimbra, Definidor da Província, e ultimamente, porque a tanto merecimento já lhe era pequeno qualquer cargo da Ordem, de comum beneplácito da mesma Religião, saiu Provincial eleito no ano de 1602.

No cartório do Convento, que esta Província tem em Lisboa, achamos a notícia, que no mesmo ano, em que foi eleito Provincial este perfeito Religioso, fez publicar uma sentença contra os Religiosos de S. Domingos, na qual se declarava não estarem excomungados os da Santíssima Trindade, no que tocava às suas precedências. Também na mesma parte se acha, que resistiu à entrada, e aceitação de um Visitador da Província de Castela, mandado pelo Reverendíssimo Padre Geral, contra os Breves Apostólicos, e privilégios da Província de Portugal, e fez com que não tivesse efeito algum a deposição do dito Visitador. Era tão recto na justiça, e zeloso do bom crédito da sua Religião, que castigou com justíssima causa rigorosamente a um Religioso, que por meio de valias pretendia da Mesa da Consciência e Ordens, ser nomeado Redentor no primeiro resgate que se fizesse; e mostrou ao dito Tribunal a isenção que tinha dele em semelhante matéria, e o como a nomeação dos Redentores era privativa dos Provinciais da Religião Trinitária, conforme ao contrato, que a mesma Ordem tinha celebrado com os Senhores Reis deste Reino.

Pouco tempo depois de acabar o seu governo, perdendo a memória, caiu gravemente enfermo, ficando com grande esquecimento das cousas que eram necessárias para a conservação da sua vida: porém poucos dias antes de falecer, tornou a seu perfeito juízo, como era dantes, e com felicíssimos sinais de arrependimento de suas culpas, pediu geral perdão aos Religiosos, e recebendo com dolorosa contrição todos os Sacramentos, deu o fim à sua vida no Convento de Lisboa a vinte e quatro de dezembro de 1612. Tendo de idade sessenta anos. Deste Religioso trata o livro dos Óbitos 1. part. cap. 68. fol. 49. Frei Bernardino de Santo António na Crónica *m. s.* da Província de Portugal. tom. 1. part. 1. Cap.15.

Livro II. Capítulo XXXVI.

De Pais muito honrados e nobres, nasceu também nesta Vila o Padre Frei António de S. Paio. Foi recebido noviço no Convento da Santíssima Trindade da mesma Vila, com grande gosto dos seus Religiosos: porque o bom génio, e suave índole que nele descobriram, lhe assegurava, que havia de ser perfeitíssimo Religioso. Não se enganaram, porque assim o mostrou o efeito, resplandecendo nele por todo o tempo da sua vida heroicas, e admiráveis virtudes, que o fizeram primorosa ideia de religiosas perfeições. Neste Convento professou, e nele estudou a Filosofia, sendo seu Mestre o Padre Apresentado Frei Bartolomeu de Paiva; e dali foi estudar a Teologia ao Colégio que a Ordem tem em Coimbra. Em uma e outra Faculdade saiu perfeitamente consumado. Arguia com muita facilidade, e agudeza, e pregava com tanto engenho, como espírito. Na Poesia foi admirável, como ainda mostram as muitas obras, que deixou escritas em Latim, Castelhano e Português: todas ao Divino, cheias de tanta piedade, como erudição, e harmonia. Teve o grau de Pregador Geral da Província. Foi Ministro do Convento de Lagos no Reino do Algarve, duas vezes Definidor, e Visitador geral. Adoeceu no Convento de Lisboa de um pleuriz maligno, e conhecendo na graveza da enfermidade as vizinhanças da morte, se preparou para ela, como perfeito Religioso, e bom católico, fazendo repetidos atos de verdadeira penitência, e recebendo os Sacramentos da Igreja com grande devoção e ternura.

Tinha já setenta e quatro anos de idade, quando o levou Deus para si: a vinte e seis de dezembro de 1634. está sepultado no Cemitério comum do Convento de Lisboa número 36. Tratam deste Religioso Padre, o livro antigo dos Óbitos part. 1. cap. 17. fol 88. e o moderno do Convento de Lisboa. fol. 142.

Na mesma Vila, de pais nobres, nasceu o Reverendíssimo Padre Frei António de Moraes, o qual tomou o hábito da mesma Província da Santíssima Trindade no Convento da sua pátria, e nele professou. No de Lisboa estudou Artes, e a Teologia no seu Colégio de Coimbra; e saindo singular letrado nestas faculdades, leu depois as mesmas com grande aplauso, e foi um dos Mestres mais celebrados do seu tempo. Fazia-se muito amado de todos, assim Religiosos como seculares, pela cortesia com que a todos tratava; sendo tal a afabilidade de génio, galantaria na conversação, prontidão na memória, celebridade nos ditos, discrição, e fineza no discurso que a todos entretinha, e admirava.

Teve o grau de Mestre jubilado na sagrada Teologia, e foi eleito Provincial no ano de 1680. No tempo do seu governo fez muitas obras importantes à conservação dos Conventos, e aumento dos seus edifícios. Continuou com muito cuidado, as que tocavam ao Convento de Lisboa: governando a Província com muita paz. Depois de acabar o seu governo, e vendo-se já muito carregado dos anos, se abstraiu de toda a comunicação e trato que tinha com muitas pessoas, assim eclesiásticas, como seculares, e tratando somente do que convinha à salvação de sua alma, se dispôs para a morte, confessando-se geralmente, e repetindo muitas vezes a confissão sacramental, se desapropriou nas mãos do Prelado, e fez todos os mais atos, que naquela hora costuma fazer um perfeito Religioso. E vivendo ainda alguns tempos, quando chegou o de passar deste mundo, se achou em tudo muito aliviado, alcançando por este meio uma grande conformidade com a vontade de Deus. Foi a sua morte a treze de fevereiro de 1684 anos, tendo mais de oitenta de idade. Está sepultado no Cemitério comum do Convento de Lisboa, onde faleceu, número 33. Faz menção deste Religioso o livro moderno dos Óbitos do dito Convento fol. 130.

Ultimamente seja lustroso remate destas memórias, para gloriosa satisfação dos desejos Scalabitanos, e será coroa de todos, o que de todos foi coroa, luzindo entre os mais; assim como o Sol entre os planetas, e astros menores, o Reverendíssimo Padre Doutor Frei Isidoro da Luz, ornamento singular daquela por todos os títulos sempre esclarecida Família Trinitária. Nesta Vila, pois, de Santarém, teve este doutíssimo herói seu nascimento, e ainda que seus pais não tiveram antiga nobreza, foram muito honestos, e virtuosos; criaram a este filho com especial cuidado, fazendo que aprendesse as primeiras letras e humanidades na mesma Vila. E como neste género de estudo desse evidentes mostras de seu grande engenho, entrou na Ordem da Santíssima Trindade; e tanto que professou no Convento da sua pátria, logo foi admitido ao estudo de maiores ciências. Em todas foi varão consumado, e tanto, que se avantajando muito aos maiores letrados do seu tempo, de tal sorte sabia encobrir a dificuldade da pronúncia com a agudeza do engenho, que, não obstante ser gago, ele era o único na estimação, e a quem todos atendiam como oráculo. Na Ordem leu Filosofia, e Teologia, em cuja faculdade teve o grau de Mestre jubilado, e na Universidade de Coimbra se graduou Doutor Teólogo, aonde obteve a cadeira de Prima de Controvérsias, na qual leu com igualação nas honras, e no prémio à de Prima de Teologia. Na sua Ordem foi Secretário da Visita geral, Visitador da Província, Ministro do seu Convento de Santarém, Comissário-geral, e ultimamente Provincial eleito no ano de 1664. Governou com cuidado, resolução e acerto; e continuando sempre os seus estudos, compôs várias obras, e ainda que todas doutíssimas, nem todas tiveram a fortuna de sair à luz; porque somente se imprimiram quatro tomos, a saber, três de *Controvérsias*, e um de *Actibus humanis*. O primeiro, que trata de *Sacris Tradititionibus*, foi impresso em Paris na Oficina de João Boulard, ano de 1646. O segundo de *Ecclesia Dei*, em Lisboa na Oficina de João da Costa o mais velho, ano de 1647. O terceiro de *Ecclesia Romana*, na mesma Oficina, Cidade e ano. E o quarto de *Actibus humanis*, em Paris na Oficina de Estevão Maucroy, ano de 1669. Imprimiu também um Ofício particular de S. João Evangelista, de quem era devotíssimo, na língua Latina, mas não se diz nele, em que ano, e Oficina foi impresso.

Também deixou para se imprimirem dois Tomos grandes de folha, que intitulou: *Discordia concors in Genesim, & Exodum*, com aplicações a Nossa Senhora, a quem teve sempre especial, e cordialíssima devoção. Deixou mais um tomo também de folha: *De Permanente & Intuitiva Visione Beatae Mariae Virginis*. Outro *De Immaculata Conceptione*, contra Jansénio. Um Comentário, sobre o Cântico da *Magnificat*, e um volume grande, que intitulou: *Arius convictus & Augustinus vindicatus*. A maior parte destas obras foram levadas em traslados ao Reino de França, para nele se imprimirem com mais facilidade, e menos despesa; mas o Reverendíssimo Padre Doutor Frei Pedro Mercier terceiro Ministro geral de toda a Ordem, a quem foram remetidas, e algumas delas dedicadas, teve um grande descuido na sua impressão, e vieram a ficar na mesma forma, que tinham ido de Portugal, excepto o tomo de *Actibus humanis*. Faleceu este Autor em Coimbra a 22 de julho de 1670. Está sepultado no Cemitério comum do Colégio da sua Ordem, e sobre a sua sepultura se gravou o seguinte epitáfio:

> Hic tenebrescit lux, obmutescit scientia, dum jacet hic Reverendissimus Pater Magister Fr. Isidorus à Luce istius Provinciae Minister Provincialis, Vicarius, Commissarius generalis; In ista Conimbrigensi Academia primus, Primarius Sacrae Theologiae Controversiarum Magister, Quatuor volumina reliquit edita, sex edenda. Obiit die 22 Julii, 1670.

No Convento de Lisboa está o seu retrato de corpo inteiro, sentado, como que está estudando e escrevendo, e na parte inferior do painel se leem estes dísticos em letras de ouro:

Lux tua praeclarum fecit cognomen, & omen;
Sic certe ingenium claruit Orbe tuum.
Quis neget hic solem nescit, nam solis ad instar,
Visitur in scriptis Lux Isidore tua.

Trata deste Reverendíssimo Padre, Frei Inácio de Santo António no *Micrologium Trinitarium* a fol. 305. Porém vemos nele errado o dia da sua morte: porque o põem o dito Autor no dia décimo de dezembro, sendo, como foi em 22 de julho.

Supostas as memórias, que ficam escritas dos Varões que floresceram em letras: os quais todos já deram fim à carreira da vida temporal, sendo estes aqueles, de quem achei mais prontas notícias, que muitos calou a minha pena, por não ter ainda as individuais certezas dos seus progressos; pois muitos mais são, os de que poderá relatar as suas excelências: mas o pouco tempo, que tive para o fazer, me atalhou expressá-los aqui todos. Porém sirva-nos agora de objeto nesta escritura um Varão, que ainda que existe nos nossos tempos com vida, sempre agora, e na posteridade será grande entre os maiores sujeitos que professaram os empregos literários nas regulares clausuras; cuja pessoa é o Padre Mestre Frei João de Azevedo digníssimo filho da preclaríssima Religião Eremítica de Santo Agostinho, na Província deste Reino, e natural da mesma Vila de Santarém.

Nasceu este herói nesta Vila aos dois de dezembro de 1667, de nobilíssima geração, seu pai se chamou António de Azevedo Pereira, nascido em Lisboa, batizado na Freguesia de Santo Estevão, Paróquia sita no bairro de Alfama, filho de André Ribeiro de Faria, também nascido na mesma Cidade, e batizado na Paroquial Igreja de Santa Justa. Pela parte Materna é filho de D. Iria de Abreu de Córdova, natural desta Vila de Santarém, batizada na Freguesia de S. Martinho, filha de António de Abreu de Córdova, e de D. Antónia de Goes; pessoas da melhor nobreza da mesma Vila. Recebeu este grande Religioso o Sacramento do Batismo na Freguesia de Nossa Senhora de Marvila, pelo Reverendo Prior da mesma Igreja o Padre Manuel Colaço, aos dois dias do mês de janeiro do ano seguinte, sendo seu padrinho o Conde da Torre, que ao depois foi o primeiro Marquês da Fronteira. Em o primeiro de novembro entrou noviço na sobredita Religião de Santo Agostinho, e professou no mesmo mês, e ano de 1687.

Professo nesta esclarecida Ordem, estudou nela Filosofia, e Teologia com tanta agudeza na compreensão dos pontos mais dificultosos, que logo se fez com vantagem a muitos condiscípulos capaz de ensinar nas cadeiras públicas. Teve três anos de passante, e outros tantos de substituto. Leu na dita sua Ordem duas vezes Filosofia, e muitos anos Teologia Especulativa, e Moral, defendendo em uma, e outra faculdade gravíssimas conclusões. Depois de jubilado, o mandou a Província à Cidade do Porto criar novos estudos, o que fez com grandes créditos da sua Religião: é nela Mestre doutorado na sagrada Teologia, Examinador das três Ordens Militares, Sinodal do Arcebispado de Lisboa Oriental, e Teólogo da Bula da S. Cruzada, sendo nas cadeiras, e púlpito eloquentíssimo. Foi três vezes Prelado nos Conventos da sua Religião, sendo o último o de Nossa Senhora da Graça em Lisboa. Correm impressos dois tomos seus, um intitulado:

Tribunal contra os confessores solicitantes, na língua Latina; outro *Tribunal de Desenganos* no nosso idioma Português; e outro que está para se imprimir com o título: *Tribunal de Panegíricos*. Tem composto mais, e estão por imprimir na língua Latina os tomos seguintes: um de *Conscientia*, outro de *Sacramento poenitentiae*, outro de *Reservatis in communi*, outro de *Reservatis in particulari*, de todos os casos dos Arcebispados, e Bispados de Portugal: outro de *Reservatis* dos Regulares *ad Breve* de Clemente oitavo, e nele introduzido o tratado de *Statu Religioso, & Tractatu de Regularibus itinerantibus*, o tratado de *Regularibus transeuntibus de una in aliam Religionem*, o tratado de *Episcopo Regulari*, o tratado de *Horis Canonicis*. Todos estes tomos têm o título: *Tribunal Theologo-Morale*. E finalmente, em todas as faculdades e relevantes matérias das melhores ciências, é este grande Padre tão especial, que em quaisquer dos seus escritos o achamos sempre douto, sempre elegante, que se a ideia me não advertira o poder estranhar-se-me na escrita a eficácia de seus abonos, pelas estreitas correlações que entre nós há, larga matéria tinha eu para que sem ultrajar a verdade, fosse nimiamente extenso nos seus elogios; porém pelas razões referidas, já neste papel suspendo os voos à pena, por não pôr em perigo a modéstia.

FIM

Da História de Santarém Edificada.

Índex das cousas mais notáveis

INDEX

DAS COISAS MAIS NOTÁVEIS,

Que se contêm nesta II. Parte da História

de Santarém.

A

DOM Afonso II. Toma debaixo da sua proteção o Convento dos Padres Trinos desta Vila de Santarém: Declaram-se as mercês que lhe fez e quando. liv. 1. cap. 2. Pág. 208.

Ir. Afonso da Piedade. Tocam-se algumas notícias da vida, e progressos deste servo de Deus. liv. 1. cap. 10. pág. 251.

D. Afonso III. Foi Fundador do Convento de Santa Clara da Vila de Santarém. liv. 1. cap. 21. pág. 289.

P. Álvaro Pimenta da Companhia de JESUS, compôs Poesias latinas. liv. 2. cap. 33. pág. 390.

André de Macedo desta mesma Vila natural, compôs versos ao Divino. liv. 2. cap. 33. pág. 390.

Fr. André de Agramont Francês, foi o primeiro Prelado, que a família Trinitária teve nesta Vila de Santarém, e neste Reino. liv. 1. cap. 2. pág. 208.

Ângela Sigea de Velasco. Matrona de grande ciência, nas letras, e livros que compôs, e na Música. liv. 2. cap. 11. pág. 335.

D. Antónia de Jesus Maria José, Religiosa no Convento de Almoster. Refere-se o seu felicíssimo trânsito. liv. 2. cap. 5. pág. 319.

Fr. António de Santarem. Descrevem-se os heroicos progressos da sua vida. liv. 2. cap. 20. pág. 357.

O P. António de Quadros da Companhia de JESUS natural desta Vila de Santarém, descreve-se a sua admirável vida e morte. liv. 2. cap. 23. p. 364.

Fr. António da Conceição, Religioso Trinitário natural da Vila de Santarém. liv. 2. cap. 28. pág. 379.

P. Fr. António da Piedade Religioso da Província da Arrábida, escreveu, e imprimiu a primeira Crónica da mesma Província. liv. 2. cap. 33. pág. 390.

D. António de Matos, e Noronha, natural de Santarém Bispo da Cidade de Elvas, descrevem-se os seus progressos. liv. 2. cap. 34. pág. 393.

Fr. António de S. Paio. Natural desta Vila, Religioso Trinitário. liv. 2. cap. 36. pág. 399.

Fr. António de Morais, também Religioso Trinitário, e natural desta Vila. liv. 2. cap. 36. pág. 399.

B

FR. Bartolomeu de Santa Maria, Venerável Religioso dos principais fundadores da sagrada Religião dos Padres Agostinhos descalços neste Reino de Portugal. Descreve-se a sua vida, e morte, que teve no seu Convento desta Vila de Santarém. liv. 1. cap. 14. pág. 264.

Fr. Basílio, Religioso Carmelita descalço, natural desta Vila de Santarém. liv. 2. cap. 30. pág. 385.

Fr. Bernardo de Morlans, descreve-se a sua vida, e a sua ditosa morte. liv. 1. cap. 6. pág. 224.

Fr. Bernardo de Santarém natural desta Vila, descreve-se sua santa, e preciosa morte. liv. 2. cap. 24. pág. 367.

D. Branca de Vilhena, Religiosa do Convento de Almoster. liv. 2. cap. 4. pág. 315.

C

CARTA, que o Irmão Afonso da Piedade mandou da Serra da Arrábida a Santarém, aos Irmãos devotos da Senhora da Piedade. liv. 1. cap. 10. pág. 251.

Conventos, o da Santíssima Trindade, mostra-se, que o da Vila de Santarém foi o primeiro que houve neste Reino desta Ordem, e o primeiro desta Vila entre os mais das outras Ordens: descreve-se a sua fundação, e existência. liv. 1. cap. 2. pág. 208.

O de S. Domingos dos Frades, descreve-se a sua fundação com tudo o que lhe pertence. liv. 1. cap. 4. pág. 217.

Dá-se notícia da ereção de uma Irmandade, que há na Igreja deste Convento de S. Domingos, a qual tem o título, Penitência de S. Domingos. liv. 1. cap. 6. pág. 224.

O que os Padres Agostinhos descalços possuem nesta Vila; descreve-se a sua fundação. liv. 1. cap. 10. pág. 251.

O que a Ordem Beneditina tem nesta Vila; descreve-se a sua fundação. liv. 1. cap. 8 pág. 244.

O que os Padres da Companhia possuem nesta Vila; dá-se notícia da sua fundação. liv. 1. cap. 9. pág. 248.

O de S. Francisco da Província de Portugal, que está nesta Vila; descreve-se a sua fundação. liv. 1. cap. 17. pág. 276.

Resolvem-se as dúvidas, que houve sobre esta fundação, e mostra-se que este Convento nunca fora dos Templários. *Ibidem.*

O de Santa Clara, que existe nesta Vila, notícias da sua fundação. liv. 1. cap. 21. pág. 289.

O que existe no lugar de Val de Figueira de Padres Arrábidos; declara-se o tempo da sua fundação, e os seus fundadores. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O que existe no lugar de Almoster de Freiras de S. Bernardo. *liv. 2. cap. 3. pág. 311.* Descreve a sua fundação, e existência. *Ibidem.*

O de N. Senhora das Virtudes de Frades Observantes de S. Francisco, junto à Vila de Aveiras de Baixo, descreve-se a sua fundação. liv. 2. cap. 8. pág. 330.

Os que existem na Vila de Torres-Novas. liv. 2. cap. 11. pág. 335.

O que existe perto da Vila de Almeirim: chamado o Convento da Serra de PP. Domínicos declara-se o motivo, e princípio da sua fundação. liv. 2. cap. 16. pág. 345.

O que está situado perto da Vila de Salvaterra de Magos de Padres Arrábidos; descreve-se a sua fundação. liv. 2. cap. 17. pág. 352.

O da Vila da Erra, de Frades da Ordem Terceira de S. Francisco. liv. 2. cap. 19. pág. 356.

Conversão. A de S. Frei Gil, quando, aonde, e por que motivo. liv. 1. cap. 7. pág. 233.

D

FR. Diogo Vieira, Religioso da Ordem Trinitária, natural desta Vila. liv. 2. cap. 28. pág. 379.

Fr. Domingos do Cuvo, da Ordem dos Pregadores; foi o que deu princípio a se fundar o Convento, que os mesmos Padres Domínicos possuem nesta Vila, e quando. liv. 1. cap. 4. pág. 217.

Descreve-se a vida, e morte deste grande servo de Deus. liv. 2. cap. 21. pág. 359.

Duarte da Costa, foi o Fundador do Colégio, que os Padres da Companhia possuem nesta Vila. liv. 1. cap. 9. pág. 248.

E

ERMIDAS. As que são anexas à Igreja do Salvador desta Vila de Santarém. liv. 1. cap. 1. pág. 201.

As que existem na Vila de Torres-Novas. liv. 2. cap. 10. pág. 333.

As que existem na Vila da Golegã. liv. 2. cap. 12. pág. 340.

As que existem no termo da Vila de Alcoentre. liv. 2. cap. 15. pág. 344.

As que pertencem à Vila de Salvaterra. liv. 2. cap. 17. pág. 352.

As que pertencem ao lugar da Azinhaga. *Ibidem.*

As que pertencem ao lugar de Pernes. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

As que existem junto ao lugar da Póvoa das Mós. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

A que chamam a Freguesia de S. Lourenço; com uma Ermida; *Ibidem.*

A que existe no lugar dos Ameais. *Ibidem.*

As que existem no lugar da Louriceira. *Ibidem.*

As que pertencem ao lugar de Almoster. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

A que pertence ao lugar de Valada em Porto de Muge. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

As que existem no lugar do Cartaxo. liv. 2. cap. 5. pág. 319.

As que pertencem ao lugar do Souto. liv. 2. cap. 5. pág. 319.

D. Estêvão Annes com suas dádivas, enriqueceu o Convento da Trindade desta Vila. liv. 1. cap. 2. pág. 208.

F

DOM Fr. Fernando de Távora natural de Santarém: Religioso da Ordem de S. Domingos, Bispo do Funchal. liv. 2. cap. 35. pág. 396.

Fernão Besteiro de Santarém natural desta Vila; declaram-se os heroicos progressos da sua vida. liv. 2. cap. 32. pág. 388.

D. Filipa de Carvalhais, Religiosa no Convento de Almoster. liv. 2. cap. 5. pág. 319.

G

DOM Garcia de Menezes, natural desta Vila, Bispo que foi de Évora. liv. 2. cap. 34. pág. 393.

D. Fr. Gaspar do Casal, Religioso Eremita de S. Agostinho, e depois Bispo em várias Cidades: natural desta Vila. liv. 2. cap. 34. pág. 393.

Fr. Gaspar da Maia Religioso Trinitário, e natural desta mesma Vila. liv. 2. cap. 28. pág. 379.

S. Fr. Gil, dá-se notícia da sua vida, e do glorioso trânsito, que teve no seu Convento desta Vila de Santarém, e declara-se quem foram seus pais. liv. 1. cap. 7. pág. 233.

H

HELENA de Santo António, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara desta Vila de Santarém; referem-se as suas grandes virtudes. liv. 1. cap. 23. pág. 293.

D. Henrique, Cardeal Rei 17. de Portugal, declaram-se as dúvidas sobre qual foi o lugar do seu nascimento. liv. 2. cap. 16. pág. 345.

D. Fr. Henrique de Távora, natural de Santarém foi Bispo de Cochim. liv. 2. cap. 35. pág. 396.

I

DOM Jerónimo de Menezes, natural de Santarém, Bispo que foi de Miranda. liv. 2. cap. 35. pág. 396.

Inês de S. Paulo, Religiosa do Mosteiro de Santa Clara desta Vila. liv. 1. cap. 24. pág. 299.

Igrejas. A do Salvador desta Vila; dá-se notícia da sua antiguidade, e existência. liv. 1. cap. 1. pág. 201.

A do Convento da Trindade, se reforma, e juntamente o Convento velho quando se reformou toda a Província por mandado de el-Rei D. João o III. liv. 1. cap. 2. pág. 208.

Nesta Igreja se conserva uma notável Relíquia do glorioso S. Brás. *Ibidem.*

Nesta mesma Igreja existe uma grandiosa Irmandade, a qual chamam da Ave MARIA, descreve-se a sua ereção; e quando com tudo, o que lhe pertence. liv. 1. cap. 3. pág. 214.

Que se contêm nesta II. Parte.

A de N. Senhora da Piedade desta Vila, declara-se quem foi o seu Fundador, e quando. liv. 1. cap. 12. pág. 258.

A de Salvaterra com o título de S. Paulo. liv. 2. cap. 17. pág. 276.

A de S. Francisco dos Padres Observantes nesta Vila de Santarém. liv. 1. cap. 19. pág. 281.

A do Convento de Santa Clara desta mesma Vila. liv. 1. cap. 21. pág. 289.

A do Colégio dos Padres da Companhia. liv. 1. cap. 9. pág. 248.

A do Convento dos Padres de S. Bento desta Vila. liv. 1. cap. 8. pág. 244.

A que existe no lugar da Azinhaga. liv 2. cap. 2. pág. 307.

A que existe na Vila de Muge com o título de S. João Baptista. liv. 2. cap. 18. pág. 355.

A da Vila da Erra, com a invocação de S. Mateus. liv. 1. cap. 19. pág. 356.

A da Vila da Lamarosa. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

Inscrição, que existe na pedra fundamental desta Igreja da Senhora da Piedade desta Vila. liv. 1. cap. 11. pág. 254.

D. João o IV. do nome Rei de Portugal, fez Vila ao lugar da Azambujeira. liv. 2. cap. 14. pág. 343.

Fr. João da Cruz, Irmão leigo da Religião dos Padres Agostinhos descalços; notícias da sua vida, e morte no Convento de Nossa Senhora da Piedade desta Vila de Santarém. liv: 1. cap. 15. pág. 268.

Fr. João de Azevedo, Religioso de Santo Agostinho dos Eremitas, na Província deste Reino de Portugal, e natural desta Vila de Santarém. liv. 2. cap. 36. pág. 399.

S. João Godo natural desta Vila de Santarém. liv. 2. cap. 27. pág. 376.

João Afonso de Santarém, relata-se a sua vida, e heroicos progressos. liv. 2. cap. 32. pág. 388.

D. João Esteves Cardeal natural da Vila de Azambuja, descrevem-se os seus progressos, e morte. liv. 2. cap. 6. pág. 326.

Irmandades. A do Santíssimo Sacramento, que existe nesta Igreja. *Ibidem.*

A do Senhor, JESUS do Terço, que existe na mesma Igreja. liv. 1. cap. 1. pág. 201.

A que se erigiu à milagrosa Senhora da Piedade desta Vila. liv. 1. cap. 13. pág. 260.

Fr. Isidoro da Luz, Religioso Trinitário, e natural desta Vila. liv. 2. cap. 36. pág. 399.

Justiça, que toca a esta Vila, e dos Ministros, que nela há. liv. 2. cap. 1. pág. 304.

L

LEONOR da Costa, escreveu, e imprimiu versos em Português. liv. 2. cap. 33. pág. 390.

D. Leonor Afonso, filha de el-Rei D. Afonso III. Religiosa de Santa Clara desta Vila de Santarém, referem-se suas raras virtudes, e milagres, que Deus obrou por esta sua Serva. liv. 1. cap. 23. pág. 293.

P. Lopo Fas Folgado, Prior que foi da Igreja Paroquial da Vila de Alcanede; descreve-se um grande prodígio, que por ele obrou Deus na sua morte. liv. 2. cap. 13. pág. 341.

Lugares, que existem no Termo desta Vila de Santarém, com as Igrejas, e Ermidas, e tudo o mais, que a cada um pertence. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

Lugar. O da Azinhaga. *Ibidem.* o do Pombal. *Ibidem.*

O do Val de Figueira. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O de S. Pedro da Arrifana. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O da Várzea. *Ibidem.*

O do Vale. *Ibidem.*

O da [ilegível]. *Ibidem.*

O de Valada. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O de Pontével. *Ibidem.*

O do Cartaxo. *Ibidem.*

O de Val de Cavalos. *Ibidem.*

O do Pinheiro. *Ibidem.*

O do Souto. *Ibidem.*

O de Almoster. liv. 2. cap. 3. pág. 311.

O de Alcanhões. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O de Alpiarça. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O da Póvoa dos Galegos. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O da Ribeira de Pernes. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O de S. Vicente do Paúl. *Ibidem.*

O de Vaqueiros. *Ibidem.*

O de Casével. *Ibidem.*

O de Malho. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

O do Arneiro das Milhariças. *Ibidem.*

O dos Ameais de baixo. *Ibidem.*

O da Louriceira. *Ibidem.*

O de Arxete. *Ibidem.*

O do Tremês. liv. 2. cap. 2. p. 307.

O dos Santos. *Ibidem.*

O da Zoia de cima. *Ibidem.*

O da Zoia de baixo. *Ibidem.*

O da Romeira. *Ibidem.*

O das Avitureiras. *Ibidem.*

O de Rio maior. *Ibidem.*

O de S. João da Ribeira. liv. 2. cap. 2. pág. 307.

Luísa Sigea de Velasco doutamente discreta, e versada em muitas línguas, descrevem-se os seus progressos. liv. 2. cap. 11. pág. 335.

Luís Botelho Froes de Figueiredo, escreveu, e imprimiu, prosas, e versos, tudo em Português. liv. 2. cap. 33. pág. 390

FR. Luís de Sousa, Frei da Ordem de S. Domingos, e cronista da mesma Religião, natural desta Vila de Santarém. liv. 2. cap. 33. pág. 390.

M

D. Manoel de Quadros, natural desta Vila, Bispo, que foi da Guarda. *liv. 2. cap. 34. pág. 393.*

Manoel da Fonseca Borralho, natural desta Vila, escreveu muitas Poesias, e imprimiu a primeira Arte Poética, que há Portuguesa. *liv. 2. cap. 33. pág. 390.*

P. Manoel Pimenta da Companhia de JESUS. *liv. 2. cap. 31. pág. 387.* O mesmo Padre compôs Poesias Latinas. *liv. 2. cap. 33. pág. 390.*

D. Maria, Infanta de Portugal, filha de El-Rei D. Manoel. Tocam-se algumas virtudes da vida desta Senhora. *liv. 1. cap. 8. pág. 330.*

D. Maria de Menezes, Religiosa do Convento de Almoster. *liv. 2. cap. 5. pág. 319.*

Maria dos Serafins, Religiosa de santa vida no mesmo Mosteiro. *liv. 2. cap. 5. pág. 319.*

Menina Santa, que existiu, e faleceu no Mosteiro de Santa Clara desta Vila; declaram-se os prodígios de sua santa inocência. *liv. 1. cap. 25. pág. 301.*

Menino JESUS, o que merendava com estes meninos da escola desta mesma Igreja desta Vila. *Ibidem.*

Meninos: os que morreram santamente na Igreja de S. Domingos dos Frades desta Vila. *liv. 1. cap. 6. pág. 224.*

Fr. Miguel Rebollo, foi o primeiro Ministro, que se seguiu ao Padre Agramont, Fundador da Religião Trinitária nesta Vila de Santarém. *liv. 1. cap. 2. pág. 208.*

Milagres. O do Santo Crucifixo, que se conserva no Convento dos Padres da Ordem do Patriarca S. Bento desta Vila. *liv. 1. cap. 8. pág. 244.*

O que Deus fez pela Senhora da Piedade desta Vila: por que motivo, e quando. *liv. 1. cap. 11. pág. 260.* Declara-se o testemunho autêntico deste Milagre. *Ibidem.*

O de Santo António do Convento dos Padres de S. Francisco da Província Observante desta Vila, o qual fez a uma mulher, que se ia afogar no Tejo. *liv. 1. cap. 18. pág. 278.*

O prodigioso, que S. António da Igreja dos Padres Arrábidos do seu Convento de Torres Novas fez a uma mulher. *liv. 2. cap. 11. pág. 335.*

Mudança. A dos primitivos Religiosos Domínicos da Serra de Montejunto para Monteirás em Santarém, e quando. *liv. 1. cap. 4. pág. 217.*

A dos mesmos Padres Domínicos de Monte-irás para o sítio da Madalena, declara-se um grande prodígio, que aí se viu. *liv. 1. cap. 4. pág. 217.*

Que se contêm nesta II. Parte.

N

S. Narciso, glorioso Mártir de Cristo, natural desta Vila de Santarém. *liv. 2. cap. 20. pág. 357.*

Nossa Senhora da Oliveira, declara-se onde existiu a sua Ermida, e por que se lhe dava este nome. *liv. 1. cap. 4. pág. 217.*

P

NOSSA Senhora do Paraíso, do Termo da Vila de Aveiras de Cima, descreve-se a aparição desta milagrosa Senhora. *liv. 2. cap. 7. pág. 329.*

Párocos. Os das Freguesias desta Vila de Santarém alcançaram licença do Sumo Pontífice para das suas rendas se fazerem os gastos, que fossem necessários para a primeira Universidade literária, que se instituiu neste Reino. *liv. 2. cap. 33. pág. 390.*

Fr. Paulo Cabral, nascido em Santarém, e Religioso Trinitário na Província deste Reino. *liv. 2. cap. 36. pág. 399.*

D. Paio Peres Correia, natural desta Vila de Santarém, declara-se a notícia de sua memorável vida. *liv. 2. cap. 30. pág. 385.*

Fr. Pedro Fernandes natural desta Vila, Religioso da Ordem de S. Domingos, descreve-se a sua prodigiosa vida. *liv. 2. cap. 25. pág. 370.*

Fr. Pedro de Santarém, também Religioso da mesma Ordem. *liv. 2. cap. 29. pág. 383.*

Provisão Real de el-Rei D. João o I., em que se declaram os privilégios, que concedeu ao Ermitão de S. Domingos de Monte-irás. Ventila-se se era Ermitão, ou Frade de Missa. *liv. 1. cap. 4. pág. 217.*

R

RELÌQUIAS. As que existem na Igreja do Salvador desta Vila. *liv. 1. cap. 1. pág. 201.*

A que existe no Convento dos Padres de S. Bento desta Vila. *liv. 1. cap. 8. pág. 244.*

As que existem no Convento de S. Francisco dos Padres da Província de Portugal nesta Vila. *liv. 1. cap. 18. pág. 278.*

As que se guardam no Convento de Santa Clara desta Vila. *liv. 1. cap. 23. pág. 293.*

As que existem no Convento de Almoster. *liv. 2. cap. 4. pág. 315.*

A que se venera no Convento Jerico dos Padres Arrábidos, que existem junto à Vila de Santarém. *liv. 2. cap. 17. pág. 352.*

Rendas, que foram concedidas às Freiras do Convento de Santa Clara desta Vila de Santarém, e quando. *liv. 1. cap. 22. pág. 291.*

Fr. Romão Venerável Irmão leigo Religioso de S. Francisco, professo na Província de Portugal, e natural desta Vila. *liv. 2. cap. 22. pág. 362.*

Fr. Roque de Orta, natural desta Vila, Religioso Trinitário. *liv. 2. cap. 36. pág. 399.*

S

SAGRAÇÂO. A da Igreja do Salvador desta Vila. *liv. 1. cap. 1. pág. 201.*

Sancha Garcia do Casal, Religiosa no Mosteiro de Santa Clara desta Vila. *liv. 1. cap. 25. pág. 301.*

D. Sancho II. Rei de Portugal, foi o principal Fundador do Convento dos Padres Observantes de S. Francisco nesta Vila de Santarém. *liv. 1. cap. 17. pág. 276.*

D. Fr. Sebastião de Menezes, natural desta Vila, foi Arcebispo de Cartago, e Patriarca de África. *liv. 2. cap. 35. pág. 396.*

Sepulturas. As que existem na Igreja do Convento de S. Domingos dos Frades desta Vila. *liv. 1. cap. 6. pág. 224.*

As que existem na Igreja do Colégio dos Padres da Companhia desta Vila. *liv. 1. cap. 9. pág. 248.*

As que estão na Igreja de S. Francisco dos Observantes desta Vila. *liv. 1. cap. 18. pág. 278.*

A nobre que existe na Igreja do Convento de Santa Clara desta Vila: declaram-se as dúvidas, que há para se entender quem foi enterrado nela. *liv. 1. cap. 23. pág. 293.*

A da Infanta D. Leonor, que está no Coro do Convento de Santa Clara de Santarém. *liv. 1. cap. 23. pág. 293.*

D. Fr. Sueiro Gomes, Venerável Religioso da Ordem dos Pregadores, fundou o seu Convento nesta Vila, e foi o primeiro Provincial neste Reino. *liv. 1. cap. 4. pág. 217.*. Chega a Portugal, vai a Alenquer pregar de missão, dá-lhe a Infanta D. Sancha a Ermida de Nossa Senhora das Neves na Serra do Montejunto para sua Morada. *Ibidem.* Mostra-se que D. Frei Sueiro Gomes foi nosso Português. *liv. 1. cap. 4. pág. 217.* Recebe em Roma o hábito da Ordem Domínica das mãos do seu Patriarca S. Domingos. *Ibidem.*

Que se contêm nesta II. Parte.

T

TRASLADAÇÃO. A do Bem-aventurado corpo de S. Fr. Gil, levado do cemitério para a Igreja onde hoje existe na sua especial Capela. *liv. 1. cap. 7. pág. 233.*

V

VILAS. As que pertencem à Comarca desta Vila de Santarém são as seguintes.

A da Azambuja. *liv. 2. cap. 6. pág. 326.*

A de Aveiras de Cima. *liv. 2. cap. 7. pág. 329.*

A de Aveiras de Baixo. *liv. 2. cap. 8. pág. 330.*

A de Torres Novas. *liv. 2. cap. 10. pág. 333.*

A da Golegã. *liv. 2. cap. 12. pág. 340.*

A de Alcanede. *liv. 2. cap. 13. pág. 341.*

A da Azambujeira. *liv. 2. cap. 14. pág. 343.*

A de Alcoentre. *liv. 2. cap. 15. pág. 344.*

A de Almeirim. *liv. 2. cap. 16. pág. 345.*

A de Salvaterra de Magos. *liv. 2. cap. 17. pág. 352.*

A de Muge. *liv. 2. cap. 18. pág. 355.*

A de Monte Argil. *liv. 2. cap. 19. pág. 356.*

A da Erra. *liv. 2. cap. 19. pág. 356.*

A da Lamarosa. *liv. 2. cap. 19. pág. 356.*

N. S. das Virtudes, faz-se memória do seu aparecimento, onde e quando. *liv. 2. cap. 8. pág. 330.*

Soror Violante da Assunção, Religiosa no Convento de Santa Clara desta Vila de Santarém. *liv. 1. cap. 25. pág. 301.*

FIM